

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação



O idoso e a relação entre seus processos de percepção e de apropriação do ambiente construído.

O caso de áreas situadas nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo, Pelotas, RS.

Elisa Santos Guimarães

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G963i Guimarães, Elisa Santos

O idoso e a relação entre seus processos de percepção e de apropriação do ambiente construído : o caso de áreas situadas nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo, Pelotas, RS. / Elisa Santos Guimarães ; Nirce Saffer Medvedovski, orientadora. — Pelotas, 2018.

416 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Relações ambiente - comportamento. 2. Percepção. 3. Apropriação. 4. Gerontologia ambiental. 5. Cidade Amiga do Idoso. I. Medvedovski, Nirce Saffer, orient. II. Título.

CDD : 711.4

Elisa Santos Guimarães

**O idoso e a relação entre seus processos de percepção e de apropriação do ambiente
construído.**

O caso de áreas situadas nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo, Pelotas, RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Profa. Dra. Nirce Saffer Medvedovski

Pelotas, 2018

Elisa Santos Guimarães

**O idoso e a relação entre seus processos de percepção e de apropriação do ambiente
construído: o caso de áreas situadas nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo,
Pelotas, RS.**

**Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
Faculdade Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.**

Data da Defesa: 17 de setembro de 2018.

Banca examinadora:

.....
Profa. Dra. Nirce Saffer Medvedovski (Orientador)
Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo

.....
Profa. Dra. Adriane Borda Almeida da Silva
Doutora em Filosofia e Ciências da Educação - Universidad de Zaragoza

.....
Profa. Dra. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz
Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

.....
Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Agradecimentos

De todos aqueles a quem sou grata, permitam-me começar falando Dele. Eu não sei exatamente quem Ele é, os meus olhos não alcançam o tamanho da Sua generosidade e eu não me esforço o tanto quanto deveria para preencher a minha vida com o Seu amor. E logo eu, que me recordo tão pouco Dele, reconheço que Ele é quem me alimenta. Então, ao Pai, eu agradeço o alimento físico, intelectual e moral. Sentir a Sua presença é tão gratificante quanto saber que todos os agradecimentos que tecerei abaixo só existiram em meu caminho porque, na premissa mais bela que aprendi: *fora da caridade não há salvação*.

A caridade de Deus me colocou ao lado de pessoas lindas que eu tenho a honra de chamar de pai, mãe e irmãos. Quando percebo quem eu sou, reconheço que existe muito de cada um deles em mim. Assim como, quando avalio as nossas conquistas, tenho certeza de que a nossa união é o que nos leva mais longe. Com imenso carinho, aos meus irmãos, Pedro e Pablo, eu agradeço a amizade, a proteção e a felicidade de ser madrinha e tia da Maria Luísa e do Martim. A minha mãe e amiga, Maria de Fátima, eu agradeço o amor, os conselhos, o incentivo e o exemplo de doação ao próximo. Ao meu pai e professor, André, eu agradeço a humildade, a sabedoria e a alegria. Amo-os e admiro-os muito mais do que são capazes de supor. Ser a caçula desta família e, assim, ter a oportunidade de ser educada e amada por eles, desde os meus primeiros momentos, é um grande motivo para me sentir abençoada.

Ao meu noivo, Rafael, eu agradeço a caridade de dividir comigo os seus dias, a paz que me envolve e a alegria de perceber que as minhas conquistas são comemoradas no seu coração. As minhas enteadas, Ana Clara e Laura, a descoberta de um novo e imenso amor! Aos três, eu agradeço pelos dias leves e divertidos que tornaram esta conquista mais fácil e prazerosa. Que a nossa relação perdure, que o amor esteja sempre presente e que ele nos alavanque a outras conquistas que, individuais ou familiares, sejam sempre festejadas. Amo vocês e a história que estamos construindo.

A minha orientadora, Nirce, eu agradeço a caridade da porta sempre aberta, os ensinamentos e por ter me apresentado a tantas pessoas que, assim como ela, foram fundamentais na construção desta pesquisa. Aos professores Paulo Afonso e Sidney,

eu agradeço as contribuições e o respeito que recebi na qualificação deste estudo. A estes e aos demais professores que participaram desta formação, aos funcionários do PROGRAU e aos meus colegas, registro a minha admiração e respeito.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Assim, agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro que recebi.

Por fim, aos idosos que me receberam em suas casas e que tanto me contaram sobre as suas vidas, eu agradeço a confiança, a disposição, as conversas agradáveis, as lições de vida e os cafés. Destaco a surpresa e a alegria de descobrir, durante uma entrevista, que um dos idosos foi um grande amigo e colega de trabalho do meu avô Ramão; o carinho em forma de doces de figo e batata doce, gentilmente servidos em uma das casas do bairro São Gonçalo; e, por fim, a alegria de ter conversado com a senhora Rosa porque, ainda que a sua saúde fragilizada tenha nos permitido poucos encontros, a receptividade com que me recebeu naqueles dias tão quentes de verão será sempre uma boa lembrança. Muito obrigada!

*“Teu espelho te mostrará como tua beleza se consome,
O teu relógio, como se esvaem teus preciosos minutos.
Folhas soltas trarão o impresso de tua mente
E desse livro esse aprendizado podes degustar.
As rugas que teu espelho verdadeiramente te mostrará,
De túmulos hediondos te darão memórias;
Pelo sombrio adiantamento do teu relógio podes saber
Como o tempo, como um ladrão, progride para a eternidade.
Veja aquilo que tua memória não pode conter
E confia isso a essas folhas em branco, e verás
Que essas crianças criadas, nascidas do teu cérebro,
De outra e nova forma se relacionam com tua mente.
Essas folhas, tão frequentemente quando as vejas,
Delas te aproveitarás e muito enriquecerás o teu livro.”
(William Shakespeare)*

Resumo

Esta pesquisa suscita reflexões quanto as relações existentes entre a percepção do ambiente construído pelos idosos e a maneira com que dele se apropriam. A motivação originou-se da necessidade de adequação das cidades frente ao envelhecimento populacional: fenômeno que acarreta inúmeras consequências para a sociedade do século XXI e destaca-se como importante área de estudos para uma gestão urbana qualificada. Portanto, o problema central referiu-se à importância da criação de cidades planejadas a partir da percepção dos idosos e do comportamento ambiental que exibem. O estudo fundamentou-se na área de conhecimento da Arquitetura e do Urbanismo, com interfaces nas áreas da Percepção e da Gerontologia Ambiental para refletir sobre as particularidades apresentadas pelos pós-sexagenários. Desde a década de 60, os precursores do campo da Percepção – dentre eles Lynch e Tuan – desenvolveram métodos de observação participativa, onde relacionaram o comportamento humano com o ambiente construído e, assim, apontaram um caminho para a obtenção de novos objetivos às iniciativas governamentais e privadas, embasadas nos valores expressados pelos usuários. Ancorada em tal repertório, constantemente atualizado e complementado nacional e internacionalmente, a pesquisa assumiu a importância de investigar aspectos perceptivos, comportamentais e do ambiente construído que possibilitam traçar uma relação ambiente-comportamento e que agregam conhecimento às demais iniciativas que compõem a rede mundial de desenvolvimento de cidades amigas do idoso. A pesquisa foi conduzida a partir do objeto estudo de caso aplicado à cidade de Pelotas, representada pelo extrato produzido nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo. Os resultados apontaram que os idosos entrevistados no Centro e no Fragata percebem a cidade e o bairro onde moram de uma forma mais positiva quando comparada à percepção dos idosos que moram no recorte do São Gonçalo. Além disso, os resultados indicaram que no Centro, onde há a melhor qualidade do espaço urbano, há também a maior apropriação representada pela quantidade de idosos registrados nas áreas de estudo; no Fragata, com uma qualidade física intermediária, há uma apropriação moderada de idosos nos espaços investigados; e no São Gonçalo, onde a qualidade do espaço foi identificada como a pior, há a menor intensidade de apropriação do ambiente pelos idosos. Concluiu-se que as reflexões acerca das particularidades apresentadas pelos idosos coincidem com as descritas nos referenciais bibliográficos e apontaram para a influência que a qualidade do espaço construído exerce sobre o modo como os idosos o percebem e a defluência desta percepção na maneira como deste local se apropriam.

PALAVRAS-CHAVE: Relações ambiente comportamento; Percepção; Apropriação; Gerontologia ambiental; Cidade amiga do idoso.

Abstract

This research proposes a reflection about the relation between the perception of the environment built by the elderly and the way how they appropriate it. The motivation arose from the need to adapt the cities to the aging of the population: a phenomenon that has many consequences for society in the 21st century and is considered as an important area of studies for quality urban management. Therefore, the central problem referred to the importance of the creation of planned cities based on the perception of the aged people and the environmental behavior they exhibit. The study was based on Architecture and Urbanism area of knowledge, with aspects related with areas of Perception and Environmental Gerontology to reflect on the particularities presented by the elderly. Since the 1960's, pioneers in the field of Perception - among them Lynch and Tuan - have developed methods of participatory observation, which have related human behavior to the constructed environment and thus indicated a way to set new goals for government and private initiatives, based on the values expressed by users. Based on these studied questions, constantly updated and complemented on a national and international scale, the research assumed the importance of investigating perceptual, behavioral and constructed environment aspects that enable to trace a relation between environment-behavior and that adds knowledge to the other initiatives that are part of the worldwide network of development of age-friendly cities. The research was conducted from the object of a case study applied in the city of Pelotas, represented by the extract produced in the districts Centro, Fragata and São Gonçalo. The results indicated that the aged interviewed in the Center and in the Fragata perceive the city and the neighborhood where they live in a more positive way when compared to the perception of the elderly living in the São Gonçalo area. Moreover, the results indicated that in the Center, where there is the best quality of urban space, there is also a better appropriation represented by the number of elderlies registered in the study areas; in Fragata, with an intermediate physical quality, there is a moderate appropriation of the people with more than sixty years old in the spaces investigated; and in São Gonçalo, where the quality of space was identified as the worst, there is the lowest intensity of appropriation of the environment by them. It was concluded that the reflections about the particularities presented by the elderly coincide with those described in the bibliographic references and point out an influence that the quality of constructed environment exerts on the way the aged perceive it and the influence of perception on the way they appropriate this place.

KEYWORDS: Relationships environment behavior; Perception; Appropriation; Environmental gerontology; Elderly friendly cities.

Lista de Figuras

Figura 1: Identificação da área do estudo de caso.....	29
Figura 2: Fotografia utilizada na aula de Arte da Percepção.....	41
Figura 3: Dimensões fenomenológicas, fenômenos existenciais e elementos arquiteturais.....	52
Figura 4: Pirâmides etárias brasileiras: 1960, 2015 e estimativa para 2045.	73
Figura 5: Quesitos pesquisados no projeto cidades amigas do idoso.....	87
Figura 6: Legibilidade urbana: passado versus presente.	103
Figura 7: Fatores de segurança pública.	105
Figura 8: Diferentes acessos fornecidos pela cidade amiga do idoso.....	107
Figura 9: Atividades urbanas que carecem de estruturas confortáveis.	108
Figura 10: Locais de atratividade.	110
Figura 11: Adequação visual e demais aspectos urbanos.	112
Figura 12: Variáveis centradas no usuário.	115
Figura 13: Indicadores centrados no ambiente.	115
Figura 14: Reunião para a definição dos recortes urbanos.	118
Figura 15: Planta de situação da Freguesia São Francisco de Paula, 1815.	119
Figura 16: 1º recorte urbano – dentro do bairro Centro.....	121
Figura 17: 2º recorte urbano – dentro do bairro Fragata.	122
Figura 18: 3º recorte urbano – dentro do bairro São Gonçalo.....	122
Figura 19: Praça Cel P. Osório, Centro.....	124
Figura 20: Mercado Público,.....	124
Figura 21: Rua Sete de Abril,	124
Figura 22: Av. Duque de Caxias, Fragata.	124
Figura 23: Avenida Bento Gonçalves, São Gonçalo	125
Figura 24: Rua Lázaro Zamenhoff, São Gonçalo.	125
Figura 25: Reconhecimento dos recortes urbanos.....	131
Figura 26: Elaboração dos mapas mentais.	131
Figura 27: Levantamento físico dos aspectos urbanos.	132
Figura 28: Produção dos mapas comportamentais.	132
Figura 29: Exemplo de mapa impresso para a elaboração do levantamento físico.....	137
Figura 30: Exemplo do registro das informações no momento da coleta de dados	137

Figura 31: Resultado obtido da transferência das informações para o meio digital.	138
Figura 32: Exemplo do registro das informações na coleta de dados.	141
Figura 33: Resultado obtido da transferência das informações para o meio digital.	142
Figura 34: Locais de aplicação metodológica, 1º recorte.	143
Figura 35: C01.....	144
Figura 36: C02.....	144
Figura 37: C03.....	144
Figura 38: C04.....	144
Figura 39: Locais de aplicação metodológica, 2º recorte.	145
Figura 40: F01	146
Figura 41: F02	146
Figura 42: F03	146
Figura 43: F04	146
Figura 44: Locais de aplicação metodológica, 3º recorte.	147
Figura 45: N01.....	147
Figura 46: N02.....	147
Figura 47: N03.....	148
Figura 48: N04.....	148
Figura 49: Exemplo de mapa mental individual.	149
Figura 50: Exemplo de mapa mental coletivo.....	150
Figura 51: Exemplo de mapa mental coletivo de Marcos para análise de Marcos..	150
Figura 52: Exemplo de mapa de calor de Marcos para análise parcial.	151
Figura 53: Levantamento físico, modelo da prancha de análise parcial.	152
Figura 54: Mapa comportamental C02, nos sábados, gênero feminino.	153
Figura 55: Mapa comportamental C02, sábados, gênero masculino.	153
Figura 56: Síntese do processo metodológico.	155
Figura 57: Nuvem de descrições positivas.	163
Figura 58: Nuvem de descrições negativas.....	163
Figura 59: Mapa mental coletivo dos participantes do 1º recorte.	172
Figura 60: Mapa de calor (Nós e Marcos) dos participantes do 1º recorte.....	172
Figura 61: Mapa mental coletivo dos participantes do 2º recorte.	173
Figura 62: Mapa de calor (Nós e Marcos) dos participantes do 2º recorte.....	174
Figura 63: Mapa mental coletivo dos participantes do 2º recorte.	175
Figura 64: Mapa de calor (Nós e Marcos) dos participantes do 2º recorte.....	175

Figura 65: Mapa mental coletivo, amostra total.....	176
Figura 66: Mapa mental coletivo e mapa de calor, Marcos.	176
Figura 67: Mapa mental coletivo e aproximação no Centro, Caminhos.	177
Figura 68: Mapa mental coletivo e mapa de calor, Nós.	178
Figura 69: Mapa mental coletivo, Bairros e Limites.....	179
Figura 70: Legenda.	180
Figura 71: Teatro Guarany, C-01.	182
Figura 72: Praça Cel. P. Osório, C-02.....	182
Figura 73: Mercado Público, C-03.....	182
Figura 74: Catedral S.F. de Paula, C-04.	182
Figura 75: Av. Duque de Caxias, F-01.	185
Figura 76: IFSul, F-02.	185
Figura 77: Via férrea, F-03.	185
Figura 78: Av. Brasil, F-04.....	185
Figura 79: Av. Bento Gonçalves, N-01.	187
Figura 80: Rua Lázaro Zamenhoff, N-02.....	187
Figura 81: Ginásio de esportes, N-03.....	187
Figura 82: Av. Cidade de RG, N-04.....	187
Figura 83: Variação térmica para os dias programados no inverno.	190
Figura 84: C-01, sobreposição de todos os levantamentos.	195
Figura 85: C-02, sobreposição de todos os levantamentos.	195
Figura 86: C-03, sobreposição de todos os levantamentos.	195
Figura 87: C-04, sobreposição de todos os levantamentos.	195
Figura 88: C-01, sobreposição dos levantamentos à tarde.	197
Figura 89: C-02, sobreposição dos levantamentos à tarde.	197
Figura 90: C-01, uso de bicicleta.....	197
Figura 91: C-02, cadeirantes.....	197
Figura 92: C-03, cadeirantes.....	198
Figura 93: C-04, cadeirantes.....	198
Figura 94: F-01, sobreposição de todos os levantamentos.....	199
Figura 95: F-02, sobreposição de todos os levantamentos.....	199
Figura 96: F-03, sobreposição de todos os levantamentos.....	200
Figura 97: F-04, sobreposição de todos os levantamentos.....	200
Figura 98: F-01, uso de bicicleta.	201

Figura 99: F-02, uso de bicicleta.	201
Figura 100: N-01, sobreposição de todos os levantamentos.	203
Figura 101: N-02, sobreposição de todos os levantamentos.	203
Figura 102: N-03, sobreposição de todos os levantamentos.	203
Figura 103: N-04, sobreposição de todos os levantamentos.	203
Figura 104: N-01, cadeirantes e ciclistas.	204
Figura 105: N-02, cadeirantes e ciclistas.	204
Figura 106: N-03, cadeirantes e ciclistas.	205
Figura 107: N-04, cadeirantes e ciclistas.	205

Lista de Tabelas

Tabela 1: Temperaturas normais para Pelotas.	189
---	-----

Lista de Quadros

Quadro 1: Caracterização dos recortes do objeto estudo de caso.....	30
Quadro 2: Ensinaamentos.....	31
Quadro 3: Legenda para a elaboração dos mapas comportamentais.....	140
Quadro 4: Aplicação dos mapas comportamentais	140
Quadro 5: Métodos de coleta de dados.	154
Quadro 6: Locais nos quais os idosos vão com maior frequência.....	159
Quadro 7: Mapas mentais, miniaturas com estrutura fraca.	169
Quadro 8: Mapas mentais, miniaturas com estrutura moderada.....	170
Quadro 9: Mapas mentais, miniaturas com estrutura forte.....	171
Quadro 10: Perfil urbano do 1º recorte.....	181
Quadro 11: Perfil urbano do 2º recorte.....	184
Quadro 12: Perfil urbano do 3º recorte.....	186

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Percepção das variáveis centradas no usuário para Pelotas.	165
Gráfico 2: Percepção das variáveis centradas no usuário para os bairros.....	167
Gráfico 3: Tempo médio (minutos) de duração de cada mapa por recorte.	189
Gráfico 4: Idosos nos diferentes turnos.....	191
Gráfico 5: Idosos nos recortes.....	191
Gráfico 6: Indivíduos por gênero.	192
Gráfico 7: Idosos de bicicleta por gênero.	192
Gráfico 8: Idosos cadeirantes por gênero.	192
Gráfico 9: Perfil das atividades.....	193
Gráfico 10: Perfil das atividades executadas pelos indivíduos do gênero masculino.	193
Gráfico 11: Perfil das atividades executadas pelos indivíduos do gênero feminino.	193
Gráfico 12: Indivíduos acompanhados ou não.	194
Gráfico 13: Indivíduos do gênero masculino acompanhados ou não.....	194
Gráfico 14: Indivíduos do gênero feminino acompanhados ou não.....	194

Lista de siglas

Anpur – Associação Nacional de Pesquisas e Estudos de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional

APO – Avaliação Pós-Ocupação

BNH – Banco Nacional de Habitação

BR – Brasil

FAUrb – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

NAUrb – Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PNE – Portador de necessidades especiais

PROFILURB – Programa de Financiamento de Lotes Urbanizados

PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

RS – Rio Grande do Sul

TIC – Tecnologia de informação e conhecimento

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

UK – Reino Unido

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1. IDENTIFICAÇÃO E RELEVÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	25
1.2. PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO	28
1.2.1. OBJETIVOS	28
1.2.2. OBJETO DE ESTUDO	28
1.3. ENSINAMENTOS.....	31
1.4. RESUMO DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	34
2. REFERENCIAL TEÓRICO	36
2.1. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE CIDADES LEGÍVEIS E DEMOCRÁTICAS	37
2.1.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	37
2.1.2. CIDADES LEGÍVEIS	54
2.1.3. MAPAS MENTAIS.....	58
2.2. O IDOSO	67
2.2.1. LEGISLAÇÃO DE AMPARO AO IDOSO	67
2.2.2. TEORIA DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA	71
2.2.3. ESTILO DE VIDA DO IDOSO URBANO	74
2.2.4. COGNIÇÃO NA TERCEIRA IDADE.....	76
2.2.5. MEMÓRIA NA TERCEIRA IDADE	78
2.3. O IDOSO E O AMBIENTE CONSTRUÍDO	82
2.3.1. GERONTOLOGIA AMBIENTAL	82
2.3.2. CIDADE AMIGA DO IDOSO	85
2.3.3. LEMBRANÇAS DA CIDADE	93
2.4. A PARTICIPAÇÃO DO IDOSO NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO	96
2.4.1. CONSCIÊNCIA PARTICIPATIVA	97
2.4.2. O IDOSO NA PESQUISA PARTICIPATIVA.....	99
2.5. VARIÁVEIS E INDICADORES ASSOCIADOS À PESQUISA.....	100
2.5.1. VARIÁVEIS CENTRADAS NO USUÁRIO.....	101
2.5.2. INDICADORES CENTRADOS NO AMBIENTE	112
2.6. SÍNTESE DO REFERENCIAL TEÓRICO	114
3. METODOLOGIA.....	117

3.1. SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	117
3.1.1. BREVE HISTÓRICO DAS ÁREAS DO ESTUDO DE CASO	119
3.1.2. LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO	120
3.1.3. CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO	123
3.2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	125
3.3. COLETA DE DADOS	128
3.3.1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	128
3.3.2. LEVANTAMENTO DOCUMENTAL	129
3.3.3. LEVANTAMENTO DE CAMPO	130
3.4. SELEÇÃO DAS AMOSTRAS	142
3.4.1. SELEÇÃO DOS RESPONDENTES DO MAPA MENTAL	142
3.4.2. SELEÇÃO DAS RUAS	143
3.5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DESCOBERTAS	148
3.6. SÍNTESE DO PROCESSO METODOLÓGICO	154
4. RESULTADOS	156
4.1. MAPAS MENTAIS COM ENTREVISTA ESTRUTURADA	156
4.1.1. PERFIL DA AMOSTRA: DADOS GERAIS E DOS VOLUNTÁRIOS	156
4.1.2. DESLOCAMENTOS	158
4.1.3. ORDEM DE INSERÇÃO E LOCAIS DE DESTAQUE	160
4.1.4. A IMAGEM DA CIDADE	162
4.1.5. PERCEPÇÃO DAS VARIÁVEIS CENTRADAS NO USUÁRIO	163
4.1.6. ESTRUTURA DOS MAPAS MENTAIS E ELEMENTOS INSERIDOS	168
4.1.7. IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DO PASSADO	179
4.2. LEVANTAMENTO FÍSICO DOS ASPECTOS URBANOS	180
4.2.1. 1º RECORTE	181
4.2.2. 2º RECORTE	183
4.2.3. 3º RECORTE	186
4.3. MAPAS COMPORTAMENTAIS	188
4.3.1. DADOS GERAIS E CLIMA	188
4.3.2. PERFIL DA AMOSTRA	190
4.3.3. 1º RECORTE	195
4.3.4. 2º RECORTE	198
4.3.5. 3º RECORTE	202
5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS	206

5.1. CONCLUSÕES E DESDOBRAMENTOS FUTUROS DA PESQUISA	206
5.2. IMPORTÂNCIA DA PESQUISA E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....	216
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	218
ANEXO A	228
ANEXO B	230
ANEXO C	232
ANEXO D	234
APÊNDICE A	237
APÊNDICE B	239
APÊNDICE C	242
APÊNDICE D	246
APÊNDICE E	271
APÊNDICE F.....	284
APÊNDICE G	381
APÊNDICE H	383
APÊNDICE I.....	385
APÊNDICE J.....	387
APÊNDICE L.....	389
APÊNDICE M.....	391
APÊNDICE N	393
APÊNDICE O	395
APÊNDICE P	397
APÊNDICE Q.....	399
APÊNDICE R	404

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, há a necessidade de adequação das cidades frente a um dos fenômenos globais que caracterizam o século XXI: o envelhecimento populacional, processo que torna cada vez maior a fração de idosos que usufruem do ambiente construído. Aqui, caracteriza-se o idoso como toda pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos que reside em países em desenvolvimento e, como toda pessoa com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos que reside em países desenvolvidos (CARVALHO e GARCIA, 2003; OMS, 2008).

Ao compreender o fenômeno do envelhecimento populacional, a Organização Mundial da Saúde – OMS – passou a mobilizar iniciativas em prol de cidades amigas do idoso e, assim, busca proporcionar aos pós-sexagenários um envelhecimento ativo: situação onde o acesso à saúde, participação e segurança é assegurado ao indivíduo. Segundo a OMS, este é o caminho para que o potencial apresentado pelos idosos seja valorizado em cidades democraticamente geridas (OMS, 2008).

Esta pesquisa fundamentou-se na área de conhecimento da Arquitetura e do Urbanismo, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU (UFPEl). Além disto, reuniu os conhecimentos abordados nas interfaces da Psicologia Ambiental, mais precisamente da Percepção e Legibilidade, e da Gerontologia Ambiental, com o intuito de compreender qual é a relação entre a percepção do ambiente construído pelos idosos e a maneira com que dele se apropriam. Logo, assumiu a importância de investigar os aspectos perceptivos, comportamentais e do ambiente construído que possibilitam traçar esta relação ambiente-comportamento e que agregam conhecimento às iniciativas que compõe a rede mundial de desenvolvimento de cidades amigas do idoso.

A pretensão de adequar o ambiente para que este se apresente amigável ao cidadão envelhecido está fortemente vinculada aos propósitos acadêmicos e de intervenções sociais apresentados pela área de pesquisa da Gerontologia Ambiental. Dentre outros ideais, as publicações realizadas nesta temática relatam o interesse de

requalificação espacial em prol do aperfeiçoamento das relações entre o estilo de vida do idoso e cenário no qual ele está inserido. Sob uma ótica social e política, a Gerontologia Ambiental aborda, como um de seus assuntos de interesse, o espaço urbano porque este incita o debate sobre o lugar do envelhecimento e sobre o papel da vizinhança que, recorrentemente, relegam o idoso à situação de vulnerabilidade e isolamento social (TOMASINI, 2004; SATIRO, 2014).

Para o desenvolvimento deste trabalho, compreendeu-se que a vulnerabilidade a qual está submetido o idoso não é restrita às suas componentes fisiológicas. Portanto, o lugar foi investigado como fator de influência à ocorrência do isolamento social do idoso e foram identificados os aspectos ambientais que interferem na sua participação cívica. Porém, para desvendar a influência do espaço na participação social do idoso não foi necessário investigar o espaço privado e de moradia do público alvo. Outro motivo para a exclusão desta categoria, sem que seja menosprezada sua importância para o amplo entendimento do cotidiano desta população, é o reconhecimento de que seria necessário desenvolver estratégias metodológicas específicas ao ambiente doméstico (AMOR, 2011).

Ao focar a atenção no espaço público, partiu-se de dois pressupostos teóricos. O primeiro salienta que as características físicas que contribuem para o baixo desempenho do ambiente construído originam-se de projetos inadequados e insuficientes à criação de espaços responsivos e democráticos (REIS e LAY, 1995; BENTLEY et al, 2005). Consequentemente, a segunda premissa alega que a apropriação do ambiente construído pelo usuário é vista como um grande indício de boa qualidade espacial (LYNCH, 1999; FERRARI, 2011; GEHL, 2013).

O campo de estudo da Percepção tem seus fundamentos ancorados em pesquisas realizadas pela área da Psicologia Ambiental e da Geografia Humanista quando, na década de 60 do século XX, seus precursores apresentaram publicações que visavam desenvolver métodos de observação participativa, os quais relacionavam o comportamento humano com o ambiente construído. A conceituação e o desenvolvimento da análise perceptiva do cidadão pós-sexagenário, proposta para este trabalho, está embasada no estudo realizado por Kevin Lynch, em três cidades

norte-americanas, onde apresentou a metodologia que intitulou de Mapas Mentais (LYNCH, 1999; YAGO, 2012; GEHL e SVARRE, 2013).

Precusores, como Lynch, fizeram da Percepção Ambiental um importante caminho para a obtenção de novos objetivos às iniciativas governamentais e privadas, por proporcionar que sejam embasadas nos valores expressados pelos próprios usuários do lugar. Especificamente quanto às iniciativas de planejamento e construção do ambiente, esta área de pesquisa possibilita que sejam solucionados os conflitos urbanos e que sejam reconhecidos os padrões avaliados de forma positiva, para que sejam preservados e replicados pelos planejadores do espaço. Com isso, podem ser criadas alternativas alinhadas com o adequado planejamento ambiental, que permanecem vivas no imaginário popular e que estimulam formas seguras e democráticas de apropriação territorial (CASTELLO, 2005).

A fim de possibilitar que fossem confrontados os resultados pertinentes à percepção do idoso frente ao comportamento que o mesmo exibe no cenário urbano, esta pesquisa aprofundou-se no conceito de apropriação do ambiente através das publicações de Duplay e Duplay (1985), Malard (1993), Medvedovski (1998) e outros. Em suma, os autores apresentam o termo apropriação como as relações sócio-espaciais realizadas cotidianamente (pessoa x lugar x tempo).

Por fim, foram abordados conhecimentos específicos quanto à memória nos processos perceptivo e de apropriação. Ressalta-se a importância deste enfoque ao acrescentar que os estudos desenvolvidos no campo da memória possibilitam reforçá-la como um novo caminho para compreender os valores que caracterizam a identidade coletiva cultural e os percalços pelos quais passa (BARROS, 1999; FERREIRA, 2002; ASSMANN, 2011; PINHEIRO e NOGUEIRA, 2014).

Apresentadas as áreas de pesquisa e os conceitos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho, torna-se relevante registrar que o mergulho a este universo ocorreu frente à influência acadêmica que a pesquisa "*Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities*" exerceu sobre o Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NAUrb), da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo (FAUrb/UFPel), a qual pertencem a pesquisadora e a orientadora envolvidos na produção desta dissertação.

A pesquisa mencionada é financiada pelo Fundo Newton e ESRC e trata-se de uma parceria entre a Universidade Heriot-Watt, em Edimburgo, Reino Unido, com a Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas, Brasil. Iniciada em maio de 2016, é coordenada pelo Dr. Ryan Woolrych (UK) e pela Dra. Adriana Portella (BR). Nela, reconhece-se que “a criação de ambientes urbanos amigáveis ao envelhecimento que apoiam o sentido de lugar são parte integrante do envelhecimento bem-sucedido, garantindo que os idosos possam continuar a contribuir positivamente na velhice, atrasando a necessidade de cuidados institucionais e reduzindo os custos de saúde e assistência social” (PLACE AGE, 2017).

Logo, foi necessário adotar algumas decisões tomadas pelo grupo coordenador da pesquisa para que esta dissertação pudesse contribuir com o desenvolvimento da pesquisa internacional e vice versa, tais como: a definição do público alvo e a escolha dos recortes urbanos para a elaboração do objeto estudo de caso. De ambas as partes, houve o compartilhamento de referenciais bibliográficos e dos produtos e resultados oriundos das aplicações metodológicas. A colaboração principal à pesquisa internacional referiu-se ao compartilhamento dos Mapas Mentais realizados com os idosos.

Além da criação e da análise dos Mapas Mentais, as demais estratégias metodologias aqui empregadas estão alinhadas aos preceitos dos estudos das interações ambientais e foram desenvolvidas com o intuito de relacionar a percepção do idoso à apropriação que esse faz do ambiente construído. Foram realizados: levantamento fotográfico, mapas mentais com entrevista estruturada, levantamento físico e mapas comportamentais. A pesquisa foi conduzida a partir de um estudo de caso aplicado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, formado pelo extrato produzido dentro de três bairros: Centro, Fragata e São Gonçalo. Os voluntários convidados a compor a amostra pertenciam à terceira idade e residiam nos bairros apontados.

1.1 Identificação e relevância do problema de pesquisa

O crescimento demográfico concentrado nas áreas urbanizadas é um fenômeno fortemente identificado como uma tendência global que, na segunda metade do século XX, fez superar a razão de habitantes em área urbanizadas quando comparada a de moradores do meio rural. Simultaneamente, de duas, passaram a existir vinte cidades no mundo com mais de 10 milhões de habitantes que, juntas, somaram mais de 9% da população mundial (OMS, 2008; ONU, 2002; IBGE, 2010; SATIRO, 2014). Neste cenário, verificam-se números cada vez maiores de ruas, prédios, comércios, pessoas, etc. e, com isso, as cidades devem “pressionar os urbanistas e os arquitetos a (...) reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta” (GEHL, 2013, p. 6).

Paralelamente à expansão demográfica, intensificou-se o envelhecimento populacional mundial, ocasionado pelos avanços na área da saúde. Tal envelhecimento originou o fenômeno da transição demográfica, caracterizado pelo aumento da expectativa de vida e pela redução das taxas de natalidade (ESPEJO et al., 1997; REYES-ORTIZ, 2006; LEBRÃO, 2007; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007; MACEDO et al., 2008). Acredita-se que, no intervalo dos anos de 2006 a 2050, a parcela de idosos da população dobrará ao atingir a marca de 20% dos habitantes da terra (OMS, 2008). Este crescimento se dará de forma mais intensa em países pouco desenvolvidos e em desenvolvimento (como o Brasil) que, juntos, serão moradia para 80% da população idosa do planeta (SATIRO, 2014). Também se estima que o Brasil dobre seu contingente de idosos até o ano de 2025, quando atingirá 32 milhões de pessoas (14% da população brasileira) e, com isso, será o sexto país com maior número de pessoas com sessenta anos ou mais (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007; FERREIRA et al., 2010; CUNHA et al., 2012).

O registro etário da população do Rio Grande do Sul acompanha a transição nacional e internacional onde, no ano de 2010, identificou que o número de habitantes idosos dobrou no último século, ao superar 13,60% dos gaúchos (AMARO, JOHANN

e MEIRA, 2007; IBGE, 2010; NAVARRO et al., 2015). O IBGE (2010) apontou os dados estatísticos que possibilitam a visualização das cidades gaúchas com maior contingente populacional. São elas: (i) Porto alegre, capital do estado, como a cidade com o maior número de habitantes, 1,409 milhão no total; (ii) Caxias do Sul, região nordeste, com 435.564 pessoas; (iii) Pelotas, região sudeste, com 328.275 pessoas; e (iv) Canoas, região metropolitana, com 323.827 pessoas. Respectivamente, a parcela de idosos calculada sob a população total de cada cidade revela as seguintes porcentagens: (i) Porto Alegre, 15,04%; (ii) Caxias do Sul, 10,80%; (iii) Pelotas, 14%; e (iv) Canoas, 11,47%.

Observou-se que Pelotas, quando comparada à capital do estado e às cidades que lhe antecede e sucede, apresenta um alto contingente de pós-sexagenários. Com porcentagens de idosos maiores que 14%, Pelotas e Porto Alegre possuem números superiores à porcentagem estadual. Acrescenta-se que o contingente de idosos que reside em Porto Alegre elenca a cidade como a capital do Brasil com maior representatividade de pessoas com sessenta anos ou mais. Ao comparar o contingente pelotense de idosos aos algarismos das duas cidades que mais se aproximam do seu número total de habitantes, Caxias do Sul e de Canoas, evidenciou-se a superioridade da taxa de idosos em relação a estas.

Entretanto, este ininterrupto processo de envelhecimento populacional – internacional, nacional, estadual e regional – acarreta inúmeras consequências para a sociedade do século XXI e, com isso, destaca-se como importante área de estudos para uma gestão urbana qualificada. Logo, soluções para tamanha metamorfose exigem uma melhor compreensão do quadro que se instala e, nas palavras de Satiro (2014, p. 127): “Para alcançar o desejado bem-estar, os indivíduos devem saber identificar as aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente e de forma sustentável que garanta velhices sustentáveis”.

Portanto, o problema central desta pesquisa refere-se à criação de cidades democráticas, planejadas a partir da percepção dos usuários e do comportamento ambiental que exibem, com a finalidade de proporcionar cidades capazes de acolher amigavelmente a crescente parcela de idosos urbanos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, suscitaram-se as seguintes perguntas: (i) quais são os aspectos urbanos percebidos pelas pessoas idosas no ambiente do qual fazem parte? (ii) e de que forma elas se apropriam deste cenário na execução de suas atividades diárias? A resposta dessas perguntas possibilitou que fosse efetuada a terceira indagação: (iii) qual é a relação entre a percepção do ambiente construído pelas pessoas idosas e a maneira com que dele se apropriam? E, de posse da terceira resposta, perguntou-se a questão principal deste estudo: (iv) quais reflexões emergem das particularidades apresentadas pelo público idoso em sua relação de percepção e apropriação com o intuito de colaborar para a construção de cidades amiga do idoso?

Este estudo corrobora a sua relevância à comunidade acadêmica através da contribuição de análises e reflexões. Somado aos demais trabalhos pertinentes à percepção e apropriação do idoso em relação às áreas urbanizadas, colabora para o aprofundamento dos conhecimentos quanto à gerontologia ambiental. Juntos, os estudos disponibilizam informações capazes de embasar a definição de metas, ações, parâmetros e progridem rumo à conceituação e concretização de políticas públicas capazes de alavancar o desenvolvimento de cidades amigas do idoso.

Tal justificativa, ancorada em um ponto de vista acadêmico, revela por trás de si um ponto de vista social e, porque não, pessoal. Destaca-se que, anterior à decisão de colaborar à comunidade acadêmica, compreendeu-se que este produto seria um meio de contribuição que serviria a um propósito inicial: a democratização dos espaços urbanos. Aqui, o esforço foi aplicado em fazer com que estas páginas pudessem transmitir a avidez de um porvir que assegure o direito universal à qualidade de vida na cidade. Assim, esta dissertação revela um anseio individual em prol do bem-estar alheio, assim como pelo bem-estar próprio em um futuro não tão distante. Trata-se de uma iniciativa pelos idosos mais próximos, os pais e os avós; pelos idosos como grupo social e por aqueles que ainda romperão o limiar dos sessenta anos.

1.2 Proposta de investigação

1.2.1 Objetivos

A fim de contribuir para a redução da problemática apresentada, o objetivo central desta pesquisa visou refletir sobre às particularidades apresentadas pelo público idoso em sua relação de percepção e apropriação do ambiente construído com o intuito de colaborar para a construção de cidades amiga do idoso.

Para alcançá-lo, tornou-se necessário atender aos seguintes objetivos específicos:

- a. Analisar os aspectos urbanos do ambiente percebidos pelas pessoas idosas, nos bairros pertencentes ao estudo de caso;
- b. Compreender de que forma as pessoas idosas se apropriam do ambiente construído na execução de suas atividades diárias, nos bairros pertencentes ao estudo de caso;
- c. Relacionar os modos como as pessoas idosas percebem o ambiente construído no qual estão inseridos com a maneira como dele se apropriam;

Os objetivos específicos foram respondidos respectivamente na ordem apresentada, o que possibilitou, ao término da pesquisa, uma reflexão emoldurada no objetivo central.

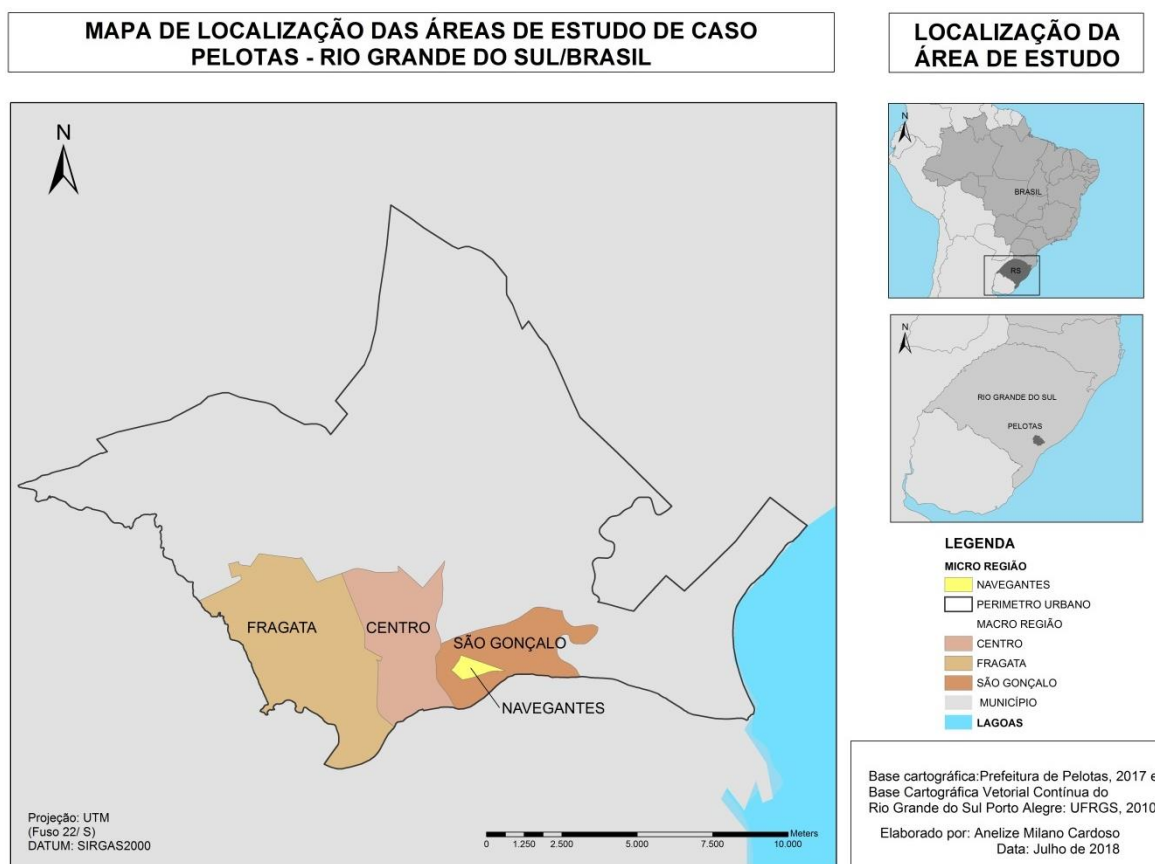
1.2.2 Objeto de estudo

A fim de atender aos objetivos propostos, o estudo de caso debruçou-se sobre a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, e delimitou-se sobre recortes estratégicos situados nos seguintes bairros: (1) Centro, (2) Fragata e (3) São Gonçalo (Figura 1).

A escolha dos recortes foi definida em comum acordo com a pesquisa *“Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities”*. Identificadas no Quadro 1, as estratégias de escolha foram selecionar áreas: (i) com alta densidade de idosos por hectare e (ii) que representassem poderes aquisitivos distintos (renda mensal/domicílio).

Portanto, o 1º recorte, delimitado no bairro Centro, apresenta uma alta densidade de idosos por hectare, de 2,91 a 21,68, sendo esta a maior densidade identificada na área urbana da cidade. Este recorte também foi escolhido porque, no contexto formado, apresenta uma zona de alto poder aquisitivo, com rendas mensais por domicílio que variam de R\$ 3.6324,57 a R\$ 8.586,57. Observou-se que, frente ao salário mínimo nacional de 2018, de R\$ 954,00, a renda mensal dos domicílios deste recorte varia de 3,80 a 9,00 salários mínimos (SALÁRIO MÍNIMO, 2018).

Figura 1: Identificação da área do estudo de caso.



Fonte: Elaborado por Anelise Milano Cardoso, 2018.

Os 2º e 3º recortes, respectivamente situados nos bairros Fragata e São Gonçalo, também apresentam uma alta densidade de idosos por hectare que, em ambos, é de 2,91 a 11,20. Apesar da semelhança quanto à alta densidade de idosos, estes recortes diferem quanto à renda domiciliar mensal, onde, ao comparar as três zonas de interesse: o 2º recorte apresenta uma renda mensal média de R\$ 2.188,01 a R\$ 3.624,56 (de 2,29 a 3,80 salários mínimos) e o 3º recorte apresenta uma renda mensal baixa de zero a R\$ 2.188,00 (de zero a 2,29 salários mínimos).

Quadro 1: Caracterização dos recortes do objeto estudo de caso.

	<i>1º recorte</i> Centro	<i>2º recorte</i> Fragata	<i>3º recorte</i> São Gonçalo
<i>densidades</i>	de 2,91 a 21,68 idosos/ha	de 2,91 a 11,20 idosos/ha	de 2,91 a 11,20 idosos/ha
<i>renda</i> <i>(mês/domic.)</i>	de R\$ 3.624,57 a R\$ 8.586,57	de R\$ 2.188,01 a R\$ 3.624,56	de 0 a R\$ 2.188,00
<i>(SM/domic.)</i>	de 3,80 SM a 9,00 SM	de 2,29 SM a 3,80 SM	de 0 a 2,29 SM
<i>registro</i> <i>fotográfico</i>			

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quanto à definição das áreas para o desenvolvimento desta pesquisa, o 1º recorte, localizado no Centro, possui como extremos a Rua Álvaro Chaves, a Rua Benjamin Constant, a Rua Andrade Neves e a Avenida Bento Gonçalves; o 2º recorte, no Fragata, possui como extremos a Avenida Duque de Caxias, a Avenida Brasil, a Avenida Visconde da Graça e a Rua Carlos de Carvalho; o 3º e último recorte, no São Gonçalo, possui como extremos a Avenida Bento Gonçalves, a Avenida Cidade de Rio Grande, a Rua Dr. Mário Meneguetti e a Avenida Artur de Souza Costa. Estas informações podem ser verificadas nos Anexos A, B e C, onde foram apresentados os mapas dos três recortes. Estes mapas foram desenvolvidos pelos pesquisadores Sinval Cantarelli Xavier e Anelize Milano Cardoso para a pesquisa “*Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities*”.

1.3 Ensinaamentos

A definição conceitual de alguns termos utilizados com frequência neste trabalho tornou-se necessário para evitar interpretações equivocadas. As compreensões adotadas para *lugar*, *memória*, *percepção*, *topofilia*, *imageabilidade*, *apropriação*, *pertencimento* e *urbanidade* apresentam-se no Quadro 2.

Quadro 2: Ensinaamentos.

Referenciais	Autor	Significado
Lugar	Tuan (1983, p. 3)	<i>“O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. (...) É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.”</i>
	Castello (2005, p. 233)	<i>“Um espaço que se torna percebido pela população por conter significados profundos, representado por imagens referenciais fortes.”</i>
	Grinover (2006, p. 37)	<i>“O homem não habita a metrópole, mas “lugares” da metrópole, onde se dá a sua vida, marcada pelos trajetos cotidianos e pelos contatos com outros indivíduos que compartilham esses lugares.”</i>
Memória	Ferreira (2002, p. 56)	<i>“No que se refere à memória, esta pode ser compreendida como lastro fundamental da noção de pessoa que o sujeito guarda de si próprio, de sua identidade social, e para tanto deve ser concebida não na perspectiva psicológica de uma reconstituição do passado imerso no subconsciente, mas naquela que a concebe como algo construído, compreendida, portanto, no domínio dos valores do sujeito ao lembrar.”</i>
	Izquierdo et al (2015, p. 12)	<i>“A memória é a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição se denomina aprendizado, e a evocação, recordação ou lembrança. A falta de evocação denomina-se esquecimento.”</i>
	Pallasmaa (2017, p. 53)	<i>“A percepção, a memória e a imaginação estão em constante interação; o domínio do nosso presente se funde com imagens de nossa memória e fantasia. Construimos continuamente uma imensa cidade de evocação e lembrança, e todas as cidades que visitamos são recintos nessa metrópole da mente.”</i>

Percepção	Lynch (1999, p. 11) (1999, p. 22)	<p><i>“Na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências.”</i></p> <p><i>“Aumentar e aprofundar a nossa percepção do meio ambiente seria continuar um desenvolvimento biológico e cultural, que foi dos sentidos de contato aos distantes, e dos sentidos distantes às comunicações simbólicas.”</i></p>
	Lévy (2010, p. 159)	<i>“A faculdade de imaginar, ou de fazer simulações mentais do mundo exterior, é um tipo particular de percepção, desencadeada por estímulos internos. Ela nos permite antecipar as consequências de nossos atos.”</i>
	De Paula (2010, p. 3)	<i>“A percepção (...) é interpretada como a ‘chave’ para entender a relação que os indivíduos têm com os espaços de seu cotidiano, sendo capaz de ligar todos os processos interiorizados da mente aos fatores do ambiente.”</i>
Topofilia	Tuan (2012, p. 136)	<i>“é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada.”</i>
Imageabilidade	Del Rio (1990, p. 93)	<i>“Uma cidade de alta imageabilidade seria distinta, de caráter forte e sua permanência no tempo não alteraria a imagem básica que o observador possui. (...) alguns autores nacionais têm-se utilizado do termo “imaginabilidade”, mas preferimos “imageabilidade” por tratar de pregnância de imagens, e não de capacidade de imaginação.”</i>
Apropriação	Malard (1993, p. 4)	<i>“Apropriação envolve a interação recíproca usuário/espço, na qual o usuário age no sentido de moldar os lugares segundo suas necessidades e desejos.”</i>
	Almeida (1995, p. 25)	<i>“Apropriar-se de um espaço também é estar conectado a ele no passado, presente e futuro, decorrendo daí o vínculo com a preservação da identidade. Mas a apropriação também é relativa ao fenômeno de ambiência, que é a necessidade de estar confortável enquanto atua e cuida do espaço.”</i>
	Koga (2011, p. 38)	<i>“A apropriação do território diz respeito ao aspecto interventivo realizado pelos homens, criando e recriando significados em torno dessa apropriação cotidiana.”</i>

	Cavalcanti (2011, p. 72)	<i>“A apropriação refere-se ainda a sentimentos como apego, identificação e pertencimento ao local, ou ainda a posseção em relação a ele.”</i>
Pertencimento	Cavalcanti (2011, p. 75)	<i>“quando há identificação, as pessoas percebem-se como pertencentes a um determinado lugar, podendo compartilhar comportamentos típicos; uma estrutura social específica; um passado comum ou uma continuidade histórica; valores ideológicos, políticos ou culturais; e até mesmo aspectos de personalidade, caráter ou idiosincrasias.”</i>
Urbanidade	Aguiar e Netto (2012, p. 20)	<i>“a urbanidade, em sua diversidade, está associada a um ethos urbano, uma condição para a vida coletiva. Essa definição tem o potencial de reconhecer na urbanidade aspectos tanto materiais quanto éticos: um ethos da “orientação ao Outro” (Heidegger) baseado em princípios como a comunicação livre de coerção (Habermas) e o “bem-vir às diferenças” mais que o tolerar as diferenças (Derrida).”</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Embasado nas definições referenciadas no Quadro 2, considerou-se para cada um dos termos abaixo os seguintes significados:

- a. *Lugar*: ultrapassa a simples interpretação de espaço físico, ao passo que reflete a apropriação do ambiente (da casa à nação) pela pessoa que, ao compartilhá-lo com outras pessoas, o atribui valores físicos e psicológicos e encontra nele a segurança necessária para o desenvolvimento de suas atividades diárias.
- b. *Memória*: a ampla capacidade do sistema nervoso de reconhecer significados que, por sua vez, possibilita ao sujeito decodificar as experiências vividas e os sinais recebidos.
- c. *Percepção*: é a resposta mental que interpreta e relaciona o sistema sensorial aos fatores do ambiente físico. Assim, a percepção define a maneira como a pessoa atua cotidianamente e possibilita que ele antecipe as consequências de suas decisões.
- d. *Topofilia*: sob uma perspectiva impessoal e coletiva, o termo é empregado para designar o processo que resulta no estabelecimento de um elo afetivo entre pessoas e lugares.

- e. *Imageabilidade*: mecanismo imprescindível para a percepção e a memória, onde as pessoas percebem e reconhecem a multiplicidade de elementos e fenômenos do mundo e, de maneira dinâmica, compreendem estas experiências e suas alterações em uma escala temporal, ao longo da vida.
- f. *Apropriação*: é caracterizada pelas manifestações (propositais ou não) realizadas e percebidas pela pessoa que se conecta com o lugar no passado, presente e futuro; que vive e molda o lugar. Ela é manifestada pela frequência do uso, pelas adaptações necessárias ao desenvolvimento de atividades não previstas previamente, pela manutenção das estruturas que compõe o lugar e pela manutenção da sua identificação com o local.
- g. *Pertencimento*: o pertencimento ocorre quando o indivíduo se identifica com o lugar e passa a compartilhar comportamentos e sentimentos pertencentes à sociedade que ali se constitui, o que garante a preservação e a manutenção da sua identificação com o local.
- h. *Urbanidade*: qualidade atribuída aos lugares livres de restrições, que promovem o encontro entre os indivíduos e que estimulam o exercício de diferentes experiências, colaborando tanto para a inclusão como para a interação social.

Realizada a descrição dos termos pertinentes à dissertação, encaminha-se ao resumo da estrutura desta produção textual.

1.4 Resumo da estrutura da dissertação

Como demonstra o sumário, esta dissertação foi estruturada em cinco capítulos. O conteúdo apresentado em cada um deles refere-se:

Primeiro Capítulo: introdução geral desta pesquisa. Foram apresentados: o tema de pesquisa, o problema de pesquisa e sua relevância, a proposta de investigação, a definição conceitual necessária à boa compreensão dos termos utilizados e o resumo para o entendimento da estrutura desta produção textual.

Segundo Capítulo: revisão da literatura. Este capítulo se fez necessário para a contextualização geral da pesquisa frente aos assuntos abordados, para a apresentação das variáveis associados à pesquisa, para justificar a seleção dessas e para apresentar as hipóteses a serem verificadas.

Terceiro Capítulo: apresentação da metodologia adotada. Aqui, fez-se necessário relatar como foram abordadas as variáveis associadas ao tema da pesquisa, como as hipóteses serão investigadas e como se deu a coleta e a análise de dados, com o intuito de responder às perguntas de pesquisa e atender aos objetivos propostos. O objeto estudo de caso foi apresentado detalhadamente e foram apontados os pormenores relevantes ao trabalho de campo.

Quarto Capítulo: análise de dados e dos resultados finais. Neste capítulo, as hipóteses levantadas no capítulo anterior foram relacionadas ao produto da aplicação metodológica a fim de serem confirmadas ou refutadas.

Quinto Capítulo: considerações finais sobre os resultados e apresentação das colaborações para o estado da arte e para o meio acadêmico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de apresentar as abordagens teóricas pertinentes ao desenvolvimento deste estudo, é exposto o conhecimento referente à Percepção Ambiental, ao apresentar sua fundamentação teórica, introduzir o conceito de cidades legíveis e traçar um panorama referente ao uso de mapas mentais como instrumento de leitura do imaginário urbano. Concluída essa abordagem, buscaram-se informações relevantes ao público que compõe a amostra desta pesquisa: o idoso. Logo, apresentaram-se as leis nacionais, estaduais e municipais criadas em prol dos idosos, incluíram-se dados demográficos referentes ao envelhecimento populacional, desconstruiu-se o estereótipo tradicional ao repensar o estilo de vida do idoso urbano e expuseram-se informações pertinentes à cognição e à memória do sujeito pós-sexagenário.

Em continuidade, foram sobrepostos os dois assuntos anteriores a fim de resgatar o que se sabe quanto ao comportamento do idoso no ambiente construído. Para isso, a Gerontologia Ambiental foi apresentada como tema de pesquisa que conduziu a pesquisadora a estudar os conceitos para a criação de cidades amigas do idoso. Aproveitou-se o espaço de explanação sobre o idoso e a cidade para compreender como ocorre a memorização e evocação das lembranças que este percebe do ambiente onde está inserido. Posteriormente, relatou-se a importância do envolvimento do idoso no planejamento de requalificações de áreas urbanas e abordaram-se questões referentes às limitações cognitivas as quais a pesquisadora precisou atentar-se para que a metodologia participativa transcorresse de maneira satisfatória a todos os envolvidos.

Por fim, foram elencadas as variáveis de avaliação perceptiva e os indicadores a serem observados no cenário urbano do estudo de caso para que, em razão do objetivo desta pesquisa, fossem confrontados os resultados perceptivos aos comportamentais do idoso inserido no ambiente construído.

2.1 A percepção ambiental na construção de cidades legíveis e democráticas

2.1.1 Fundamentação teórica

A temática da percepção ambiental caracteriza-se como um campo de pesquisa que visa: (i) adquirir autoconhecimento, (ii) compreender melhor a dinâmica e a estrutura do seu ambiente, (iii) reconhecer elementos e fenômenos maléficos a sua prosperidade e, como objetivo final, (iv) corrigi-los de forma consciente e democrática (CASTELLO, 2005).

Nos subitens referentes à fundamentação teórica, buscou-se apresentar os pesquisadores precursores da área da percepção ambiental e aprofundar o conhecimento necessário ao desenvolvimento desta pesquisa em três instâncias: como a pessoa percebe e interage com o ambiente construído, como este processo individual influencia e caracteriza o comportamento coletivo e, por fim, como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) influenciam a percepção urbana e o cotidiano nas cidades.

2.1.1.1 Linha cronológica e precursores

A busca pelas primeiras publicações que abordaram o tema da cidade como elemento construído, habitado e percebido ancora-se no livro de Camillo Sitte, publicado em 1889, onde o autor escreveu sobre a arte da construção civil na escala do urbanismo. A escassez de estudos prévios levou Sitte a utilizar uma abordagem intuitiva e estética. Em 1902, Ebenezer Howard trouxe à comunidade científica o tema das cidades-jardim. Um salto rumo aos enfoques funcionalistas foi realizado por Le Corbusier quando, em 1932, publicou o manifesto onde apresentou o conceito de urbanismo moderno em prejuízo da cidade tradicional que, do ponto de vista revelado, pouco atendia às necessidades de seus habitantes. No ano seguinte, selou-se a Carta de Atenas e, com ela, o modernismo como principal ideologia do século XX (GEHL e SVARRE, 2013). Em 1947, Roger Barker e Herbert Wright fundaram, na University de

Kansas, Estados Unidos, a Estação Experimental de Psicologia Midwest (Midwest Psychological Field Station), com o intuito de investigar como o ambiente interfere no comportamento humano (REIS e LAY, 1995).

A contar da década de 60, a vida pública foi apontada como uma lacuna do conhecimento que despertou o interesse de pesquisadores como Edward T. Hall, Erving Goffman, Robert Sommer, Kevin Lynch, Gordon Cullen e Oscar Newman. Mediante a nova área de pesquisa que se estruturava, os autores comprometeram-se em agregar conhecimento específico e utilizá-los para criar métodos de análise (GEHL e SVARRE, 2013). A nova área ampliou-se quando os pesquisadores relacionaram a percepção ambiental, o comportamento humano e o ambiente construído. (CAMPOS, SILVA e FARIA, 2011).

Através de experimentos de cunho psicológico e psicolinguístico, determinantes para comprovar o papel crucial das representações neurais na linguagem, a relação entre a percepção e pensamento tornou-se o ponto de partida para melhor entender a mente humana (PALLASMAA, 2013). Neste cenário de descobertas e apontamentos, o urbanista Kevin Lynch (1999) destacou-se por sua publicação, em 1960, ao apontar os atributos da cidade claramente identificável através do instrumento, por ele intitulado, de mapas mentais.

O estudo que garantiu repercussão internacional a Lynch (1999) estruturou-se sobre a análise da imagem mental que os moradores de três cidades norte americanas mantinham das áreas urbanas na qual residiam. Através do contato entre pesquisador e usuário, Lynch identificou quais elementos eram utilizados pelas pessoas nos seus deslocamentos urbanos e como elas registravam, em suas memórias, os elementos e fenômenos visualizados nos percursos realizados.

Em 1974 foi apresentado à comunidade, por Tuan (2012), o estudo sobre topofilia. Nele, identificou as universalidades existentes no processo de percepção ambiental, independente da época, cultura ou localidade em que um indivíduo ou grupo social viveram. Felizmente, esta temática segue a ser questionada, atualizada e complementada por diversos autores que se interessam pelas questões do ambiente

construído (AGUIRRE, 1999; BENTLEY et al, 2005; CASTELLO, 2010; DEL RIO e SIEMBIEDA, 2015; GEHL, 2013; GRINOVER, 2006).

2.1.1.2 Memória

A fim de compreender melhor as questões que permeiam a temática do processo perceptivo, há que introduzir o tema da memória. Isto porque, ao suscitar os entendimentos publicados pelos autores que norteiam os parágrafos abaixo, é possível afirmar que o exercício de perceber é fortemente guiado pelo exercício de acessar um arsenal individual e intransferível de lembranças memorizadas pelo indivíduo (BOSI, 1987; FERREIRA, 2002; CORREA e FRANÇA, 2006; SOUZA e CRIPPA, 2009; ASSMANN, 2011; IZQUIERDO et al, 2015; HERMAN, 2016; TARDIVO e PRATSCHKE, 2016; PALLASMAA, 2017).

O crescente interesse que insere o assunto memória no meio acadêmico faz com que o mesmo transcenda a fase que, levemente, classificá-lo-ia como um tema de moda e o define como um campo de estudo fértil e duradouro, capaz de abordar inúmeras questões e interesses. Condensado em múltiplas abordagens, este campo é uma pauta frequente dos estudos culturais, das ciências humanas e das tecnologias da informação. Porém, é na temática dos estudos culturais que a memória “não se mostra apenas como um novo campo de estudos, mas também como uma maneira especial de processar as amplas malhas de problemas que concernem ao todo da sociedade” (ASSMANN, 2011, p. 22).

Ao encontrar asilo na possibilidade de abordar a memória como meio de identificação de problemas sociais é que, nesta pesquisa, ela é compreendida como a capacidade de reconhecer significados que possibilitam decodificar experiências e sinais (FERREIRA, 2002; IZQUIERDO et al, 2015). Isto porque:

(...) pode ser compreendida como lastro fundamental da noção de pessoa que o sujeito guarda de si próprio, de sua identidade social, e para tanto deve ser concebida não na perspectiva psicológica de uma reconstituição do passado imerso no subconsciente, mas naquela que a concebe como algo construído, compreendida, portanto, no domínio dos valores do sujeito ao lembrar (FERREIRA, 2002, p. 56).

Este processo de reconstituição do passado depende de três atividades específicas: (i) *aprendizado*, quando há a aquisição de novas experiências e sinais; (ii) *formação*, quando as novas informações são consolidadas e compactadas pelo cérebro humano; e (iii) *evocação*, quando o indivíduo é capaz de recordar as lembranças do passado (ASSMANN, 2011; IZQUIERDO et al, 2015).

Entretanto, a memória não trabalha como um mecanismo de registro perpétuo das informações formuladas e, por este motivo, Izquierdo et al (2015) as distinguem pelo tempo em que estão mentalmente disponíveis. São: (i) *memória de trabalho* que, a exemplo da terceira palavra deste parágrafo, fica na memória do leitor somente o tempo necessário para que o mesmo interprete o sentido desta mensagem; (ii) *memória de curta duração*, com duração de 30 minutos até 6 horas; e (iii) *memória longa*, que pode perdurar anos.

Resulta óbvio que a memória não acompanha a realidade das experiências. Além de o tempo comprometer a preservação de parte das lembranças armazenadas pelos seres humanos, estes se apresentam biologicamente programados a filtrar os estímulos ilimitados que cada ocasião lhes oferece, o que evita uma sobrecarga do sistema neural. A seleção de informações ocorre porque o cérebro humano preenche automaticamente os espaços vazios, de tal maneira que “posamos msemo asism lre plaravas cmo lteras ebmaralhadsa e cm vgs fltnd sm perder o sentido é prova disto” (HERMAN, 2016). Portanto, as lembranças que resistem na memória do indivíduo são frações distorcidas e minimizadas da realidade experimentada (ASSMANN, 2011; IZQUIERDO et al, 2015).

Se, por um lado, a lembrança dos fatos reais surge distorcida pelo crivo da seleção de informações no momento do *aprendizado* e pelo esquecimento de recordações no transcorrer da vida do indivíduo, outro fator de distorção pode ser identificado no momento da *evocação*. Bosi (1987), Ferreira (2002), Correa e França (2006), Souza e Crippa (2009), Assmann (2011), Izquierdo et al (2015), Herman (2016) e Tardivo e Pratschke (2016) enfatizam o fato de que evocar não significa pura e simplesmente recordar experiências e sinais já memorizados, mas também repensá-los com o suporte de novas informações e, assim, refazê-los e reconstruí-los. Para

melhor vislumbrar esta dinâmica, indica-se ao leitor colocar-se no papel do indivíduo que assiste a um filme mais de uma vez. Da mesma forma que este personagem, as pessoas constantemente recapitulam suas lembranças e, em cada nova evocação, há uma nova releitura permeada por novos saberes, o que torna quase impossível revivê-las tal e qual ocorreram. É assim que, a cada evocação, surgem novos significados, sentimentos e sensações.

Observar os efeitos destes filtros no indivíduo implica em reconhecer que cada pessoa vê uma mesma situação de formas diferentes. Metaforicamente, “Cada um de nós traz um conjunto similar e único de pinceis para preencher o que vemos” (HERMAN, 2016, p. 60). A fim de exemplificar a metáfora dos pinceis, o autor relata o exercício onde pergunta aos alunos da disciplina de Arte da Percepção o que eles vêem na imagem a seguir (Figura 2).

Figura 2: Fotografia utilizada na aula de Arte da Percepção.



Fonte: HERMAN, 2016, p. 45.

Uns relatam a moça, o que ela veste e que parece estar segurando algo, outros mencionam a vegetação e a natureza morta no chão. Entretanto, uma parcela de aproximadamente metade dos alunos não relata a enorme letra “C” ao fundo. Ela de fato existe e está pintada em um paredão de pedra com mais de 30 metros de altura. O convite agora se volta para quem lê este texto: tente olhar novamente a paisagem e ignorar a presença da consoante. Isto parece impossível porque a nova informação influencia diretamente o modo como você a percebe (HERMAN, 2016).

Após refletir as informações aqui agrupadas, parece correto afirmar que “a memória não é um sonho, é um trabalho” (BOSI, 1987, p. 17) e, por consequência, que “o passado sempre é novo” (ASSMAN, 2012, p. 21). Na linha de raciocínio que segue esta última afirmativa, cabe incluir que, segundo Pallasmaa (2017), esta reinterpretação do passado insere o indivíduo em um cenário que não é puramente físico, ele também é existencial. Neste ambiente, o experimentado, o recordado e o imaginado se fundem. Torna-se implícito que os lugares que daí provém estruturam-se através dos valores e dos conteúdos empíricos de cada indivíduo para com o ambiente. Conscientes ou não da troca que estabelecem com o meio, os indivíduos passam a compartilhar experiências que, como consequência, configuram e reconfiguram o seu senso de identidade individual (o *eu* diferente deles) e identidade coletiva (o *nós* diferente deles).

Toda identidade, individual ou coletiva, na microescala do núcleo familiar ou na nação de um país, é fortemente embasada em uma sedimentação de imagens do passado onde, geração após geração, os inúmeros personagens depositaram seus mitos, memórias e experiências. A esta sobreposição cultural dá-se o nome de tradição. Assim, as infinitas identidades com que o indivíduo pode se enquadrar são associadas à história e à continuidade da vida. Neste sentido, compreende-se que a identidade não deve ser reportada como um elemento fechado: ao mesmo tempo em que a tradição determina, em parte, o sujeito; as ações do sujeito redefinem, em parte, a tradição (PALLASMAA, 2017). Portanto, além de identidade ser compreendida como um grupo de características em constante processo de reelaboração, o número de identidades com que o indivíduo se percebe também deve ser encarado como um elemento aberto (BAUMAN, 2005).

Por fim, conclui-se que a sedimentação de elementos físicos e mentais onde se assenta a tradição garante, à memória coletiva, a singularidade que distingue a sua identidade das demais (ASSMAN, 2012). Ferreira (2002) reforça a importância desta afirmativa ao concluir que a memória surge como um caminho de estudo para melhor compreender a identidade coletiva.

2.1.1.3 O processo de percepção

Para Kevin Lynch (1999), a percepção é o produto da soma da memória das experiências vividas com as informações processadas no instante em que o usuário interage com o ambiente. A imagem que o usuário cria e retém do mundo é utilizada como elo estratégico no processo de orientação do indivíduo nos centros urbanos. Isto porque possibilita à pessoa interpretar o ambiente e, assim, tomar decisões.

Portanto, se a formação e a manutenção da memória possuem relação direta com as informações processadas, “descobrimos que o explicar e a explicação têm a ver com aquele que aceita a explicação” (MATURANA, 2001, p. 28). O autor explica:

A validade do meu explicar, ou melhor, o caráter explicativo do que eu digo, não depende de mim, mas depende de vocês. Isto tem ainda muito mais importância porque não somente explica o explicar. Se isto é assim, quer dizer que há muitos "explicares" diferentes. De fato, há tantos explicares diferentes quantos modos de escutar e aceitar reformulações da experiência (MATURANA, 2001, p. 29).

Logo, a percepção, assim como ocorre na formação da memória, pode ser compreendida como uma via de mão dupla: é a reação do usuário aos ambientes e a atividade perceptiva em si, onde alguns elementos do ambiente ficam registrados na memória enquanto outros não são percebidos. Este hábito de ignorar certos elementos é exemplificado na maneira como as pessoas praticam a leitura de textos: recebe-se uma impressão total da palavra, ao passo que as letras que a compõe passam despercebidas ao leitor. Logo, a imagem multifacetada que cada pessoa cria do ambiente é o produto individual da sua performance (LYNCH, 1999; LÉVY, 2010; TUAN, 2012; PALLASMAA, 2013; RASMUSSEN, 2015; HERMAN, 2016).

Ao ser o produto da percepção urbana, a imagem clara do ambiente garante ao indivíduo um deslocamento fácil e rápido, serve de referência ao usuário e organiza suas atividades. Potencializar a capacidade que o indivíduo tem de imaginar os ambientes vividos é o mesmo que aprimorar seu processo de identificação espacial,

ao passo que, quanto maior for sua capacidade de imaginar os espaços que percorre, maiores serão seus sentimentos de autonomia e segurança (LYNCH, 1999).

Logo, a imageabilidade é um mecanismo imprescindível para a percepção e a memória. É através da performance que as pessoas percebem e reconhecem a multiplicidade de elementos e fenômenos e, de maneira dinâmica, compreendem estas experiências e suas alterações em uma escala temporal, ao longo da vida (LYNCH, 1999; PALLASMAA, 2013). Assim como o espaço urbano, o tempo compõe a imagem mental que o usuário interioriza do mundo. Juntas, escala espacial e temporal, são matéria essencial à navegação urbana. Neste processo, o ambiente concreto funde-se a novos ambientes e a novas experiências e, assim, a geografia desdobra-se em múltiplos sistemas de cognição (MARQUEZ, 2014).

As imagens podem ser analisadas quanto a sua *identidade*, *estrutura* e *significado*. A *identidade* está relacionada à identificação do objeto em análise, ao reconhecê-lo como entidade individual. A *estrutura* busca entender a relação espacial do objeto com o ambiente, com os demais objetos que o circundam e com o interprete da cena. Por fim, o *significado* diz respeito às evocações que o usuário precisa estabelecer com o objeto, sejam de cunho funcional e/ou emocional. Entretanto, ainda que a forma de um ambiente possibilite uma leitura clara, o *significado* atribuído a um determinado local não é estático e varia muito de usuário a usuário. Este é o motivo pelo qual Lynch (1999) sugere que *significado* seja separado de *identidade* e *estrutura* nos momentos iniciais de análise perceptiva.

O que o autor supracitado denomina como *significado* da imagem, para Yi-Fu Tuan (2012) aproxima-se do conceito de *topofilia*. Esse neologismo pode ser entendido como o elo afetivo identificado entre os indivíduos e o ambiente material. Porém, enquanto *significado* é um componente individual da percepção de um determinado usuário, *topofilia* refere-se a uma perspectiva impessoal, coletiva.

Os indivíduos não estão habituados a interpretar o ambiente na larga escala das cidades e de seus centros urbanos e, assim sendo, agem coagidos pelo ritmo de suas atividades e metas diárias (LYNCH, 1999). Ao seguir este raciocínio, compreende-se que o ser humano não possui habilidades suficientes para tal

entendimento e que reconhece, ao máximo, pequenos fragmentos das complexas áreas urbanas. As duas escalas da cidade – o todo e o fragmento – indicam a tendência que o indivíduo possui de evocar o ambiente construído em sua memória através de dois níveis distintos: “grandes abstrações e respostas específicas” (TUAN, 2012, p. 265). Neste sentido, as grandes abstrações costumam reduzir a cidade a seu nome, a um ponto turístico ou a um símbolo da cultura local. Opondo-se, respostas específicas dizem respeito ao curso da vida diária, com seus percursos, imagens e atitudes.

A fim de compreender a estrutura de locais amplos e complexos, o humano habituou-se a registrar o ambiente através de associações, ao generalizar seus elementos e fenômenos em um pequeno número de categorias, como substâncias, cores e direções. Outra estratégia encontrada no processo de percepção é a de arranjar os fenômenos em pares de elementos opostos, como vida e morte, macho e fêmea e nós (ou eu) e eles (TUAN 2012). Além destes exemplos, os quais se referem à existência do imaginário no pensamento do usuário, o exercício da performance também se fundamenta na corporificação, visto que a imagem mental surge da existência de um corpo em contato com o ambiente vivido (PALLASMAA, 2013).

Estudos científicos demonstram que existe uma afinidade neurológica entre os sinais neurais do sentido da visão e do ato de imaginar: ambos surgem na mesma zona do cérebro e são igualmente reais a quem os realiza (PALLASMAA, 2013). Trata-se do hipocampo, zona do cérebro em que acontecem as operações relacionadas à corporificação de imagens espaciais (AGUIRRE, 1999). A respeito da relação do corpo no processo de percepção, torna-se necessário dar ênfase ao sentido da visão como importante meio de troca do indivíduo com seu habitat (TUAN, 2012; DONDIS, 2015; HERMAN, 2016).

O sujeito humano, por ser um animal intensamente guiado pelo sentido da visão, depende de forma mais consciente deste do que dos outros sentidos tradicionais para organizar o espaço e interagir com ele. Aos demais sentidos (tato, audição, paladar e olfato) é dado o papel complementar de ampliar e enriquecer as informações visuais (TUAN, 1983). Para Dondis (2015), ver é estar apto a criar imagens mentais e a dependência das pessoas sobre este sentido acontece desde

suas primeiras experiências no mundo, porém, pouco é aperfeiçoado ou ampliado ao longo da vida. A autora complementa: se assim o fosse, o humano entenderia e criaria imagens visuais com melhor desempenho e utilizar-se-ia delas como forma de comunicação com os demais membros da sociedade.

A visão, por ser um ato de discernimento que ativa o sistema cognitivo humano, serve como base para o processo da criação de imagens mentais. Quando uma pessoa inicia o reconhecimento de uma nova cena, registra um simples esboço da realidade experimentada. A sofisticação da mensagem se dá através de sucessivas compreensões do *input* informativo e o processo estabiliza-se ao aproximar-se, de maneira satisfatória para o interprete, da realidade vivida. No momento em que é criada, a imagem encontra-se na zona de atenção do indivíduo que, sem esforço, pode recorrer a ela rapidamente (LÉVY, 2010; DONDIS, 2015).

Entretanto, recapitula-se que a memória dos indivíduos é construída por fragmentos distorcidos que pouco se aproximam da realidade dos fenômenos contemplados, igualmente como acontece no processo de percepção imediata, onde o humano, através de um raciocínio espontâneo, interioriza apenas parte da realidade concreta. Apenas uma parte ínfima do que é registrado na memória de curto prazo sobrevive à seleção de registros mentais que seguirá preservado na memória de longo prazo. Isto não significa que a memória de longo prazo seja um dispositivo de baixa capacidade de armazenamento, constitui-se pelo contrário. Trata-se de um processo que registra uma quantidade imensa de informações ao longo da vida e as dispõe através de uma estrutura que se organiza em redes de associações e de esquemas. Logo, o modo com que percebemos o mundo é preservado na memória de longo prazo (LÉVY, 2010).

É assim que a cidade, em constante influência das memórias do passado e das memórias do futuro por vir, faz dos seus espaços mais do que locais descritos através de relatos históricos, faz dos seus espaços verdadeiros lugares vivos e dinâmicos. Porém, as cidades atuais sofrem incessantes transformações desprovidas de aspectos culturais e desmancham suas imagens aos olhos do público que já não as reconhece como providas de identidade e de imageabilidade (GRINOVER, 2006).

Pallasmaa (2013) explica que as cidades fazem parte de um paradoxo porque, ao mesmo tempo em que é construída e transformada fisicamente pelos personagens que nela vivem, esses mesmos personagens percebem o ambiente através do imaginário autônomo e individual. Daí a importância e o compromisso que o indivíduo deveria assumir com o seu lugar: qualifica-lo de maneira a reforçar sua legibilidade no imaginário coletivo.

2.1.1.4 A formação da imagem mental coletiva

O precursor Kevin Lynch (1999) aborda este assunto ao alegar que parece existir um consenso nas imagens expressadas por um número significativo de integrantes de uma mesma coletividade. Isto porque, mesmo que desprovidas de uma imageabilidade forte, as cidades proporcionam uma pequena quantidade de significados que adentram no sistema cognitivo humano. Estes significados, com o passar do tempo, tendem a ser compartilhados pelos indivíduos que possuem experiências de vida em um cenário que lhes é comum e são utilizados como referências para a realização das atividades e dos deslocamentos urbanos. Desta maneira, os significados garantem aos membros da comunidade os sentimentos de familiaridade e pertencimento (CASTELLO, 2005; BAUMAN, 2005).

Os significados são abstrações de elementos e conexões da realidade experimentada que, compartilhados pela sociedade, tornam-se pilares subjetivos de uma megarede de comunicação que organiza a vida, o cotidiano e a cultura nas cidades (LÉVY, 2010). Entretanto, se a abstração dos elementos e dos fenômenos que o humano vivencia constrói sua cultura, a cultura também interfere na criação do imaginário. Dondis (2015) defende que os processos de memória e percepção são fortemente influenciados pelo ambiente, crença, religião, filosofia, política, padrão social e economia, traços comuns em uma mesma sociedade.

O modo de vida em sociedade estimula seus integrantes, desde as primeiras formas de socialização, a entenderem o mundo através do self, onde os elementos do convívio humano diminuem de valor conforme se afastam da figura principal: o indivíduo. A esta tendência, atribui-se o nome de egocentrismo, ela é o delírio interno

que sobrevive ao convívio do indivíduo com outros indivíduos, objetos e fenômenos. Para Tuan (2012), o egocentrismo coletivo, onde há a ilusão de superioridade frente aos demais, promove a manutenção das diferentes formas de expressão cultural.

Entretanto, a união do grupo social depende diretamente da qualidade espacial em que realizam suas trocas e enraízam seus sentimentos. Entende-se que a cidade é construída para todos, para o reforço da identidade coletiva e para viabilizar as práticas sociais. Logo, a percepção que um grupo, ou uma amostra significativa deste, possui dos espaços que habita é o caminho para desvendar a relação existente entre pessoa e lugar, entre fatores psicológicos e ambientais (LYNCH, 1999).

2.1.1.5 A influência das TIC's no espaço urbano

Nota-se que, apesar de a espécie humana expressar características cognitivas universais em diferentes situações temporais e situacionais, o indivíduo tende a adaptar-se aos recursos que o habitat lhe oferece. Adaptação que, além da mera utilização de ferramentas da sua época, revela influências no modo de perceber o mundo através das novas fontes que alimentam e modificam o imaginário (FLUSSER, 2007; LÉVY, 2010; TUAN, 2012). Assim, o futuro das cidades está entregue a gerações que, familiarizadas com os avanços tecnológicos da fotografia, cinema e televisão, incluem em sua rotina novos elementos que prolongam sua memória e intelecto e, com isto, alteram a maneira como se dão suas relações interpessoais (DARODA, 2012; DONDIS, 2015).

Na cidade do século XXI, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) estão em permanente atualização e, toda vez que um novo produto tecnológico é compartilhado pela sociedade, este transforma a maneira com que seus indivíduos a imaginam e percebem e, conseqüentemente, também altera o equilíbrio das representações sociais. Para o filósofo Flusser (2007), esta metamorfose pode ser exemplificada pelas grandes mudanças sociais que decorreram da invenção da escrita primitiva (pré-história), do alfabeto (história) e dos meios de comunicação (pós-história; jornais impressos, rádio, telefone, internet, etc.) e, com isto, os humanos tendem a abstrair cada vez mais as informações materiais do cenário

experenciado/observado. É assim que o surgimento de TIC's, como os sistemas de informática, modifica a distribuição das representações sociais, prolonga os sentidos humanos e possibilita novas formas de armazenamento, transformação e troca de dados (LÉVY, 2010).

A interação entre os dois personagens, pessoa e objeto de comunicação, onde o imaginário do primeiro encontra-se profundamente enraizado no segundo, estabelece uma rede de relações que coloca as subjetividades individuais em contato com as subjetividades do coletivo e das instituições. Logo, a prática do pensamento é um devir coletivo que envolve pessoa e sistemas de tecnologia intelectual (LÉVY, 2010). O espaço virtual, ou *ciberespaço*, é um exemplo desta interação entre indivíduo e grupo. O *ciberespaço* surgiu, nas últimas décadas, da oferta de sinal de *internet* e da viabilização de uso de computadores para uso pessoal (DARODA, 2012; CASTELLS, 2013).

Castells (2013) afirma que a comunicação realizada no ambiente virtual permite a troca de ideias e a programação de atividades coletivas que, ao expandirem-se para fora do plano virtual, ocupam o espaço urbano para trocas políticas, esportivas, sociais e religiosas. Assim, a sensação de segurança proporcionada pelo *ciberespaço* possibilita que pessoas de variadas idades e classes sociais ocupem e interajam com o espaço público.

O *ciberespaço* vincula-se a um determinado espaço urbano através de ferramentas tecnológicas interligadas por sistemas de comunicação em massa e, a este grupo de ferramentas e sistemas, dá-se o nome de mídias locativas (*locative media*). O mecanismo destas mídias acontece quando indivíduos emitem e recebem dados a partir de um local específico e, assim, agregam-se à cidade informações digitais para diferentes finalidades (monitoramento, mapeamento, jogos, etc.). Empresas, artistas e ativistas recorrem às mídias locativas como forma de apropriação e ressignificação do espaço construído (LEMOS, 2007).

Segundo o geógrafo Santos (1996), as mídias locativas são produtos contemporâneos da produção dos espaços que, através do meio identificado como *técnico-científico-informacional*, acarretam na contínua modificação do ambiente

construído. O autor explica que as três condicionantes por ele relacionadas (meio natural, meio técnico e meio científico/informacional) impulsionam o desenvolvimento da base geográfica, decorrente da sua apropriação pelas atividades dos indivíduos.

Ainda que o meio *técnico-científico-informacional* (SANTOS, 1996) tenha a capacidade de ampliar o número de informações ancoradas na paisagem urbana e que se admita esta interferência como positiva, é preciso buscar um olhar mais crítico. Logo, encontrou-se nas publicações de Pallasmaa (2013) e de Paula (2010) o registro de como as TIC's podem prejudicar a cognição humana no processo de reconhecimento urbano.

Pallasmaa (2013) reconhece que o constante desenvolvimento das TIC's recria maneiras de monitorar, registrar, analisar e representar a realidade vivida nas cidades e salienta que a popularização do uso de imagens digitais contribuiu para a mudança de como o indivíduo se comunica com o ambiente construído. Entretanto, o processo autônomo da performance, como produto do sistema cognitivo, parece ser substituído, ao invés de estimulado, pela imensa disponibilidade de imagens e fotografias que o ciberespaço oferece.

Nesta mesma linha de raciocínio, de Paula (2010) entende que a oferta de informações digitais amplia a noção que as pessoas têm de diferentes locais do mundo. Porém, esta ampla leitura urbana não garante que o usuário das TIC's potencializará sua percepção ambiental quando comparada a de usuários que não utilizam tais ferramentas. Isto porque as informações chegam ao usuário de forma incompleta e geram uma leitura urbana possivelmente confusa e distorcida.

Um ponto de vista mais otimista é encontrado no discurso de Dondis (2015) que, ao acreditar que cada indivíduo se comporta como uma câmera original e que, com isso, possui a capacidade de perceber, registrar e acessar todas as informações que nele chegam, a diferença entre as pessoas e as máquinas estaria na fidelidade da observação e na destreza de reproduzir o que foi memorizado.

Ao abordar as questões referentes à percepção e legibilidade urbana que o indivíduo realiza de seu habitat, no próximo item quer-se entender o sentido da palavra *apropriação* para que, no desenvolver desta pesquisa, os ensaios de percepção do idoso quanto ao ambiente possam ser confrontados com as análises de *apropriação* que os mesmos realizam com os espaços públicos abertos.

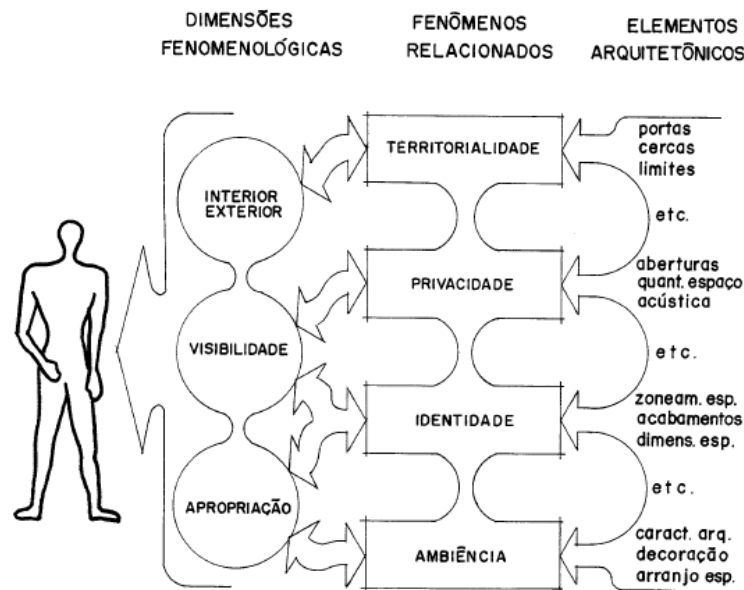
2.1.1.6 Apropriação e pertencimento

Apesar de a palavra *apropriação* estar vinculada, na interpretação de muitos autores, a situações passivas, de adaptação e acomodação, o que refletiria o conformismo dos usuários, nesta dissertação adota-se o ponto de vista que define o termo como: manifestações propositais ou inconscientes, concretas ou percebidas, entre os indivíduos e o ambiente no qual habitam (DUPLAY e DUPLAY, 1985; MEDVEDOVSKI, 1998). Em outras palavras, “apropriação está ligada à vivência do local, pela realização de ações (dormir, brincar, habitar etc.) e pela atribuição de significados; e à identificação com ele, pelo modo como o ambiente responde aos anseios dos usuários e reflete sua identidade” (CAVALCANTI, 2011, p. 73).

Logo, admite-se por *apropriação* de espaços urbanos “as manifestações relativas ao tipo e frequência de uso, às adaptações para uso e o grau de manutenção evidenciado nesses espaços” (DUVAL, 1997, p. 1) e, nas palavras de Almeida, *apropriação* “é o processo de total experienciamento dos lugares, a dimensão do viver no espaço” (ALMEIDA, 1995, p. 25).

Tal interpretação tem suas raízes na classificação de Korosec-Serfaty (apud ALMEIDA, 1995), onde o termo *apropriação* surge como uma das características fundamentais que compõem o tripé das *dimensões fenomenológicas*. Juntamente com *interior/exterior* e *visibilidade*, agrupam as manifestações subjetivas que acontecem no ambiente e que interferem na relação espaço versus comportamento, como privacidade, territorialidade, identidade e ambiência; ver Figura 3.

Figura 3: Dimensões fenomenológicas, fenômenos existenciais e elementos arquiteturais.



Fonte: ALMEIDA, 1995, p. 23.

A característica de (i) *interior/exterior* aponta os fenômenos que estabelecem fronteiras capazes de diferenciar e qualificar o ambiente. Assim, o estar dentro ou fora de determinado lugar se dá pela marcação e construção que este apresenta. Com isso, os ambientes passam por este processo de demarcação territorial, o que implica na distinção de ambientes públicos e privados. Neste sentido, (ii) *visibilidade* remete ao controle de exposição que o lugar oferece a seu habitante. Por fim, (iii) *apropriação* é o termo empregado para mencionar os modos de incorporar que o usuário estabelece com o ambiente e com as coisas que nele são disponibilizadas. A *apropriação* territorial aborda a interação onde o habitante molda o seu habitat que se torna receptivo às atuações do usuário (ALMEIDA, 1995; CAVALCANTI, 2011).

Nesse processo o homem se apropria dos espaços humanizando-os, modificando-os para dotá-los de sua própria natureza. Humanizar espaços significa torná-los adequados ao uso dos humanos; torná-los apropriados e apropriáveis. Apropriação envolve a interação recíproca usuário/espaço, na qual o usuário age no sentido de moldar os lugares segundo suas necessidades e desejos. Os lugares, em contrapartida, tornam-se receptivos. Essa influência mútua entre usuário/espaço é a razão pela qual as pessoas e os grupos encontram - ou não - sua identidade nos diversos lugares em que vivem. Os lugares receptivos são aqueles com os quais as pessoas se sentem em perfeita harmonia e nos quais elas encontram sua identidade individual e coletiva. A ambiência do ambiente é o que possibilita esse processo comunicativo (MALARD, 1993, p. 4).

Assim, a *apropriação* ocorre quando o indivíduo se percebe como pertencendo ao cenário em questão. Inclui-se que *pertencimento* significa manter-se vinculado ao lugar no passado, presente e futuro, o que garante a manutenção da identidade local (BAUMAN, 2005). Logo, “quando há identificação, as pessoas percebem-se como pertencentes a um determinado lugar, podendo compartilhar comportamentos típicos; uma estrutura social específica; um passado comum ou uma continuidade histórica; valores ideológicos, políticos ou culturais; e até mesmo aspectos de personalidade, caráter ou idiossincrasias” (CAVALCANTI, 2011, p. 75).

Quanto ao fenômeno de ambiência, este traduz a necessidade de o usuário sentir-se confortável enquanto interage com o ambiente (ALMEIDA, 1995). Logo, para que ocorram os fenômenos de *pertencimento* e *apropriação*, “os lugares devem ser confortáveis em termos de suas necessidades de funcionalidade (adequação entre os aspectos de forma e dimensão e os fins aos quais o espaço se destina), temperatura, ventilação e iluminação, entre outros” (MEDVEDOVSKI, 1998, p. 149).

A *dimensão fenomenológica* da *apropriação* pode ser dividida em: jurídica, sentimental e criativa. Onde:

- a. *Apropriação jurídica*: diz respeito aos aspectos de propriedade do espaço enquanto bem imobiliário transmissível a terceiros, como herdeiros e/ou sucessores;
- b. *Apropriação sentimental*: revela a sensação de *pertencimento* que ocorre cotidianamente entre pessoa e ambiente. Entretanto, para que aconteça, deve revelar afetividade e identidade por parte do usuário.
- c. *Apropriação criativa*: ainda que seja limitada às propriedades e à flexibilidade do objeto construído, a *apropriação criativa* aponta para situações em que o usuário age sobre o cenário de modo a adaptá-lo para suas reais necessidades e para outros usos que divergem da utilidade para qual a estrutura foi originalmente condicionada.

Compreendido o sentido do termo *apropriação* adotado para esta pesquisa, torna-se importante acrescentar que a construção do espaço é o fruto da imposição de forças hegemônicas (instituições, governos, etc.) somadas à *apropriação* cotidiana

realizada pelos cidadãos. A compreensão desta dinâmica deve considerar a escala de espaço versus tempo e nela devem ser observadas as expressões comportamentais manifestadas pelos sujeitos. Politicamente, cabe ressaltar que “os movimentos sociais não atuam apenas como uma reação às políticas impostas, eles são formadores e condicionantes das políticas públicas e privadas, mesmo que muitas vezes indireta e inconscientemente” (CACCIA, 2015, p. 32).

Ao considerar a hipótese de que razões políticas, sociais, econômicas e culturais influenciam no modo de apropriação dos espaços de urbanidade, admite-se que a adequação projetual deve ir além de preocupações como localização, forma e dimensão porque essas, sozinhas, não são capazes de assegurar que no local projetado surgirão, em ações individuais e coletivas, as formas de apropriação para o qual se destina (DUVAL, 1997).

Realizada a fundamentação teórica pertinente aos conceitos de percepção e de apropriação, no próximo item quer-se entender como as cidades podem apresentar-se de forma clara e, assim, potencializar as formas de convívio das pessoas no espaço público.

2.1.2 Cidades legíveis

Lynch (1999) buscou entender os conceitos que permeiam a criação da boa imagem da cidade, em parte comprometida pelo movimento modernista que acarretou intensa produção urbana. Após o ápice do movimento, esta produção exibia cidades que, apesar de funcionais, negligenciavam a escala humana, o alcance dos sentidos da pessoa e, conseqüentemente, a leitura e percepção do indivíduo frente ao seu habitat. (GUATELLI, 2012; GEHL, 2013).

Porém, a cidade do século XXI ainda carece de soluções que revertam os malefícios produzidos pela arquitetura modernista. Entre todos os movimentos de concepção do espaço urbano, foi no movimento modernista que ocorreu o principal erro: inverteu-se a escala do planejamento. A cidade, que era pensada na escala do humano e para o humano, passou a ser concebida na escala planificada das plantas

baixas e, pensada do alto, pouco se preocupava com a perspectiva a ser contemplada pelos usuários (CASTELLO, 2010; GEHL, 2013).

O modo de conceber as cidades no período modernista, que hoje emprestam seus espaços aos cidadãos que nelas vivem, não é o único motivo pelo qual se torna urgente a adoção de uma requalificação urbana geradora de lugares claramente identificáveis. Outros motivos comprometem tanto ou mais a qualidade de vida no ambiente urbano e, dentre eles, pode-se citar: a grande escala das cidades-metrópole e a dificuldade de realizar requalificações desta magnitude (CASTELLO, 2010); o crescente compromisso social do espaço urbano com as pessoas, cada vez mais solitárias em unidades habitacionais e necessitadas de novas experiências em grupo (GEHL, 2013); e a carência de espaços livres, compostos pelo mínimo programático, que se encaixam como oásis multifuncionais a serviço de diferentes formas de expressão e ação (GUATELLI, 2012).

No subitem a seguir, verificar-se-ão os valores e caminhos para o planejamento de cidades que reforcem a sustentabilidade social e, assim, produzam cidades seguras e legíveis: produzam cidades para as pessoas (GEHL, 2013).

2.1.2.1 A cidade como um espaço público legível e democrático

A criação de lugares de troca, legíveis, seguros e dinâmicos desperta como uma solução à recuperação da boa imagem das cidades (CASTELLO, 2010; GEHL, 2013; LYNCH, 1999). Se estes lugares, também chamados lugares de urbanidade que, além das características já mencionadas, referem-se “ao encontro, experiência e reconhecimento do Outro em sua alteridade e a uma efervescência da interação livre de restrição, esses fatores devem incluir um espaço capaz de ter papel ativo como meio entre meios da integração social” (AGUIAR e NETTO, 2012).

Nesta corrente, arquitetos e demais responsáveis pela construção do espaço compartilham a ideia de que, para ser responsivo, o ambiente deve utilizar respostas democráticas, multiplicar as possibilidades de ação dos usuários e enriquecer as oportunidades de convívio (BENTLEY et al., 2005).

Adota-se, por cidade legível (imaginável, aparente ou visível), a definição apresentada por Kevin Lynch (1999) como: todo espaço cuidadosamente gerido que prende a atenção dos seus moradores, onde estes são convidados à ação e à contemplação através de estímulos visuais e sonoros. Porém, não se trata de uma construção finalizada. A cidade legível progride com o passar dos anos, combina a herança do velho com as possibilidades do novo e respeita o perfil da sociedade que dela usufrui. Seus personagens compreendem as ligações entre os vários pontos de atratividade e nela se movem com facilidade e segurança.

O planejamento urbano bem-sucedido deve, primeiramente, considerar e respeitar a vida e o lugar, também deve haver uma sequência projetual e “esta começa ao nível dos olhos e termina em uma vista aérea” (GEHL, 2013, p. 198); por ser um elemento artificial, a cidade deve ser criada com o propósito de gerar espaços artísticos adaptados às carências dos indivíduos, jamais o caminho inverso (LYNCH, 1999). Então, quando cumpre tais deveres, as identidades urbanas são reforçadas no imaginário popular. Fala-se em identidades, intencionalmente no plural, com o intuito de incluir que, “Poucos de nós, se é que alguns, são expostos a apenas uma “comunidade de ideias e princípios” de cada vez” (BAUMAN, 2005, p. 19). Logo, supõe-se que uma cidade é composta e recomposta por inúmeras identidades.

Ao considerar o corpo humano como mecanismo de interação da pessoa com o ambiente, deve-se estar ciente de que o ambiente oferecido influenciará diretamente no padrão de decisões dos usuários. Isto porque a configuração dos espaços afeta (i) a oferta de locais onde o indivíduo pode ou não ir, (ii) a variedade de perfis de pessoas que utilizam o local, (iii) o nível de percepção do usuário quanto a leitura do espaço, (iv) a diversidade de funcionalidades que um mesmo local ou equipamento pode exercer, (v) a percepção das informações adicionais utilizadas a serviço do transeunte, (vi) a variedade de experiências sensoriais que agregam valor ao sentido da visão e, por fim, (vii) o quanto as pessoas podem intervir no cenário para personaliza-lo e, assim, participarem do processo de caracterização territorial. Logo, se a relação ambiente versus comportamento estiver pautada nesta lista de respostas e estas apresentarem-se positivas à apropriação territorial, o ambiente avaliado será considerado um espaço responsivo (BENTLEY et al., 2005).

Espaços responsivos, ou hospitaleiros, fazem-se claros e legíveis aos sentidos dos moradores e dos estrangeiros. Pela ótica do visitante, oferecem informações necessárias, proporcionam a sensação de acolhimento e facilitam o seu processo de orientação e deslocamento. Logo, o planejamento urbano ideal fundamenta-se nas regras da boa hospitalidade e, por isto, visa garantir acesso a transporte público, equipamentos urbanos e serviços sociais (GRINOVER, 2006).

Gehl (2013) observa que os ambientes responsivos emitem sinais positivos através da presença do indivíduo no espaço. Isto ocorre porque o fato de haver interação social deixa implícito que determinada experiência é positiva. Cabe ressaltar que a apropriação do espaço não reflete as qualidades do mesmo através do número de ocupantes, mas através da sensação que transmite de que aquele ambiente é convidativo e popular.

Para que a cidade assim seja percebida – como convidativa e popular – deve ser beneficiada através de cuidadoso planejamento urbano que lhe garanta a continuidade e a renovação dos modos de convívio em sua área pública. A fim de que o projeto crie bons lugares de vivência, deve assegurar proteção, segurança, mobiliário e qualidade estética. Incentivar que as pessoas se apropriem do espaço público como ambiente de interação é condição para o processo de autorreforço da imagem urbana (GEHL, 2013).

A preocupação com a capacidade do ambiente urbano de atrair diferentes públicos em situações de convívio compartilhado foi citada por Guatelli (2012) como a necessidade da criação dos *entre* lugares. Os *entre* lugares são espaços que contêm um programa mínimo necessário e são utilizados como áreas livres entre lugares funcionais. Também conhecidos como aspectos da co-presença, são somente um dos sete aspectos necessários ao bom desempenho dos espaços de urbanidade que, juntamente com aspectos funcionais, bioclimáticos, econômicos, topoceptivos, emocionais e simbólicos, conformam o plano de valores que analisa os atributos do ambiente e as expectativas humanas (HOLANDA, 2002).

As contribuições literárias de Aguiar e Netto (2012), Bentley et al. (2005), Gehl (2013), Grinover, (2006) e dos demais profissionais mencionados esclarecem as qualidades e os deveres empregados na construção e manutenção de cidades legíveis. Portanto, e em continuidade a esta revisão bibliográfica, abordar-se-á o uso do instrumento dos mapas mentais como ferramenta eficaz no planejamento urbano que visa à construção de cidades democráticas.

2.1.3 Mapas mentais

A fim de possibilitar o melhor entendimento do instrumento dos mapas mentais, torna-se necessário expor os benefícios do uso de mapas como meio de leitura e interpretação de informações espaciais. Para realizar este esclarecimento, Pierre Lévy (2010) descreve os mapas como recurso representacional capaz de: (i) sintetizar grande número de informações; (ii) exibi-las de forma claramente perceptível e, por fim, (iii) utiliza-las para a realização de análises operacionais.

O mapeamento utiliza-se de uma matriz desabitada para distribuir e analisar informações sobre determinado sítio, de tal modo que, no mapa, planifica-se a paisagem e nele registra-se o encontro de territórios. Observa-se que somente o mapa, como planificação captável a olho nu, é capaz de formar unidades pela individuação e totalizações pela multiplicidade (ROLNIK, 1989; MARQUEZ, 2014).

A atividade de mapear pode adquirir caráter de coisa-em-ação ao superar sua funcionalidade de georreferenciamento de dados para, além disto, expressar percepções. Logo, “a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante” (PASSOS et al., 2015, p. 56). É assim que, “diferente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra (...), que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente” (ROLNIK, 1989, p. 62).

No entanto, para as leituras subjetivas do espaço, são somadas novas ferramentas e dispositivos à elaboração de mapas. Assim, o mapa testerritorializa e recria lugares que emergem como desdobramentos da realidade física experimentada

(MARQUEZ, 2014). A estes desdobramentos que redesenham a base euclidiana, atribui-se o nome de *cartografia fenomenológica*. Em outras palavras, a *cartografia fenomenológica* é todo o exercício representacional em plano bidimensional que busca registrar uma experiência espacial através dos *significados* dos elementos que a compõe. Nesta prática, os mapas mentais são o produto bruto a ser lapidado para a compreensão da percepção de um conhecimento espacial memorizado. Isto porque, nos mapas mentais representa-se a própria vista do observador, de um ponto elevado, onde se salientam os elementos de maior importância (DE PAULA, 2010). Nos estudos que utilizam mapas mentais como método cartográfico de pesquisa-intervenção:

(...) a investigação se faz através da habitação de um território, o que significa abordá-las por suas conexões, pelos agenciamentos que estabelecem com o que lhes é exterior. Nesse caso, a função de produção de realidade abarca tanto a produção de subjetividades quanto a dos territórios nos quais elas se prolongam (PASSOS et al., 2015, p. 90).

Para Lynch (1999), os mapas cognitivos, ou imagens mentais, são um importante instrumento para aqueles que transitam de modo bem-sucedido no ambiente construído. O autor observa que a sobreposição das percepções que os indivíduos realizam de qualquer cidade pode ser sintetizada em uma imagem pública. A busca por considerações sobre a existência de imagens coletivas leva a crer que “os mundos que se criam e se desmancham, nessa incessante atividade do desejo, englobam sua existência em todas as dimensões: pré-individual, individual, grupal e/ou de massa” (ROLNIK, 1989, p. 57).

Portanto, na busca pela compreensão da imagem coletiva, os mapas cognitivos são utilizados na elaboração dos mapas mentais, limitados a representar os elementos do ambiente através de duas características: *estrutura* e *identidade*. Porém, o resultado expresso pelos colaboradores é fortemente influenciado por um terceiro fator: o *significado* (LYNCH, 1999).

Acrescenta-se que a utilização dos mapas mentais sugere a participação social na construção de um futuro que apresente ao cidadão, provido ou não de necessidades especiais, o amplo acesso à cidade democraticamente gerida e planejada (VAZ E PEREIRA, 2010).

Nos subitens a seguir serão atendidas as seguintes esferas: (i) como se desenvolveu o estudo dos mapas mentais, orientado pelo urbanista Kevin Lynch e (ii) a identificação de pesquisas que incluem os mapas como forma de interpretação da percepção coletiva, realizadas no recorte temporal do século XXI.

2.1.3.1 Precursores

Atribui-se a Tolman, em 1948, a primeira utilização dos mapas mentais (RHEINGANTZ et al., 2009). Entretanto, tal metodologia ganhou maior repercussão quando Kevin Lynch (1999) publicou o estudo que realizou nos Estados Unidos da América, nas áreas centrais das cidades de Boston (Massachusetts), Jersey City (New Jersey) e Los Angeles (Califórnia). Nele, colocou à prova a hipótese da imageabilidade urbana e criou a metodologia dos mapas mentais, sob a forma de entrevista estruturada, para a obtenção e análise da imagem coletiva. Assim, o estudo foi dividido em duas análises: a primeira análise foi realizada por um observador treinado que, através de uma caminhada de reconhecimento, anotou em um mapa cartesiano a presença de variados elementos do cenário urbano e, posteriormente, foi realizada uma entrevista estruturada, incluso a elaboração do mapa mental, com uma amostra dos moradores de cada uma das cidades a fim de obter-se sua percepção do ambiente. O estudo de caso foi desenvolvido com a convicção de que a análise do ambiente construído e dos efeitos que causa no seu usuário é um pilar indispensável na construção de cidades legíveis.

Em Boston, cidade de porte médio, a amostra envolveu aproximadamente 30 pessoas que residiam no centro comercial da cidade e em alguns bairros habitacionais. Houve a preocupação de envolver representantes de diferentes classes sociais para que a realidade urbana de Boston estivesse representada na amostra do estudo de caso. Lynch (1999) a caracterizou como uma cidade individualista por apresentar poucos espaços abertos. As imagens favoritas expressadas pelos moradores foram aquelas onde as paisagens naturais compunham o plano de fundo para as atividades recreativas.

Características diferentes destas foram apontadas em Jersey City. Descrita como uma cidade de grande porte, Jersey City apresentava-se monótona, malcheirosa e suja. Os métodos aplicados na amostra de 15 voluntários indicaram a baixa legibilidade urbana que os moradores, inclusive os mais antigos, imprimiram à cidade. Os mapas foram desenhados de forma fragmentada e continham muitas áreas em branco. Relatos de insatisfação e pobreza acompanharam a descrição superficial realizada nos mapas (LYNCH, 1999).

Lynch (1999) descreveu Los Angeles como uma cidade caracterizada pela intensa atividade comercial na área central, por seus grandes prédios, pelos inúmeros pavilhões das casas de espetáculos, pelo sistema viário composto de uma estrutura básica regular que orientava o intenso fluxo de veículos e pelo frenético andar dos pedestres na Broadway. Apesar de estas características estarem empregadas à área central, os aproximadamente 15 entrevistados descreveram este espaço com baixo nível de detalhes e, à medida que se aproximavam de suas áreas residenciais, agregavam valor às descrições realizadas. Foi identificado grande apego às estruturas que sobreviveram às reformas locais e Lynch atribui este sentimento ao fato de LA estar constantemente em obras de requalificação urbana.

Ao confrontar os três ensaios, conclui-se que os indivíduos se adaptam ao meio ambiente – como uma das faces de em um sistema cíclico onde ambos, pessoa e ambiente, se performam – e dele criam imagens de reconhecimento e identidade. Constatou-se que alguns elementos se fixam no imaginário popular com maior frequência, como: paisagens que contém vegetação e água, lugares que mesclam intervenções recentes com estruturas históricas e espaços degradados que, apesar de evocarem sentimentos de desgosto, fazem parte dos mapas cognitivos. Fato particular aconteceu na descrição realizada por idosos que incluíram em suas imagens alguns elementos fantasmas, há muito removidos para dar espaço a novas estruturas urbanas (LYNCH, 1999).

A análise dos mapas mentais possibilitou a classificação dos elementos representados em cinco grupos distintos de inserções gráficas: *vias (caminhos)*, *limites (e costuras)*, *bairros*, *cruzamentos (pontos nodais ou nós)* e *elementos marcantes (pontos marcantes ou marcos)* (LYNCH, 1999).

Vias são os *caminhos* pelos quais o usuário se desloca. Linhas de trânsito, canais navegáveis e trilhos de trem são alguns exemplos. A presença de certos elementos e fenômenos pode reforçar a identidade das *vias*, como a concentração de hábitos específicos, a presença de fachadas marcantes, a existência de grande volume de vegetação, o prolongamento de sua extensão pela cidade e a possibilidade do deslocamento veicular em ambas as direções (LYNCH, 1999).

Limites são as interrupções lineares que impedem ou limitam a continuidade entre dois lados. Têm-se como exemplo muros, vegetações densas, eixos hídricos e orlas de rios, mares, etc. *Limites* também podem ser compreendidos como *costuras* de união: elementos lineares que relacionam e ligam duas áreas (LYNCH, 1999).

Bairros são áreas urbanas bidimensionais de grande e médio porte onde o usuário distingue que “entrou em” e podem identifica-las como regiões que possuem: (i) características comuns em seu território, vinculadas ou não ao poder aquisitivo local e (ii) atrativos que a tornem facilmente distinta de outros locais, atribuindo-a certa identidade. A identificação dos *bairros* acontece, recorrentemente, de maneira inversa a citação dos demais elementos. Esta tendência se deve ao fato de que, quando uma pessoa generaliza a imagem de sua cidade, ela registra facilmente seus *bairros*. Em sentido oposto, se outra pessoa é capaz de sinalizar grande número de pormenores, provavelmente apresenta dificuldade de generalizar sua percepção para apontar a existência dos *bairros* (LYNCH, 1999).

Cruzamentos são pontos penetráveis que apresentam intensa atratividade aos usuários da cidade. Paradas de ônibus e cruzamento de *vias* são exemplos de *nós* de concentração que, junto aos demais *cruzamentos*, resumem o cotidiano de um *bairro*. Vista do alto, a cidade pode ter *bairros* com a característica atrativa dos *nós* (LYNCH, 1999).

Elementos marcantes são objetos físicos com traços originais que os distinguem na paisagem, eles variam dos demais em altura e/ou constituição. Atuam como referência na malha urbana para que as pessoas possam realizar seus deslocamentos com a segurança do *caminho* a seguir, porém, neles não se pode

entrar. Torres, montanhas e edifícios são alguns exemplos de *marcos* visuais. Quando dispostos em sequência nas *vias* e *cruzamentos* de uma cidade, os *marcos* facilitam a memorização do percurso a ser realizado (LYNCH, 1999).

Os cinco elementos descritos participam da configuração da imagem que o indivíduo incorpora do meio que está inserido e esta classificação possibilita uma melhor interpretação e análise das representações. Os mapas mentais são modelos minimizados da realidade que, em uma simplificação intencional, apresentam relações assertivas e distorções dos elementos originais. São elaborados com maior densidade de informações quando os participantes desenham os lugares de vivência pelos quais possuem intimidade, afeição e contato diário. Por fim, os mapas exibem os diferentes olhares sobre um espaço e expressam as convergências que os habitantes percebem coletivamente (LYNCH, 1999).

Com o objetivo de encerrar as abordagens realizadas quanto à percepção ambiental e ao instrumento dos mapas mentais, torna-se necessário finalizá-las com a verificação do uso dos mapas mentais em pesquisas no Brasil. Logo, quer-se entender se o instrumento dos mapas mentais, elaborado há décadas, segue a ser utilizado como ferramenta para a coleta de dados sobre a percepção urbana.

2.1.3.2 Aplicação metodológica em pesquisas no Brasil

As pesquisas que buscam, através de uma abordagem qualitativa, compreender como as pessoas percebem o ambiente e como utilizam as suas lembranças para deslocarem-se com segurança nos espaços urbanos, colocam em prática o instrumento dos mapas mentais para a coleta e a análise de dados. Estas pesquisas incluem diferentes áreas de conhecimento, como urbanismo, geografia, psicologia ambiental, arquitetura, desenho urbano, etc., e utilizam-se dos mapas desde a publicação da obra de Kevin Lynch (1999), no início da década de 1960 (RHEINGANTZ et al., 2009; DE PAULA, 2010).

No âmbito nacional, o instrumento popularizou-se entre os pesquisadores a partir da década de 1990, utilizado como forma de avaliação da percepção de usuários frente ao ambiente que vivenciam (DE PAULA, 2010). Para verificar a vigência do uso dos mapas nos dias atuais, buscou-se, na produção acadêmica nacional, o relato de pesquisas realizadas no recorte temporal do século XXI.

O primeiro trabalho a ser relatado neste levantamento aborda o tema dos mapas mentais e o papel crucial que possuem na representação do ambiente. Nele, Archela, Gratão e Trostdorf (2004), utilizaram os mapas mentais como método para que as crianças e adolescentes, de nove a quinze anos de idade, da cidade de Cambé, no estado do Paraná, representassem o lugar em que vivem. Nos anos que precederam este estudo, a área central da cidade passou por inúmeros projetos de requalificação onde, dentre outras obras, contou com a revitalização do calçadão e a reforma da Igreja Matriz.

O estudo de caso contou com a colaboração dos voluntários que participaram de conversas informais, criaram seus mapas mentais individuais, avaliaram os desenhos e auxiliaram na interpretação das imagens. Os autores salientaram a importância da conversa no desenvolvimento da metodologia porque ela permite que a pesquisa seja enriquecida com os relatos das impressões que as crianças e adolescentes possuem com a cidade. Constatou-se que existem elementos corriqueiros na imagem mental do grupo, como a já mencionada Igreja Matriz. Concluiu-se que o mapa mental é capaz de sinalizar se o participante reconhece e utiliza os elementos e fenômenos contidos no lugar e se possui habilidade para expressar tais ocorrências no papel (ARCHELA, GRATÃO E TROSTDORF, 2004).

No mesmo ano, Kashiwagi realizou sua defesa de mestrado. A pesquisadora utilizou sua dissertação da pós-graduação como base para publicar o estudo de caso que desenvolveu em parceria com Kozel, onde mostraram como a favela do Parolin, em Curitiba, é percebida, apreendida e incorporada por aqueles que moram no local, que moram em outros bairros e por planejadores urbanos. A amostra foi de 40 indivíduos de diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais. A eles, solicitou-se que representasse, em mapas mentais, o Parolin, uma das primeiras e maiores ocupações espontâneas da cidade de Curitiba. A favela está distante 4 km do centro

da cidade, possui uma localização privilegiada e, assim, tornou-se alvo da especulação imobiliária. Entretanto, a maioria dos moradores trabalha como papeleiro, diarista e pedreiro (KASHIWAGI e KOZEL, 2005).

A análise do material gráfico revelou o forte uso de ícones, textos e esquemas cartográficos nos desenhos realizados pelos três grupos. Concluiu-se que os entrevistados vêem de forma positiva a localização da comunidade e o grupo dos moradores relatou o interesse de permanecer no local, ainda que sejam oferecidas unidades habitacionais em regiões urbanizadas. Apesar do grande número de relatos negativos sobre a falta de urbanização e infra-estrutura, os residentes percebem como positiva a proximidade do centro e dos serviços que nele se encontram (banco, supermercado, etc.) porque, ainda que não possam usufruí-los, sentem-se perto da civilização. As autoras consideraram a percepção do morador de áreas marginalizadas um desafio para o Poder Público porque acreditam que os processos de planejamento e projeto para os terrenos destinados às classes menos favorecidas deveriam levar em consideração o ponto de vista dos usuários (KASHIWAGI e KOZEL, 2005).

Com o intuito de instrumentalizar a percepção através do cruzamento de dados, Vaz e Pereira (2010), durante os anos de 2004 e 2005, realizaram visitas, levantamento fotográfico, pesquisa documental, levantamento de campo e convidaram os usuários do Largo da Ordem, Curitiba, a participar de entrevistas e mapas mentais. O foco central desta terceira pesquisa foi a leitura da comunidade como modo de incluí-la no planejamento urbano. A amostra foi de aproximadamente 50 pessoas.

A estrutura multimétodos possibilitou que os autores cruzassem os dados obtidos através da participação popular com as informações coletadas *in loco* e, desta análise, identificaram os conceitos de lugar, estrutura, significado e identidade que os curitibanos atribuem ao Largo da Ordem. O produto final da pesquisa foi a elaboração de um mapa cognitivo, entendido aqui como um esquema de diretrizes e recomendações realizado através do levantamento da percepção coletiva. Por fim, recomendam o uso dos mapas mentais para estudos de planejamento urbano e para outras áreas de estudos científicos (VAZ e PEREIRA, 2010).

Em 2008, deu-se início à experiência de utilizar o instrumento dos mapas mentais na identificação de atributos que agregam visibilidade ao patrimônio cultural, em auxílio a iniciativas pedagógicas de Educação Patrimonial. O estudo foi aplicado na comunidade caiçara de Barbado, na cidade de Guaraqueçaba. Os moradores da comunidade vivem em constante ameaça de desapropriação e têm suas práticas de sobrevivência, comércio e cultura tolhidas por proibições ambientais que dificultam, senão impedem, que as crianças se apropriem dos valores históricos e culturais (KASHIWAGI, 2013).

Durante dois anos de aproximação, foi solicitado que 11 adultos e 15 crianças elaborassem mapas mentais de representação da paisagem da comunidade. As crianças incluíram grande número de elementos naturais em seus desenhos e os trabalhos dos adultos continham um número alto de elementos construídos e de recordações de um cotidiano há muito perdido. Percebeu-se que os mapas mentais descontraem o ambiente de desconfiança e permitem que público preste colaborações antes de perceber que está participando de um processo investigativo. Kashiwagi (2013) considera o uso dos mapas mentais uma ferramenta positiva de intervenção e resgate no processo de valorização do patrimônio cultural.

Por fim, apresenta-se a pesquisa elaborada por Campos, Silva e Faria (2011), em Santa Luzia, Minas Gerais. Por meio da elaboração de mapas mentais, o estudo caracterizou a percepção que os alunos do 6º e 9º ano da Escola Municipal Dr. Oswaldo Ferreira possuem de sua cidade. Na amostra, participaram 32 crianças do primeiro ano da escola (6º ano) e 28 do último (9º ano). Os 60 mapas mentais foram desenhados no tempo entre 30 e 50 minutos e, no verso da folha, cada aluno escreveu seu nome e turma. A elaboração dos mapas mentais pelas crianças revelou o baixo grau de conhecimento geográfico e a pouca ou inadequada forma que os professores transmitem o ensino da cartografia. Os autores entendem que, a partir do entendimento do grau de conhecimento interiorizado pelos alunos, é possível ajudá-los a construir sua bagagem de informações geográficas.

A apresentação de pesquisas nacionais que utilizaram o instrumento dos mapas mentais, no recorte temporal do século XXI, valida esta ferramenta como método eficaz para a verificação da percepção ambiental. Com isto, encerra-se a

investigação quanto à temática da legibilidade urbana e adentra-se no item a seguir, onde será abordado o personagem central desta dissertação: o idoso urbano.

2.2 O idoso

Inicia-se esta abordagem com a pertinente colocação realizada pela Organização das Nações Unidas, onde é observado que “O reconhecimento da autoridade, sabedoria, dignidade e prudência, que são fruto da experiência de toda uma vida, tem caracterizado normalmente o respeito com que se trata a velhice no curso da história” (ONU, 2002, p. 72).

Logo, nos subitens que dividem esta abordagem, visar-se-á o reconhecimento e a valorização da imagem do idoso como usuário do espaço urbano e, em primeira instância, serão apresentadas as leis, decretos e resoluções que incluem o idoso no cenário legislativo brasileiro, gaúcho e pelotense.

2.2.1 Legislação de amparo ao idoso

Desde a queda do regime militar brasileiro, o avanço das reformas institucionais despertam para cidades mais justas e responsivas às demandas sociais, que possibilitam movimentos sociais e incentivam uma crescente participação cidadã na vida pública. Em 1980, as mudanças do cenário político brasileiro deram um pequeno passo rumo à democracia, inclusão social, heterogeneidade e ao pluralismo que, regulamentados na atualização da legislação nacional, incluíram as cidades brasileiras em uma nova era de desenvolvimento urbano. Alinhados a este propósito, os brasileiros acreditaram que o novo modelo urbanístico poderia acelerar alguns avanços sociais de desenvolvimento humano com o objetivo de qualificar os espaços urbanos (DEL RIO e SIEMBIEDA, 2015).

Ao ser problematizado o planejamento das cidades brasileiras, a reforma política refletia o novo modo de pensar, ensinar e pôr em prática o urbanismo e a arquitetura. Significativos avanços foram realizados em debates acadêmicos sobre

urbanização e, dentre eles, pode-se citar a criação da *Associação Nacional de Pesquisas e Estudos de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional* (Anpur), no ano de 1983 (DEL RIO e SIEMBIEDA, 2015). Avanços no sentido democrático de se pensar as cidades foram reconhecidos e legitimados através do amparo das novas leis, estatutos e decretos. Enfatiza-se a criação do *Estatuto da Cidade*, em 2001 (VAZ e PEREIRA, 2010).

O processo de democratização da sociedade brasileira segue até os dias atuais e apresenta ações do governo que buscam promover conveniências públicas, sociais e culturais a todos os cidadãos. Foi assim que o acelerado processo de envelhecimento da população acarretou na conquista por maior espaço político disponível aos idosos. (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007). No Brasil, apresentam-se duas leis primordiais de amparo ao idoso dispostas pelo Congresso Nacional: a *política nacional do idoso* (lei nº 8.842), de 04 de janeiro de 1994, e o *Estatuto do Idoso* (lei nº 10.741), de 1º de outubro de 2003 (BRASIL, 1994; BRASIL, 2003; SATIRO, 2014).

A *política nacional do idoso* visa lhe assegurar os direitos sociais e as condições necessárias para a promoção da sua independência e participação social através de diretrizes que, além de outras metas, viabilizam novas formas de interação e convívio do idoso com as demais gerações e apoiam pesquisas que abordam a temática do envelhecimento. Considera idoso todo o cidadão pós-sexagenário e atribui aos órgãos e entidades públicas, na área do urbanismo, o dever de diminuir barreiras arquitetônicas e urbanísticas (BRASIL, 1994).

Posteriormente, o *Estatuto do Idoso* veio assegurar a esta parcela da população os direitos fundamentais para a preservação de sua integridade física, psíquica e moral, para a proteção de sua imagem, identidade, autonomia, valores e ideias, em situação de liberdade e dignidade. Assim como a *política nacional*, considera idoso todo o cidadão com 60 anos de idade ou mais (BRASIL, 2003).

Outra iniciativa da Presidência, organizada pela Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, refere-se à publicação do *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*: documentos e textos elaborados na *II Assembleia Mundial sobre o*

Envelhecimento, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Madri, Espanha, no ano de 2002. Este plano apresenta importantes referenciais para orientar ações que visam combater a discriminação, a negligência e os maus tratos aos idosos. Dentre outros objetivos, o documento busca: (i) reconhecer as contribuições sociais, culturais, econômicas e políticas do idoso, (ii) incluir o pós-sexagenário nos processos de tomada de decisão da sociedade, (iii) proporcionar que o envelhecimento aconteça na comunidade em que o indivíduo viveu e (iv) promover a independência do idoso através de projetos ambientais e residenciais acessíveis (ONU, 2002).

Em 2008, a OMS apresentou o *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*, onde realizou múltiplas abordagens sobre o envelhecimento populacional, ao propor temas como: saúde da população urbana, planejamento de cidades, qualidade de vida e participação comunitária. Recentemente, a OMS publicou o resumo do *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*, onde analisou o conhecimento atual das áreas da saúde e do envelhecimento e apresentou estratégias para debates e ações que devem ser adaptadas à realidade de cada país (OMS, 2015).

A longa retrospectiva das leis estaduais, aprovadas pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, legitimou a participação política e a proteção social do idoso ao aprovar as seguintes propostas:

- a. Em 1992: a lei 9.796 determina o atendimento prioritário aos idosos e dos demais portadores de necessidades especiais (PNE's) em estabelecimentos comerciais e hospitalares (RIO GRANDE DO SUL, 1992);
- b. Em 2000: a lei 11.497 institui o *Programa de Assistência ao Idoso* para assegurar-lhes melhor qualidade de vida (RIO GRANDE DO SUL, 2000a); e a lei 11.517 institui a *Política Estadual do Idoso* que lhe garante autonomia, integração e participação na sociedade (RIO GRANDE DO SUL, 2000b);
- c. Em 2004: a lei 12.132 obriga centros comerciais a disponibilizar, de forma gratuita, cadeiras de rodas aos idosos e outras pessoas PNE's (RIO GRANDE DO SUL, 2004);

- d. Em 2006: a lei 12.599 disponibiliza estabelecimento para a permanência diurna de idosos, destinado àqueles pós-sexagenários que não dispõe de responsáveis para acompanhá-los, através do *Programa Centro Dia para Idosos* (RIO GRANDE DO SUL, 2006a); e o decreto 44.655 determina que a *Política Estadual do Idoso* deverá ser desenvolvida por entidades estaduais e municipais (RIO GRANDE DO SUL, 2006b);
- e. Em 2008: a lei 12.885 determina que estabelecimentos bancários devam oferecer, no andar térreo de suas agências, caixas para uso preferencial de idosos e demais PNE's (RIO GRANDE DO SUL, 2008a); a lei 13.017 dispõe o Sistema Estadual de habitação de Interesse Social (SEHIS) que atribui quotas para idosos, outros PNE's e famílias chefiadas por mulheres (RIO GRANDE DO SUL, 2008b); e a lei 13.105 determina a concessão de meia-entrada a idosos e estudantes em eventos de incentivo à cultura (RIO GRANDE DO SUL, 2008c);
- f. Em 2009: a lei 13.262 decreta que 5% das vagas veiculares de estacionamento públicos e privados devem ser disponibilizadas aos idosos, gratuitamente e em local de fácil acesso (RIO GRANDE DO SUL, 2009a); a lei 13.300 assegura acesso preferencial a idosos e demais PNE's em eventos culturais e desportivos (RIO GRANDE DO SUL, 2009b); e a lei 13.320 legitima o idoso como PNE, atribuindo-lhe direitos e benefícios que minimizam suas necessidades especiais (RIO GRANDE DO SUL, 2009c);
- g. Em 2010: a lei 13.394 institui a *Semana Estadual do Idoso* a realizar-se em setembro (RIO GRANDE DO SUL, 2010);
- h. Em 2012: a lei 14.039 aprova o *Programa Aluguel Social*, com prioridade de concessão aos idosos e demais PNE's (RIO GRANDE DO SUL, 2012);
- i. Em 2013: a lei 14.227 cria o *Programa de Oportunidades e Direitos* (POD) que assegura a alguns grupos sociais, incluso aos idosos, a realização dos direitos humanos (RIO GRANDE DO SUL, 2013a); a lei 14.254 aprova o *Conselho Estadual da Pessoa Idosa*, que fiscaliza as ações voltadas ao idoso (RIO GRANDE DO SUL, 2013b); e o decreto 51.101 cria o *Centro de Direitos da Pessoa Idosa*, que visa orientar os cidadãos a respeito dos direitos atribuídos ao idoso (RIO GRANDE DO SUL, 2013c);

- j. Em 2014: a lei 14.560 institui o *Mês de Proteção à Criança e ao Adolescente, e de Atenção ao Idoso*, a realizar-se em outubro (RIO GRANDE DO SUL, 2014a); e o decreto 52.134 cria a *Delegacia de Proteção ao Idoso* (RIO GRANDE DO SUL, 2014b);
- k. Em 2015: a lei 14.684 destina 5% das novas unidades habitacionais populares, oriundas do Governo do Estado aos idosos (RIO GRANDE DO SUL, 2015);

O levantamento documental referente à cidade de Pelotas revela a aprovação de três iniciativas locais, são elas: (i) a lei 4.963, de 2003, cria o *Conselho Municipal do Idoso* que visa garantir que se cumpra a *Política Estadual do Idoso* (PELOTAS, 2003), (ii) a lei 6.111, de 2014, institui a *Semana Municipal do Idoso* para a primeira semana de outubro, com a finalidade de discutir assuntos pertinentes aos idosos (PELOTAS, 2014a) e, por fim, (iii) a resolução 05, de 2014, cria o *Parlamento do Idoso* a fim de “possibilitar aos idosos a compreensão e a vivência do processo legislativo por meio da participação em jornada parlamentar, com diplomação e exercício do mandato” (PELOTAS, 2014b, p. 1).

Registrada a inclusão e proteção do idoso através do processo legislativo nas esferas nacional, estadual e municipal, adentrar-se-ão às questões do envelhecimento populacional que são pertinentes a esta pesquisa: o envelhecimento populacional, o estilo de vida do idoso urbano e o comprometimento cognitivo nos pós-sexagenários.

2.2.2 Teoria da transição demográfica

Identificados através da análise de dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas (ONU), os processos de expansão demográfica e de envelhecimento populacional apresentam-se como um problema de gestão urbana do século XXI e simbolizam o auge do desenvolvimento humano (ONU, 2002; OMS, 2008; IBGE, 2010; SATIRO, 2014).

Segundo a OMS (2008), durante a primeira década do século XXI, a população mundial residente em áreas urbanizadas superou a quantidade de moradores dos ambientes rurais. No mesmo recorte temporal, as cidades com população superior a 10 milhões de habitantes passaram de duas para vinte unidades e atingiram a marca de 9% da população mundial. Atenta-se que o crescimento populacional se dará de forma mais intensa em países como o Brasil, em estado de desenvolvimento.

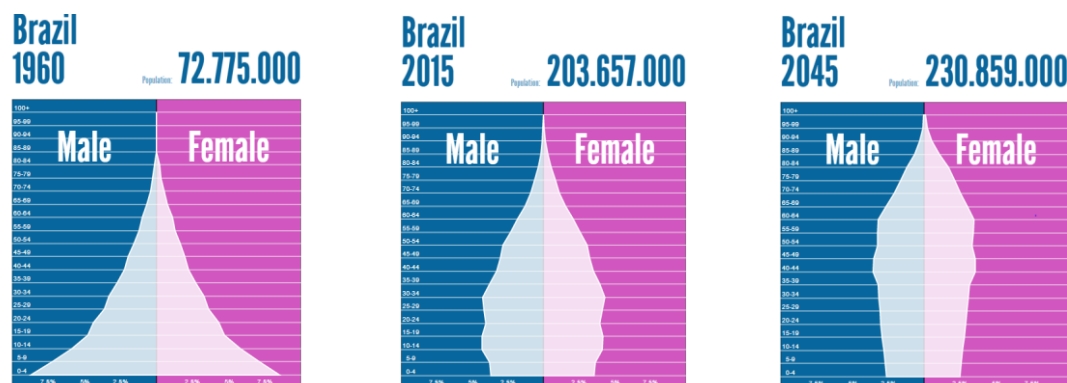
Se os idosos representavam uma pequena fatia da população mundial até o século passado, este quadro foi alterado após avanços significativos na área da saúde (MACEDO et al., 2008). Assim, simultâneo à expansão demográfica urbana, registra-se a transição demográfica, caracterizada pelo aumento da expectativa de vida e da queda das taxas de natalidade (ESPEJO et al., 1997; REYES-ORTIZ, 2006; LEBRÃO, 2007; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007), onde o envelhecimento da população mundial dobrará sua representatividade global entre os anos de 2006 e 2050, quando passará de 11% para 22% do total de habitantes da terra e, pela primeira vez, o número de idosos será superior ao número de crianças com até 14 anos de idade. Nesta perspectiva, os países em desenvolvimento enfrentam o aumento do número de idosos que, em 1998, aproximava-se de 56 milhões, em 2050 acredita-se que ultrapassará a quantia de 908 milhões (OMS, 2008). Em 2002, a ONU (2002) ampliou o debate mundial ao publicar o relatório *World Population Ageing: 1950-2050*, com o propósito de disponibilizar dados demográficos consistentes. Nele, relata que a humanidade triplicou o número de idosos no decorrer dos últimos cinquenta anos e que, para os próximos cinquenta, a razão triplicará novamente (SATIRO, 2014).

Em um cenário otimista, os países desenvolvidos enfrentam as questões referentes ao envelhecimento populacional após seu desenvolvimento tecnológico e enriquecimento financeiro. Porém, nos países em desenvolvimento, onde o processo de envelhecimento se dá antes do desenvolvimento pleno da economia e é encarado com surpresa e desconhecimento. O resultado esperado para os próximos anos é a rápida superação do número de idosos quando comparado ao número de crianças menores que cinco anos de idade, onde 80% dos idosos do planeta habitarão países menos desenvolvidos ou em desenvolvimento (SATIRO, 2014).

Os números extraídos da retrospectiva e expectativa nacionais não se distanciam dos dados mundiais. Para o ano de 2025, está previsto que a parcela pós-sexagenária brasileira dobre sua participação, quando possivelmente registrará 32 milhões de indivíduos, 14% dos habitantes totais, e levará o Brasil à posição de sexto país com maior número de idosos. Assim como, para o ano de 2050 é esperada uma população brasileira de 260 milhões de pessoas com uma expectativa de vida de 81,29 anos, superior a expectativa de se viver somente 72,7 anos em 2008 (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007; FERREIRA et al., 2010; CUNHA et al., 2012). Na trajetória a ser desenhada até 2034, o Brasil deverá enfrentar um número maior de pessoas idosas do que de indivíduos produtivos (SATIRO, 2014), visto que seu contingente anual acrescenta uma média de 650 mil indivíduos que deixam de pertencer à faixa etária adulta e tornam-se idosos (FRIED et al., 2004). Tais dados são explicitados na alteração do perfil da pirâmide etária brasileira, evidenciada através das pirâmides dos anos de 1960, 2015 e da estimativa para o ano de 2045 (Figura 4).

Os registros demográficos do Rio Grande do Sul evidenciam que a população idosa duplicou neste século e, em 2017, supera 1,30 milhões de indivíduos, 11,53% dos gaúchos. Este número elenca o estado como o quarto maior em população pós-sexagenária do país. Calcula-se que os idosos serão 12% da população estadual até o ano de 2020, quando obterão a razão de dois milhões de indivíduos e destes, quatrocentas mil serão moradores da região metropolitana de Porto Alegre (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007; IBGE, 2010; NAVARRO et al., 2015).

Figura 4: Pirâmides etárias brasileiras: 1960, 2015 e estimativa para 2045.



Fonte: Population Pyramid, disponível em: <http://populationpyramid.net/> e acessado em: 07/03/2017.

No censo realizado em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística identificou que Pelotas apresentava, naquela ocasião, um contingente de 46 mil idosos, o que correspondia a 14% do total da população municipal (IBGE, 2010), porcentagem superior à obtida pelos levantamentos numéricos do estado gaúcho.

Logo, a retrospectiva e as expectativas aqui citadas despertam a preocupação com os ônus do envelhecimento populacional e, principalmente, com os idosos em si, como grupo social diferenciado e carente de *idades amigas do idoso*: cidades que apresentem soluções que os acolham de forma ativa, independente e saudável (FERREIRA et al., 2010; CUNHA et al., 2012; GONZÁLES e TOPETE, 2016).

2.2.3 Estilo de vida do idoso urbano

Após registrar o acelerado processo de envelhecimento populacional que avança sobre o despreparo das nações em resolver situações de exclusão social dos idosos, torna-se essencial reconhecer o perfil do idoso que habita o espaço urbano. Desconstruir estereótipos, apontar diversidades e relatar alterações físicas e comportamentais envolvem a procura por uma perspectiva que viabiliza a elaboração de recomendações comprometidas em resolver entraves atuais de uma população real (OMS, 2015).

Estereótipos ultrapassados são utilizados por pessoas que, em situações de discriminação, rotulam e fragilizam a imagem do idoso como grupo de pessoas dependentes e fardos sociais (OMS, 2015). As mulheres idosas são jugadas como frágeis e desconsideram-se suas qualidades humanas e contribuições sociais (ONU, 2002). Esta visão negativa sobre as senhoras ignora e mascara o verdadeiro perfil do grupo sexual predominante na terceira idade (LEITE et al., 2012).

O estilo de vida do idoso será caracterizado, nesta pesquisa, como o conjunto de valores, padrões comportamentais, atitudes desenvolvidas em áreas públicas e aspirações relatadas pelo grupo social. Entretanto, são os valores culturais, ou *significados étnicos*, que servem de base para a compreensão dos padrões de

conduta. Através do reconhecimento de seus valores, o planejador identifica o estilo de vida dos idosos, o que rejeitam e aceitam (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007).

Biologicamente, o envelhecimento normal pode ser compreendido como os danos moleculares e celulares que afetam o corpo humano. Com o envelhecimento físico, tais danos culminam em alterações fisiológicas, aumento do risco da contração de patologias e é identificado o declínio das capacidades físicas e mentais (FERREIRA et al., 2010; SATIRO, 2014; OMS, 2015; GONZÁLEZ e TOPETE, 2016). O quadro de perdas e limitações colabora para que, nas auto-avaliações, sejam identificados relatos de exclusão social, afastamento familiar, insatisfação, desinteresse de viver, redução da prática de atividades físicas, dores e cansaço. A combinação destes itens com a redução da independência física e financeira aumenta o índice de depressão na terceira idade. (BATISTONI e NERI, 2007). A pesquisa realizada com pessoas maiores de 65 anos, moradores de João Pessoa, na Paraíba, apontou que 3,4% da amostra está em situação de depressão. Esta proporção ultrapassa a média internacional, de 2% da população sênior (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007).

Exposta a situações de pobreza e isolamento, a mulher idosa apresenta maior institucionalização, maior índice de morbidade, utiliza mais os serviços de saúde e, por possuir expectativa de vida maior, está mais sujeita à viuvez. Na contra mão dos aspectos negativos do envelhecimento, avanços na área da saúde e a diminuição da incidência de doenças transmissíveis influenciam no aumento da expectativa de vida de ambos os sexos que, por sua vez, faz aumentar o número de idosos nas cidades. Supõe-se que os idosos de hoje sejam mais saudáveis quando comparados a seus patriarcas e que, proporcionalmente aos anos que se tem a mais de vida, os idosos de setenta anos deveriam substituir a figura emblemática dos idosos de sessenta. Arrisca-se dizer que a capacidade física e mental de alguns idosos com mais de oitenta anos equivale-se a de pessoas com apenas vinte anos de idade (LEITE et al., 2012; OMS, 2015).

Em pesquisa realizada na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com 233 idosos, identificou-se que a prática regular de exercícios, de três vezes ou mais por semana, compõe o estilo de vida dos pós-sexagenários que moram nas capitais

metropolitanas do Brasil (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007). Observações similares foram realizadas em João Pessoa, onde os autores destacaram que atividades de lazer e esportivas, praticadas de forma individual ou em redes sociais maiores (bailes, grupos de oração e viagens turísticas) fazem parte dos hábitos do idoso urbano. As atividades físicas mais recorrentes na rotina dos avaliados envolvem caminhada, alongamento e ginástica; as atividades sociais identificadas foram jogar e conversar. Observou-se que os idosos preferem interagir em espaços urbanos com baixo fluxo de automóveis porque, dentre outros ganhos, é menor o nível de ruído sonoro, tão prejudicial à boa comunicação entre os indivíduos (CUNHA et al., 2012). Por fim, outra pesquisa realizada com 20 idosos do estado do Rio Grande do Sul indica que grande parte deste grupo realiza a prática de atividades físicas com regularidade (64,7%), não fumam (81,2%) e não consomem bebidas alcoólicas (61,2%) (LEITE et al., 2012).

Estas pesquisas demonstram a perspectiva de um envelhecimento ativo nas áreas urbanas e revelam a inserção social dos idosos na comunidade, acompanhada da sua integralidade física e do seu equilíbrio bio-psicossocial que, por maiores que sejam as consequências da idade avançada, ainda se mostram capazes de desenvolver seus potenciais (FERREIRA et al., 2010).

2.2.4 Cognição na terceira idade

Compreendido o estilo de vida do idoso urbano, buscar-se-á responder perguntas referentes à cognição na terceira idade. Acredita-se que, ao antecipar as limitações físicas do idoso, a metodologia será aplicada de forma mais sensível e compreensiva e, assim, irá ao encontro dos pré-requisitos éticos do trabalho com seres humanos.

Nesta pesquisa, adota-se o conceito de cognição como:

(...) um conjunto de capacidades mentais relacionadas à aquisição, ao processamento, à compreensão e ao armazenamento de informações, bem como à seleção, inibição e emissão de respostas relacionadas à solução de problemas do cotidiano (IZQUIERDO et al., 2015, p. 10).

Assim, as alterações neuropsicológicas apresentadas pelos pós-sexagenários (déficits cognitivos e comunicativos, mudanças na memória, no raciocínio, etc.) modificam sua relação com seu próprio corpo, com outros humanos, com o ambiente e com o tempo (ROSA NETO et al., 2005; FORONI e SANTOS, 2012; LEITE et al., 2012; IZQUIERDO et al., 2015). Com o passar dos anos, há queda de velocidade no processamento de informações em atividades de leitura, compreensão e memorização (SOUZA et al., 2010). Estas observações são confirmadas através da análise das informações adquiridas com idosos, que alegaram perceber quedas acentuadas de memória, força física (motricidade grossa e fina), visão e concentração (AMARO, JOHANN e MEIRA, 2007).

A cognição humana é fortemente influenciada por fatores pessoais como: idade, gênero sexual, nível escolar, classe social e nível ocupacional (lazer, atividades físicas, etc.). Pesquisas comprovam que a capacidade cognitiva do ser humano apresenta declínio a contar dos sessenta anos de idade e que esta queda se intensifica a partir dos oitenta anos. Além disto, o déficit cognitivo dos idosos com maior nível de escolaridade apresenta-se inferior ao déficit daqueles indivíduos com baixa escolaridade. Igualmente acontece com a classe social, onde senhores com renda superior apresentam melhores resultados cognitivos. Inúmeras pesquisas demonstram que quanto maior o tempo de estímulo físico e mental o idoso estiver submetido, sua cognição será menos afetada. Neste tempo incluem-se atividades de vida diária profissionais, sociais, de lazer, religiosas, esportivas, etc. (COELHO et al., 2009; SOUZA et al., 2010; FORONI e SANTOS, 2012; LEITE et al., 2012)

Prever e atentar-se às dificuldades que as pessoas mais idosas, pertencentes a classes sociais desfavorecidas, que desfrutaram de poucos anos educacionais e que realizam poucas atividades de vida diária é somente um alerta para auxiliar o atendimento dos idosos com probabilidade de déficits superiores de cognição e de comunicação. Porém, também é preciso atentar às modificações cognitivas do envelhecimento celular que limitam os sentidos humanos (TUAN, 2012).

Além disto, destaca-se que as questões biológicas do envelhecimento humano interferem diretamente no modo com que os indivíduos mais velhos vêem e percebem o mundo a sua volta. Referente à visão, os idosos tendem a registrar melhor os

elementos que visualizam através de receptores periféricos, que passam a se movimentar mais; a cor violeta passa a ser menos percebida no final do espectro e as imagens tornam-se mais acinzentadas. Há o declínio da audição para sons de alta frequência, onde um jovem percebe sons de 20.000 ciclos por segundo, idosos não percebem mais que 10.000 ciclos por segundo. Com o declínio de ambos os sentidos, as informações do entorno se encolhem e a vida parece estática (TUAN, 2012). Por fim, este quadro de perdas tornasse ainda mais grave ao compreender que “A perda da cognição ou incapacidade cognitiva é, portanto, o desaparecimento da identidade do indivíduo” (IZQUIERDO et al, 2015, p. 10),

Após o registro das informações relativas às influências ambientais e biológicas na capacidade de cognição e comunicação dos idosos, destaca-se que a realidade brasileira, tão carente de amparos econômicos e educacionais aos seus filhos mais velhos, também lhes renega amparo social e psicológico: quatro fatores primordiais à qualidade cognitiva estudada (FORONI e SANTOS, 2012).

2.2.5 Memória na terceira idade

Pesquisas desenvolvidas na área da saúde apontam que, juntamente com o envelhecimento do corpo humano, ocorre a perda neural, onde há a diminuição do peso e do volume do cérebro (IZQUIERDO et al, 2015). Esta redução de massa encefálica, como uma via de mão dupla, compromete e é comprometida pelas conexões que, por sua vez, são responsáveis pelas capacidades de perceber, atribuir sentido ao que é percebido e agir conforme tais informações (HERMAN, 2016).

Com isso, apontam-se danos em três atividades distintas do cérebro: (i) ocorre a diminuição da velocidade da transmissão neural, (ii) o idoso passa a ter dificuldade para evocar lembranças, principalmente aquelas que compõe o subsistema das memórias de curto prazo e, conseqüentemente, (iii) diminui sua capacidade de reter novas informações (FERREIRA, 2002; IZQUIERDO et al, 2015; HERMAN, 2016).

Ao considerar tais fatos, defende-se que debater “o papel da memória no processo de envelhecimento significa abordar o locus privilegiado de construção da identidade social do ser velho, as estratégias de afirmação no mundo vivido” (FERREIRA, 2002, p. 52). A autora observa que a lembrança, como memória atualizada, é a representação de vida que contribui para o fortalecimento dos sentimentos de individualidade e de personalidade, necessários para a manutenção da identidade das pessoas.

Logo, este debate será ampliado a dois dos seguimentos que o tema da memória em indivíduos pós-sexagenários oferece. Primeiramente, será relatado o papel do idoso como a memória do grupo social, visto que a identidade coletiva está fortemente atrelada à manutenção das tradições e que estas, por sua vez, são influenciadas pela sedimentação de imagens do passado. Posteriormente, serão descritas as influências que a busca por significados para o momento presente, os mecanismos de fuga e o isolamento social acarretam na evocação das lembranças.

2.2.5.1 O idoso como a memória do grupo social

Ao considerar que o idoso de hoje, ontem foi o adulto e que, nesta lógica cíclica, o adulto de hoje, futuramente será o idoso, há que atentar-se que cada geração tem, do seu lugar, a memória de fatos e cenários que são os nós de sua história (BOSI, 2014). Complementa-se: nesta mudança ininterrupta de gerações, a contar da evocação de histórias através do discurso dos idosos, remete-se a um passado puro, esculpido sob o olhar de quem o viveu (ASSMANN, 2011).

Os autores supracitados neste subitem convergem suas conclusões. Correa e França (2006), Assmann (2011) e Bosi (2014) defendem que, quando o elo comunicador se apaga, com ele apagam-se possibilidades de relatos capazes de consolidar tradições, de resgatar aprendizados e agregar qualidade aos fatos históricos. Disto provém a importância da comunicação entre os membros da coletividade: ela é a base para a preservação da memória social. Além disto, é a memória do grupo sênior que condensa a cultura e que faz crescer, junto dela, o pesquisador e a sociedade.

Logo, surge o seguinte questionamento: “Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos” (ASSMANN, 2011, p. 200)? Entretanto, a sociedade atual, habituada à valorização da aceleração das tarefas diárias e despreocupada em criar situações de escuta nas quais o idoso seja convidado à narrativa, reduz demasiadamente os momentos dedicados a esta atividade social (CORREA e FRANÇA, 2006).

Sugere-se, a fim de evitar o vazio causado pela ausência de relatos, “criar situações nas quais essas histórias, as experiências vividas, sejam relembradas, ressignificadas e contadas para os outros” (CORREA e FRANÇA, 2006, p. 07).

2.2.5.2 O idoso e as influências que recaem sob o seu processo de evocar lembranças

A evocação das lembranças se dá com maior relevância na terceira idade e é fortemente influenciada pela necessidade de atribuir sentido ao tempo presente, pelo mecanismo de fuga e pela possibilidade de isolamento social (FERREIRA, 2002).

Destaca-se que, somado ao fato de o idoso possuir um grande leque de lembranças quando comparado ao de outras pessoas, este dispõe de um maior tempo livre também colabora para que a evocação ocorra com maior destaque na terceira idade. Este tempo ocioso, recorrentemente preenchido pela tarefa de recordar, é uma consequência do atual modelo de vida da sociedade onde, após ter cumprido o seu papel social, o indivíduo é afastado ou se afasta de suas atividades produtivas e intelectuais (FERREIRA, 2002; CORREA e FRANÇA, 2006; ASSMANN, 2011; IZQUIERDO et al, 2015).

Atrair a evocação do passado à projeção futura que espelha a morte enfatiza a atividade de recordar porque, na sentença de expansão do tempo livre, o idoso passa a utilizar o exercício de reorganizar o passado como meio para conferir sentido

ao presente. É assim que os idosos, “embora conscientes do final próximo, procuram, no entanto, posterga-lo” (FERREIRA, 2002, p. 56).

Entretanto, nem sempre há busca por significação do presente através do resgate do passado. É comum que o idoso procure o inverso ao utilizar suas recordações a fim de obscurecer a realidade que enfrenta. Nesta ação, compreendida como um mecanismo de fuga e que pode ocorrer de forma inconsciente, o indivíduo ignora o presente e se reporta a um passado idealizado, no qual se percebe feliz e realizado (FERREIRA, 2002).

Acrescenta-se que, da mesma forma que a evocação da memória é intensificada pela necessidade de atribuir sentido ao tempo presente e de ignorar a condição de vida atual, ela também ganha ênfase através do isolamento social. Este fato ocorre quando há a interrupção das redes de sociabilidade, como grupos familiares, da vizinhança e do trabalho (BARROS, 1999; FERREIRA, 2002).

Dentre estas, a categoria trabalho é identificada como um pilar recorrentemente utilizado pelos idosos para estruturar o mapeamento que fazem de suas trajetórias (BARROS, 1999). Percebe-se que “Reviver o tempo do trabalho é, para alguns idosos, reconstruir sua imagem social, uma vez que é através deste que suas identidades se articulam. Para outros, no entanto, essa lembrança traduz-se em noções de sacrifício” (FERREIRA, 2002, p. 64).

Ao analisar as questões que influenciam diretamente na intensidade com que as recordações são evocadas na terceira idade, percebe-se que, ainda maior do que o sentimento de nostalgia que deriva desta menção ao passado idílico, o que surge em grau exponencial é o sentimento de medo. Medo atribuído ao tempo de desagregação pelo qual passam porque, neste momento, surge uma maior probabilidade de esquecimento dos elementos e fatos que compõe sua identidade social (FERREIRA, 2002; IZQUIERDO et al, 2015).

Após a aproximação das características gerais, físicas, comportamentais e de evocação da memória, o próximo item abordará o tema do idoso inserido no ambiente construído. Para isso, iniciará com uma breve explicação sobre como este tema é

abordado através da gerontologia ambiental para que, posteriormente, adentre-se na área do conhecimento que busca estimular a requalificação das áreas urbanas para que se construam cidades amigas do idoso. Por fim, ao compreender que o urbanista deve considerar a memória deste grupo de pessoas quando há o interesse de construir cidades amigas do idoso, será abordado o processo de evocação das lembranças que este interioriza da cidade.

2.3 O idoso e o ambiente construído

Para o enriquecimento desta temática, principalmente na elaboração do segundo subitem, contou-se com a extensa colaboração dos conhecimentos apresentados pela Organização Mundial da Saúde, no que diz respeito ao envelhecimento ativo e saudável da população mundial (OMS, 2008).

2.3.1 Gerontologia ambiental

A gerontologia é uma área interdisciplinar que estuda e explica as mudanças causadas no processo de envelhecimento humano, que afeta as relações biológicas, psicológicas e sociais. A gerontologia ambiental nasceu de abordagens gerontológicas, com a publicação de Kleimeer, em *Handbook of Aging and the Individual: Psychological and Biological Aspects*, em 1959, com a pretensão de compreender as relações existentes entre o comportamento do idoso e o contexto espacial onde está inserido (TOMASINI, 2004; SATIRO, 2014).

As atuações de trabalho da gerontologia ambiental delimitam-se aos seguintes aspectos: (i) projetos de habitação para idosos, ao estudar os padrões habitacionais, as propriedades, o tempo de moradia e a satisfação pessoal; (ii) o impacto causado pelas mudanças no lar, ao apontar modelos teóricos e diretrizes necessárias às reformas das habitações dos idosos não institucionalizados e para qualificar as acomodações oferecidas nas instituições de longa permanência e, a exemplo desta pesquisa, (iii) o lugar do envelhecimento, ao possibilitar o debate sobre o papel da

vizinhança, como ambiente construído e percebido, a partir de uma perspectiva social e política (TOMASINI, 2004).

Na gerontologia ambiental, inúmeros modelos teóricos são desenvolvidos com o objetivo de explicar como o comportamento do idoso é afetado pelas características do ambiente construído, onde se destacam o *modelo ecológico* e o *modelo de congruência*. Os dois modelos compartilham a premissa de que o espaço urbano tem o dever de atenuar as dificuldades apresentadas pelos idosos e, com isso, possibilitar que tenham vidas independentes e satisfatórias (TOMASINI, 2004; SATIRO, 2014).

O *modelo ecológico* procura compreender a relação do idoso com o lugar de vivência através da sobreposição da proposta de *docilidade do ambiente* à proposta de *ambiente pró-ativo*. A *docilidade do ambiente* é alcançada quando são instalados equipamento de proteção e acessibilidade que permitam que o local seja acessado por idosos com variados déficits físicos e sociais. O *ambiente pró-ativo* estimula que a capacidade de locomoção seja utilizada pelos idosos para suas práticas diárias. Juntas, as propostas sugerem que o ambiente deve favorecer a manutenção da rede de relações do idoso com a vizinhança e que este processo contínuo deve resultar em experiências satisfatórias (TOMASINI, 2004; SATIRO, 2014).

Entretanto, ao analisar o *modelo ecológico*, compreende-se que, por mais que o espaço deva compensar as limitações apresentadas na terceira idade, ele se torna tão prejudicial quanto o ambiente desprovido de acessibilidade quando “faz tudo” para o usuário e, assim, torna-o dependente de suas conveniências e praticidades (TOMASINI, 2004).

Inspirados no *modelo ecológico* de Lawton, Carp e Carp propuseram o *modelo de congruência*, apresentado à comunidade científica em duas partes que se diferenciam de acordo com o nível de congruência estabelecido entre o usuário idoso e o ambiente construído. A primeira parte deste modelo analisa as competências pessoais e identifica as características do ambiente (recursos e barreiras) importantes para a realização de tarefas diárias, onde a congruência representa o grau de complementaridade que o *lugar* (variável 01) oferece ao *usuário* (variável 02) para que ele possa realizar suas atividades de maneira independente e segura. A segunda

parte do modelo aborda as necessidades de ordem superior e, como na primeira parte, analisa as características do lugar. Neste momento, a congruência corresponde à semelhança entre as necessidades especiais do cidadão e o amparo proporcionado pelo ambiente (TOMASINI, 2004).

Conclui-se que o *modelo de congruência* relaciona as sensações de bem-estar, independência e autonomia às vantagens que os equipamentos urbanos proporcionam ao idoso, por ampliarem sua área de alcance e permitirem que realize suas atividades. Estas três sensações criam o tripé desejado pela gerontologia ambiental e a sua obtenção depende diretamente das condições de planejamento, projeto e execução do ambiente urbano (SATIRO, 2014; TOMASINI, 2004).

Portanto, os profissionais envolvidos nas questões urbanísticas devem identificar as barreiras existentes nos ambientes externos e incluir estratégias que estimulam a apropriação pelo usuário. Manutenções desta natureza viabilizam o envelhecimento bem-sucedido ao proporcionar sentimentos e atividades inusitadas, onde a curiosidade às futuras descobertas impulsiona a vontade de viver. Neste contexto, o MIT AgeLab⁶, grupo formado por pesquisadores de urbanismo dos estados Unidos, vestiu voluntários com macacões que limitam o desempenho físico em similitude aos humanos de 75 anos de idade, com o intuito de compreender como as barreiras urbanas interferem na realidade dos idosos (SATIRO, 2014).

Outra pesquisa que representa os inúmeros estudos da gerontologia ambiental foi realizada no ano de 2008 e contou com uma amostra de 340 participantes (169 homens e 171 mulheres), todos moradores de Brasília e Natal. Através de uma entrevista semi-estruturada, os participantes elencaram seus lugares favoritos e evitados, assim como os motivos que levam a tais escolhas. Os idosos manifestaram que preferem os ambientes que facilitam a interação social quando se sentem alegres e que evitam estes lugares quando apresentam humor negativo. Concluiu-se que os lugares de preferência são influenciados pela história de vida do idoso, por sua interação espacial, pela qualidade desta interação e pelos afetos estabelecidos com o lugar. Tais afetos exercem um papel primordial na relação do idoso com a sociedade e na manutenção do seu desempenho cognitivo, da sua saúde mental e da sua capacidade física (MACEDO et al., 2008).

Por fim, evidencia-se que os aspectos físicos do ambiente são capazes de determinar o estilo de vida, potencializar o sentimento de satisfação por viver e preservar a funcionalidade e autonomia no dia-a-dia do idoso urbano (TOMASINI, 2004). A OMS (2008) demonstra sua preocupação na construção de cidades que apresentem estes aspectos através da publicação do *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*. Para sua elaboração, entre os anos de 2006 e 2007, foram desenvolvidas atividades em grupos com pessoas maiores de sessenta anos, onde se totalizou a participação de 1.485 voluntários de classe média e baixa, distribuídos em 35 cidades de países desenvolvidos e em desenvolvimento de todos os continentes.

No Guia global, a OMS (2008) introduz o termo *cidades amigas do idoso* como aquelas que promovem a inclusão participativa e independente dos pós-sexagenários, através da oferta de estruturas e serviços adaptados as suas limitações. Logo, a cidade amiga do idoso é o tema a ser retratado no próximo item.

2.3.2 Cidade amiga do idoso

A OMS (2008) define as cidades como berços de novas ideias, produtos e serviços, que concentram atividades culturais, sociais e políticas e que precisam proporcionar estruturas e serviços a favor do bem-estar e da acessibilidade para que sejam consideradas: sustentáveis, democráticas e responsivas. Quando assim são planejadas, fomentam as atividades de vida cotidiana e de recreação aos seus usuários mais velhos. Além disto, o ambiente torna-se democrático, possibilita a coexistência e o intercâmbio de experiências e estimula a solidariedade entre os cidadãos de todas as faixas etárias (GONZÁLEZ e TOPETE, 2016).

As cidades democráticas podem ser planejadas através dos princípios estipulados para cidades amigas do idoso ao estimular o envelhecimento ativo, otimizar o acesso à saúde, à inclusão social e à segurança e, com isso, proporcionar qualidade de vida à terceira idade. Em suma, o pilar central para a obtenção de cidades amigas do idoso é a busca pelo envelhecimento ativo e saudável (OMS, 2008; NAVARRO et al., 2015). Na América Latina, as implicações sociais e espaciais ao

envelhecimento ativo no lugar de vivência é pauta frequente dos debates que visam produzir conhecimento sobre como o ambiente construído pode proporcionar lugares de apoio às atividades dos idosos e, assim, requalificar as cidades para o usufruto de todos (GONZÁLEZ e TOPETE, 2016).

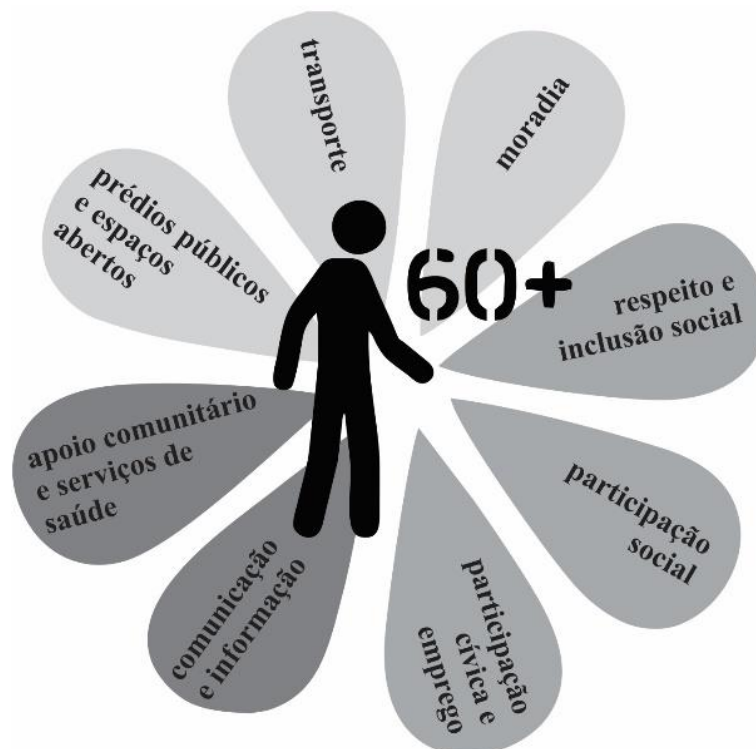
A requalificação urbana que atribui às cidades o título de amigas do idoso é uma necessidade urgente à promoção do bem-estar e à prosperidade ambiental para todas as pessoas. No processo natural da vida e da morte, todos caminham rumo à velhice e, assim, a cidade para o idoso é uma cidade para todos. Além disto, a cidade livre de barreiras aumenta a autonomia de todas as pessoas portadoras de necessidades especiais (PNE's); na cidade segura, as crianças, os jovens e as mulheres não se sentem vulneráveis ao realizar tarefas em áreas urbanas; a cidade amiga do idoso tranquiliza as famílias quando oferece aos mais velhos o apoio comunitário e de saúde e, por fim, a cidade que viabiliza a inclusão social do idoso vê sua economia beneficiada pelos consumidores que preserva (OMS, 2008).

No Guia Global, a OMS (2008) sintetiza que juntos, políticas públicas, prestação de serviços, ambientes responsivos e estruturas de apoio, beneficiam e viabilizam que as pessoas envelheçam ativamente por que:

- a. Valorizam o leque de contribuições e atributos prestados pelos idosos;
- b. Antecipam e amparam as limitações apresentadas na terceira idade;
- c. Respeitam as escolhas de vida e proporcionam autonomia aos idosos;
- d. Protegem o indivíduo quando ele se apresenta vulnerável e
- e. Promovem a inclusão dos mais velhos em todas esferas da sociedade.

Para que uma cidade seja considerada amiga do idoso, deve atender aos pré-requisitos apontados no Gui Global. Como as pétalas de uma flor, proposta no guia (Figura 5), os tópicos sugeridos vinculam-se a um propósito central: capacitar a autonomia da pessoa durante o processo de envelhecimento (OMS, 2008).

Figura 5: Quesitos pesquisados no projeto cidades amigas do idoso



Fonte: Guia Global do Idoso, adaptado pela autora, 2017.

Os primeiros pré-requisitos estudam os aspectos do ambiente construído que influenciam diretamente a mobilidade espacial do idoso, ao acarretar a diminuição dos riscos de criminalidade, quedas e lesões e estimular o convívio social. São eles: (i) *prédios públicos e espaços abertos*, (ii) *transporte* e (iii) *moradia* (OMS, 2008).

Os próximos itens atentam às características sociais e culturais do ambiente que estimulam a participação do idoso e o seu bem-estar psicológico: (iv) *respeito e inclusão social*, para avaliar o comportamento dos demais personagens da sociedade em relação ao idoso, (v) *participação social*, para identificar a presença do idoso em ações sociais, culturais, educacionais, espirituais e recreativas, e (vi) *participação cívica e emprego*, para compreender os determinantes econômicos na vida do idoso ativo e estudar suas possibilidades de trabalho voluntário e remunerado (OMS, 2008).

Por fim, o Guia Global apresenta tópicos para refletir as questões pertinentes ao ambiente social e às condições de saúde física e mental do idoso: (vii) *comunicação e informação* e (viii) *apoio comunitário e serviços de saúde*. Entretanto, os oito pré-requisitos que retratam a vida do idoso urbano se sobrepõe e inter-

relacionam como, por exemplo, a acessibilidade de *prédios e públicos e espaços abertos* proporcionam *respeito e inclusão social* ao ampliar as possibilidades de recreação, emprego e participação (OMS, 2008).

Enfatizar-se-ão os três aspectos que abordados no tema desta pesquisa: *participação social, respeito e inclusão social e prédios públicos e espaços abertos*. Ainda que *moradia* pareça um assunto pertinente a uma dissertação realizada na área da arquitetura e do urbanismo, estudá-la não reflete as questões de apropriação do espaço urbano.

2.3.2.1 Participação Social

A manutenção da saúde e do bem-estar na terceira idade está ligada às oportunidades de participação e suporte social, uma vez que permite que homens e mulheres exerçam sua autonomia, sejam respeitados e estabeleçam relações de amparo e afeição. Entretanto, os idosos percebem que, ainda que sejam oferecidas inúmeras atividades, sua capacidade de participação depende do acesso à divulgação desta demanda e da disponibilidade de meios de transporte adequados. Segundo a OMS (2008), a acessibilidade ampliada através da oferta destes meios de transporte é um importante aspecto a ser aderido pelos países em desenvolvimento e em transição econômica.

A participação social requer que os governantes da sociedade estejam atentos e apresentem soluções às questões levantadas pelo OMS (2008). São elas:

- a. *Oportunidades acessíveis* – os idosos entrevistados relataram que a segurança pessoal em atividades noturnas é um dos problemas que enfrentam. Os relatos incluíram a insatisfação com a realização de eventos em locais muito distantes e com transporte público insuficiente e/ou inadequado. Também se queixaram quanto à baixa acessibilidade dos prédios que, sem o cuidadoso planejamento que facilitar a entrada e a permanência dos idosos, sequer oferecem banheiros equipados.

- b. *Atividades financeiramente acessíveis* – a insatisfação com o preço a ser pago para participarem de atividades foi frequentemente citada, principalmente nos países em desenvolvimento econômico. Logo, o caráter gratuito e a cobrança de ingressos de baixo valor estimulam a presença do idoso.
- c. *Leque de oportunidades* – os centros das cidades oferecem variadas oportunidades de participação aos idosos de diferentes estilos de vida. Porém, os moradores dos demais bairros são contemplados por uma oferta menor de atrativos e àqueles que apresentam fragilidades e necessidades especiais, mínimas são as oportunidades de inclusão.
- d. *Divulgação das atividades e eventos* – a insatisfação com as estratégias de divulgação, ou com a ausência delas, foi identificada em inúmeros discursos. Os idosos alegaram que precisam ter conhecimento das ações para que delas possam desfrutar. Percebeu-se que os pós-sexagenários que frequentam reuniões religiosas e de outras naturezas recebem maior número de informações através do efeito boca-a-boca.
- e. *Estimular a participação e combater o isolamento* – o isolamento doméstico na terceira idade tem inúmeros motivos que variam de idoso a idoso. Porém, os relatos apontam para dois motivos que afetam grande parte da população: a redução dos contatos sociais, acelerada pelo falecimento do cônjuge e dos familiares próximos, e o declínio da saúde no processo natural do envelhecimento. Com isto, iniciativas que estimulam a inclusão social são importantes para romper a reclusão do idoso. Neste sentido, a OMS incentiva a oferta de atividades a realizarem-se nas vizinhanças onde os idosos vivem.
- f. *Integrando gerações, culturas e comunidades* – os idosos apontaram o desejo de socializar e de se integrarem, em suas vizinhanças e famílias, com os indivíduos das outras faixas etárias. Entende-se que as oportunidades intergeracionais são experiências positivas a toda sociedade: os mais velhos colaboram através das experiências adquiridas na prática de atividades tradicionais e os jovens aproximam os idosos das novas práticas e facilitam o processo de inclusão em um mundo que está permanentemente em mudança.

2.3.2.2 Respeito e Inclusão Social

Quando questionados sobre o respeito que recebem ou não da sociedade, muitos idosos exemplificaram situações de ambas as naturezas. Comumente, os idosos sentem que as pessoas os tratam com respeito, reconhecem seus valores e os incluem em suas atividades de vida diária. Porém, é no contato com a família e com os prestadores de serviço que é citada grande parte dos relatos de falta de consideração (OMS, 2008).

A discussão sobre participação social adquire nova perspectiva quando, em contato com os idosos de inúmeros países, foi identificado que as possibilidades econômicas comprometem sua inclusão social. Os idosos russos, jamaicanos e mexicanos, por exemplo, alegaram que as baixas pensões que recebem do governo impõem um quadro de isolamento ao inviabilizarem sua presença em eventos e atividades (OMS, 2008).

2.3.2.3 Prédios Públicos e Espaços Abertos

O Guia Global segue a premissa de que os prédios públicos e os espaços abertos são determinantes para a mobilidade, a independência e a qualidade de vida do idoso, carente de infra-estrutura adequada para que possa envelhecer no lugar em que construiu suas relações ambientais e sociais. Os entrevistados demonstraram interesse em opinar quanto às mudanças a serem realizadas em prédios e locais públicos e relataram que as melhorias realizadas através desta troca de informações foram bem aceitas por seus contemporâneos (OMS, 2008).

Os pós-sexagenários que participaram do levantamento de dados junto a OMS (2008) foram capazes de descrever muitos aspectos do ambiente construído que o fazem amigo do idoso e, em todo o mundo, abordaram temas como: qualidade de vida, acesso e segurança. Os aspectos atribuídos à cidade amiga do idoso foram:

- a. *Um ambiente limpo e agradável* – os idosos de todo o mundo manifestaram preferência por ambientes que proporcionam paz e tranquilidade. Entretanto, queixaram-se da sujeira, da poluição sonora e do mau cheiro das ruas.
- b. *Importância de espaços verdes* – os entrevistadores identificaram demonstrações de afeição pelas áreas arborizadas das cidades. Porém, os discursos eram acompanhados de comentários insatisfeitos quando à existência de obstáculos que os impediam de chegar a tais ambientes.
- c. *Um lugar para descansar* – equipamentos urbanos que possibilitam que o idoso descanse quando sentir necessidade de interromper seus deslocamentos urbanos foram apontados como característica indispensável ao bom acolhimento do idoso pelo espaço público.
- d. *Calçadas amigáveis aos idosos* – ao identificar que as calçadas representam um impacto direto na capacidade do idoso de locomover-se na cidade, os pesquisadores sugerem que as calçadas sejam planejadas com as seguintes características: possuam superfície homogênea e antiderrapante, sejam largas para o trânsito dos cadeirantes, apresentem rebaixamento de meio-fio para o nivelamento com a rua, não apresentem obstáculos (carros, árvores, etc.) e priorizem o acesso aos pedestres.
- e. *Cruzamentos seguros para pedestres* – os cruzamentos entre ruas foram frequentemente apontados como situação de risco aos idosos que, diante deles, sentem-se coagidos pela alta velocidade dos veículos e incapazes de atravessar com segurança, ainda que existam semáforos e faixas de pedestre.
- f. *Acessibilidade* – a presença de obstáculos urbanos foi referenciada em muitas cidades, como no Rio de Janeiro, onde os idosos alegaram ter dificuldade de entrar nas favelas porque as ladeiras de acesso são de concreto e representam risco de acidente com danos físicos. Recomendou-se a educação dos profissionais envolvidos no planejamento urbano das cidades quanto às limitações dos idosos.
- g. *Um ambiente seguro* – autonomia, saúde física, integração social e bem-estar são influenciados pela vontade de viver dos idosos que, no entanto, é comprometida pela sensação de segurança. As cidades percebidas como inseguras foram caracterizadas de escuras, violentas e apresentam problemas sociais como disseminação de drogas.

- h. Calçadas e ciclovias* – ambos os elementos são tidos como determinantes para a titulação de cidade amiga do idoso. Porém, alguns idosos vêem os ciclistas como um risco a sua integridade física.
- i. Prédios amigáveis aos idosos* – os participantes percebem de forma positiva a presença de serviços e elementos que superam suas limitações físicas e tornam a edificação amigável, como elevadores, escalas rolantes, rampas, portas e corredores largos, escadas adequadas, pisos antiderrapantes, áreas de estar para repouso, sinalização adequada e banheiros acessíveis.
- j. Banheiros públicos adequados* – a localização estratégica de banheiros cuidadosamente planejados às necessidades do idoso é considerada condição básica para a inclusão do idoso em todos os lugares de passagem e permanência.
- k. Consumidores idosos* – este item enfatiza a importância do atendimento que reconhece as limitações do idoso. Os participantes percebem como positiva a presença de filas prioritárias à terceira idade e relataram a importância da presença de estabelecimentos nas proximidades de suas moradias para que ocorra a manutenção das práticas comerciais.

Após a análise dos aspectos mencionados pelos idosos, tornou-se evidente que os espaços públicos, assim como as edificações, os sistemas de transporte urbano e as condições de moradia potencializam a participação do idoso no cenário urbano e diminuem as chances do isolamento doméstico. Assim, a OMS (2008) reconhece que o empoderamento e a autoestima são assegurados na sociedade que respeita e inclui todos os seus cidadãos.

Os conhecimentos adquiridos para a elaboração deste item reforçam a importância da participação dos idosos nas pesquisas que determinam melhores condições para o envelhecimento ativo e saudável nas cidades. Em continuidade, o próximo subitem é dedicado a compreender a evocação das memórias que o pós-sexagenário cria da cidade.

2.3.3 Lembranças da cidade

Abordar as questões de como o idoso evoca as lembranças que interioriza dos espaços estabelece-se como uma premissa à criação de cidades amigas do idoso. Isto porque a imagem mental da cidade é compreendida como o trabalho inconsciente no qual são processadas e relacionadas experiências do cenário e do corpo (BOSI, 2014; PALLASMAA, 2017). A importância de o urbanista resgatar a imagem da cidade reside no fato de que “A investigação de espaços da recordação conduz-nos não apenas à questão do aclaramento e da modelação de horizontes do passado que, sob determinadas condições do presente, alicerçam o futuro. Mais que isso, (...) se ocupa da concretização espacial da recordação” (ASSMANN, 2011, p. 125).

Logo, pode-se afirmar que a cidade assume maior importância quanto é percebida como um lugar de experiências e, portanto, nela estão contidas as memórias daqueles que nela viveram e que nela vivem. Tais experiências fracionam a cidade quando, por exemplo, faz-se de um bairro, de um monumento, de uma praça, a leitura da cidade (BARROS, 1999; PINHEIRO e NOGUEIRA, 2014).

Através de frações como estas, o indivíduo constrói cidades de evocação e lembrança. Este processo é válido para todas as cidades que o indivíduo desfruta: da cidade onde mora, recorda-se com maior vivacidade; das cidades que visitou poucas vezes, permanecem somente algumas imagens (PALLASMAA, 2017). Amplia-se este debate ao incluir que, mesmo quando as frações não despertam fortes lembranças, ainda colaboram para a construção e manutenção da imagem da cidade. Estas, além de solidificarem a memória, “corporificam uma continuidade da duração relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas” (ASSMANN, 2011, p. 318). Como *lugares de memória*, estas frações são apontadas como lugares materiais, simbólicos e funcionais. Aquém, é através destes lugares de memória:

(...) que criamos as categorias de cidadão e de excluído para expressar as diferenças visíveis e perceptíveis no contexto urbano fazendo com que se criem novas identidades a partir do gesto, do olhar e da palavra que qualifica; que falamos de progresso ou de atraso, que distinguimos o velho do antigo; que construímos a noção de patrimônio e instauramos ações de preservação, ou, em nome do moderno, que redesenhamos uma cidade, destruindo para renovar (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Ao definir a imagem da cidade como o produto da percepção humana que interioriza experiências do corpo versus o ambiente, conclui-se que cada indivíduo memoriza uma cidade preenchida por frações particulares. Logo, estas imagens são leituras distintas de cada pessoa que percorre o espaço. Nesta perspectiva, a cidade “configura infinitas possibilidades de conexão e olhares, sobre a história, individual e coletiva, vivida ou imaginada” (TARDIVO e PRATSCHKE, 2016).

De todos os olhares, é imprescindível atentar-se à imagem da cidade internalizada pelo público idoso porque esta assegura o resgate das lembranças de quem a construiu. O modo com que o idoso percebe o cenário é embasado no arsenal de experiências urbanas que traduziu ao longo da vida (BARROS, 1999; BOSI, 2014; PINHEIRO e NOGUEIRA, 2014).

No discurso do idoso é possível identificar que o ato de evocar lembranças da cidade recai, recorrentemente, em dois pares de comparação. Aqueles idosos que, em seu passado – restrito até a fase adulta –, migraram de uma cidade para outra, tendem a utilizar a primeira como elemento de comparação quando evocam as lembranças da cidade onde residem atualmente. A segunda comparação refere-se à descrição da imagem da cidade através de observações que opõe a cidade atual com lembranças registradas em décadas passadas, a exemplo daquelas que remetem à fase adulta, ao início da jornada profissional, ao matrimônio e à chegada dos filhos (BARROS, 1999; FERREIRA, 2002; TARDIVO e PRATSCHKE, 2016).

Tardivo e Pratschke (2016) abordam esta comparação espaço-tempo através de um ponto de vista positivo. Defendem que deste par, capaz de organizar a construção da imagem mental ao inventar um passado e um futuro, é possível explicar a cidade atual e, portanto, identificar características da interação indivíduo e lugar, como identidade e hábitos cotidianos.

Ainda que não anule o primeiro, um segundo ponto de vista compartilha com o leitor aspectos, agora negativos, que podem surgir deste ato de comparação. Nele, defende-se que os idosos que residem em cidades que passaram por fortes transformações do seu cenário nas últimas décadas, ao imaginarem a cidade atual sobreposta na do passado, percebem as mudanças físicas (BARROS, 1999). Dado o

exposto, Ferreira (2002) afirma que o mapa mental da cidade é elaborado como uma base onde a cidade torna-se atemporal, sendo relativizada como o cenário no qual o respondente retrata suas experiências de vida em uma dimensão pública.

Assim, “O espaço da cidade, visto dessa forma, passa a ser a expressão da condição do indivíduo no mundo e é recortado por regiões de alta densidade afetiva para os idosos” (FERREIRA, 2002, p. 84). A autora argumenta que tais regiões retratam os lugares nos quais os pós-sexagenários viveram grande parte de suas vidas, a exemplo da casa onde passaram suas infâncias e da casa onde constituíram suas famílias. Estes exemplos retratam a tendência que os idosos manifestam de atribuírem hierarquias aos lugares de memória, apontando-os como mais ou menos familiares e mais ou menos públicos.

Neste sentido, as transformações urbanas são percebidas através do exercício da evocação da memória, onde as comparações do passado com o presente desvendam uma cidade que passa por destruições que descaracterizam as feições ainda vivas nas lembranças relatadas. Alinhados, Barros (1999) e Ferreira (2002) observam que a ideia de transformações urbanas sugere mudanças comportamentais onde, por exemplo, os grandes edifícios simbolizam a exponencial urbanização das cidades, que suscita o crescimento populacional que, por sua vez, potencializa a sensação de aumento dos casos de violência urbana.

Transformações urbanas como esta podem despertar nos idosos sentimentos como de estranhamento e insegurança e, assim, os cidadãos passam a questionar quem são na cidade e que lugar é este que não são capazes de reconhecer. Afinal, a cidade deixou no passado alguns de seus lugares de memória que, a exemplo dos lugares de trabalho, como escritórios e repartições públicas, estavam fisicamente presentes no seu cotidiano. É assim que as transformações urbanas são “apreendidas por um olhar que não consegue mais reconhecer a cidade como sua” (BARROS, 1999, p. 50). Neste processo, perdem-se alguns *marcos visuais* que atuavam como apoio e manutenção à memória coletiva e, conseqüentemente, perde-se o significado que estes empregavam na construção da identidade coletiva.

Uma característica que, recorrentemente, classifica elementos urbanos como *marcos visuais* é a noção de patrimônio que agregam ao espaço urbano. Quando assim são classificados, reforçam o sentido de identidade para o indivíduo e para a coletividade. Logo, falar de patrimônio é o mesmo que falar de afirmação de identidades, onde a perda do elemento patrimonial coloca em risco manutenção dos vínculos identitários (FERREIRA, 2004). Neste sentido, relaciona-se patrimônio aos conceitos de apropriação e memória:

A dimensão afetiva do patrimônio é também um de seus elementos constituintes, manifesta sob diferentes formas que revelam diferentes apropriações e, portanto, sentidos que se tem do passado. Patrimônio aqui se aproxima do conceito de lugares de memória, que para Nora são esses espaços de condensação de uma memória coletiva, parecem reter o que na verdade comprovam não mais existir. Ao mesmo tempo, é na experiência, no jogo social, que são investidos de sentido os lugares de patrimônio, ou o patrimônio em si (FERREIRA, 2004, p. 02).

Realizada a investigação que traz à superfície os conhecimentos pertinentes às lembranças que compõe o imaginário elaborado pelo idoso e, desenvolvido anteriormente a importância da gerontologia ambiental e da cidade amiga do idoso como meios de compreender a relação do idoso versus o ambiente, encerra-se este subitem e abre-se a possibilidade de debate sobre a participação do idoso em métodos de avaliação pós-ocupação.

2.4 A participação do idoso na avaliação pós-ocupação

A Avaliação Pós-Ocupação (APO) é uma abordagem metodológica utilizada com frequência em pesquisas da área do ambiente-comportamento (*Environment and Behaviour*) para a verificação do desempenho de espaços construídos. Através de investigações sistematizadas, enriquecidas pelas percepções do usuário, a APO viabiliza que o pesquisador detecte erros e acertos projetuais (REIS e LAY, 1995).

No ambiente acadêmico, há o reconhecimento de que a APO é uma prática capaz de reconhecer, diagnosticar e dispor recomendações para o planejamento, projeto, execução e manutenção do espaço construído. Ela aponta as requalificações necessárias ao objeto estudo e realiza sugestões que diminuem as chances de erro

em novos projetos da mesma natureza do ambiente analisado. O mérito desta metodologia está ancorado na busca pelo “olhar do cidadão”, em outras palavras, na análise de dados extraídos das evidências e percepções expressadas pelos usuários do lugar (REIS e LAY, 1995; VAZ e PEREIRA, 2010).

A escolha dos passos e instrumentos de investigação ambiente-comportamento para a estruturação da pesquisa de APO não se dá de forma aleatória. A escolha é realizada ao refletir as seguintes respostas: (i) quais são os objetivos da análise pretendida, (ii) qual é o objeto estudo de caso e, não menos importante, (iii) qual é o problema de pesquisa levantado (REIS e LAY, 1995).

Reis e Lay (1995) consideram que a APO faz parte do minucioso processo de planejamento projetual arquitetônico e/ou urbanístico. Seu objetivo principal é a inclusão participativa do usuário, através da manifestação de sua percepção, observação e expectativa, quanto aos critérios de funcionalidade, conforto e estética. Assim, espera-se que a inclusão do indivíduo no processo empírico de produção de conhecimento permita que a democracia seja reforçada através políticas públicas, principalmente em situações socialmente frágeis como a do Brasil, marcadas pela exclusão e desigualdade social. (KOGA, 2011).

2.4.1 Consciência Participativa

Para que seja obtido o sucesso da participação social na pesquisa acadêmica, o investigador deve ser treinado e capacitar-se de modo a: (i) rever seus procedimentos, (ii) lapidar suas atitudes e posturas, (iii) comunicar-se com clareza e (iv) proporcionar ao participante o acesso à consulta das informações solicitadas. Na elaboração conjunta do saber, seu envolvimento com o público deve estar planejado para ocorrer durante todo o processo investigativo (BROSE, 2010).

A interpretação de desenhos e a análise de entrevistas são somente duas das muitas maneiras de abordar um tema através da APO e de começar uma aproximação com a comunidade. A elaboração da metodologia deve ir além do uso de imagens: necessita realizar assembleias e reuniões para que público analisado faça suas

colaborações, reivindicações e trocas, assim como precisa de um engajamento maior dos pesquisadores envolvidos para que a consciência participativa seja assimilada (VAZ e PEREIRA, 2010).

Portanto, o planejamento de intervenções arquitetônicas e urbanas não deve restringir-se a discutir somente as ideias elaboradas por técnicos habilitados ao exercício da construção civil, um bom projeto é enriquecido pela participação popular em assembleias que constroem um plano com a comunidade e, assim, delineiam o imaginário do cidadão no ambiente construído (VAZ e PEREIRA, 2010).

Além disto, acredita-se que as características urbanas influenciam nas atividades de vida diária e que por elas são influenciadas, em um processo contínuo que constrói a história da cidade. Logo, o ambiente não deve ser avaliado sem que sejam considerados os aspectos cronológicos e históricos da grande escala das cidades, que lhes diferenciam das demais e, com isso, formam suas identidades. Aqui, encontra-se outro motivo que torna necessária a realização de processos participativos: os aspectos cronológicos e históricos são revelados através do contato entre pesquisador e população local (VAZ e PEREIRA, 2010; KOGA, 2011).

Esta aproximação do pesquisador com o usuário significa muito mais do que “fazer presente” a representação popular. Nesta troca, o participante se torna agente ativo do processo: ele emite opiniões, concorda e discorda dos pontos de vista expostos e vê suas manifestações serem estimuladas, valorizadas e respeitadas. Entretanto, enquanto muitos pesquisadores resumem o processo participativo à aplicação de ferramentas e organização de assembleias, ambas determinadas por um conselho gestor, também existem aqueles que ampliam o debate ao empoderamento social. Assim concluem por acreditarem que, quando é permitido e incentivado que o cidadão participe da tomada de decisões que iniciam ou finalizam projetos, maiores chances de acesso ao poder são oferecidas a ele (BROSE, 2010).

A experiência de Brose (2010) em processos participativos lhe traz a certeza de que participação não é sinônimo de harmonia. O autor exemplifica: tanto nos pequenos grupos gestores, como sindicatos de condomínios, como nas grandes organizações, como federações governamentais, a sociedade registra a constante e

conflituosa disputa pelo poder. Entretanto, a participação deve atuar contra os mecanismos de exclusão e, assim, o resgate da essência democrática surge do confronto entre os portadores de diferentes pontos de vista e interesses.

Conclui-se que, além de apresentar respostas que solucionam os problemas urbanos, o processo participativo amplia as possibilidades de interação social e faz com que o indivíduo se sinta útil na construção da cidade. Logo, o esforço dedicado ao sucesso da metodologia inclusiva é recompensado pelo aumento da autoestima, do entusiasmo e da vontade de viver dos cidadãos envolvidos (BROSE, 2010).

Por fim, o processo participativo amplia seu objetivo para além das mudanças e melhoras físicas do ambiente construído e visa: conhecer a pluralidade de percepções que emergem dentro dos grupos sociais; investigar, divulgar e reforçar os valores identificados no contato com a sociedade; alterar comportamentos e atitudes; e assegurar a autonomia dos cidadãos. Através da pesquisa inclusiva, busca-se o aprendizado mútuo e anseia a participação do maior número possível de colaboradores, sejam por sua bagagem conceitual, experiencial ou pela possibilidade de concretizarem as recomendações e diretrizes (BROSE, 2010).

2.4.2 O idoso na pesquisa participativa

Realizada a introdução necessária ao bom entendimento da avaliação pós-ocupação através das ferramentas do processo participativo, este item é dedicado à melhor compreensão das particularidades da inclusão do idoso na obtenção de informações territoriais. Tomasini (2004) traz reflexões a respeito desta lacuna e alega que cada grupo social a ser analisado exige que o pesquisador, ou grupo de pesquisadores, tenha se adequadado às necessidades e especificidades que cada realidade impõe. Em especial ao trabalho com idosos, o autor salienta que o pesquisador deve estar atento e mudar sua postura em relação aos estereótipos que generalizam a imagem da terceira idade que, de forma alguma, pode ser reduzida à ideia de serem pessoas frágeis, dependentes e incapazes de se autodeterminarem.

Desenvolver uma perspectiva quanto ao estilo de vida do idoso, que aborde suas relações de percepção e apropriação com o ambiente urbano e proporcione o acúmulo de conhecimento específico é um primeiro passo para orientar futuros planos de intervenção que almejem a construção de cidades amigas do idoso. Para tal objetivo, não há ninguém melhor do que o maior interessado nesta qualificação, o idoso, para apontar as inconveniências, os empecilhos e os riscos que o ambiente o impõe (TOMASINI, 2004; OMS, 2008).

Convidado a acompanhar e interferir no trabalho do projetista, o pós-sexagenário pode fornecer *insights* e apresentar importantes soluções que a equipe técnica não desenvolveria sem o seu apoio. Chamado de *design social*, o projeto apoiado nas informações expressas pelos usuários não pode distanciar-se do conceito de APO por compreender que o risco de erro e a chance de melhora acompanham até as intervenções urbanas cuidadosamente planejadas. É assim que, na busca por cidades amigas do idoso, há a necessidade de encerrar o plano de intervenção urbana com a avaliação do projeto já executado ao, novamente, buscar o ponto de vista do pós-sexagenários (TOMASINI, 2004).

Em prol dos grupos socialmente negligenciados, devem-se considerar as opiniões, as críticas e os relatos dos excluídos, do mesmo modo com que as tramas que formam o cotidiano urbano devem ser estudadas para que revelem as características territoriais que os dados brutos não costumam agregar. O processo participativo democraticamente sugerido retira o idoso da situação de exclusão social, traz à superfície as condições atuais do envelhecimento nas cidades e dá voz aquele que frequentemente é visto como um simples objeto das políticas públicas (TOMASINI, 2004; KOGA, 2011).

2.5 Variáveis e indicadores associados à pesquisa

A definição das variáveis e dos indicadores foi referenciada na bibliografia da área de estudo do ambiente-comportamento e teve o propósito de identificar as inter-relações existentes no comportamento dos idosos com as percepções que eles retêm do ambiente construído.

Além dos demais referenciais utilizados na composição das variáveis e indicadores aqui descritos, salientam-se as colaborações encontradas no artigo de Amor (2011). A autora portuguesa referiu-se à pesquisa como uma autópsia social, quando se comprometeu em compreender como se dá a participação do idoso no cenário urbano através dos atributos mormente reclamados pelos indivíduos desta faixa etária: (i) *individualidade*, (ii) *independência*, (iii) *privacidade* e (iv) *familiaridade*. A seleção da amostra envolveu voluntários das cidades portuguesas de Lisboa, Sintra, Amadora, Cascais, Almada e Seixal, com idade superior a 60 anos, com mobilidade funcional e que não apresentavam sinais de isolamento social agudo. Foram desenvolvidos percursos urbanos nas áreas de suas residências e entrevistas individuais com os idosos participantes.

As variáveis e os indicadores mencionados a seguir apresentam-se divididos em dois grupos distintos para que, ao contrapor figura-fundo, pudessem ser relacionados as questões perceptivas às questões de apropriação do ambiente (GÜINTHER, ELALI, e PINHEIRO, 2004). Logo, dividiram-se em: (i) variáveis centradas no usuário, para investigar os atributos das pessoas em função do ambiente e (ii) indicadores centrados no ambiente, para investigar as características do espaço em função do usuário.

2.5.1 Variáveis centradas no usuário

A área da Psicologia Ambiental é de suma importância para a elaboração de projetos e iniciativas da Política Ambiental porque inclui a percepção do usuário frente ao ambiente que vivencia cotidianamente. Porém, para que se cumpra tal ideal, é necessário que sejam desvendadas as informações topográficas e os valores topo-perceptivos manifestados pelo usuário (CASTELLO, 2005). A fim de auxiliar na compreensão dos valores do idoso em relação ao ambiente de moradia, esta pesquisa apoiou-se nos referenciais bibliográficos disponíveis para elencar os seguintes aspectos topo-perceptivos: (i) *legibilidade*, (ii) *segurança*, (iii) *acessibilidade*, (iv) *conforto*, (v) *atratividade* e (vi) *adequação visual*.

2.5.1.1 Legibilidade

A boa imagem da cidade, ou *legibilidade urbana*, aprofunda as experiências urbanas, garante aos seus usuários segurança emocional e promove uma relação harmônica entre pessoas e paisagens. Desvencilhado da sensação de desorientação causada pela fraca *legibilidade urbana*, o indivíduo lê o seu ambiente de vivências cotidianas com familiaridade e distinção, reconhece os bairros, limites e vias ao seu redor e memoriza tais informações em estruturas espaciais. Quando assim é compreendida, a cidade torna-se símbolo da complexa rede social humana e, se há a busca pelo desenvolvimento estético de suas vistas, agrega inúmeros significados de expressão à comunidade que dela desfruta (LYNCH, 1999).

Ao compreender o ambiente urbano como um “objeto da percepção dos seus habitantes” (LYNCH, 1999, p. 13), a *legibilidade urbana* destaca-se, entre outras características da boa forma da cidade, por ser aquela que gera forte *identidade*, encontrada nas suas diferentes escalas de tamanho, tempo e complexidade. Vinculada à destreza com que os moradores interpretam o *layout* urbano, a *legibilidade* deve ser buscada desde a fase de planejamento arquitetônico e urbanístico, quando o projetista inclui diferentes qualidades e elementos que distinguem os inúmeros lugares, rotas e paisagens (BENTLEY et al., 2005).

Acredita-se que, quanto mais legível for determinado percurso, com prédios e espaços abertos facilmente percebidos, este será utilizado por um número maior de pessoas e elas, por sua vez, dele utilizarão com maior frequência em seus deslocamentos habituais (BENTLEY et al., 2005). Como um reflexo da importância desta característica no processo de percepção, Amor (2011) identificou a *legibilidade* como uma das variáveis de análise do ambiente construído utilizadas com maior frequência no discurso de pessoas idosas.

Em sua experiência com o público idoso, o pesquisador concluiu que a dificuldade de interpretação do cenário urbano agrava-se com o passar do tempo e, assim, traz ao cotidiano do indivíduo envelhecido as sensações de desorientação e insegurança psicológica. A dificuldade de registrar as informações do cenário e de

torna-las inteligíveis também aumenta o medo de perder-se no espaço urbano ou de depender de terceiros para realizar os deslocamentos habituais, isto espelha o estado vulnerável ao qual a *ilegibilidade* expõe o idoso (AMOR, 2011).

A crescente dificuldade de traduzir pode ser agravada pelo baixo nível escolar do idoso que, ao comprometer o julgamento que faz de si mesmo e de sua autonomia, potencializa seu sentimento de insegurança. Outro agravante, esse expresso no discurso dos pós-sexagenários, é a corriqueira comparação com as paisagens do passado, onde percebem a complexidade crescente do cenário urbano como um empecilho à boa compreensão espacial (Figura 6). São alguns exemplos de alterações urbanas que agregam complexidade à *legibilidade* urbana para o idoso: a ampliação do sistema de transporte público e a modificação das funções urbanas (locais de consumo, locais de lazer, etc.) que moldavam o cotidiano das atividades diárias (AMOR, 2011).

Figura 6: Legibilidade urbana: passado versus presente.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Por fim, a constante inclusão de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) nas cidades favorece que os idosos se sintam inaptos a interpretar as informações expressas por modelos digitais. Neste sentido, a barreira criada não é a informação em si, mas o veículo tecnológico de disseminação pelo qual ela se dá (AMOR, 2011). Logo, enquanto os espaços urbanos primam pela adesão de novas tecnologias a favor da modernização dos hábitos sociais, Pereira e Neves (2011) compartilham a noção de que esta tendência atua como uma barreira à aquisição de informação para aqueles que não compreendem os mecanismos informatizados.

Neste cenário, os idosos são apontados como um dos grupos imediatamente e potencialmente *infoexcluídos*, “uma vez que foram educados numa época em que saber ler e efetuar cálculos matemáticos era quase o suficiente para se sentirem informados” (PEREIRA e NEVE, 2011). Felizmente, o crescente interesse que os idosos manifestam pelas TIC’s incentiva o surgimento de iniciativas engajadas em envolver os pós-sexagenários na utilização de dispositivos digitais. Entretanto, a carência de uma inclusão urgente, que abranja uma significativa parcela de indivíduos, depende da multiplicação exponencial de tais iniciativas para que a barreira de inaptidão seja superada.

2.5.1.2 Segurança

Segundo a OMS (2008), a sensação de *segurança* que a pessoa possui do lugar em que vive influencia na vontade de frequentar os espaços públicos. Tal vontade implica, por sua vez, na independência, saúde, sociabilidade e bem-estar das pessoas. Esta *sensação de segurança* é tão crucial quanto a *segurança real* que o ambiente apresenta para que a vida na cidade seja convidativa (GEHL, 2013).

Ao compreender que a sensação de estar seguro é afetada pelo contexto urbana, Gehl (2013) salienta algumas características espaciais que potencializam o sentimento de *segurança* na cidade. O primeiro apontamento revela que as ruas que oferecem maior número de atividades e atrativos distintos garante maior presença de pessoas nas diferentes horas do dia. Nesse exemplo, a presença de público dentro e fora das edificações potencializa a sensação de *segurança*. Áreas residenciais também são compreendidas como seguras, inclusive vazias e à noite, porque emitem sinais constantes (luzes pelas janelas, ruídos familiares, etc.) que revelam a existência de outras pessoas na redondeza.

O autor cita o intenso tráfego de pedestres como um risco à *segurança* dos idosos, dos portadores de necessidades especiais e das crianças. Isso porque acompanhar o ritmo dos pedestres é um desempenho importante para que o deslocamento seja seguro. Entretanto, os pós-sexagenários apresentam dificuldade de estabelecer tal ritmo (GEHL, 2013).

Concluiu-se que as melhores cidades estão constantemente atentas a questões como as que aqui foram referenciadas e resumem-se os fatores de *segurança* conforme o exposto na Figura 7. Nela, a *proteção contra tráfego e acidentes* dispõe sobre a proteção dos pedestres em situação de necessidades especiais e do desenvolvimento de iniciativas para a criação do tráfego veicular consciente; a *proteção contra crime e violência* indica a criação de ruas atrativas, vivas e iluminadas; e, por fim, a *proteção contra experiências sensoriais desagradáveis* busca soluções de abrigos contra intempéries, mudanças de temperatura, poluição, ruídos e ofuscamento (GEHL, 2013).

Assim como nas demais faixas etárias, a sensação de *insegurança* na terceira idade revela inúmeros fatores que podem ser resumidos em dois grandes grupos: *fatores ambientais*, relativos aos obstáculos e empecilhos que o espaço urbano apresenta e *fatores psicológicos*, relacionados à tendência de antecipar os riscos aos quais poderá enfrentar (AMOR, 2011).

Figura 7: Fatores de segurança pública.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Muitos discursos dos idosos revelam o receio à criminalidade ostensiva das cidades. Intensamente presente como um *fator psicológico*, o medo de tornar-se vítima antecede a situação criminal em si, onde, em entrevista, a maioria dos idosos alegou nunca terem sido assaltados ou passarem por tentativas de assalto. Ao buscar respostas para a situação retratada, Amor (2011) constatou três motivos para o surgimento de tal sentimento de *insegurança* pública nos idosos portugueses: (i) os jornais e demais mídias de comunicação informam uma grande quantidade de delitos que são registrados pela população e, através do efeito boca-a-boca, são

recapitulados para a prevenção de situações de riscos similares; (ii) a desertificação das ruas desinteressantes ao fluxo de pessoas, (iii) a alteração das atividades exercidas em determinadas regiões diminuiu intensamente o fluxo de pessoas e, para finalizar, (iv) o intenso e agressivo trânsito veicular e de pedestres.

Referente ao último motivo mencionado, Amor (2011) resgatou no discurso dos idosos um olhar descrente sobre possíveis melhorias no trânsito. Os pós-sexagenários alegam que os órgãos competentes privilegiam a circulação dos automóveis e colocam em desvantagem a situação dos pedestres que, somado ao descumprimento das leis de trânsito e a falta de consciência dos motoristas, colabora para a composição do quadro de *insegurança* pública dos idosos.

2.5.1.3 Acessibilidade

Teoricamente, a *acessibilidade* urbana visa assegurar aos cidadãos a igualdade de acesso aos serviços, atividades, espaços abertos e edificações. Para isso, aborda conceitos e estratégias inclusivas que possibilitam o deslocamento independente e seguro de seus usuários. No exercício prático, a *acessibilidade* é o conjunto de equipamentos, instalações e adaptações do ambiente construído que permitem que qualquer pessoa, independente do grau de limitações físicas apresentadas por ela, tenha acesso ao uso do solo, à estrutura de transporte público e às atividades socioeconômicas locais (GRINOVER, 2006).

Frente à dificuldade de possibilitar aos indivíduos o acesso à totalidade urbana, fala-se em *acessibilidade física tangível*, onde há a oferta de transporte, de infraestrutura viária e a indicação dos locais acessíveis aos portadores de necessidades especiais. Esse é o caminho apontado para a requalificação urbana que proporciona independência, uma estrutura adequada às necessidades do indivíduo, dos seus afazeres e de seus prazeres (GRINOVER, 2006). Em virtude dos direitos humanos, fala-se também em *acessibilidade intangível ou virtual*, que visa disponibilizar o acesso às atividades de educação, culturais e de lazer aos moradores e aos hóspedes urbanos. Neste sentido, a cidade capacitaria o envolvimento dos usuários com

estratégias de convívio social e, assim, reforçaria o caráter público e heterogêneo há muito tempo almejado (GRINOVER, 2006).

Ao inteirarem-se da realidade vivenciada pelos idosos nos espaços abertos e nas edificações, os planejadores urbanos não excluem por completo a participação destes usuários nos seus objetos de construção civil. Entretanto, muitas “soluções” arquitetônicas e urbanísticas apresentam-se como barreiras à mobilidade do idoso e, de forma menos agressiva, muitos projetos negligenciam o fato de poderem atenuar certas limitações físicas apresentadas pelos mesmos. Os idosos incluíram voluntariamente em suas falas três formas distintas de acessos que deveriam ser repensadas e requalificadas nos espaços urbanos (AMOR, 2011). Conforme demonstrado na Figura 8, são elas:

Figura 8: Diferentes acessos fornecidos pela cidade amiga do idoso.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O *acesso a transportes públicos*, o *acesso a equipamentos ou serviços urbanos* e o *acesso à mobilidade para pedestres* retratam as questões que, se para muitos não passam de alternativas arquitetônicas e urbanísticas frequentemente vistas e facilmente superadas, para os idosos significam risco a sua integridade física (OMS, 2008; AMOR, 2011).

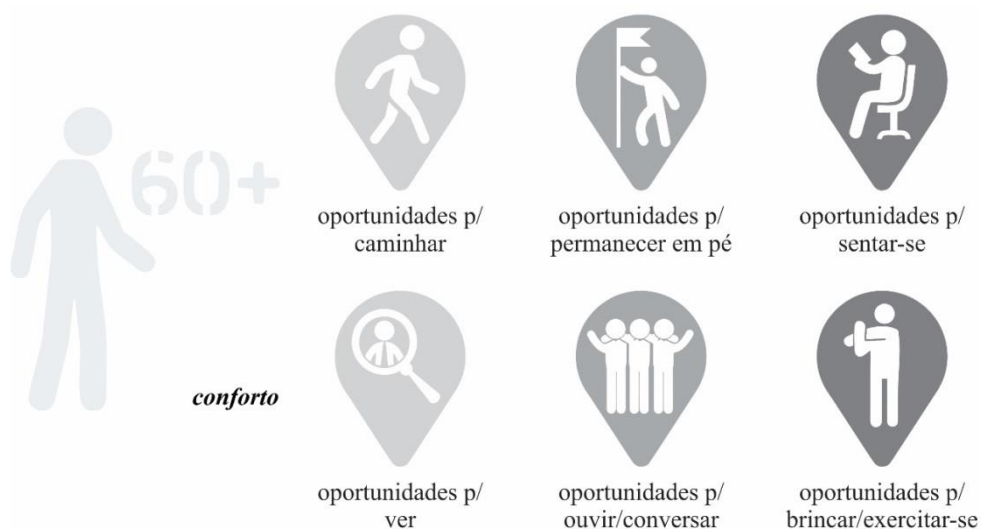
Foram mencionadas dificuldades de vencer degraus excessivamente altos, desníveis de calçadas sem a presença de rampa e pisos danificados ou altamente escorregadios. Outros exemplos relatam, por exemplo, a dificuldade de acesso a determinadas plataformas de embarque e desembarque, o peso excessivo das portas de acesso às agências bancárias, a ausência de banheiros públicos nos passeios

urbanos, a carência de mobiliário urbano adequado à ergonomia do corpo envelhecido, e o insuficiente tempo de travessia que os sinais luminosos de trânsito oferecem (OMS, 2008; AMOR, 2011; GEHL, 2013).

2.5.1.4 Conforto

Gehl (2013) acredita que, após abordar a segurança da população nos espaços públicos e a acessibilidade universal nestes locais, deve-se pensar no *conforto* dos ocupantes para que executem suas atividades (Figura 9). Neste sentido, boas intervenções urbanas, com escalas proporcionais aos movimentos e às atividades humanas e que resultem em paisagens esteticamente interessantes são imprescindíveis para a obtenção de *conforto* e bem-estar.

Figura 9: Atividades urbanas que carecem de estruturas confortáveis.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Como na listagem prévia, são situações que asseguram oportunidades para: (i) *caminhar* – ambientes amplos, sem obstáculos, superfícies em bom estado e antiderrapantes, acessibilidade universal e fachadas esteticamente agradáveis; (ii) *permanecer em pé* – presença de apoios ergonômicos, zonas atraentes e proteção das intempéries; (iii) *sentar-se* – existência de mobiliário urbano adequado, boas vistas para contemplação e possibilidade de sentar-se em local ensolarado; (iv) *ver* –

locais para observar acontecimentos à distância, inexistência de obstáculos à visão e boa iluminação; (v) *ouvir e conversar* – inexistência ou presença insignificante de ruídos sonoros e implementação de mobiliário de uso coletivo; e (vi) *brincar e exercitar-se* – existência de áreas recreativas e esportivas acessíveis e ergonomicamente adequadas e espaços amplos para que as pessoas exerçam sua criatividade e espontaneidade (GEHL, 2013).

Respostas urbanísticas como estas estão relacionadas com a maneira com que a estrutura e o espaço urbano se harmonizar com as pessoas, com os sentidos humanos, com as dimensões espaciais e também com as escalas correspondentes. Por fim, salienta-se que as crianças e os adultos são capazes de adaptarem-se e acomodarem-se em mobiliários inadequados e em situações que apresentem *desconforto*. Entretanto, para os idosos, é de extrema importância possibilitar bons lugares de sentar por um longo tempo (GEHL, 2013).

2.5.1.5 Atratividade

A *atratividade* de um local pode ser compreendida como o conjunto de equipamentos que distribuem os fluxos urbanos (*atratores* e *distribuidores*) e que são capazes de estruturar e organizar o cotidiano dos usuários do ambiente ao atender suas necessidades de consumo, trabalho e lazer. Logo, “classificar *atratores* por público-alvo é um elemento importante na consideração de um modelo de movimentação social que capte e demonstre as diferenças de movimentação e rotinas entre as populações das classes sociais” (NETTO e KRAFTA, 1999, p. 138).

Os equipamentos denominados *atratores* referem-se aos lugares – arquitetônicos e urbanos – que, no contexto urbano, desempenham um grande papel social através do seu potencial de aproximar públicos de classes sociais distintas. Sobre um mesmo *atrator*, a co-presença espacial aproxima indivíduos de diferentes realidades em uma trama composta por consumidores e trabalhadores (NETTO e KRAFTA, 1999).

A fim de compreender como as atividades cotidianas se incorporam à escala urbana, imagina-se a cidade como um jogo de tabuleiro, nele existem *locais de origem* (habitações) e *locais de atratividade* (suporte para as atividades diárias), onde os *atratores* configuram as movimentações que se dão dos locais de partida até seus endereços. Tanto os *locais de origem* como os de *atratividade* são ambientes de convívio e de troca de experiências e, com isso, os deslocamentos e as atividades realizadas em uma cidade representam uma parcela significativa do cotidiano social local (NETTO e KRAFTA, 1999). Conforme a Figura 10, os locais de atratividade são classificados como:

Figura 10: Locais de atratividade.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Netto e Krafta (1999) propuseram essa classificação e explicaram que: (i) os *locais de consumo de bens e serviços humanos* são aqueles que envolvem todas as atividades comerciais e ofertas de serviço de uma cidade, podem ser citados grandes equipamentos urbanos, como praças e universidades; (ii) os *locais de trabalho* são aqueles espaços onde as atividades nele envolvidas criam ou administram produtos e serviços, aqui incluem-se os locais do item anterior; e, por fim, (iii) os *locais distribuidores de fluxo social* são aqueles que possibilitam, à grande parte da população de uma cidade, deslocamentos dos pontos de origem aos atratores distantes, como paradas de ônibus, rodoviárias e estações de metrô.

Jan Gehl (2013) acrescenta que a *atratividade* urbana pode ser reforçada através da qualificação e manutenção dos espaços de transição, referindo-se especialmente aos andares mais baixos das edificações. Os espaços de transição são as fachadas que o usuário vê, vivencia e memoriza com maior intensidade e nelas realiza atividades de entrada e saída, onde pode se acomodar tanto no interior das

unidades arquitetônicas quanto nos espaços abertos. Fachadas atrativas são proporcionadas por edifícios baixos, com grande quantidade de vãos e detalhes planejados para o andar térreo e em sistemas de mutualidade, onde uma edificação complementa a atividade exercida pelas demais a sua volta.

Complementa-se a ideia do autor supracitado ao incluir que a cidade também deve apresentar locais *porvir*, compreendidos como locais que atraiam a população por possibilitarem que neles sejam praticadas diversas atividades. Assim, o *porvir* adjetiva os lugares que oferecem vazios urbanos entre os equipamentos das atividades pré-determinadas, instigando o uso autônomo do espaço por diferentes pessoas e grupos sociais. Neles haveria “um mínimo de intervenção, que pode ser formal, programático-funcional, visando um máximo de eventos, espontâneos e heterogêneos” (GUATELLI, 2012, p. 39).

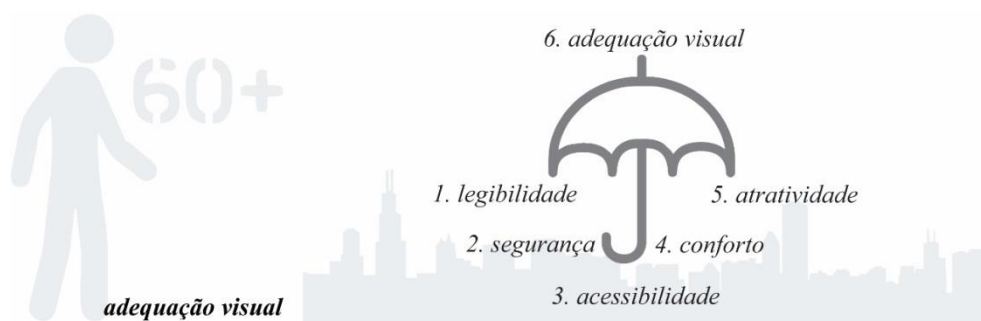
No planejamento urbano, as infra-estruturas (escadas, rampas, passarelas, etc.) tornam-se fundamentais para conceber, executar e utilizar o espaço *entre* formas. Elas passam a ser utilizadas por autores distintos que delas se apropriam para apresentarem à sociedade novas formas de convívio, eventos e acontecimentos imprevistos. Há uma concordância entre o discurso de Guatelli (2012) e Lynch (1999), onde o segundo afirma que um projeto planejado em seus mínimos detalhes, com a presença de elementos inflexíveis, incapaz de adaptar-se a múltiplos usos, tem o poder de inibir novas formas de convívio e expressão.

2.5.1.6 Adequação visual

Tema aprofundado por Bentley et al. (2005) e Gehl (2013), a *adequação visual* encaixa-se no fim da análise perceptiva e comportamental por ser um tema guarda-chuva que acompanha os demais aspectos do ambiente construído (Figura 11). Outro motivo para dispô-la por último visa salientar que a qualidade urbana não pode ser atingida ao buscar somente a *adequabilidade visual* do ambiente. Para que seja positivamente percebida, a boa imagem da cidade também precisa atender aos critérios já descritos e apresentar os elementos que serão listados a seguir.

Entretanto, é em comparação às demais variáveis que o exercício da *adequação visual* se mostra mais geral. Ele refere-se ao empenho de destacar e combinar desenhos e detalhes até que se atinja a expressão visual desejada. A importância de o projetista concentrar-se no aperfeiçoamento dos detalhes diz respeito à multiplicidade de interpretações, sensações e significados que surgem dos usuários do ambiente pensado em seus pormenores. Neles, as pessoas sentem-se mais seguras quanto à escolha dos percursos a percorrer apresentados pelo ambiente *visualmente adequado* (BENTLEY et al., 2005; GEHL, 2013).

Figura 11: Adequação visual e demais aspectos urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Conclui-se que os detalhes e desenhos cuidadosamente previstos nos projetos, apoiados pela utilização de diferentes materiais, além de proporcionar experiências ricas ao público, “acrescentam uma camada extra de valor para as outras qualidades que a cidade tenha a oferecer” (GEHL, 2013, p. 178).

2.5.2 Indicadores centrados no ambiente

A definição dos indicadores de avaliação visou, ao apontar o conjunto de variáveis a serem observadas no espaço urbano, possibilitar uma análise quanto à qualidade do espaço urbano. Assim, trouxe à superfície questões referentes às barreiras encontradas pelo idoso no ambiente de sua vida cotidiana, que afetam tanto o comportamento dos membros desta faixa etária quanto suas percepções deste espaço (AMOR, 2011). Tais variáveis decorrem dos seguintes fatores:

- a. *Fatores ambientais* – apresentam as barreiras construídas e sociais do lugar. São alguns exemplos: elementos arquitetônicos, administração do espaço público, meios de transporte e comportamento dos demais humanos em relação aos idosos;
- b. *Fatores pessoais* – apontam as limitações físicas, psicológicas e cognitivas do idoso no cenário urbano e
- c. *Fatores de interação* – registram os elementos que adaptam o ambiente externo para o uso seguro e independente do idoso na execução de suas atividades.

A fim de auxiliar na compreensão de como os idosos ocupam o território urbano, registrou-se a ocorrência das seguintes variáveis:

- a. *Equipamentos e infra-estruturas de apoio* – o registro desse elemento visa dar ênfase a uma queixa recorrente no discurso do pós-sexagenário: a baixa frequência ou inexistência de mobiliário urbano adequado a sua ergonomia e limitação física. Dividem-se em: *infra-estruturas de conforto e bem-estar*, para a geração de pontos de repouso, proteção e atendimento às necessidades básicas, e *infra-estruturas de apoio às sociabilidades* (AMOR, 2011; OMS, 2008);
- b. *Equipamentos para acessibilidade* – tem por objetivo registrar os equipamentos que facilitam o acesso de pessoas idosas a transportes públicos, a equipamentos ou serviços urbanos e, especialmente, os relacionamos à mobilidade do pedestre nas ruas e nos espaços públicos (AMOR, 2011; OMS, 2008);
- c. *Equipamentos de trânsito* – com o intuito de identificar os locais onde a imagem do pedestre é respeitada em relação ao fluxo de veículos, serão apontados os equipamentos de trânsito que auxiliam na mobilidade urbana segura, como faixas de segurança e semáforos (GEHL, 2013; OMS, 2008);
- d. *Locais de consumo e bens de serviços urbanos* – com o interesse de identificar os empreendimentos e equipamentos comerciais e de serviços presentes nos recortes analisados (NETTO e KRAFTA, 1999);

- e. *Locais distribuidores de fluxo social* – a fim de registrar os equipamentos urbanos que auxiliam o embarque e desembarque de pessoas ao transporte público local (NETTO e KRAFTA, 1999);
- f. *Locais de lazer e prática de atividades físicas* – fortemente registrados nos discursos de idosos como locais aos quais recorrem para desenvolver suas atividades cotidianas, sejam em grupo ou individuais. Registrar-se-ão esses locais e para quais atividades prestam apoio (AMOR, 2011; GEHL, 2013);
- g. *Elementos naturais* – por serem vistos de forma positiva pelos idosos, serão apontados em planta baixa os elementos naturais como: árvores, arbustos, canais hídricos e orlas fluviais (GEHL, 2013; OMS, 2008) e
- h. *Limpeza urbana* – por ser uma queixa frequente no discurso dos idosos, a limpeza das ruas será analisada através do registro de acúmulo de lixo e da presença de lixeiras (OMS, 2008).

Observa-se que as variáveis centradas no usuário e os indicadores centrados no ambiente são categorias extraídas das falas e da análise comportamental de indivíduos – prioritariamente idosos –, ambas desenvolvidas em pesquisas dos autores e organizações aqui mencionados. Amor (2011) exemplificou que, neste contato pesquisador e idoso, muitos participantes alegaram não irem até a casa de seus familiares porque lhes faltam percepções positivas a respeito da situação de tais elementos na malha urbana. Esta é apenas uma das inúmeras formas com que o ambiente construído pode afetar o cotidiano dos pós-sexagenários e, através dos passos descritos no próximo capítulo, buscou-se desvendar outras relações entre o que os idosos e o ambiente.

2.6 Síntese do referencial teórico

A elaboração deste capítulo possibilitou a revisão e o aprofundamento dos conhecimentos desenvolvidos por diversos autores envolvidos nas temáticas da Percepção Ambiental e da Gerontologia Ambiental, o qual envolveu geógrafos, arquitetos, urbanistas, psicólogos, e organizações, como a OMS e a ONU. Como produto da investigação realizada, apresentaram-se: (i) as variáveis e os indicadores a serem utilizados para a compreensão de como o idoso percebe a área urbana na

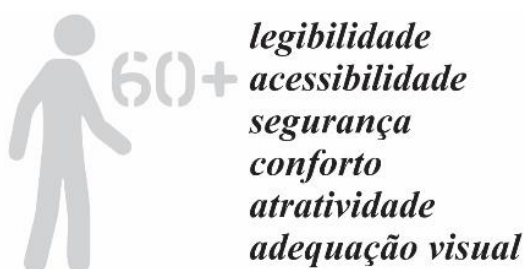
qual está inserido e como ele se apropria desse espaço (Figura 12 e Figura 13), e (ii) as hipóteses da pesquisa.

Após a revisão bibliográfica e o acúmulo de conhecimento, acreditou-se que:

Hipótese 01: para o idoso, a presença de elementos que correspondam aos indicadores voltados ao ambiente (Figura 13) no cenário urbano potencializa a percepção positiva das variáveis de análise (Figura 12).

Hipótese 02: em continuação à hipótese 01, a percepção positiva das variáveis voltadas ao usuário (Figura 12) estimula o idoso a apropriar-se do ambiente construído, assim como a percepção negativa das mesmas variáveis inibe esta apropriação.

Figura 12: Variáveis centradas no usuário.



Fonte: Elaborado pela Autora, 2017.

Figura 13: Indicadores centrados no ambiente.



Fonte: Elaborado pela Autora, 2017.

Encerra-se o desenvolvimento deste capítulo com a apresentação do Apêndice A. Nele constam os referenciais bibliográficos citados em cada item apresentado, seguidos do número de vezes que os mesmos são mencionados.

Observa-se que os referenciais utilizados com maior frequência em cada um dos itens e subitens estão em destaque. Logo, ao analisar somente os elementos em ênfase, aponta-se que os seguintes trabalhos estão fortemente presentes em mais de um item: Amor, 2011 (em 04 itens), Assmann, 2011 (em 02 itens), Gehl, 2013 (em 04 itens), Izquierdo et al, 2015 (em 02 itens), Lynch, 1999 (em 04 itens), OMS, 2008 (em 09 itens) e Tomasini, 2004 (em 02 itens). Portanto, esse grupo representa a base bibliográfica que sustentou grande parte das afirmações aqui expostas e que direcionou a busca por demais autores, tanto para reforçar as ideias apresentadas como para preencher outras lacunas de conhecimento.

Concluído o capítulo de apresentação dos referenciais teóricos, expõe-se a metodologia empregada para a realização do estudo investigativo com o intuito de embasar as etapas de coleta de dados e de suas análises.

3 METODOLOGIA

O terceiro capítulo é destinado a abordar os métodos e instrumentos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa e a apresentar os recortes que compõe o objeto estudo de caso, expõe um breve histórico desses, suas delimitações espaciais na malha urbana e as características que os tornam locais de interesse para a prática metodológica. Ancoradas nos fundamentos teóricos da área de pesquisa interessada nas relações pessoa-ambiente, foram explanadas as estratégias de realização da coleta de dados e dos caminhos escolhidos para analisa-los.

3.1 Seleção do Objeto de Estudo

Definiu-se o conjunto formado por três recortes de Pelotas, Rio Grande do Sul, como o objeto estudo de caso escolhido para atender aos objetivos propostos nesta produção científica. A seleção dos recortes nesta cidade foi determinada em uma reunião em conjunto com a pesquisa *“Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities”*.

A alta concentração de idosos (idosos/hectare) foi utilizada para a definição dos recortes urbanos que compõe o objeto estudo de caso. Além disto, detectou-se a necessidade de sugerir recortes com diferentes realidades financeiras (renda mensal/domicílio). Na ocasião registrada na Figura 14, o pesquisador e arquiteto Sinval Cantarelli Xavier apresentou ao grupo de pesquisa um mapa de Pelotas. Xavier elaborou uma legenda para viabilizar a análise qualitativa da base cartesiana e, assim, apresentou os dados estatísticos que apontavam as diferentes concentrações de idosos e faixas de renda mensal. Logo, sob uma base bidimensional, ocorreu o debate a respeito de quais seriam os recortes urbanos que pertenceriam ao estudo de caso.

Salienta-se que, conforme descrito acima, o exercício de escolha dos recortes não priorizou que os mesmos ocorressem em determinados bairros ou regiões da cidade. O nome dos bairros onde situam-se os recortes que compõem o objeto de

estudo são mencionados somente com a finalidade de facilitar a compreensão da localização de tais áreas na malha urbana.

Figura 14: Reunião para a definição dos recortes urbanos.



Fonte: Acervo Place Age, 2017.

Logo, o 1º recorte (área municipal com alta densidade de idosos e alta renda mensal – no Centro), o 2º recorte (área municipal com alta densidade de idosos e média renda mensal – no Fragata) e o 3º recorte (área municipal com alta densidade de idosos e baixa renda mensal – no São Gonçalo) foram escolhidos como fragmentos capazes de sintetizar a realidade urbana de Pelotas. Bastitoni e Neri abordam as questões do empobrecimento financeiro e de recursos sociais na velhice e ressaltam que os:

Processos de comparação social intervêm na avaliação do bem-estar subjetivo, do qual a depressão, assim como na avaliação da própria posição social, da qual cada classe social e mobilidade social percebidas são expressão. Por esse motivo, esses construtos são alvos do interesse dos estudos sobre envelhecimento e sobre psicopatologia na velhice (BATISTONI e NERI, 2007, p. 5).

Compreendidos os motivos que fizeram dos recortes extraídos dos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo, o objeto estudo de caso, apresenta-se, de maneira sucinta, a história dos três bairros no desenvolvimento de Pelotas.

Com a expansão urbana municipal, a conformação do Fragata (no qual se situa o 2º recorte) ocorreu nas terras da fazenda Santa Bárbara, limitadas pelo extinto arroio Santa Bárbara e aproximavam-se da atual localização do clube Campestre. No início do século XX, a área foi utilizada como trajeto para o transporte dos produtos coloniais que abasteciam a cidade e, após a abertura da estrada de escoamento, inúmeros armazéns instalaram-se em sua margem, dando origem ao populoso “bairro cidade” (OLIVEIRA, 2007).

Nesta retrospectiva que demarca o surgimento dos três bairros na história local, o São Gonçalo (no qual se situa o 3º recorte), mais precisamente a microrregião Navegantes, apresenta-se como a mais recente iniciativa pública que visou solucionar o problema do crescimento demográfico em Pelotas. Porém, foram pouquíssimas e quase nulas as publicações que mencionam a história desta microrregião.

Em entrevista com funcionários da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária, a pesquisadora foi informada que a Prefeitura Municipal, no ano de 1978, obteve subsídios através da Lei Ordinária 2418, que permitia a realização de empréstimo com o Banco Nacional de Habitação (BNH) para a participação no programa PROFILURB (PELOTAS, 1978). Assim, a população recebeu os lotes (com banheiro) que deram origem ao Navegantes. Os habitantes tornaram-se posseiros e, no ano de 1992, conforme Contrato de Compra e Venda (Anexo D), obtiveram o direito à compra e regularização pela quantia simbólica de R\$1,00.

Após a explanação histórica das regiões que compõe o estudo, apresenta-se a delimitação dos recortes para a aplicação metodológica e, posteriormente, mencionam-se os motivos que acarretaram na escolha de cada um destes.

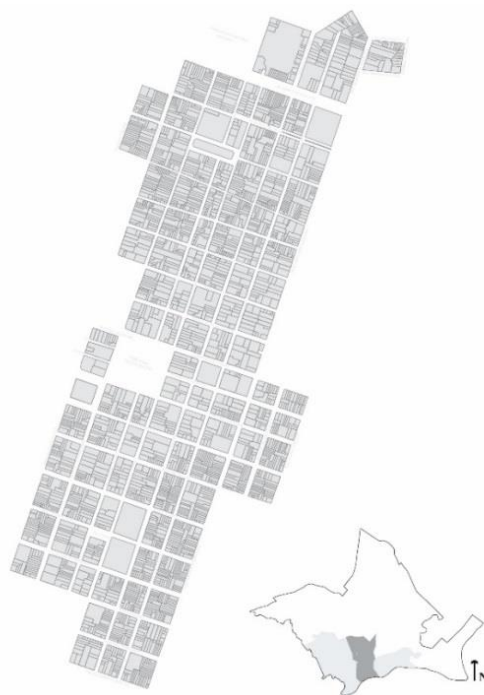
3.1.2 Localização das áreas de estudo

Como a própria palavra sugere, os “recortes” urbanos não correspondem à área total de cada um dos bairros envolvidos. Logo, estes foram definidos ao ter-se em vista os seguintes critérios de interesse: (i) a alta concentração de idosos/hectare e

(ii) apontar diferentes realidades de renda mensal/domicílio. Ao considerar estas duas premissas, os recortes foram selecionados nas áreas que possuem como extremos as seguintes ruas e avenidas:

- a. 1º recorte (Figura 16 e Anexo A): a Rua Álvaro Chaves, a Rua Benjamin Constant, a Rua Andrade Neves e a Avenida Bento Gonçalves;
- b. 2º recorte (Figura 17 e Anexo B): a Avenida Duque de Caxias, a Avenida Brasil, a Avenida Visconde da Graça e a Rua Carlos de Carvalho;
- c. 3º recorte (Figura 18 e Anexo C): a Avenida Bento Gonçalves, a Avenida Cidade de Rio Grande, a Rua Dr. Mário Meneguetti e a Avenida Artur de Souza Costa.

Figura 16: 1º recorte urbano – dentro do bairro Centro.



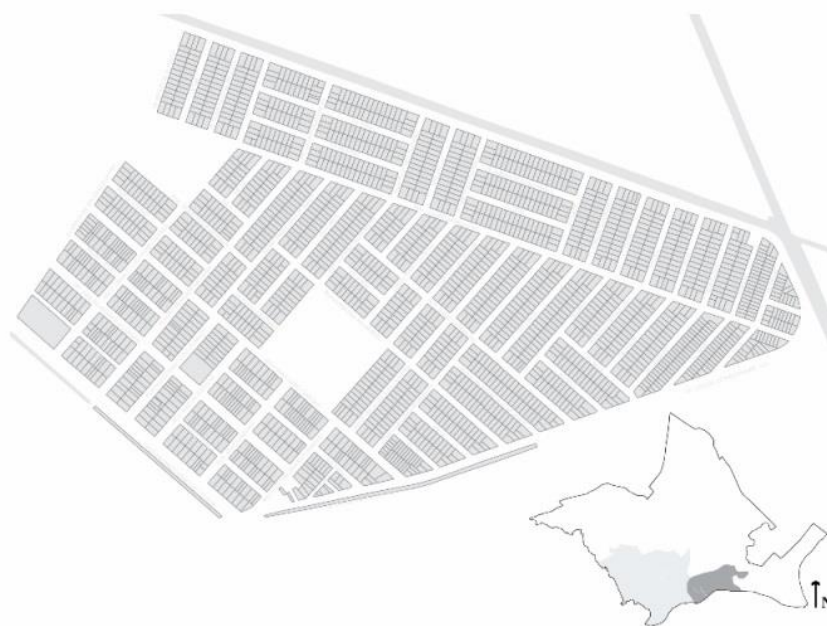
Fonte: Acervo Place Age, adaptado pela autora, 2017.

Figura 17: 2º recorte urbano – dentro do bairro Fragata.



Fonte: Acervo Place Age, adaptado pela autora, 2017.

Figura 18: 3º recorte urbano – dentro do bairro São Gonçalo.



Fonte: Acervo Place Age, adaptado pela autora, 2017.

Assim, encerra-se a apresentação da localização dos recortes urbanos e conduz-se para a caracterização dos mesmos.

3.1.3 Caracterização das áreas de estudo

A caracterização dos recortes do estudo de caso é apresentada com o intuito de registrar quais realidades foram detectadas em cada uma das áreas, tornando-as objetos de interesse para esta prática acadêmica.

Entretanto, para compreender quais números representam uma alta concentração de idosos e quais números seriam capazes de apontar para realidades financeiras distintas, atentou-se para os seguintes intervalos (IBGE, 2010): (i) há de 0 a 38,18 idosos residentes em Pelotas por hectare e (ii) há de 0 a R\$14.234,89 mensais para cada domicílio em Pelotas.

O 1º recorte, no bairro Centro, ao mesmo tempo em que apresenta a maior concentração de idosos na malha urbana pelotense, de 2,91 a 21,68 idosos/ha, apresenta uma renda mensal por domicílio de R\$3.624,57 a R\$8.586,57, o que a define como área de moradia para pessoas de alto poder aquisitivo (IBGE, 2010). As fotografias sinalizam a presença de idosos no recorte, tanto em situações de lazer (Figura 19), como em situações de deslocamento (Figura 20).

Apesar do 2º recorte, no bairro Fragata, também apresentar uma alta concentração de idosos residentes, de 2,91 a 11,20 idosos/ha, o intervalo de renda mensal por domicílio registra quantias inferiores as do 1º recorte, que variam de zero a R\$3.624,56, o que caracteriza a região como de pessoas de médio poder aquisitivo (IBGE, 2010). O registro fotográfico registrou idosos sentados nos passeios urbanos (Figura 21) e idosos em deslocamento pelo bairro (Figura 22).

Por fim, no 3º recorte, no São Gonçalo, microrregião do bairro Navegantes, foi identificada uma alta presença de idosos, a mesma apresentada no 2º recorte, de 2,91 a 11,20 idosos/ha. Entretanto, os valores da renda mensal domiciliar assumem um intervalo de zero a R\$2.188,00, o que relega seus moradores à faixa de baixo poder

aquisitivo (IBGE, 2010). A Figura 23 e a Figura 24 exemplificam o cotidiano de idosos nas ruas do recorte.

A caracterização dos recortes através da descrição de pontos turísticos, das particularidades da qualidade física espacial urbana, das características predominantes do uso do solo, dentre outras, foi realizada e está relatada no item 3.3.3.3. Levantamento Físico dos Aspectos Urbanos. Compreendidas as características dos recortes urbanos, na próxima subseção são apresentadas a abordagem metodológica e as estratégias de pesquisa assumidas para o desenvolvimento do estudo.

Figura 19: Praça Cel P. Osório,
Centro.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 20: Mercado Público,
Centro.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 21: Rua Sete de Abril,
Fragata.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 22: Av. Duque de Caxias,
Fragata.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 23: Avenida Bento Gonçalves,
São Gonçalo.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Figura 24: Rua Lázaro Zamenhoff,
São Gonçalo.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

3.2 Estratégias metodológicas

Esta pesquisa abordou os aspectos referentes à percepção e ao comportamento dos idosos moradores de três recortes da cidade de Pelotas com o intuito de gerar conhecimento referente ao contexto em questão. Por existir conhecimento teórico reconhecido sobre a relação do idoso versus ambiente construído, os resultados foram confrontados a estudos prévios e poderão ser generalizados a situações similares (REIS e LAY, 1995).

Optou-se por realizar levantamento (i) bibliográfico, (ii) documental e (iii) de campo. Para o terceiro levantamento, utilizaram-se métodos da Avaliação Pós-Ocupação (APO), apontados no próximo subitem. Compreende-se que a área da APO busca, através do uso de múltiplos métodos e instrumentos (REIS e LAY, 1995; ROMÉRO e ORSTEIN, 2003):

- a. Compreender como o ambiente construído influencia no comportamento de determinado grupo de pessoas;
- b. Diagnosticar aspectos positivos e negativos do ambiente ocupado;

- c. Apresentar recomendações capazes de requalificar o objeto de estudo e de colaborar para a tomada de conhecimento pertinente a produção de espaços arquitetônicos e urbanísticos que se assemelhem ao estudo de caso.

Logo, os pesquisadores da APO analisam os aspectos socioeconômicos e comportamentais de um grupo de usuários e confrontam estas informações aos aspectos físicos, estéticos e funcionais apresentados pelo ambiente construído. As pesquisas de APO expõem o ponto de vista de múltiplos indivíduos, como pesquisadores, projetistas, usuários e informantes qualificados. Aos técnicos é confiada a tarefa do reconhecimento do ambiente, através de vistorias e levantamentos; com os usuários, são realizados questionamentos pertinentes a sua percepção ambiental e seu contexto socioeconômica (ROMÉRO e ORSTEIN, 2003).

Neste estudo, instrumentos de APO foram utilizados na realização do levantamento de campo através de *análises físicas*, ao aplicar levantamento fotográfico e levantamento de aspectos físicos do lugar; de *análises comportamentais*, ao aplicar o instrumento de mapas mentais (acompanhados de entrevistas estruturadas) e de mapas comportamentais.

Para Yin (2001, p. 21) “como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”. Assim, o estudo de caso é comumente utilizado como estratégia em pesquisas da psicologia, sociologia, ciência política e do planejamento. Destaca-se que a ampla utilização desta estratégia vem da ânsia de compreender fenômenos sociais complexos através de uma investigação que preserve as características holísticas manifestadas no estilo de vida apresentadas nos episódios da vida real, a exemplo de mudanças ocorridas em regiões urbanas.

Escolhe-se o estudo de caso como estratégia metodológica quando, assim como nesta pesquisa, há a necessidade de examinar acontecimentos contemporâneos sem manipular o comportamento dos indivíduos. Para desempenhar tal função, o estudo envolve técnicas empregadas em pesquisas históricas somadas à observação direta e a uma série sistemática de entrevistas. Portanto, o grande

diferencial do estudo de caso refere-se a sua capacidade de lidar com um amplo leque de evidências: documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2001).

Portanto, adotou-se como estratégia de pesquisa o uso do objeto estudo de caso, a fim de “diagnosticar e propor soluções para problemas existentes, ou para, a partir do diagnóstico, obter informações para a implementação de um futuro projeto similar ao estudado, a ser utilizado essencialmente pela mesma população de usuários” (REIS e LAY, 1995, p. 7). A decisão de utilizar múltiplas abordagens ancorou-se na necessidade de buscar diversos caminhos para alcançar-se um amplo conhecimento referente às relações pessoa-ambiente. As pesquisas relativas à avaliação ambiental devem abranger três instâncias, o *ambiente*, a *instituição* e o *usuário* e, para isso, devem aplicar métodos centrados tanto no ambiente quanto no indivíduo. Em outras palavras, as pesquisas devem apresentar métodos *descritivos/quantitativos* (a exemplo dos mapas comportamentais) e métodos *avaliativos/qualitativos* (a exemplo dos mapas mentais), a fim de ampliarem os meios de análise do fenômeno apontado (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO, 2004).

Dito isto, o método de análise adotado enfoca a ótica da Fenomenologia em oposição à corrente metodológica do Positivismo e ao método Dialético. Enquanto o positivismo tem como objetivo central descobrir as leis que governam o fenômeno estudado e o método dialético “constitui-se numa espécie de mediação no processo de aprender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais” (FRIGOTTO, 2004, p. 77), a corrente metodológica da fenomenologia tem como finalidade compreender o fenômeno para dizer como este funciona e não para compreender os motivos pelos quais ele ocorre. Portanto, requer do pesquisador uma postura que tenha como ponto de partida uma atitude destituída de preconceitos e pré-definições (FINI, 1997; SANTANA, 2008).

Do ponto de vista fenomenológico, o pesquisador busca superar a superficialidade das descrições passivas para, além disto, interpretar o fenômeno e, ao “percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos no outro interpretações, ou compreensões diferentes surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão” (MASINI, 2004, p. 63).

Acrescenta-se que a pesquisa fenomenológica possui aspectos procedimentais que ajudam o pesquisador a entender as etapas de execução do seu trabalho científico. São elas: (i) momento pré-reflexivo, quando o autor tem dúvidas a respeito de determinado fenômeno que almeja conhecer; (ii) momento *epoche*, quando o pesquisador se desliga de suas concepções, crenças e teorias prévias a respeito do fenômeno identificado; e (iii) a determinação de uma região de inquérito, para que o pesquisador possa encontrar os dados necessários ao entendimento da realidade experimentada pelos indivíduos (FINI, 1997; MASINI, 2004).

Apresentadas a abordagem metodológica e a estratégia de pesquisa aqui utilizadas, no próximo item descreve-se como foram utilizados os métodos de pesquisa e os motivos pelos quais compõem a metodologia desta pesquisa.

3.3 Coleta de dados

Conforme mencionado, os métodos e técnicas de coleta de dados escolhidos para atender aos objetivos propostos foram levantamento bibliográfico, documental e de campo. Para o levantamento de campo, inclui-se: (a) levantamento fotográfico e observação, (b) mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos, (c) levantamento físico dos aspectos urbanos e (d) mapas comportamentais.

3.3.1 Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico foi a primeira iniciativa para o desenvolvimento deste estudo e referiu-se à coleta de dados, em fontes primárias e secundárias, para o aprofundamento dos assuntos vinculados à problemática exposta. Os dados foram obtidos em publicações nacionais e internacionais, apresentadas em livros, artigos, dissertações, teses, guias, leis e decretos.

Foram levantadas informações relativas à Percepção Ambiental (fundamentação teórica, o conceito de cidades legíveis e os mapas mentais como instrumento de leitura do imaginário urbano), à memória (formação, manutenção e a

sua importância no desenvolvimento da identidade individual e coletiva), ao idoso (leis voltadas à defesa do pós-sexagenário, dados demográficos referentes ao envelhecimento populacional, o estilo de vida do idoso urbano e informações pertinentes à cognição dos humanos na terceira idade) e ao comportamento do idoso no ambiente construído (a Gerontologia Ambiental como tema de pesquisa, a importância do envolvimento do idoso no planejamento de requalificações urbana e as limitações cognitivas do idoso apresentadas no processo participativo).

Os referenciais bibliográficos coletados deram suporte e embasamento teórico para a formulação do conjunto de variáveis associadas à pesquisa, apresentadas no encerramento do primeiro capítulo.

3.3.2 Levantamento documental

O levantamento documental foi realizado com o intuito de preencher a lacuna do conhecimento pertinente à história e caracterização de uma das áreas que compõe o objeto de estudo: o Navegantes. Por tratar-se de uma área de expansão urbana recentemente acrescentada à malha urbana pelotense, poucas são as publicações bibliográficas que o descrevem. Desta maneira, a Prefeitura Municipal de Pelotas forneceu documentos e plantas baixas que possibilitaram o desenvolvimento textual capaz de introduzir uma breve retrospectiva local. A Prefeitura Municipal também forneceu o Mapa Urbano atualizado da cidade, contendo a região dos três recortes, datado de outubro de 2016, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento da base necessária ao levantamento físico e ao mapa comportamental.

Além da planta cedida pela prefeitura municipal, esta pesquisa apoiou-se na oferta de mapas disponibilizada pelos pesquisadores vinculados à pesquisa “*Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities*”. Organizados por Sinval Cantarelli Xavier e Anelize Milano Cardoso, os mapas foram imprescindíveis nas etapas de apresentação e de delimitação dos recortes do estudo de caso.

Em conjunto com o levantamento bibliográfico, o levantamento documental forneceu os subsídios necessários à elaboração do material para o levantamento de campo, exposto no subitem a seguir.

3.3.3 Levantamento de campo

O levantamento de campo refere-se à busca por informações obtidas no ambiente analisado e oferece um panorama atual das variáveis físicas e comportamentais que se deseja estudar. Nesta pesquisa, o levantamento de campo dividiu-se em: (i) levantamento fotográfico e observação, (ii) mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos, (iii) levantamento físico dos aspectos urbanos e (iv) mapas comportamentais. Estes métodos foram desenvolvidos com o intuito de compreender como os idosos percebem e se apropriam do espaço urbano e, assim, desvendou as relações existentes no comportamento ambiental desse público quando inserido em realidades socioeconômicas distintas.

Observa-se que a ordem de apresentação dos métodos de APO para o desenvolvimento desta pesquisa não reflete uma decisão por mero acaso, mas uma organização necessária, onde a aplicação prévia de um determinado método possibilitou a seleção das amostras do método seguinte. Logo, todos os métodos foram desenvolvidos de tal forma a permitir que os produtos gerados pudessem ser relacionados. As estratégias de seleção das amostras (critérios de escolha dos participantes e das ruas) foram descritas após uma breve explicação quanto aos métodos de APO empregados, iniciando-se pelo levantamento fotográfico.

3.3.3.1 Levantamento fotográfico e observação

O levantamento fotográfico foi utilizado como método de pesquisa por sua capacidade de representar a realidade estudada e por eternizar a etapa de observação do ambiente construído, o que viabiliza a revisão das situações encontradas *in loco* (no objeto de estudo) para análise posterior.

O método pode ser utilizado paralelamente aos demais métodos adotados, de modo a registrar e ilustrar o desenvolvimento das diferentes etapas e auxiliar na análise do material desenvolvido em cada uma delas. Logo, a fotografia foi utilizada como forma de registro dos seguintes momentos:

- a. Reconhecimento dos recortes urbanos (Figura 25);
- b. Elaboração dos mapas mentais durante a entrevista estruturada (Figura 26);
- c. Levantamento físico dos aspectos urbanos pertinentes à percepção e à apropriação do idoso frente ao cenário urbano (Figura 27);
- d. Produção dos mapas comportamentais com o intuito de registrar a participação do idoso na malha urbana pelotense (Figura 28).

Figura 25: Reconhecimento dos recortes urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 26: Elaboração dos mapas mentais.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 27: Levantamento físico dos aspectos urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 28: Produção dos mapas comportamentais.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Compreendidos os motivos pelos quais o levantamento fotográfico foi escolhido como método para o desenvolvimento desta pesquisa e exemplificada a sua utilização em cada um dos recortes urbanos, apresenta-se a utilização de mapas mentais, acompanhados de uma entrevista estruturada, como método de levantamento de campo eficaz na interpretação da percepção urbana coletiva.

3.3.3.2 Mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos

Os mapas mentais representam, juntamente com os mapas comportamentais, a estratégia central desta pesquisa para confrontar a percepção do idoso urbano com a apropriação que esse usuário estabelece com o ambiente construído. Günther, Elali

e Pinheiro (2004) apontam a utilização dos mapas mentais e dos mapas comportamentais como duas das principais estratégias para a compreensão das experiências ambientais humanas. Para as pesquisas de APO, os autores supracitados indicam a utilização de múltiplos métodos que relacionem dados centrados no ambiente (mapa comportamental) versus dados centrados no usuário (mapa mental acompanhado de entrevista estruturada).

Optou-se por seguir as recomendações expostas nos referenciais bibliográficos e aplicar, paralelamente ao desenvolvimento dos mapas mentais, uma entrevista estruturada. Tratou-se de uma entrevista desenvolvida sobre as perguntadas apresentadas por Lynch, incluídas com o intuito de complementar o método com informações relevantes à etapa de análise dos dados coletados nos desenhos. A estratégia de aplicação dos mapas mentais seguiu o modelo sócio-interativo ou experiencial, onde a pesquisadora acompanhou o processo de criação do desenho, interagiu com o colaborador e estimulou-o a relatar o que está desenhando e os motivos que o levaram a tais inserções. À pesquisadora, coube registrar as informações verbalizadas e não influenciar na tomada de decisões do colaborador. Recomendado pela literatura e com a intenção de enriquecer o desenvolvimento dos desenhos, disponibilizou-se a todos os colaboradores o uso de lápis coloridos (LYNCH, 1999; RHEINGANTZ et al., 2009).

Os idosos selecionados para compor a amostra (demais informações pertinentes à seleção dos idosos voluntários que participaram desta aplicação metodológica podem ser verificadas no item 2.4.1. Seleção dos respondentes) foram entrevistados no ambiente doméstico de suas residências, em dia e hora previamente marcados. O agendamento das entrevistas foi realizado após a pesquisadora obter respostas positivas quanto à idade dos convidados (obrigatoriamente deveriam possuir sessenta anos ou mais), se estes residiam em um dos recortes urbanos que compunham o estudo de caso, se estavam interessados em participar como colaboradores da pesquisa e se, por fim, teriam a disponibilidade de participação. A pesquisadora, além de registrar o endereço, dia e hora combinados, tomava nota do nome e do contato (telefone celular ou fixo residencial) para confirmar a elaboração da entrevista na véspera da mesma.

As entrevistas foram realizadas com 08 idosos moradores de cada um dos recortes, o que totalizou a produção de 24 mapas mentais (Apêndice D). Estas foram realizadas na sala de estar ou na cozinha das residências, aproveitando-se de mesas de jantar para obter a acomodação necessária à postura dos idosos no momento da elaboração dos mapas mentais. As conversas que seguiam após esta acomodação transcorreram calmamente, onde a pesquisadora falou claramente e quantas vezes o fosse solicitada as explicações e perguntas estruturadas. O protocolo de aplicação das entrevistas seguiu o seguinte passo-a-passo:

- a. *Termo de consentimento livre e esclarecimento* (Apêndice B): cada um dos respondentes foram entregues duas cópias idênticas do termo, onde a pesquisadora apresentou um breve resumo da pesquisa; explicou a colaboração que se esperava do voluntário; sinalizou que o áudio da entrevista seria gravado para uso exclusivo da pesquisadora, que se comprometeu em não divulgá-los; declarou que o método a ser utilizado não apresentaria desconforto e riscos à saúde dos voluntários, também não representaria gastos financeiros ao mesmo; informou que a pesquisa não beneficiaria diretamente os voluntários; disponibilizou seu endereço eletrônico para contato posterior e, por fim, solicitou a autorização para que a entrevista fosse fotografada e suas imagens fossem utilizadas nos registros da pesquisa. Salientou-se que o colaborador poderia retirar o seu consentimento antes ou durante a mesma, sem penalidades ou prejuízos. Pesquisadora e colaborador assinaram as duas vias, que ficaram de posse de cada uma das partes.
- b. Preenchimento dos *Dados Gerais* e *Dados do Voluntário* no documento da entrevista estruturada (Apêndice C): a pesquisadora anotou, no campo destinado aos *Dados Gerais*, o número da entrevista, a data de aplicação, a hora inicial e reservou o campo da hora de término para ser preenchido no final da coleta. No campo destinado aos *Dados do Voluntário*, solicitou que o respondente informasse seu nome, idade, gênero, endereço, tempo de moradia em Pelotas, tempo de moradia no bairro e nível de escolaridade.
- c. Realização da entrevista estruturada (Apêndice C): refere-se à aplicação das perguntas de 01 a 06. Observa-se que no momento da segunda pergunta, quando foi solicitado ao participante: “Gostaria que fizesse rapidamente um mapa de Pelotas. (...)” (Apêndice C), o entrevistador entregou ao respondente

uma folha em branco, identificada com o número da entrevista, para que nela fosse desenhado o mapa mental. Conforme indicado por Lynch, a pesquisadora anotou o que representam as cinco primeiras inserções desenhadas no mapa (LYNCH, 1999).

- d. Realização das perguntas complementares (Apêndice C): refere-se às perguntas estruturadas 07 e 08, incluídas após a realização das perguntas propostas por Lynch. As duas perguntas foram acrescentadas após a entrevista básica para que as variáveis centradas no usuário pudessem ser respondidas pelos idosos.
- e. Momento final: o entrevistador voltou à folha inicial para o preenchimento do horário de término e agradeceu a participação voluntária do colaborador.

A pesquisadora seguiu a recomendação de Lynch para a interpretação sistematizada dos desenhos e para viabilizar a identificação de imagens públicas, onde sugere a classificação das informações inseridas nos mapas em cinco elementos: Marcos, Nós, Limites, Vias e Bairros (LYNCH, 1999).

3.3.3.3 Levantamento físico dos aspectos urbanos

O levantamento físico possibilitou que fosse representada, graficamente, a ocorrência dos elementos que compõe o cenário urbano (locais de atração, de prestação de serviços, de trabalho, etc.) e, assim, revelou o panorama social da realidade dos recortes que compõe o objeto de estudo (NETTO e KRAFT, 1999). Desta maneira, “o ambiente construído pode ser investigado diretamente quanto ao seu desempenho, por meio de medições que podem ou não incluir a utilização de aparelhos” (REIS e LAY, 1995, p. 17).

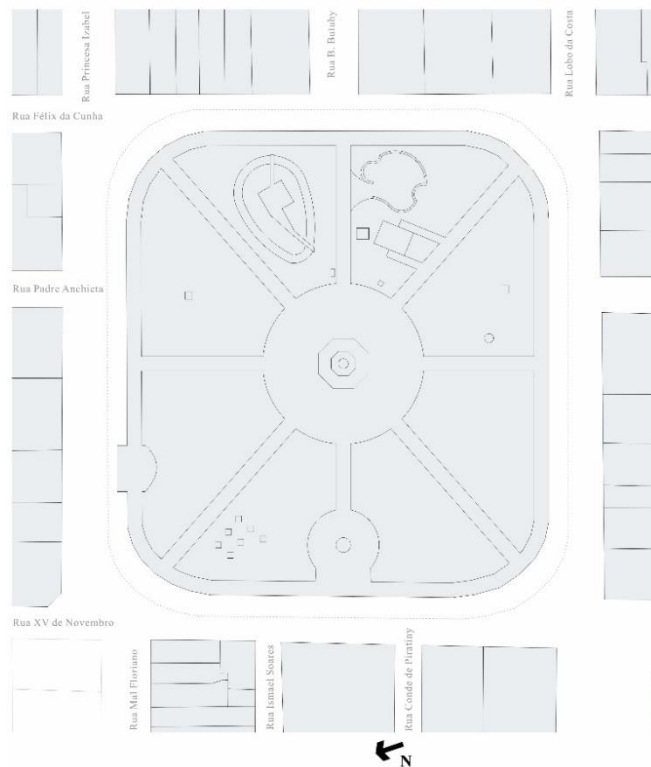
Nesta pesquisa, os elementos do cenário urbano foram definidos como indicadores centrados no ambiente. A revisão bibliográfica viabilizou a identificação de quais são os indicadores que influenciam no cotidiano do idoso que usufrui do cenário urbano e, conforme mencionado no item 1.5.2. Indicadores centrados no ambiente, foram observados os:

- a. *Equipamentos e infra-estruturas de apoio* – para detectar a presença de mobiliário urbano que possibilite conforto, bem-estar, geração de pontos de repouso, proteção, atendimento às necessidades básicas, e infra-estruturas de apoio às sociabilidades;
- b. *Equipamentos para acessibilidade* – para levantar os equipamentos que facilitam o acesso a transportes públicos, a equipamentos ou serviços urbanos e os relacionamos à mobilidade do pedestre nas ruas e nos espaços públicos;
- c. *Equipamentos de trânsito* – para apontar os equipamentos de trânsito que auxiliam na mobilidade urbana, como faixas de segurança e semáforos;
- d. *Locais de consumo e bens de serviços urbanos* – para registrar os empreendimentos e equipamentos comerciais e de serviços;
- e. *Locais distribuidores de fluxo social* – para identificar os equipamentos que auxiliam o embarque e desembarque de pessoas ao transporte público;
- f. *Locais de lazer e prática de atividades físicas* – para registrar a existência de locais destinados a práticas esportivas e de lazer;
- g. *Elementos naturais* – para apontar os elementos naturais do cenário urbano;
- h. *Limpeza urbana* – para registrar o acúmulo de lixo e a presença de lixeiras;

Estes elementos foram observados nos lugares onde foram realizados os mapas comportamentais. Em síntese, o levantamento foi realizado em 04 locais por recorte urbano, totalizando 12 mapas de levantamento físico dos aspectos urbanos (Apêndice E). Outras informações referentes à seleção dos locais onde foi realizado este levantamento podem ser verificadas no item 3.4.2. Seleção das Ruas.

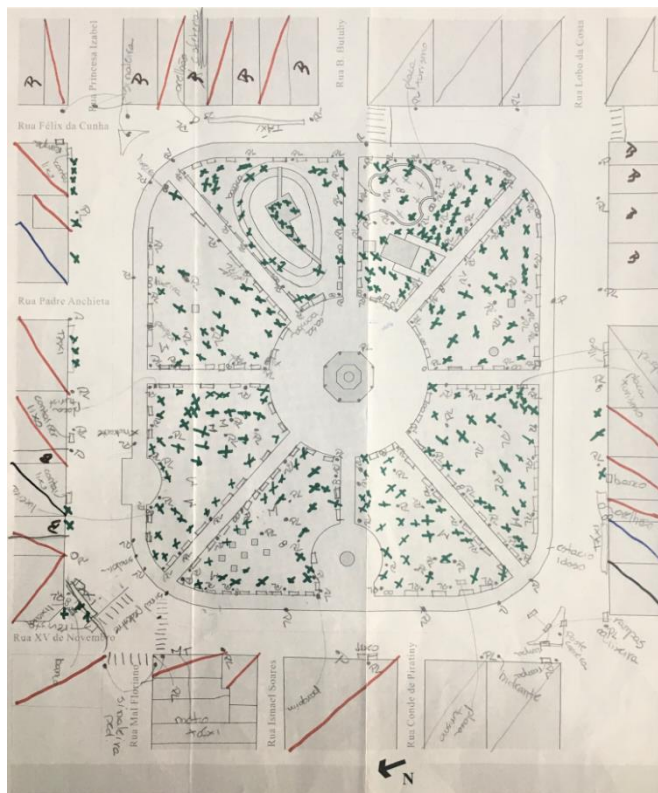
O levantamento físico contou com o auxílio de prancheta, lápis, canetas coloridas, mapas impressos em papel (A4 e A3) e máquina fotográfica. Os mapas impressos para a elaboração do levantamento físico foram preparados através de um *layout* monocromático e com a inserção mínima de informações (Figura 29). A Figura 30 exemplifica como as informações foram registradas pela pesquisadora no momento da coleta de dados e a Figura 31 demonstra o resultado obtido da transferência de tais informações para o meio digital.

Figura 29: Exemplo de mapa impresso para a elaboração do levantamento físico.



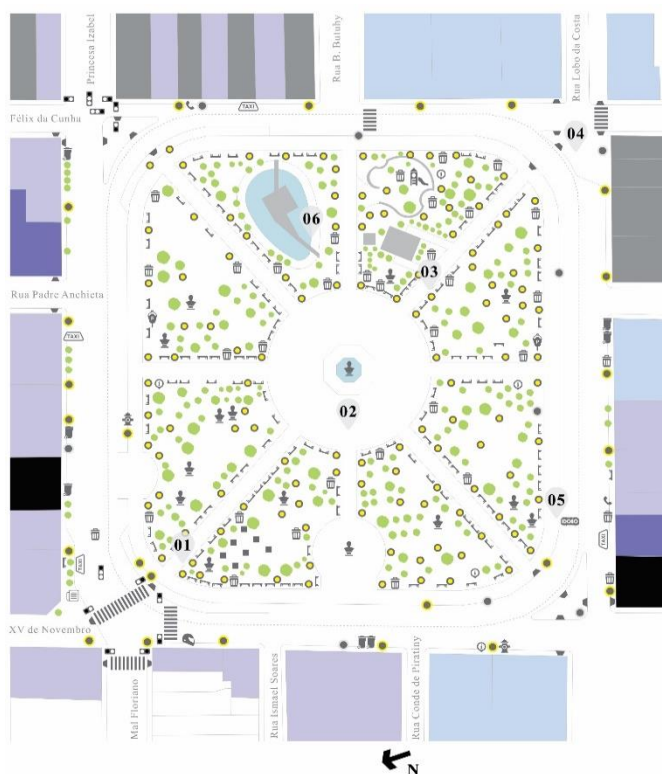
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 30: Exemplo do registro das informações no momento da coleta de dados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 31: Resultado obtido da transferência das informações para o meio digital.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Apresentado o desenvolvimento do levantamento físico dos aspectos urbanos para os 12 locais propostos, o próximo item relata a aplicação metodológica dos mapas comportamentais, desenvolvidos para o entendimento da apropriação que o idoso realiza do cenário urbano no qual está inserido.

3.3.3.4 Mapas comportamentais

O instrumento dos mapas comportamentais, *behavioural maps* em inglês, desenvolvido por Ittelson e Rivlin, em 1970, apresenta-se como uma estratégia rápida e dinâmica, baseada no que verdadeiramente ocorre no ambiente construído (REIS e LAY, 1995; CUNHA et al., 2012). Neste sentido, o mapeamento comportamental, citado por Günther, Elali e Pinheiro como um dos principais métodos da APO centrados no ambiente urbano, foi utilizado nesta pesquisa como meio para compreender as experiências ambientais do idoso através do registro sistemático das

observações comportamentais e das atividades por ele executadas no espaço (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO, 2004; RHEINGANTZ et al., 2009).

Esta metodologia foi adotada por ser extremamente útil para o levantamento e interpretação das relações entre comportamento humano e espaços públicos abertos com grande concentração de usuários, como praças e avenidas (RHEINGANTZ et al., 2009; CUNHA et al., 2012). Assim, o instrumento de mapeamento comportamental viabilizou que a pesquisadora registrasse informações como as atividades e a localização dos idosos no ambiente construído.

Os mapas comportamentais poderiam ser elaborados de duas formas distintas: mapas centrados nos lugares e mapas centrados nos indivíduos. Entretanto, “para avaliar ou conhecer grupo ou indivíduos, como a vida social de um grupo de pessoas idosas, deve ser utilizado o mapeamento centrado no indivíduo” (RHEINGANTZ et al., 2009, p. 36). Utilizou-se a metodologia dos mapas comportamentais como método centrado no ambiente porque esta pesquisa não busca analisar um grupo específico de idosos, mas a presença de todo usuário urbano que pertença à terceira idade (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO, 2004).

Para o desenvolvimento de mapas centrados no ambiente, a pesquisadora ficou parada em uma ou mais estações de boa visibilidade para observar e registrar as movimentações que ocorrem (RHEINGANTZ et al., 2009). Os mapas comportamentais foram realizados nos mesmos locais apontados para a elaboração do levantamento físico dos aspectos urbanos, totalizando 12 pontos de levantamento comportamental. Neles, a pesquisadora registrou a presença dos idosos através de uma legenda capaz de identificar o gênero do pós-sexagenário, se este desempenhava atividade estacionária ou em movimento, se estava sozinho ou acompanhado, se era cadeirante e, por fim, se estava de bicicleta.

As plantas baixas impressas para a elaboração dos mapas possuíam área destinada ao registro do dia do mês e da semana que foram realizadas as anotações, assim como o horário de início e término, as condições climáticas e o número de identificação do mapa comportamental. Além disto, as plantas baixas estavam acompanhadas de uma legenda para a elaboração dos mapas (Quadro 3).

Quadro 3: Legenda para a elaboração dos mapas comportamentais.

Legenda		
Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A aplicação da metodologia excluiu que fossem realizados mapas em feriados, para que a amostra final apresentasse maior semelhança possível com os movimentos e com as atividades regularmente desempenhadas nos recortes urbanos (RHEINGANTZ et al., 2009). Cada local foi observado em dois períodos: manhã e tarde. O deslocamento entre os 12 pontos foi realizado de veículo para viabilizar a aplicação de todos os mapas em cada turno e o trajeto definido iniciava no São Gonçalo (microrregião do Navegantes), percorria o Centro e era finalizado no Fragata.

Quadro 4: Aplicação dos mapas comportamentais.

Mapas Comportamentais			Manhã			Tarde			TOTAL
			1º rec.	2º rec.	3º rec.	1º rec.	2º rec.	3º rec.	
Inverno	1º dia	1º/09/2017	04	04	04	04	04	04	24
	2º dia	02/09/2017	04	04	04	04	04	04	24
Verão	3º dia	23/02/2018	04	04	04	04	04	04	24
	4º dia	24/02/2018			04				04
	5º dia	03/03/2018	04	04		04	04	04	20
TOTAL			16	16	16	16	16	16	96

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Os mapas seriam realizados em dois dias no verão e em outros dois dias no inverno, sendo um em dia útil (de segunda-feira à sexta-feira) e outro no final de semana. Entretanto, naquele que seria o último dia de levantamento comportamental do verão, após a elaboração dos 04 mapas no São Gonçalo, pela manhã, o tempo mudou repentinamente e, por conta da chuva que caía, a atividade foi adiada para o final de semana seguinte (Quadro 4). A amostra obteve 48 mapas comportamentais por estação do ano, 16 mapas por recorte urbano e 96 mapas totais (Apêndice F).

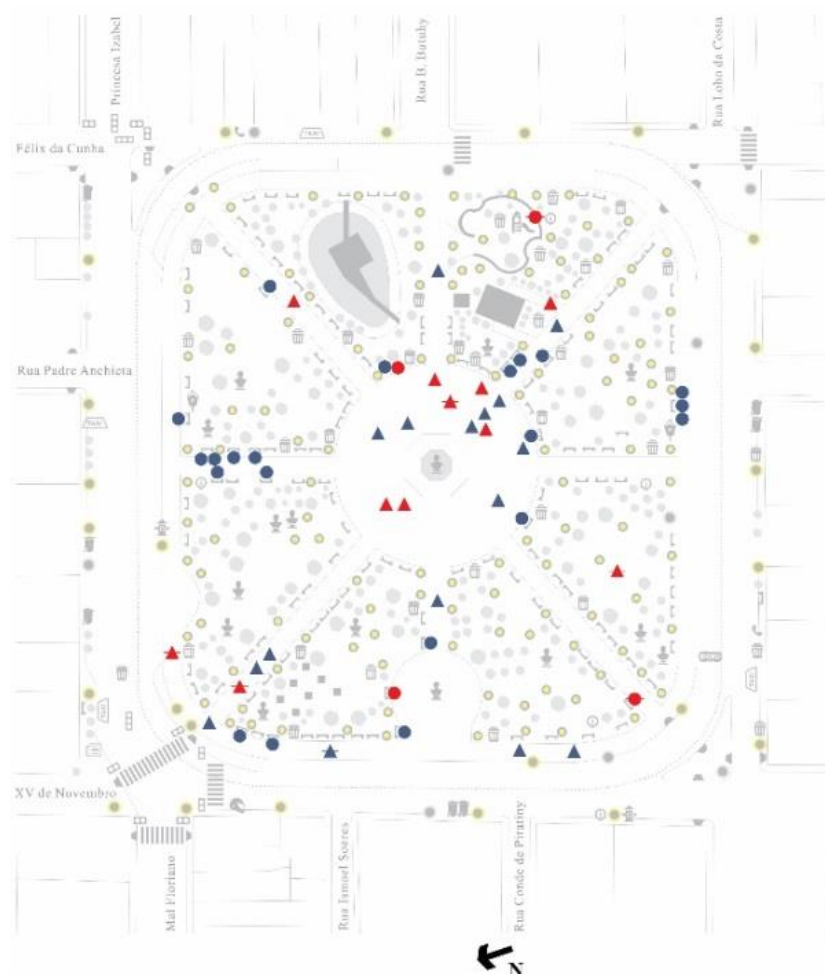
A Figura 32 exemplifica como as informações comportamentais foram registradas pela pesquisadora no momento da coleta de dados e a Figura 33 demonstra o resultado obtido da transferência de tais informações para a base digital. Na Figura 33 é possível perceber que as informações passadas ao meio digital foram sobrepostas à base de informações coletadas no levantamento físico.

Figura 32: Exemplo do registro das informações na coleta de dados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 33: Resultado obtido da transferência das informações para o meio digital.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3.4 Seleção das amostras

3.4.1 Seleção dos respondentes do mapa mental

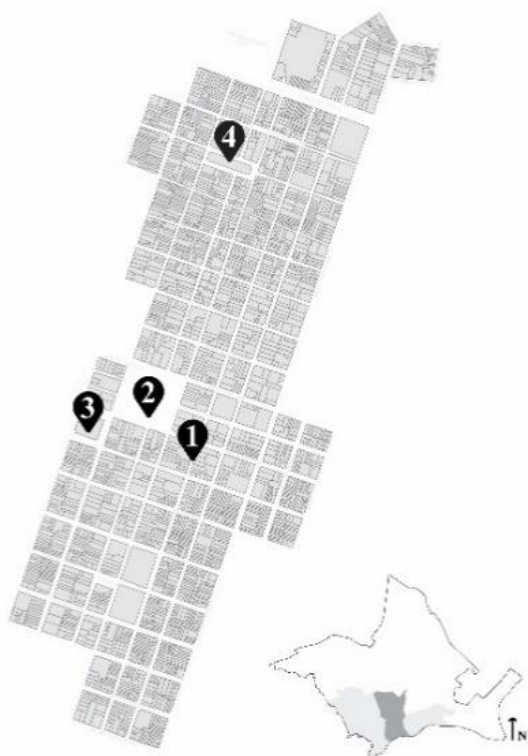
A primeira etapa de seleção refere-se à determinação de quem seriam os respondentes para a elaboração dos mapas mentais. Desenvolvida em parceria com a seleção de respondentes para as atividades metodológicas propostas pela pesquisa *“Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities”*, os idosos abordados foram convidados a participar tanto da elaboração dos mapas mentais quanto das metodologias propostas pelo grupo internacional.

Determinou-se que a amostra seria do tipo não probabilística por conveniência, ao abordá-los em ambiente público, na área dos recortes, onde os indivíduos que confirmaram (i) possuir sessenta anos de idade ou mais e (ii) residir dentro dos limites dos recortes foram convidados a participar das práticas metodológicas. A amostra contou com: 08 idosos moradores do 1º recorte, 08 idosos do 2º recorte e 08 idosos do 3º recorte, em um total de 24 idosos respondentes.

3.4.2 Seleção das ruas

A elaboração dos mapas mentais foi imprescindível na determinação das ruas de interesse para o levantamento físico dos aspectos urbanos e para a preparação dos mapas comportamentais. Conforme Apêndice G, contabilizaram-se as ruas presentes nos mapas e descartou-se o nome daquelas que não pertencem aos recortes urbanos. Assim, identificaram-se quatro regiões por recorte que incluem as ruas inseridas com maior frequência nos mapas mentais.

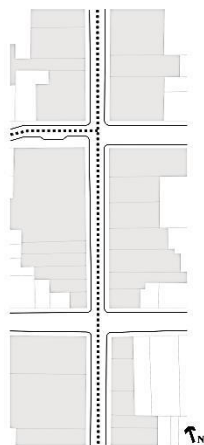
Figura 34: Locais de aplicação metodológica, 1º recorte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

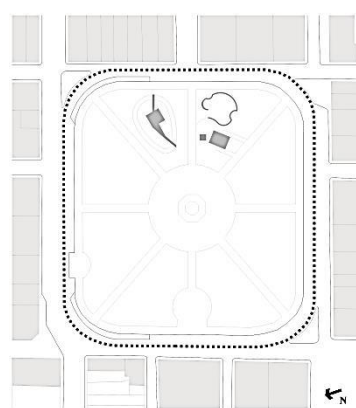
Desta maneira, para o 1º recorte, definiram-se os seguintes locais de aplicação metodológica (Figura 34): (C01) Rua Gonçalves Chaves, no trecho que cruza a Rua Tiradentes e a Lobo da Costa, passando pelo Teatro Guarany e incluindo o seu entorno imediato; (C02) Praça Coronel Pedro Osório; (C03) Rua Andrade Neves, no trecho compreendido entre a Rua General Telles e a Rua Lobo da Costa, passando pelo Mercado Público e incluindo o seu entorno imediato e (C04) Rua Félix da Cunha e Rua Padre Anchieta, da Catedral São Francisco de Paula e seu entorno até a Rua General Argolo.

Figura 35: C01



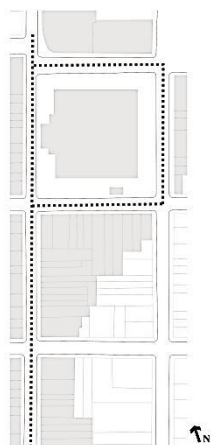
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 36: C02



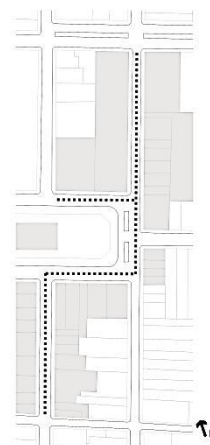
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 37: C03



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 38: C04



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

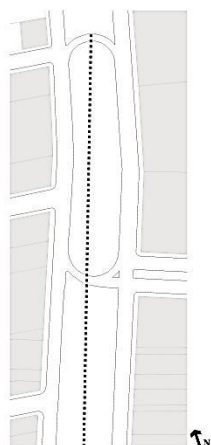
Determinaram-se os seguintes locais para o 2º recorte (Figura 39): (F01) Avenida Duque de Caxias, entre a Rua Dr. Darcy Xavier e a Rua Carlos de Carvalho, passando pelo Fábrica da Coca-Cola e pela Faculdade de Medicina, UFPel; (F02) Avenida Duque de Caxias, entre a Rua Baltazar Brum e a Rua Barão da Conceição, passando pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul); (F03) Rua Clóvis Beviláqua, no trecho compreendido entre o leito da Via Férrea para Bagé e a Rua Padre Ozy e (F04) Avenida Brasil, entre a Rua Sete de Abril e a Rua Nossa Senhora Aparecida.

Figura 39: Locais de aplicação metodológica, 2º recorte.



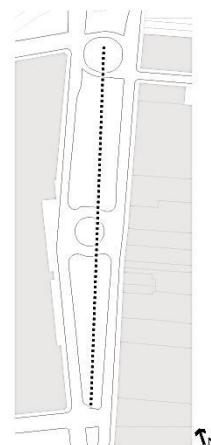
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 40: F01



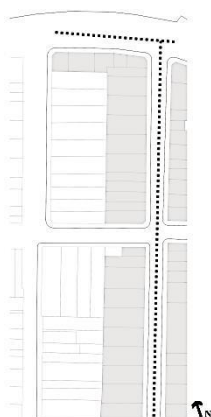
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 41: F02



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 42: F03



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

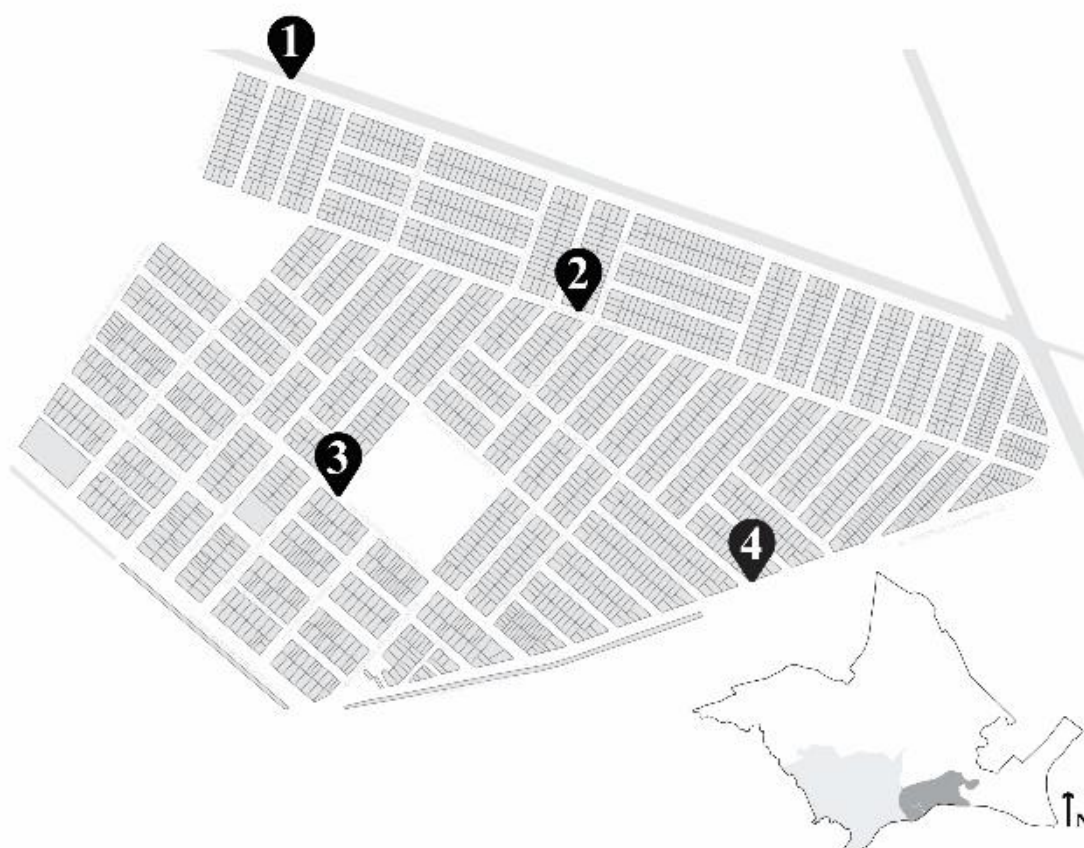
Figura 43: F04



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

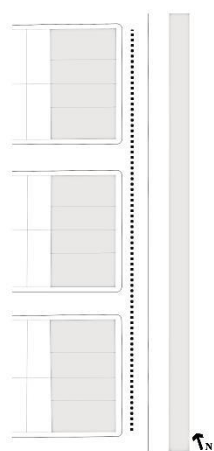
E, apontam-se os seguintes locais para o 3º recorte (Figura 44): (N01) Avenida Bento Gonçalves, no trecho que inicia na Rua Professor Oswaldo de Pinho Louzada e termina na Avenida Artur de Souza Costa; (N02) Rua Lázaro Zamenhoff, no trajeto compreendido entre a Rua Professor Ney Gusmão e a Rua Capitão Luiz de Barros; (N03) Rua Professor Ney Gusmão, entre a Rua Zumbi dos Palmares e a Rua Dona Darcy Vargas, e na Rua Dona Darcy Vargas, entre a Rua Professor Ney Gusmão e a Rua Capitão Luiz L. de Barros, passando pela Unidade Básica de Saúde (UBS Navegantes) e pela Unidade Básica de Atendimento Imediato (UBAI Navegantes) e (N04) Avenida Cidade de Rio Grande, no trecho que inicia na Rua Alan Wagner Gonçalves e termina no Passeio Sete, incluindo um trecho de duas quadras da Rua Mané Garrincha.

Figura 44: Locais de aplicação metodológica, 3º recorte.



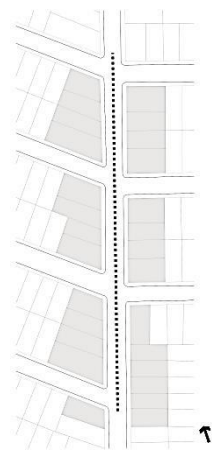
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 45: N01



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 46: N02



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 47: N03

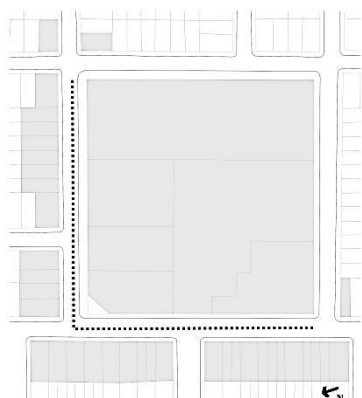
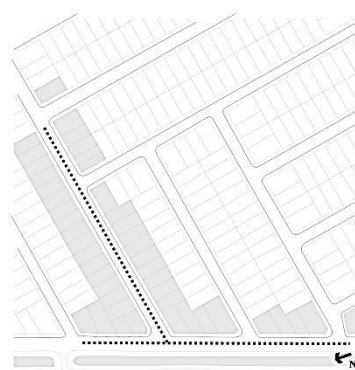


Figura 48: N04



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

3.5 Análise dos resultados e descobertas

A descrição dos métodos de análise tem por finalidade interpretar e explicar os dados levantados neste estudo. Entretanto, a escolha dos métodos dependeu tanto dos objetivos aos quais se desejou atender, quanto da natureza das informações obtidas (REIS e LAY, 1995). Logo, com o intuito de responder as perguntas de pesquisa, utilizaram-se métodos de análise qualitativos e quantitativos.

A análise dos dados do levantamento fotográfico, dos mapas mentais, do levantamento físico dos aspectos urbanos e dos mapas comportamentais foi realizada qualitativamente, através da descrição e interpretação das informações visuais. Porém, as análises dos mapas mentais e comportamentais foram amparadas pela contabilização e análise das inserções realizadas em ambos os métodos.

A fim de sistematizar a análise dos dados qualitativos obtidos na criação dos mapas mentais, os mesmos foram examinados com o auxílio do aplicativo para dispositivos móveis, MMental. Desenvolvido no projeto de Pesquisa SOCIOTIC, da Rede Moradia e Tecnologia Social (Rede Morar TS) do FINEP, coordenado pelas Profa. Nirce Medvedovski e Profa. Adriane Borda da Silva, este aplicativo transfere a representação gráfica tradicional da construção de mapas mentais para o meio digital. Através desta iniciativa que envolveu oito instituições públicas, o MMental participa da

estratégia da criação de processos participativos apoiados nas tecnologias de informação e comunicação em favor das áreas de Habitação de Interesse Social (HIS) em ambientes de vulnerabilidade social e ambiental.

Esse aplicativo, disponível na plataforma *Android* e no endereço eletrônico <http://mmmental.com.br/>, permitiu que a pesquisadora cadastrasse a pesquisa e, ao passar a limpo os mapas mentais ao meio digital, substituiu as representações leigas pela simbologia proposta por Lynch. Assim, a sobreposição das informações contidas nos mapas individuais (Figura 49) viabilizou a composição de mapas coletivos (Figura 50). Como por exemplo, pode tornar visível os Marcos registrados pelos idosos, deixar invisível os demais elementos e, assim, realizou análises parciais (Figura 51).

Figura 49: Exemplo de mapa mental individual.

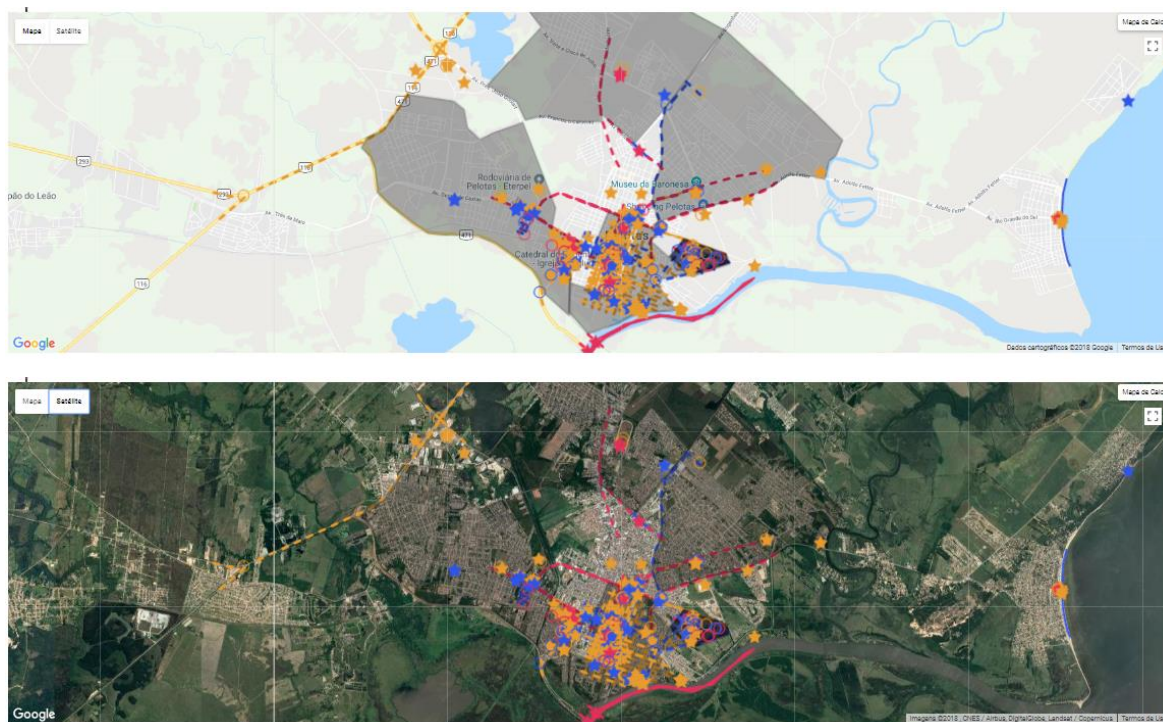


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Além disto, o MMental permitiu a análise através de mapas de calor (Figura 52), ao apresentar manchas vermelhas onde há maior concentração de elementos e verdes onde a presença é mais rarefeita. Entretanto, os mapas de calor puderam ser gerados somente de Marcos e Nós. Por fim, o aplicativo informou dados individuais e

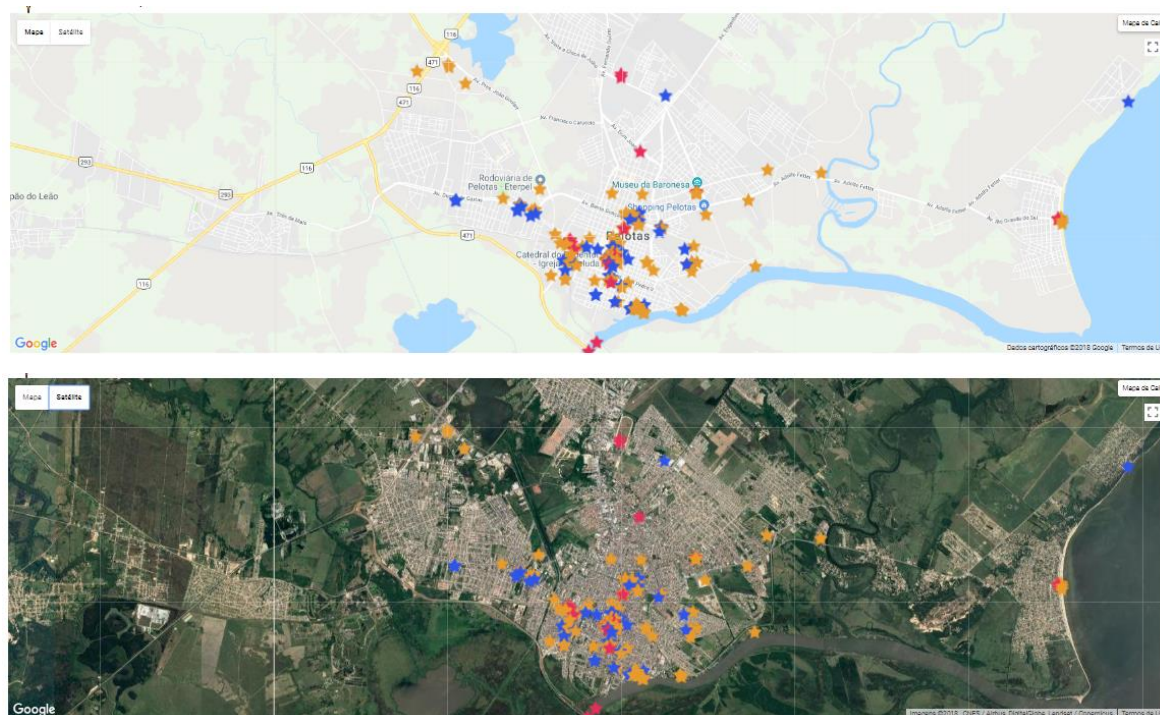
coletivos referentes ao número de inserções realizadas, o que reduziu o tempo dedicado à análise quantitativa (MEDVEDOVSKI et al., 2015).

Figura 50: Exemplo de mapa mental coletivo.



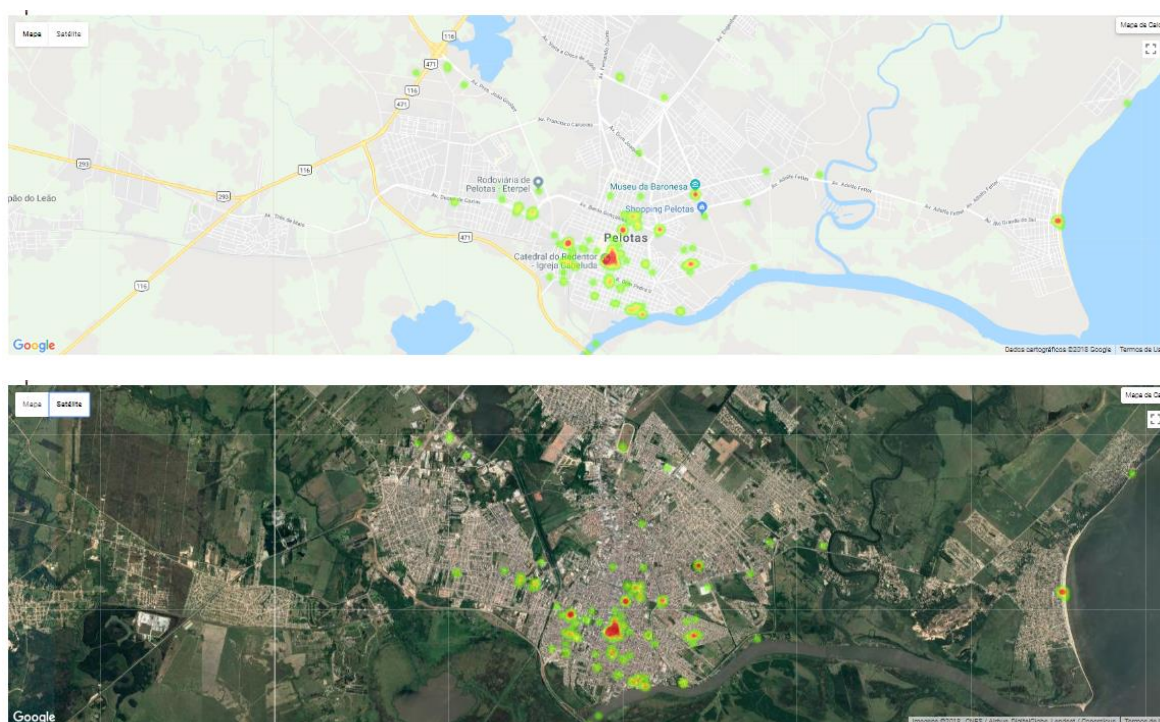
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 51: Exemplo de mapa mental coletivo de Marcos para análise de Marcos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 52: Exemplo de mapa de calor de Marcos para análise parcial.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Elaborou-se um modelo de prancha para organizar os dados obtidos na elaboração dos mapas mentais. Assim, foram agrupados: o mapa mental analógico, o mapa mental digital, os dados gerais da entrevista e os dados do voluntário, a ordem das primeiras inserções e os locais de destaque, a descrição que o idoso verbalizou quando foi questionado sobre a imagem da cidade, a identificação de elementos do passado no mapa mental, a avaliação que o idoso fez da cidade e do bairro, os dados quantitativos referentes às inserções no mapa mental e o registro fotográfico. Os dados individuais (Apêndice D) foram organizados em quadros e tabelas para proporcionar uma visão geral das informações coletadas.

Quanto à análise do produto obtido através do levantamento físico dos aspectos urbanos, foi produzida uma prancha de dados para cada um dos 04 locais de aplicação metodológica de cada recorte (Apêndice E).

No modelo da prancha de análise parcial (Figura 53) encontra-se (i) um campo destinado às plantas baixas produzidas no levantamento físico, (ii) outro destinado à análise do uso do solo referente aos lotes que possuem divisa com as ruas estudadas,

(iii) um espaço destinado à análise dos indicadores centrados no ambiente e, por fim, (iv) possui um quadro com imagens obtidas através do levantamento fotográfico. Este modelo de prancha está acompanhado de um selo onde a pesquisadora identificou o local de análise e a data em que o levantamento foi realizado, (v) as legendas necessárias à interpretação da planta baixa e a (vi) localização espacial do local dentro do recorte urbano. Ao término da elaboração das pranchas individuais, foi elaborada uma prancha para a síntese destas informações (Apêndice H).

Figura 53: Levantamento físico, modelo da prancha de análise parcial.

Levantamento Físico dos Aspectos Urbanos

Perfil Urbano

Uso do Solo

Uso do Solo	usid.	%	gratias
locais de consumo e bens de serviços			
residencial			
centro religioso			
locais de lazer e praias de al. física			
centro comercial			
institucional			
sem uso			
Total		100	

Elementos Urbanos

Elementos Urbanos	qtd.	%	observações
equipamentos e infra-estrutura de apoio			
equipamentos para acessibilidade			
equipamentos de trânsito			
locais distribuidores de fluxo social			
frontera urbana			
elementos naturais			

Levantamento Fotográfico

Dados Gerais

Levant. Físico: _____

Data: _____

Legenda

Uso do Solo

- locais de consumo e bens de serviços
- residencial
- centro religioso
- locais de lazer e praias de al. física
- centro comercial
- institucional
- sem uso

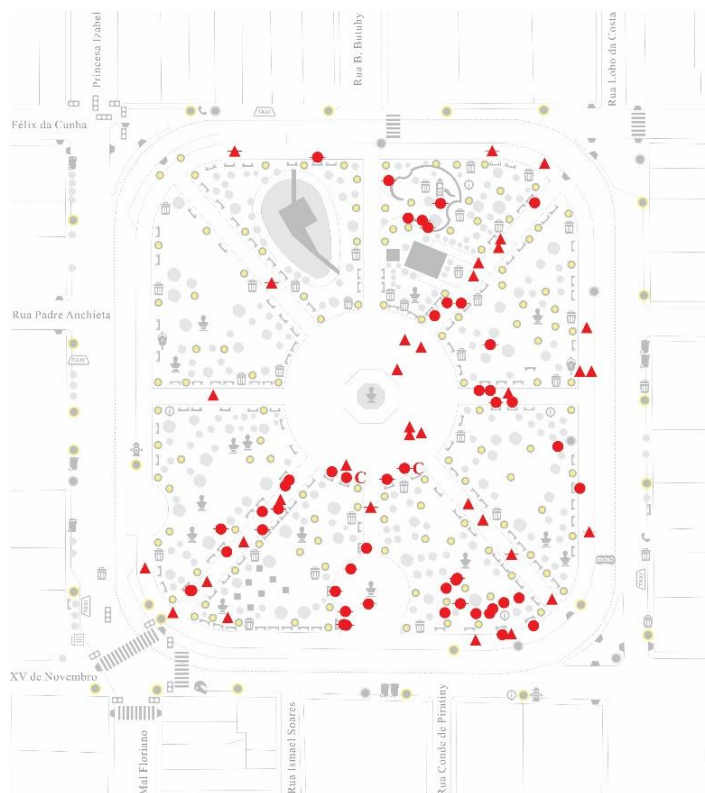
Elementos Urbanos

Localização

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

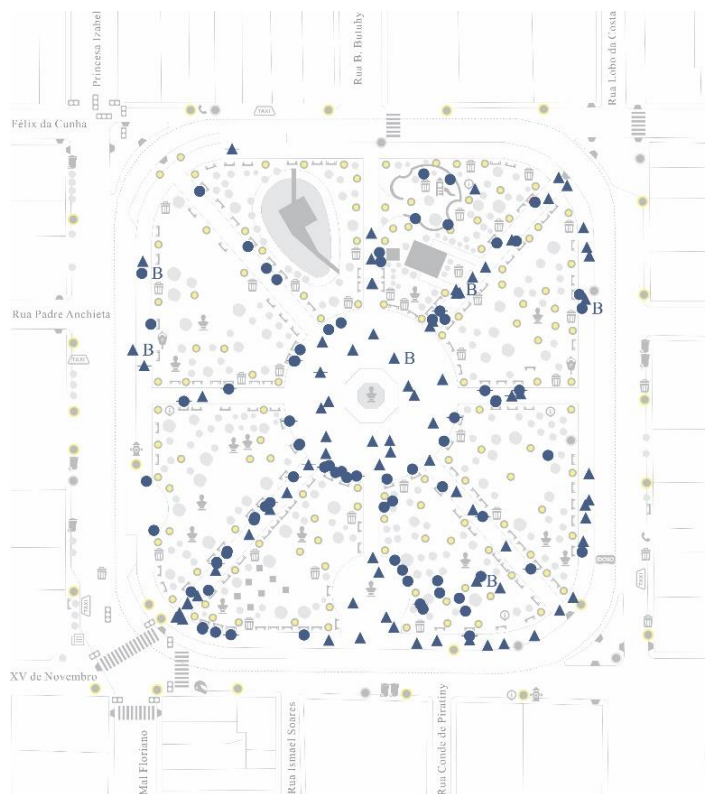
Os mapas comportamentais foram analisados através da análise parcial e coletiva dos levantamentos realizados. As informações parciais foram organizadas em pranchas individuais (Apêndice F) e em tabelas para a obtenção de dados quantitativos. De posse destas informações, a pesquisadora gerou a sobreposição de mapas conforme a necessidade de demonstrar determinadas ocorrências. Por exemplo, foram gerados dois mapas comportamentais de sobreposição das informações identificadas na Praça Coronel Pedro Osório, sendo um mapa para o gênero feminino e outro para o masculino (Figura 54 e Figura 55).

Figura 54: Mapa comportamental C02, nos sábados, gênero feminino.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 55: Mapa comportamental C02, sábados, gênero masculino.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3.6 Síntese do processo metodológico

O desenvolvimento deste capítulo permitiu a apresentação do objeto de estudo, da abordagem metodológica, da estratégia de pesquisa, dos métodos e técnicas de coleta e análise de dados. Além disso, justificou a seleção dos respondentes para a atividade do mapa mental e a das ruas para realizar o levantamento físico e os mapas comportamentais. Logo, o Quadro 5 resume para quais objetivos cada metodologia será empregada.

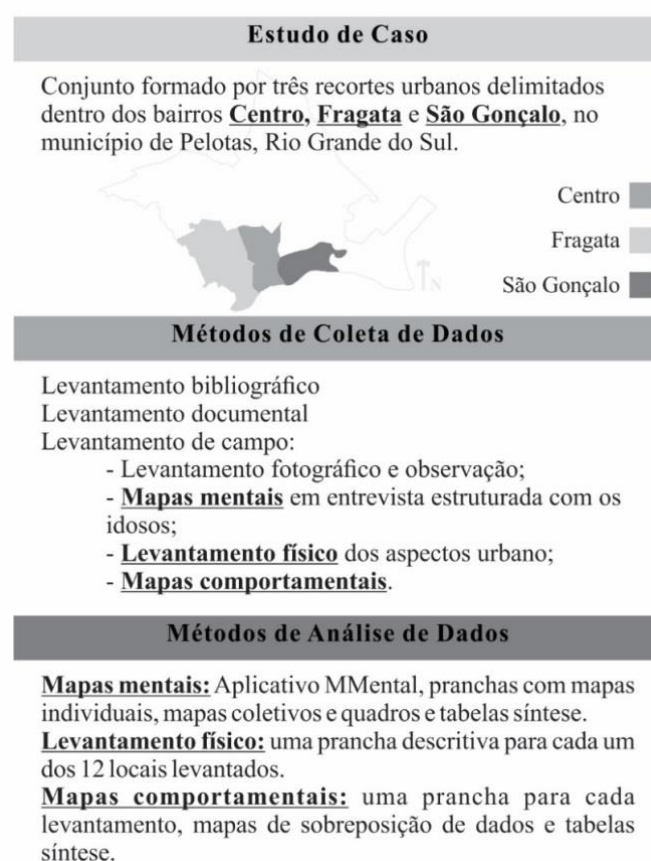
Quadro 5: Métodos de coleta de dados.

Perguntas de pesquisa	Objetivos	Métodos de coleta de dados
(i) Quais são os aspectos urbanos <u>percebidos</u> pelas pessoas idosas no ambiente do qual fazem parte?	(i) Analisar os aspectos urbanos do ambiente <u>percebidos</u> pelas pessoas idosas, nos bairros pertencentes ao estudo de caso.	Levantamento bibliográfico Levantamento documental Levantamento de campo: - Levantamento fotográfico e observação; - Levantamento físico dos aspectos urbanos; - <u>Mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos.</u>
(ii) De que forma elas se <u>apropriam</u> deste cenário na execução de suas atividades diárias?	(ii) Compreender de que forma as pessoas idosas se <u>apropriam</u> do ambiente construído na execução de suas atividades diárias, nos bairros pertencentes ao estudo de caso.	Levantamento bibliográfico Levantamento documental Levantamento de campo: - Levantamento fotográfico e observação; - Levantamento físico dos aspectos urbanos; - <u>Mapas comportamentais.</u>
(iii) Qual é a relação entre a <u>percepção</u> do ambiente construído pelas pessoas idosas e a maneira com que dele se <u>apropriam</u> ?	(iii) Relacionar os modos como as pessoas idosas <u>percebem</u> o ambiente construído no qual estão inseridos com a maneira como dele se <u>apropriam</u> .	Levantamento bibliográfico Levantamento documental Levantamento de campo: - Levantamento fotográfico e observação; - <u>Mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos;</u> - Levantamento físico dos aspectos urbano; - <u>Mapas comportamentais.</u>

(iv) Quais reflexões emergem das particularidades apresentadas pelo público idoso em sua relação de <u>percepção</u> e <u>apropriação</u> com o intuito de colaborar para a construção de cidades amiga do idoso?	(objetivo principal) Refletir sobre às particularidades apresentadas pelo público idoso em sua relação de <u>percepção</u> e <u>apropriação</u> do ambiente construído com o intuito de colaborar para a construção de cidades amiga do idoso.	Levantamento bibliográfico Levantamento documental Levantamento de campo: <ul style="list-style-type: none"> - Levantamento fotográfico e observação; - <u>Mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos</u>; - Levantamento físico dos aspectos urbano; - <u>Mapas comportamentais</u>.
---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 56: Síntese do processo metodológico.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

O Quadro 5 relacionou as metodologias utilizadas para analisar e responder os objetivos e perguntas desta pesquisa e, através dele, foi possível sintetizar o processo metodológico (Figura 56), no qual são mencionados o estudo de caso e os métodos empregados na coleta e análise de dados, o que facilita a compreensão das informações expostas neste capítulo.

4 RESULTADOS

Neste capítulo foram e analisados os resultados obtidos através da aplicação dos métodos e técnicas de coleta de dados nos recortes urbanos que compõem o estudo de caso. Primeiramente foram analisados os resultados pertinentes aos aspectos urbanos percebidos pelos idosos no ambiente do qual fazem parte. São expostos: (i) o perfil da amostra (dados gerais e dos voluntários), (ii) os deslocamentos frequentes, (iii) a ordem de inserção e os locais de destaque, (iv) a imagem da cidade, (v) a percepção das variáveis centradas no usuário para Pelotas e para o bairro onde moram, (vi) a estrutura dos mapas mentais e os elementos inseridos e, por fim, (vii) a identificação de elementos do passado.

Posteriormente, foram analisados os resultados obtidos através do levantamento físico das regiões estrategicamente definidas nos recortes pertencentes ao estudo de caso. O produto deste levantamento foi utilizado como plano de fundo para a análise dos mapas comportamentais. Na sequência são apresentados os resultados obtidos através da elaboração dos mapas comportamentais com o intuito compreender de que forma os idosos se apropriam do ambiente construído na execução de suas atividades diárias. A exposição e a análise dos mapas elaborados dividiram-se em: (i) dados gerais e clima, (ii) perfil da amostra, (iii) 1º recorte, (iv) 2º recorte e (v) 3º recorte.

4.1 Mapas mentais com entrevista estruturada

4.1.1 Perfil da amostra: dados gerais e dos voluntários

Para a sistematização dos dados referentes ao perfil da amostra, foram criadas duas tabelas, disponíveis no Apêndice I. A primeira apresenta os dados parciais da elaboração de cada mapa mental e a segunda refere-se à síntese da primeira tabela, ao apresentar a quantificação dos dados coletados em cada recorte urbano. Sugere-se que a leitura dos resultados abaixo seja realizada tendo em mãos as tabelas

mencionadas. Logo, dá-se início à exposição do perfil da amostra obtida através da elaboração dos mapas mentais.

Os 24 mapas mentais foram realizados entre os meses de março e julho de 2017. O tempo médio de duração dedicado à elaboração de cada mapa foi de 52,75 minutos. Entretanto, as entrevistas elaboradas no 1º recorte (no bairro Centro) tiveram uma duração média de 59,63 minutos, enquanto o tempo médio dedicado na elaboração dos mapas do 2º recorte (no bairro Fragata) foi de somente 49 minutos.

Quanto à idade dos idosos respondentes, estes foram classificados em: idosos jovens, de 60 a 79 anos, e idosos longevos, com 80 anos ou mais (NAVARRO et al., 2015). O único grupo que exibiu uma participação superior de idosos longevos foi o do 1º recorte, com 62% dos idosos possuindo 80 anos ou mais de idade. Nos demais recortes esta representatividade foi de 25% e, com isso, a amostra total contou com a participação de 38% de idosos longevos e 62% de idosos jovens.

Quanto ao gênero dos participantes, a amostra do 2º recorte foi a única onde 50% dos participantes era do gênero feminino e 50% do masculino. A dificuldade de encontrar idosos do gênero masculino para participar da metodologia culminou em uma porcentagem superior de idosos no 1º recorte e 3º recorte (no bairro São Gonçalo), de, respectivamente, 75% e 62%. A amostra total contou com 62% de representantes do gênero feminino e 38% do masculino.

As respostas quanto ao tempo de moradia em Pelotas e no bairro foram divididas em quatro grupos de: (i) 0 a 20 anos, (ii) 21 a 40, (iii) 41 a 60 e (iv) 61 ou mais. Assim, constatou-se que, em todos os recortes e, consequentemente, na amostra total, somente 13% dos idosos residem em Pelotas entre zero e 20 anos. Observa-se que, exatos 50% dos respondentes dos 1º e 2º recortes residem há 61 anos ou mais na cidade, o que indica uma amostra com grande participação de idosos que constituíram família e carreira profissional nesta cidade. Entretanto, 50% dos respondentes do 3º recorte residem em Pelotas entre 21 e 60 anos, o que indica a migração mais recente a Pelotas.

Este último fato é confirmado na tabulação das respostas da pergunta seguinte, quanto ao tempo de moradia no bairro. Para esta, 87% dos respondentes do 3º recorte afirmaram morar no São Gonçalo entre 21 e 40 anos atrás, correspondendo ao momento em que a microrregião do Navegantes foi apresentada como uma solução ao problema do crescimento demográfico, em 1978. Consequentemente, nenhum participante alegou residir no bairro há 41 anos ou mais. Quanto ao 2º recorte, nenhum participante reside no Fragata há 61 anos ou mais e 62% alegam residir no bairro de zero a 20 anos, o que indica uma mudança de endereço residencial no final da vida adulta e no início da velhice. Entretanto, 50% dos respondentes do 1º recorte dizem morar no Centro há 41 anos ou mais, o que sugere que estes indivíduos residem na mesma região onde constituíram família e desenvolveram suas relações sociais e profissionais. Com isso, a contabilização final dos dados registrou que 50% dos idosos entrevistados residem no bairro entre 21 e 40 anos, o que sugere que metade da amostra se mudou no final da fase adulta e no início da terceira idade.

Por fim, os idosos foram questionados quanto ao seu nível de escolaridade e, assim, constatou-se que 13% dos idosos respondentes de cada recorte não ingressaram em ambiente escolar, sendo identificados como analfabetos os que sabem escrever apenas o seu nome e como alfabetizados os que aprenderam a escrever sem suporte pedagógico. Nos 1º e 2º recortes o nível de escolaridade foi semelhante: 37% estudaram até o nível primário, 25% atingiu o ginásio e 25% teve acesso ao ensino superior. Entretanto, somente no 1º recorte um dos respondentes com ensino superior teve acesso à pós-graduação. No 3º recorte o nível escolar constatado foi inferior aos demais, onde 61% dos respondentes estudaram até o primário. Na contabilização total, foi identificado que: 13% não estudaram, 46% alcançaram o nível primário, 21% pararam de estudar no ginásio e outros 21% tiveram acesso ao nível superior.

4.1.2 Deslocamentos

No decorrer da entrevista, solicitou-se aos idosos que relatassem onde costumam ir com maior frequência. Coube à pesquisadora questionar cada respondente quanto à localização do lugar citado, o tempo médio que leva para

percorrer a distância entre a sua residência e este local, o meio de transporte utilizado e se ele se sentia seguro quanto a sua localização na malha urbana enquanto se desloca de um ponto a outro. Estas informações foram organizadas e encontram-se disponíveis no quadro que compõe o Apêndice J.

Quadro 6: Locais nos quais os idosos vão com maior frequência.

<i>Local</i>	<i>Repetições</i>
Igreja	07
Supermercado	04
Clube	03
Banco	02
Cafeteria	01
Cafeteria	01
Casa da filha	01
Casa da filha	01
Centro	01
Mercado público	01
Mercado público	01
Shopping	01
Total	24

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Conforme o Quadro 6, os locais nos quais os idosos relatam ir com maior frequência são igrejas (07 repetições), supermercados (04 repetições), clubes (03 repetições) e bancos (02 repetições). Ao analisar a localização destes destinos, observa-se que quase a metade (54%) encontra-se nos bairros onde residem os idosos. Quando observados parcialmente, os dados revelam que: 75% dos idosos entrevistados no 1º recorte (no bairro Centro) vão com maior frequência a lugares dentro do próprio bairro; entretanto, 62% dos respondentes do 2º recorte (no bairro Fragata) vão com maior frequência a locais fora da sua região e, por fim; observa-se um equilíbrio nas respostas obtidas no 3º recorte (no bairro São Gonçalo), onde metade dos lugares relatados localiza-se no bairro e a outra metade não.

Os dados levantados a respeito do meio de transporte utilizado também revelam comportamentos diferentes entre os moradores de cada recorte, onde os respondentes do 1º recorte não mencionam o uso de transporte coletivo (ônibus), visto que 75% alega deslocar-se a pé e 25% de carro (particular e de aluguel). Porém, para os 2º e 3º recortes há um número inferior de idosos que se desloca a pé e de carro:

respectivamente 50% e 13% são as porcentagens identificadas em ambos os recortes. Assim, 37% dos entrevistados dos 2º e 3º recortes relatou o uso de ônibus como meio para realizar os seus deslocamentos mais frequentes. No cálculo da amostra final, 58% dos participantes relatou fazer o percurso a pé.

Tanto a localização dos lugares mencionados, na condição de localizarem-se ou não nos bairros de moradia dos respondentes, como os meios de transporte por eles utilizados, refletem no tempo que utilizam para efetuar estes deslocamentos. Assim, enquanto os participantes do 1º recorte utilizam, em média, 19 minutos a pé ou de carro, os moradores do 2º recorte relatam 30 minutos em trânsito, tempo elevado pelo uso do transporte coletivo. Assim, o tempo médio relatado pela amostra total de pesquisa revela percursos de 24,25 minutos, estimativa próxima à mencionada pelos idosos do 3º recorte, de 23,75 minutos.

Por fim, a pesquisadora indagou se os idosos se sentiam seguros quanto a sua localização na cidade enquanto efetuam os deslocamentos. Enquanto 100% dos moradores do 1º recorte dizem sentirem-se seguros, esta porcentagem cai para 75% e 87% nas entrevistas dos 2º e 3º recortes. Entretanto, a familiaridade detectada no discurso dos idosos do 1º recorte pode ser explicada pelo fato de percorrerem distâncias menores, visto que relatam um número superior de lugares localizados no próprio bairro. Assim como, as outras duas porcentagens de segurança em relação à localização urbana demonstram que, por percorrerem distâncias maiores para alcançarem seus destinos, estes idosos reconhecem a cidade como um lugar mais complexo, composto por outras partes que vão além do bairro onde residem.

4.1.3 Ordem de inserção e locais de destaque

Conforme o sugerido por Lynch (1999), coube à pesquisadora anotar as primeiras cinco inserções que os idosos realizaram nos mapas mentais e, após os concluírem os desenhos, questioná-los a respeito dos lugares que, para eles, se destacam na paisagem da cidade e quais são os sentimentos que estes lugares os despertam. Realizadas conforme o previsto, as respostas de tais perguntas compõem os quadros do Apêndice L.

Portanto, os quadros síntese do Apêndice L revelam quais foram: (i) as primeiras inserções realizadas com maior frequência nos mapas de cada recorte e na amostra total, (ii) os locais mencionados mais vezes como de destaque e (iii) os sentimentos que esses lugares despertam com maior frequência nos idosos.

Nos três recortes e, portanto, na amostra total, a primeira inserção que mais se repetiu nos mapas mentais foi a localização da casa onde mora que, também nos três recortes, veio acompanhada de inserções que representam lugares presentes nos bairros onde residem.

Também foi identificado um padrão nas respostas obtidas quanto aos locais de destaque onde, nos três recortes, os locais mencionados mais vezes são a Praça Coronel Pedro Osório e a Praia do Laranjal. As amostras dos 2º e 3º recortes, assim como a amostra total, apresentam a Catedral de São Francisco de Paula como o terceiro lugar de maior destaque. Cabe registrar que a Praça Coronel Pedro Osório e a Praia do Laranjal também constam na lista das primeiras inserções dos 1º e 2º recortes e da amostra total.

Os sentimentos que os idosos disseram sentir quando pensaram nos lugares de destaque somaram 72 respostas, sendo 24 por recorte. Observa-se que os idosos puderam responder o mesmo sentimento a respeito de mais de um lugar. Assim, os sentimentos de saudade (25 repetições), paz (09 repetições), contemplação (06 repetições) e alegria (06 repetições) foram os mais mencionados no discurso dos idosos. Os sentimentos que surgiram com maior frequência para os idosos do 1º recorte são: saudade (10 repetições), alegria (03 repetições) e contemplação (02 repetições). Para os idosos do 2º recorte foram: saudade (11 repetições), contemplação (04 repetições) e paz (03 repetições). Por fim, os participantes do 3º recorte citaram: paz (06 repetições), saudade (04 repetições) e alegria (02 repetições).

4.1.4 A imagem da cidade

A imagem que os idosos elaboram da cidade também foi analisada através das respostas obtidas quando eles informam o que lhes vem à cabeça quando ouvem a palavra Pelotas e como a descreveriam. As respostas foram transcritas; divididas em descrições positivas e negativas, conforme o significado das mensagens e as entonações de, por exemplo, admiração e tristeza; organizadas no quadro do Apêndice M e analisadas.

Assim, ao analisar as respostas obtidas em cada recorte, observa-se que os idosos que compõem a amostra do 2º recorte (no bairro Fragata) percebem a cidade de uma forma mais positiva que os demais e, em contrapartida, os idosos entrevistados no 3º recorte (no bairro São Gonçalo), percebem a cidade através de observações mais negativas. Os idosos ouvidos no 1º recorte (no bairro Centro) apresentaram um número semelhante de respostas positivas e negativas, o que lhes coloca em situação intermediária à análise dos demais.

Os idosos apresentaram: no 1º recorte, 12 descrições positivas e 10 negativas, onde a cidade foi mencionada como um lugar bom para viver, porém inseguro; no 2º recorte, 25 descrições positivas e 10 negativas, onde a caracterizaram como boa, bonita e próspera, apesar de úmida, insegura e com carência de vagas de emprego; e no 3º recorte, 17 descrições positivas e 20 negativas onde, apesar de alguns entrevistados definiram Pelotas como uma cidade boa e bonita, muitos a identificaram como uma cidade que perdeu suas fábricas e que hoje não tem atrativos, investimentos e empregos.

Através desta análise, foi possível identificar que a amostra total percebe a cidade de uma maneira positiva, ao expressar 54 comentários positivos, em oposição aos 40 negativos. As descrições foram utilizadas para a formação de duas nuvens de palavras: descrições positivas (Figura 57) e negativas (Figura 58). O resultado da nuvem de descrições positivas coloca em ênfase palavras como *boa*, *bonita* e *culta*, enquanto a nuvem de argumentos negativos destaca *segurança*, *emprego* e *úmida*.

Figura 57: Nuvem de descrições positivas.



Fonte: Tagul, disponível em:
www.tagul.com. e acessado em:
 08/07/2018.

Figura 58: Nuvem de descrições negativas.



Fonte: Tagul, disponível em:
www.tagul.com. e acessado em:
 08/07/2018.

4.1.5 Percepção das variáveis centradas no usuário

As variáveis centradas no usuário ampliaram a entrevista estruturada por Lynch (1999) em mais duas perguntas. Em ambas, os idosos foram questionados se percebem a cidade (primeira pergunta) e o bairro onde moram (segunda pergunta) como seguro (a), acessível, confortável, atrativo (a), bonito (a) e legível. As informações levantadas encontram-se organizadas nas tabelas do Apêndice N.

4.1.5.1 Pelotas

A amostra total de idosos revela que 74% destes consideram Pelotas uma cidade insegura. Nos dados parciais, uma porcentagem significativa dos entrevistados do 1º recorte (no bairro Centro) e do 2º recorte (no bairro Fragata), 87% para ambos, percebem Pelotas como insegura. Entretanto, uma porcentagem menor dos entrevistados do 3º recorte (no bairro São Gonçalo), 50%, também a percebem como insegura. Destaca-se que nenhum idoso questionado nos 1º e 2º recortes classificou a cidade como segura, enquanto no 3º recorte, 37% a classificaram desta maneira.

A respeito da acessibilidade, as amostras parciais dos 1º e 2º recortes classificaram Pelotas como acessível, na avaliação de 62% e 75% dos entrevistados. Porém, somente 50% dos idosos do 3º recorte a percebem desta forma, a outra metade afirma não ser acessível. Desta forma, a amostra final aponta que 63% dos entrevistados afirmaram que Pelotas é uma cidade acessível.

O mesmo padrão de respostas foi identificado na análise da atratividade, onde 75% e 63% dos entrevistados nos 1º e 2º recortes classificaram a cidade como atrativa, enquanto 62% dos idosos ouvidos no 3º recorte não a consideraram desta forma. Assim, 54% da amostra final percebe a cidade como atrativa.

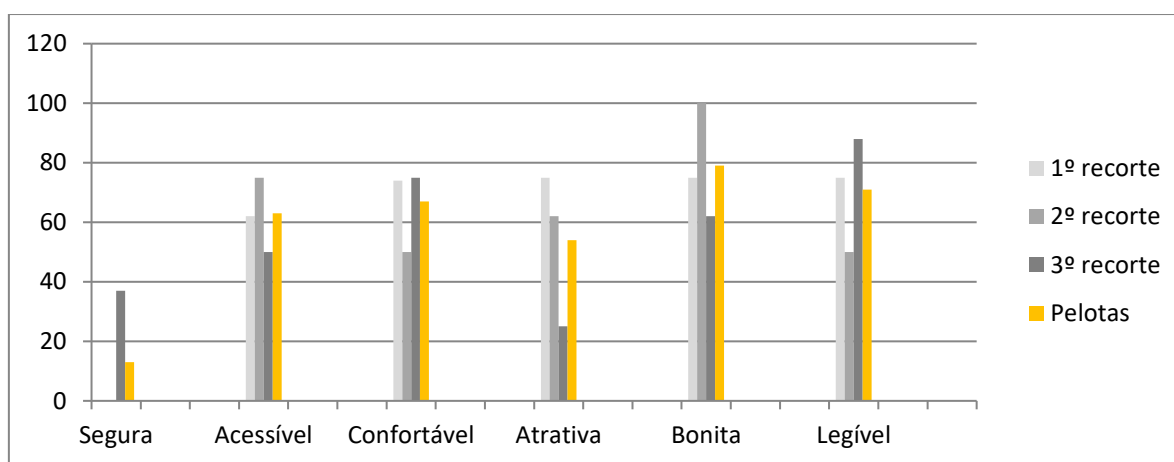
Quando indagados sobre o conforto, 67% da amostra total e 74% e 75% dos participantes dos 1º e 3º recortes reconheceram Pelotas como confortável. No 2º recorte as opiniões ficaram divididas (50% classificou a cidade como confortável).

Pelotas foi bem avaliada quanto ao atributo de beleza no 2º recorte, onde 100% dos participantes a classificou como bonita. Com porcentagens menores, porém positivas, 75% e 62% dos entrevistados dos 1º e 3º recortes compartilham desta percepção. Assim, 79% da amostra total considera Pelotas bonita.

Por fim, a variável legibilidade dividiu as opiniões dos entrevistados no 2º recorte, onde 50% percebe a cidade como legível. Porcentagens maiores são observadas no posicionamento dos idosos dos 1º e 3º recortes, onde 75% e 88% a consideram desta forma. Logo, 71% dos idosos classificou a cidade como legível.

O Gráfico 1 resume as informações apontadas neste item. Para elaborá-lo, foram informadas as porcentagens dos entrevistados que classificaram como positivas as variáveis centradas no usuário. A síntese destes resultados aponta que grande parte dos entrevistados de todos os recortes considera a cidade insegura. Entretanto, a percepção um pouco mais positiva dos idosos do 3º recorte demonstra que, quando estes comparam a segurança na cidade com a realidade que apontam como insegura no São Gonçalo, percebem a cidade como não tão insegura.

Gráfico 1: Percepção das variáveis centradas no usuário para Pelotas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os resultados obtidos para acessibilidade, conforto e legibilidade apontam porcentagens semelhantes entre os idosos dos diferentes recortes e demonstram que a cidade é percebida como acessível, confortável e legível por um pouco mais da metade dos respondentes. Uma exceção é verificada na avaliação dos idosos do São Gonçalo porque um número maior de idosos a classificou como legível. Quanto à atratividade e beleza, os idosos do Centro e do Fragata avaliaram a cidade de forma positiva e os idosos do São Gonçalo não compartilham desta percepção, provavelmente influenciados pela falta de atrativos e beleza que identificam no São Gonçalo.

4.1.5.2 Bairros

Assim como na classificação da cidade, grande parte dos idosos classificou o bairro como inseguro, 62% da amostra total. Esta conclusão deriva das porcentagens parciais, onde 62% e 75% dos respondentes dos 1º e 3º recortes compartilham desta percepção. Porém, no 2º recorte há uma porcentagem inferior de indivíduos (50%) que classificam o Fragata como inseguro.

Referente à acessibilidade, enquanto 62% dos entrevistados do 3º recorte reconhece o São Gonçalo como não acessível, 100% e 87% dos respondentes dos 1º e 2º recortes percebem o Centro e o Fragata como acessíveis. No cálculo da amostra total, 71% dos idosos classificaram como acessível o bairro onde moram.

O padrão identificado nas respostas para a variável acima se repetiu nas respostas registradas para a variável conforto. Assim, 50% dos entrevistados do 3º recorte não reconhece o São Gonçalo como confortável, enquanto 62% e 87% dos respondentes dos 1º e 2º recortes percebem seus bairros como confortáveis. Logo, 62% dos idosos entrevistados avaliaram como confortável o bairro onde moram.

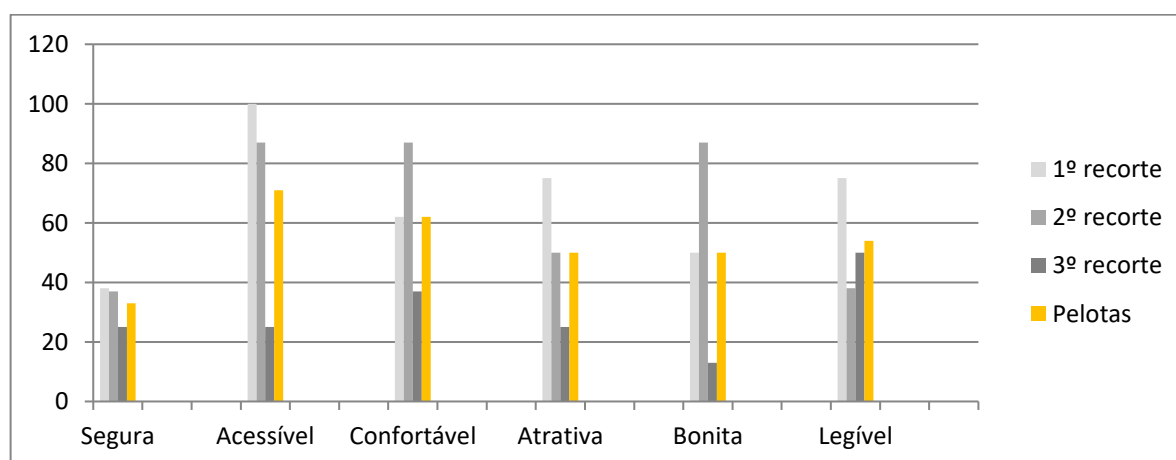
A atratividade dos bairros foi classificada pelos idosos da seguinte forma: enquanto 75% dos idosos do 1º recorte avaliou o Centro como atrativo, 50% da amostra do 2º recorte apresentou a mesma opinião referente ao Fragata e, com uma porcentagem ainda inferior, 25% dos participantes do 3º recorte apontaram o São Gonçalo como um bairro atrativo. Portanto, 50% dos participantes percebem o bairro onde moram como atrativo e 50% como não atrativo.

A avaliação quanto à beleza do bairro também dividiu a opinião dos idosos. O resultado aponta que, de forma positiva, 87% dos idosos entrevistados no 2º recorte avaliam o Fragata como bonito, 50% dos participantes do 1º recorte compartilham esta opinião a respeito do Centro e, apresentando uma avaliação negativa, 74% dos idosos do 3º recorte aponta o São Gonçalo como um bairro que não é bonito. Logo, 50% da amostra total considera o bairro onde mora como bonito.

As respostas pertinentes à legibilidade de cada bairro revelam que um pouco mais da metade dos respondentes, 54%, consideram o bairro onde moram como legível. Os participantes do 1º recorte são os que, em maior número, percebem o bairro como legível e somente 38% e 50% dos respondentes dos 2º e 3º recortes percebem o Fragata e o São Gonçalo como legíveis.

O Gráfico 2 apresenta quais amostras apontam maior porcentagem de respondentes que percebem como positiva cada variável. Logo, este demonstra que a insegurança no bairro onde moram foi uma resposta frequente no discurso dos idosos, assim como ocorreu para a escala da cidade. Porém, os participantes do São Gonçalo percebem o bairro onde moram como mais inseguro que os demais idosos, avaliação negativa que se repetiu na classificação de acessibilidade, conforto, atratividade e beleza. Assim, estes idosos perceberam de forma menos pejorativa somente a legibilidade do bairro que, construído através de um projeto de expansão urbana, apresenta hierarquia de vias, ruas largas e uma malha que oferece pontos de referência para o deslocamento dos pedestres. Grande parte dos idosos apontou o Centro como acessível, confortável, atrativo, bonito e legível. Com uma percepção semelhante, os respondentes do Fragata destoaram da percepção dos participantes do centro somente quanto à legibilidade do bairro, ao alegarem dificuldade de se localizarem durante os deslocamentos.

Gráfico 2: Percepção das variáveis centradas no usuário para os bairros.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

4.1.6 Estrutura dos mapas mentais e elementos inseridos

A análise qualitativa dos mapas mentais, dividida em análise da estrutura e dos elementos inseridos, será amparada pela tabulação dos dados quantitativos, apresentados nas tabelas que compõem o Apêndice O.

4.1.6.1 Estrutura dos mapas mentais

Conforme indicado no referencial bibliográfico, os mapas foram analisados quanto à estrutura apresentada pelo conjunto de inserções. Explica-se que:

(...) as imagens com mais valor são aquelas que mais se aproximam de um campo total forte: densas, rígidas e vivas; as que usam todos os tipos de elementos e características da forma sem concentrações limitadas; as que podem ser organizadas quer hierarquicamente quer continuamente, segunda as exigências do momento (LYNCH, 1999, p. 101).

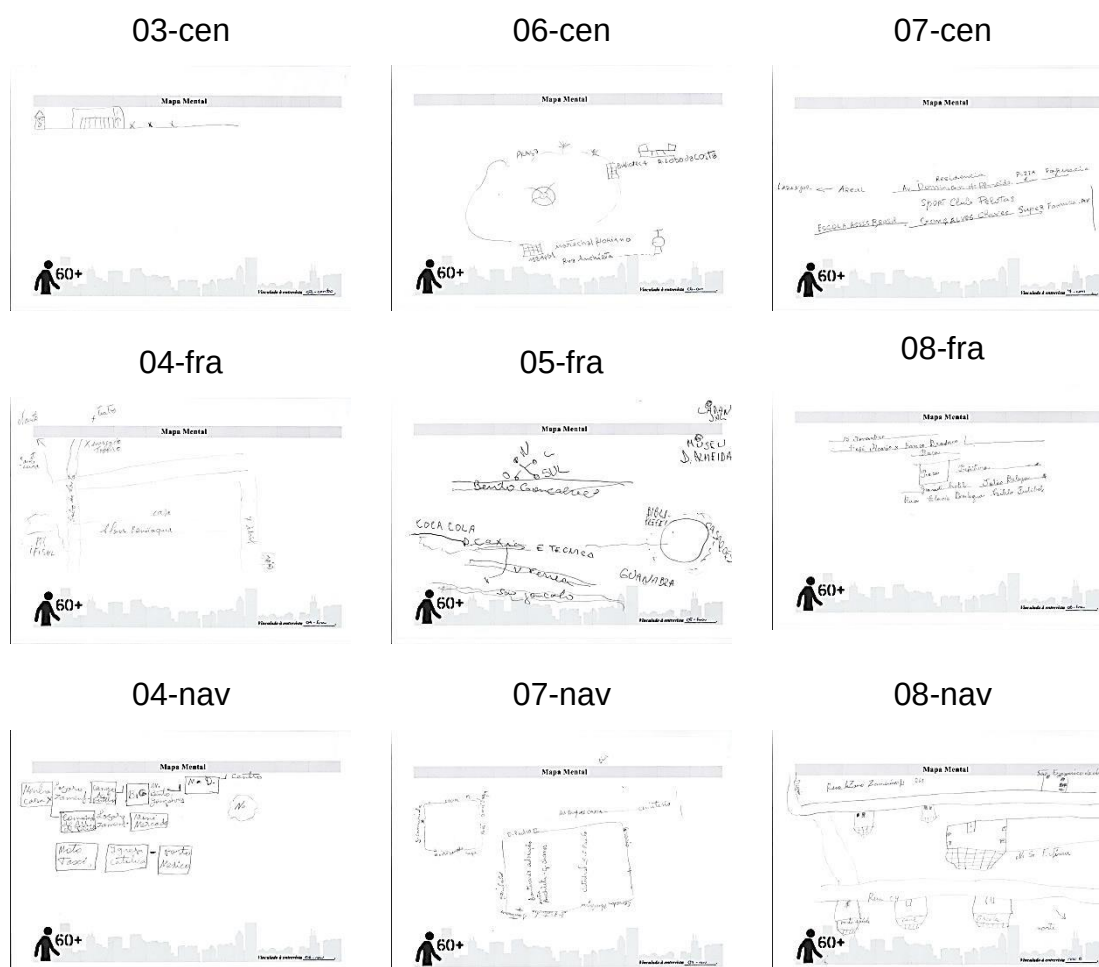
Portanto, os mapas mentais foram classificados, de acordo com a sua qualidade espacial, da seguinte maneira:

- a. Estrutura fraca: onde “Os vários elementos eram livres, não existia uma estrutura ou inter-relação entre as partes” (LYNCH, 1999, p. 100).
- b. Estrutura moderada: onde “a estrutura assumia um significado posicional; as partes encontravam-se deficientemente ligadas em termos da sua direção geral e talvez mesmo com relativa distância umas das outras, enquanto se mantinham desligadas” (LYNCH, 1999, p. 100).
- c. Estrutura forte: onde “As ligações multiplicavam-se, a estrutura tornava-se rígida, as partes ligavam-se firmemente em todas as direções; qualquer distorção tornava-se parte integrante” (LYNCH, 1999, p. 101).

A análise quantitativa revela que quase a metade dos idosos apresentaram mapas mentais com estruturas moderadas (46%) e que uma porcentagem relativamente alta elaborou mapas mentais fracos (37%). Assim, poucos foram os que expressaram mapas mentais fortes (17%). Estas médias são muito próximas às apresentadas pelos idosos do 1º recorte (no bairro Centro) e do 2º recorte (no bairro

Fragata), onde foram identificadas 38% de estruturas fracas, 50% de moderadas e 13% de fortes. A avaliação dos mapas elaborados pelos idosos do 3º recorte (no bairro São Gonçalo) apontou a mesma proporção de mapas fracos, entretanto, foi identificado um número maior de estruturas fortes (17%), restando 46% de moderados.

Quadro 7: Mapas mentais, miniaturas com estrutura fraca.

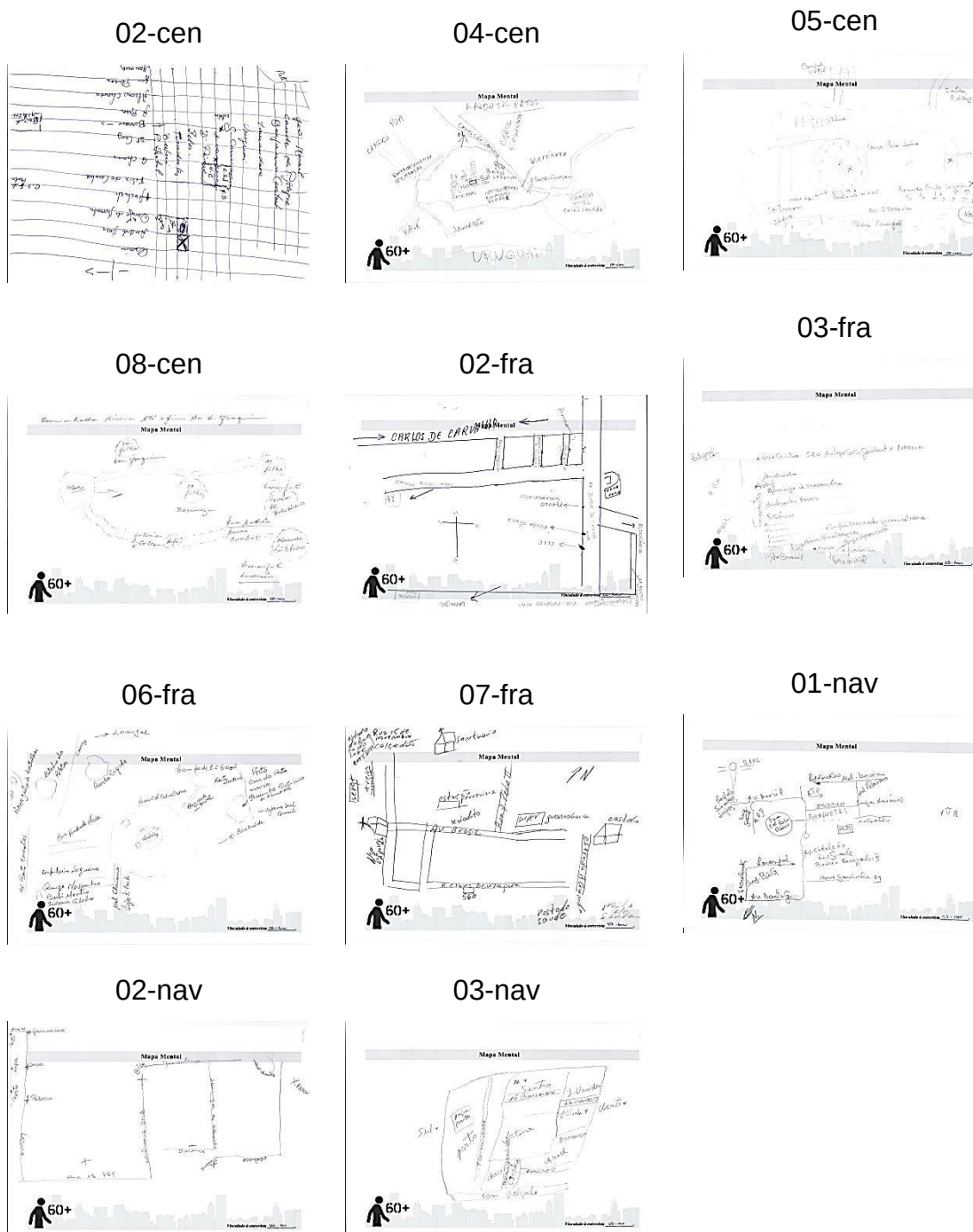


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

O resultado da classificação dos mapas mentais nos diferentes níveis de estrutura pode ser visualizado no agrupamento das miniaturas ou nas pranchas que compõem o Apêndice D. Assim, o Quadro 7 apresenta as estruturas classificadas como fracas, o Quadro 8 das estruturas moderadas e, por último, o Quadro 9 expõe as estruturas fortes.

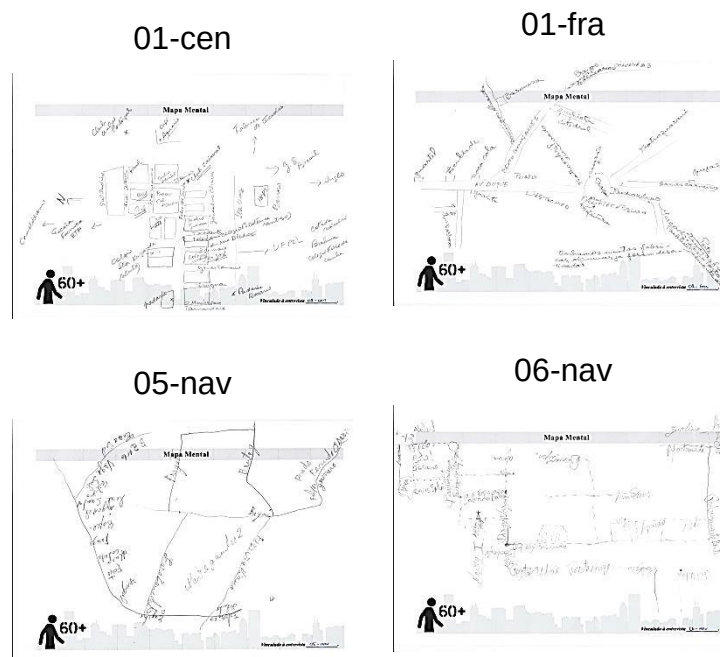
Aproveita-se o ensejo para esclarecer que, assim como ocorreu nas demais entrevistas, ofereceu-se à idosa do mapa 02-cen uma folha com a identificação da pesquisa. Entretanto, a mesma impôs resistência na utilização da folha padronizada e alegou que gostaria de desenhar em uma folha A4 branca, o que lhe foi permitido.

Quadro 8: Mapas mentais, miniaturas com estrutura moderada.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Quadro 9: Mapas mentais, miniaturas com estrutura forte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

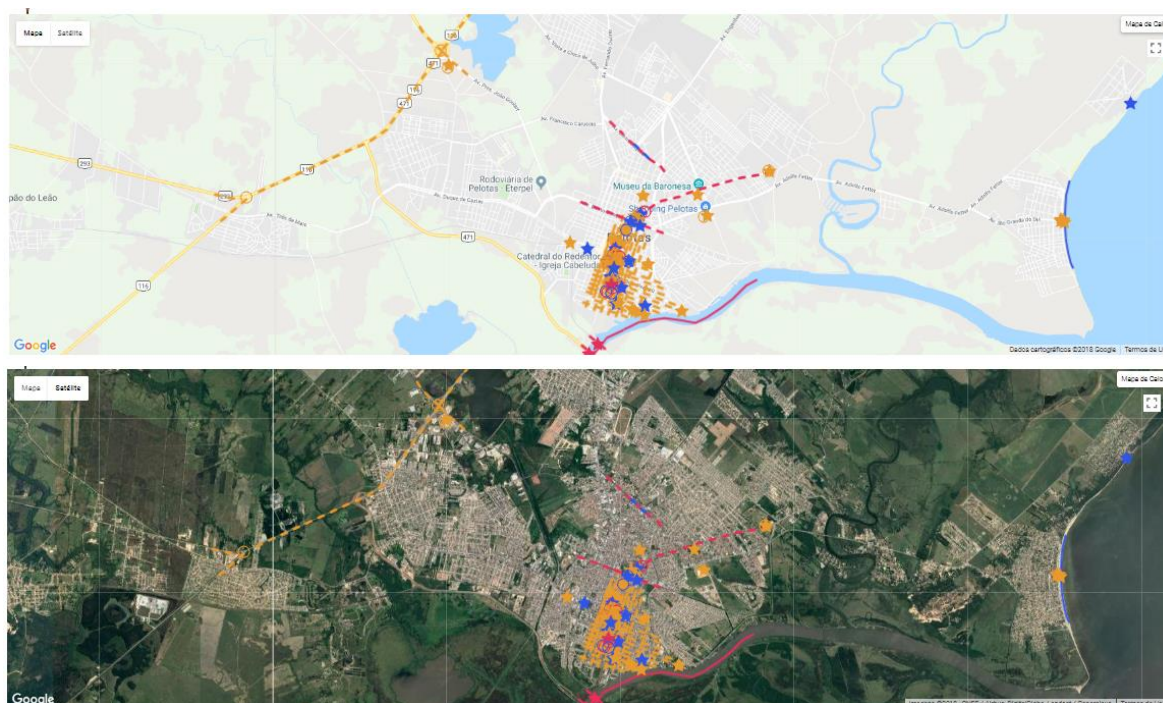
Estes resultados apontam que os idosos, exceto algumas exceções, demonstram possuir imagens mentais fracas e moderadas da cidade de Pelotas. Entretanto, apoiado nos resultados anteriores e na avaliação parcial dos mapas elaborados pelos idosos do 3º recorte, observa-se que estes possuem uma imagem mental mais densa, rígida e viva que os demais.

4.1.6.2 Elementos inseridos

Os mapas mentais foram transferidos para o meio digital com o auxílio do aplicativo para dispositivos móveis, *MMental*. Assim, ao passar a limpo os mapas mentais, as representações leigas foram substituídas pela simbologia dos cinco elementos: Nós, Marcos, Caminhos, Limites e Bairros (LYNCH, 1999). A sobreposição dos elementos de cada mapa originou mapas mentais coletivos por recorte e mapas mentais coletivos da amostra total.

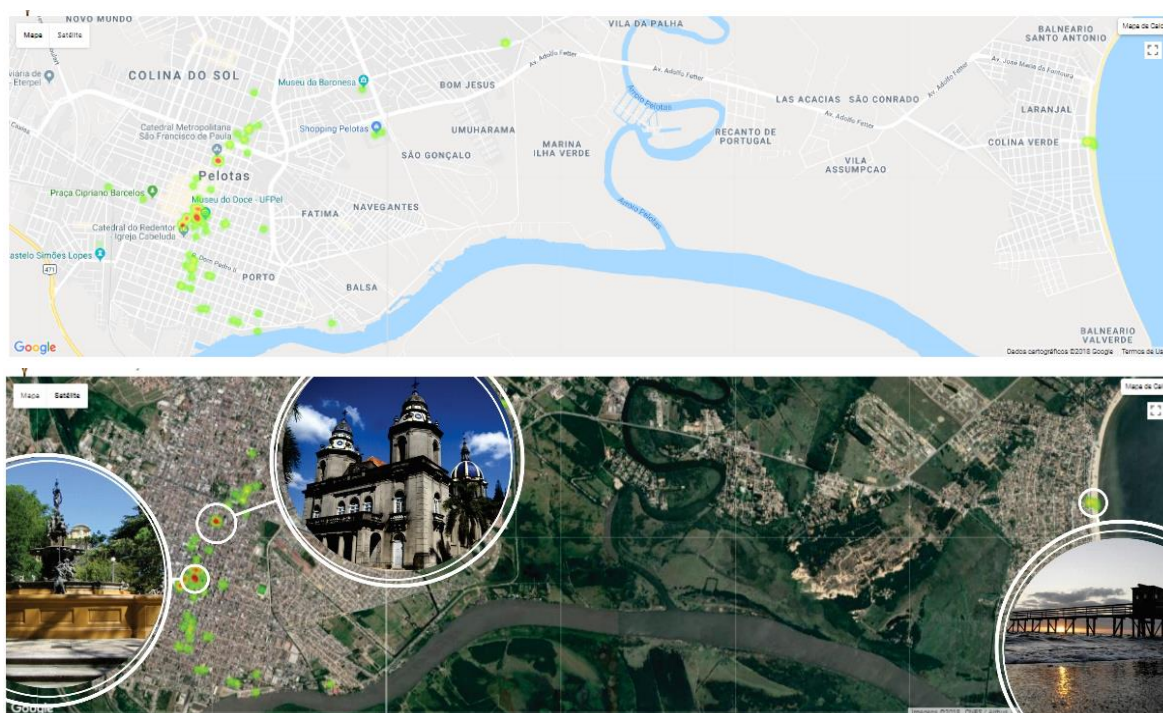
a. 1º recorte (Figura 59):

Figura 59: Mapa mental coletivo dos participantes do 1º recorte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 60: Mapa de calor (Nós e Marcos) dos participantes do 1º recorte.



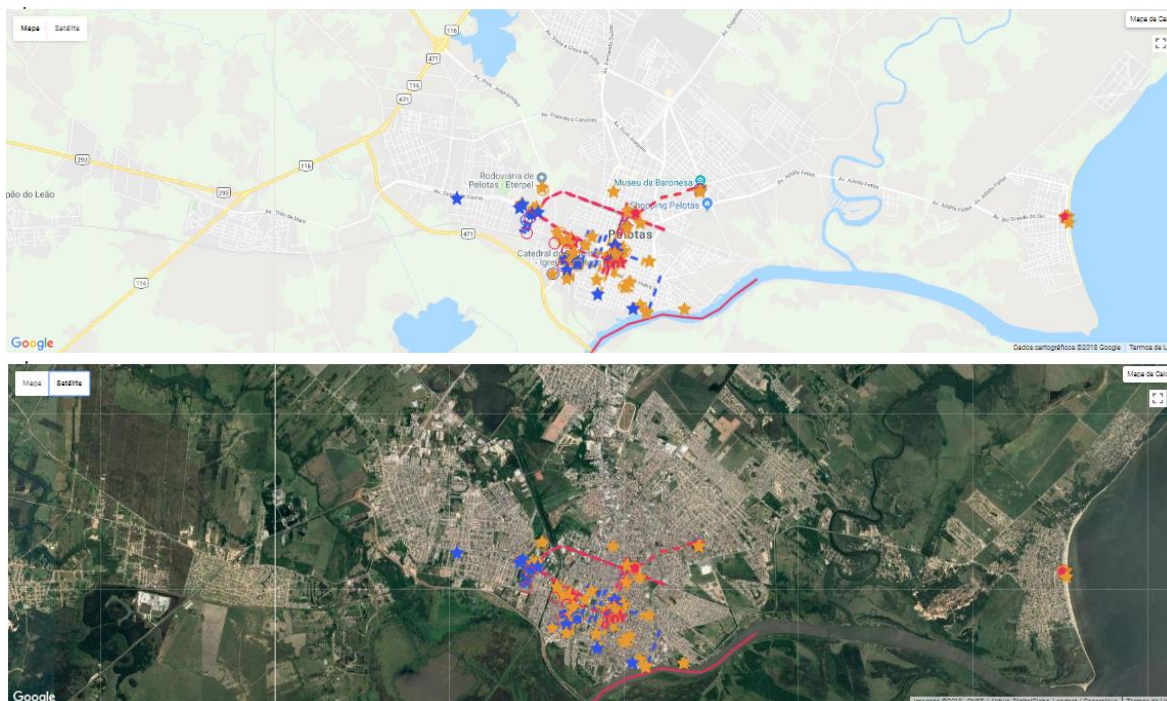
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os participantes do 1º recorte foram os que inseriram o menor número de elementos (157 unidades). Além disto, nenhum foi classificado como Bairro, indício da baixa legibilidade que possuem da escala da cidade. O mapa apresentado na Figura 59 reforça esta ideia, ao demonstrar que os idosos distribuíram, de forma rarefeita, poucos elementos nos demais bairros e, portanto, eles concentraram a inserção de informações no Centro, região onde moram.

Conforme a Figura 60, o mapa de calor da sobreposição dos Nós e Marcos enfatiza a alta concentração de inserções sobre a Praça Coronel Pedro Osório, na Catedral de São Francisco de Paula e na Praia do Laranjal. Sendo esta última, a maior concentração identificada fora do Centro.

b. 2º recorte (Figura 61):

Figura 61: Mapa mental coletivo dos participantes do 2º recorte.



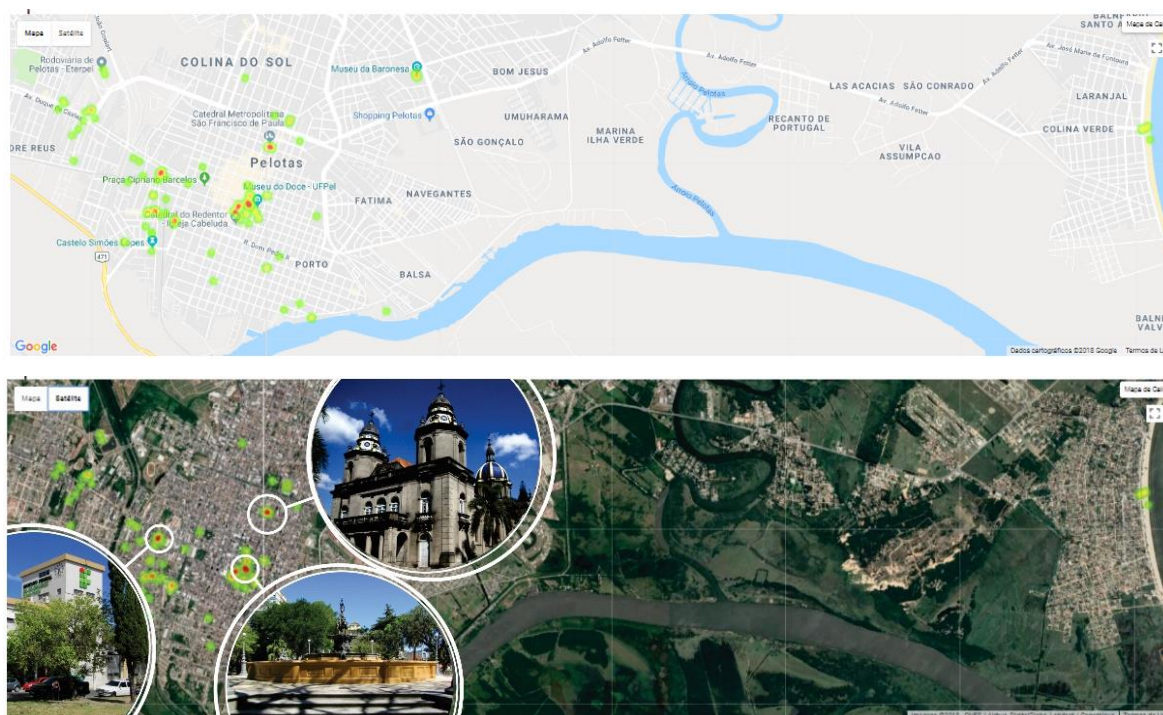
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os participantes do 2º recorte inseriram 174 elementos, um resultado de inserções intermediário ao das demais amostras parciais. Assim como nos mapas mentais elaborados no Centro, nenhuma inserção foi identificada como Bairro. Estas observações indicam a baixa legibilidade que estes idosos possuem da cidade.

Porém, os idosos inseriram informações tanto do bairro onde moram quanto do Centro, além de elementos de outras regiões, o que demonstra uma legibilidade urbana mais ampla se comparada a dos idosos do 1º recorte.

O mapa de calor de Nós e Marcos inseridos pelos idosos do 2º recorte (Figura 62) destaca a alta concentração de inserções na Praça Cel. Pedro Osório e na Catedral de São Francisco de Paula, assim como ocorreu nas inserções dos mapas gerados no Centro. Entretanto, são identificados outros pontos de concentração, onde o maior destes indica o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFsul), localizado no recorte onde os idosos moram.

Figura 62: Mapa de calor (Nós e Marcos) dos participantes do 2º recorte.



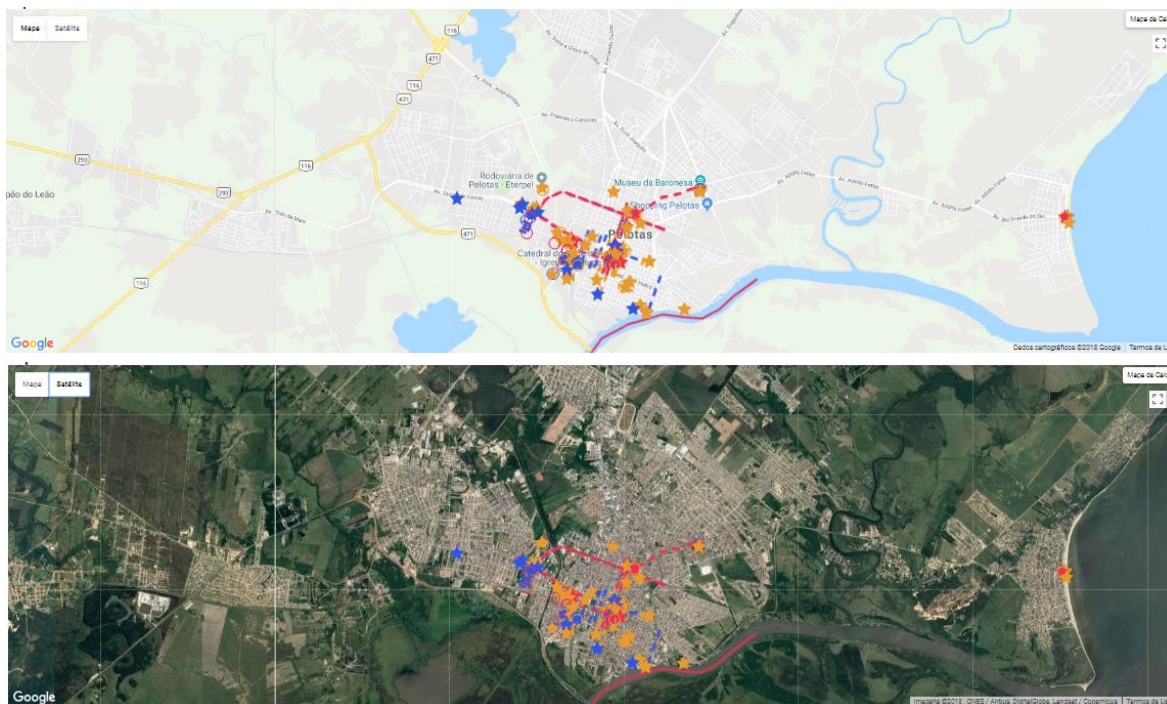
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

c. 3º recorte (Figura 63):

Os idosos do 3º recorte inseriram o maior número de elementos, 190. Diferentemente dos mapas elaborados nos 1º e 2º recortes, foram identificadas 09 inserções de Bairro, além do alto número de Nós (54) e Caminhos (71). Portanto, a legibilidade que estes possuem da cidade é mais rígida e complexa. Assim como

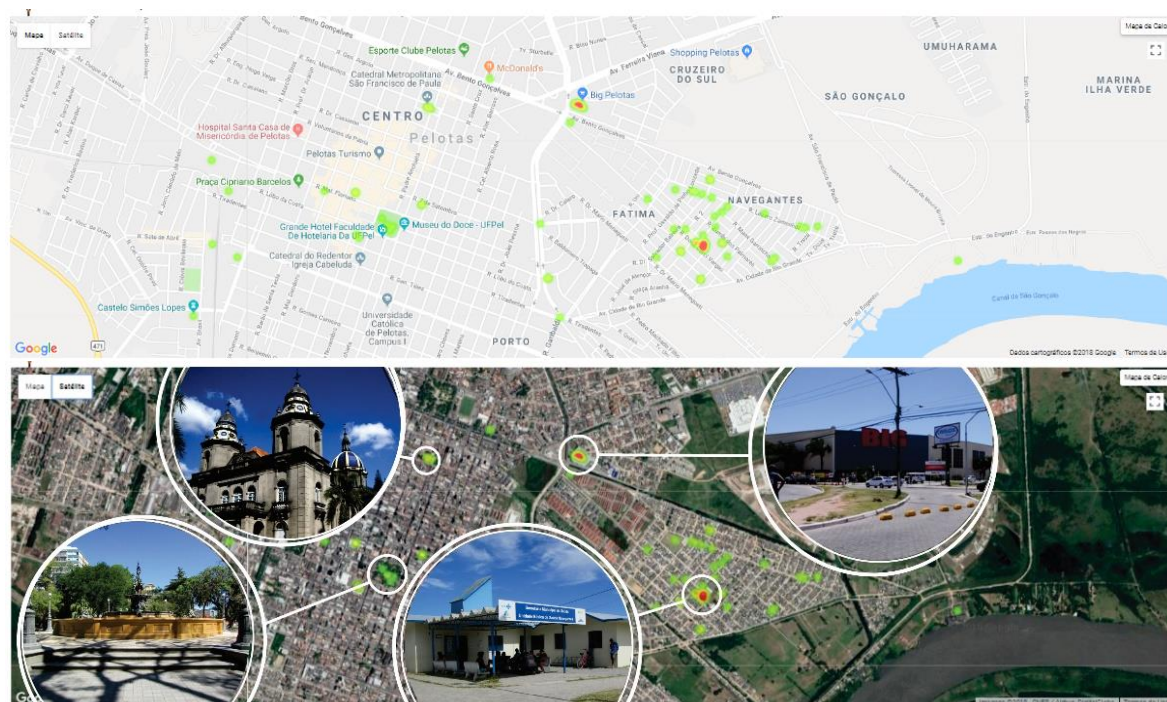
ocorreu no 2º recorte, os idosos inseriram informações locais e de outras regiões, o que reafirma a legibilidade ampla e composta por elementos diversificados.

Figura 63: Mapa mental coletivo dos participantes do 2º recorte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

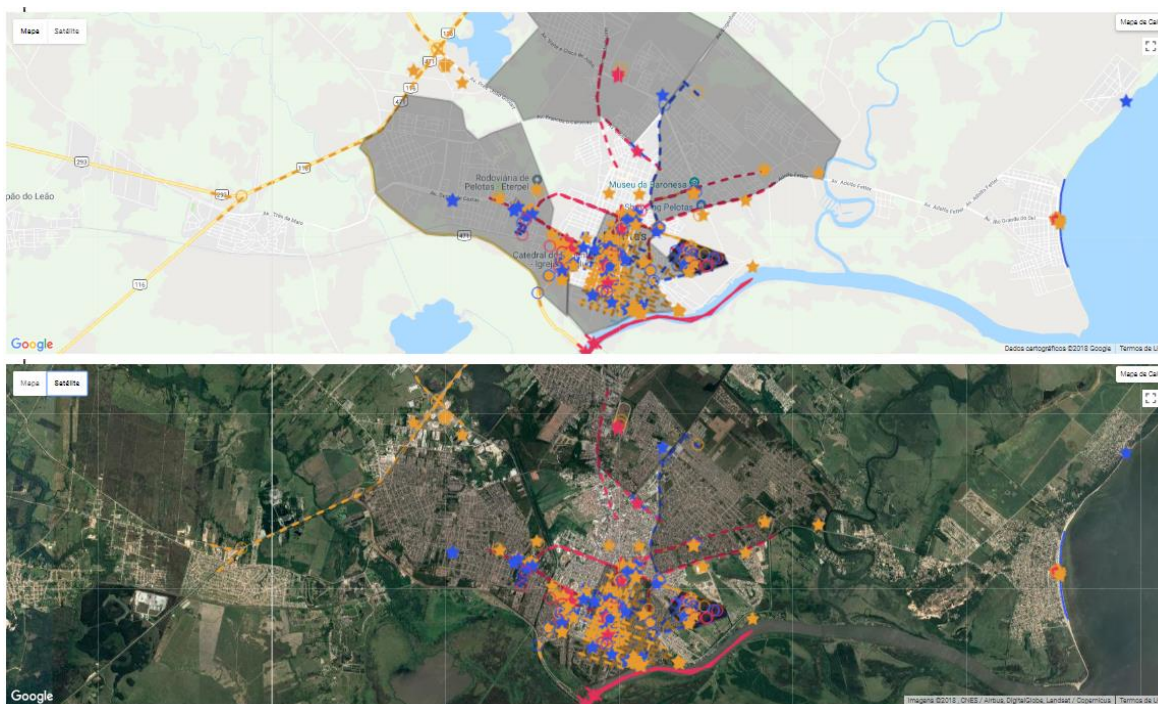
Figura 64: Mapa de calor (Nós e Marcos) dos participantes do 2º recorte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

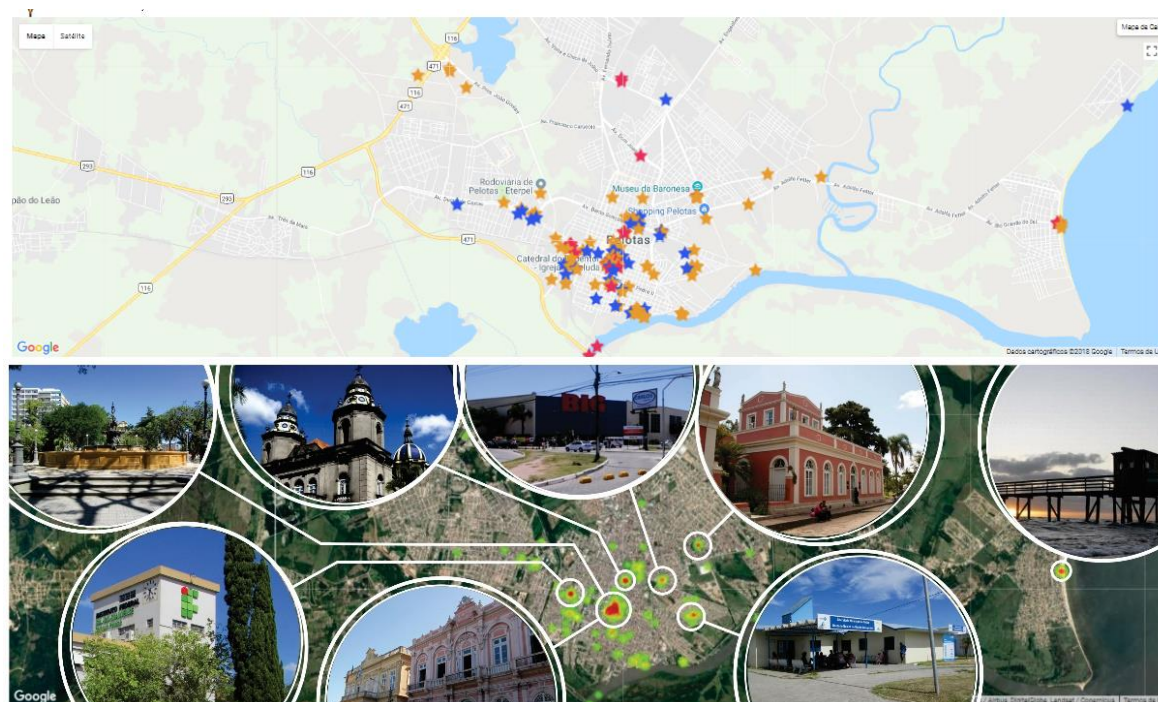
d. Amostra total (Figura 65):

Figura 65: Mapa mental coletivo, amostra total.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 66: Mapa mental coletivo e mapa de calor, Marcos.

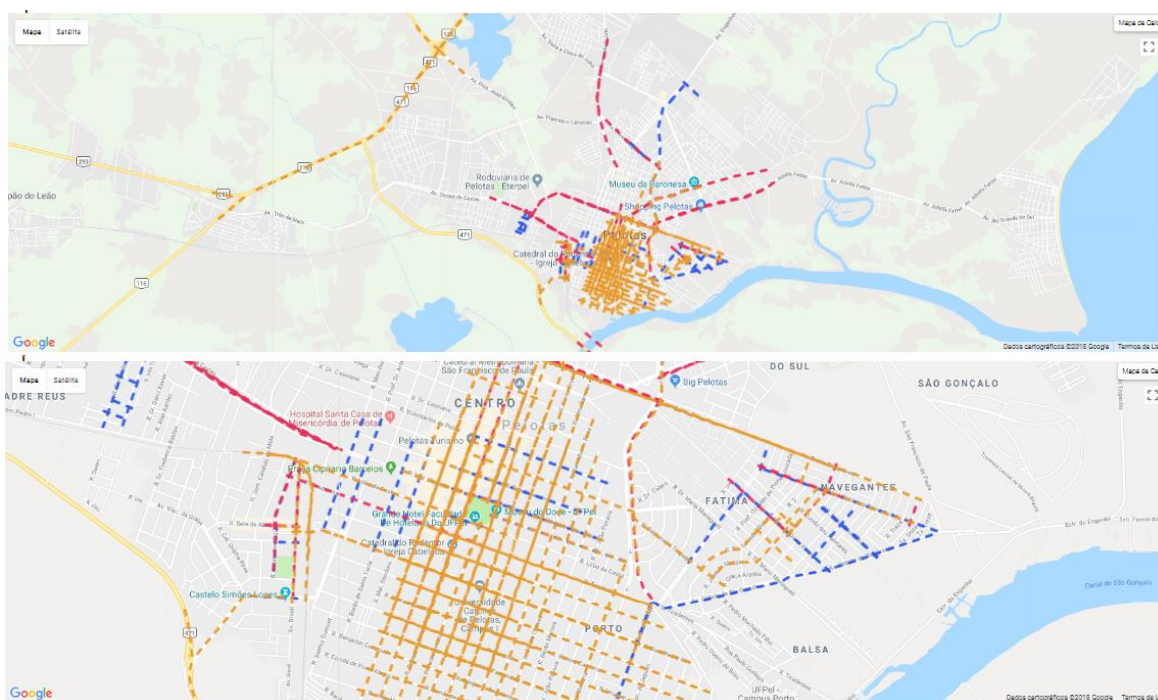


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

O resultado obtido da sobreposição de todos os mapas mentais apresenta a inserção de 521 elementos. Destes, os elementos utilizados com maior frequência na composição de seus mapas individuais foram Marcos (205 inserções) e Caminhos (185 inserções). Isto sugere que estes são os elementos utilizados com maior frequência pelos idosos entrevistados na elaboração e manutenção da imagem mental que utilizam para realizar seus deslocamentos.

Conforme a Figura 66, os Marcos inseridos pelos respondentes criam zonas de calor que enfatizam a alta inserção da simbologia de estrelas na identificação dos seguintes lugares: Praça Coronel Pedro Osório, Catedral de São Francisco de Paula, supermercado BIG, Praia do Laranjal, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) e a Unidade Básica de Atendimento Imediato (UBAI Navegantes). Além destes, anteriormente identificados nos mapas coletivos criados para cada recorte, outros dois lugares surgem como destaque na sobreposição total: o Parque da Baronesa e o conjunto arquitetônico formado pelos prédios da Prefeitura e Biblioteca Municipal.

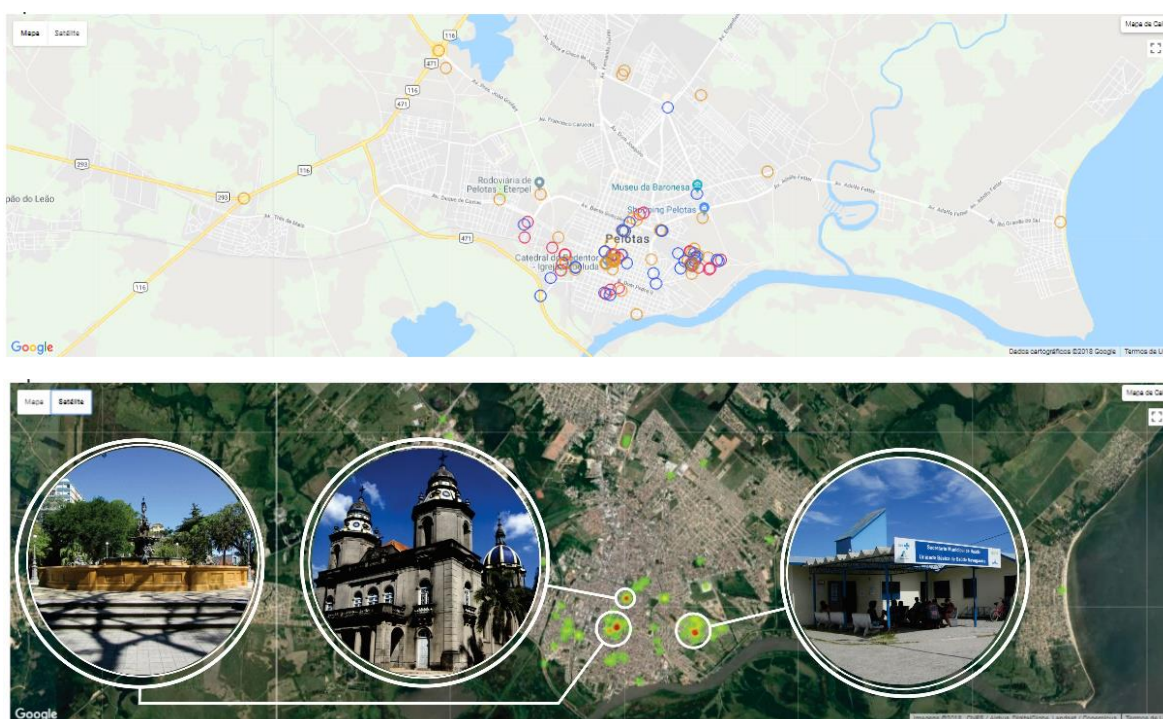
Figura 67: Mapa mental coletivo e aproximação no Centro, Caminhos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

O mapa coletivo gerado pela sobreposição dos Caminhos (Figura 67) aponta que os entrevistados interiorizam imagens mentais fortemente estruturadas pelas ruas do Centro, por algumas ruas dos outros dois bairros onde os idosos foram abordados e por ruas e avenidas de ligação destes ao Centro. O mapa apresenta que foram inseridos poucos Caminhos que não seguem este padrão. Portanto, assim como foi verificado anteriormente, os deslocamentos dos idosos tendem a ocorrer no bairro onde moram e deste em direção ao Centro.

Figura 68: Mapa mental coletivo e mapa de calor, Nós.



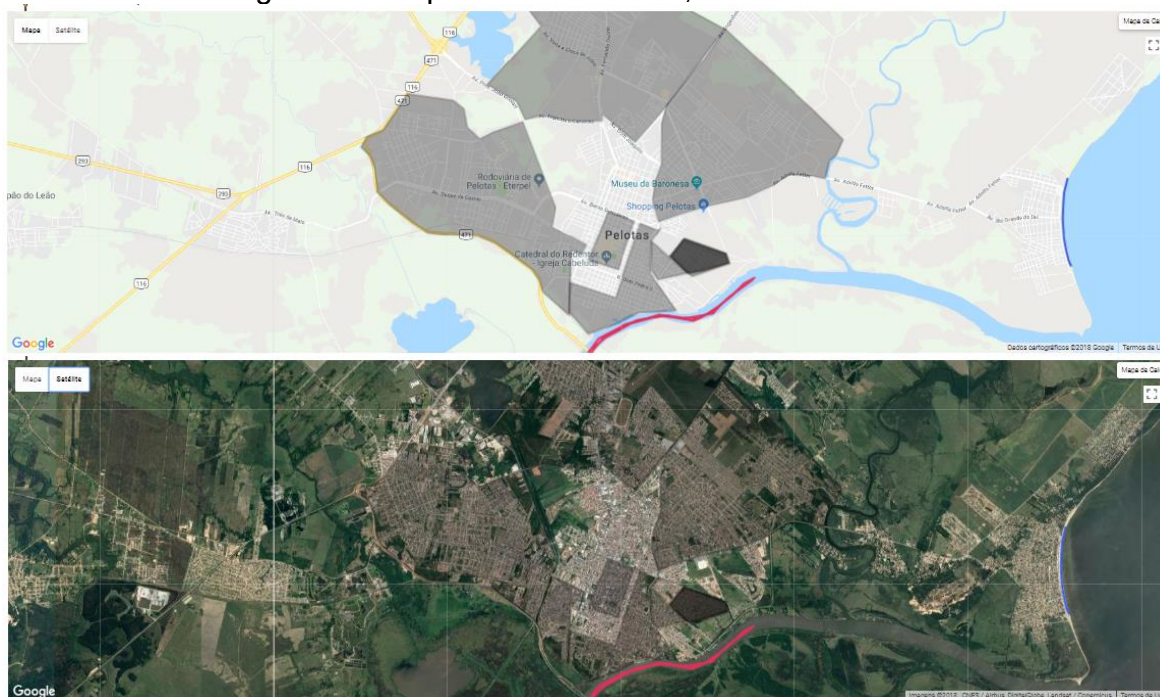
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Quanto à inserção de Nós, foram identificadas 118 inserções. O mapa de calor apresentado na Figura 68 indica que, além de serem utilizados como referências na paisagem urbanas, a Praça Coronel Pedro Osório, a Catedral de São Francisco de Paula e a Unidade Básica de Atendimento Imediato são os destinos identificados como de maior frequência no cotidiano de grande parte dos idosos entrevistados.

Por fim, os elementos utilizados com menor frequência na formação e manutenção da imagem mental dos entrevistados são os Bairros, 09 inserções, e os Limites, 04 inserções (Figura 69). Logo, estes elementos não participam com

frequência da composição das imagens mentais destes idosos. Salienta-se que um amplo reconhecimento de Bairros e Limites, ainda que com distorções, sinalizaria uma percepção maior do território urbano.

Figura 69: Mapa mental coletivo, Bairros e Limites.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

4.1.7 Identificação de elementos do passado

A verificação de inserções que representam elementos do passado foi um aspecto identificado ainda nas primeiras entrevistas. Comumente, os idosos usavam nomes antigos ao se referirem às instituições, como no caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), identificado em muitos mapas pelo nome de Escola Técnica de Pelotas ou simplesmente pela sigla ETP (04 inserções). Outros padrões observados foram: a menção de fábricas desativadas, como o Frigorífico Anglo (02 inserções) e a Fábrica de Enlatados Cica Sul (02 inserções); a lembrança de locais de lazer inativos, como o Teatro Sete de Abril (03 inserções); e de residências desabitadas, como o caso do Castelo Simões Lopes (02 inserções).

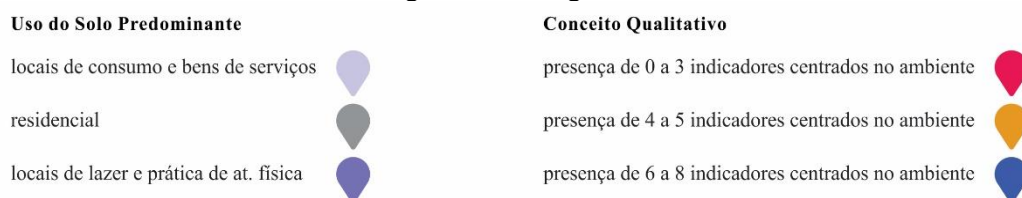
Os quadros do Apêndice P são compostos pela lista completa e pela tabulação dos elementos do passado. Neles, identificou-se que os entrevistados no São Gonçalo foram os que produziram a menor quantidade de mapas mentais com tais inserções (25%), em oposição aos mapas mentais produzidos no Fragata, onde 75% apresentou este aspecto. Metade dos mapas elaborados pelos idosos do Centro, assim como a metade da amostra total, realizou inserções desta natureza.

Logo, o resultado indica que metade dos idosos entrevistados percebem e utilizam imagens mentais atemporais. Nelas, os elementos presentes na cidade atual mesclam-se aos do passado. Em outras palavras, as imagens mentais são o agrupamento de referenciais urbanos influenciados pelo passado de cada idoso, resultado da equação do que este vivenciou e mantém presente em sua memória de longo prazo.

4.2 Levantamento físico dos aspectos urbanos

A apresentação da análise parcial dos resultados obtidos foi organizada nas pranchas que compõe o Apêndice E. Nestas, os méritos e os problemas de cada uma das 12 regiões são demonstrados através de fotos, gráficos e quadros. A fim de simplificar a etapa de análise dos resultados, no Apêndice H encontra-se a síntese destas informações. Logo, sugere-se que os dados exibidos neste item sejam acompanhados tendo-se em mãos os dois apêndices.

Figura 70: Legenda.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Antes de adentrar na exposição dos resultados, apresenta-se a legenda (Figura 70) utilizada para a caracterização do uso do solo predominante e para a atribuição de conceitos qualitativos, útil na interpretação dos quadros elaborados.

4.2.1 1º Recorte

A análise dos aspectos físicos do 1º recorte (no bairro Centro) destaca que na região C-01, correspondente ao entorno do Teatro Guarany (Figura 71), o uso do solo predominante é o de locais de consumo e bens de serviço. O cumprimento de cada indicador centrado no ambiente somou um ponto à região que, ao apresentar 05 dos 08 critérios, recebeu o conceito qualitativo intermediário (de 04 a 05).

Quadro 10: Perfil urbano do 1º recorte.

recorte	loais	uso do solo predominante	data de realização do levantamento	indicadores centrados no ambiente							conceito quantitativo	conceito qualitativo
				loais de lazer e de consumo/serviço	equipamentos e infra-estruturas de apoio	equipamentos para acessibilidade	equipamentos de trânsito	loais distribuidores de fluxo social	limpeza urbana	elementos naturais		
1º recorte	C01		13/03								5	
	C02		22/03								7	
	C03		22/03								7	
	C04		13/03								6	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Conforme o Quadro 10, foram registrados os seguintes indicadores de qualidade urbana na região C-01: (i) locais de lazer, a exemplo do teatro (ii) locais de consumo e serviço, (iii) equipamentos e infra-estrutura de apoio, como bancos e luminárias na via pública, (iv) equipamentos de trânsito, onde foram registrados semáforos para veículos e pedestres, e (v) limpeza urbana. Foram avaliados como insuficientes os equipamentos de acessibilidade e os locais de distribuição de fluxo social porque foi encontrada somente uma rampa para portadores de necessidades especiais e um ponto de táxi. Além disto, não foi identificado nenhum elemento natural.

As regiões C-02 (Figura 72), C-03 (Figura 73) e C-04 (Figura 74) são avaliadas com o conceito máximo. O único indicador apresentado de forma insuficiente na região C-02 refere-se à carência de locais distribuidores de fluxo social, onde a grande oferta de pontos de táxi no entorno da Praça Cel. Pedro Osório não supera a ausência de paradas de ônibus. Nesta região, onde o uso do solo predominante é o de locais de consumo e bens de serviço, o número de exemplares de elementos naturais e de equipamentos urbanos é amplo. Destaca-se que, ao analisar o resultado das 12 regiões levantadas, esta é a única onde o indicador de equipamentos para acessibilidade foi registrado como suficiente, com a disponibilidade de 24 rampas para portadores de necessidades especiais.

Figura 71: Teatro Guarany, C-01.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 72: Praça Cel. P. Osório, C-02.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 73: Mercado Público, C-03.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 74: Catedral S.F. de Paula, C-04.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Na região C-03, que inclui o Mercado Público e onde o uso do solo predominante também é de locais de consumo e bens de serviço, foi identificada somente uma rampa para portadores de necessidades especiais e, assim, há um déficit na quantidade de equipamentos de acessibilidade. Os demais indicadores foram atendidos, destacando-se a grande oferta de: (i) equipamentos de infraestrutura e apoio, como bancos, luminárias e bicicletário, (ii) de elementos naturais, onde foram registradas 17 árvores, (iii) e a limpeza urbana, contemplada pelo suporte de 08 containers públicos para a coleta de lixo e de 03 lixeiras menores.

Na região C-04, onde foi avaliado o entorno da Catedral de São Francisco de Paula e que se caracteriza tanto pelo uso residencial quanto pelos locais de consumo e serviço, não foram encontrados equipamentos de acessibilidade e distribuidores de fluxo social. Entretanto, foi identificada como satisfatória a oferta de (i) equipamentos de infraestrutura e apoio, (ii) equipamentos de trânsito, a exemplo da ciclofaixa, (iii) limpeza urbana e (iv) elementos naturais, estes concentrados no largo da Catedral.

Em síntese, as 04 regiões observadas neste recorte somaram 03 conceitos qualitativos máximos e 01 conceito intermediário e, com isso, o 1º recorte apresenta, além da melhor avaliação identificada no estudo de caso, os únicos conceitos máximos resultantes da presença de 07 indicadores (C-02 e C-03) e a única região onde os equipamentos para acessibilidade foram avaliados como suficientes (C-02).

4.2.2 2º Recorte

A análise do perfil urbano do 2º recorte (no bairro Fragata), Quadro 11, apresenta um perfil de uso do solo diferente do identificado no 1º recorte ao demonstrar que as regiões F-01 e F-02 são caracterizadas como locais de consumo e de serviço, enquanto nas regiões F-03 e F-04 há o predomínio do uso residencial.

A região F-01 refere-se ao levantamento físico de um trecho da Avenida Duque de Caxias (Figura 75), onde a observação dos indicadores aponta a ausência de equipamentos para acessibilidade e, apesar do trânsito intenso de veículos, expõe o déficit de equipamentos de trânsito. No que se refere à limpeza urbana, além de serem

identificados poucos pontos de coleta de lixo (02 unidades), foram registrados 03 locais de acúmulo de lixo no canteiro central da avenida. Entretanto, o canteiro e os passeios observados possuem muitos exemplares de elementos naturais, de locais distribuidores de fluxo social e de equipamentos de infra-estrutura e apoio. Neste trecho foram contabilizadas 04 paradas de ônibus, 01 ponto de ônibus e 02 empresas de moto táxi. Ao somar o número de indicadores atendidos, a região recebe o conceito qualitativo intermediário.

Quadro 11: Perfil urbano do 2º recorte.

recorte locais	uso do solo predominante	data de realização do levantamento	indicadores centrados no ambiente							conceito quantitativo	conceito qualitativo
			locais de lazer e de consumo/serviço	equipamentos e infra- estruturas de apoio	equipamentos para acessibilidade	equipamentos de trânsito	locais distribuidores de fluxo social	limpeza urbana	elementos naturais		
F01		22/03								5	
F02		22/03								6	
F03		22/03								3	
F04		22/03								6	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

No entorno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, F-02 (Figura 76), e na região que inclui Avenida Brasil, F-04 (Figura 78), foram identificadas as mesmas qualidades e carências. Nestas, o conceito máximo foi alcançado porque os únicos critérios não contemplados são: a presença de equipamentos de acessibilidade e a limpeza urbana. Observa-se que estes indicadores não foram atendidos nas 04 regiões e que, portanto, não devem ser percebidos como problemas pontuais, mas como preocupações a serem solucionadas na escala do bairro. Quanto aos indicadores avaliados de maneira positiva nas regiões F-02 e F-04, incluem-se: a presença suficiente de equipamentos de infra-estrutura e apoio (bancos, academia ao ar livre, etc.), equipamentos de trânsito (semáforos para veículos e pedestres, faixas de segurança, etc.), locais distribuidores de fluxo social

(paradas de ônibus, pontos de táxi, etc.) e elementos naturais (muitos exemplares de árvores e arbustos).

Porém, a região F-03 (Figura 77), em um trecho que compreende a via férrea, foi avaliada pelo conceito mínimo. Além da ausência de equipamentos de acessibilidade e do problema de limpeza urbana, o conceito atribuído deriva do baixo número de equipamentos de infra-estrutura e apoio, assim como da ausência de equipamentos de trânsito e de locais distribuidores de fluxo social.

Figura 75: Av. Duque de Caxias, F-01.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 76: IFSul, F-02.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 77: Via férrea, F-03.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 78: Av. Brasil, F-04.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Após a análise parcial de cada uma das 04 regiões que compõe o 2º recorte, concluiu-se que as qualidades e problemas identificados culminam em 02 avaliações boas, 01 intermediária e 01 ruim que, comparadas às conceituações atribuídas aos

demais recortes, o posicionam em um nível intermediário de qualidade física dos aspectos urbanos.

4.2.3 3º Recorte

Se, ao comparar os dados obtidos através do levantamento físico dos aspectos urbanos, apontou-se que no 1º recorte, onde há o maior poder aquisitivo medido pela renda mensal por domicílio, há a melhor qualidade urbana e, se no 2º recorte, onde há o poder aquisitivo intermediário, a qualidade urbana foi identificada como mediana; neste item serão apresentados os dados que estabelecem o 3º recorte, onde há o menor poder aquisitivo, como a região de pior qualidade urbana do estudo de caso.

Quadro 12: Perfil urbano do 3º recorte.

<i>recorte</i>	<i>loais</i>	<i>uso do solo predominante</i>	<i>data de realização do levantamento</i>	<i>indicadores centrados no ambiente</i>							<i>conceito quantitativo</i>	<i>conceito qualitativo</i>
				<i>loais de lazer e de consumo/serviço</i>	<i>equipamentos e infra-estruturas de apoio</i>	<i>equipamentos para acessibilidade</i>	<i>equipamentos de trânsito</i>	<i>loais distribuidores de fluxo social</i>	<i>limpeza urbana</i>	<i>elementos naturais</i>		
3º recorte	N01		13/03								2	
	N04		13/03								2	
	N03		13/03								3	
	N04		13/03								2	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nas 04 regiões observadas no 3º recorte, no bairro São Gonçalo, o uso do solo é predominantemente residencial (Quadro 12). Em todas elas foram identificados locais de consumo e serviço, como padarias e oficinas mecânicas. Entretanto, somente na região N-03 encontrou-se um local de lazer e prática de atividades físicas: o ginásio de esportes comunitário (Figura 81).

Figura 79: Av. Bento Gonçalves, N-01.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 80: Rua Lázaro Zamenhoff, N-02.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 81: Ginásio de esportes, N-03.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 82: Av. Cidade de RG, N-04.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Equipamentos de infra-estrutura e apoio, para acessibilidade e de trânsito foram registrados como insuficientes nas 04 regiões, onde: os poucos bancos encontrados apresentam péssimo estado de manutenção; não foram identificadas rampas para portadores de necessidades especiais ou outro item referente à acessibilidade universal; e, de todos os equipamentos de trânsito necessários para a organização do fluxo de veículos e de pedestres, foi identificada somente uma lombada na Rua Lázaro Zamenhoff (N-02) e outra na frente da Escola Municipal de Ensino Infantil Érico Veríssimo, na Rua Dona Darcy Vargas (N-03).

A busca por locais distribuidores de fluxo social resultou no registro de uma parada de ônibus, localizada na Rua Lázaro Zamenhoff (Figura 80). Assim, a região N-02 foi avaliada como suficiente e as demais como insuficientes para este indicador.

Foram encontrados muitos exemplares de vegetação e alguns cursos d'água nas regiões N-01 (Figura 79), N-03 (Figura 81) e N-04 (Figura 82). Porém, enquanto na região N-02 não há elementos naturais, a oferta identificada nas demais regiões é tratada com desleixo e descaso, o que culmina em uma situação de insalubridade pública e no aumento do risco de proliferação de doenças. Nas 03 áreas, contabilizaram-se 12 pontos de acúmulo de lixo junto ou perto da vegetação. Assim, ao considerar a ocorrência destes focos de lixo e a inexistência de equipamentos públicos destinados à coleta de lixo, as 04 regiões foram classificadas como insatisfatórias quanto à limpeza urbana.

Após a análise parcial de cada uma das 04 regiões localizadas no São Gonçalo, verifica-se que o registro das qualidades e carências resultou em 04 avaliações ruins, o que atribui o pior nível de qualidade física dos aspectos urbanos ao 3º recorte que compõe o estudo de caso.

Verificados os diferentes padrões de qualidade física dos espaços urbanos, o próximo item destina-se à apresentação e análise dos mapas comportamentais elaborados nos 03 recortes do estudo de caso.

4.3 Mapas Comportamentais

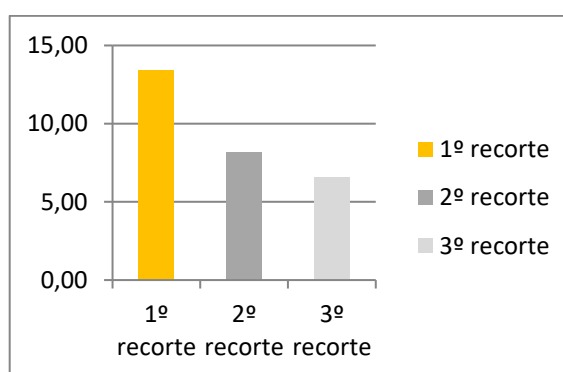
A sistematização dos dados quantitativos referentes ao perfil da amostra foi organizada em tabelas gerais e tabelas síntese, disponíveis no Apêndice Q. Além disto, estes dados podem ser verificados qualitativamente no Apêndice R, onde são apresentados os 12 mapas comportamentais de sobreposição de todos os levantamentos.

4.3.1 Dados gerais e clima

Os 96 mapas comportamentais foram realizados entre os dias 1º de setembro de 2017 e 03 de março de 2018 e o tempo médio de duração dedicado à elaboração de cada exemplar foi de 9,38 minutos. Observa-se, no Gráfico 3, que o tempo médio

utilizado nos levantamentos do 1º recorte (13,41 minutos) foi aproximadamente 02 vezes maior que o utilizado no 3º recorte (6,56 minutos). Ao comparar o tempo utilizado em cada mapa, percebe-se que o maior tempo (27 minutos) foi dedicado ao mapa C-02, no 1º recorte, referente ao levantamento na Praça Cel. Pedro Osório, no turno da manhã do dia 03 de março. Os menores períodos de tempo (de 01 a 02 minutos) foram identificados em 06 mapas elaborados no 2º e 3º recortes. O tempo total utilizado *in loco* foi de 900 minutos (15 horas).

Gráfico 3: Tempo médio (minutos) de duração de cada mapa por recorte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

As datas de coleta de dados foram programadas para que o comportamento verificado em diferentes situações climáticas pudesse ser analisado. Assim, consultou-se a previsão meteorológica para Pelotas, oferecida no endereço eletrônico Clima Tempo (2017), onde foram escolhidos 02 dias de inverno e 02 dias de verão que indicavam temperaturas correspondentes às normais para estas estações. Utilizou-se como base as temperaturas normais informadas pela Estação Agroclimatológica do Capão do Leão, RS (Embrapa/ETB - Campus da UFPel), Tabela 1. Assim, os dias de inverno escolhidos foram o 1º e o 2º do mês de setembro. A Figura 83, obtida na página do Clima Tempo, registrou a expectativa de variação térmica para os dias programados no inverno.

Tabela 1: Temperaturas normais para Pelotas.

Estação	Temperatura (°C)		
	Mínimas	Típicas	Máximas
Verão	18,4	22,5	27,5
Inverno	9,5	13,3	18,4

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 83: Variação térmica para os dias programados no inverno.



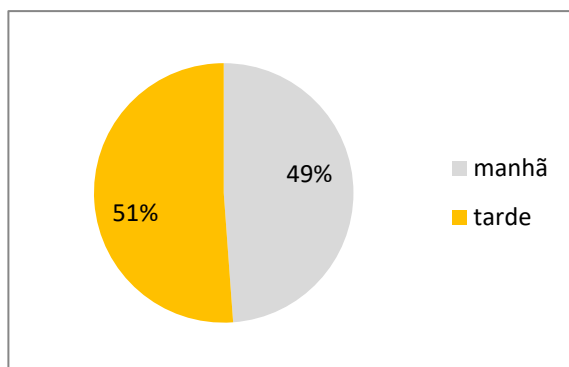
Fonte: Clima Tempo, disponível em: <https://www.climatempo.com.br> e acessado em: 17/08/2017.

Entretanto, na elaboração dos mapas comportamentais no inverno, as temperaturas foram significativamente maiores do que as esperadas, onde: a mínima foi de 19°C, sendo 1°C maior que a temperatura mínima padrão de verão e 1°C maior que a temperatura máxima padrão de inverno; e a máxima foi de 29°C, 1°C maior que a temperatura máxima padrão de verão. Logo, a temperatura média registrada *in loco* nos dias de inverno foi de 23,08°C, correspondendo à temperatura típica de verão. O levantamento programado para o verão registrou temperaturas próximas às normais, onde a temperatura média foi de 25,90°C e, com isso, tanto os dias de inverno como os de verão apresentaram temperaturas muito semelhantes. Foi avaliada a hipótese de descartar os dados coletados no inverno e refazê-los em dias mais frios, porém, a previsão sinalizou dias quentes até o término da estação. Com isso, a amostra obtida no inverno foi utilizada e a comparação comportamental dos idosos entre as duas estações foi cancelada.

4.3.2 Perfil da amostra

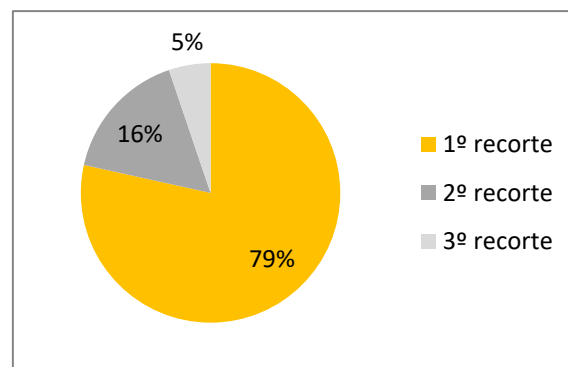
A coleta de dados dos mapas comportamentais registrou 1.597 indivíduos. Destes, 780 (49%) foram observados no turno da manhã e 817 (51%) no à tarde. Logo, não se constatou diferença significativa entre o número de idosos que utilizam o espaço público pela manhã e pela tarde (Gráfico 4).

Gráfico 4: Idosos nos diferentes turnos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 5: Idosos nos recortes.

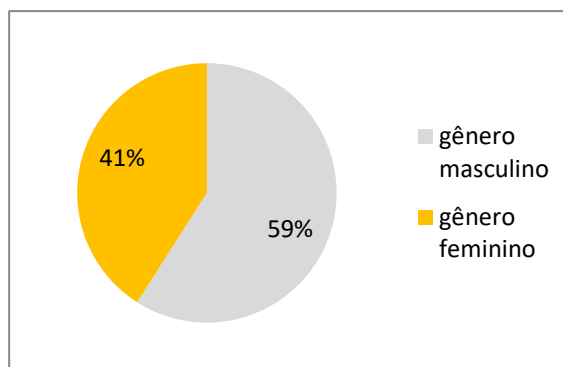


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Ao analisar as informações obtidas em cada recorte do estudo de caso (Gráfico 5), foram registrados: 1.253 (78%) indivíduos no 1º recorte, 261 (16%) no 2º recorte e somente 83 (6%) no 3º recorte. O registro superior de idosos no 1º recorte converge com o resultado identificado na aplicação dos mapas mentais. Isto porque, quando indagados sobre onde costumam ir com maior frequência, grande parte dos respondentes do 1º recorte afirmou ir a lugares no Centro. Somado a isto, nos demais recortes, o deslocamento frequente a outras regiões urbanas foi afirmado por muitos participantes, dentre elas o Centro.

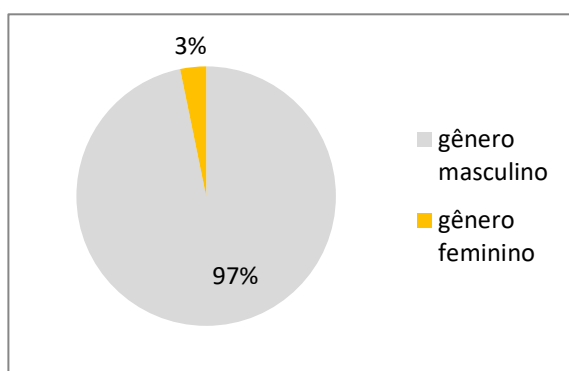
No Gráfico 6 destaca-se que, do total de idosos observados, 943 (59%) são do gênero masculino e 654 (41%) do feminino. Além disto, observou-se uma proporção superior de representantes masculinos que efetuavam seus deslocamentos de bicicleta (Gráfico 7), onde: 60 indivíduos (97%) eram do gênero masculino e somente 02 indivíduos (03%) eram do feminino. Porém, o Gráfico 8 expõe o gênero de cada indivíduo cadeirante, onde as 04 pessoas registradas eram do gênero feminino (100%). Estes dados demonstram que os indivíduos do gênero masculino se apropriam mais do espaço urbano quando comparados aos do gênero feminino e que alguns realizam seus deslocamentos de bicicleta. Porém, enquanto este meio de transporte é utilizado de maneira esporádica pelo público feminino, elas demonstraram apropriar-se mais do ambiente urbano quando portam alguma necessidade especial que lhes coloque na situação de cadeirante.

Gráfico 6: Indivíduos por gênero.



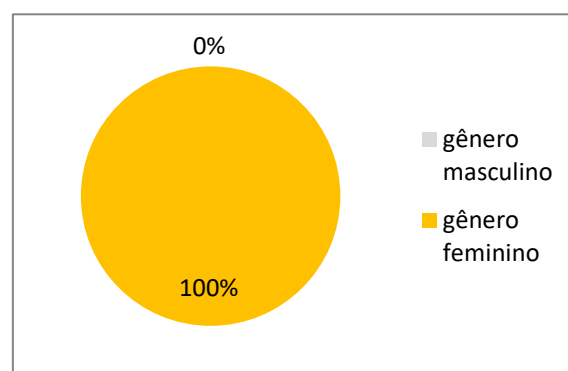
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 7: Idosos de bicicleta por gênero.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 8: Idosos cadeirantes por gênero.



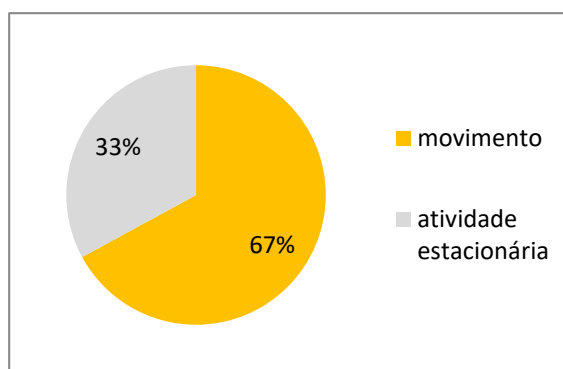
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A análise referente ao perfil das atividades que os idosos desempenhavam no momento da coleta de dados (Gráfico 9) indica que, dos 1.597 indivíduos observados, grande parte destes estava em movimento (1.071 indivíduos, 67%), como caminhando e pedalando no canteiro central da Avenida Duque de Caxias, e que aproximadamente a metade desempenhava atividade estacionária (526 indivíduos, 33%), como sentados em bancos na frente da Catedral de São Francisco de Paula ou jogando xadrez nas mesas da Praça Coronel Pedro Osório.

Ao analisar o comportamento dos indivíduos por gênero, não foi identificada uma diferença significativa entre ambas as amostras, onde: quanto ao gênero masculino (Gráfico 10), 65% das pessoas executavam atividades em movimento e 35% executavam atividades estacionárias; e quanto ao gênero feminino (Gráfico 11),

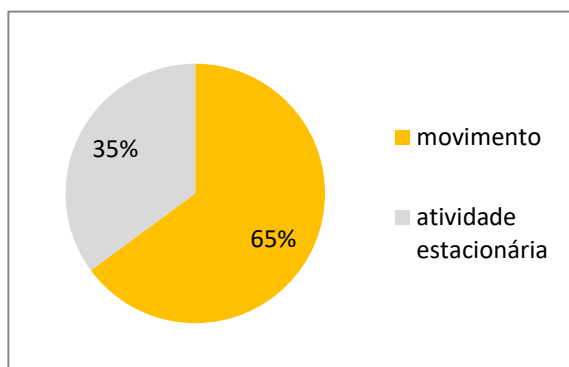
70% das pessoas executavam atividades em movimento e 30% executavam atividades estacionárias. Logo, para ambos os gêneros, o comportamento dos idosos aponta que o espaço urbano é prioritariamente utilizado na prática de atividades em movimento.

Gráfico 9: Perfil das atividades.



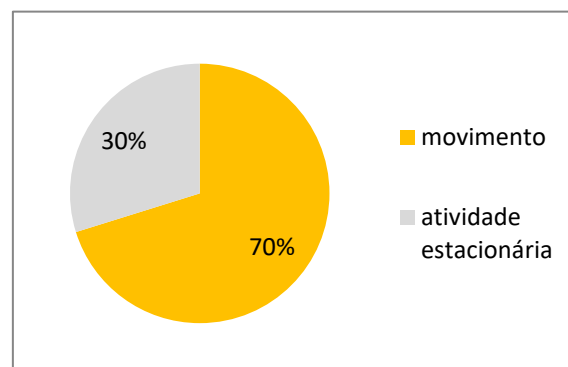
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 10: Perfil das atividades executadas pelos indivíduos do gênero masculino.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 11: Perfil das atividades executadas pelos indivíduos do gênero feminino.

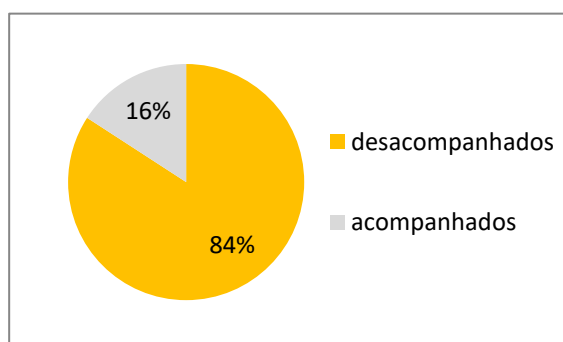


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Além da análise do perfil comportamental, identificaram-se os idosos que estavam acompanhados por pessoas de outras faixas etárias (Gráfico 12), ou seja, auxiliados por indivíduos que aparentavam possuir 59 anos de idade ou menos. O resultado apontou que a maior parte dos indivíduos não estava acompanhada no momento da observação (1344 idosos, 84%). Ao comparar os dados percentuais de cada gênero, o resultado acusa que o dobro das pessoas do gênero feminino estava

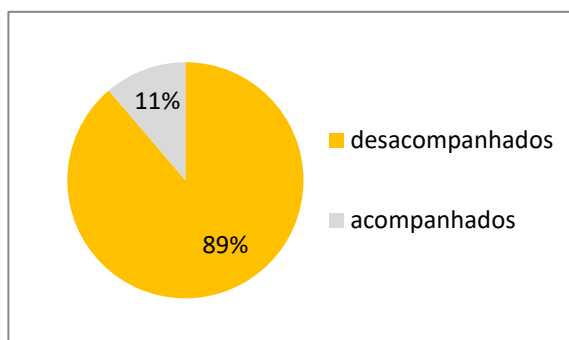
acompanhado, com: 22% das pessoas do gênero feminino (Gráfico 14) e 11% do gênero masculino (Gráfico 13). Conclui-se que há um número muito expressivo de indivíduos que ocupam o cenário urbano sem o auxílio de terceiros, como familiares e acompanhantes. Os dados também indicam que, dentre idosos que utilizam o ambiente urbano, os do gênero masculino deslocam-se menos na companhia de outrem do que os do feminino.

Gráfico 12: Indivíduos acompanhados ou não.



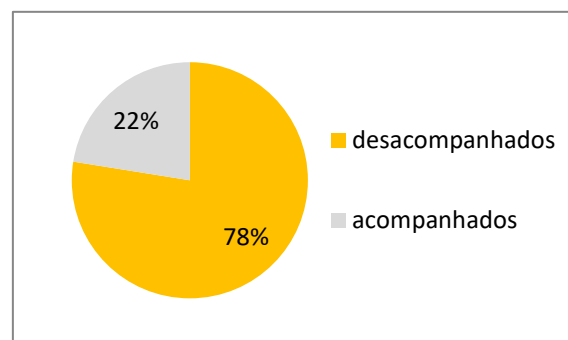
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 13: Indivíduos do gênero masculino acompanhados ou não.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 14: Indivíduos do gênero feminino acompanhados ou não.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Porém, se a porcentagem de pós-sexagenários acompanhados e/ou cadeirantes do gênero feminino é superior ao do masculino no espaço urbano, há que registrar o seguinte questionamento: este é um indício de que as mulheres são mais dependentes de terceiros na utilização das áreas públicas ou os pós-sexagenários do gênero masculino, ao perceberem-se carentes do auxílio de outras pessoas é que deixam desfrutar destes locais?

Os mapas (Figura 84, Figura 85, Figura 86 e Figura 87) sobrepõem os registros realizados nos 04 dias de levantamento no Centro. Estes mapas referem-se aos seguintes trechos: Rua Gonçalves Chaves e o Teatro Guarany; Praça Cel. Pedro Osório; Rua Andrade Neves e o Mercado Público; e Rua Félix da Cunha e a Catedral São Francisco de Paula.

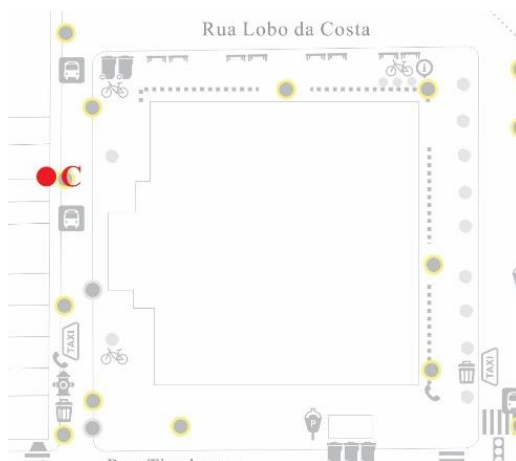
As conclusões referentes à análise comparativa dos mapas comportamentais elaborados nos diferentes recortes, quanto ao 1º deles, localizado no bairro Centro, resultaram nas observações apresentadas abaixo.

Assim como na amostra total, grande parte dos idosos registrados no 1º recorte foi do gênero masculino, com 735 representantes, em oposição ao público feminino, com 518 representantes. Logo, o total de indivíduos observados foi de 1.253 e, assim, este recorte apresenta a maior apropriação do espaço público por parte da população idosa.

Porém, grande parte desta amostra foi identificada nos mapas C-02 (Praça Coronel Pedro Osório) e C-03 (entorno do Mercado Público), onde foram contabilizadas 1.148 pessoas. Este número alto explica-se pela ampla oferta de locais de lazer, consumo e bens de serviço. Outro motivo que potencializa a apropriação destas áreas é a disponibilidade de distribuidores de fluxo social: enquanto a área C-02 possui uma oferta alta de pontos de táxi, os pontos de ônibus na C-03 oferecem a opção de uso do transporte coletivo. Ressalta-se que, próximas geograficamente uma da outra, os usuários de ambas as áreas têm amplo acesso aos serviços oferecidos pelo conjunto. Estas informações podem ser observadas, qualitativamente, nas Figura 84, Figura 85, Figura 86 e Figura 87.

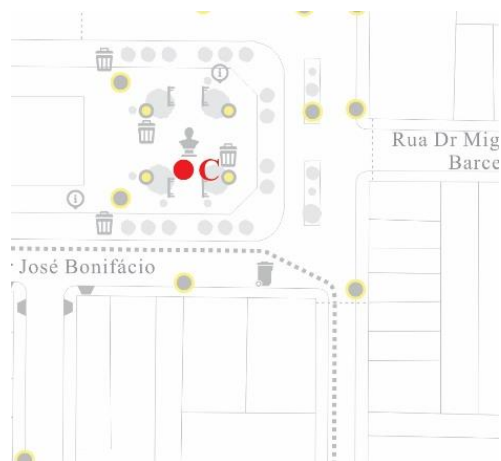
A superioridade do número de idosos que executavam atividades em movimento nos mapas C-03 e C-04, em relação aos que executavam atividades estacionárias, seguiu o padrão identificado na amostra final. Entretanto, na elaboração dos mapas C-01 e C-02 (Figura 88 e Figura 89), à tarde, foram apontadas as únicas situações onde o número de pessoas em atividade estacionária foi superior ao de pessoas em movimento. Nestes, registraram-se: em C-01, 04 pessoas em movimento e 05 em atividade estacionária; e em C-02, 96 pessoas em movimento e 142 em

Figura 92: C-03, cadeirantes.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 93: C-04, cadeirantes.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Quanto à utilização de bicicleta, foi identificado o menor uso deste meio de transporte. Entretanto, dos 02 indivíduos do sexo feminino avistados de bicicleta, 01 deles foi registrado neste recorte, no mapa C-01, no dia 03 de março de 2017, à tarde, próximo à Rua Tiradentes (Figura 90).

Quanto aos cadeirantes, todos os idosos nesta condição foram vistos neste recorte, nos mapas C-02, C-03 e C-04 (Figura 91, Figura 92 e Figura 93). Ainda que, na elaboração do levantamento físico, os mapas C-03 e C-04 tenham sido classificados com insuficientes em relação à quantidade de rampas de acessibilidade, o fato destas 03 áreas possuírem este equipamento facilita o deslocamento dos portadores de necessidades especiais. Além disto, dos 04 cadeirantes identificados, 02 foram observados no mapa C-02, Praça Coronel Pedro Osório, sendo ela a única área de estudo avaliada de forma positiva em relação à quantidade de equipamentos de acessibilidade.

4.3.4 2º Recorte

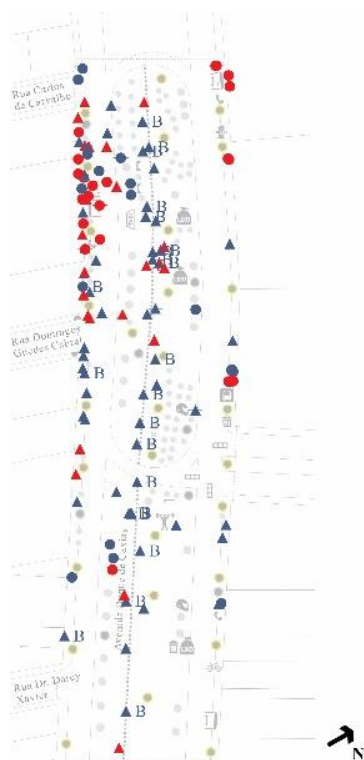
Os mapas de sobreposição (Figura 94, Figura 95, Figura 96 e Figura 97) das informações coletadas no Fragata referem-se aos seguintes trechos: Avenida Duque de Caxias, a Fábrica da Coca-Cola e a Faculdade de Medicina, UFPel; Avenida Duque

de Caxias e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul); Rua Clóvis Beviláqua; e Avenida Brasil.

Nas 04 áreas levantadas no 2º recorte foram observados 160 pós-sexagenários do gênero masculino e somente 101 do gênero feminino, o que repete o padrão identificado na amostra final. Assim, foram registradas 261 pessoas, totalizando uma apropriação de intensidade intermediária quando comparada com as identificadas nos demais recortes.

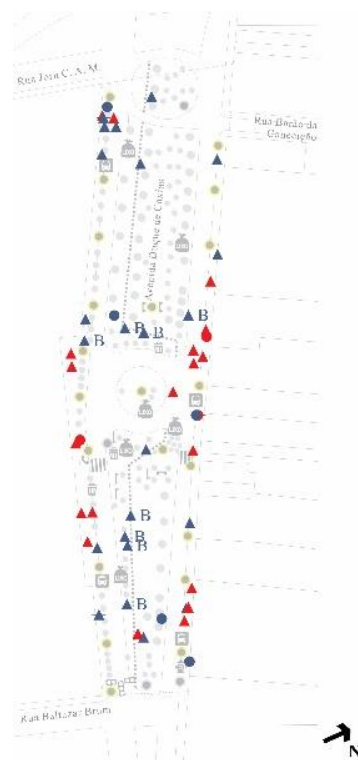
Quanto ao perfil comportamental, a sobreposição de todos os levantamentos demonstra que, nos mapas F-01 (Figura 94), F-02 (Figura 95), F-03 (Figura 96) e F-04 (Figura 97), o número de idosos em movimento (176 pessoas, 67%) foi superior ao de idosos em atividade estacionária (85 pessoas, 33%). Logo, o padrão percebido na amostra final é o mesmo desta análise parcial.

Figura 94: F-01, sobreposição de todos os levantamentos.



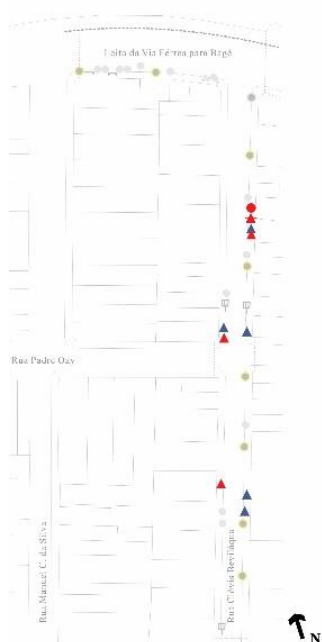
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 95: F-02, sobreposição de todos os levantamentos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 96: F-03, sobreposição de todos os levantamentos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 97: F-04, sobreposição de todos os levantamentos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Dentre as áreas analisadas no Fragata, a F-01, na Avenida Duque de Caxias, foi a que concentrou o maior número de idosos, com um total de 121 registros, 46% da população identificada no recorte. Nesta área foi contabilizada a maior concentração de indivíduos de bicicleta entre todas analisadas nos 03 recortes, tendo 24 inserções, 23 do gênero masculino e 01 do gênero feminino (Figura 98). Compreende-se que o grande número de idosos que se apropriam deste cenário decorre da grande oferta de: (i) locais de consumo e bens de serviço (ii) distribuidores de fluxo social e (iii) equipamentos de infra-estrutura e apoio. Somado a isto, o canteiro central oferece elementos naturais e facilita o deslocamento de pedestres e ciclistas. Por fim, percebe-se que muitos idosos residem nos condomínios habitacionais ali construídos e, conseqüentemente, recorrem a esta área para a execução de suas atividades.

Entretanto, os dados levantados nas áreas F-02, F-03 e F-04 expõem uma grande diferença daqueles apontados na área F-01. Nestas, o número de idosos que utilizavam o espaço urbano nos momentos de coleta de dados foi inferior, registrando

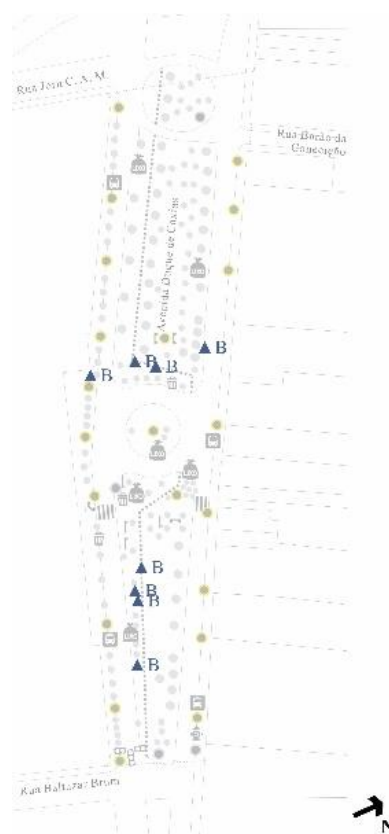
50, 10 e 80 pessoas. Além disto, foram vistos somente 08 ciclistas, todos concentrados na área de abrangência de F-02 (Figura 99) que, assim como F-01, tem como plano de fundo a Avenida Duque de Caxias. Porém, a maior diferença entre as áreas F-01 e F-02 é a distância destas a unidades habitacionais que, no segundo caso, se faz comprometedora maior. Em F-03 e F-04, a diferença principal em relação à área F-01 é a oferta de distribuidores de fluxo social e de locais de consumo e bens de serviço. Logo, percebe-se que a apropriação do ambiente externo varia conforme uma combinação de fatores, não existindo um elemento primordial e/ou suficiente que garanta o comportamento desejado.

Figura 98: F-01, uso de bicicleta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 99: F-02, uso de bicicleta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Ao analisar os dados comportamentais das 04 áreas observadas, destaca-se que não foi identificado nenhum pós-sexagenário cadeirante. Assim como, na análise do levantamento físico, não foi identificado nenhum equipamento de acessibilidade. É possível afirmar que a apropriação do espaço urbano por parte dos idosos

cadeirantes, acompanhados ou não por terceiros, depende da disponibilidade de equipamentos que permitam o seu deslocamento seguro e confortável.

4.3.5 3º Recorte

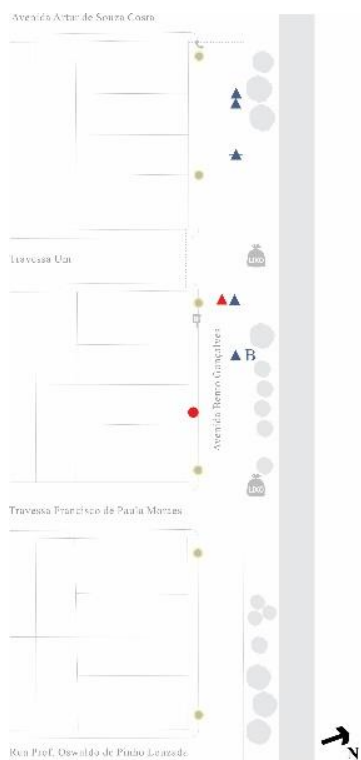
Os mapas de sobreposição (Figura 100, Figura 101, Figura 102 e Figura 103) das informações obtidas no São Gonçalo referem-se à: Av. Bento Gonçalves; Rua Lázaro Zamenhoff; Rua Prof. Ney Gusmão, a Unidade Básica de Saúde (UBS Navegantes) e a Unidade Básica de Atendimento Imediato (UBAI Navegantes); e Av. Cidade de Rio Grande.

Nas áreas observadas no 3º recorte, localizado no bairro São Gonçalo, foram identificados 48 indivíduos do gênero masculino e 35 do gênero feminino, o que, outra vez, reproduz o padrão identificado na amostra total. Assim, ao registrar somente 83 pessoas, caracteriza-se uma apropriação de intensidade baixa quando comparada a dos 1º e 2º recortes.

A sobreposição dos dados obtidos demonstra que, nos mapas N-01 (Figura 100), N-02 (Figura 101), N-03 (Figura 102) e N-04 (Figura 103), o número de idosos em movimento (65 pessoas, 79%) foi maior que o de idosos em atividade estacionária (18 pessoas, 21%). Ainda que o padrão percebido nestas 04 áreas seja semelhante ao da amostra final, o percentual de idosos em atividade estacionária foi o menor identificado dentre os 03 recortes. Justifica-se este comportamento através da qualidade do espaço urbano, visto que este oferece poucos elementos e atrativos para que os idosos executem atividades estacionárias, como a contemplação de elementos naturais e o entretenimento coletivo em mesas de jogos.

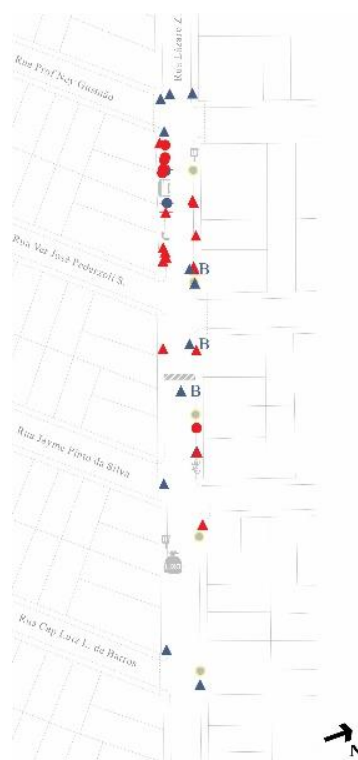
A maior concentração de idosos foi identificada nas áreas N-02 e N-03 que, com 73 idosos, apresentaram 88% da amostra deste recorte. EM N-01 e N-04, observaram-se somente 10 pessoas, 12% deste total. Destaca-se que o atributo que diferencia N-02 e N-03 das demais é a oferta de locais de consumo e bens de serviço. Enquanto esta é baixa em N-01 e N-04, enfatiza-se que estes locais, abundantes em elementos naturais, são utilizados para o descarte impróprio de resíduos.

Figura 100: N-01, sobreposição de todos os levantamentos.



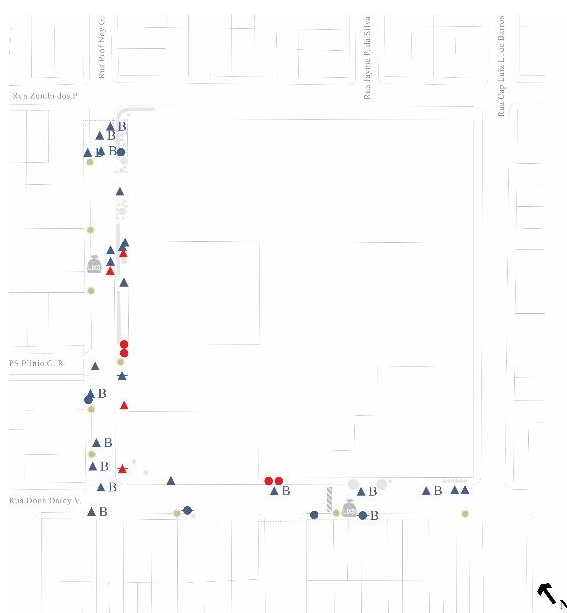
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 101: N-02, sobreposição de todos os levantamentos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 102: N-03, sobreposição de todos os levantamentos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 103: N-04, sobreposição de todos os levantamentos.

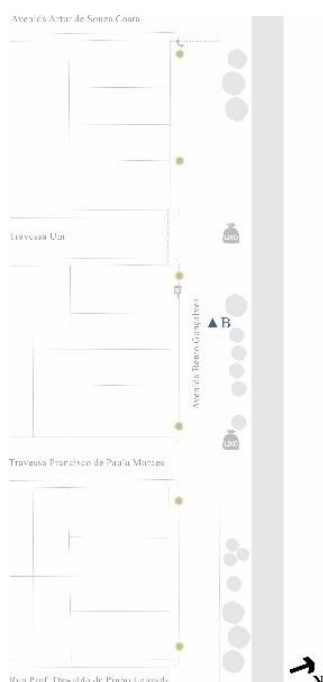


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Assim como no 2º recorte, não foi registrado nenhum cadeirante nas 04 áreas observadas no São Gonçalo (Figura 104, Figura 105, Figura 106 e Figura 107); também, no levantamento físico, a presença de equipamentos de acessibilidade foi avaliada como inexistente em todas elas. Portanto, reafirma-se que a apropriação dos idosos cadeirantes para com o ambiente urbano depende da oferta de equipamentos de acessibilidade que possibilitem o seu deslocamento seguro e confortável.

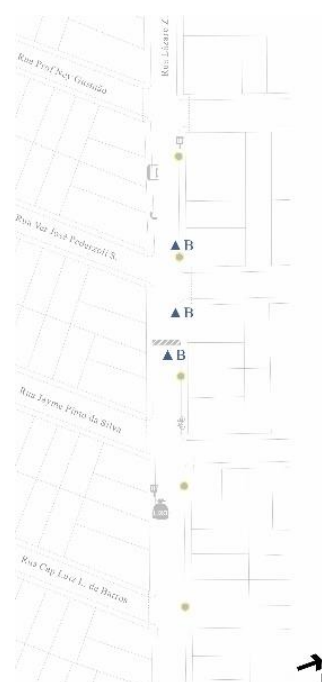
Por fim, o registro de idosos que utilizavam a bicicleta nos momentos de coleta de dados aponta que: em N-04 (Figura 107) não foi realizado nenhum registro, o que confirma a baixa atratividade e qualidade urbana deste trecho da Avenida Cidade de Rio Grande; em N-01 (Figura 104) e N-02 (Figura 105) foram observados 04 ciclistas, sugerindo que estas áreas são utilizadas, eventualmente por alguns idosos de bicicleta; entretanto, em N-03 (Figura 106) foi percebido um fluxo superior de ciclistas, onde 13 pessoas pedalarão nos momentos de observação, apontando a atração que a área melhor avaliada quanto a qualidade urbana exerce sobre os ciclistas.

Figura 104: N-01, cadeirantes e ciclistas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 105: N-02, cadeirantes e ciclistas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

Este capítulo foi reservado para expor a síntese dos resultados obtidos através da aplicação metodológica e, assim, apresentar as conclusões gerais e as considerações finais. Encerra-se esta dissertação ao enfatizar a relevância da pesquisa para a comunidade acadêmica e sugerir possíveis desdobramentos do tema para a elaboração de futuros trabalhos.

5.1 Conclusões e desdobramentos futuros da pesquisa

Esta pesquisa visou relacionar a percepção dos idosos à apropriação que estes têm para com o ambiente construído, nos recortes definidos no estudo de caso, permitindo que a Prefeitura Municipal de Pelotas e os órgãos de iniciativa privada que a apoiam apropriem-se do suporte teórico e das análises realizadas para fundamentar futuros projetos de intervenção urbana. Esta pesquisa também apresenta sua relevância à comunidade acadêmica porque agrega conhecimentos que colaboram para que as áreas da Psicologia Ambiental, mais precisamente da Percepção e Legibilidade, e da Gerontologia Ambiental definam metas e parâmetros que auxiliem na caminhada rumo à conceituação das cidades amigas do idoso.

Ao centrar-se na problemática do envelhecimento populacional e do crescimento demográfico, este trabalho apontou a necessidade latente da criação de cidades mais democráticas, planejadas a partir da percepção dos cidadãos e do comportamento ambiental que exibem, com a finalidade de proporcionar cidades capazes de acolher amigavelmente a crescente parcela de idosos urbanos.

Logo, ao considerar o problema de pesquisa e ao buscar as respostas acerca dos questionamentos suscitados, esta investigação fundamentou-se na área de estudos das relações ambiente-comportamento e apontou, como objetivo geral, uma reflexão quanto às particularidades apresentadas pelos idosos em sua relação de

percepção e apropriação do ambiente construído com o intuito de colaborar para a construção de cidades amiga do idoso.

Para atender ao objetivo proposto, a metodologia foi sistematizada essencialmente como uma Avaliação Pós-Ocupação (APO) realizada nos recortes que compõem o estudo de caso, delimitados nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo, em Pelotas, Rio Grande do Sul, e a coleta de dados previu a elaboração de: (i) levantamento bibliográfico, (ii) levantamento documental e (iii) levantamento de campo. Para o cumprimento deste último, elaboraram-se o levantamento fotográfico, os mapas mentais em entrevista estruturada com os idosos, o levantamento físico dos aspectos urbanos e os mapas comportamentais.

A análise dos resultados obtidos através da aplicação metodológica viabilizou a apresentação das conclusões referentes à percepção do ambiente construído pelos idosos e à maneira com que dele usufruem. Assim, as conclusões acerca dos objetivos específicos e das hipóteses de pesquisa apontam que:

- a) Resultados relevantes para a análise dos aspectos urbanos percebidos pelos idosos entrevistados nos bairros pertencentes ao estudo de caso:** conclui-se que a amostra obtida nos diferentes recortes urbanos confirma o exposto por Lynch (1999), ao demonstrar que existe um consenso nas imagens expressadas por integrantes de uma mesma coletividade. Isto porque, ao agrupar as informações obtidas na elaboração de cada mapa mental, observou-se que existem semelhanças no modo de perceber tanto a cidade como o bairro onde moram. Portanto, da análise dos mapas coletivos, gerados para compreender a imagem mental dos moradores dos 03 recortes, concluiu-se que os respondentes do Centro efetuam deslocamentos curtos, rápidos, de carro ou a pé e, na maioria das vezes, dentro dos limites do próprio bairro, o que acarreta na fraca legibilidade que possuem da cidade. Porém, estimulados boa qualidade física local, estes avaliam a cidade de forma positiva, como bonita e boa para viver. Os entrevistados no Fragata afirmaram ir a locais fora dos domínios

do bairro com uma frequência superior que os moradores do Centro e incluíram a utilização de transporte coletivo. Assim, o tempo utilizado e o comprimento dos trajetos se tornaram superiores, ao passo que enriqueceram a legibilidade que estes criam da cidade, apresentando-a de forma moderada quando comparada às identificadas nos demais bairros. Assim como ocorreu na amostra obtida no Centro, influenciados pela boa qualidade física local, Pelotas foi avaliada de forma positiva pelos voluntários do Fragata. Por fim, no São Gonçalo, os respondentes costumam frequentar locais fora do bairro e, para isso, utilizam ônibus e executam trajetos longos e demorados. Influenciados pela dinâmica de seus deslocamentos, estes idosos apresentaram uma legibilidade forte de Pelotas. Porém, motivados pela baixa qualidade física local, avaliaram-no de forma negativa, como uma cidade úmida e carente de investimentos.

Em síntese, enquanto os idosos residentes de regiões centrais percebem a cidade de uma forma mais positiva, são os idosos da periferia que conseguem reter uma imagem mental com um número maior de informações. Isto confirma os seguintes pressupostos: a percepção ambiental positiva é determinada pela qualidade espacial (GEHL, 2013; LYNCH, 1999) e quanto maior o percurso e o tempo de deslocamento entre o local de moradia e os lugares ditos atratores (emprego, saúde, lazer, etc.), maior será a quantidade de informações memorizadas (NETTO e KRAFTA, 1999). Portanto, confirma-se a veracidade da Hipótese 01 ao concluir que, para os idosos participantes, a presença de elementos que indicam a boa qualidade do ambiente potencializou a percepção positiva das variáveis de análise centradas no usuário, como conforto e adequação visual.

- b) Resultados relevantes para a sensação de insegurança demonstrada pelos idosos entrevistados nos bairros pertencentes ao estudo de caso:** segundo Ferreira (2002), as sucessivas transformações urbanas acarretam inúmeras mudanças sociais onde, por exemplo, a exponencial urbanização

das cidades alavanca o crescimento populacional que, por sua vez, aumenta a sensação de insegurança urbana. Os relatos coletados na elaboração dos mapas mentais no Centro e no Fragata estão alinhados com este raciocínio. Isto porque, nenhum idoso entrevistado nestes bairros avaliou Pelotas como um lugar seguro. A amostra elaborada no São Gonçalo apontou uma avaliação mais positiva, entretanto, ainda baixa. Observou-se que os moradores do São Gonçalo foram os que apontaram, em maior número, o bairro onde moram como inseguro. Disto, conclui-se que os idosos entrevistados no São Gonçalo compararam a sensação de insegurança que possuem acerca do bairro com a de Pelotas e, assim, demonstraram maior satisfação em relação à segurança municipal.

Por fim, os resultados identificados convergem para a observação exposta por Barros (1999) quando este compartilha a ideia de que as transformações urbanas podem despertar simultaneamente nos idosos as sensações de estranhamento (baixa legibilidade) e insegurança e, com isso, os cidadãos passam a questionar quem são na cidade e que lugar é este que não reconhecem. Isto porque, quanto ao fato destas duas sensações serem paralelamente influenciadas pelas modificações urbanas, observou-se que: enquanto os idosos do Centro e do Fragata sentem-se menos seguros em Pelotas, estes retêm dela uma legibilidade menor; por sua vez, enquanto os idosos entrevistados no São Gonçalo sentem-se um pouco mais seguros na cidade, estes retêm dele uma legibilidade maior.

- c) **Resultados relevantes ao modo de perceber o mundo através do *self*, demonstrado pelos idosos entrevistados nos bairros pertencentes ao estudo de caso:** a casa onde mora foi identificada como a inserção mais frequente dentre as primeiras cinco que cada idoso referenciou na elaboração dos mapas mentais. Assim como, ao contabilizar as informações por bairro, as inserções mais frequentes que a sucederam apontaram para elementos pertencentes à região de moradia dos entrevistados.

Logo, conclui-se que os indivíduos tendem a perceber o mundo através do *self*. Tuan (2012), ao abordar este tema, explicou que os diferentes modos de vida estimulam os indivíduos, desde as primeiras formas de civilização, a perceberem-se como a figura central do ambiente que habitam. Com isso, é natural que o idoso interiorize e estruture a imagem mental do ambiente através de uma distribuição de elementos que convergem a sua própria figura e, assim, atribua um valor maior aos elementos que lhes são mais próximos e um valor menor aos que se dispõem mais distante.

- d) Resultados relevantes aos locais de destaque percebidos pelos idosos entrevistados nos bairros pertencentes ao estudo de caso:** Lynch (1999) constatou que alguns elementos se preservam no imaginário coletivo com maior frequência, como paisagens que contém elementos naturais e estruturas que sobreviveram às reformas locais. Relaciona-se este referencial às respostas obtidas, identificando que os lugares elencados como de destaque são, justamente, os que apresentam estes atributos. São eles: a Praça Coronel Pedro Osório, repleta de árvores e com um chafariz central; a Praia do Laranjal, que possui uma orla de contemplação à Laguna dos Patos e árvores em seu entorno imediato; e a Catedral de São Francisco de Paula, um prédio histórico, localizado em uma região densamente edificada e com árvores nos seus canteiros.

Somado a isto, Gehl (2013) acredita que, para ser positivamente percebida, a imagem da cidade deve ancorar-se em lugares que tenham, além de uma boa adequação visual, os demais atributos considerados na elaboração dos indicadores da qualidade física dos aspectos urbanos deste estudo. Os idosos entrevistados exemplificam esta afirmativa porque, ao mencionarem a Praça e a Catedral, atribuíram destaque a 02 dos 03 lugares mais bem avaliados quanto aos indicadores centrados no ambiente. Portanto, conclui-se que os resultados quanto à percepção dos idosos confirmou a eficácia da elaboração de mapas mentais como um método de análise do ambiente. Isto porque, através dos mapas

mentais exprime-se uma visão coletiva condizente com a realidade, capaz de sintetizar e destacar os potenciais e as deficiências urbanas.

- e) **Resultados relevantes aos elementos do passado percebidos pelos idosos entrevistados nos bairros pertencentes ao estudo de caso:** há um grande consenso entre os pesquisadores da Percepção, no qual definem a imagem mental como a soma da memória das experiências vividas com aquelas identificadas no instante em que o indivíduo interage com o lugar (BARROS, 1999; BOSI, 2014; GRINOVER, 2006;). Neste sentido, Lynch (1999) observa que é natural que os indivíduos apresentem em seus mapas alguns elementos fantasmas, que permanecem vivos somente no imaginário daqueles que um dia os vivenciaram. Logo, ao confrontar os resultados obtidos através da elaboração dos mapas mentais com a revisão bibliográfica, conclui-se que, assim como este pressuposto assinalou, os idosos entrevistados incluíram em seus mapas alguns elementos que pertenceram aos seus cotidianos em décadas passadas.

Além disto, conclui-se que, assim como foi identificado por Ferreira (2002), os elementos fantasma incluídos sinalizam exemplares do patrimônio que remetem ao dia a dia das pessoas envolvidas no trabalho fabril. Isto porque, muitos dos elementos verificados referem-se a engenhos, frigoríficos e fábricas de enlatados e adubo.

- f) **Resultados relevantes à compreensão de como os idosos se apropriam do ambiente construído na execução de suas atividades diárias, nos bairros pertencentes ao estudo de caso:** a partir da análise dos mapas comportamentais, conclui-se que os idosos observados nas áreas do estudo de caso apropriam-se em maior número dos lugares que apresentam uma melhor qualidade física de seus aspectos urbanos. Logo, percebe-se que é a combinação de diferentes indicadores que torna um lugar mais atrativo. Por exemplo: apesar da grande oferta de elementos naturais identificados na paisagem do São Gonçalo, os idosos não

se apropriam destas áreas porque, quando avaliadas quanto ao conjunto de indicadores, revelou-se a baixa qualidade física do local. Assim como, a grande apropriação que os idosos demonstraram em relação à Praça Coronel Pedro Osório não deriva somente da presença de elementos naturais. Somados a este, foram identificados outros indicadores, como locais de lazer, consumo e bens de serviço, equipamentos de trânsito e limpeza urbana. Portanto, o comportamento dos idosos condiz com o exposto por González e Topete (2016) e pela OMS (2008). Estes descrevem que as cidades precisam proporcionar estruturas e serviços a favor do bem-estar e da acessibilidade porque, planejadas sob estes princípios, tornam-se mais atrativas, incentivando a vida cotidiana e a recreação dos mais velhos.

Para Gehl (2013), a qualidade urbana pode ser diretamente relacionada à presença de indivíduos que se apropriam dos lugares para a execução de atividades estacionárias e justifica que, para serem realizadas, estas dependem da oferta e da qualidade de equipamentos urbanos. Logo, ao comparar a porcentagem de idosos que realizavam atividades estacionárias em cada uma das áreas de estudo, conclui-se que o padrão apresentado pelos idosos condiz com o informado pelo autor porque a maior concentração de idosos em atividade estacionária foi registrada na Praça Coronel Pedro Osório, sendo uma das 02 áreas avaliadas como de melhor qualidade física do estudo.

Além disto, conclui-se que: (i) enquanto os idosos, em geral, apropriam-se de ambientes que apresentam uma combinação maior de indicadores centrados no ambiente, para os cadeirantes, a presença de equipamentos para acessibilidade mostrou-se fundamental, o que destaca a necessidade de ampliar a acessibilidade, até então pontual, para o nível da escala municipal; (ii) além disto, a apropriação do espaço urbano é praticada, na sua maioria, por indivíduos de gênero masculino, o que indica a necessidade de desenvolver e aplicar estratégias municipais que ampliem a atratividade destes lugares ao público feminino; (iii) e,

por fim, percebe-se que os pós-sexagenários do gênero masculino apropriam-se menos dos espaços urbanos na companhia de terceiros. Esta última observação aponta uma lacuna do conhecimento dentro da pesquisa e dela suscitam as seguintes perguntas: as pessoas do gênero feminino seriam mais dependentes de outras para apropriarem-se das áreas públicas; as pessoas do gênero feminino são mais gregárias em sua forma de usufruir e frequentar os espaços públicos; e/ou, por fim, os indivíduos do gênero masculino, ao perceberem-se carentes do auxílio de outras pessoas, é que deixariam desfrutar destas áreas?

- g) Resultados relevantes à relação entre o modo como os idosos percebem o ambiente construído no qual estão inseridos e a maneira como dele se apropriam:** segundo Amor (2011), a qualidade do espaço afeta tanto o modo como o idoso percebe o espaço como a maneira com que dele se apropria. Nesta lógica: o Centro, local de maior renda mensal por domicílio, com a melhor qualidade física, foi percebido de forma mais positiva pelos moradores do bairro e apresentou a apropriação mais intensa; o Fragata, onde há uma renda mensal média por domicílio, uma qualidade física mediana as demais, foi percebido de forma positiva pelos seus moradores e apresentou uma apropriação intermediária a dos demais bairros; e o São Gonçalo, local de menor renda mensal, com uma qualidade física baixa, foi percebido de forma negativa por seus moradores e apresentou a menor apropriação do estudo de caso.

A partir desta síntese, conclui-se que a percepção que os idosos retêm do ambiente influencia na tomada de decisão que leva à apropriação ou não destes lugares. Como um movimento cíclico, os lugares que apresentaram uma (i) melhor qualidade física de seus aspectos urbanos, (ii) foram percebidos de forma mais positiva pelos pós-sexagenários que moram na região e, assim, (iii) identificou-se que os idosos se apropriam destes lugares de uma forma mais intensa. O ciclo se completa ao concluir que os lugares onde há uma participação social mais intensa são aqueles que,

através de manutenções e melhorias mais frequentes, (iv) têm preservadas e potencializadas as qualidades físicas de seus aspectos urbanos. Pode-se citar, por exemplo, as melhorias elaboradas no entorno do Mercado Público, local de grande apropriação por parte dos idosos, contemplado por bancos e luminárias novas e, em contrapartida, contrastar com a situação precária identificada na Avenida Bento Gonçalves e na Avenida Cidade de Rio Grande, locais apropriados por uma parcela ínfima de idosos.

Logo, as conclusões acima sugerem como verdadeira a Hipótese 02. Esta, em continuação à Hipótese 01, supôs que a percepção positiva das variáveis voltadas ao usuário estimularia o idoso a apropriar-se do ambiente construído, assim como a percepção negativa das mesmas variáveis inibiria esta apropriação.

Logo, através do cumprimento dos objetivos específicos propostos, conclui-se que este estudo de caso fornece informações pertinentes ao planejamento de medidas urbanas que considerem o ponto de vista e o comportamento dos idosos e, assim, que objetivem apresentar ambientes acolhedores à crescente parcela de indivíduos pós-sexagenários em Pelotas.

É assim que, através dos resultados e conclusões expostas, espera-se que a Prefeitura Municipal de Pelotas e os órgãos privados apoiadores reconheçam a necessidade do desenvolvimento de projetos que qualifiquem o ambiente com o intuito de melhorar a percepção que os idosos do São Gonçalo retêm do cenário municipal. Assim como, assumam o compromisso com o desenvolvimento de medidas que potencializem a imagem da cidade – legibilidade – para os moradores do Centro e Fragata. Além disto, quer-se tornar explícita a necessidade da requalificação dos espaços através de: projetos que incentivem os moradores do Centro a usufruírem de outras regiões da cidade; intervenções capazes de desfazer a sensação de insegurança presente no cotidiano dos idosos, principalmente na região do São Gonçalo; equipamentos que possibilitem a apropriação dos ambientes através da execução de atividades estacionárias, principalmente no Fragata e no São Gonçalo; elementos para acessibilidade que aumentem a oferta de locais onde os cadeirantes

sintam-se seguros e confortáveis, nos bairros Centro, Fragata e São Gonçalo; e estratégias que ampliem a atratividade destes lugares ao público feminino, também nas 03 regiões estudadas.

Entende-se que, ao suprir as carências descritas e ao preservar os lugares com os quais os idosos se identificam e se apropriam, como a Praça Coronel Pedro Osório, a Catedral de São Francisco de Paula e a Praia do Laranjal, Pelotas reforçará seu papel, de uma forma mais abrangente, como uma cidade amiga do idoso.

Quanto ao cumprimento do objetivo central, conclui-se que as reflexões acerca das particularidades apresentadas pelos idosos em sua relação de percepção e apropriação do ambiente coincidem com as descritas nos referenciais bibliográficos e apontam para a influência que a qualidade do espaço construído exerce sobre o modo como os idosos o percebem e a defluência desta percepção na maneira como deste local se apropriam (AMOR, 2011; GEHL, 2013; GONZÁLEZ E TOPETE, 2016; LYNCH, 1999; OMS, 2008).

Entretanto, esta pesquisa demonstrou que os idosos não podem, ao menos no âmbito do planejamento urbano, ser generalizados como um conjunto de pessoas que apresentam as mesmas características. Isto porque, concluiu-se que existem percepções coletivas e padrões de comportamento distintos entre moradores de diferentes regiões urbanas, classes sociais, gêneros e condições físicas. Assim, para cada cidade ou macrorregião, destaca-se a necessidade da elaboração de estudos participativos com idosos durante o processo de planejamento urbano. Salienta-se que, nestes estudos, é de suma importância a participação de idosos de perfis distintos. São alguns exemplos: mulheres e homens, idosos jovens e longevos, moradores de áreas carentes e nobres, de áreas periféricas e centrais, negros e brancos, assim como portadores de necessidades especiais e saudáveis. A pluralidade das contribuições é imprescindível para que a cidade seja amigável a cada idoso que dela desfruta.

Conclui-se que, mesmo tratando-se um estudo de caso, os resultados apresentados poderão subsidiar novos estudos acadêmicos das áreas da Gerontologia Ambiental e da Percepção e Legibilidade e, assim, possibilitarão o

surgimento de novas reflexões quanto às relações ambiente-comportamento. Neste sentido e em reconhecimento à grande troca de conhecimento que, em uma relação de trocas acadêmicas, foi exercida com a pesquisa “*Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities*”, os dados e as conclusões aqui alcançados são gratificadamente entregues para o aprofundamento das análises propostas no referido estudo internacional.

5.2 Importância da pesquisa e sugestões para futuras investigações

O desenvolvimento desta pesquisa assumiu para si o desafio de relacionar a percepção do idoso frente ao ambiente construído ao modo como deste se apropria. Logo, a análise prévia de cada um destes fenômenos, auxiliada pela elaboração do levantamento físico, foi realizada junto ao público alvo e, assim, a relação de percepção versus apropriação pode ser estabelecida sobre uma coleta de dados locais. A apresentação do estudo de caso assumiu uma importância com a cidade investigada, comprometendo-se em apresentar reflexões que, ao identificar os obstáculos e os potenciais urbanos percebidos e reais, possam auxiliar na elaboração de futuros projetos urbanos. Estes, com o intuito final de acolher amigavelmente os idosos no cenário pelotense.

Quanto à sua importância para a comunidade acadêmica, esta pesquisa apresenta reflexões que, quando forem do conhecimento de outros pesquisadores, poderão embasar e suscitar novos estudos e conclusões. Além disto, disponibiliza uma revisão bibliográfica que aborda temas da percepção da apropriação, exprime dados sobre a memória, o idoso e o uso de métodos participativos. Para estes temas, oferece uma síntese dos ensinamentos fundamentais, apresentados pelos precursores das áreas de pesquisa, e aqueles adquiridos através da linha do tempo.

Conclui-se que este estudo realiza uma contribuição à área das Tecnologias de Informação e Comunicação, ao participar do desenvolvimento do Aplicativo MMental, coordenado pelas Profa. Nirce Saffer Medvedovski e Profa. Adriane Borda Almeida da Silva e com o desenvolvimento de TI da empresa Ideoorum, participante da Incubadora Tecnológica da UFPEL. Foi para isto que, através do trabalho

multidisciplinar, do qual fez parte o autor desta pesquisa, realizaram-se testes, reuniões e simulações. O fruto desta dedicação é o compartilhamento do MMental com a comunidade acadêmica, disponibilizando-o de forma gratuita nas plataformas de *download* de aplicativos para dispositivos móveis. Registra-se que o resultado positivo do uso da ferramenta digital neste trabalho poderá ser aproveitado por demais pesquisadores que utilizam a metodologia da elaboração de mapas mentais.

Rompo o habitual ao término desta dissertação e, fazendo o uso da primeira pessoa, peço licença para encerrar a pesquisa expressando-me desta maneira. Compreendo que devo, em respeito ao comprometimento com que desenvolvi este estudo, assumir que, a comparação comportamental e perceptiva dos indivíduos dos gêneros masculino e feminino, suscitaram descobertas que não foram previstas, nem pela revisão bibliográfica, nem pelas hipóteses levantadas.

Assim, registro o desejo pela continuação de análise da pauta aqui aberta ao compartilhar a lacuna do conhecimento identificada na análise dos resultados deste estudo de caso. Anseio que, junto aos colegas da comunidade acadêmica, possamos desvendar o caminho das respostas pertinentes aos motivos pelos quais *eles* apropriam-se mais dos espaços urbanos e o porquê de *elas* recorrerem mais à companhia de terceiros.

Acredito que, em uma sociedade onde o debate sobre o papel da mulher encontra-se em evidência, precisamos compreender e estimular a participação social de cidadãs de todas as idades. Assim, avancemos juntos rumo à conceituação de cidades amigas do(a) idoso(a). Por fim, não nos esqueçamos: uma cidade amiga do(a) idoso(a) é uma cidade amiga de todos(as).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, D. e NETTO, V. M. **Urbanidades**. Rio de Janeiro. Folio Digital: Letra e imagem. 2012, p. 279

AGUIRRE, C. C. Mapas cognitivos. Qué son y cómo explorarlos. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. Barcelona, nº 33, fev. 1999. p. 1-16.

ALMEIDA, M. M. **Análise das interações entre o homem e o ambiente – Estudo de caso em agencia bancária**. Florianópolis: 1995. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) UFSC - Programa de Mestrado em Engenharia da Produção.

AMARO, L. E. S.; JOHANN, J. R.; MEIRA, P. R. S. O estilo de vida do idoso urbano: o caso de Porto Alegre – RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, v. 4, n. 1, jan./jun. 2007. p. 115-126.

AMOR, T. Percorrendo a (c)idade com idosos: a construção urbana da vulnerabilidade. **Revista Cidades**, Comunidades e Territórios, 2011.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Revista Geografia. Londrina**. v. 13, n. 1, jan./jun. 2004. p. 127-141. Disponível em: <http://www.geo.uel.br/revista> acessado em: dez. 2016.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BATISTONI, S. S. T.; NERI, A. L. Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. **Revista Psicologia em Pesquisa**. Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 01, n. 02, jul./dez. 2007. p. 03-10.

BARROS, M. M.. A cidade dos velhos. In: Gilberto Velho. (Org.). **Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorg Zahar, 1999, v.1, p. 43-57.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BENTLEY, I; Alcock, A., MURRAIN, P.; MCGLYNN, S.; SMITH, G. **Responsive environments. A manual for designers**. Oxford, Architectural Press, 2005.

BRASIL. **Lei nº 8.842**. Congresso Nacional, 04 jan. 1994. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1994/lei-8842-4-janeiro-1994-372578-norma-pl.html> acessado em: 19 jan. 2017.

_____. **Lei nº 10.741**. Congresso Nacional, 1º out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm acessado em: 19 jan. 2017.

BOSI, E. **Memoria da cidade: Lembranças paulistanas**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível na internet em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000100012&script=sci_arttext>. Acesso em 07 Mar. 2014.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. 488p

BROSE, M. **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. 02 ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010.

CACCIA, L. S. **Mobilidade urbana: políticas públicas e apropriação do espaço em cidades brasileiras**. 2015. 184 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CAMPOS, G. O.; SILVA, R. T.; FARIA, F. S. R. **Os mapas mentais no ensino fundamental: a percepção do espaço. Um estudo aplicado ao 6º e 9º ano da Escola Municipal Dr. Oswaldo Ferreira no Município de Santa Luzia, MG**; Revista e-hum. Belo Horizonte: Editora uniBH, vol. 4, n. 1, 2011. p. 19-41.

CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. In: **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, mai-jun, 2003. p. 725-733.

CASTELLO, L. Psychologie de l'environnement et politique de l'environnement: strategies pour la construction du futur. **Psicologia USP**. São Paulo, vol. 16, n. 1, 2005. p. 223-236.

_____. A cidade dos lugares conversáveis. **Revista Arqtexto**. Porto Alegre, n. 16, 2010. p. 164-191.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTI, Patrícia Biasi. **A humanização de unidades clínicas de hospital-dia: vivência e apropriação pelos usuários**. 2011. 421f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de arquitetura. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

COELHO, F. G. M.; GALDUROZ, R. F. S.; GOBBI, S.; STELLA, F. Atividade física sistematizada e desempenho cognitivo em idosos com demência de Alzheimer: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 31, n. 02, 2009. p. 163-170.

CORREA, M. R.; FRANÇA, S. M.. **Histórias “do arco da velha”**: memória e experiência narrativa com idosos. In: XIX Encontro de Psicologia e VI Encontro de Pós-Graduação, 2006, Assis. XIX Encontro de Psicologia e VI Encontro de Pós-Graduação: Percursos e Perspectivas. 2006.

COPYSPIDER. Disponível em: <http://copyspider.com.br/main/pt-br/download> acessado em: abr. 2017.

CUNHA, M. V. P. O.; SALGUEIRO, E. B. S.; MATIAS, E.; COSTA, A. D. L. **A relação entre o ambiente e o usuário idoso – o mapa comportamental como instrumento de avaliação**. XIV ENTAC – Encontro Nacional de tecnologia do ambiente construído. Juiz de Fora, out. 2012.

DARODA, R. F. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DE PAULA, L. T. **Mapa mental e experiência: um olhar sobre as possibilidades**. XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, jul. 2010.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990. ISBN: 85-7266-031-3

DEL RIO, V.; SIEMBIEDA, W. **Desenho urbano contemporâneo no Brasil**. Tradução de Denise de Alcântara. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Coleção a. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

DUPLAY, C. DUPLAY, M. **Méthode illustrée de création architecturale**. Paris: Moniteur, 1985. 448 p.

DUVAL, M. G. A. S. **Legibilidade de layout e apropriação de espaços abertos coletivos. Estudo de caso do conjunto habitacional Terras Altas**. 1997. 161 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

ESPEJO, E. J.; MARTINEZ, I. J.; ARANDA, L. J. M.; et al. Capacidad funcional en mayores de 60 anos y factores sociosanitarios asociados (proyecto ANCO). **Aten Primaria**, vol. 20, n. 1, 1997. p. 3-11.

FERRARI, A. A. **As ruas como espaços públicos da periferia: Imagem avaliativa e desempenho ambiental**. 2011. 197 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca>. Acesso em: 12 set. 2016.

FERREIRA, O. G. L.; MACIEL, S. C.; SILVA, A. O.; SANTOS, W. S.; MOREIRA, M. A. S. P. O envelhecimento ativo sob o olhar de idosos funcionalmente independentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, v. 44, n. 4, 2010. p. 1065-1069.

FERREIRA, M. L. M.. **“Quando o apito da fábrica de tecidos”: memória publica e memória coletiva - Fábrica Rheingantz, Rio Grande, 1950-70**. 2002. Tese. (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

_____. Patrimônio: as várias dimensões de um conceito. **História em Revista**, Pelotas, volume 10, p. 29-39, dez/2004.

FINI, M. I. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1997. p. 23-33.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Tradução de Raquel Abi-Sâmara.

FORONI, P. M.; SANTOS, P. L. Fatores de risco e proteção associados ao declínio cognitivo no envelhecimento: revisão sistemática de literatura. **Revista Bras Promoç Saúde**. Fortaleza, v. 25, n. 3, jul./set. 2012. p. 364-373.

FRIED, L. P.; FERRUCCI, L.; DARER, J.; WILLIAMSON, J. D.; ANDERSON, G. Untangling the Concepts of Disability, Frailty, and Comorbidity: Implications for Improved Targeting and Care. **Journal of Gerontology: Medical Sciences**, v. 59, n. 3, 2004. p. 255–263.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica da pesquisa educacional In: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 71-90.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. Tradução Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, J.; SVARRE, B. **How to study public life**. Tradução de Karen Ann Steenhard. Washinton: IslandPress, 2013.

GONZÁLEZ, D. S.; TOPETE, M. B. C. Espacios públicos atractivos en el envejecimiento activo y saludable. El caso del mercado de Terán, Aguascalientes (México). **Revista de Estudios Sociales**, Universidad de los Andes, Colômbia, n. 57, jul. 2016. p. 52-67.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 3, n. 2, 2006. p. 29-50.

GUATELLI, I. **Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, definições e implicações. In: **Textos de Psicologia Ambiental**, nº 23. Brasília: LPA, Instituto de Psicologia, UNB, 2004.

GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888**. Pelotas: Ed. Universitária da Universidade Federal de Pelotas, 2004. 549 p.

HERMAN, A. E. **Inteligência visual: aprenda a arte da percepção e transforme a sua vida**. Tradução George Schlesinger. Rio de Janeiro, Zahar, 2016 p.336.

HOLANDA, F. **O espaço da exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contagem Populacional, 2010**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul>. Acesso em: 10 jan. 2017.

IZQUIERDO, I; TERRA, N.L.; GOMES, I.; PORTUGUEZ, M. W.; MYSKIW, J. C.; FURINI, C. R.G.; FAGUNDES, V. C. e LOCKMANN, A. S.. **Envelhecimento, memória e doença de Alzheimer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. 2015. p. 10-24.

KASHIWAGI, H. M. **A contribuição dos mapas mentais na identificação do patrimônio cultural de um lugar: subsídios às ações pedagógicas de educação patrimonial.** Anais do V Colóquio Nacional do NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações. Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Cuiabá, 2013.

KASHIWAGI, H. M.; KOZEL, S. O processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano: o caso da favela do Parolin em Curitiba – PR. **Revista RA'E GA.** Curitiba: Editora UFPR, n. 9, 2005. p. 69-82.

KOGA, D. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEBRÃO, M. L. O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. **Saúde Coletiva.** vol. 20, n. 1, 2007. p. 135-40.

LEITE, M. T.; HILDEBRANDT, L. M.; KIRCHNER, R. M.; WINCK, M. T.; SILVA, L. A. A.; FRANCO, G. P. Estado cognitivo e condições de saúde de idosos que participam de grupos de convivência. **Revista Gaúcha Enferm.,** v. 33, n. 04, 2012. p. 64-71.

LEMOS, A. **Mídia Locativa e Territórios Informacionais.** 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/253452150_Midia_Locativa_e_Territorios_Informacionais_1 acessado em: 13 jan. 2017.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Arte e Comunicação, 1999.

MACEDO, D.; OLIVEIRA, C. V.; GÜINTHER, I. A.; ALVES, S. M.; NÓBREGA, T. S. O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos? **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Universidade de Brasília. Brasília, v. 24, n. 4, out./dez. 2008. p. 441-449.

MALARD, M. L. **Os objetos do cotidiano e a ambiência.** Estudo Virtual de Arquitetura. 1993. Disponível em: <http://www.arq.ufmg.br/eva/art014.pdf> Acesso em: jul de 2018 p.4.

MARQUEZ, R. M. **O mapa como relato.** Revista Ra'e Ga. Curitiba, v.30, abr. 2014. p.41-64.

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In:FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** 9.ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 61-67.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Organização e Tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, 203p. ISBN: 85-7041-249-5

MEDVEDOVSKI, N. S. **A vida sem condomínio: configuração e serviços públicos urbanos em conjuntos habitacionais de interesse social.** Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

MEDVEDOVSKI, N. S.; SILVA, A. B. A.; GUIMARÃES, E. S.; TOMAZ, L. K.; MUNSBURG, G. R.; ALBA, A.; KROLOW, D.; TEODORO, T. **Aplicativo para registro de mapas mentais a partir de interface digital**. Anais do VII Encontro de Tecnologia de Informação e Comunicação na Construção. Recife, nov. 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília – DF, 2007.

MOURA, R. M. G. R. **Protomodernismo em Pelotas**. Pelotas: Ed. Universitária da Universidade Federal de Pelotas, 2005. 201 p.

NAVARRO, J. H. N.; ANDRADE, F. P.; PAIVA, T. S.; SILVA, D. O.; GESSINGER, C. F.; BÓS, Â. J. G. Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. v. 20, n. 2, 2015. p. 461-470.

NETTO, V. M.; KRAFTA, R. C. Segregação dinâmica urbana: modelagem e mensuração. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. Recife, n. 01, maio/nov. 1999. p. 133-152.

OLIVEIRA, E. P. **Viagem na memória do Fragata: estudo sobre a história e cultura de um “bairro cidade”**. 2007. 79 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002**. Organização das Nações Unidas. Tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global: cidade amiga do idoso**. Genebra, 2008.

_____. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Genebra, 2015.

PALLASMAA, J. **A Imagem Corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade**. 02. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. v. 1. 207p .

PELOTAS. **Lei nº 2.418**. Prefeitura Municipal de Pelotas, 15 jun. 1978. Disponível em: <http://www2.pelotas.com.br/transparencia/informacoespublicas> acessado em: 15 fev. 2017.

_____. **Lei nº 4.963**. Prefeitura Municipal de Pelotas, 09 set. 2003. Disponível em: <http://www2.pelotas.com.br/transparencia/informacoespublicas> acessado em: 19 jan. 2017.

_____. **Lei nº 6.111**. Prefeitura Municipal de Pelotas, 30 abr. 2014a. Disponível em: <http://www2.pelotas.com.br/transparencia/informacoespublicas> acessado em: 19 jan. 2017.

_____. **Resolução nº 05.** Câmara Municipal de Pelotas, 07 out. 2014b. Disponível em: <http://www2.pelotas.com.br/transparencia/informacoespublicas> acessado em: 19 jan. 2017.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 7-23, 2007.

PINHEIRO, M. F.; NOGUEIRA, A. R. B.. Lugares e memória: O idoso e a imagem da cidade. In: vii Congresso Brasileiro de Geógrafos. 10 a 16 de agosto/2014, Vitória/ES **Anais** do vii CBG – ISBN: 978-85-98539-04-1

PEREIRA, C.; NEVES, R. Os idosos na aquisição de competências TIC. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, p. 5-26, mar. 2011. ISSN 2176-901X

PLACE AGE. Disponível em: <http://placeage.org/en/> acessado em: fev. 2017.

POPULATION PYRAMID. Disponível em: <http://populationpyramid.net> acessado em: 07 mar. 2017.

RASMUSSEN, S. E. **Arquitetura Vivenciada**. Tradução de Álvaro Cabral. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

REIS, A. T. L.; LAY, M. C. D. **As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído**. In: Encontro Nacional–I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, 1995, Gramado. Gramado: ANTAC, 1995.

REYES-ORTIZ, C. A.; OSTIR, G. V.; PELAEZ, M., OTTENBACHER, K. J. **Cross-national comparison of disability in Latin American and Caribbean persons aged 75 and older**. Arch Gerontol Geriatr, v. 42, n. 1, 2006. p. 21-33.

RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D.; QUEIROZ, M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Coleção PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, p. 117, 21 cm, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 44.655**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 22 set. 2006b. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Decreto nº 51.101**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 31 dez. 2013c. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Decreto nº 52.134**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 08 dez. 2014b. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 09.796**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 30 dez. 1992. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 11.497.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 04 jul. 2000a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 11.517.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 26 jul. 2000b. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 12.599.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 19 set. 2006a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 12.885.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 04 jan. 2008a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 13.017.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 24 jul. 2008b. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 13.105.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 22 dez. 2008c. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 13.262.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 20 out. 2009a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 13.300.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1º dez. 2009b. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 13.320.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 21 dez. 2009c. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 13.394.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 24 mar. 2010. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 14.039.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 06 jul. 2012. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 14.227.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 15 abr. 2013a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 14.254.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 28 jun. 2013b. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 14.560.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 04 jul. 2014a. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 14.684.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 22 jan. 2015. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

_____. **Lei nº 2.132.** Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 22 jul. 2004. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo> acessado em: 20 jan. 2017.

ORNSTEIN, S.; ROMÉRO, M. (coord./edit.). **Avaliação Pós-Ocupação: Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social.** Coleção Habitare. Porto Alegre: ANTAC, 2003. 294p.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: ed. Estação Liberdade, 1989.

SALARIO MINIMO 2018. Valor do reajuste do salário mínimo 2018. Disponível em: <http://salariominimovalor.com/salario-minimo-2018/> Acesso em: 20 de agosto de 2018

ROSA NETO, F.; MATSUDO, S. M. M.; LIPOSCKI, D. B.; VIEIRA, G. F. Estudo dos parâmetros motores de idosos residentes em instituições asilares da grande Florianópolis. **Revista brasileira Ciência e Movimento**, v.13, n. 04, 2005. p. 7-15.

RUBIRA, L. (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas.** Santa Maria: Pallotti, v. 1, 2012.

SANTANA, P. E. de A. Uma breve análise didática dos métodos científicos: Positivismo, Materialismo Histórico e Fenomenologia. **Revista CESUMAR**, v. 13, p. 25-35, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SATIRO, A. C. Velhices Sustentáveis. **Revista LABVERDE.** Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 8, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-2275.v0i8p109-139> acessado em: dez. 2016.

SOUZA, V. L.; BORGES, M. F.; VITÓRIA, C. M. S.; CHIAPPETTA, A. L. M. L. Perfil das habilidades cognitivas no envelhecimento normal. **Revista CEFAC.** São Paulo, v. 12, n. 02, mar./abr. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462009005000056> acessado em: nov. 2016.

SOUZA, W. E. R.; CRIPPA, G. **A cidade como lugar de memória:** mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - v.2 n.2 - jul/dez de 2009. Disponível na internet em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/72>. Acesso em 23 Mai. 2018.

TABELA INSS. Disponível em: <http://tabelainss.net/> acessado em: mar. 2017.

TAGUL. Disponível em: www.tagul.com acessado em: 08 mar.2017.

TARDIVO, J. A. e PRATSCHKE, A. Cidade como lugares de memórias; **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.8, n.15, Jul./Dez.2016.

TOMASINI, S. L. V. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, 2004.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

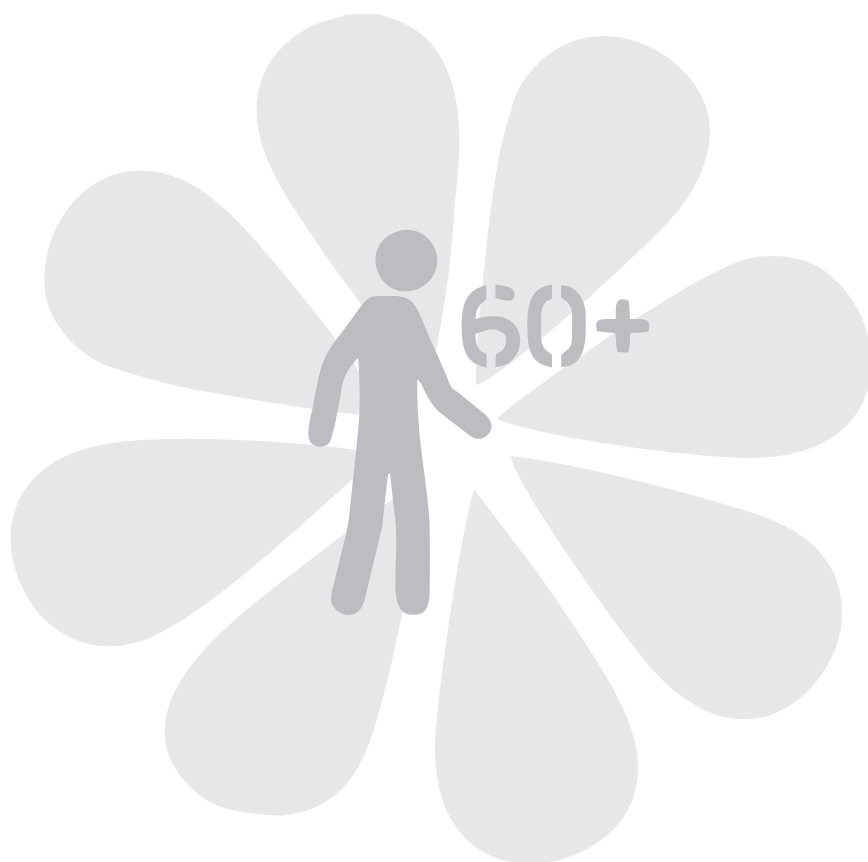
_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

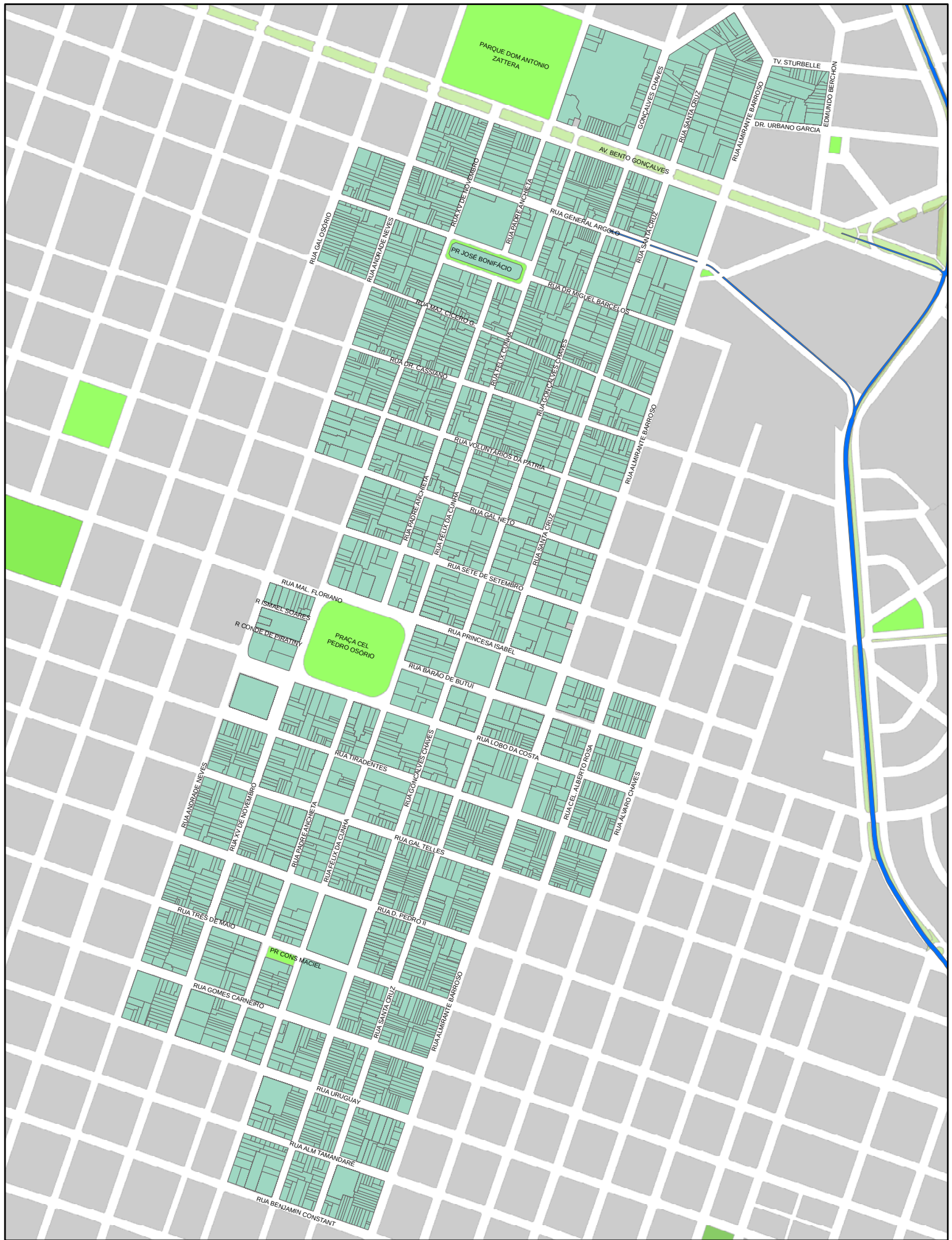
VAZ, M. J. M.; PEREIRA, É. M. Imagens urbanas: diretrizes de planejamento e desenho urbano baseadas na leitura popular de espaços públicos. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010. p. 29-42. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/urbe?dd99=issue&dd0=212> acessado em: jan. 2017.

YAGO, F. J. M. **La geografía de la percepción: una metodología válida aplicada al caso de una ciudad de tipo medio-pequeño. El ejemplo de Yecla (Murcia)**. Papeles de Geografía. 2012. p. 137-152.

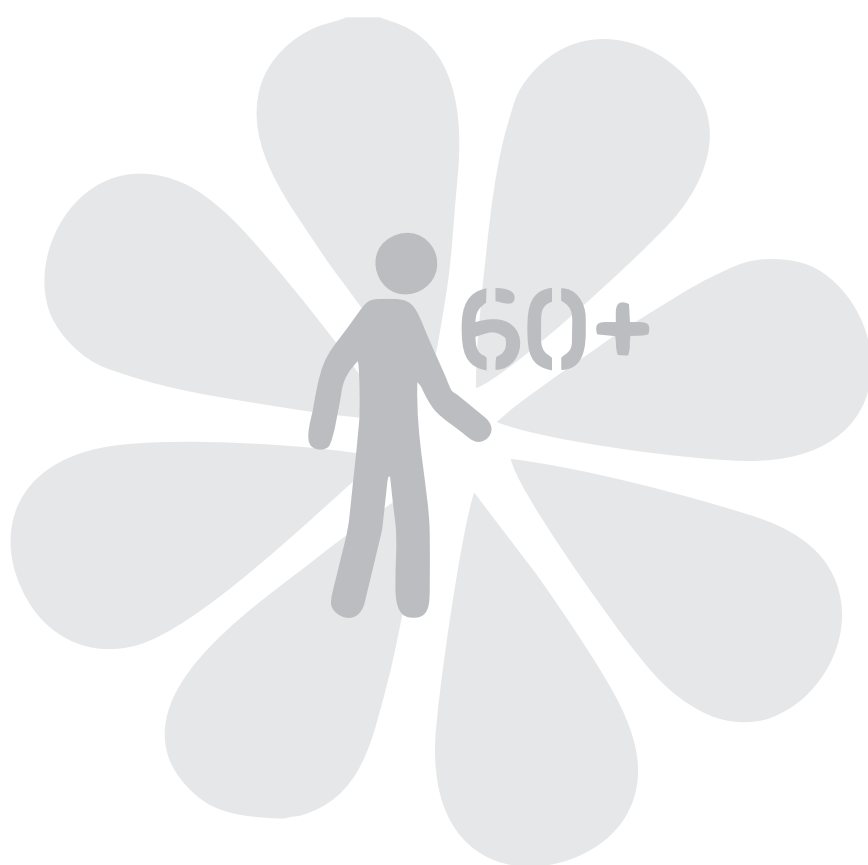
YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**/ Robert K. Yin. Trad. Daniel Grassi – 2. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

1º RECORTE





2° RECORTE





HEALTHY CITIES

CASE STUDY: PELOTAS/RS - BRAZIL

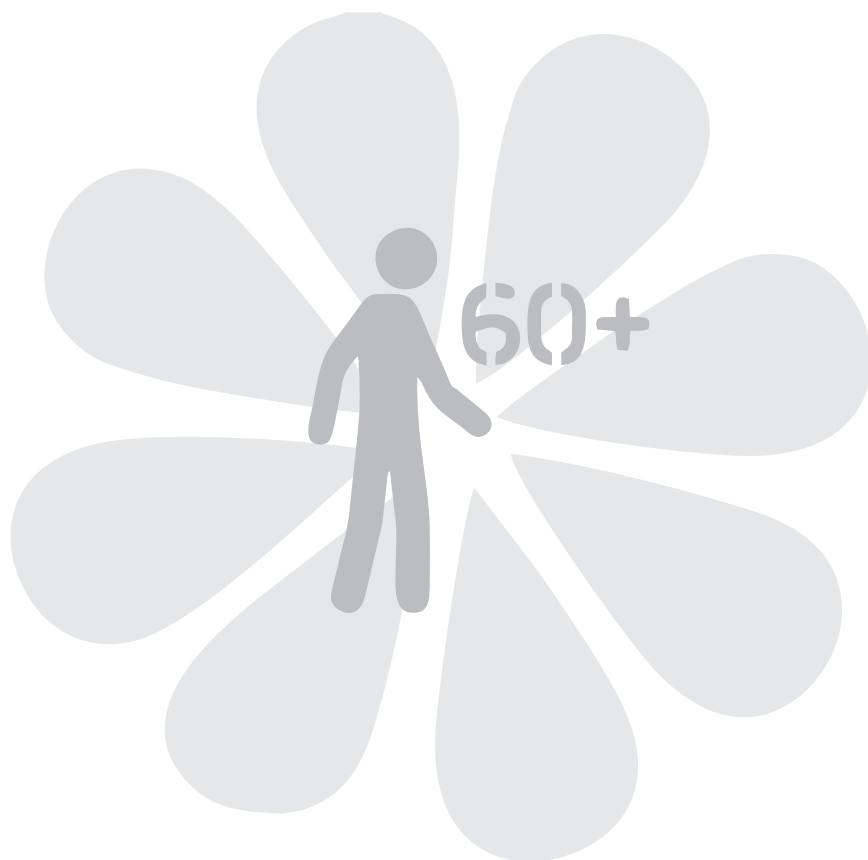
AREA 1: FRAGATA

MAPA GUIA

SCALE: S/E

DATE: OUT/2016

3° RECORTE





AREA 3: NAVEGANTES

HEALTHY CITIES

CASE STUDY: PELOTAS/RS - BRAZIL

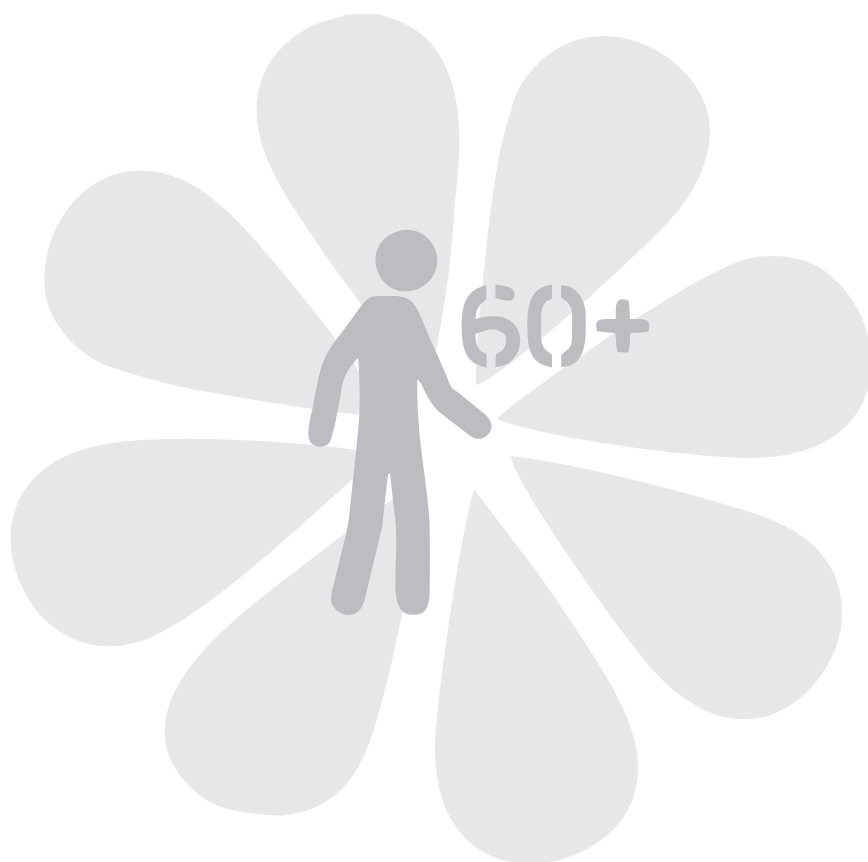
AREA 3: NAVEGANTES

MAPA GUIA

SCALE: S/E

DATE: OUT/2016

CONTRATO DE COMPRA E VENDA



CONTRATO PARTICULAR
DE PROMESSA DE COMPRA E VENDA

LOTE: 2.BL.58.0194.

O MUNICIPIO DE PELOTAS, RS, Pessoa Juridica de Direito Publico, com sede nesta cidade, na Praça Coronel Pedro Osorio, numero 101, inscrito no CGC-MF 87.455.531/0009-04, neste ato representado pelo Prefeito Municipal, Dr. Jose Anselmo Rodrigues, a seguir denominado abreviadamente PROMITENTE VENDEDOR, de um lado, e JOAO FERNANDES DA SILVA, RUA QUATRO-NAVEGANTES II 71 C.I. 7011521866, C.I.C. 406525300-44, Pelotas/Outro Loc. Zona Urbana, Casado, a seguir denominado abreviadamente PROMITENTE COMPRADOR(A), conforme os permissivos legais contidos nas leis numero 3.354, de 1 de janeiro de 1991 e 3.437, de 29 de novembro de 1991, ajustam a presente PROMESSA DE COMPRA E VENDA do imovel adiante descrito e caracterizado, mediante as condicoes e clausulas que seguem:

CLAUSULA PRIMEIRA: Um lote urbano situado no loteamento denominado LOTEAMENTO NAVEGANTES II, sob regularizacao, cuja area esta registrada no Cartorio do Registro de Imoveis da 1a Zona, Livro 2, fls 1, numero 17.193, a seguir descrito: UM TERRENO, com 120,50m2 de area, 7,88m de frente, distante 64,35m da esquina RUA DOZE, e confrontando-se com:
7,22m a Nordeste com 2BL580226;
8,26m a Nordeste com 2BL580235;
7,90m a Sudeste com 2BL580028;
15,24m a Sudoeste com 2BL580186

CLAUSULA SEGUNDA: O preco do lote e de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros), pagos neste ato pelo que o PROMITENTE VENDEDOR da quitacao.

CLAUSULA TERCEIRA: O(A) PROMITENTE COMPRADOR(A) declara que ja se encontra na posse do imovel e concorda que a partir desta data serao de sua responsabilidade todos os impostos e taxas sobre ele incidentes.

CLAUSULA QUARTA - DAS CONDICOES ESPECIAIS:

1. O lote descrito neste instrumento e o resultado da situacao de fato, area fisica e cadastral, na data de seu levantamento com a reconfiguracao determinada pelo PROMITENTE VENDEDOR.

2. Caso o(a) PROMITENTE COMPRADOR(A) tenha alterado aquela situacao de fato e dado nova reconfiguracao e medidas, se obriga a permitir ou proceder a recolocacao de divisas para que o lote resulte de conformidade com a respectiva descricao constante da CLAUSULA PRIMEIRA deste instrumento e a planta em anexo que faz parte integrante do mesmo.

CLAUSULA QUINTA: Apos a regularizacao dos lotes do LOTEAMENTO, vira a fase de REGULARIZACAO DAS CONSTRUCOES, em cima da renovacao urbana. Qualquer ACRESCIMO, OBRA NOVA ou REFORMA, executada apos a devida APROVACAO do LOTEAMENTO, devera obedecer ao PLANO DIRETOR DO MUNICIPIO.

CLAUSULA SEXTA: Tratando-se de loteamento em regularizacao, a Escritura Publica de Compra e Venda sera outorgada ao PROMITENTE COMPRADOR(A), logo que esta operacao esteja concluida, e por solicitacao do adquirente.

CLAUSULA SETIMA: Este contrato e celebrado em carater irrevogavel e obriga os contratantes por si, seus herdeiros ou sucessores a qualquer titulo.

CLAUSULA OITAVA: Elegem, de comun acordo, o Foro da Comarca de Pelotas, RS, para serem dirimidas quaisquer duvidas que surgirem deste instrumento.

Estando justos e contratados, assinam este instrumento em tres (3) vias de igual teor e forma, na presenca das testemunhas.

PELOTAS/...../19.....

DR. JOSE ANSELMO RODRIGUES
Jose Anselmo Rodrigues
PREFEITO

Luiz Ferreira da Costa
PROMITENTE COMPRADOR(A)

TESTEMUNHAS: 1.

2.

NEY LAMAS - SERVIÇO NOTARIAL
Segundo Tabelionato
Pelotas/RS-Brasil

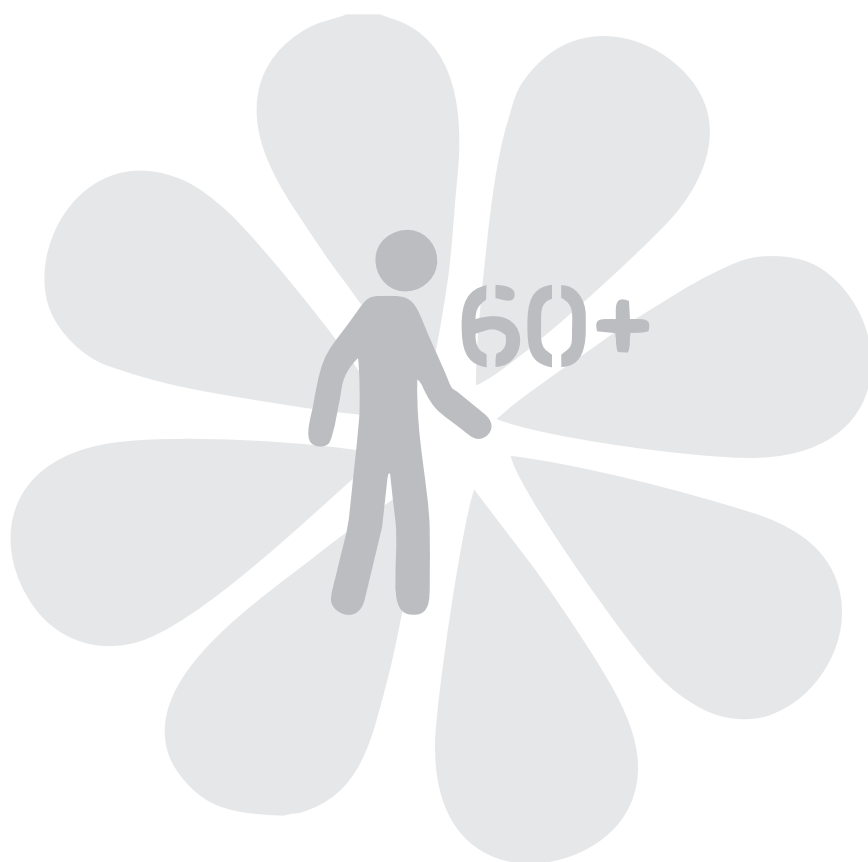
RECONHECIMENTO DE FIRMA

Reconheço por autenticas as firmas de JOSE ANSELMO RODRIGUES, DRENO CORREA FILHO, ELIANA SOARES, JOAO FERNANDES DA SILVA, assinadas pelos próprios, em minha presenca, do que dou fé.

Pelotas, 04 de julho de 1992
Em testemunho da verdade.

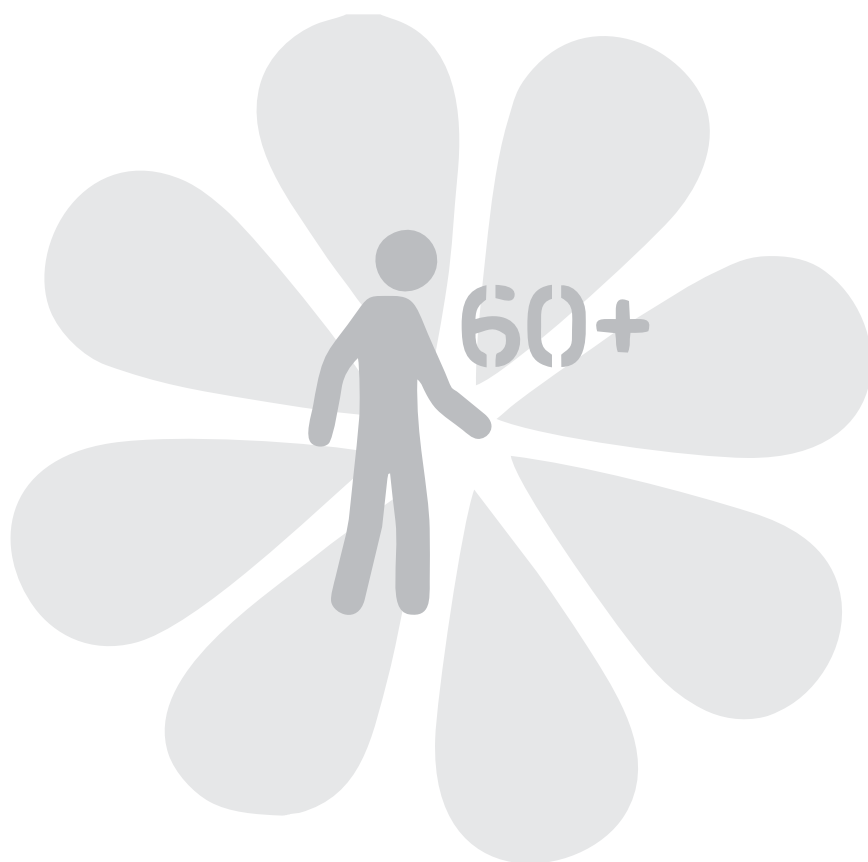
Luiz Ferreira da Costa
Escrivente Autorizado

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS



REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS															
Quadro Geral															
Item	Referencial Bibliográfico	repetições	Referencial Bibliográfico	repetições	Item	Referencial Bibliográfico	repetições	Referencial Bibliográfico	repetições	Item	Referencial Bibliográfico	repetições	Referencial Bibliográfico	repetições	
1.1.	A percepção ambiental na construção de cidades legíveis e democráticas				1.2.	O idoso				1.3.	O idoso e o ambiente construído				
1.1.1.	Fundamentação teórica					ONU, 2002	1				OMS, 2008	1			
1.1.1.1.	Linha cronológica e precursores				Legislação de amparo ao idoso				Gerontologia ambiental						
	Aguirre, 1999	1	Gehl, 2013	1	Amaro, Johann e Meira, 2007	1	Rio Grande do Sul, 2008b	1	Satiro, 2014	5	Macedo et al., 2008	1			
	Bently et al, 2005	1	Grinover, 2006	1	Brasil, 1994	2	Rio Grande do Sul, 2008c	1	Tomasini, 2004	8	OMS, 2008	2			
	Campos, Silva e Faria, 2011	1	Lynch, 1999	1	Brasil, 2003	2	Rio Grande do Sul, 2009a	1	Cidade amiga do idoso						
	Castello, 2005	1	Pallasmaa, 2013	1	Del Rio e Siembieda, 2015	2	Rio Grande do Sul, 2009b	1	1.3.2.	González e Topete, 2016	2	OMS, 2008	8		
	Castello, 2010	1	Reis e Lay, 1995	1	OMS, 2015	1	Rio Grande do Sul, 2009c	1	1.3.2.1.	Navarro et al., 2015	1				
	Del Rio e Siembieda, 2015	1	Tuan, 2012	1	ONU, 2002	1	Rio Grande do Sul, 2010	1	Participação Social						
	Gehl e Svarre, 2013	2			Pelotas, 2003	1	Rio Grande do Sul, 2012	1	OMS, 2008				2		
1.1.1.2.	Memória				Pelotas, 2014a	1	Rio Grande do Sul, 2013a	1	1.3.2.2.	Respeito e Inclusão Social					
	Assmann, 2011	7	Herman, 2016	4	Pelotas, 2014b	1	Rio Grande do Sul, 2013b	1	OMS, 2008				2		
	Bauman, 2005	1	Izquierdo et al, 2015	6	Rio Grande do Sul, 1992	1	Rio Grande do Sul, 2013c	1	1.3.2.3.	Prédios Públicos e Espaços Abertos					
	Bosi, 1987	3	Pallasmaa, 2017	3	Rio Grande do Sul, 2000a	1	Rio Grande do Sul, 2014a	1	OMS, 2008				3		
	Correa e França, 2006	2	Souza e Crippa, 2009	2	Rio Grande do Sul, 2000b	1	Rio Grande do Sul, 2014b	1	1.3.3.	Lembranças da cidade					
	Ferreira, 2002	5	Tardivo e Pratschke, 2016	2	Rio Grande do Sul, 2004	1	Rio Grande do Sul, 2015	1		Assmann, 2011	2	Pallasmaa, 2017	2		
O processo de percepção				Rio Grande do Sul, 2006a	1	Satiro, 2014	1	Barros, 1999		7	Pesavento, 2007	1			
Aguirre, 1999	1	Marquez, 2014	1	Rio Grande do Sul, 2006b	1	Vaz e Pereira, 2010	1	Bosi, 2014		1	Pinheiro e Nogueira, 2014	2			
Dondis, 2015	3	Pallasmaa, 2013	5	Rio Grande do Sul, 2008a	1			Ferreira, 2002	4	Tardivo e Pratschke, 2016	3				
1.1.1.3.	Grinover, 2006	1	Rasmussen, 2015	1	Teoria da transição demográfica				Ferreira, 2004	4					
	Herman, 2016	2	Tuan, 1983	1	Amaro, Johann e Meira, 2007	2	Macedo et al., 2008	1	1.4.	A participação do idoso na avaliação pós-ocupação					
	Lévy, 2010	3	Tuan, 2012	6	Cunha et al., 2012	2	Ministério da Saúde, 2007	1		Koga, 2011	1	Vaz e Pereira, 2010	1		
	Lynch, 1999	6			Espejo et al., 1997	1	Navarro et al., 2015	1		Reis e Lay, 1995					
	1.1.1.4.	A formação da imagem mental coletiva				Ferreira et al., 2010	2	OMS, 2008		3	1.4.1.	Consciência participativa			
		Bauman, 2005	1	Lévy, 2010	1	Fried et al., 2004	1	ONU, 2002	2	Brose, 2010		5	Vaz e Pereira, 2010	3	
Castello, 2005		1	Lynch, 1999	2	Gonzáles e Topete, 2016	1	Reyes-Ortiz, 2006	1	1.4.2.	O idoso na pesquisa participativa					
Dondis, 2015		1	Tuan, 2012	2	IBGE, 2010	3	Satiro, 2014	4		Koga, 2011	1	Tomasini, 2004	4		
1.1.1.5.	A influência das TIC's no espaço urbano				Lebrão, 2007	1			1.5.	Variáveis e indicadores associados à pesquisa					
	Castells, 2013	2	Lemos, 2007	1	Estilo de vida do idoso urbano					1.5.1.	Variáveis centradas no usuário				
	Daroda, 2012	2	Lévy, 2010	3	Amaro, Johann e Meira, 2007	3	González e Topete, 2016;	1	Castello, 2005				1		
	de Paula, 2010	2	Pallasmaa, 2013	2	Batistoni e Neri, 2007	1	Leite et al., 2012	3	1.5.1.1.	Legibilidade					
	Dondis, 2015	2	Tuan, 2012	1	Cunha et al., 2012	1	OMS, 2015	4		Amor, 2011	4	Lynch, 1999	2		
1.1.1.6.	Apropriação e pertencimento				Ferreira et al., 2010	1	ONU, 2002	1	1.5.1.2.	Segurança					
	Almeida, 1995	5	Duplay e Duplay, 1985	1	Ferreira et al., 2010;	1	Satiro, 2014	1		Amor, 2011	3	OMS, 2008	1		
	Bauman, 2005	1	Duval, 1997	2	1.2.4.	Cognição na terceira idade				1.5.1.3.	Acessibilidade				
	Caccia, 2015	1	Malard, 1993	1		Amaro, Johann e Meira, 2007	1	Leite et al., 2012	2		Amor, 2011	3	Grinover, 2006	3	
1.1.2.	Cidades legíveis				Coelho et al., 2009;	1	Rosa Neto et al., 2005	1	1.5.1.4.	Conforto					
	Aguiar e Netto, 2012	2	Grinover, 2006	2	Forini e Santos, 2012	1	Souza et al., 2010	2		Gehl, 2013	4				
	Bauman, 2005	1	Guatelli, 2012	3	Forini e Santos, 2012;	2	Tuan, 2012	2	1.5.1.5.	Atratividade					
	Bently et al., 2005	3	Holanda, 2002	1	Izquierdo et al., 2015	3				Gehl, 2013		Lynch, 1999	1		
	Castello, 2010	3	Lynch, 1999	4	1.2.5.	Memória na terceira idade				1.5.1.6.	Adequação visual				
Gehl, 2013	9			Ferreira, 2002		2	Izquierdo et al., 2015	2	Bently et al., 2005		2	Gehl, 2013	3		
1.1.3.	Mapas mentais				Herman, 2016	2			1.5.2.	Indicadores centrados no ambiente					
	de Paula, 2010	1	Passos et al., 2015	2	O idoso como contador de histórias					Amor, 2011	5	Netto e Krafta, 1999	2		
	Lévy, 2010	1	Rolnik, 1989	3	1.2.5.1.	Assmann, 2011	4	Correa e França, 2006	4	1.5.1.6.	Adequação visual				
	Lynch, 1999	3	Vaz E Pereira, 2010	1	Bosi, 2014	2			Gehl, 2013		3	OMS, 2008	5		
1.1.3.1.	Fundamentação metodológica				1.2.5.2.	Assmann, 2011	1	Ferreira, 2002	7						
	Lynch, 1999	12	Rolnik, 1989	1		Barros, 1999	1	Izquierdo et al, 2015	2						
1.1.3.2.	Rheingantz et al., 2009	1	Tolman, 1948	1	Correa e França, 2006	1									
	Estado da arte														
	Archela, Gratão e Trostdorf, 2004	2	Kashiwagi, 2013	2											
	Campos, Silva e Faria, 2011	1	Lynch, 1999	1											
	de Paula, 2010	2	Rheingantz et al., 2009	1											
	Kashiwagi e Kozel, 2005	2	Vaz e Pereira, 2010	2											

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

VINCULADO À ENTREVISTA _____.

Olá! Convido o senhor (a) a participar da coleta de dados para a pesquisa **“O idoso e a relação entre seus processos de percepção e de apropriação do ambiente construído. Pelotas, RS.”**. Trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado, desenvolvida pela mestrandia Elisa Santos Guimarães, no Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Profa. Dra. Nirce Saffer Medvedovski. O objetivo desta pesquisa é compreender qual é a relação entre o modo com que os idosos percebem as áreas urbanas na qual estão inseridos e a maneira com que se apropriam do ambiente construído no cotidiano de uma cidade de porte médio do sul do país.

Sua colaboração nos será útil nas seguintes atividades: entrevistas individuais e elaboração de mapas mentais. As entrevistas serão gravadas para serem transcritas e o áudio não será anexado nos relatos desta pesquisa. Os pesquisadores envolvidos não publicarão a identidade dos voluntários em nenhuma mídia ou trabalhos oriundos deste. Os áudios e a identidade dos voluntários serão mantidos em sigilo no arquivo do Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. Será realizado registro fotográfico das atividades e as fotos serão utilizadas exclusivamente na produção acadêmica desta pesquisa.

As atividades a serem desenvolvidas não apresentam desconforto e riscos à saúde dos voluntários, também não representam gastos financeiros ao mesmo. Entretanto, a pesquisa não beneficiará diretamente os voluntários. Ao término do estudo, espera-se retribuí-los através de recomendações para a elaboração de projetos de requalificação urbana que assegurem o bem-estar e a independência do idoso.

Caso o senhor (a) fique com alguma dúvida, queira fazer considerações ou receber informações sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Elisa Santos Guimarães, através do endereço de e-mail elisaguima@gmail.com. O senhor (a) também poderá buscar informações quanto à ética desta pesquisa junto à secretaria do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, através do e-mail prograu@ufpel.edu.br.

Aceito participar voluntariamente desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento antes ou durante a mesma, sem penalidades ou prejuízos.

Permito que as fotos em que apareço sejam divulgadas nos registros da pesquisa: () Sim

() Não

Assinatura do voluntário

Data: ____/____/20____

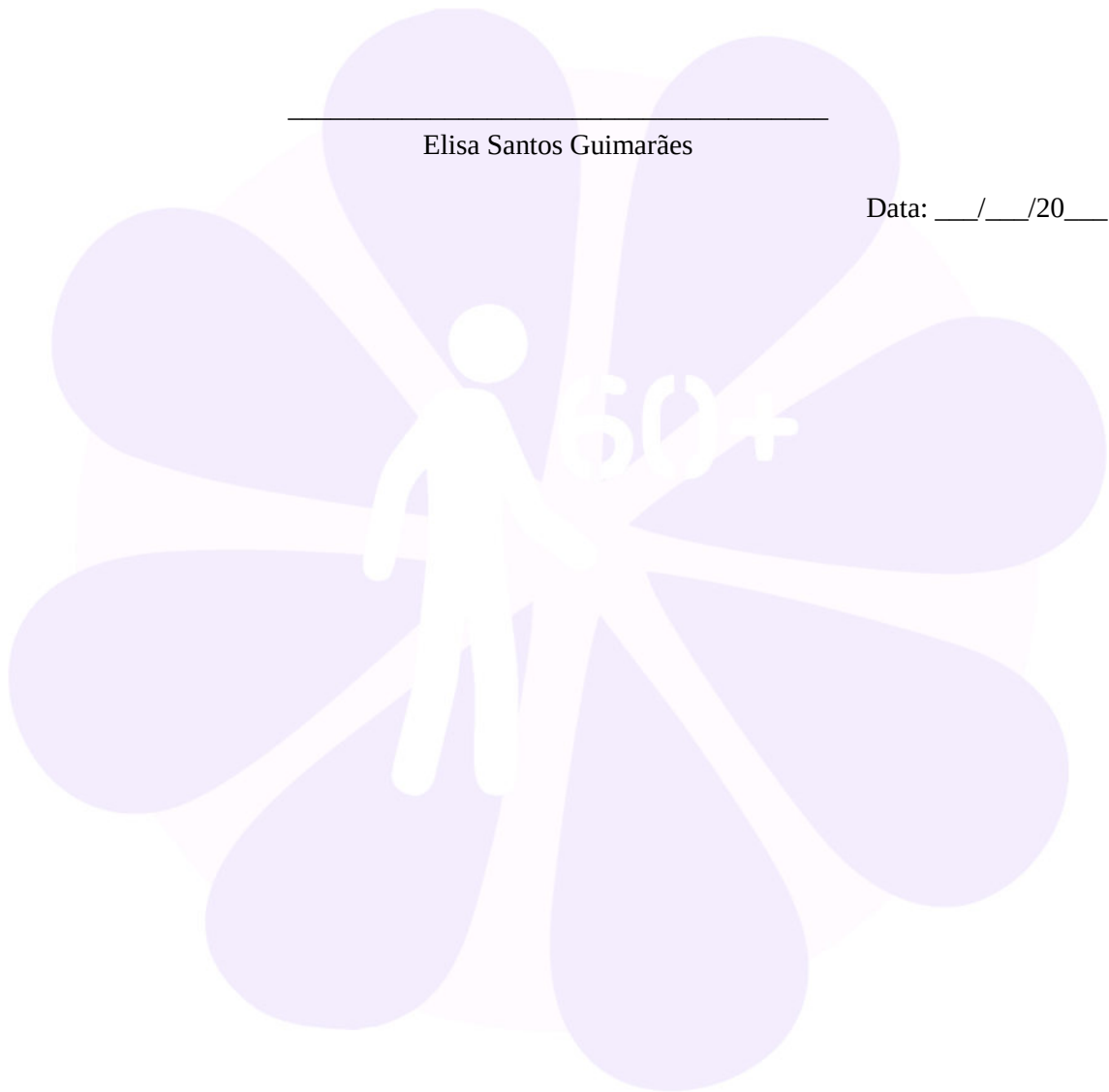
VINCULADO À ENTREVISTA _____.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecimento deste voluntário para sua participação na pesquisa. Informo que o título da pesquisa poderá ser alterado, mas comprometo-me em preservar o objetivo e respeitar o rigor ético aqui acordado.

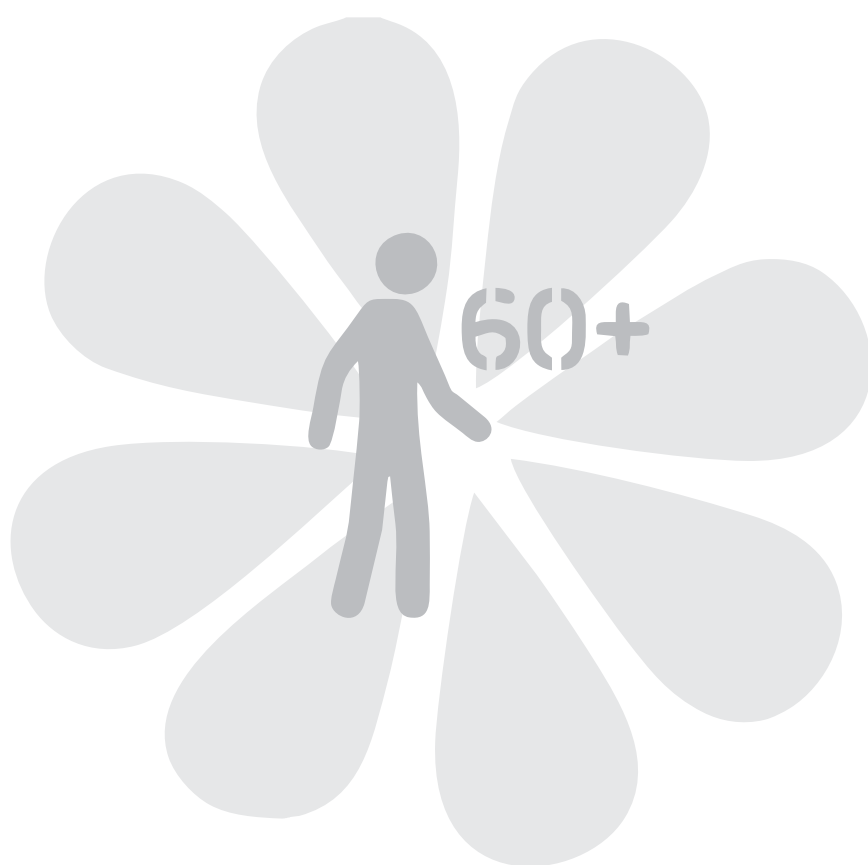
Responsável pela coleta de dados:

Elisa Santos Guimarães

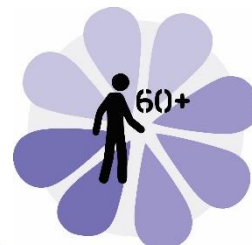
Data: ____/____/20____



ENTREVISTA



Olá! Convido o senhor (a) a participar da coleta de dados para a pesquisa **“O idoso e a relação entre seus processos de percepção e de apropriação do ambiente construído. Pelotas, RS.”**. Trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado, desenvolvida pela mestrandia Elisa Santos Guimarães, no Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Profa. Dra. Nirce Saffer Medvedovski. O objetivo desta pesquisa é compreender qual é a relação entre o modo com que os idosos percebem as áreas urbanas na qual estão inseridos e a maneira com que se apropriam do ambiente construído no cotidiano de uma cidade de porte médio do sul do país.



Dados gerais

Entrevista: _____
 Data: ____/____/2017
 Hora inicial: _____
 Hora final: _____

Dados do voluntário

Nome: _____
 Idade: _____
 Gênero: () fem. () masc.
 Endereço: _____
 Tempo de moradia em Pelotas: _____
 Tempo de moradia no bairro: _____
 Escolaridade: _____

MAPA MENTAL

Pergunta 01: Quando ouve a palavra Pelotas, qual é a imagem que lhe vem à cabeça? Como você descreveria Pelotas?

Resposta 01: _____

Pergunta 02: Gostaria que fizesse rapidamente um mapa de Pelotas. Faça-o como se estivesse fazendo uma descrição rápida da cidade a um visitante, não esquecendo as suas características principais. Não contamos com um desenho apurado, mas apenas com um esboço.

Ordem de inserção dos elementos

1ª inserção: _____	Obs.: _____
2ª inserção: _____	Obs.: _____
3ª inserção: _____	Obs.: _____
4ª inserção: _____	Obs.: _____
5ª inserção: _____	Obs.: _____

Pergunta 03a: Qual o lugar que você vai com maior frequência? _____.
Faça uma descrição das direções que usas quando vens do _____ para casa.
Descreva a sequência do que pode ver, dos cheiros e dos sons ao longo do caminho, incluindo o que é importante para você e indicações para que um estranho possa tomar o mesmo caminho.
Estamos interessados na descrição física das coisas. Não é importante lembrar-se do nome de ruas ou locais.

Resposta 03a: _____

Pergunta 03b: Quanto tempo leva para percorrê-lo? Há locais que lhe fazem sentir seguro acerca da sua localização? Quais outros sentimentos este caminho lhe desperta?

Resposta 03b: _____

Pergunta 04: Quais os locais de Pelotas que mais se destacam para você?

Local 01:

Local 02:

Local 03:

Pergunta 05a: Seria capaz de me descreve-los? Se para lá fosse levado de olhos vendados e no local lhe tirassem a máscara, quais os elementos que usaria para identificar o local onde se encontrasse?

Local 01:

Local 02:

Local 03:

Pergunta 05b: Quais os sentimentos que este local lhe desperta?

Local 01:

Local 02:

Local 03:

Pergunta 05c: Mostra-me onde, no seu mapa, o ___ se encontra?

Local 01:

Local 02:

Local 03:

Pergunta 06: É capaz de me mostrar a direção norte, no seu mapa? () Sim () Não

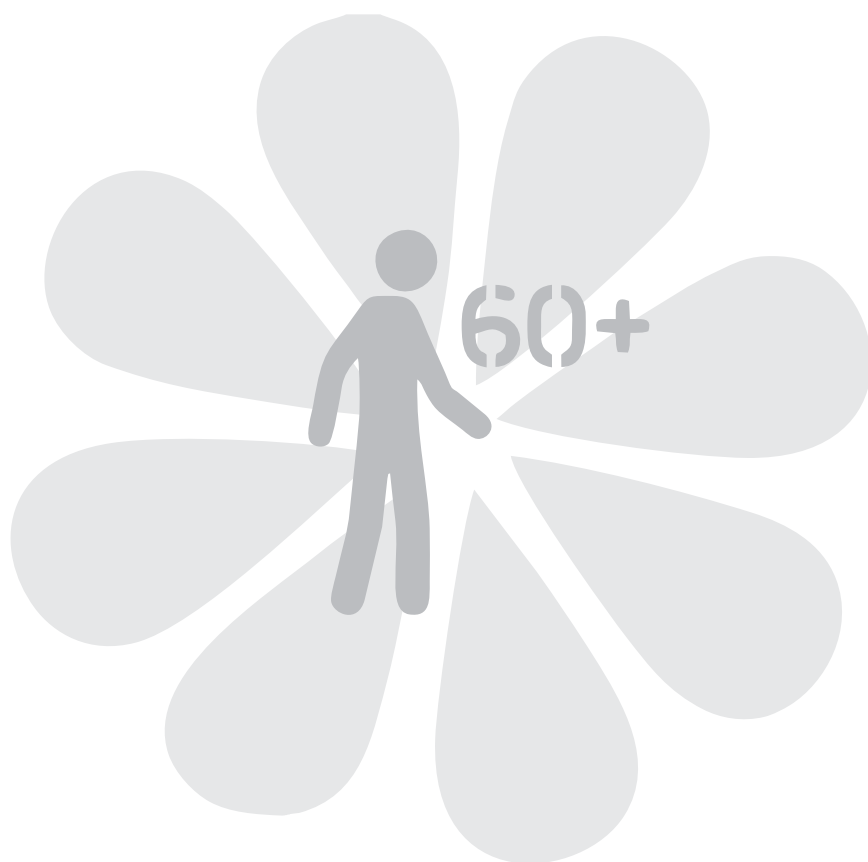
Pergunta 07: Você acha Pelotas uma cidade:

<i>Segura?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Acessível?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Confortável?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Atrativa?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Bonita?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Legível?</i>	() Sim	() Não	() _____

Pergunta 08: Você acha o bairro _____:

<i>Seguro?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Acessível?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Confortável?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Atrativo?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Bonito?</i>	() Sim	() Não	() _____
<i>Legível?</i>	() Sim	() Não	() _____

MAPAS MENTAIS



Onde vai com maior frequência?

centro

tempo de deslocamento: 15 minutos

meio de transporte: a pé

sim

não

s/n

segura (localização):

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção

Locais de Destaque

Rua B. Constant

1ª

1ª

Catedral S.F. de Paula

(contemplação)

Rua Álvaro Chaves

2ª

2ª

Grande Hotel

(abandono)

Porto

3ª

3ª

Prefeitura/Biblioteca

(saúde)

Cais do Porto

4ª

Rua Tamandaré

5ª

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Está se erguendo como um fênix.
Uma cidade boa.

Descrições Negativas

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim

não

s/n

segura

acessível

confortável

atrativa

bonita

legível

Você acha o bairro Centro:

sim

não

s/n

seguro

acessível

confortável

atrativo

bonito

legível

Registro Fotográfico

Inserções: Dados Quantitativos

Nós

01

02

0

Marcos

0

07

02

Caminhos

0

23

0

Limites

0

0

0

Bairros

0

Mapa Mental

Dados gerais

Mapa Mental: 02-cen

Data: 31/03/2017

Duração: 152 minutos

Estrutura: Moderada

Dados do voluntário

Idade: 82 anos

Gênero: Feminino

Tempo de moradia em Pelotas: 82 anos

Tempo de moradia no bairro: 82 anos

Escolaridade: Primário completo

248

Mapa Mental

Onde vai com maior frequência?

supermercado

tempo de deslocamento: 30 minutos

meio de transporte: a pé

sim não s/n



Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção Locais de Destaque

Casa onde mora	1ª	1ª	Praia do Laranjal	(alegria)
Colégio São José	2ª	2ª	Praia Barro Duro	(alegria)
Praça Cel. P. Osório	3ª	3ª	Praça Cel. P. Osório	(tristeza)
Praia do Totó	4ª			
Praia do Laranjal	5ª			

A Imagem da Cidade

	Descrições Positivas	Descrições Negativas
--	----------------------	----------------------

ções Negativas

de é mais ou menos.
Quanto mais, mais terrível a segurança.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade: **Você acha o bairro Centro:**

sim não s/n

segura   

acessível    

confortável

atrativa   

bonita

legível   

Você acha o bairro Centro:

sim não s/n

seguro   

acessível

confortável atrativo   bonito    

legível

Registro Fotográfico

Não há registro fotográfico.

Inserções: Dados Quantitativos

Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros	
	01		01		0		0		0
	0		02		0		0		
	0		01		0		0		

Dados gerais

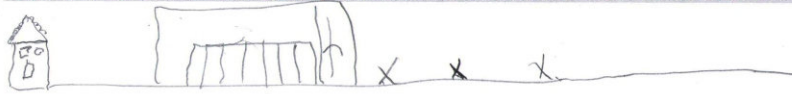
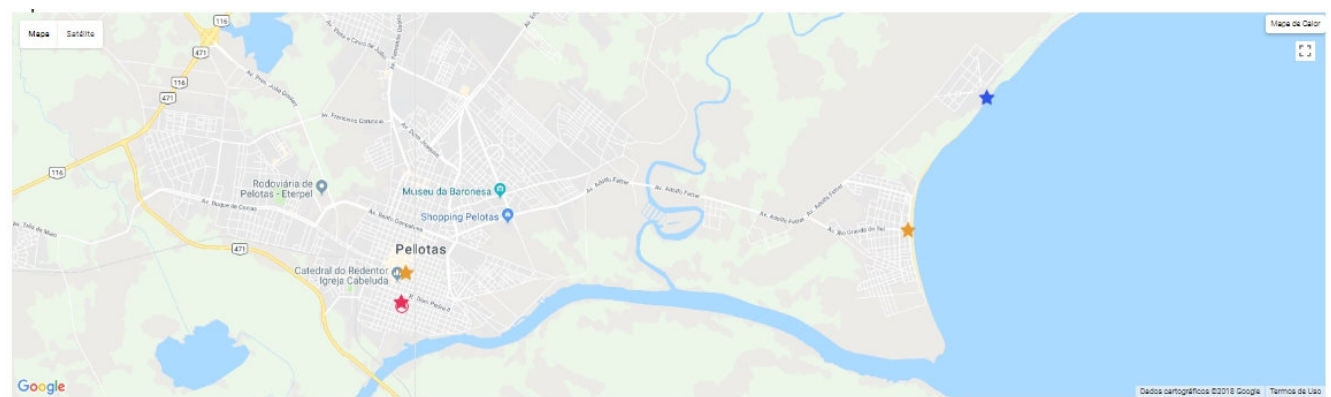
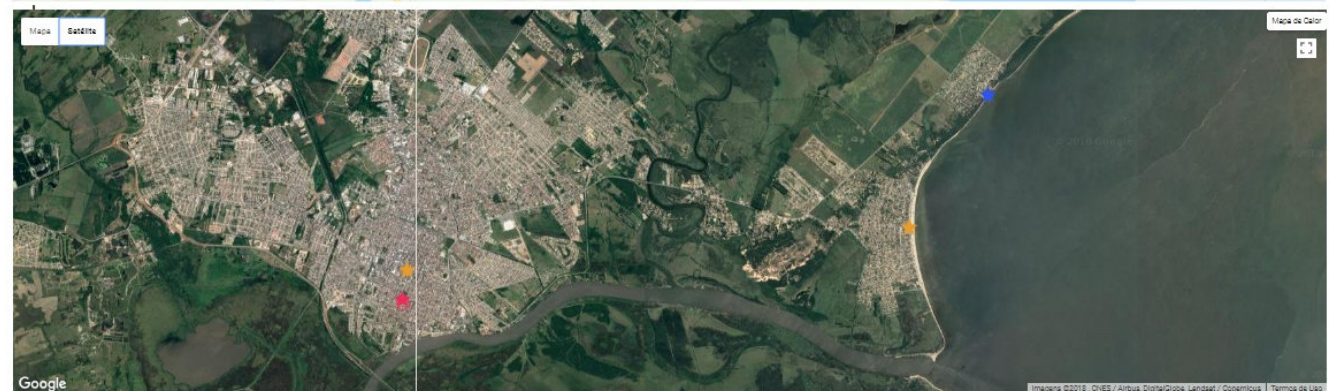
Mapa Mental: 03-cen
Data: 31/03/2017
Duração: 32 minutos

Estrutura: Fraca

Dados do voluntário

Idade:	80 anos
Gênero:	Feminino
Tempo de moradia em Pelotas:	37 anos
Tempo de moradia no bairro:	30 anos
Escolaridade:	Analfabeta

Mapa Mental



Onde vai com maior frequência?

igreja

tempo de deslocamento: 7 minutos

meio de transporte: a pé

sim

não

s/n

segura (localização):

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção

Locais de Destaque

Canal São Gonçalo

1ª

1ª

Praça Cel. P. Osório

(contemplação)

UFPel - C. do Leão

2ª

2ª

Rua Andrade Neves

(amizade)

Ponte São Gonçalo

3ª

3ª

Avenida Bento Gonçalves

(utilidade)

Via Férrea

4ª

Praia do Laranjal

5ª

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Descrições Negativas

Uma cidade muito alegre, muito culta,
excelente para viver.
Com clima bem definido.
Ótimo lugar para passeios.
Bonita, histórica, exemplo para o Brasil.

Identificação de Elementos do Passado

Fábrica de Enlatados Cica Sul.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim

não

s/n

segura

acessível

confortável

atrativa

bonita

legível

Você acha o bairro Centro:

sim

não

s/n

seguro

acessível

confortável

atrativo

bonito

legível

Registro Fotográfico

Inserções: Dados Quantitativos

Nós

01

05

0

Marcos

02

05

0

Caminhos

03

03

0

Limites

01

0

0

Bairros

0

Mapa Mental

Dados gerais

Dados do voluntário

Mapa Mental: 04-cen

Data: 06/04/2017

Duração: 49 minutos

Estrutura: Moderada

Idade: 75 anos

Gênero: Masculino

Tempo de moradia em Pelotas: 45 anos

Tempo de moradia no bairro: 22 anos

Escolaridade: Mestre

Mapa Mental

60+

URUGUAI

Vinculado à entrevista

04-cen

Mapa

Satélite

Mapa de Color

Mapa

Satélite

Mapa de Color

250

Onde vai com maior frequência?

shopping

tempo de deslocamento: 17,5 minutos

meio de transporte: carro (táxi)

sim não s/n

segura (localização):   

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção Locais de Destaque

Praça Cel. P. Osório	1 ^a	1 ^a	Praça Cel. P. Osório	(saúde)
Praia do Laranjal	2 ^a	2 ^a	Rua Andrade Neves	(alegria)
Saída Porto Alegre	3 ^a	3 ^a	Avenida Bento Gonçalves	(liberdade)
Av. Bento Gonçalves	4 ^a			
UFPel - C. do Leão	5 ^a			

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Descrições Negativas

Uma cidade bem compacta.
Aqui tudo é muito junto, um colado no
outro.
Isso parecia um cemitério.

Identificação de Elementos do Passado

Teatro Sete de Abril.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

Você acha o bairro Centro:

sim não s/n

sim não s/n

segura    

seguro   

acessível

acessível

confortável

confortável

atractiva 

atractivo

bonita

bonito   

legível legível 

Registro Fotográfico



Inserções: Dados Quantitativos

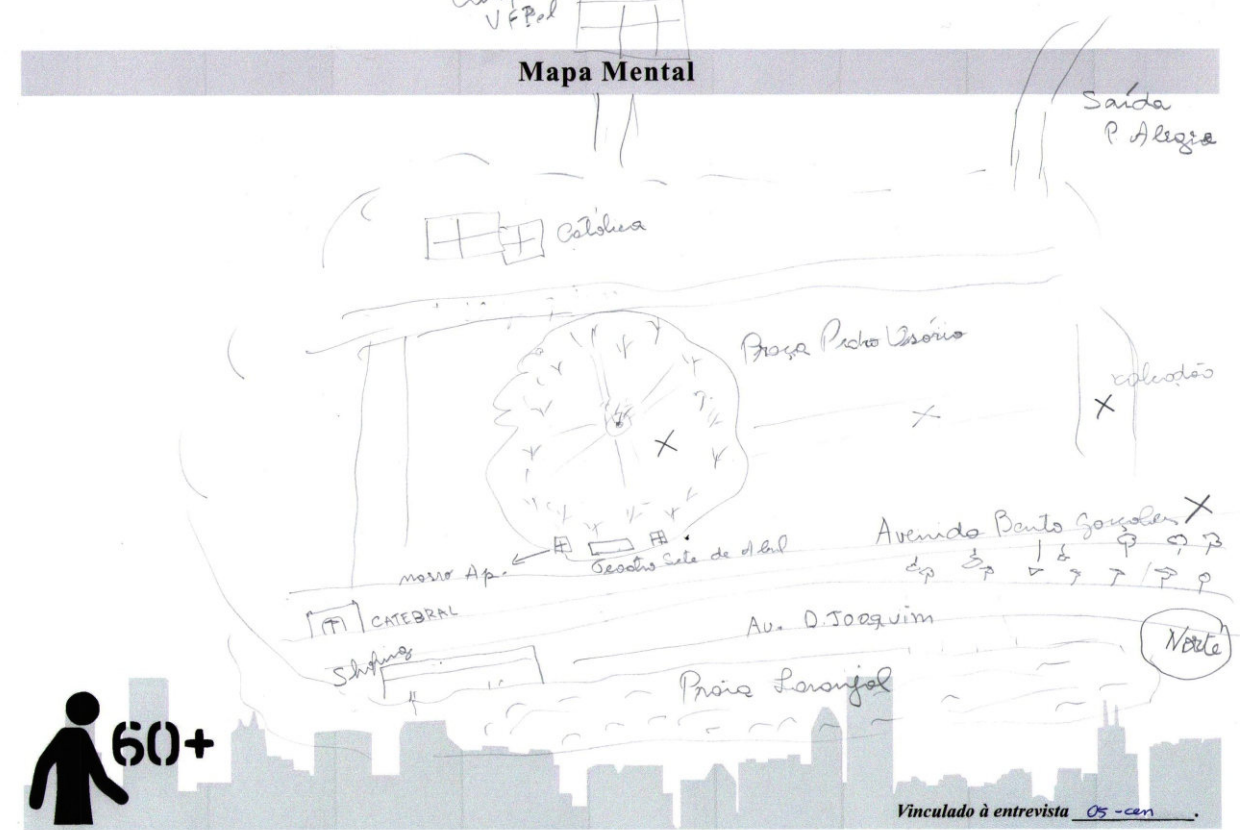
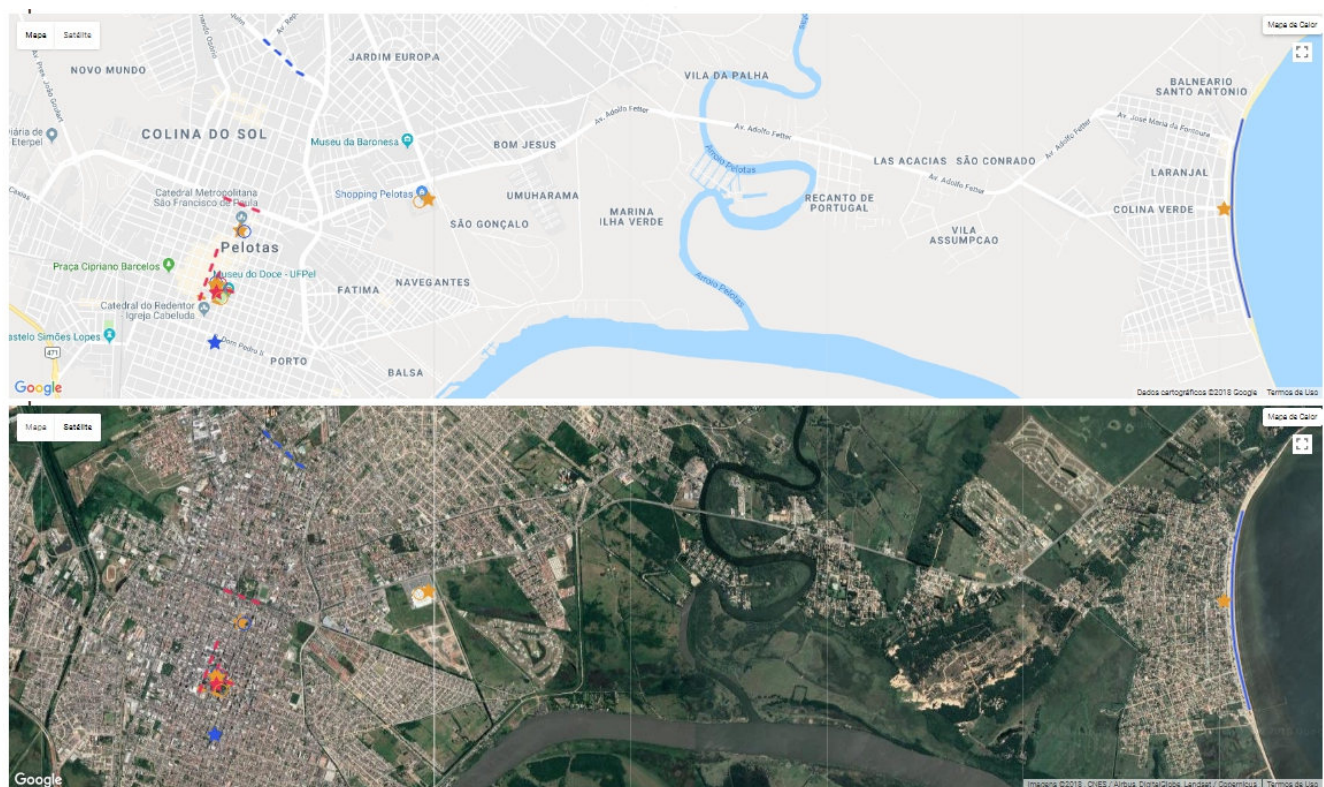
Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros	
	01		01		04		0	0	
	02		05		02		0		
	02		01		01		01		

Dados gerais	Dados do voluntário
--------------	---------------------

Mapa Mental: 05-cen
Data: 06/04/2017
Duração: 80 minutos

Idade:	70 anos
Gênero:	Feminino
Tempo de moradia em Pelotas:	45 anos
Tempo de moradia no bairro:	22 anos
Escolaridade:	Superior completo

Estrutura: Moderada



Onde vai com maior frequência?

clubes

tempo de deslocamento: 20 minutos

meio de transporte: a pé

sim não s/n

segura (localização):   

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção Locais de Destaque

Praça Cel. P. Osório	1ª	1ª	Praça Cel. P. Osório	(saúde)
Casa onde mora	2ª	2ª	Catedral S.F. de Paula	(esperança)
Biblioteca Pública	3ª	3ª	Mercado Público	(prosperidade)
Rua Mal Floriano	4ª			
Mercado Público	5ª			

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Descrições Negativas

Parece a Europa.
Eu acho que Pelotas tem muita cultura.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim não s/n

segura

acessível

confortável

atractiva

bonita   

legível

Você acha o bairro Centro:

sim não s/n

seguro

acessível

confortável

atractivo

bonito   

legível 

Registro Fotográfico

Não há registro fotográfico.

Inserções: Dados Quantitativos

Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros	
	01		02		02		0		
	02		02		0		0		0
	01		0		01		0		

Mapa Mental

Dados gerais

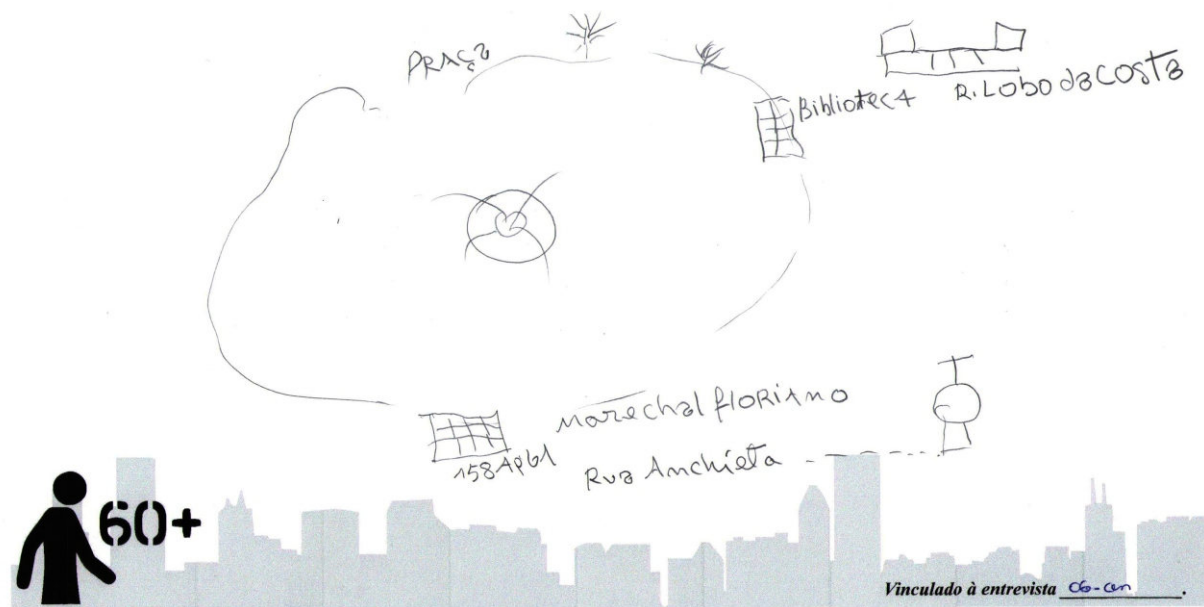
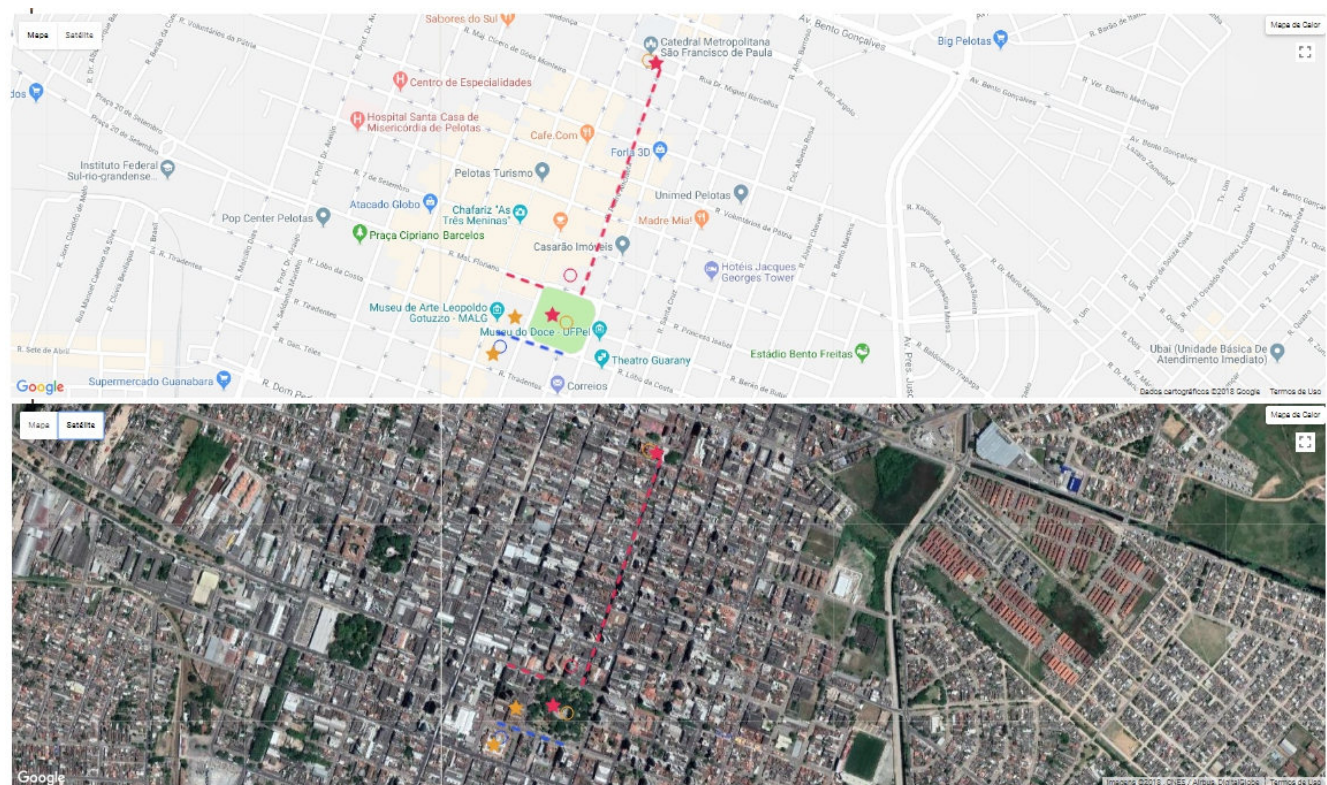
Mapa Mental: 06-cen
Data: 06/04/2017
Duração: 26 minutos

Estrutura: **Fraca**

Dados do voluntário

Idade:	81 anos
Gênero:	Feminino
Tempo de moradia em Pelotas:	7 anos
Tempo de moradia no bairro:	7 anos
Escolaridade:	Primário completo

Mapa Mental



Mapa Mental

Onde vai com maior frequência?



Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Av. Dom. de Almeida	1ª	1ª	Praia do Laranjal	(saudades)
Pizza Hut/Panvel	2ª	2ª	Parque da Baronesa	(saudades)

A Imagem da Cidade

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção



Registro Fotográfico

Não há registro fotográfico.

Inserções: Dados Quantitativos

01	★	0	01	0	0
02	★	05	01	0	
01	★	02	0	0	

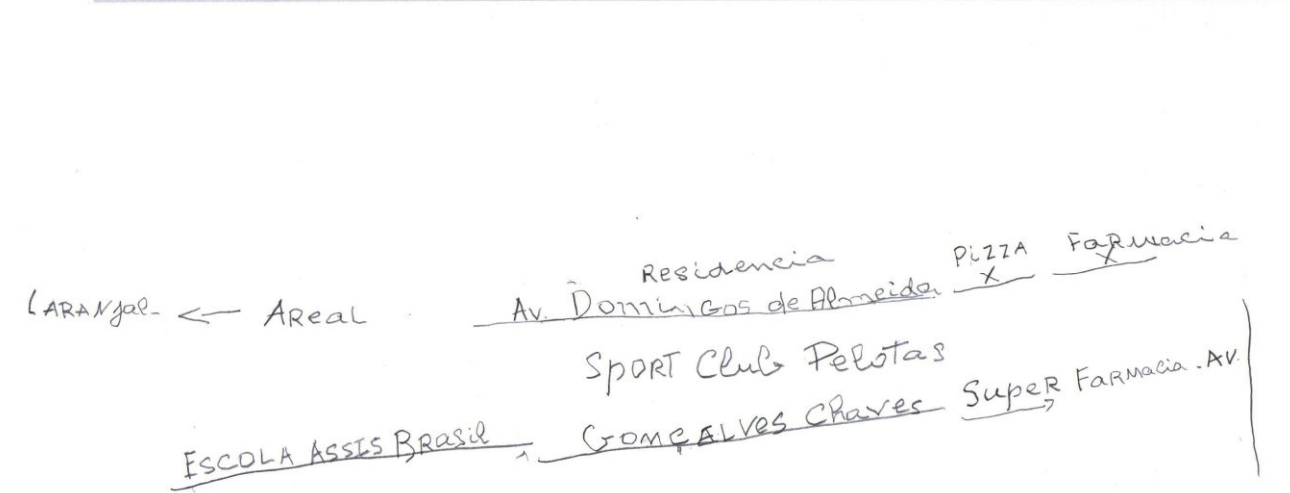
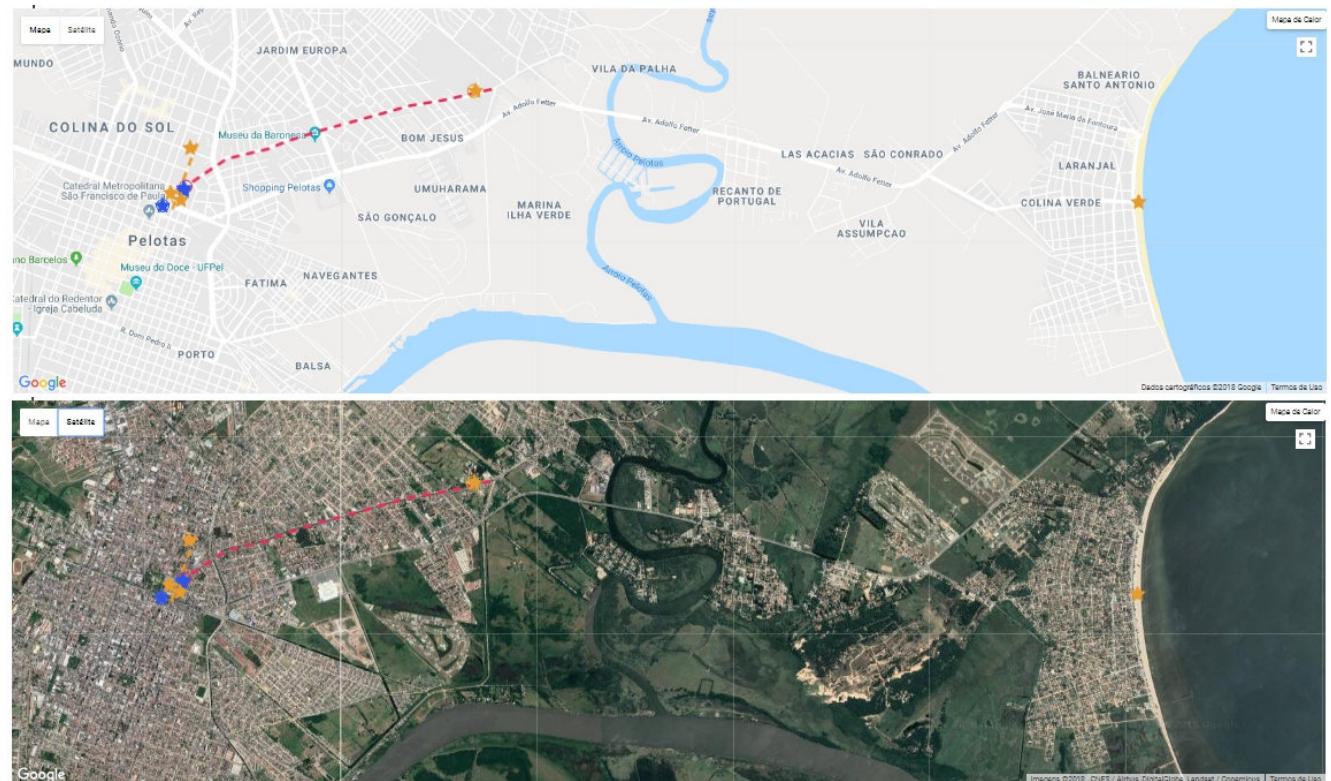
Dados gerais

Mapa Mental: 07-cen
Data: 18/04/2017
Duração: 34 minutos

Dados do voluntário

Idade:	81 anos
Gênero:	Feminino
Tempo de moradia em Pelotas:	81 anos
Tempo de moradia no bairro:	81 anos
Escolaridade:	Primário completo

Mapa Mental



Onde vai com maior frequência?

igreja

tempo de deslocamento: 10 minutos

meio de transporte: a pé

segura (localização):

sim não s/n

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção	Locais de Destaque
Casa onde mora	1ª 1ª Catedral S.F. de Paula (contemplação)
Rua Anchieta	2ª 2ª IFSul (saúde)
Rua VX de Novembro	3ª 3ª Teatro 7 de Abril (saúde)
Correio	4ª
Rua Andrade Neves	5ª

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas	Descrições Negativas
Uma cidade grande. Eu acho uma cidade muito boa. Uma cidade ótima.	Para a saúde do idoso é muito úmida.

Identificação de Elementos do Passado

Salis Goulart.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:	sim	não	s/n	Você acha o bairro Fragata:	sim	não	s/n
segura	☒	☐	☐	seguro	☒	☐	☐
acessível	☒	☐	☐	acessível	☒	☐	☐
confortável	☒	☐	☐	confortável	☒	☐	☐
atrativa	☒	☐	☐	atrativo	☒	☐	☐
bonita	☒	☐	☐	bonito	☒	☐	☐
legível	☒	☐	☐	legível	☒	☐	☐

Registro Fotográfico

Não há registro fotográfico.

Inserções: Dados Quantitativos

Nós	Marcos	Caminhos	Limites	Bairros
01	03	04	0	
02	01	05	0	0
03	01	04	0	

Mapa Mental

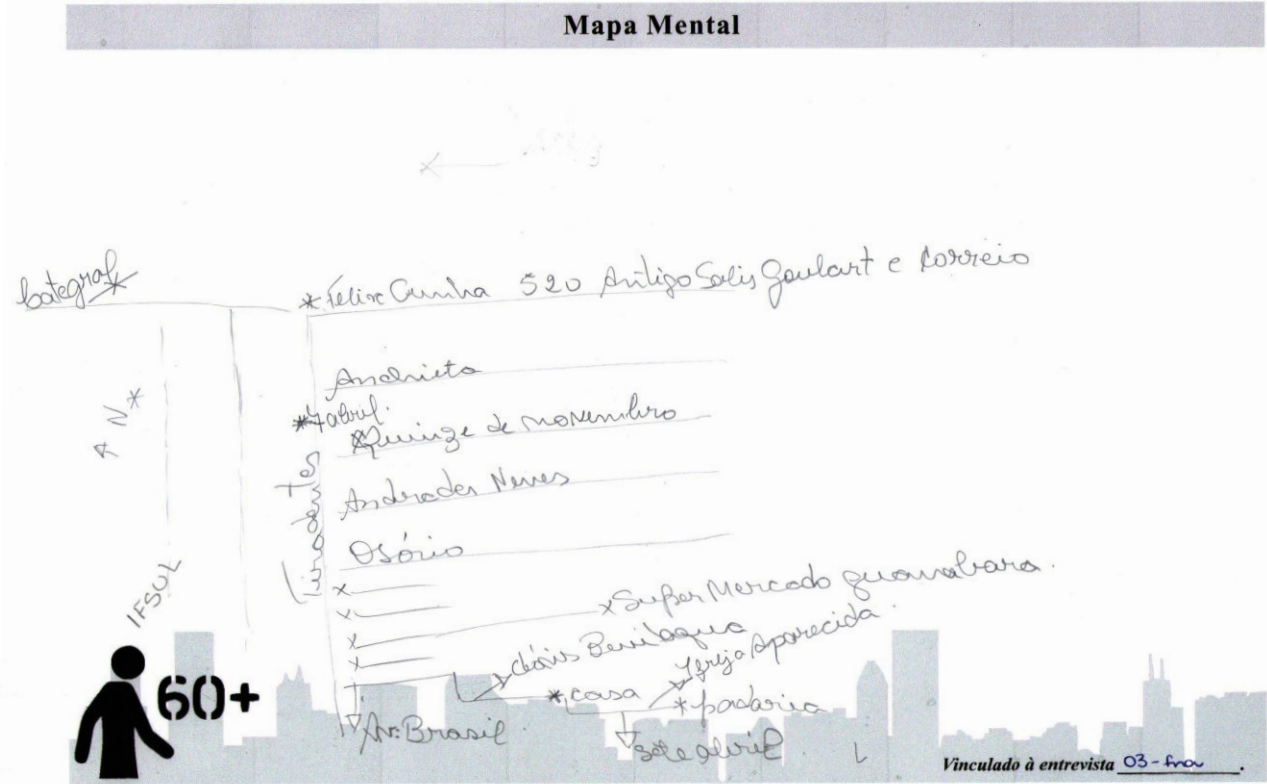
Dados gerais

Mapa Mental: 03-fra
Data: 13/07/2017
Duração: 69 minutos

Estrutura: Moderada

Dados do voluntário

Idade: 65 anos
Gênero: Feminino
Tempo de moradia em Pelotas: 35 anos
Tempo de moradia no bairro: 30 anos
Escolaridade: Superior completo



Onde vai com maior frequência?

mercado público

tempo de deslocamento: 15 minutos

meio de transporte: ônibus

sim não s/n

segura (localização):    

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção Locais de Destaque

Casa onde mora	1ª	1ª	Mercado Público	(saude)
IFSul	2ª	2ª	Teatro Guarany	(contemplação)
Teatro 7 de Abril	3ª	3ª	Santa Casa	(contemplação)
Avenida Brasil	4ª			
Mercado Joice	5ª			

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas	Descrições Negativas
----------------------	----------------------

Uma cidade grande.
Uma boa cidade com bons colégios.
Tem o IFSul que é uma referência.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim não s/n

segura

acessível

confortável

atractiva   

bonita   

legível 

Você acha o bairro Fragata:

sim não s/n

seguro

acessível

confortável

atractivo   

bonito   

legível 

Registro Fotográfico

Não há registro fotográfico.

Inserções: Dados Quantitativos

Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros
	01		03		03		0	0
	02		01		01		0	
	0		0		0		0	

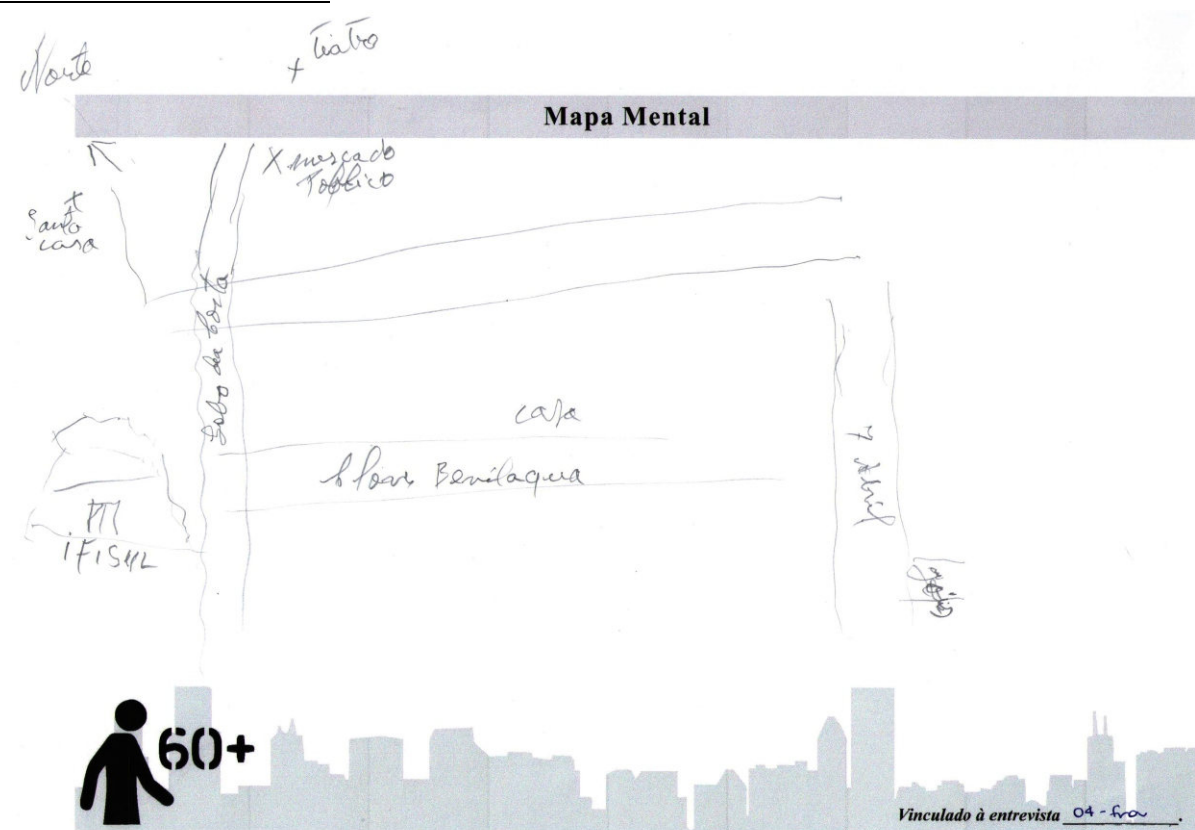
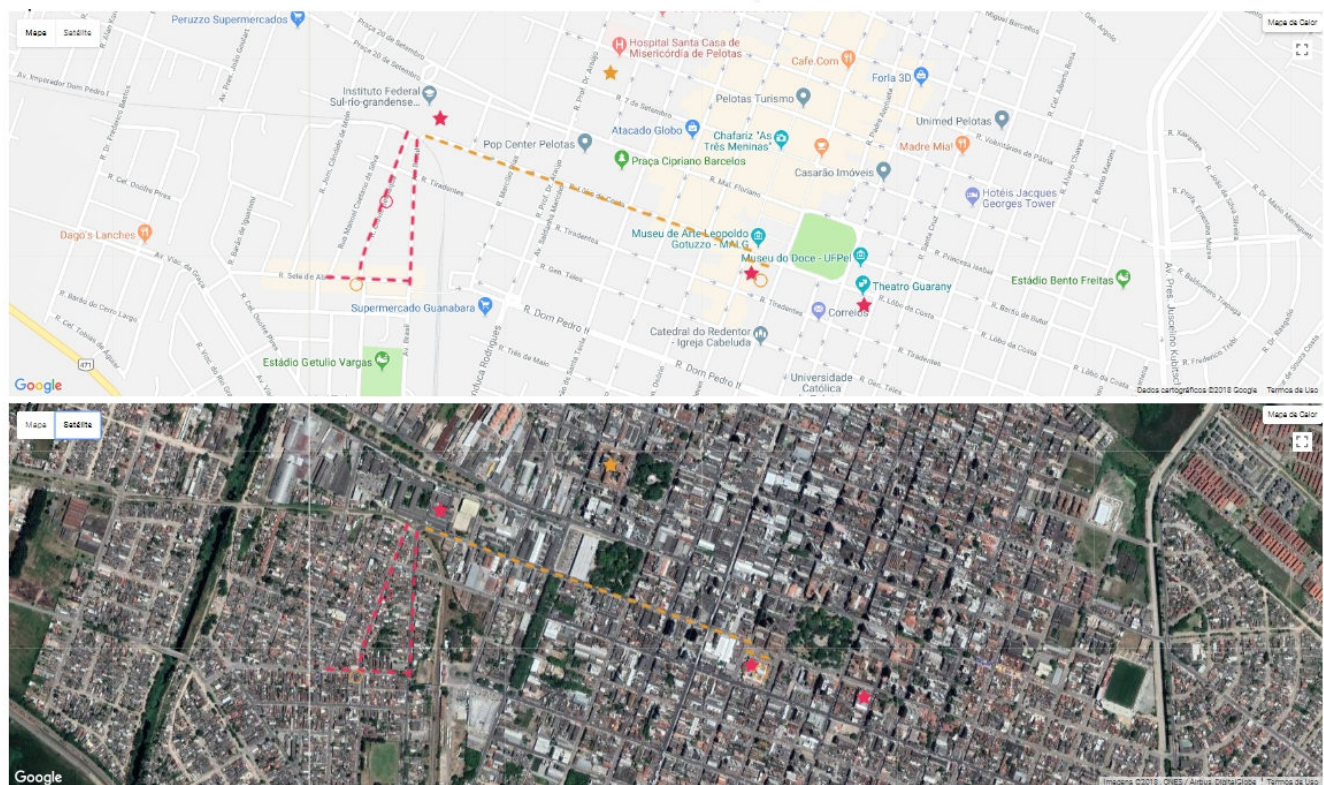
Dados gerais	Dados do voluntário
--------------	---------------------

Mapa Mental:	04-fra
Data:	13/07/2017
Duração:	69 minutos

Estrutura: Fraca

Dados do voluntário

Idade:	70 anos
Gênero:	Masculino
Tempo de moradia em Pelotas:	35 anos
Tempo de moradia no bairro:	30 anos
Escolaridade:	Alfabetizado



Mapa Mental

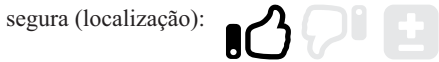
Onde vai com maior frequência?

supermercado

tempo de deslocamento: 10 minutos

meio de transporte: a pé

sim não s/n



Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção Locais de Destaque

Casa onde mora	1ª	1ª	Praça Cel. P. Osório	(saúde)
Canal São Gonçalo	2ª	2ª	Parque da Baronesa	(saúde)
Via Férrea	3ª	3ª	Praia do Laranjal	(prosperidade)
Av. Duque de Caxias	4ª			
Esc. Técnica Pelotense	5ª			

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas Descrições Negativas

Uma cidade muito cultural. O vandalismo está che
Uma cidade muito bonita para morar. lugar, não é só aqui.

O vandalismo está chegando em qualquer lugar, não é só aqui.
Não podemos mais sair à noite.
Com pouco emprego.

Identificação de Elementos do Passado

Escola Técnica Pelotense.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim não s/n



acessível

confortável

atrativa

bonita

legível

Você acha o bairro Fragata:

sim não s/n



acessível

confortável

atrativo

bonito

legível

Registro Fotográfico



Inserções: Dados Quantitativos

Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros
	01		0		02		01	0
	02		10		01		0	
	0		0		0		0	

Dados gerais

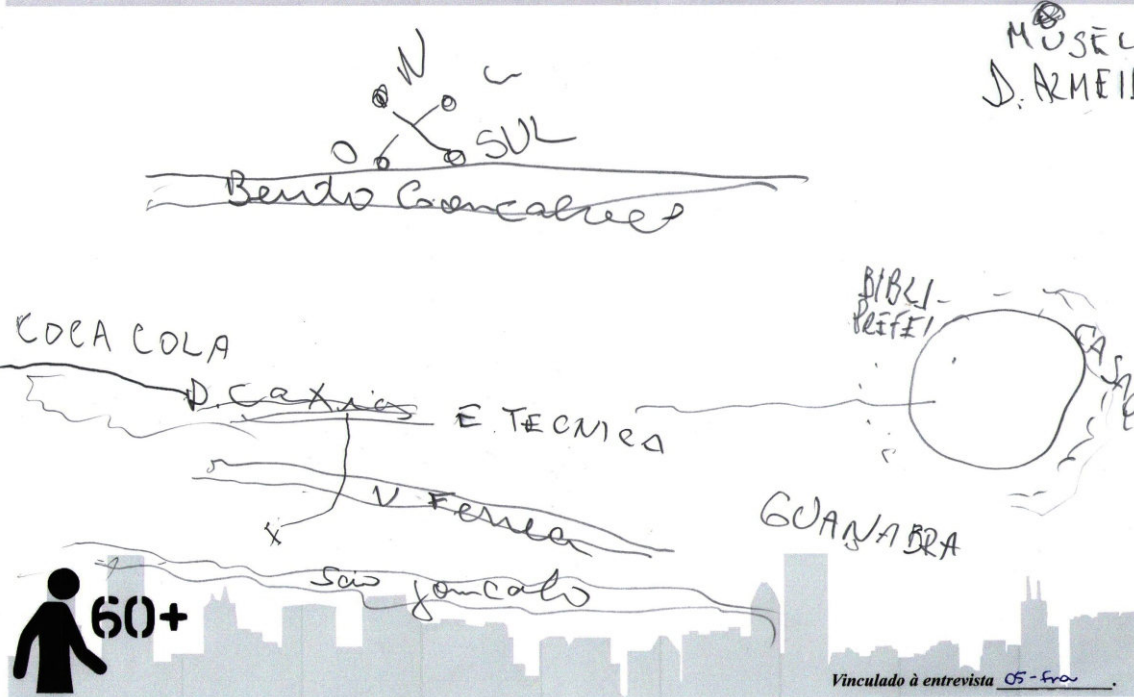
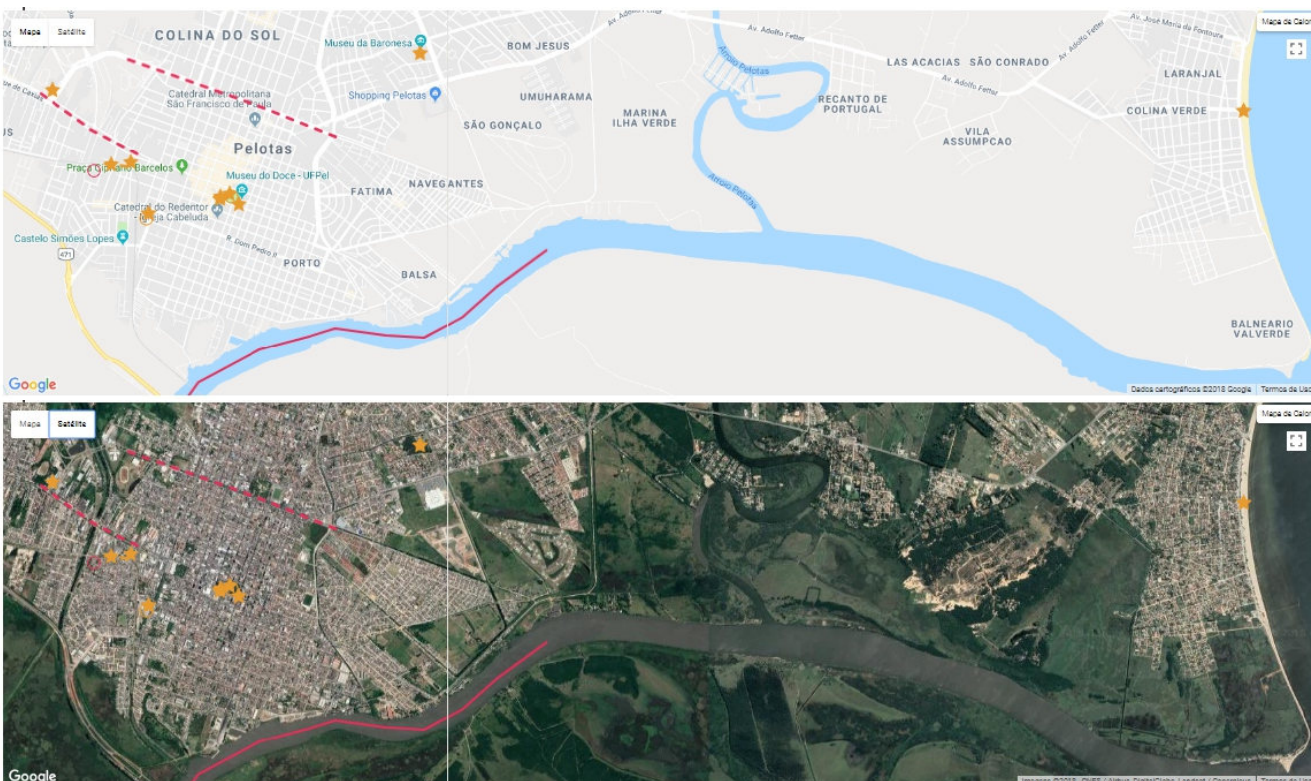
Mapa Mental: 05-fra
Data: 18/07/2017
Duração: 32 minutos

Estrutura: **Fraca**

Dados do voluntário

Idade:	74 anos
Gênero:	Masculino
Tempo de moradia em Pelotas:	74 anos
Tempo de moradia no bairro:	3 anos
Escolaridade:	Ginásio incompleto

Mapa Mental



Mapa Mental

Onde vai com maior frequência?

sim não s/n

meio de transporte: ônibus



Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Centro	1 ^a	1 ^a	Centro
Porto	2 ^a		
Navegantes	3 ^a		
Areal	4 ^a		
Três Vendas	5 ^a		

(paz)

A Imagem da Cidade

Pelotas não é tão ruim mas falta muita coisa.
Falta segurança.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção



Registro Fotográfico



Inserções: Dados Quantitativos

Bairros

06

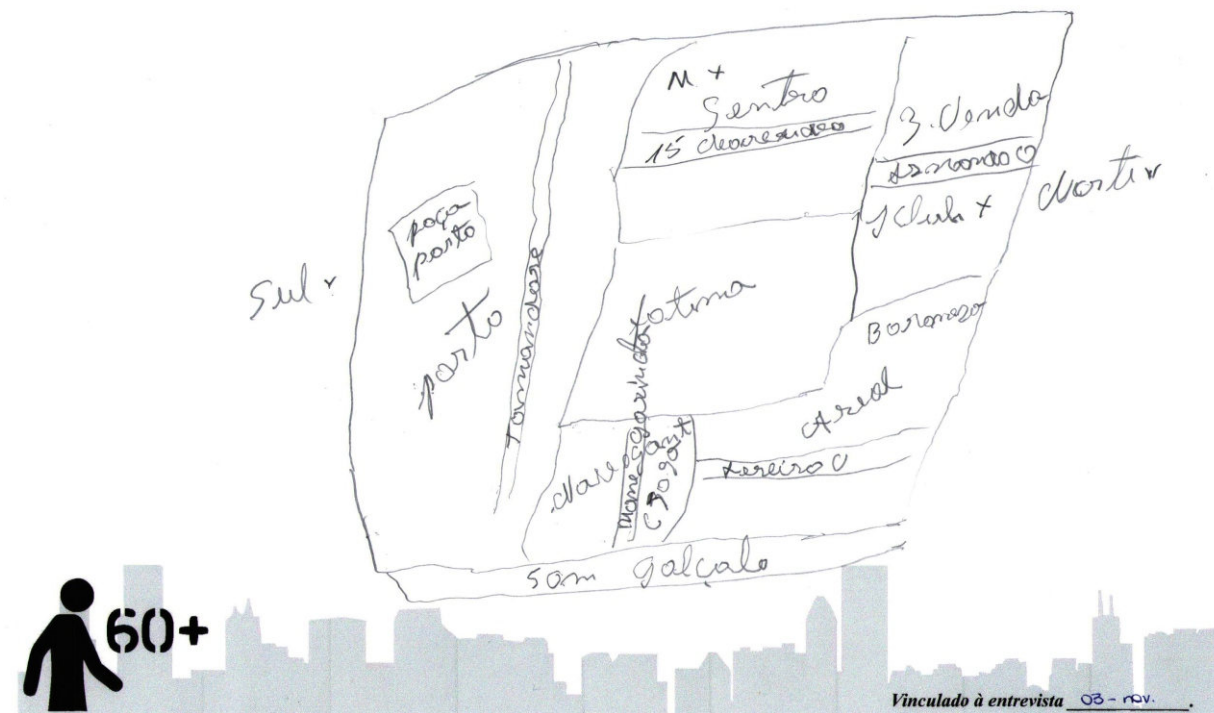
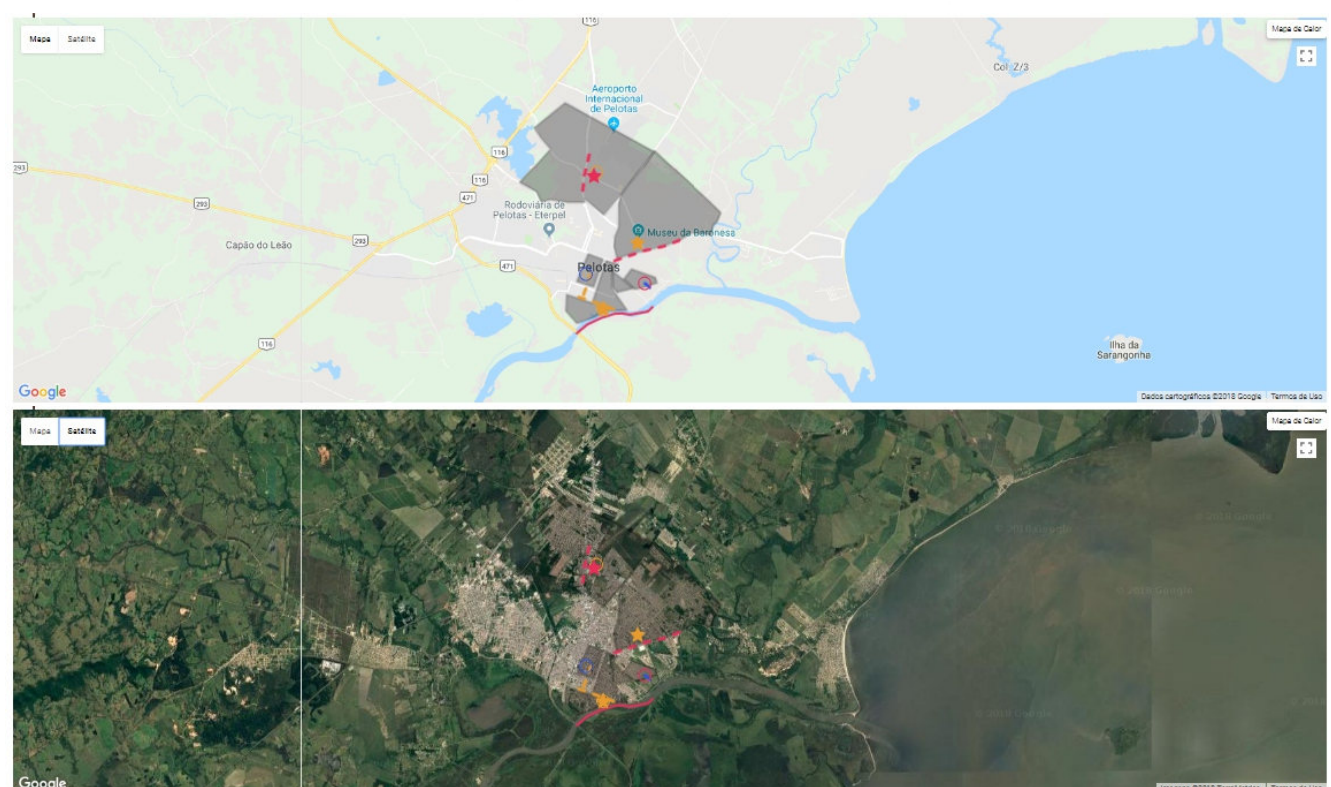
Dados gerais

Estrutura: Moderada

Dados do voluntário

Escolaridade:	Primário completo
---------------	-------------------

Mapa Mental



Onde vai com maior frequência?

igreja

tempo de deslocamento: 20 minutos

meio de transporte: a pé

sim

não

s/n

segura (localização):

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção

Locais de Destaque

Casa onde mora

1ª

1ª

Mercado Público

(não soube dizer)

Rua Lázaro Zamenhoff

2ª

2ª

Catedral S.F. de Paula

(paz)

Campo de Futebol

3ª

3ª

Prefeitura

(não soube dizer)

Supermercado BIG

4ª

Avenida Bento Gonçalves

5ª

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Descrições Negativas

Praia, shopping, praça, etc.
Tem a FENADOCE uma vez por ano.

Cidade muito simples.
Muito parada.
Simples, pobre, não tem muita coisa.
Não tem o que fazer.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim

não

s/n

segura

acessível

confortável

atrativa

bonita

legível

Você acha o bairro São Gonçalo:

sim

não

s/n

seguro

acessível

confortável

atrativo

bonito

legível

Registro Fotográfico

Mapa Mental

Mapa Mental

Minha casa

Lázaro Zamenhoff

Campo de futebol

AV. Bento Gonçalves

Ma. D.

Centro

Comunidade de São Gonçalo

Logradouro Zamenhoff

Mini Mercado

Moto Taxi

Igreja católica

Posto Médico

No

60+

Vinculado à entrevista 04-nav

Inserções: Dados Quantitativos

Nós

Marcos

Caminhos

Limites

Bairros

01

★

0

01

01

02

★

02

02

0

0

02

★

04

01

0

0

266

Onde vai com maior frequência?

banco

tempo de deslocamento: 17,50 minutos

meio de transporte: ônibus

sim não s/n

segura (localização):    

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção Locais de Destaque

Casa onde mora	1ª	1ª	Praça Cel. P. Osório	(saude)
Rua Ney Gusmão	2ª	2ª	Avenida Dom Joaquim	(alegria)
Posto/UBAI	3ª	3ª	Praia do Laranjal	(alegria)
Rua Darcy Vargas	4ª			
Rua Salvador Balreira	5ª			

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Descrições Negativas

Eu amo a minha cidade.
É uma cidade simples, baixa e plana.
É uma cidade boa, agradável, tranqüila de
morar.

Não tem muito o que visualizar.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim não s/n

segura

acessível

confortável   

atractiva

bonita

legível

Você acha o bairro São Gonçalo:

sim não s/n

seguro

acessível

confortável

atractivo

bonito

legível

Registro Fotográfico



Inserções: Dados Quantitativos

Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros
	01		03		02		0	0
	07		04		11		0	
	07		02		06		0	

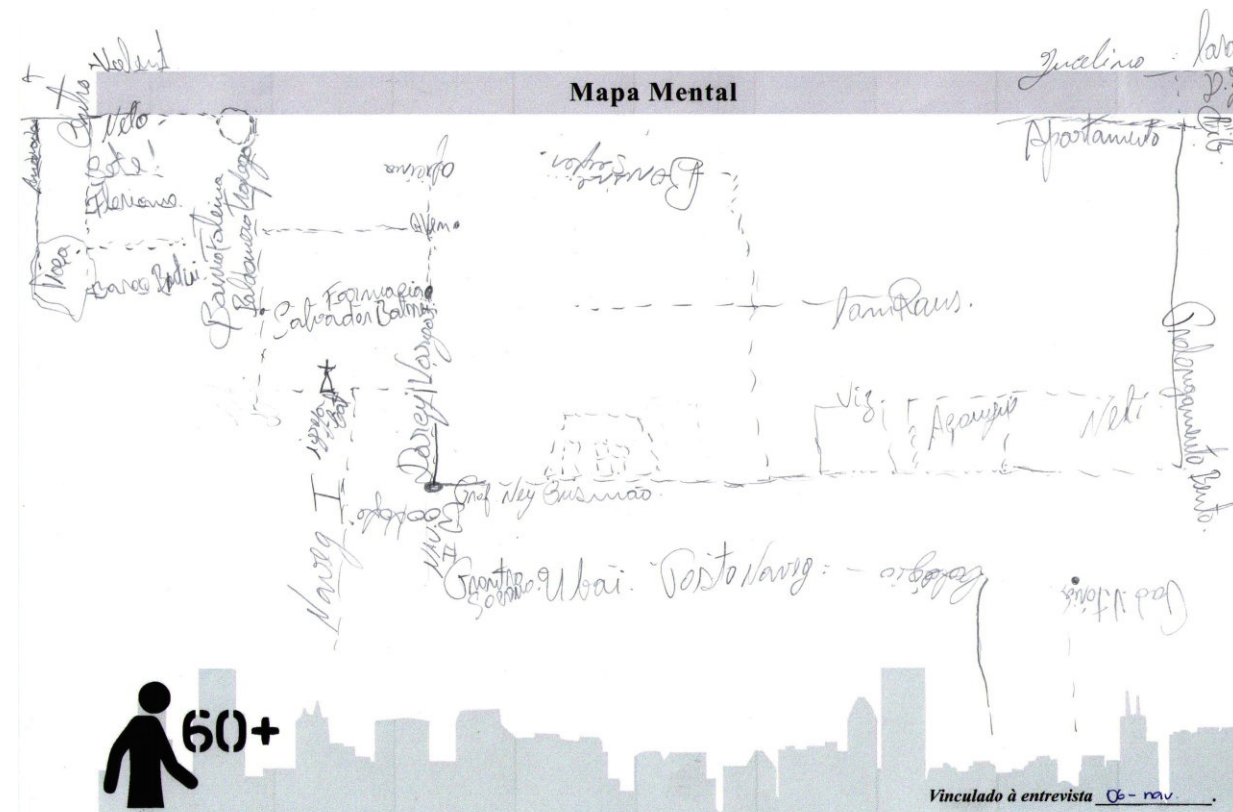
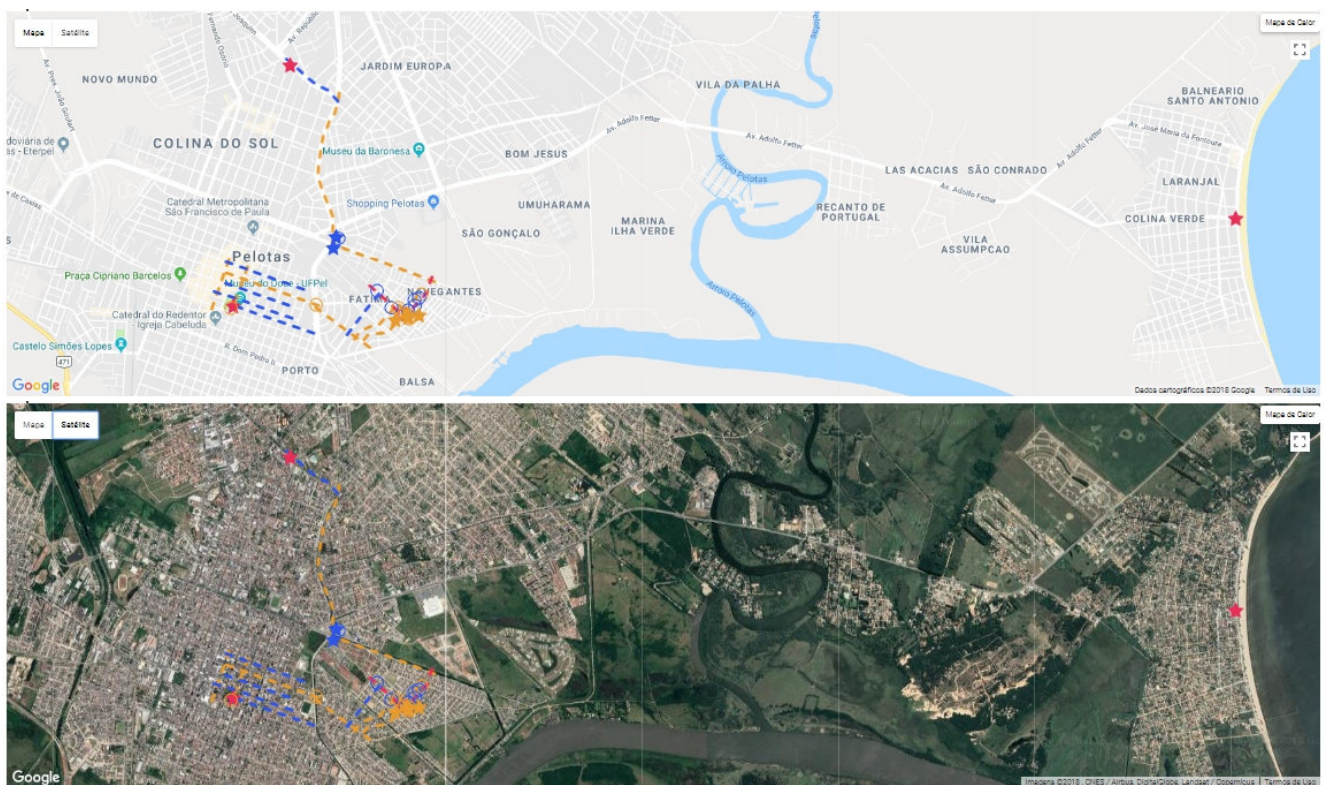
Dados gerais	Dados do voluntário
--------------	---------------------

Mapa Mental:	06-nav
Data:	05/04/2017
Duração:	120 minutos

Estrutura: Forte

Dados do voluntário

Idade:	65 anos
Gênero:	Feminino
Tempo de moradia em Pelotas:	65 anos
Tempo de moradia no bairro:	23 anos
Escolaridade:	Ginásio incompleto



Mapa Mental

Onde vai com maior frequência?

igreja

tempo de deslocamento: 20 minutos

meio de transporte: a pé

segura (localização):

sim

não

s/n

👍

👎

+

Ordem de Inserção e Locais de Destaque

Ordem de Inserção	Locais de Destaque
Com. Coração de Jesus	1ª 1ª Cemitério (saudade)
Rua Lázaro Zamenhoff	2ª 2ª Praia do Laranjal (remorso)
Rua Mário Requião	3ª 3ª Catedral S.F. de Paula (emoção)
Casa onde mora	4ª
Posto/UBAI	5ª

A Imagem da Cidade

Descrições Positivas

Já me lembro de uma bola.
É bem plana e bem bonita.
Tem a Baronesa, a Catedral.

Descrições Negativas

Mas é toda igual.
Não tem muito, não.

Identificação de Elementos do Passado

Não há referência ao passado.

Percepção

Você acha Pelotas uma cidade:

sim

não

s/n

segura

👍

👎

+

acessível

👍

👎

+

confortável

👍

👎

+

atrativa

👍

👎

+

bonita

👍

👎

+

legível

👍

👎

+

Você acha o bairro São Gonçalo:

sim

não

s/n

seguro

👍

👎

+

acessível

👍

👎

+

confortável

👍

👎

+

atrativo

👍

👎

+

bonito

👍

👎

+

legível

👍

👎

+

Registro Fotográfico

Não há registro fotográfico.

Inserções: Dados Quantitativos									
Nós		Marcos		Caminhos		Limites		Bairros	
○	01	★	0	---	01	—	0	0	
○	02	★	02	---	07	—	0		
○	02	★	02	---	02	—	0		

Dados gerais

Mapa Mental: 07-nav
Data: 18/04/2017
Duração: 43 minutos

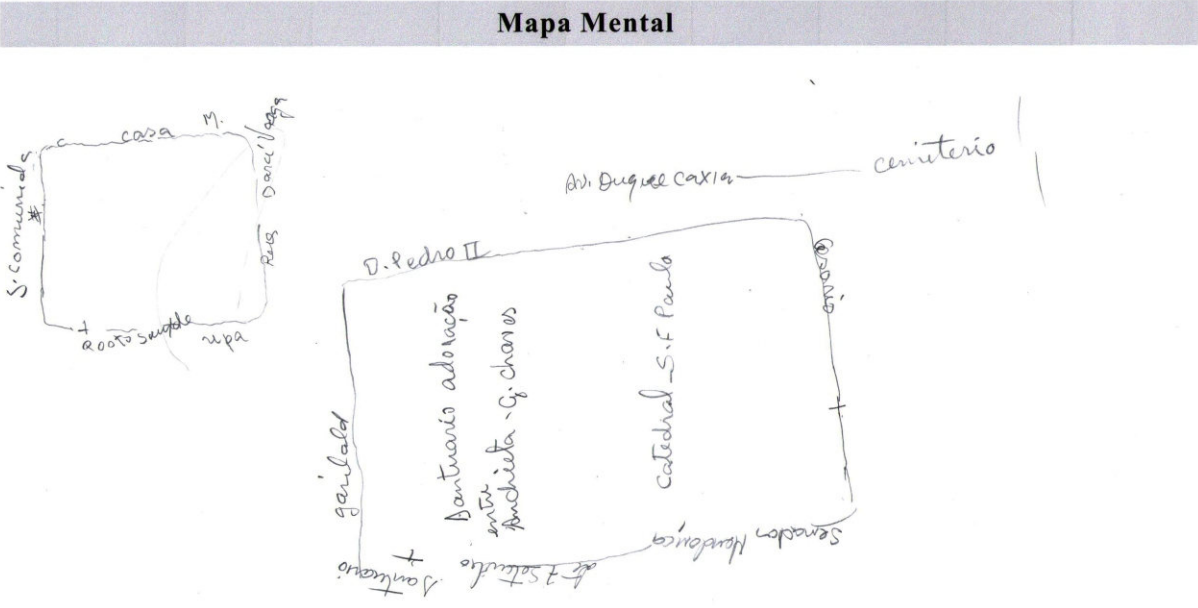
Estrutura:

Fraca

Dados do voluntário

Idade: 80 anos
Gênero: Feminino
Tempo de moradia em Pelotas: 60 anos
Tempo de moradia no bairro: 32 anos
Escolaridade: Primário completo

Mapa Mental

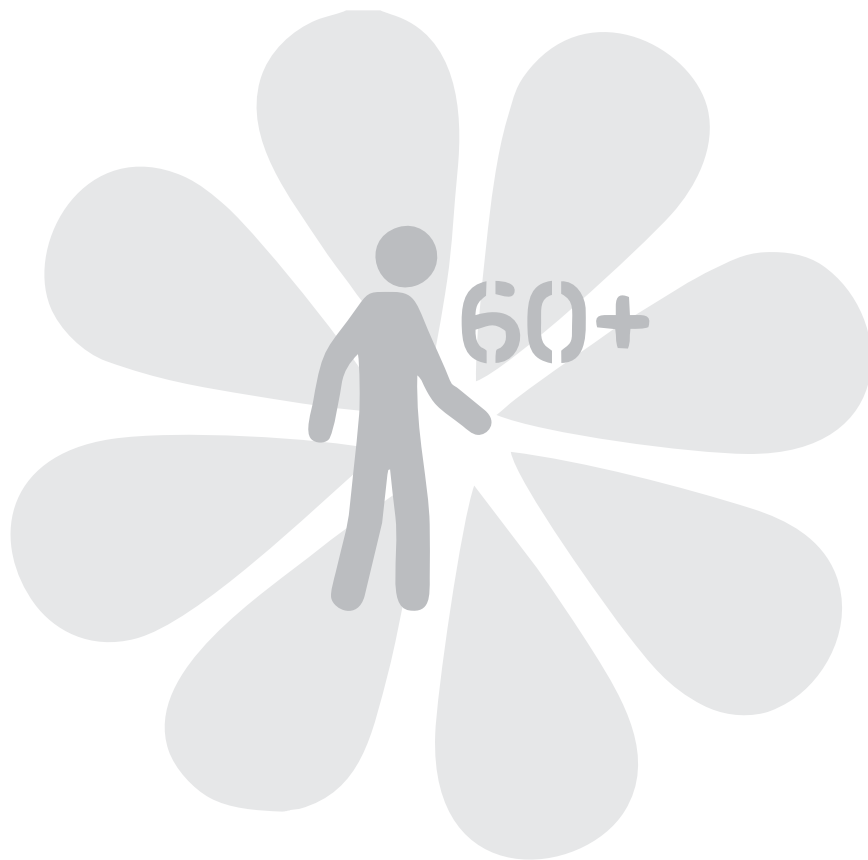


60+

Vinculado à entrevista 07 - nav.

269

LEVANTAMENTO FÍSICO



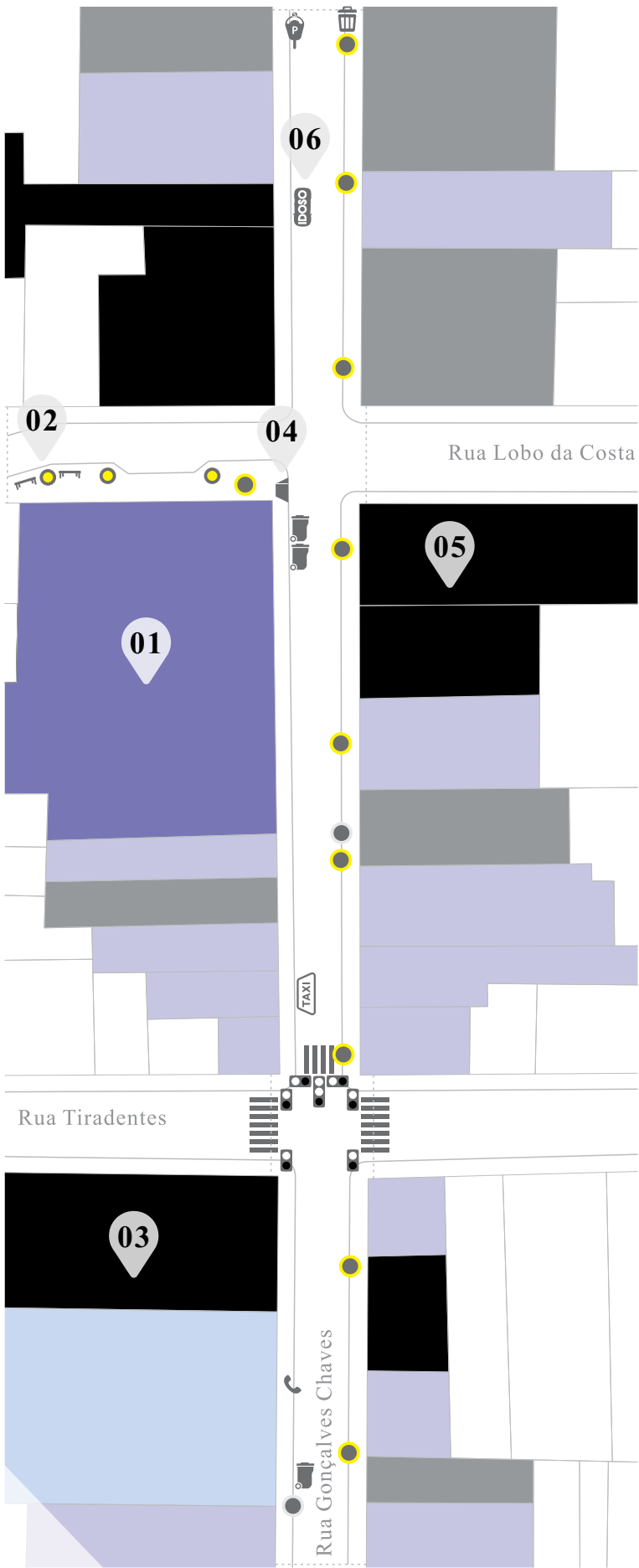
Perfil Urbano

Uso do Solo	unid.	%	gráfico
loais de consumo e bens de serviços	14	50	
residencial	06	21	
centro religioso	0	0	
loais de lazer e prática de at. física	01	04	
centro comercial	0	0	
institucional	01	04	
sem uso	06	21	
total	28	100	

Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			
equipamentos para acessibilidade			Há somente uma rampa de acessibilidade.
equipamentos de trânsito			
loais distribuidores de fluxo social			Apesar da existência de posto de táxi, não há ponto de ônibus.
limpeza urbana			
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



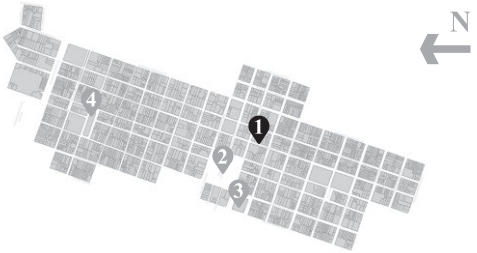
Dados gerais

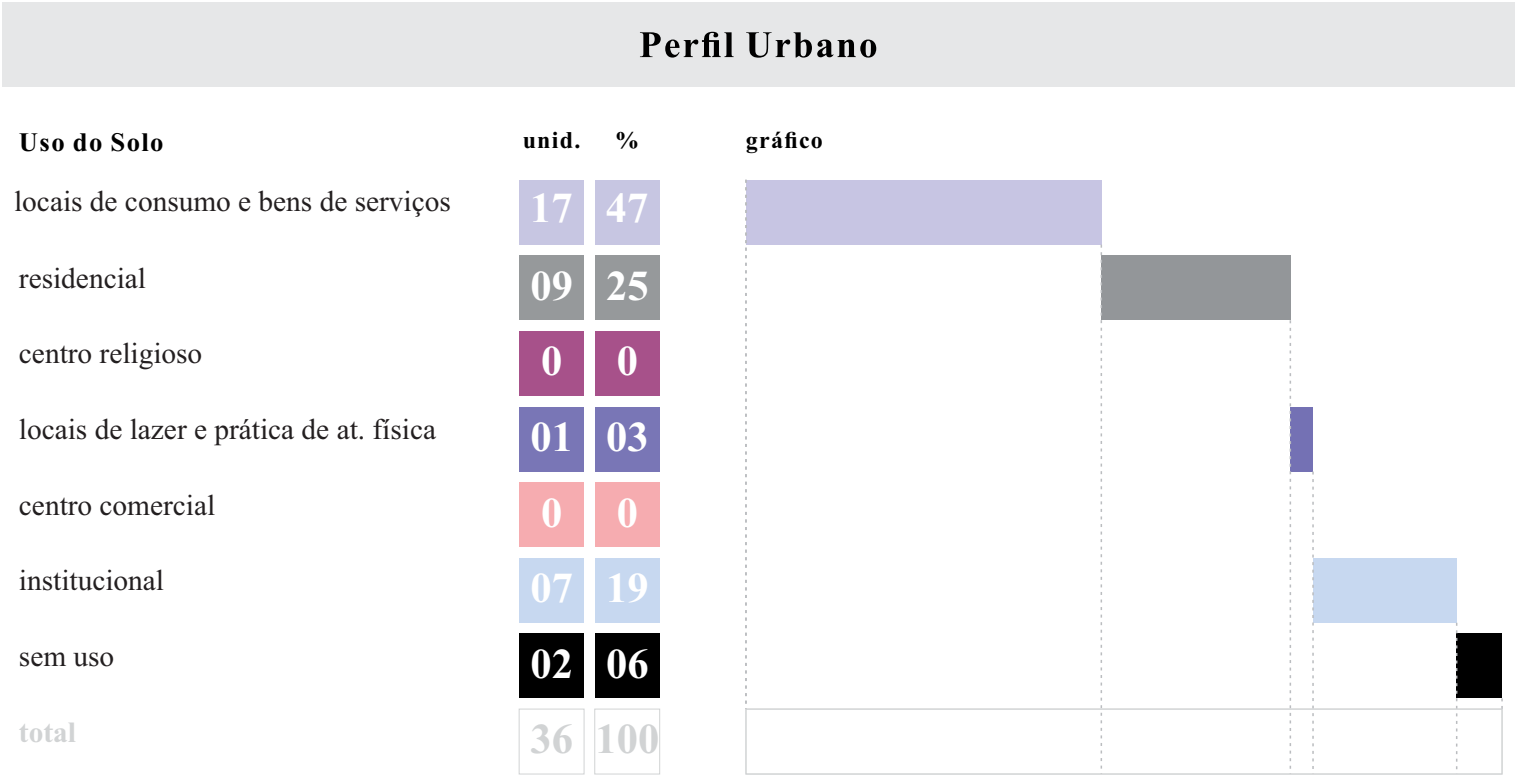
Levant. Físico: C01
Data: 13/03/2018

Legenda

- Uso do Solo**
- loais de consumo e bens de serviços
 - residencial
 - centro religioso
 - loais de lazer e prática de at. física
 - centro comercial
 - institucional
 - sem uso
- Elementos Urbanos**
- poste de luz
 - poste de energia elétrica
 - luminária
 - lixeira pública
 - container público (lixo)
 - ponto de táxi
 - rampa de acessibilidade
 - faixa de segurança
 - banco
 - parquímetro
 - vaga de veículo para idosos
 - telefone público (orelão)
 - semáforo para condutores
 - semáforo para pedestres

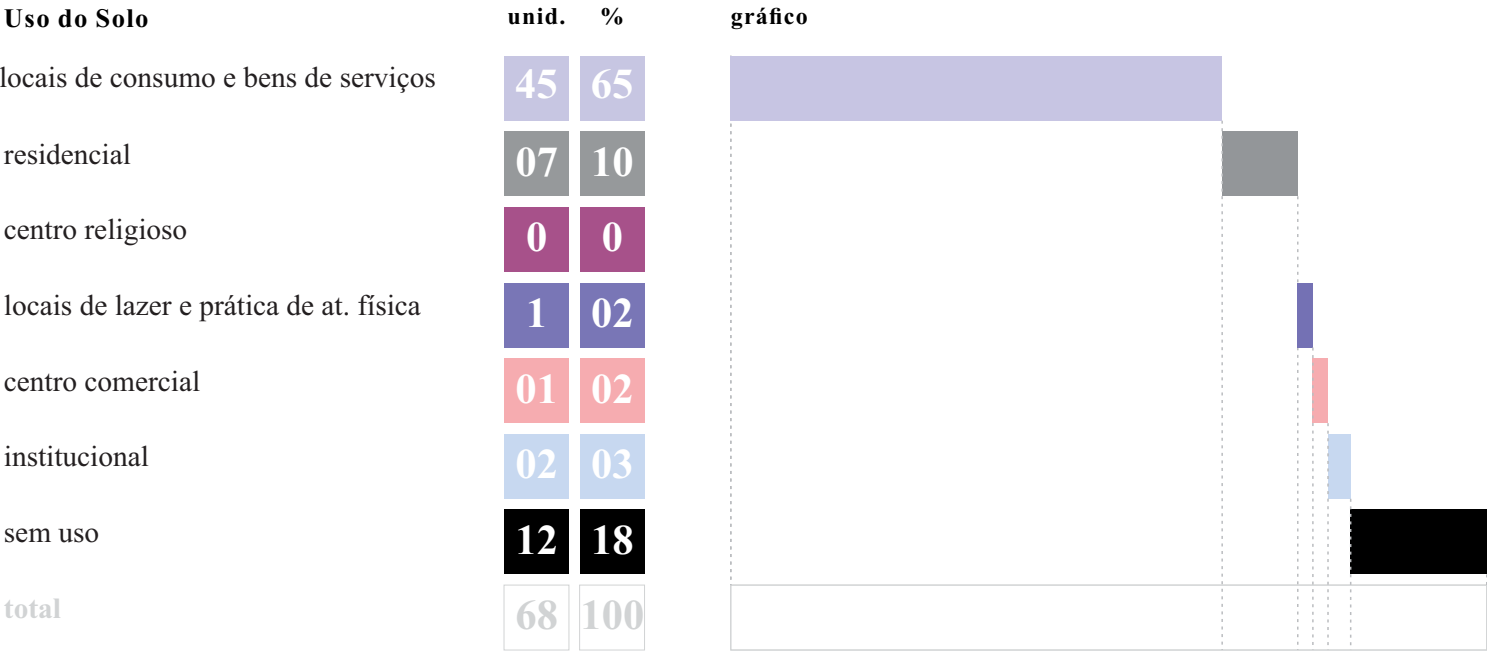
Localização





Observação: A Praça Coronel Pedro Osório é considerada «local de lazer».

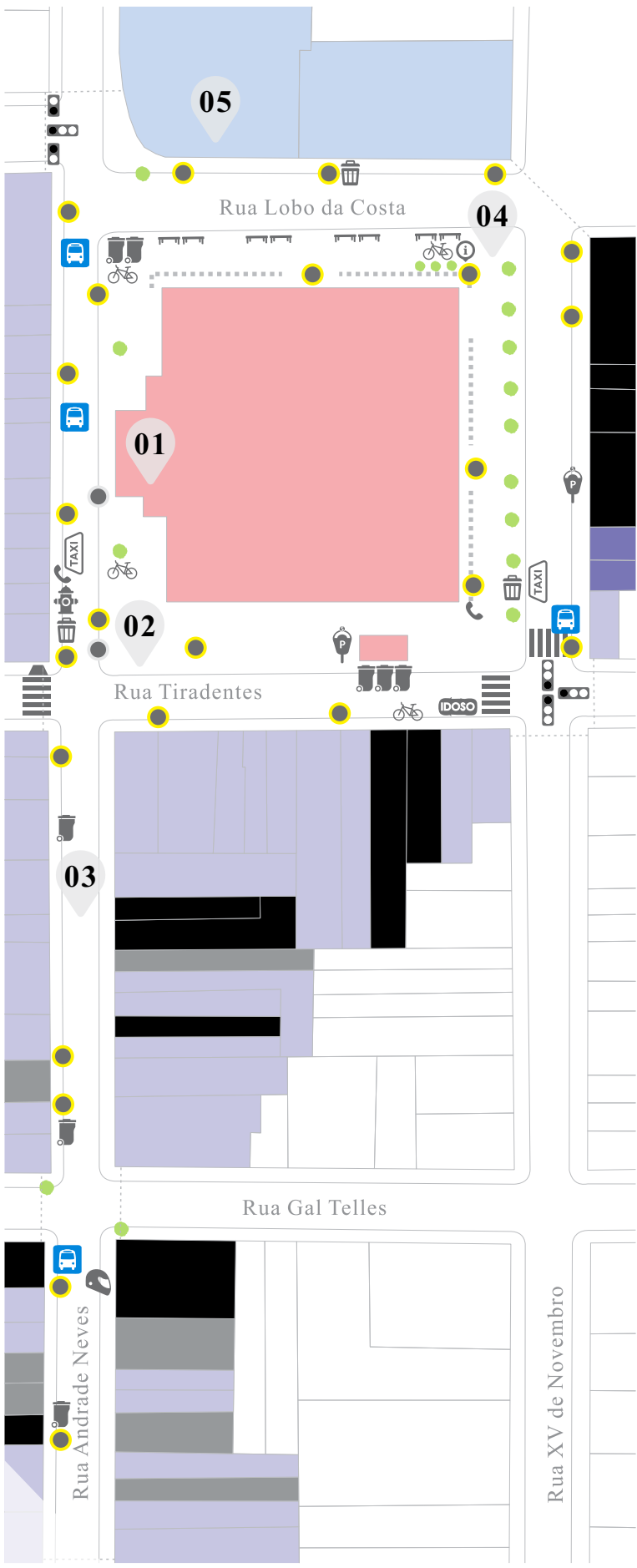
Perfil Urbano



Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			
equipamentos para acessibilidade			Há somente uma rampa de acessibilidade.
equipamentos de trânsito			
locais distribuidores de fluxo social			
limpeza urbana			
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

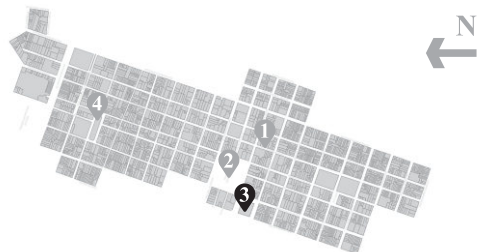
Levant. Físico: C03
Data: 22/03/2018

Legenda

- Uso do Solo**
- locais de consumo e bens de serviços
 - residencial
 - centro religioso
 - locais de lazer e prática de at. física
 - centro comercial
 - institucional
 - sem uso

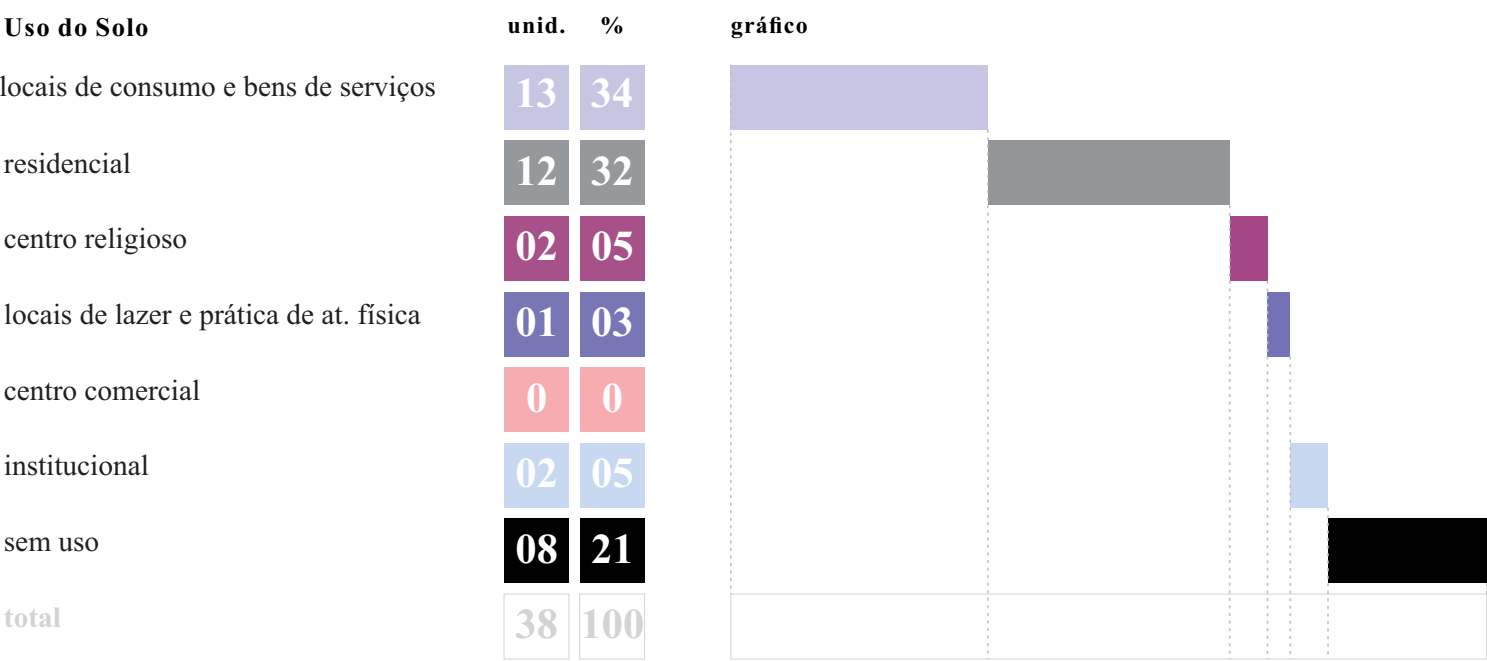
- Elementos Urbanos**
- poste de luz
 - poste de energia elétrica
 - ponto de moto táxi
 - lixeira pública
 - container público (lixo)
 - ponto de táxi
 - rampa de acessibilidade
 - bicicletário
 - hidrante
 - faixa de segurança
 - banco
 - parquímetro
 - vaga de veículo para idosos
 - telefone público (orelão)
 - semáforo para condutores
 - ponto de ônibus
 - informações turísticas

Localização



Observação: O Mercado Público também é considerado «local de lazer».

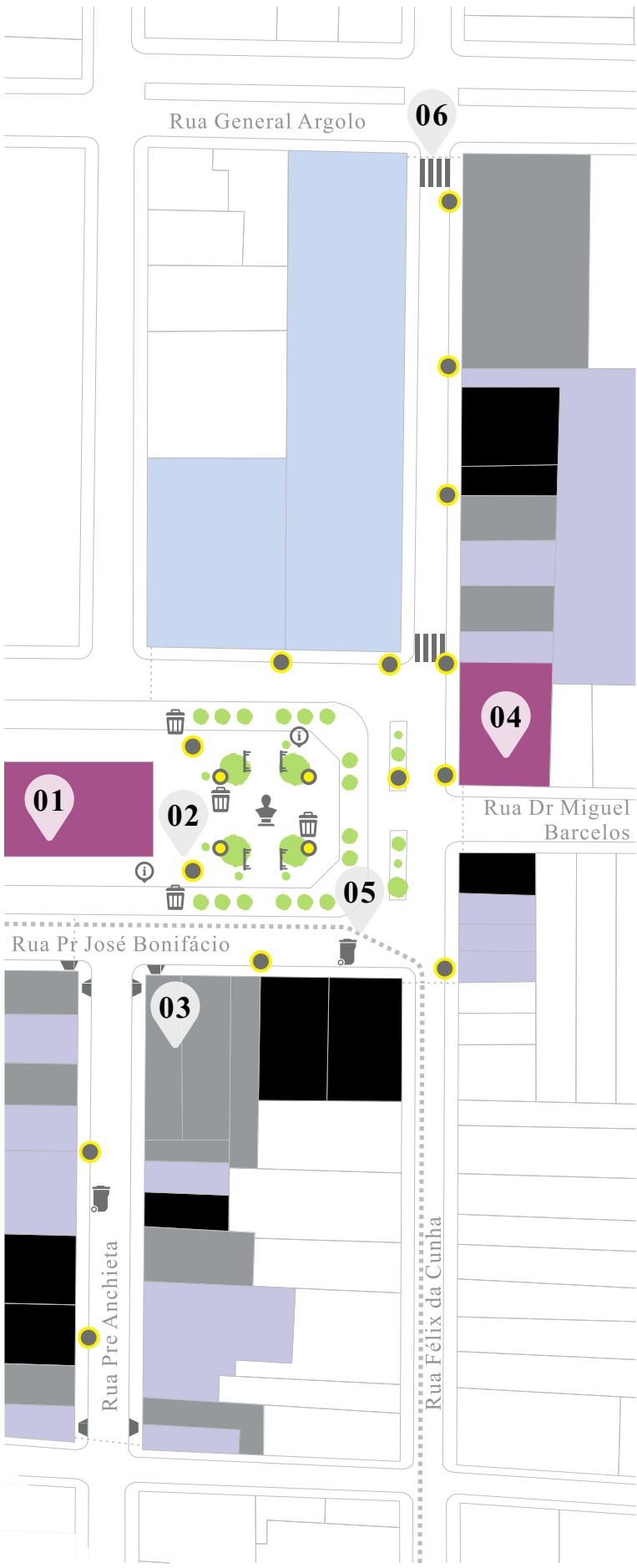
Perfil Urbano



Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			
equipamentos para acessibilidade			Não há rampa de acesso à Praça José Bonifácio.
equipamentos de trânsito			
loais distribuidores de fluxo social			Não há locais distribuidores de fluxo social.
limpeza urbana			
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

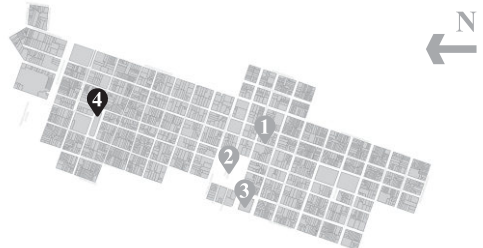
Levant. Físico: C04
Data: 13/03/2018

Legenda

- Uso do Solo
- loais de consumo e bens de serviços
 - residencial
 - centro religioso
 - loais de lazer e prática de at. física
 - centro comercial
 - institucional
 - sem uso

- Elementos Urbanos
- poste de luz
 - luminária
 - lixeira pública
 - container público (lixo)
 - monumento
 - rampa de acessibilidade
 - faixa de segurança
 - banco
 - informações turísticas
 - árvore
 - ciclovvia

Localização



Observação: A Praça José Bonifácio é considerada «local de lazer».

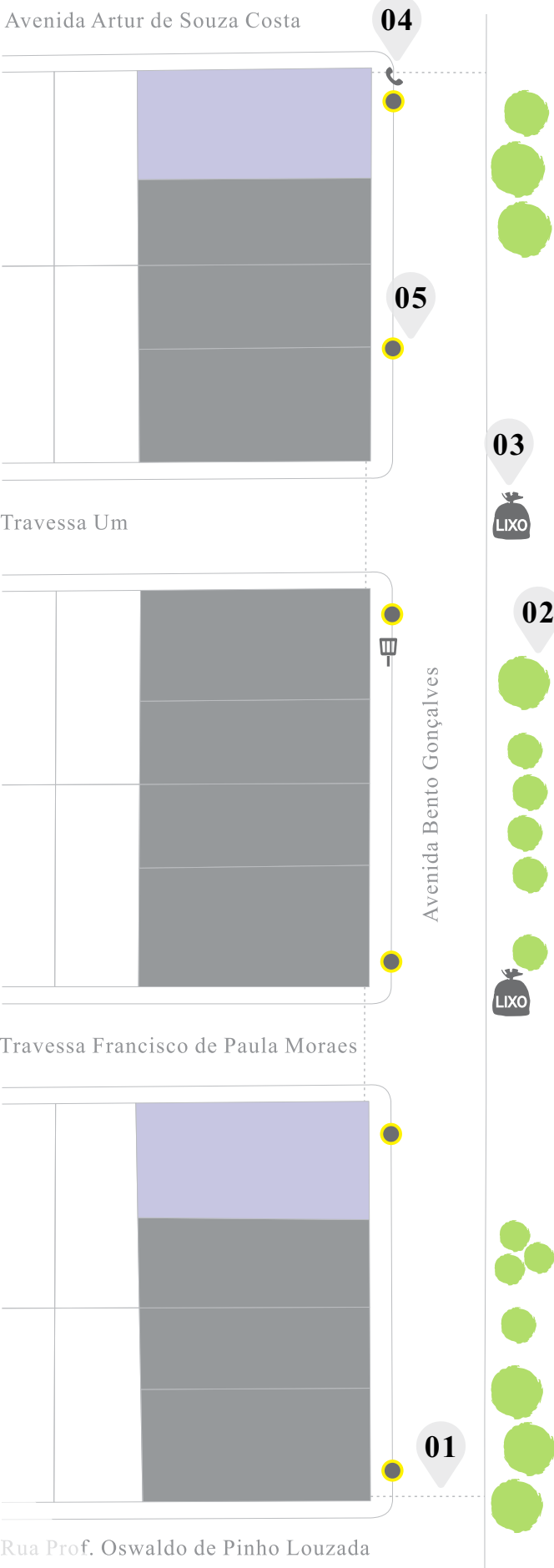
Perfil Urbano

Uso do Solo	unid.	%	gráfico
locais de consumo e bens de serviços	02	17	
residencial	10	83	
centro religioso	0	0	
locais de lazer e prática de at. física	0	0	
centro comercial	0	0	
institucional	0	0	
sem uso	0	0	
total	12	100	

Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			Os únicos equipamentos encontrados foram os postes de iluminação pública.
equipamentos para acessibilidade			Não há equipamentos para acessibilidade.
equipamentos de trânsito			Não há equipamentos de trânsito.
locais distribuidores de fluxo social			Não há locais distribuidores de fluxo social.
limpeza urbana			Não há lixeiras públicas e há pontos de lixo espalhado no local.
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

Levant. Físico: N01
Data: 13/03/2018

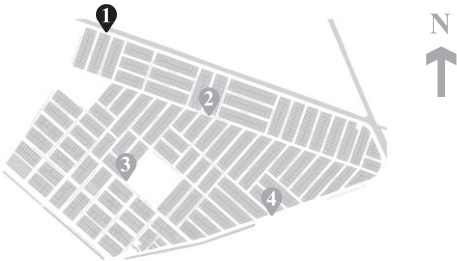
Legenda

- Uso do Solo
- locais de consumo e bens de serviços
 - residencial
 - centro religioso
 - locais de lazer e prática de at. física
 - centro comercial
 - institucional
 - sem uso

Elementos Urbanos

- poste de luz
- árvore
- lixeira particular
- acúmulo de lixo
- telefone público (orelão)
- vala de drenagem

Localização



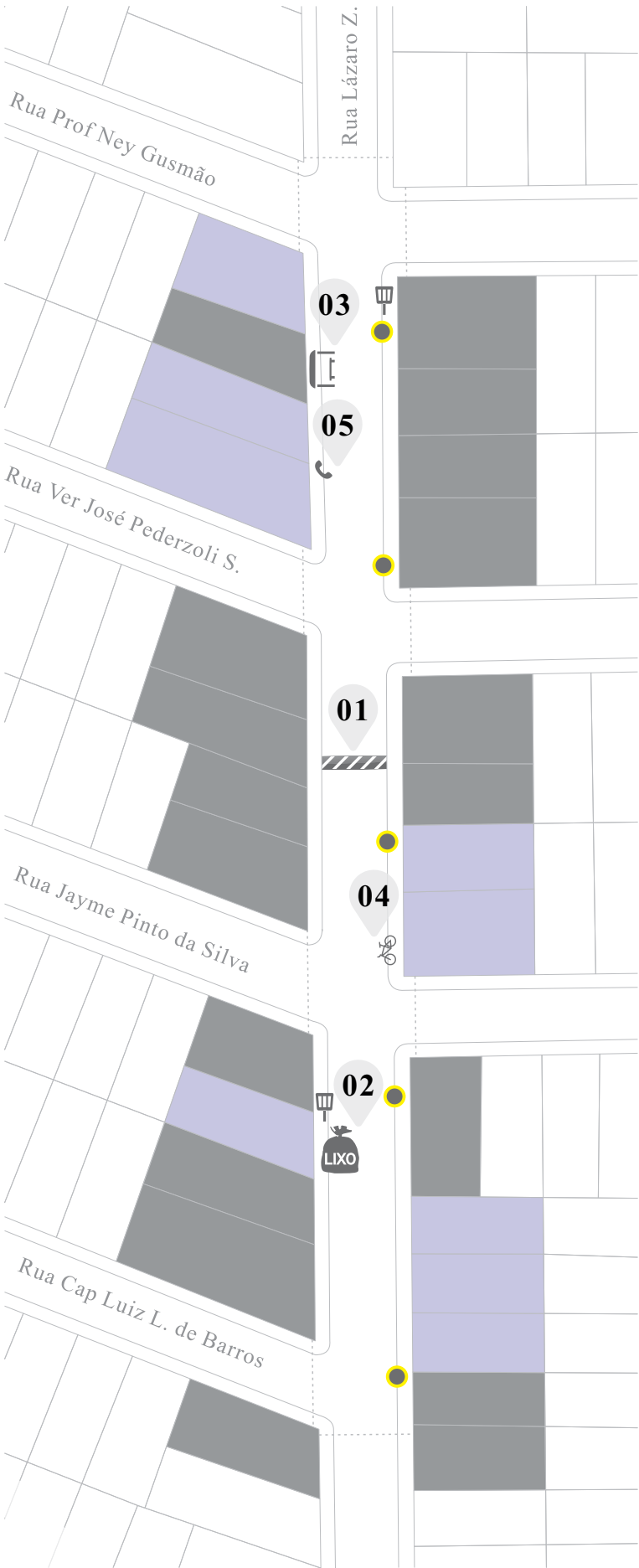
Perfil Urbano

Uso do Solo	unid.	%	gráfico
locais de consumo e bens de serviços	09	33	
residencial	18	67	
centro religioso	0	0	
locais de lazer e prática de at. física	0	0	
centro comercial	0	0	
institucional	0	0	
sem uso	0	0	
total	27	100	

Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			Os únicos equipamentos encontrados foram os postes de iluminação pública e um telefone público (orelhão).
equipamentos para acessibilidade			Não há equipamentos para acessibilidade.
equipamentos de trânsito			Há somente uma lombada.
locais distribuidores de fluxo social			
limpeza urbana			Não há lixeiras públicas e há pontos de lixo espalhado no local.
elementos naturais			Não há elementos naturais.

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

Levant. Físico: N02
Data: 13/03/2018

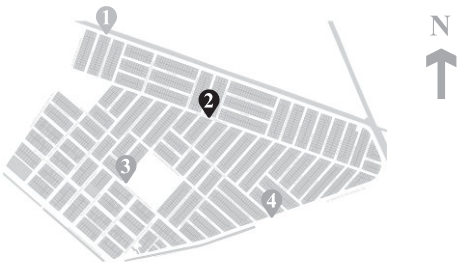
Legenda

- Uso do Solo
- locais de consumo e bens de serviços
 - residencial
 - centro religioso
 - locais de lazer e prática de at. física
 - centro comercial
 - institucional
 - sem uso

Elementos Urbanos

- poste de luz
- lombada
- lixeira particular
- acúmulo de lixo
- telefone público (orelhão)
- bicicletário
- parada de ônibus

Localização



Perfil Urbano

Uso do Solo

	unid.	%	gráfico
locais de consumo e bens de serviços	05	12	<div></div>
residencial	27	67	<div></div>
centro religioso	01	02	<div></div>
locais de lazer e prática de at. física	01	02	<div></div>
centro comercial	0	0	<div></div>
institucional	05	12	<div></div>
sem uso	02	05	<div></div>
total	41	100	

Elementos Urbanos

	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio	<div></div>	<div></div>	Os únicos equipamentos encontrados foram os postes de iluminação pública.
equipamentos para acessibilidade	<div></div>	<div></div>	Não há equipamentos para acessibilidade.
equipamentos de trânsito	<div></div>	<div></div>	Há somente uma lombada.
locais distribuidores de fluxo social	<div></div>	<div></div>	Não há locais distribuidores de fluxo social.
limpeza urbana	<div></div>	<div></div>	Não há lixeiras públicas e há pontos de lixo espalhado no local.
elementos naturais	<div></div>	<div></div>	

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



01



03



05



06



02



04

Dados gerais

Levant. Físico:

N03

Data:

13/03/2018

Legenda

Uso do Solo

locais de consumo e bens de serviços

residencial

centro religioso

locais de lazer e prática de at. física

centro comercial

institucional

sem uso

Elementos Urbanos

poste de luz

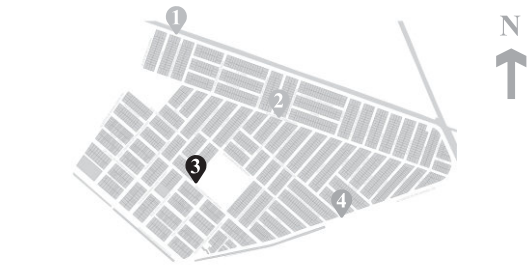
lombada

árvore

acúmulo de lixo

vala de drenagem

Localização



278

Perfil Urbano

Uso do Solo

	unid.	%	gráfico
locais de consumo e bens de serviços	04	9	
residencial	39	87	
centro religioso	0	0	
locais de lazer e prática de at. física	0	0	
centro comercial	0	0	
institucional	0	0	
sem uso	02	04	
total	45	100	

Elementos Urbanos

	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			Os únicos equipamentos encontrados foram dois bancos, os postes de iluminação pública e um telefone público (orelhão).
equipamentos para acessibilidade			Não há equipamentos para acessibilidade.
equipamentos de trânsito			Não há equipamentos de trânsito.
locais distribuidores de fluxo social			Não há locais distribuidores de fluxo social.
limpeza urbana			Não há lixeiras públicas e há pontos de lixo espalhado no local.
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



01



02



03



04



05



06

Dados gerais

Levant. Físico:

N04

Data:

13/03/2018

Legenda

Uso do Solo

locais de consumo e bens de serviços

residencial

centro religioso

locais de lazer e prática de at. física

centro comercial

institucional

sem uso

Elementos Urbanos

poste de luz

banco

árvore

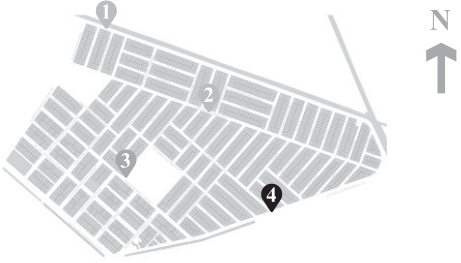
acúmulo de lixo

telefone público (orelhão)

lixeira particular

vala de drenagem

Localização



279

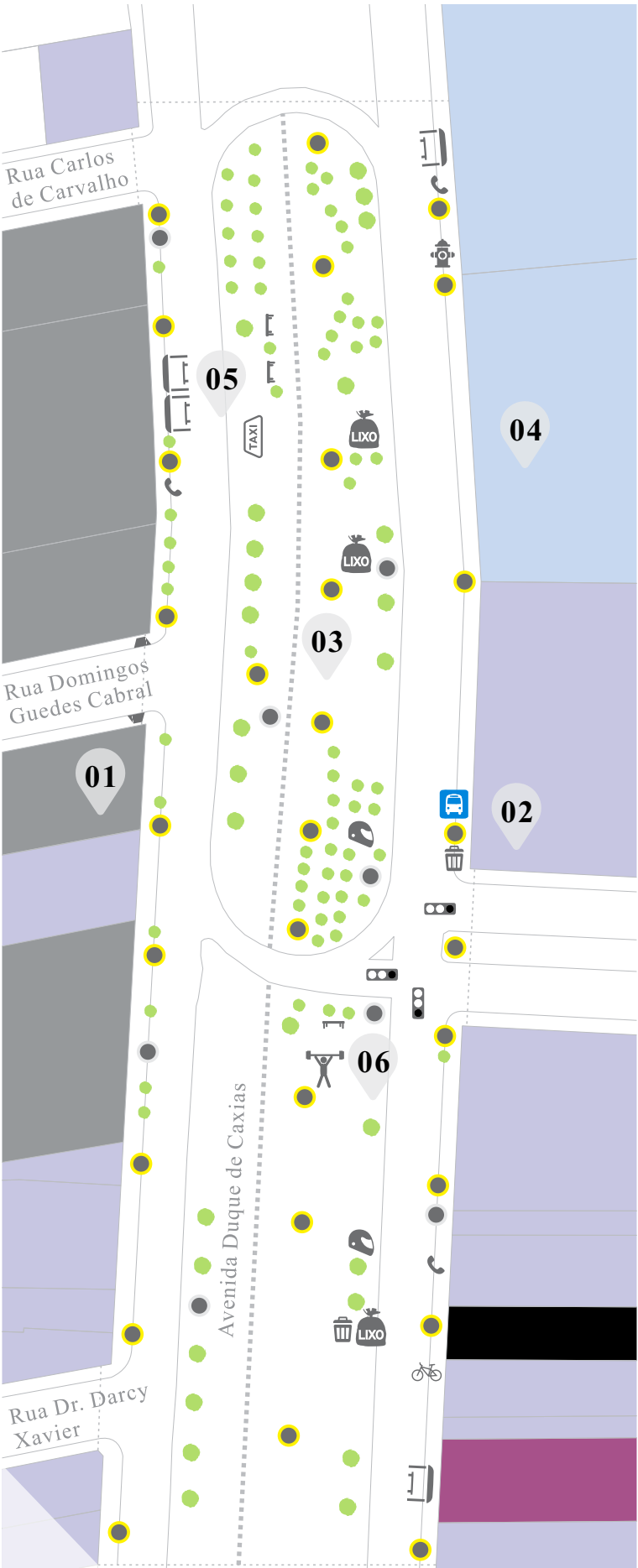
Perfil Urbano

Uso do Solo	unid.	%	gráfico
locais de consumo e bens de serviços	15	66	
residencial	05	22	
centro religioso	01	04	
locais de lazer e prática de at. física	01	04	
centro comercial	0	0	
institucional	0	0	
sem uso	01	04	
total	23	100	

Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			
equipamentos para acessibilidade			Há somente duas rampas de acessibilidade.
equipamentos de trânsito			Não há faixas de seguranças e semáforos para pedestres.
locais distribuidores de fluxo social			
limpeza urbana			Há pontos de lixo espalhado no local.
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

Levant. Físico: F01
Data: 22/03/2018

Legenda

Uso do Solo	
locais de consumo e bens de serviços	
residencial	
centro religioso	
locais de lazer e prática de at. física	
centro comercial	
institucional	
sem uso	

Elementos Urbanos		
poste de luz		academia ao ar livre
poste de energia elétrica		hidrante
lixeira pública		acúmulo de lixo
banco		telefone público (orelão)
ciclovias		semáforo para condutores
árvore		ponto de moto táxi
ponto de ônibus		parada de ônibus
bicicletário		

Localização



Observação: O canteiro da Avenida Duque de Caxias é considerado «local de lazer».

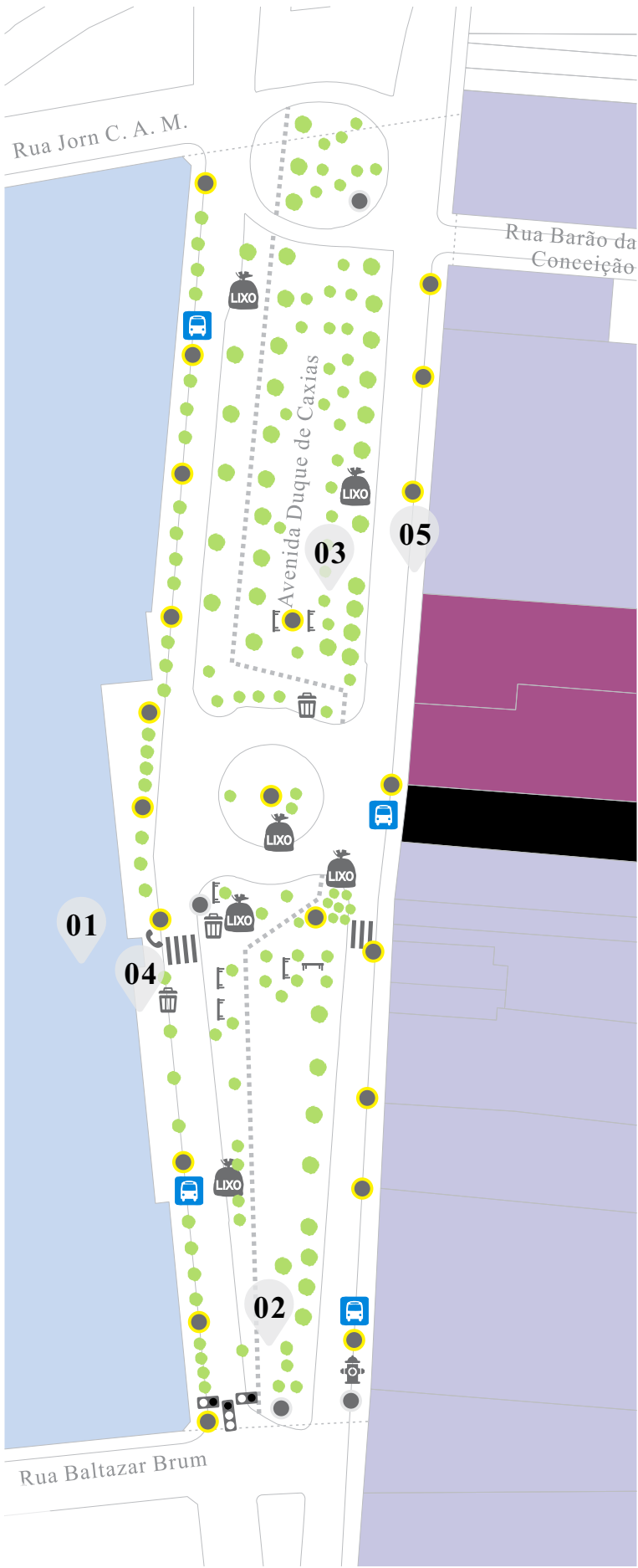
Perfil Urbano

Uso do Solo	unid.	%	gráfico
loais de consumo e bens de serviços	13	72	
residencial	0	0	
centro religioso	02	10	
loais de lazer e prática de at. física	01	06	
centro comercial	0	0	
institucional	01	06	
sem uso	01	06	
total	18	100	

Elementos Urbanos	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			
equipamentos para acessibilidade			Não há equipamentos para acessibilidade.
equipamentos de trânsito			
loais distribuidores de fluxo social			
limpeza urbana			Há pontos de lixo espalhado no local.
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

Levant. Físico: F02
Data: 22/03/2018

Legenda

Uso do Solo		
loais de consumo e bens de serviços		
residencial		
centro religioso		
loais de lazer e prática de at. física		
centro comercial		
institucional		
sem uso		
Elementos Urbanos		
poste de luz		faixa de segurança
poste de energia elétrica		hidrante
lixeira pública		acúmulo de lixo
banco		telefone público (orelão)
ciclovias		semáforo para condutores
árvore		semáforo para pedestres
ponto de ônibus		

Localização



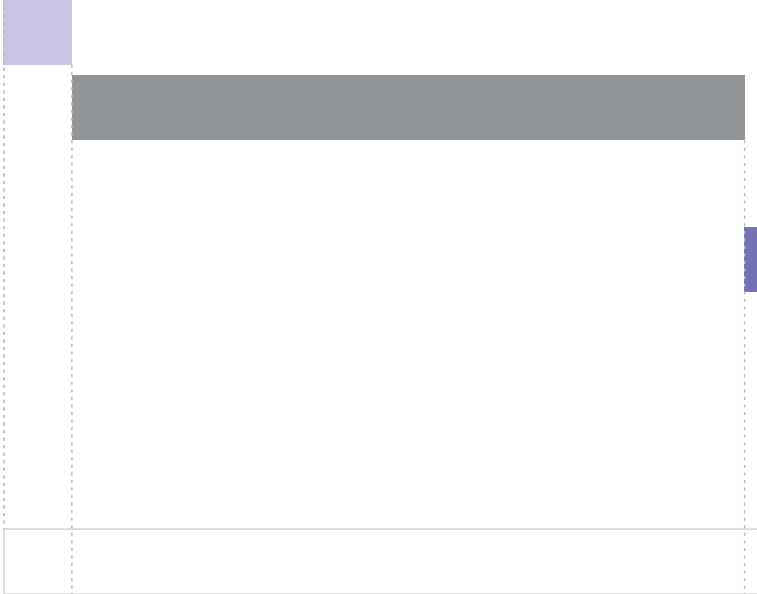
Observação: O canteiro da Avenida Duque de Caxias é considerado «local de lazer».

Perfil Urbano

Uso do Solo

	unid.	%
locais de consumo e bens de serviços	04	09
residencial	42	89
centro religioso	0	0
locais de lazer e prática de at. física	01	02
centro comercial	0	0
institucional	0	0
sem uso	0	0
total	47	100

gráfico



Elementos Urbanos

	*pre.	*aus.	observações
equipamentos e infra-estruturas de apoio			Os únicos equipamentos encontrados foram dois bancos e os postes de iluminação pública.
equipamentos para acessibilidade			Não há equipamentos para acessibilidade.
equipamentos de trânsito			Não há equipamentos de trânsito.
locais distribuidores de fluxo social			Não há locais distribuidores de fluxo social.
limpeza urbana			Não há lixeiras públicas.
elementos naturais			

*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano

Levantamento Fotográfico



Dados gerais

Levant. Físico: F03
Data: 22/03/2018

Legenda

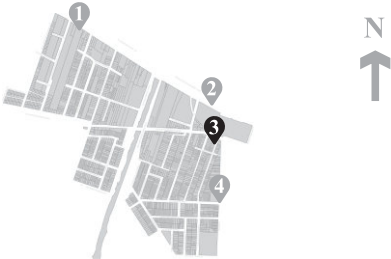
Uso do Solo

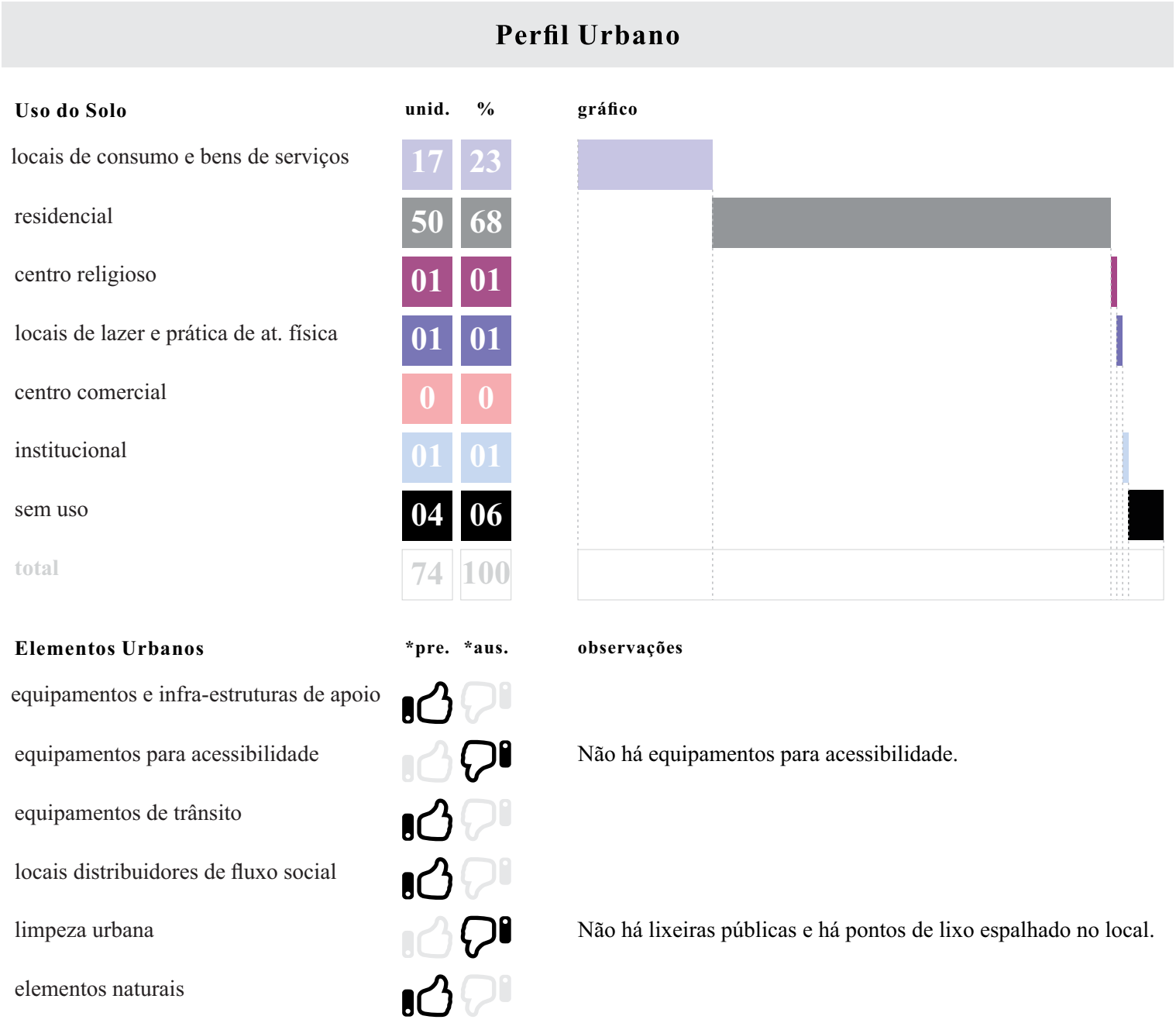
- locais de consumo e bens de serviços
- residencial
- centro religioso
- locais de lazer e prática de at. física
- centro comercial
- institucional
- sem uso

Elementos Urbanos

- poste de luz
- poste de energia elétrica
- lixeira particular
- banco
- leito da via férrea
- árvore

Localização





*pre.: presença de elemento(s) no recorte urbano | *aus.: ausência de elemento(s) no recorte urbano



Dados gerais

Levant. Físico: F04

Data: 22/03/2018

Legenda

Uso do Solo

locais de consumo e bens de serviços

residencial

centro religioso

locais de lazer e prática de at. física

centro comercial

institucional

sem uso

Elementos Urbanos

poste de luz

poste de energia elétrica

ponto de táxi

acúmulo de lixo

parada de ônibus

ponto de ônibus

lixeira particular

faixa de segurança

banco

árvore

passarela para pedestres

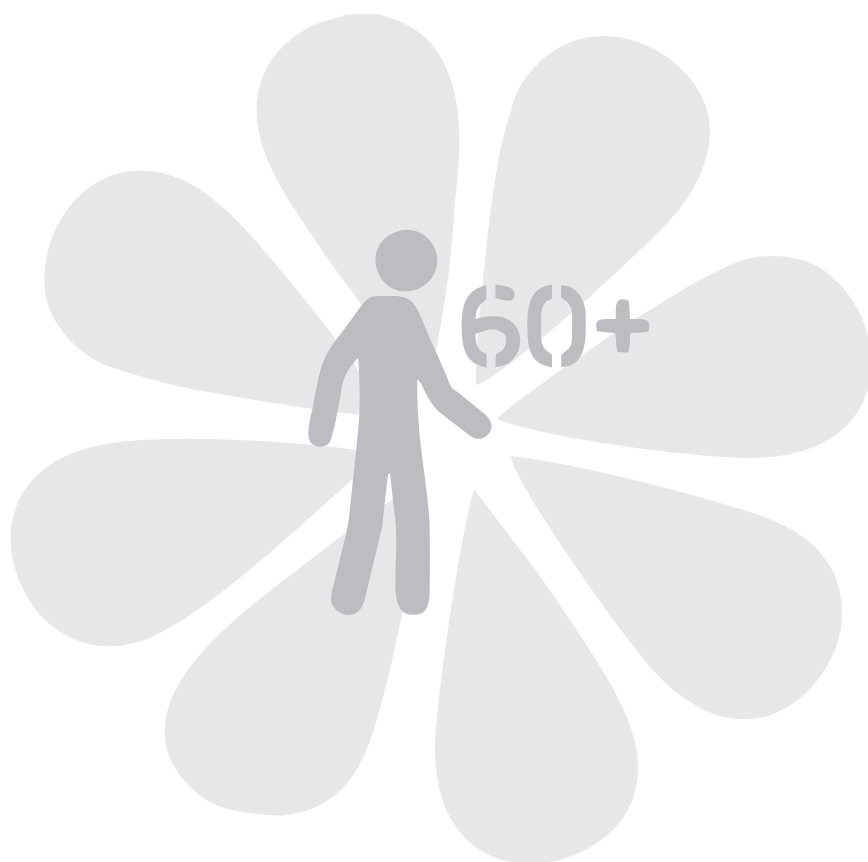
telefone público (orelão)

semáforo para condutores

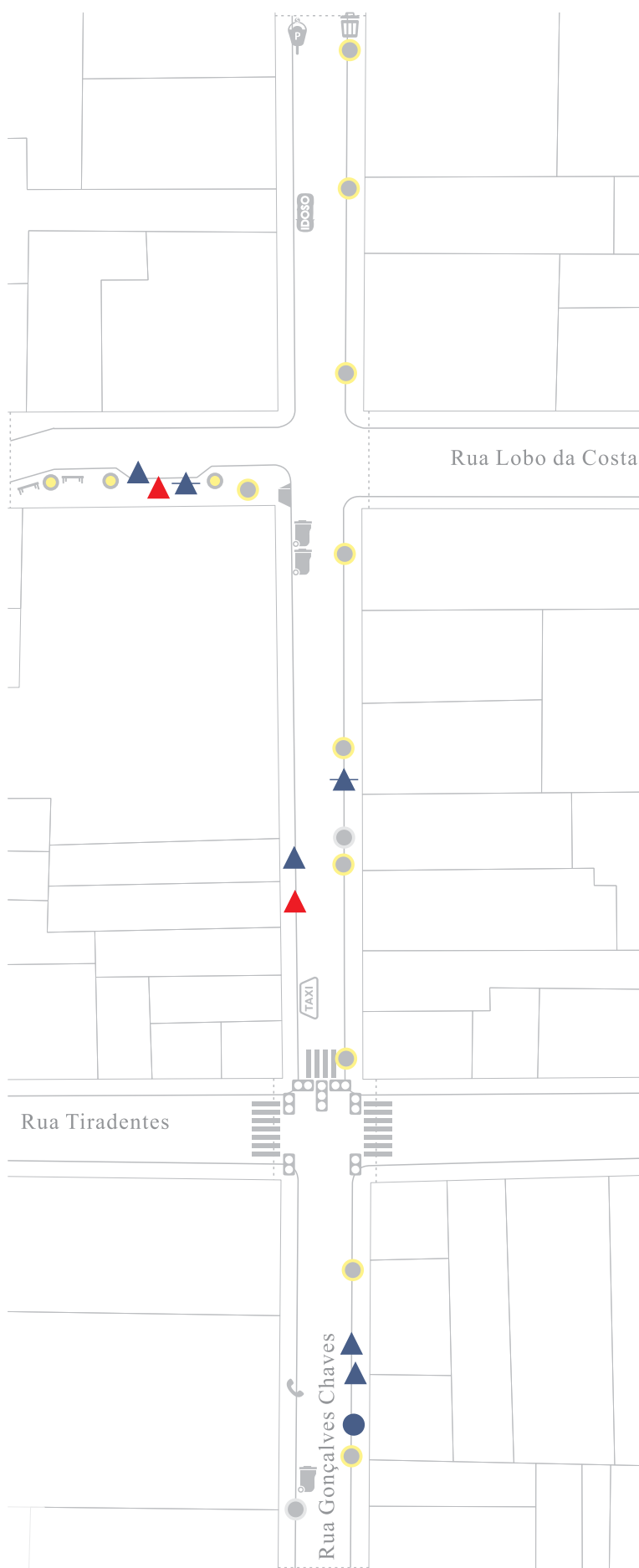
Localização



MAPAS COMPORTAMENTAIS



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 09:59
Horário final: 10:03

Clima

Temperatura: 19°C
Característica: parcialmente nublado

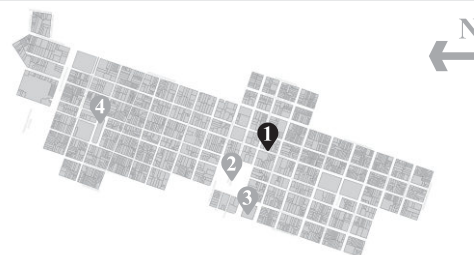
Observações

Muito vento.

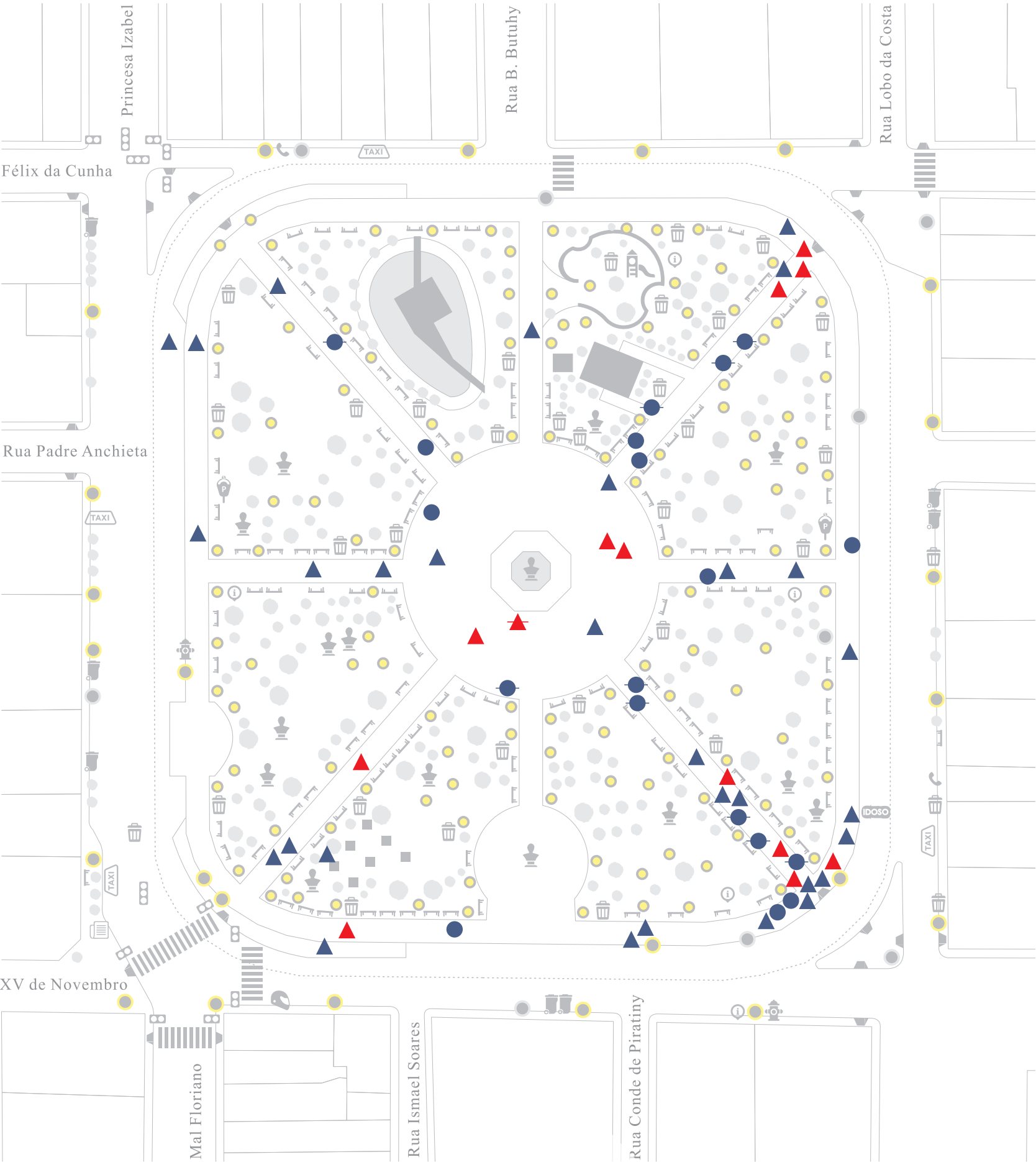
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 10:07
Horário final: 10:25

Clima

Temperatura: 19°C
Característica: parcialmente nublado

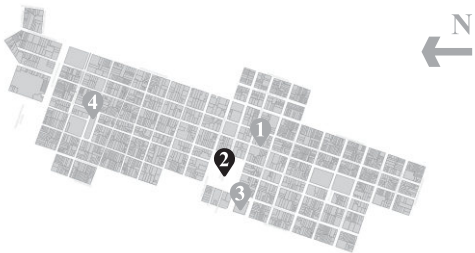
Observações

Muito vento.

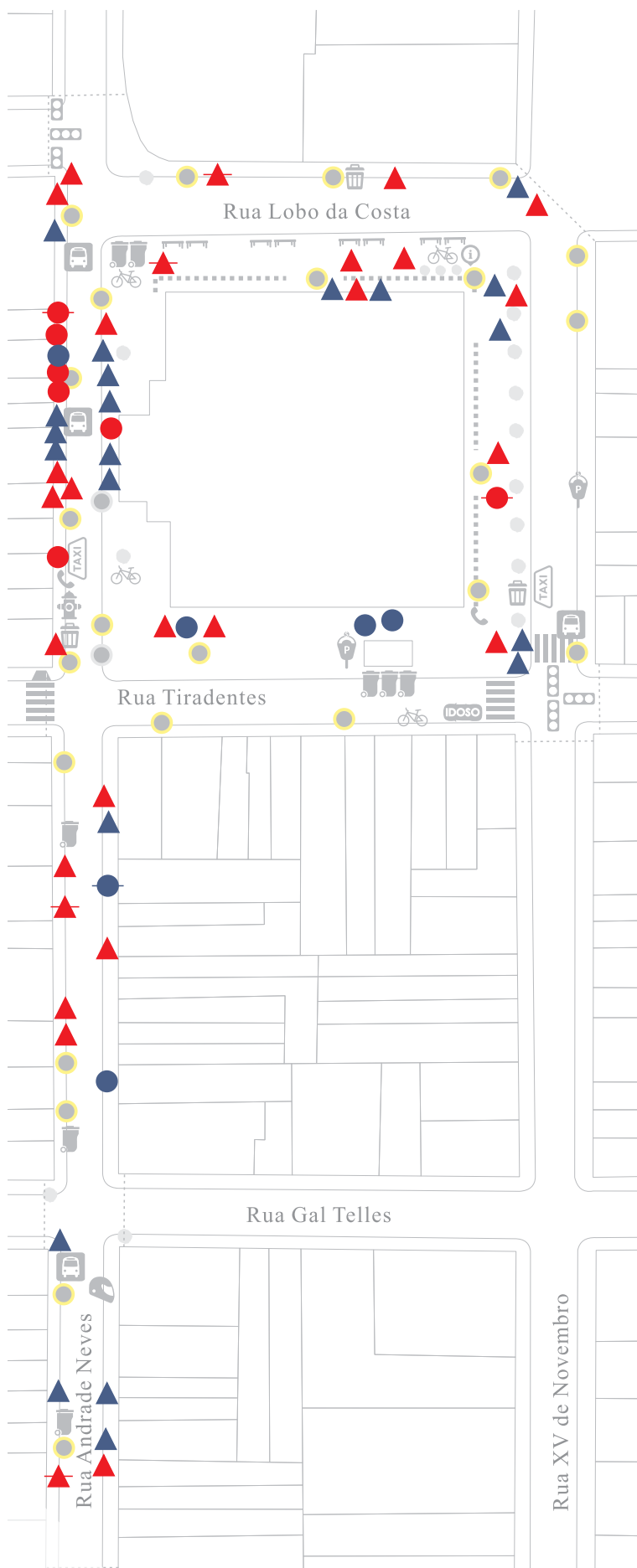
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-1/9-m
 Data: 01/09/2017
 (D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
 Horário inicial: 10:34
 Horário final: 10:46

Clima

Temperatura: 20°C
 Característica: parcialmente nublado

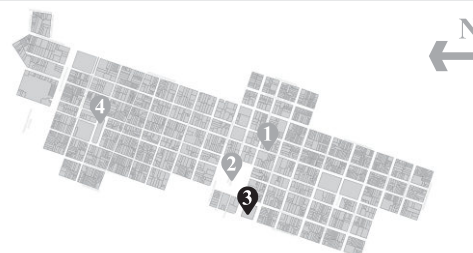
Observações

Muito vento.

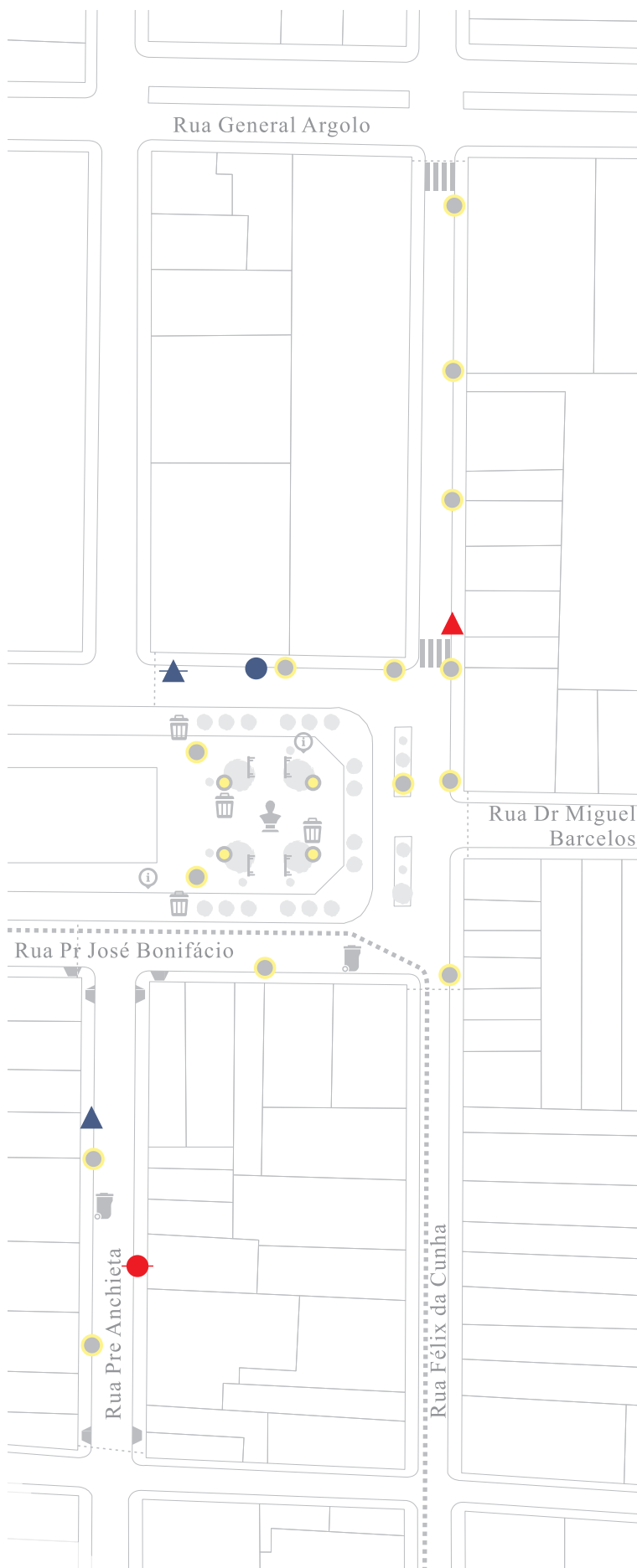
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:10
Horário final: 11:13

Clima

Temperatura: 20°C
Característica: parcialmente nublado

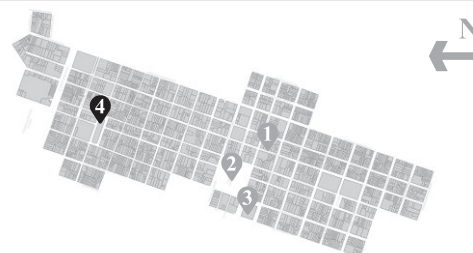
Observações

Muito vento.

Legenda

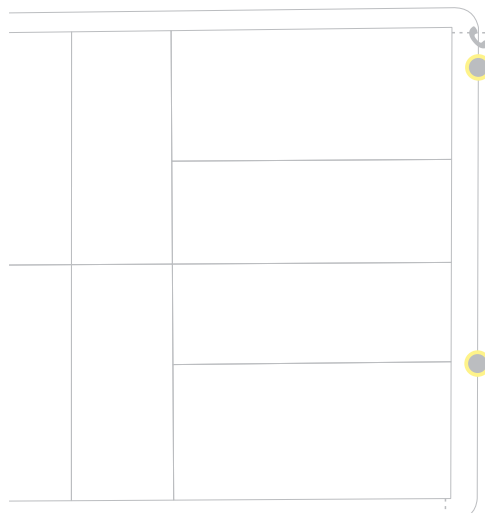
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

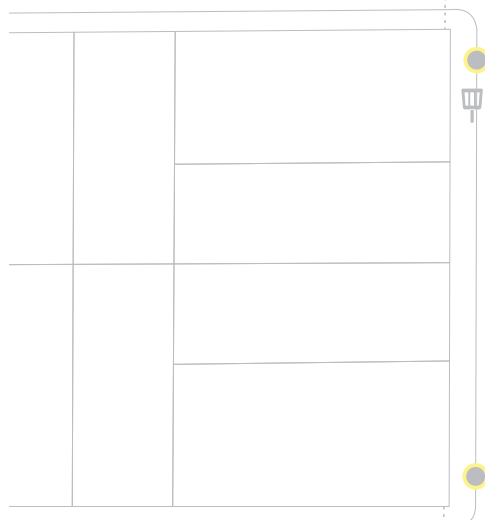


Mapa Comportamental

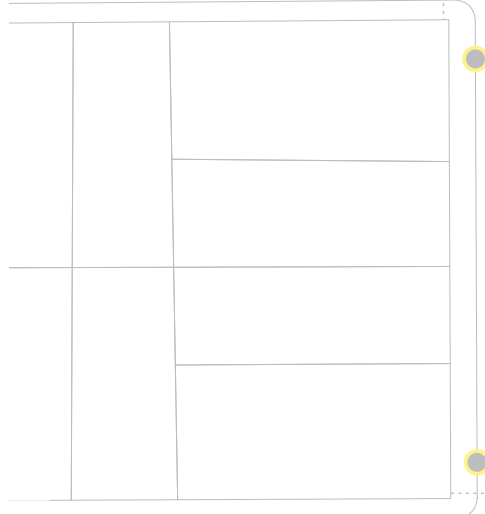
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada



Avenida Bento Gonçalves



Dados gerais

Mapa Comport.: N01-1/9-m

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:00

Horário final: 9:03

Clima

Temperatura: 19°C

Característica:
predominantemente ensolarado

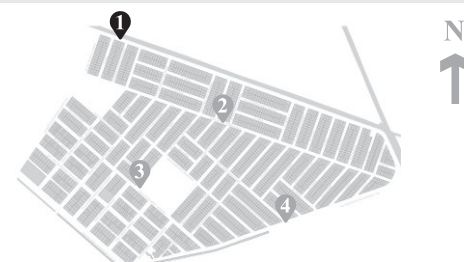
Observações

Muito vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-1/9-m

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 09:09

Horário final: 09:16

Clima

Temperatura: 19°C

Característica:
predominantemente ensolarado

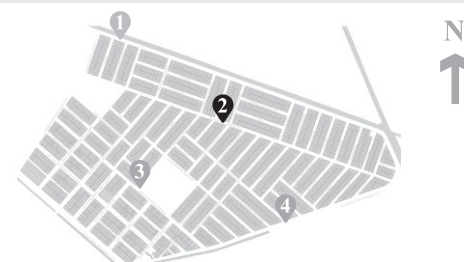
Observações

Muito vento.

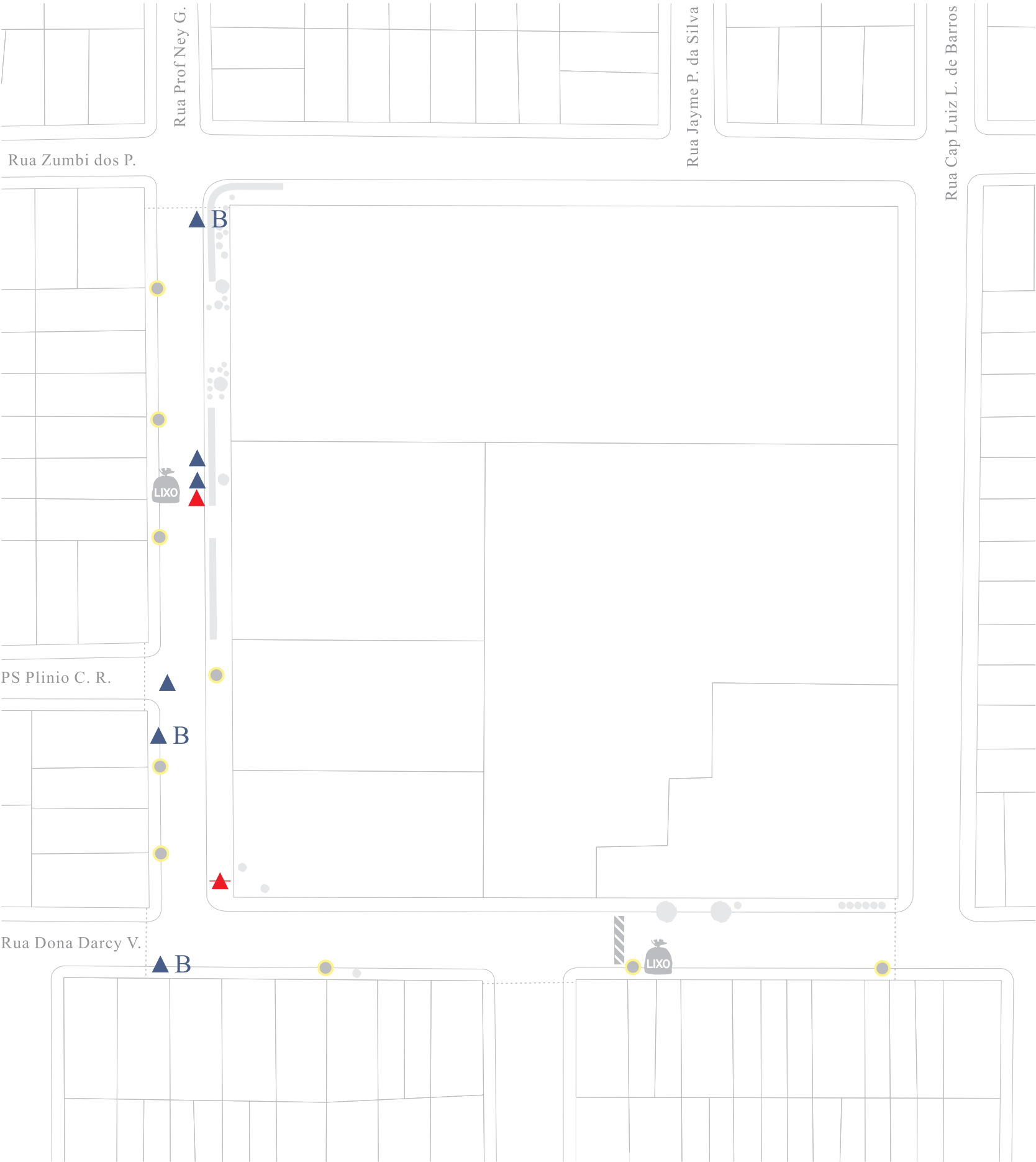
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 09:20
Horário final: 09:33

Clima

Temperatura: 19°C
Característica: predominantemente ensolarado

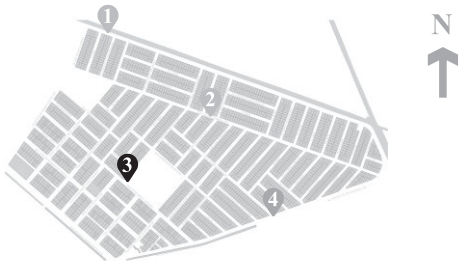
Observações

Muito vento.

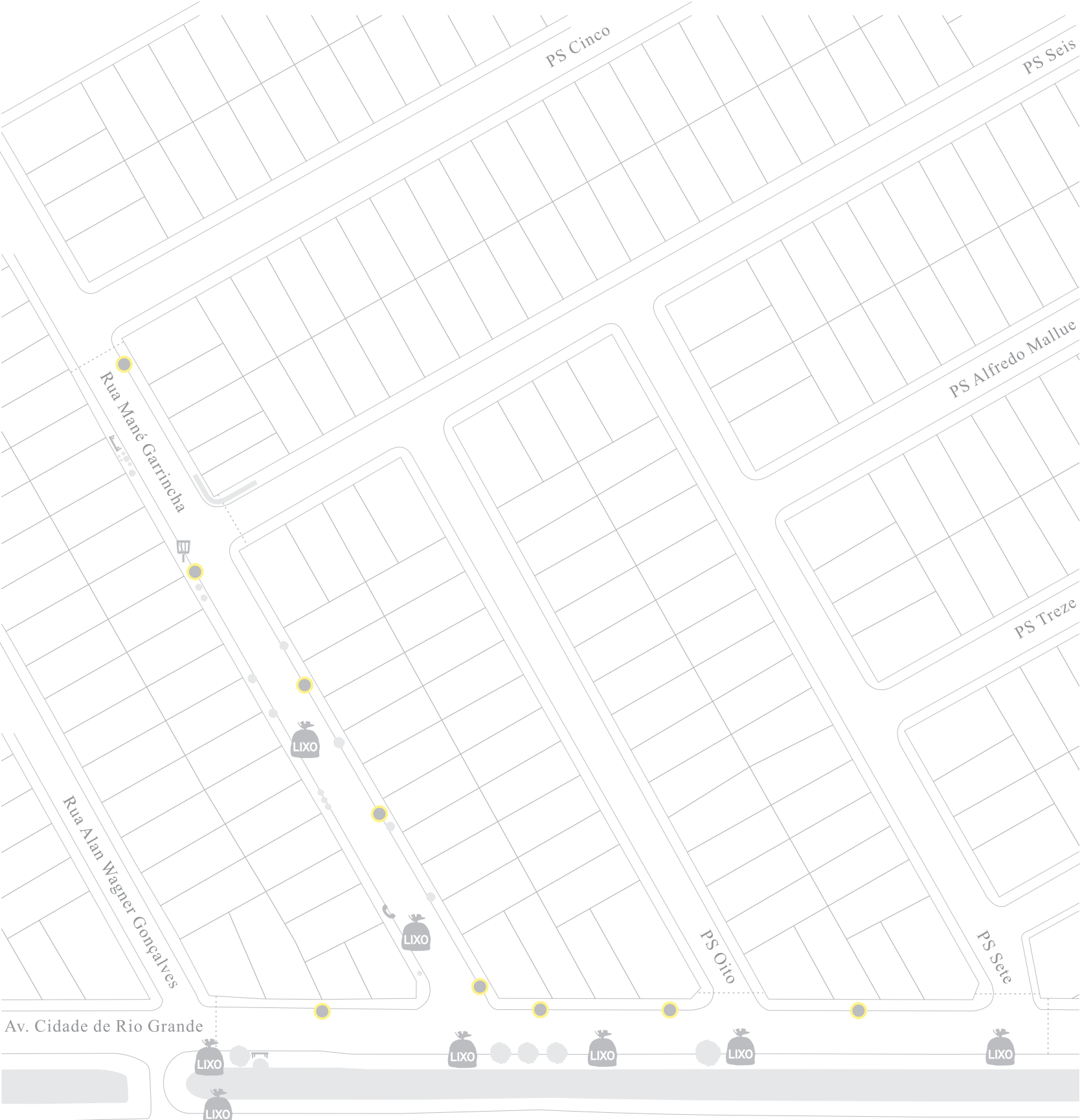
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 09:36
Horário final: 09:42

Clima

Temperatura: 19°C
Característica: predominantemente ensolarado

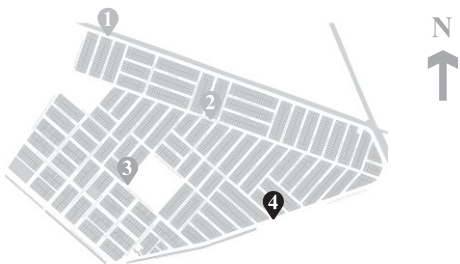
Observações

Muito vento.

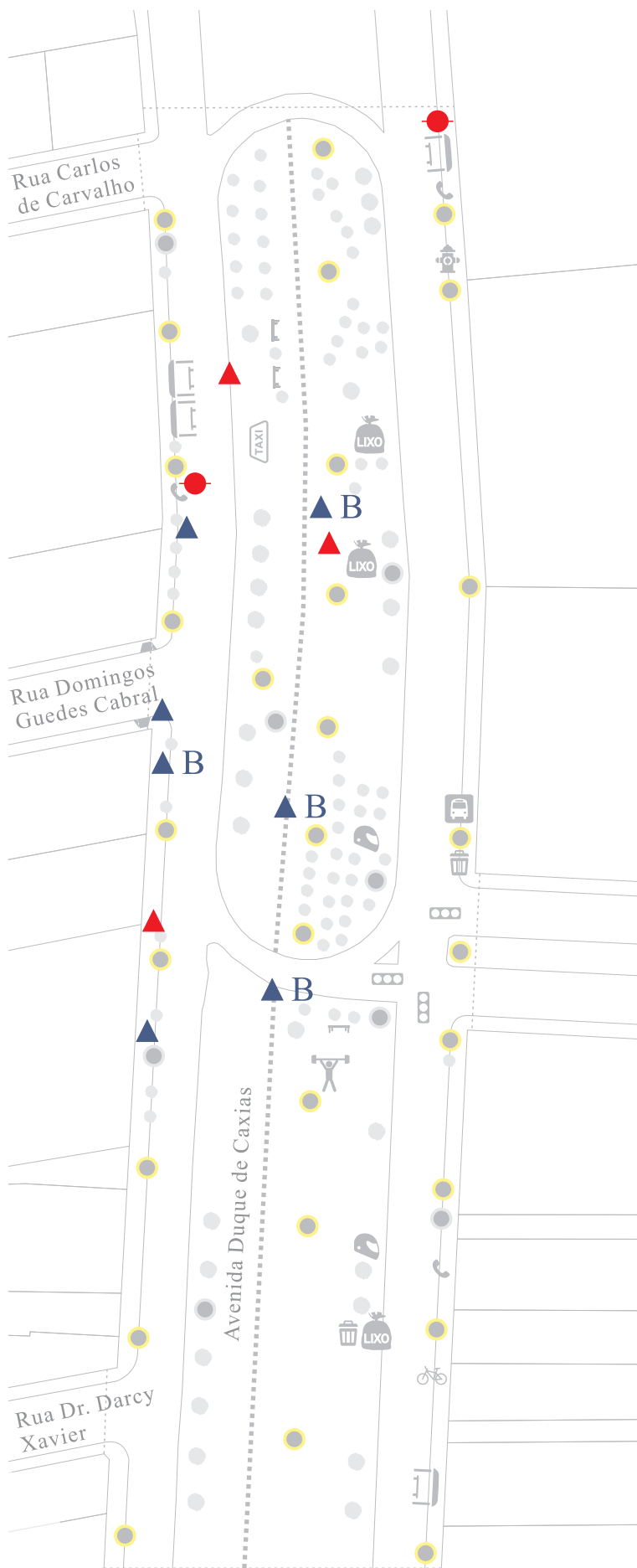
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:47
Horário final: 11:54

Clima

Temperatura: 21°C
Característica:
predominantemente nublado

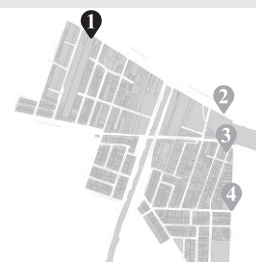
Observações

Muito vento.

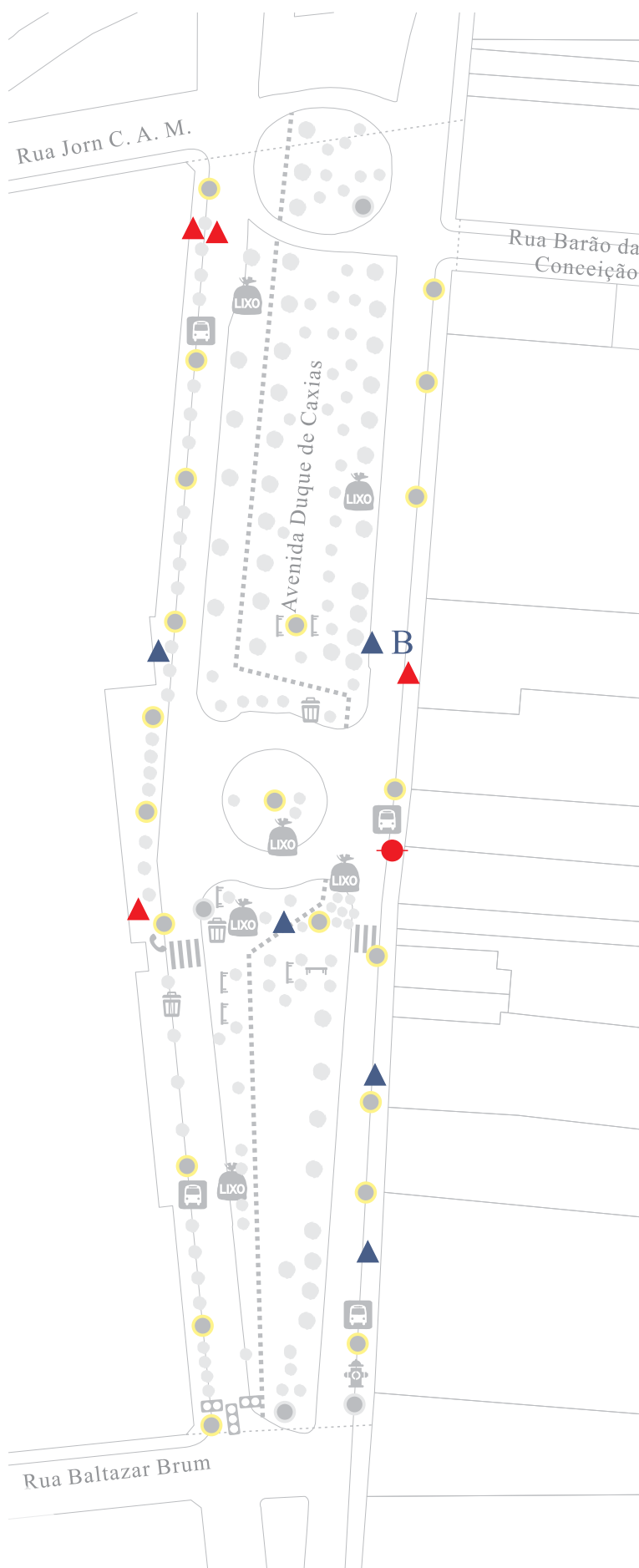
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:27
Horário final: 11:38

Clima

Temperatura: 21°C
Característica:
predominantemente nublado

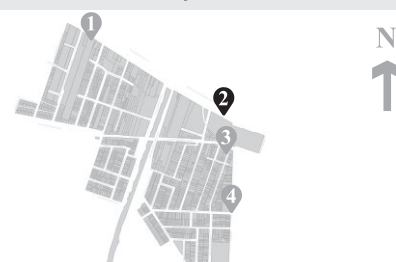
Observações

Muito vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-1/9-3

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 12:03

Horário final: 12:07

Clima

Temperatura: 21°C

Característica:
predominantemente nublado

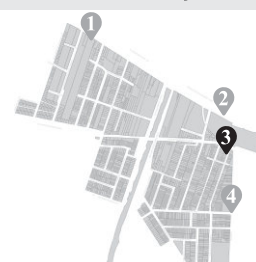
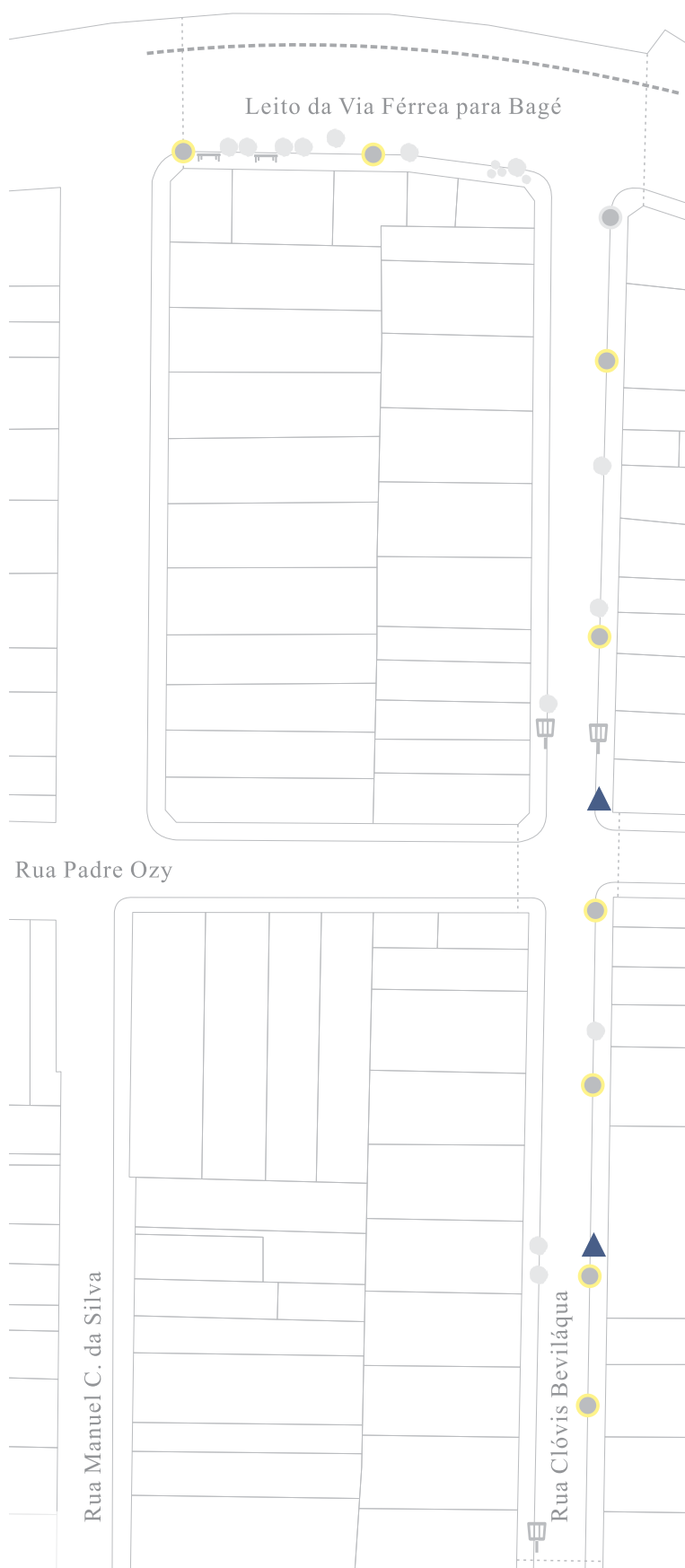
Observações

Muito vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-1/9-m
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 12:10
Horário final: 12:17

Clima

Temperatura: 22°C
Característica: predominantemente nublado

Observações

Muito vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:48

Horário final: 14:56

Clima

Temperatura: 23°C

Característica: predominantemente ensolarado

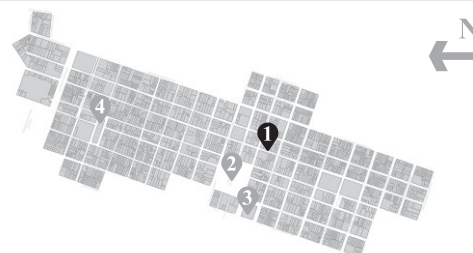
Observações

Muito vento.

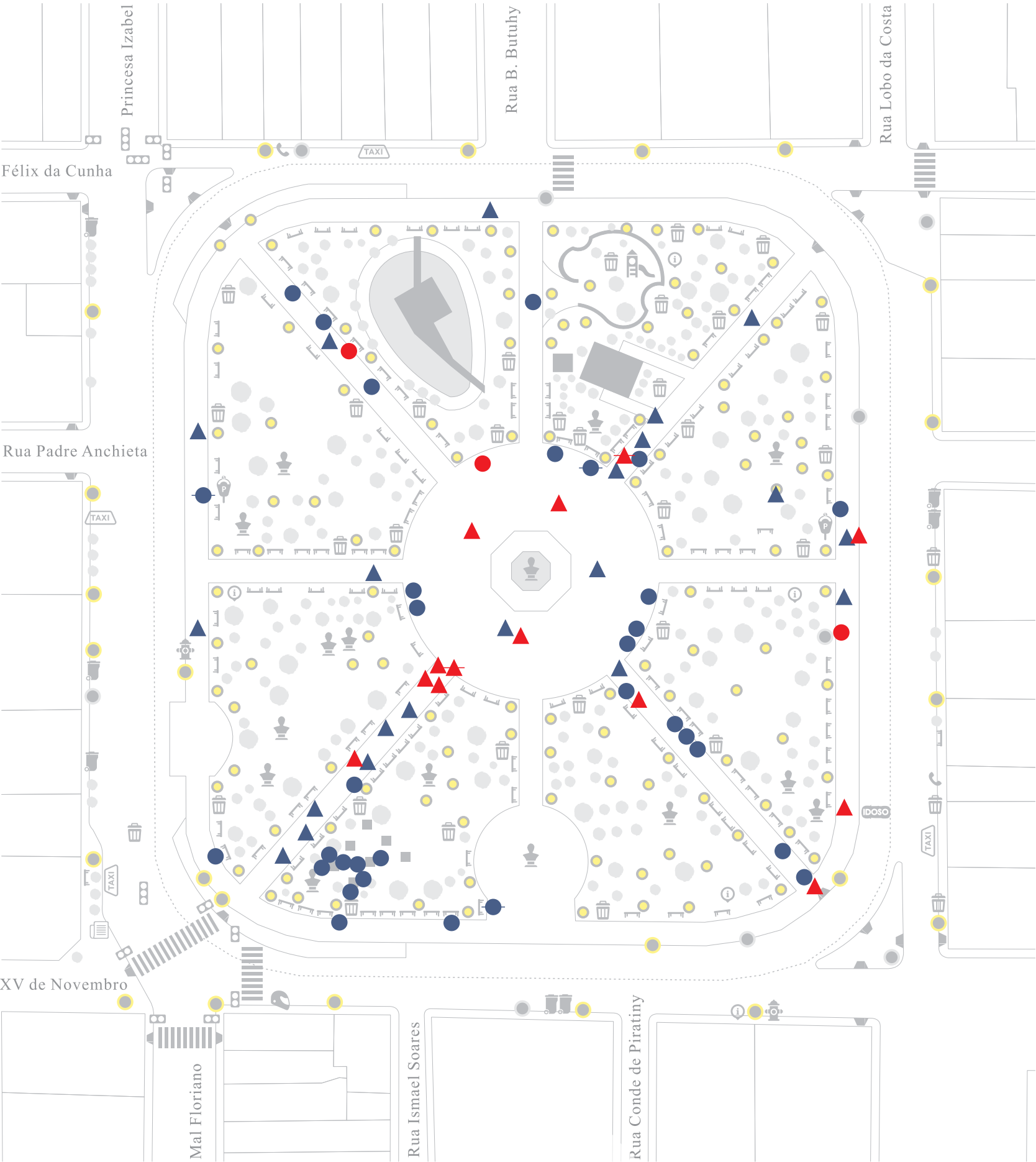
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:56

Horário final: 15:20

Clima

Temperatura: 23°C

Característica: predominantemente ensolarado

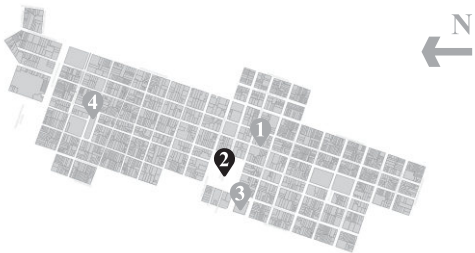
Observações

Muito vento.

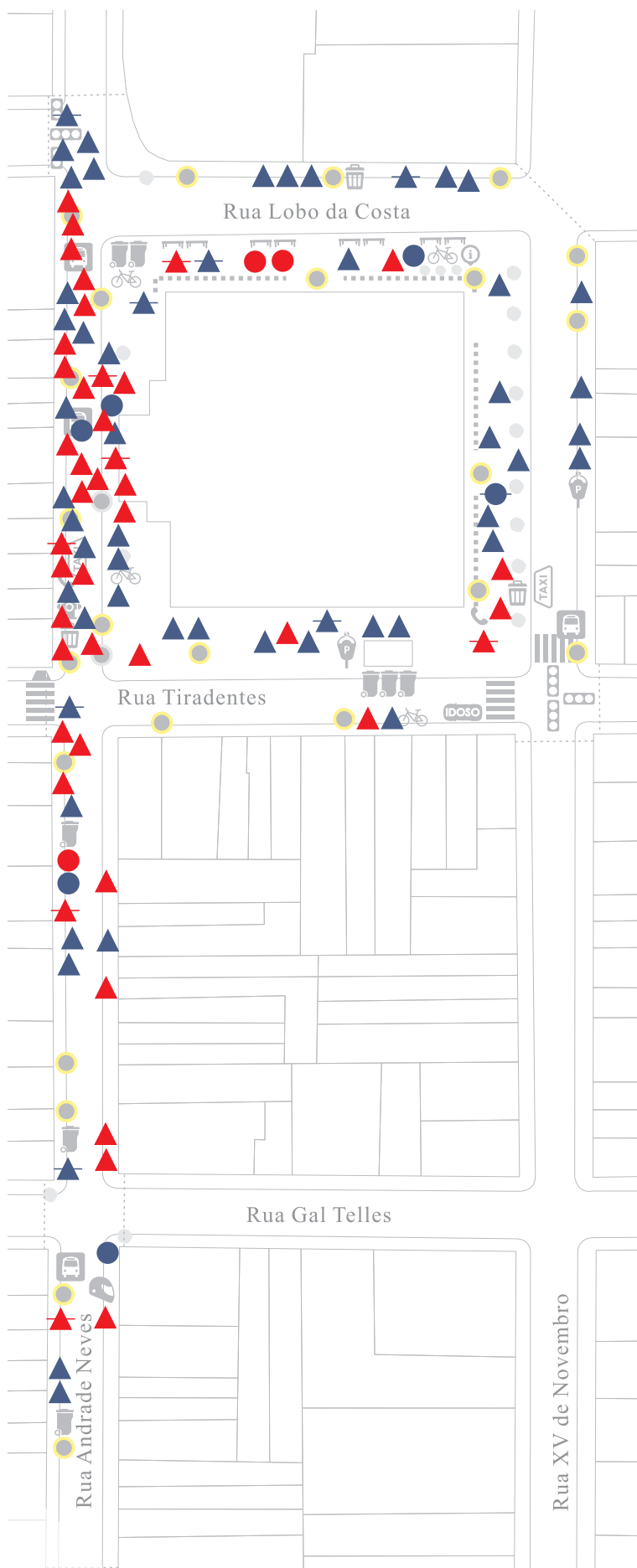
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:28

Horário final: 15:45

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: predominantemente ensolarado

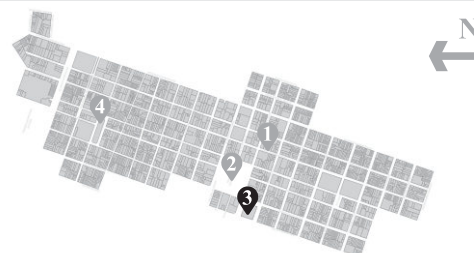
Observações

Muito vento.

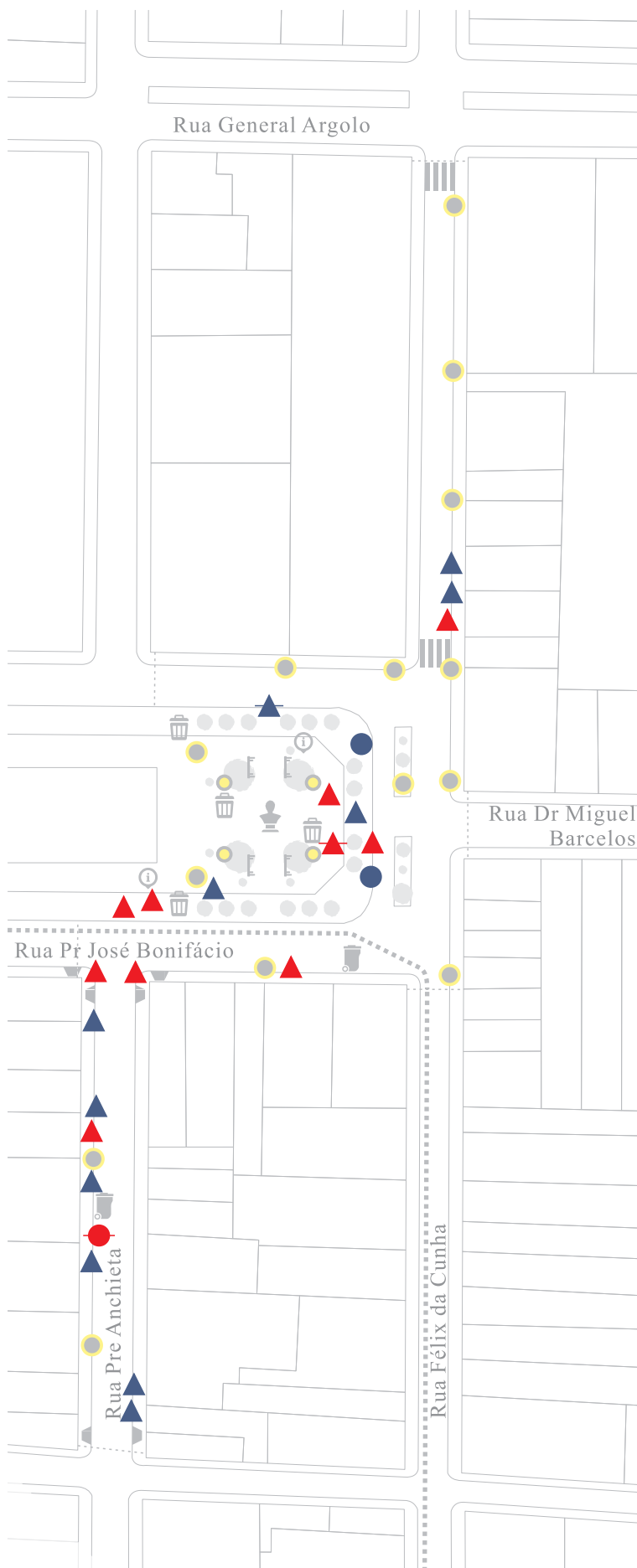
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:58

Horário final: 16:10

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: predominantemente ensolarado

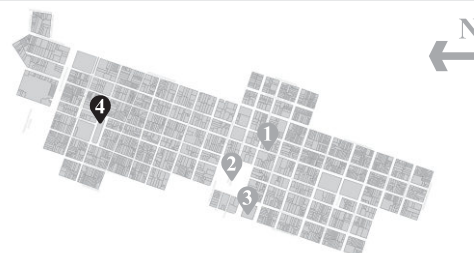
Observações

Muito vento.

Legenda

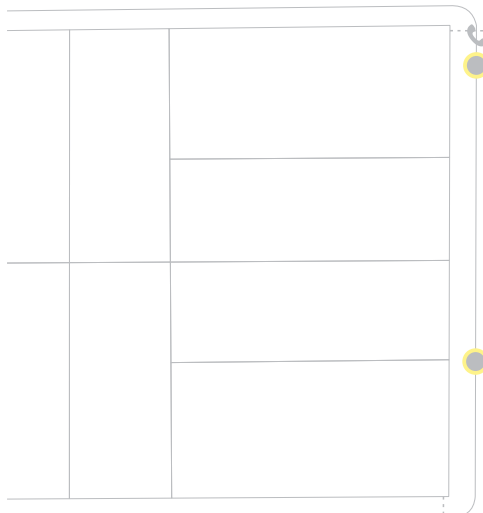
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

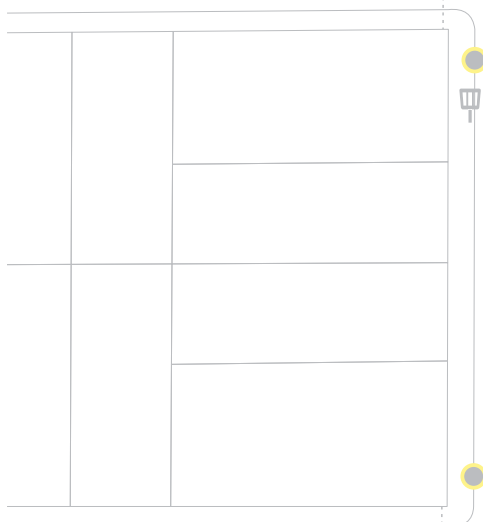


Mapa Comportamental

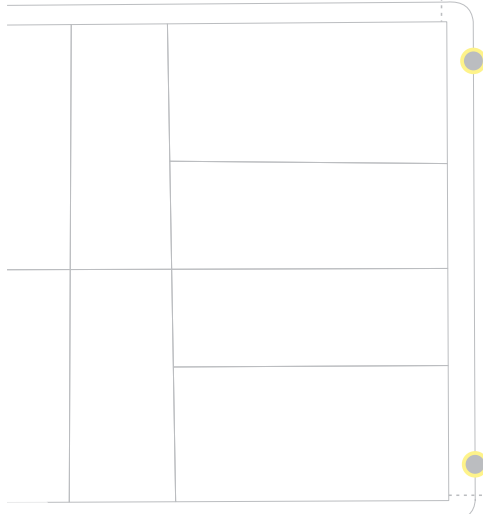
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada

Avenida Bento Gonçalves



Dados gerais

Mapa Comport.: N01-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:00

Horário final: 14:04

Clima

Temperatura: 22°C

Característica:
predominantemente nublado

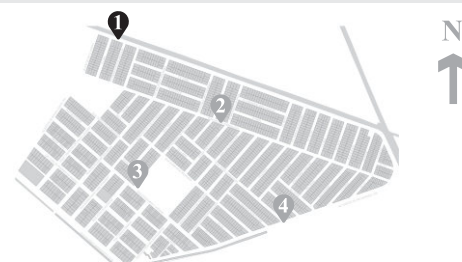
Observações

Muito vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:07

Horário final: 14:14

Clima

Temperatura: 23°C

Característica: predominantemente ensolarado

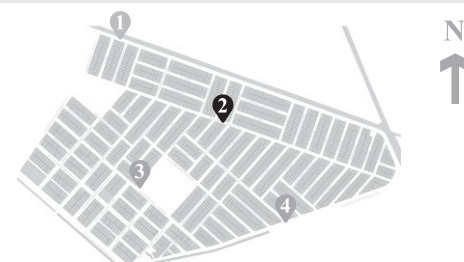
Observações

Muito vento.

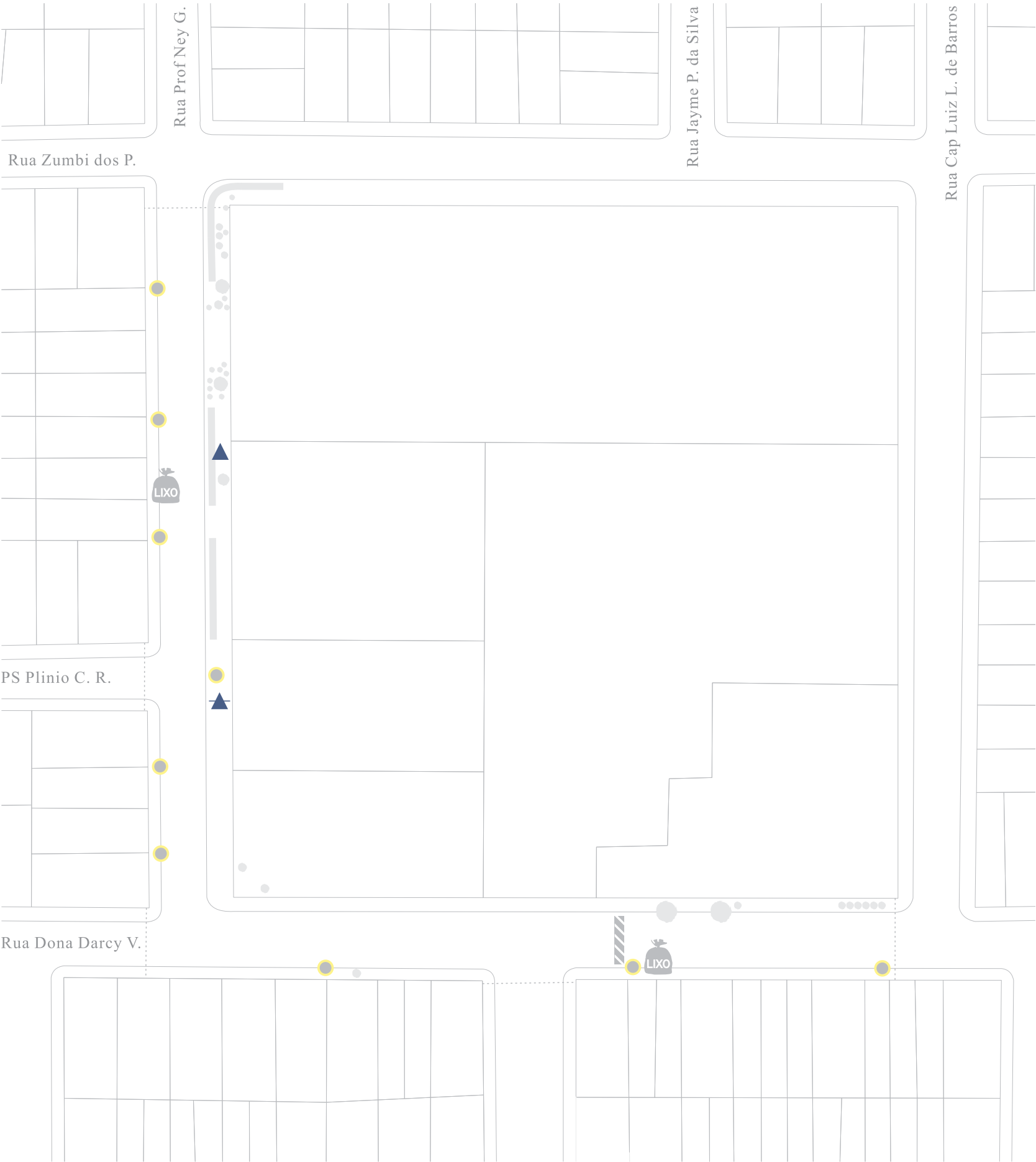
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-1/9-t
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:15
Horário final: 14:25

Clima

Temperatura: 23°C
Característica: predominantemente ensolarado

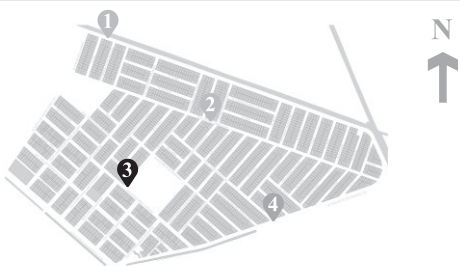
Observações

Muito vento.

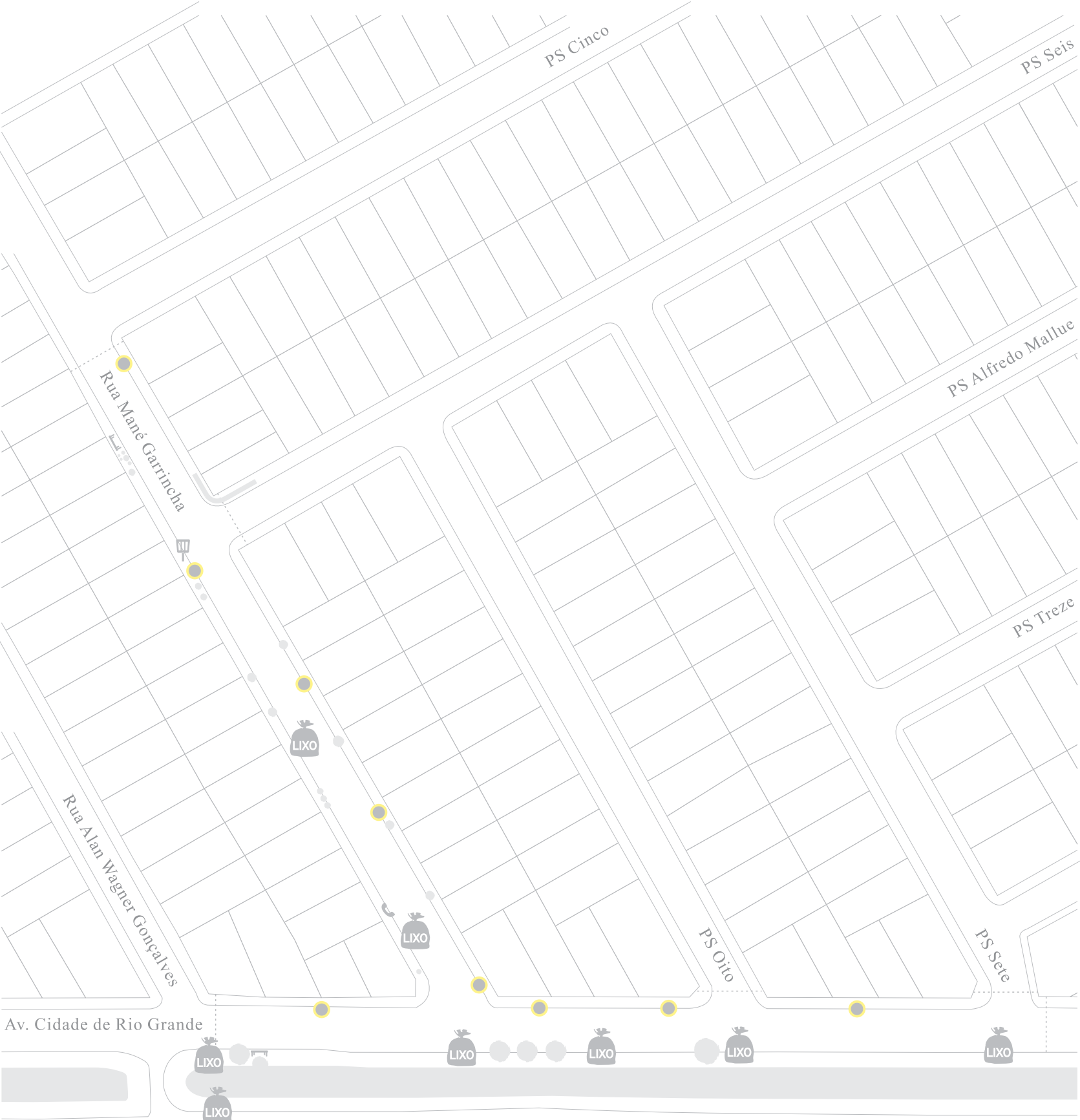
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-1/9-t
Data: 01/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:29
Horário final: 14:33

Clima

Temperatura: 23°C
Característica: predominantemente ensolarado

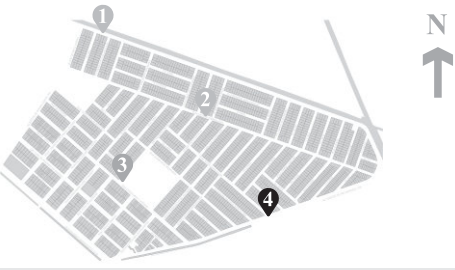
Observações

Muito vento.

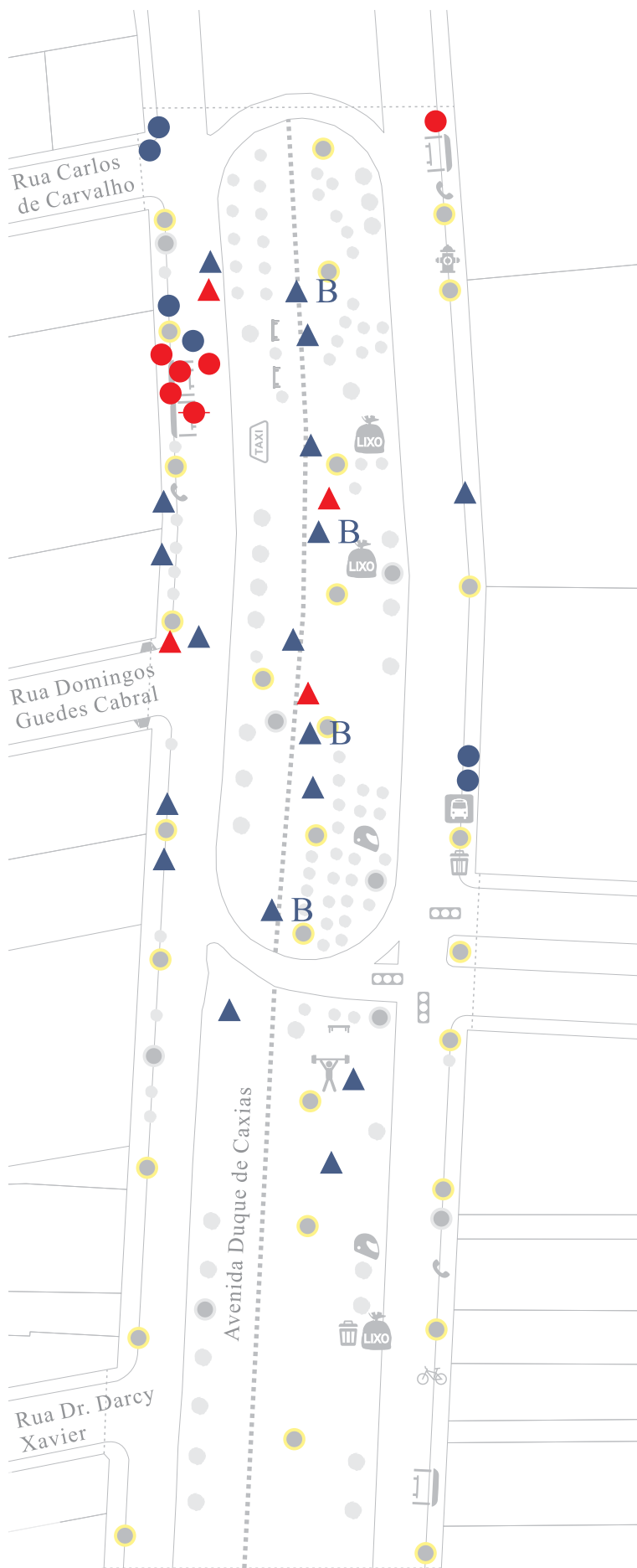
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:41

Horário final: 16:56

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: predominantemente nublado

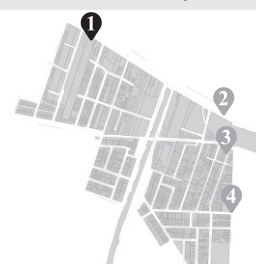
Observações

Muito vento.

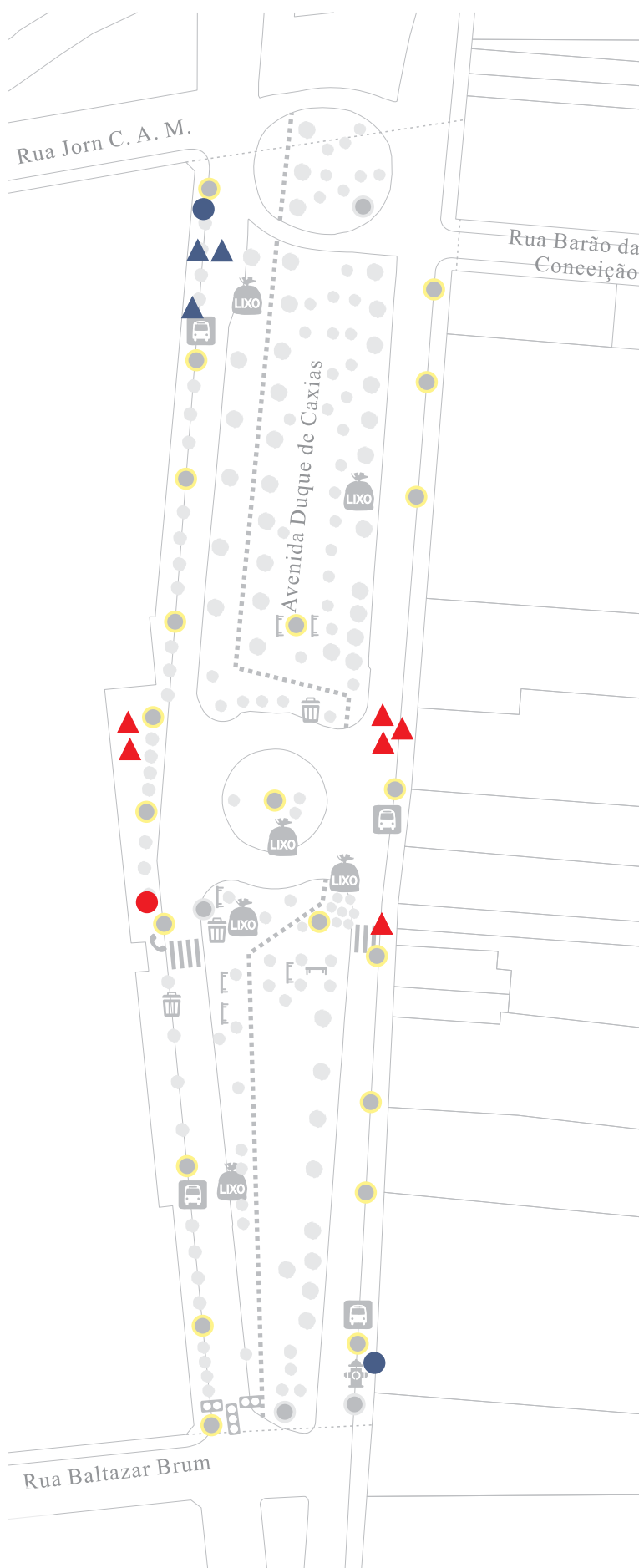
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:23

Horário final: 16:36

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: predominantemente ensolarado

Observações

Vento calmo.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 17:00

Horário final: 17:03

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: predominantemente ensolarado

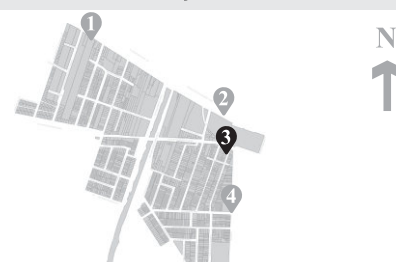
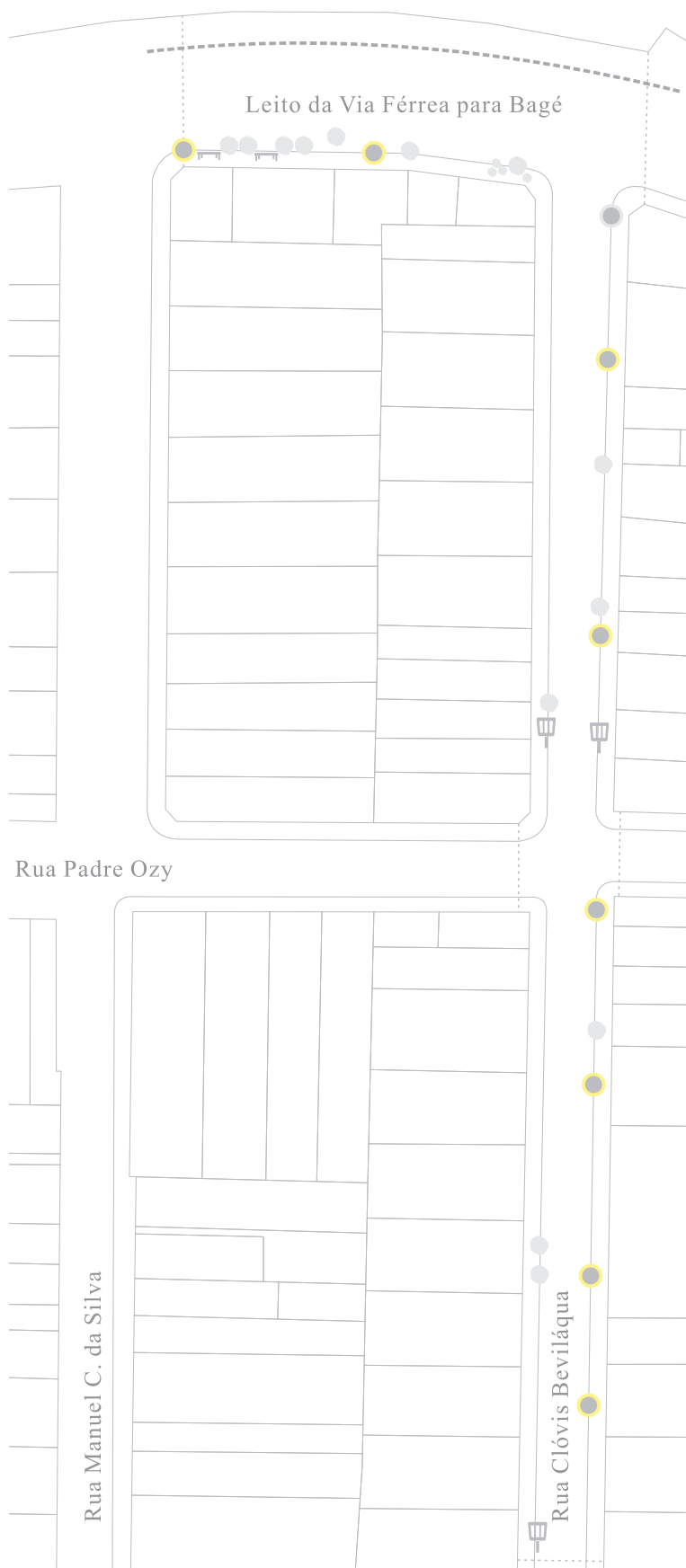
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-1/9-t

Data: 01/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 17:07

Horário final: 17:14

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: predominantemente ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-2/9-m

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 09:39

Horário final: 09:45

Clima

Temperatura: 20°C

Característica: predominantemente ensolarado

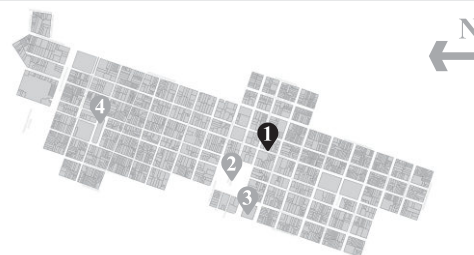
Observações

Sem vento.

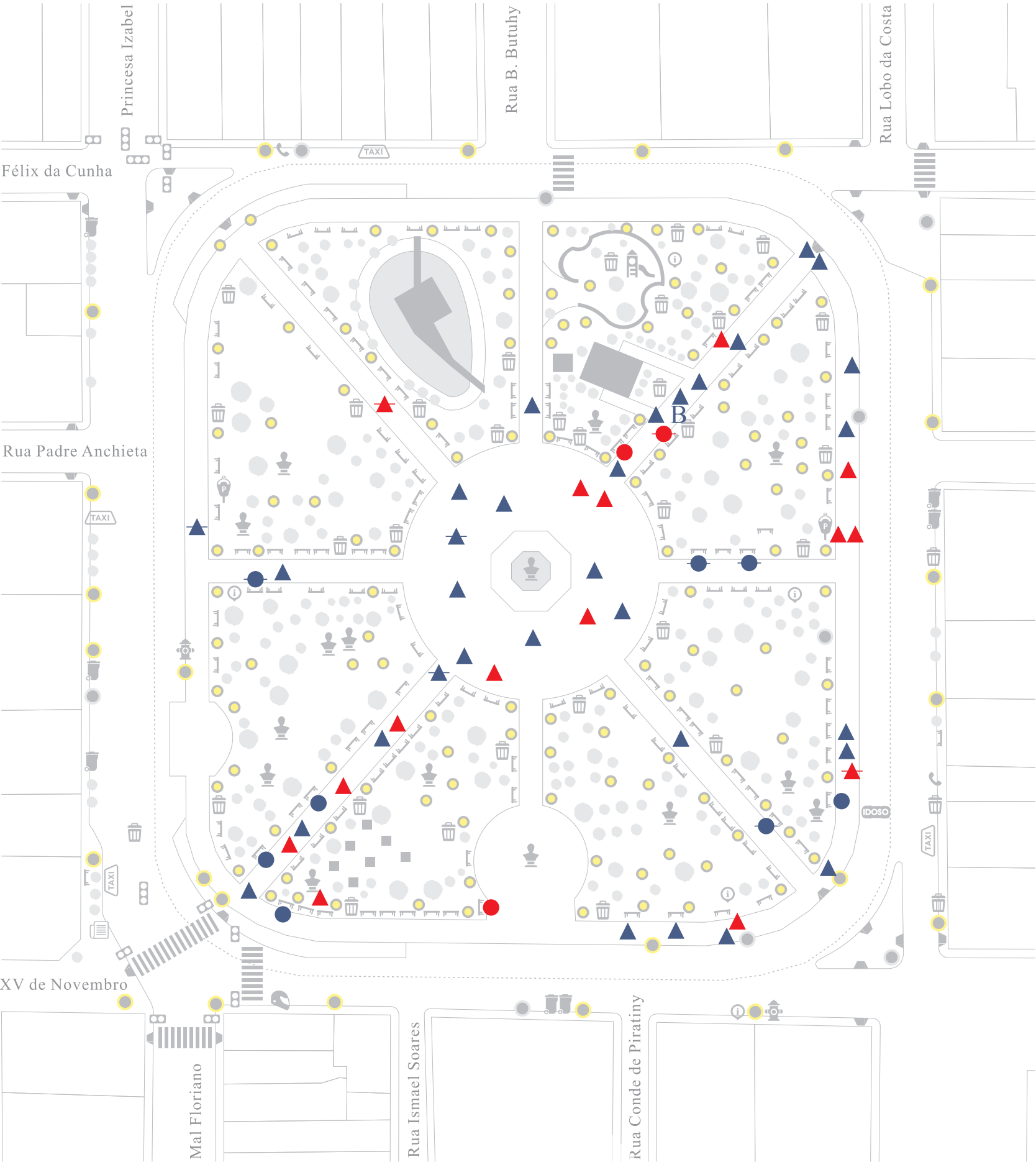
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-2/9-m

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 09:45

Horário final: 10:10

Clima

Temperatura: 21°C

Característica: predominantemente ensolarado

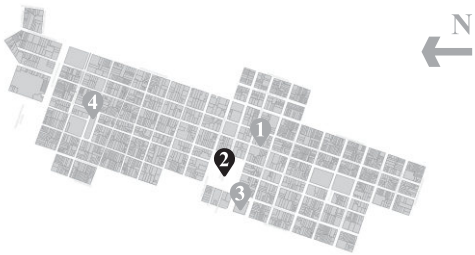
Observações

Sem vento.

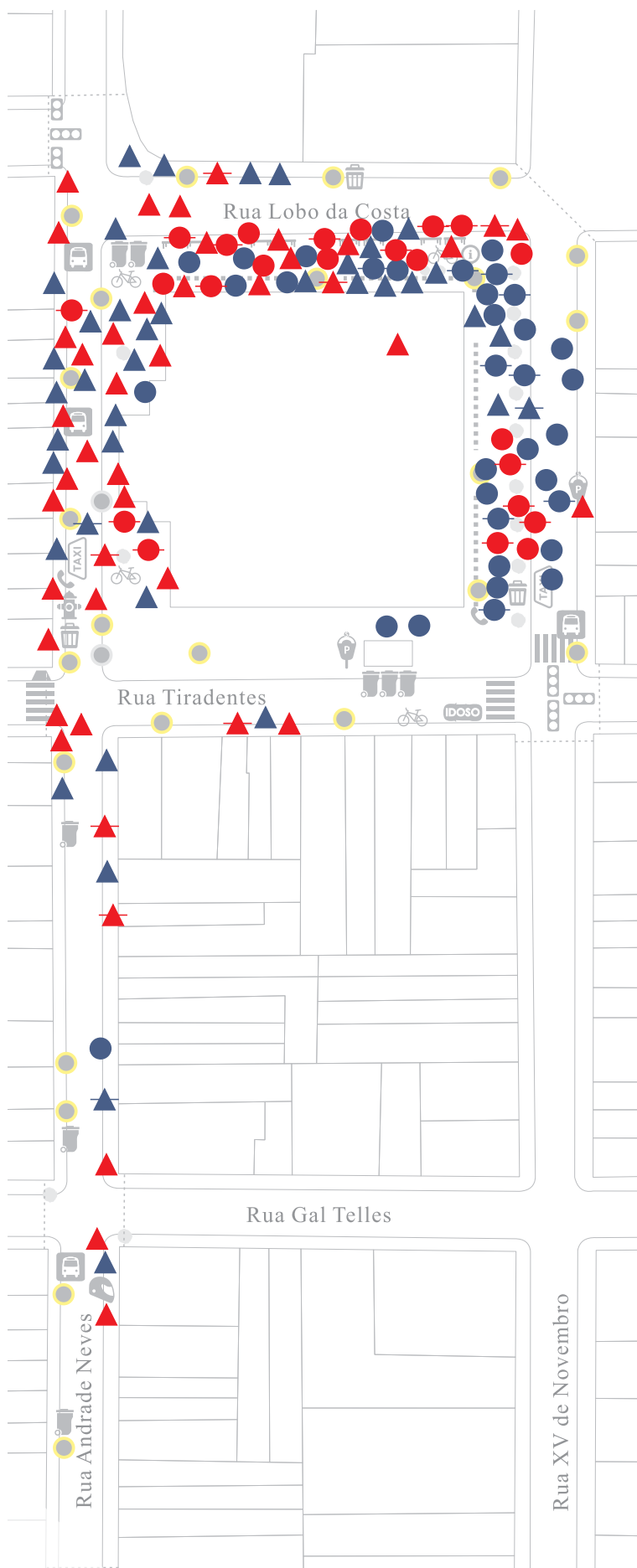
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 10:17
Horário final: 10:35

Clima

Temperatura: 22°C
Característica: predominantemente ensolarado

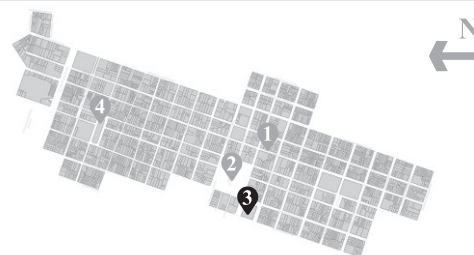
Observações

Sem vento.

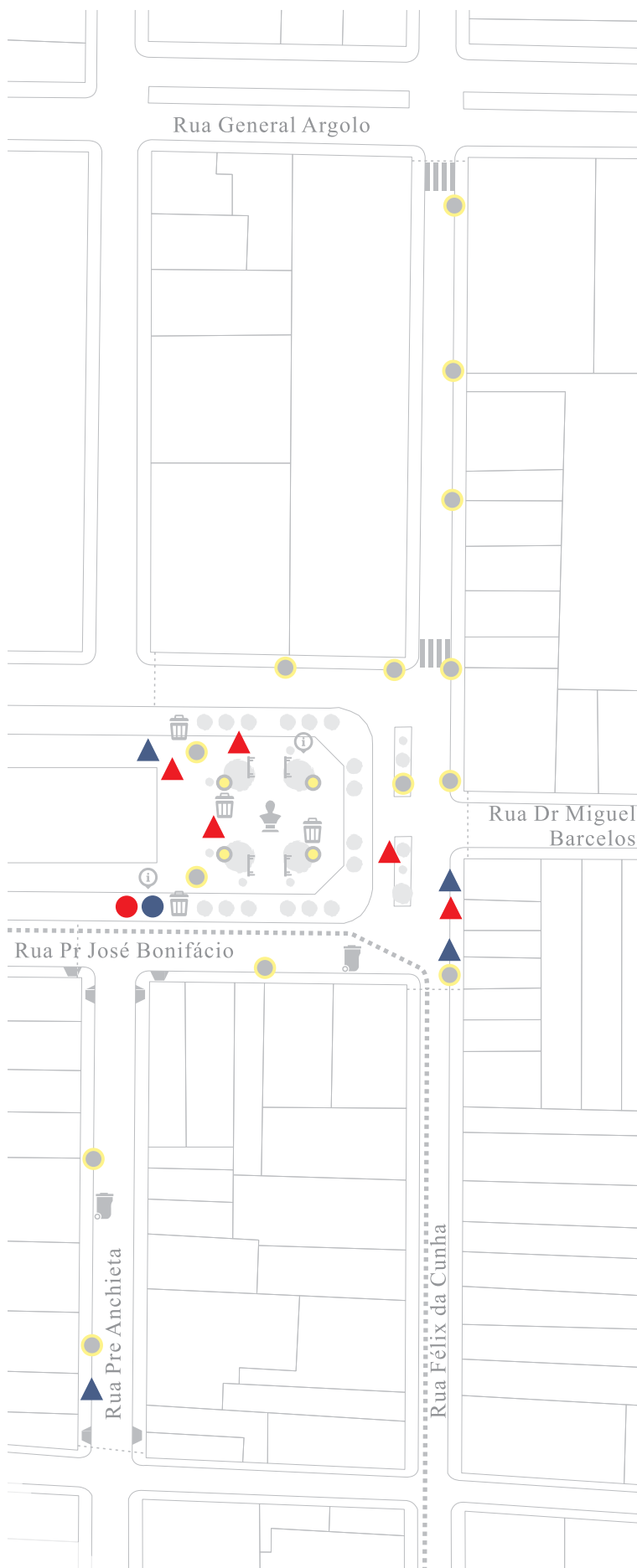
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 10:46
Horário final: 10:52

Clima

Temperatura: 23°C
Característica: predominantemente ensolarado

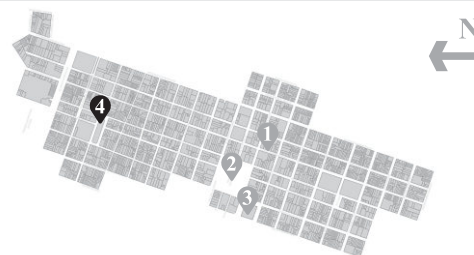
Observações

Sem vento.

Legenda

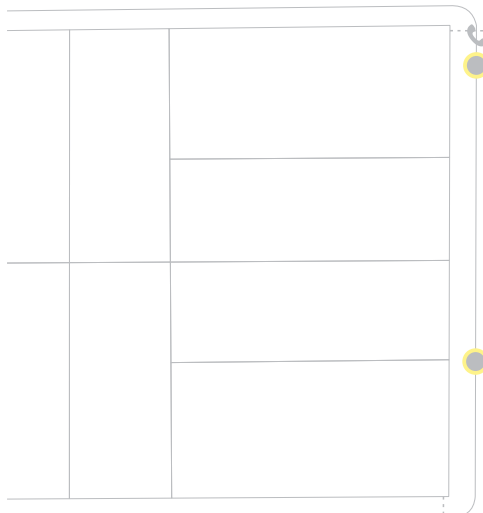
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

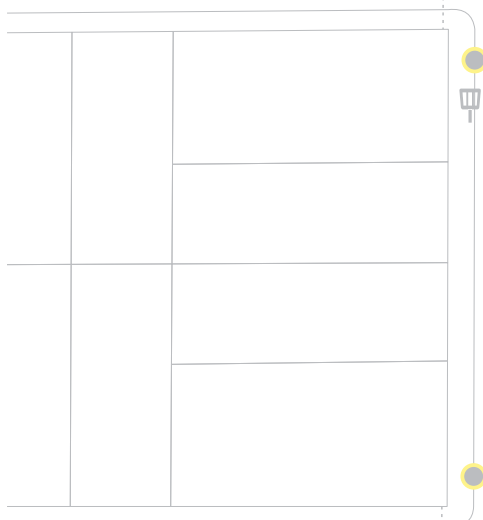


Mapa Comportamental

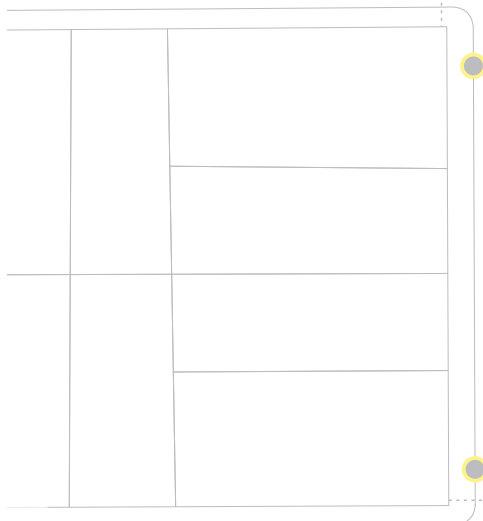
Avenida Artur de Souza Costa



Traversa Um



Traversa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada



Avenida Bento Gonçalves

B

Dados gerais

Mapa Comport.: N01-2/9-m

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 09:00

Horário final: 09:04

Clima

Temperatura: 19°C

Característica: predominantemente ensolarado

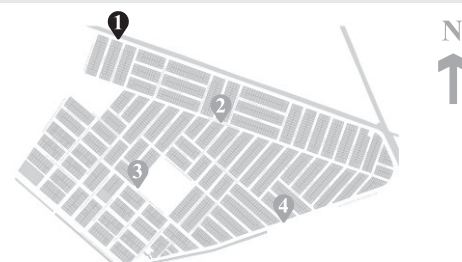
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-2/9-m
 Data: 02/09/2017
 (D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
 Horário inicial: 09:05
 Horário final: 09:10

Clima

Temperatura: 19°C
 Característica: predominantemente ensolarado

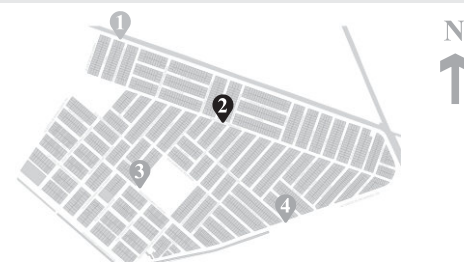
Observações

Sem vento.

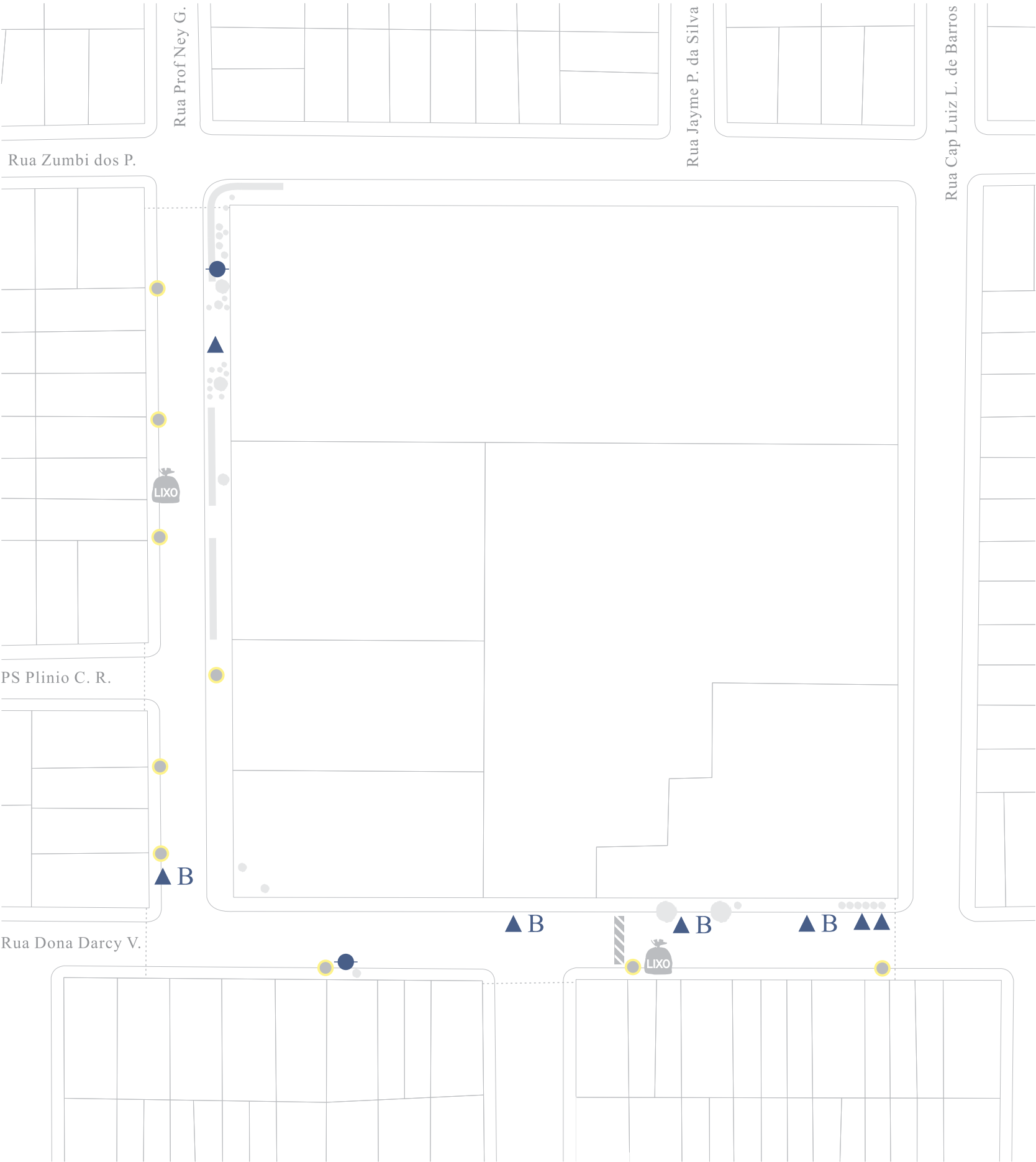
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 09:11
Horário final: 09:25

Clima

Temperatura: 20°C
Característica: predominantemente ensolarado

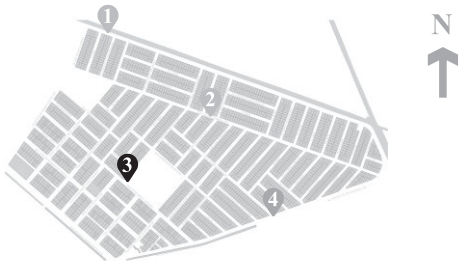
Observações

Sem vento.

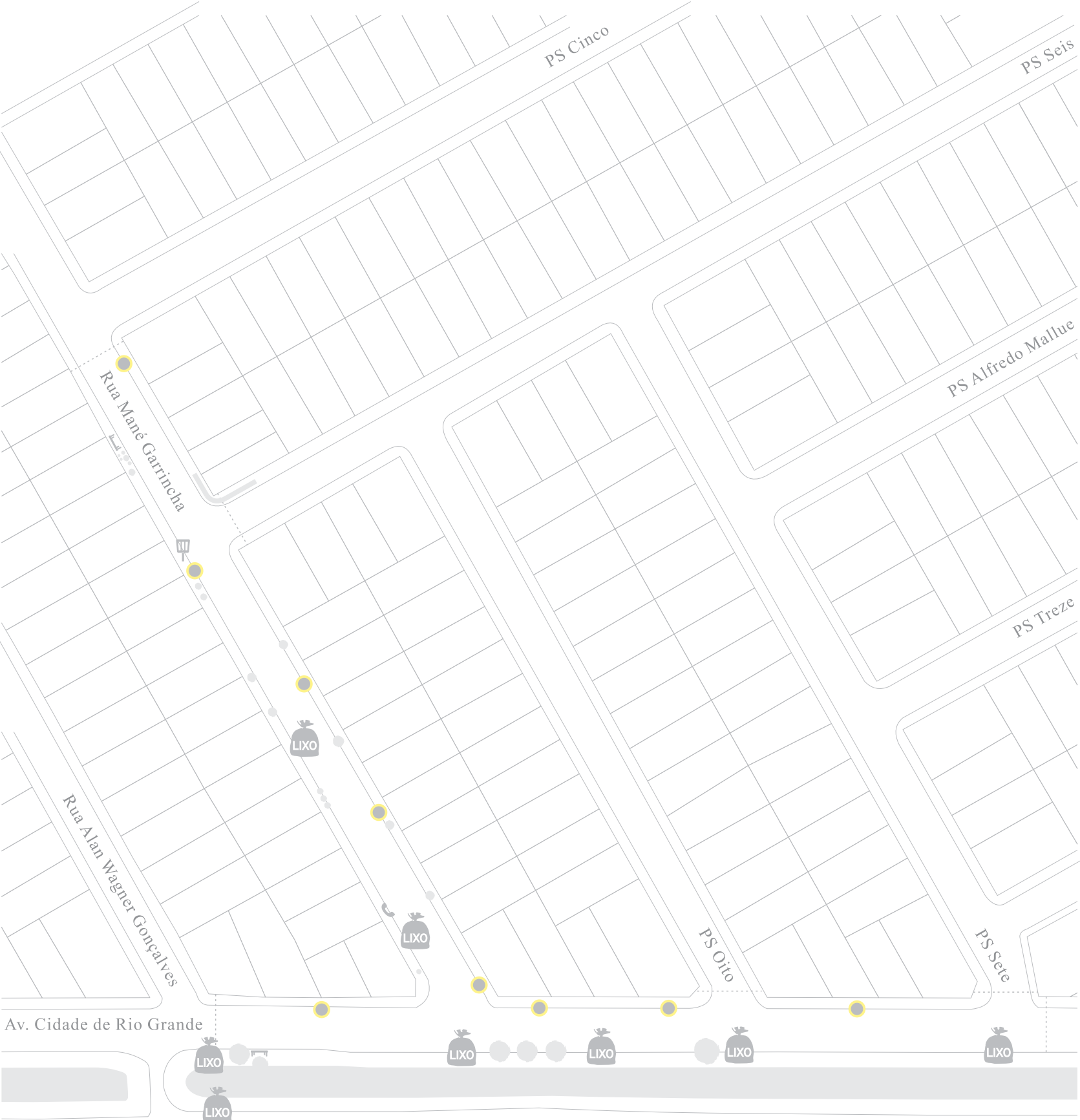
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 09:26
Horário final: 09:30

Clima

Temperatura: 20°C
Característica: predominantemente ensolarado

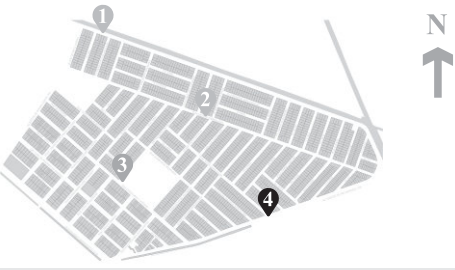
Observações

Sem vento

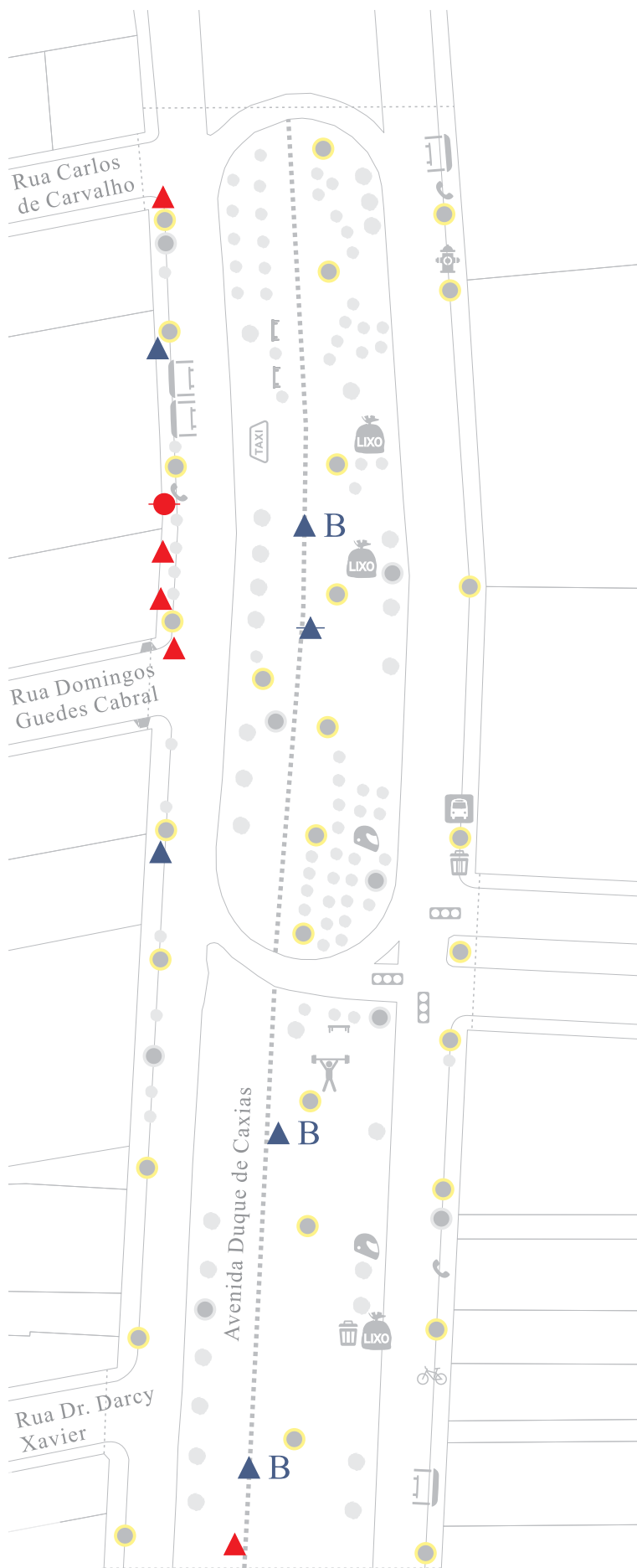
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:16
Horário final: 11:26

Clima

Temperatura: 25°C
Característica: predominantemente ensolarado

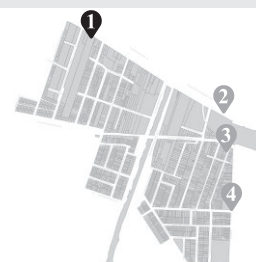
Observações

Sem vento.

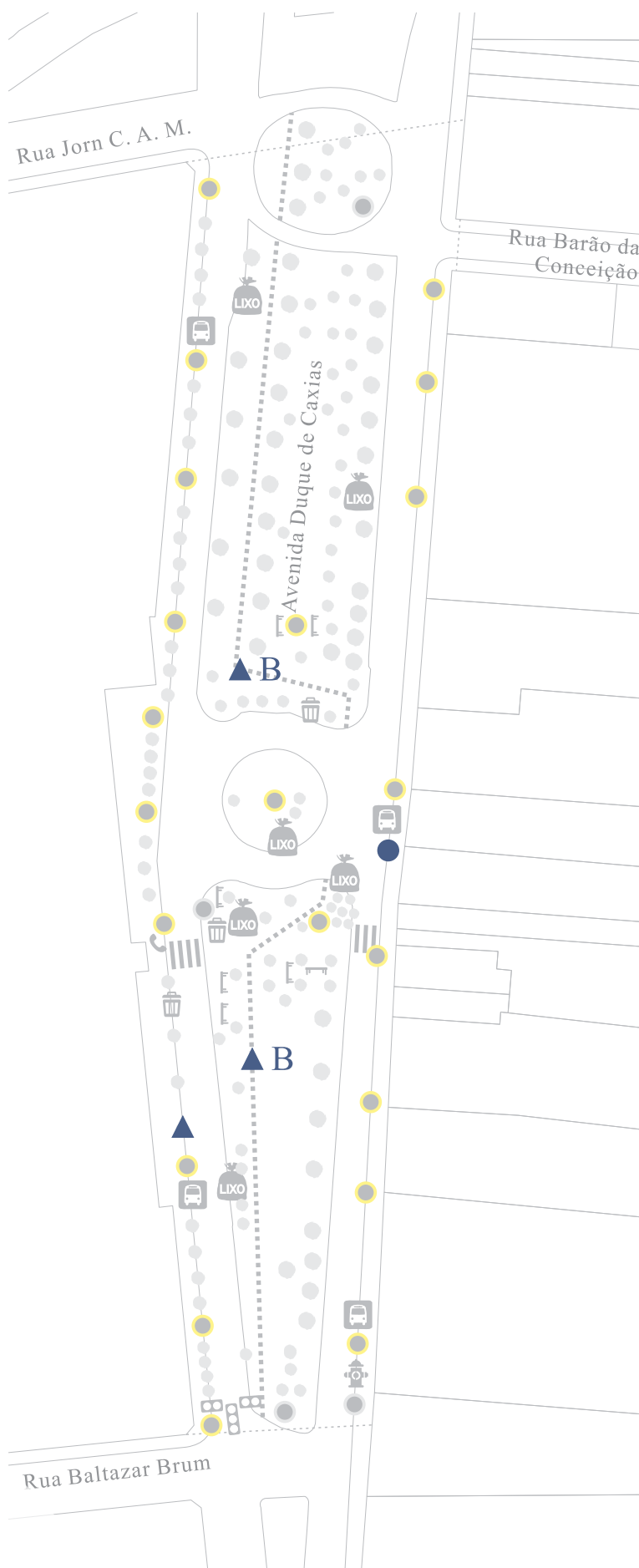
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:03
Horário final: 11:13

Clima

Temperatura: 25°C
Característica: predominantemente ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-2/9-m

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 11:33

Horário final: 11:35

Clima

Temperatura: 25°C

Característica: predominantemente ensolarado

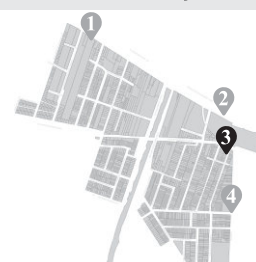
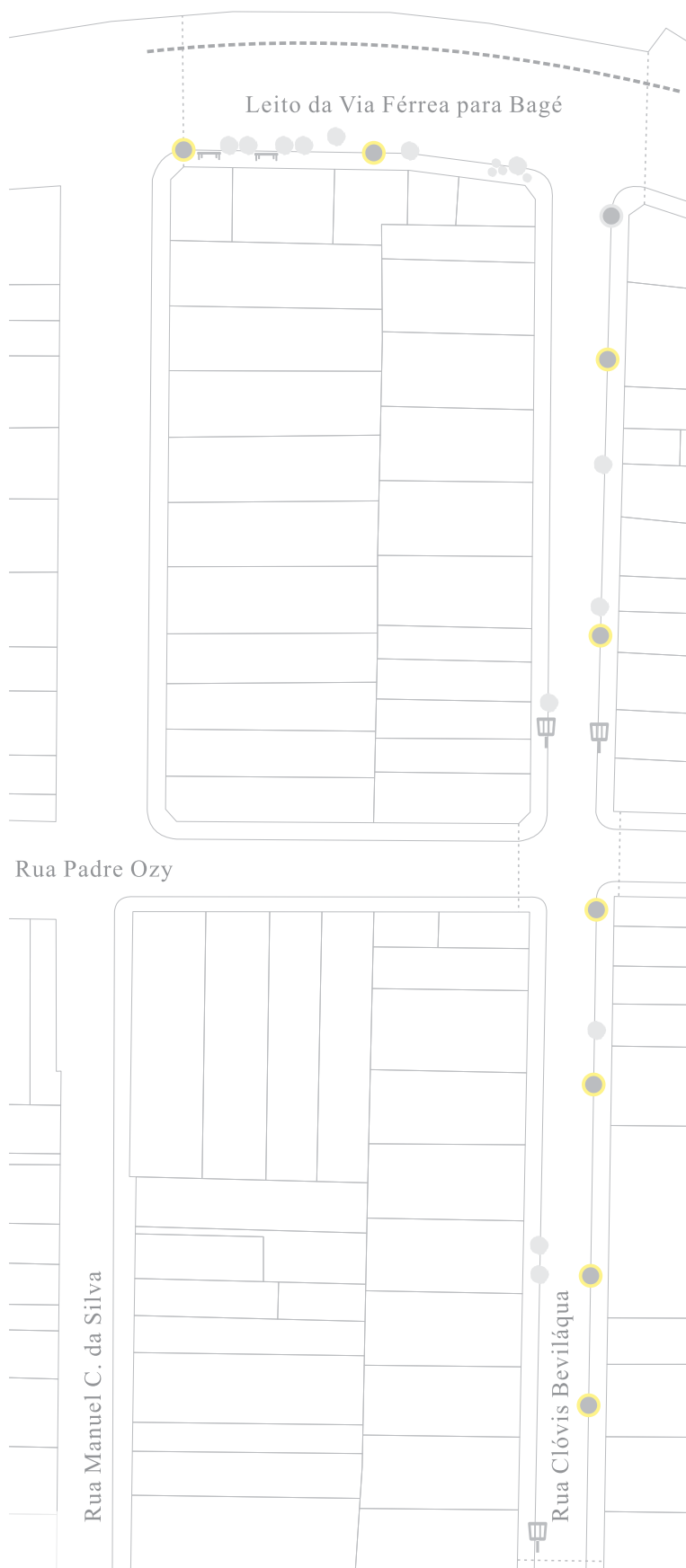
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-2/9-m
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:36
Horário final: 11:47

Clima

Temperatura: 25°C
Característica: predominantemente ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:35

Horário final: 14:43

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: predominantemente ensolarado

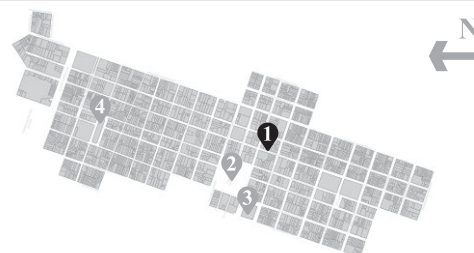
Observações

Sem vento.

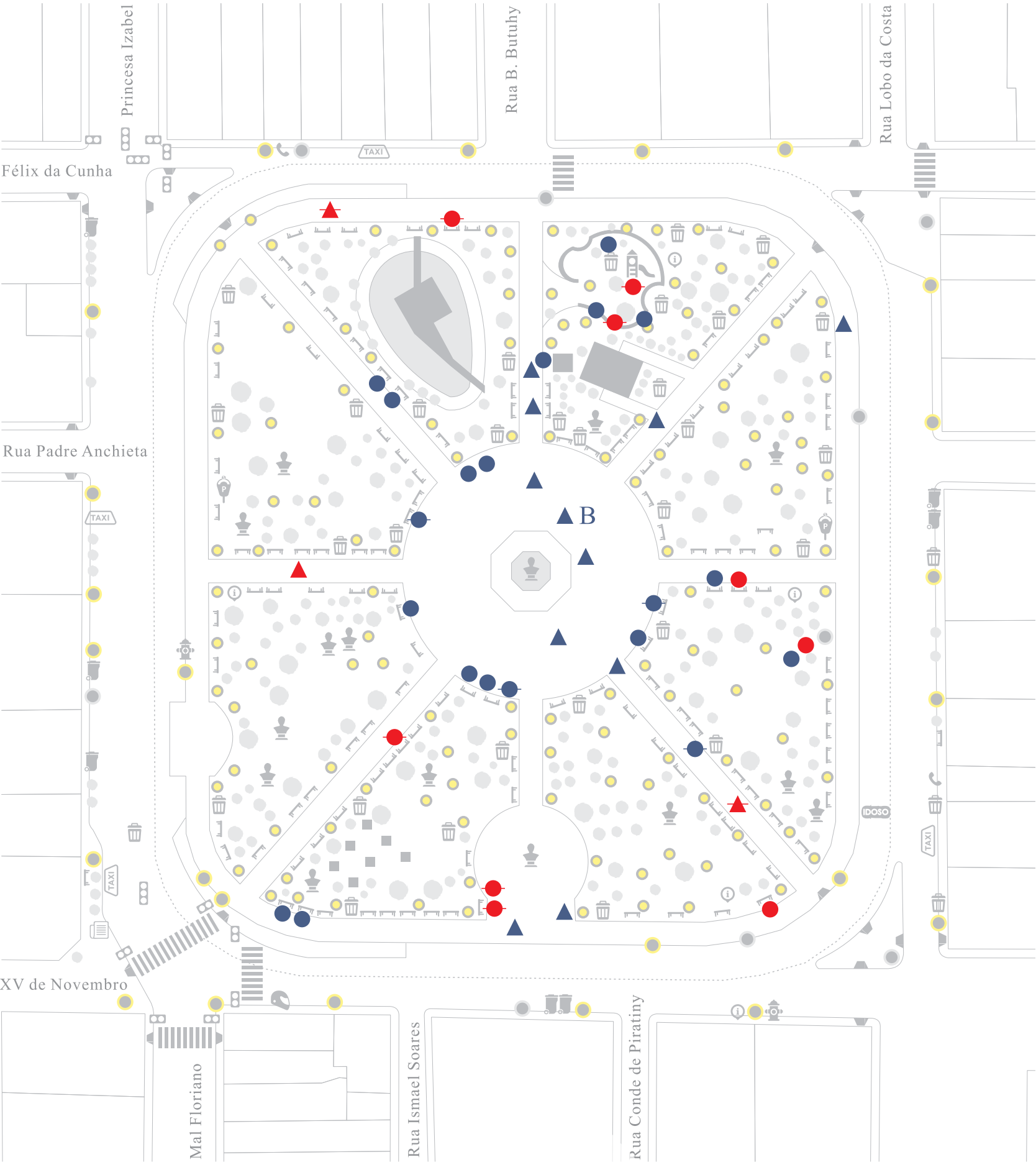
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:44

Horário final: 15:06

Clima

Temperatura: 28°C

Característica: predominantemente ensolarado

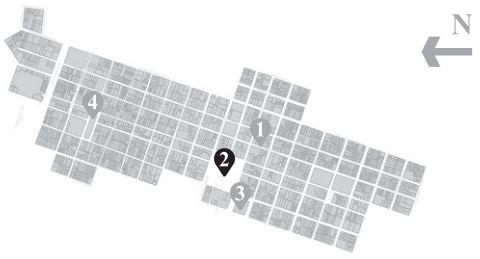
Observações

Sem vento.

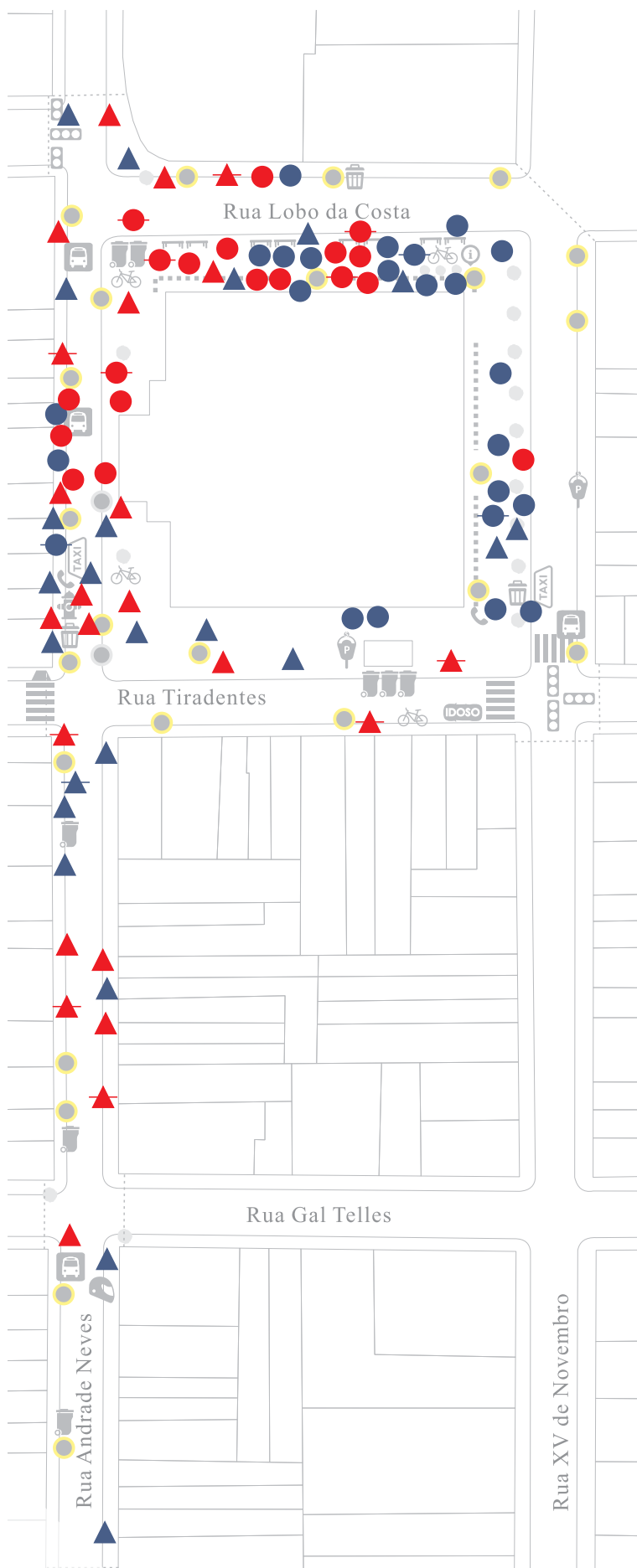
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:14

Horário final: 15:30

Clima

Temperatura: 28°C

Característica: ensolarado

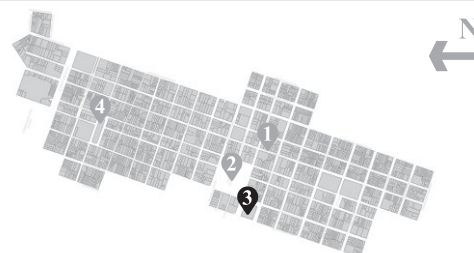
Observações

Sem vento.

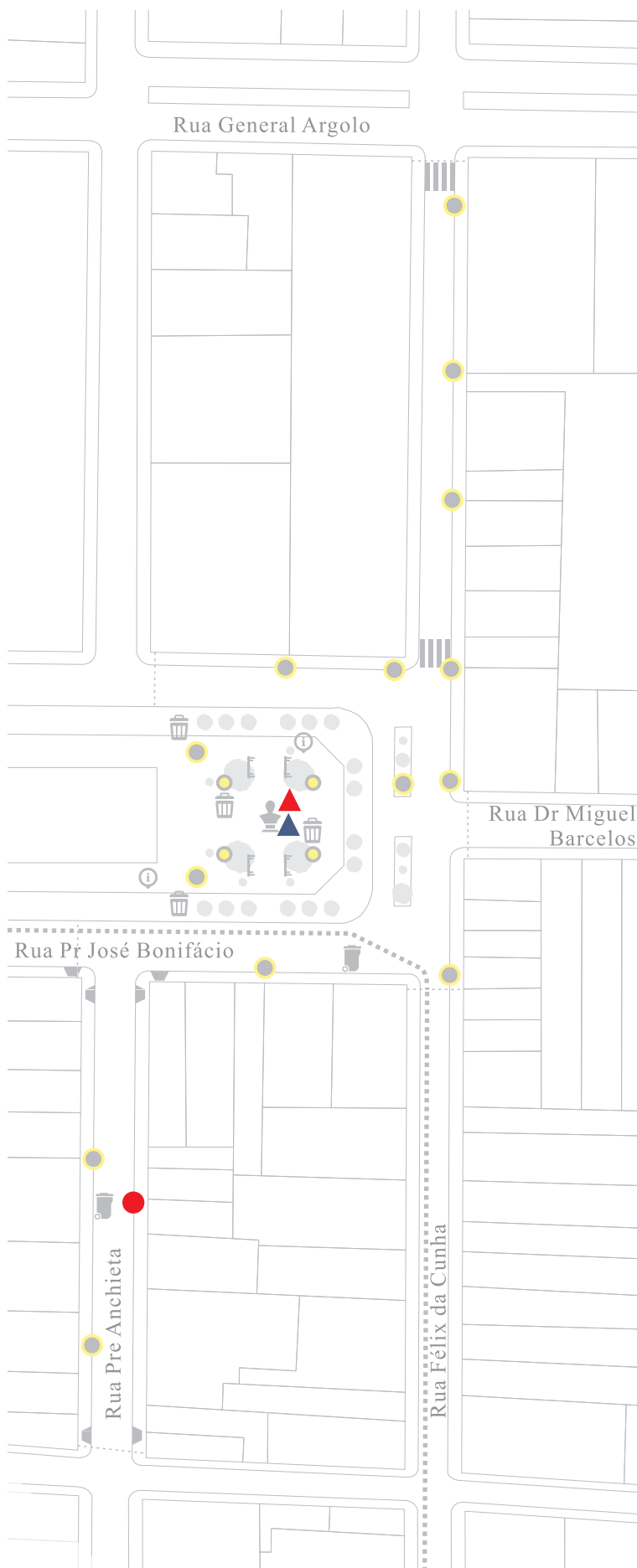
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:40

Horário final: 15:47

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: predominantemente ensolarado

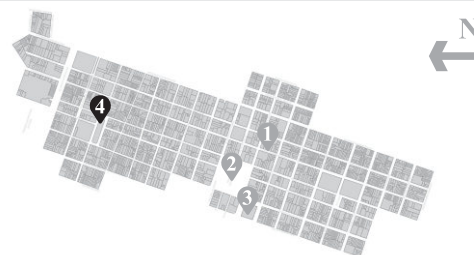
Observações

Sem vento.

Legenda

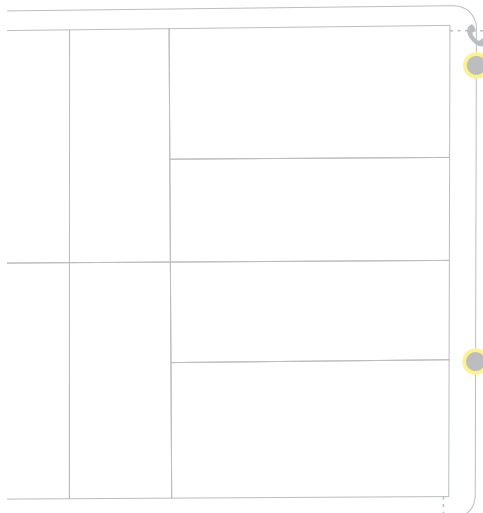
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

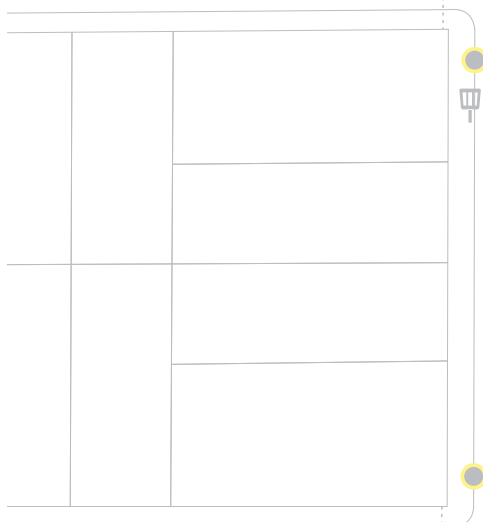


Mapa Comportamental

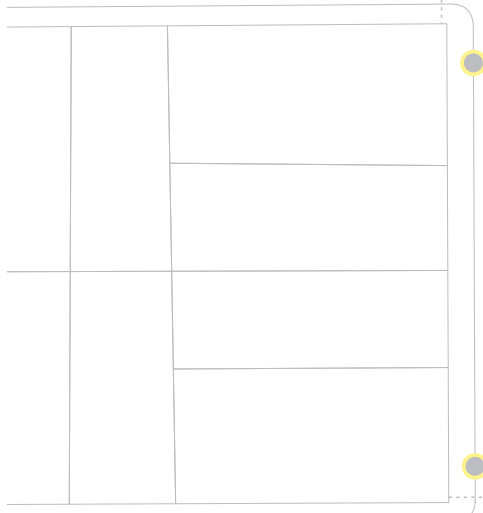
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada



Avenida Bento Gonçalves



Dados gerais

Mapa Comport.: N01-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:00

Horário final: 14:02

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: predominantemente ensolarado

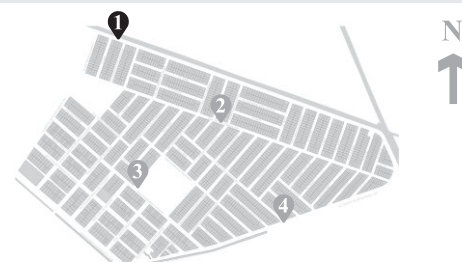
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:04

Horário final: 14:08

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: predominantemente ensolarado

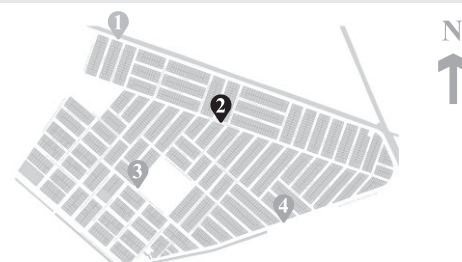
Observações

Sem vento.

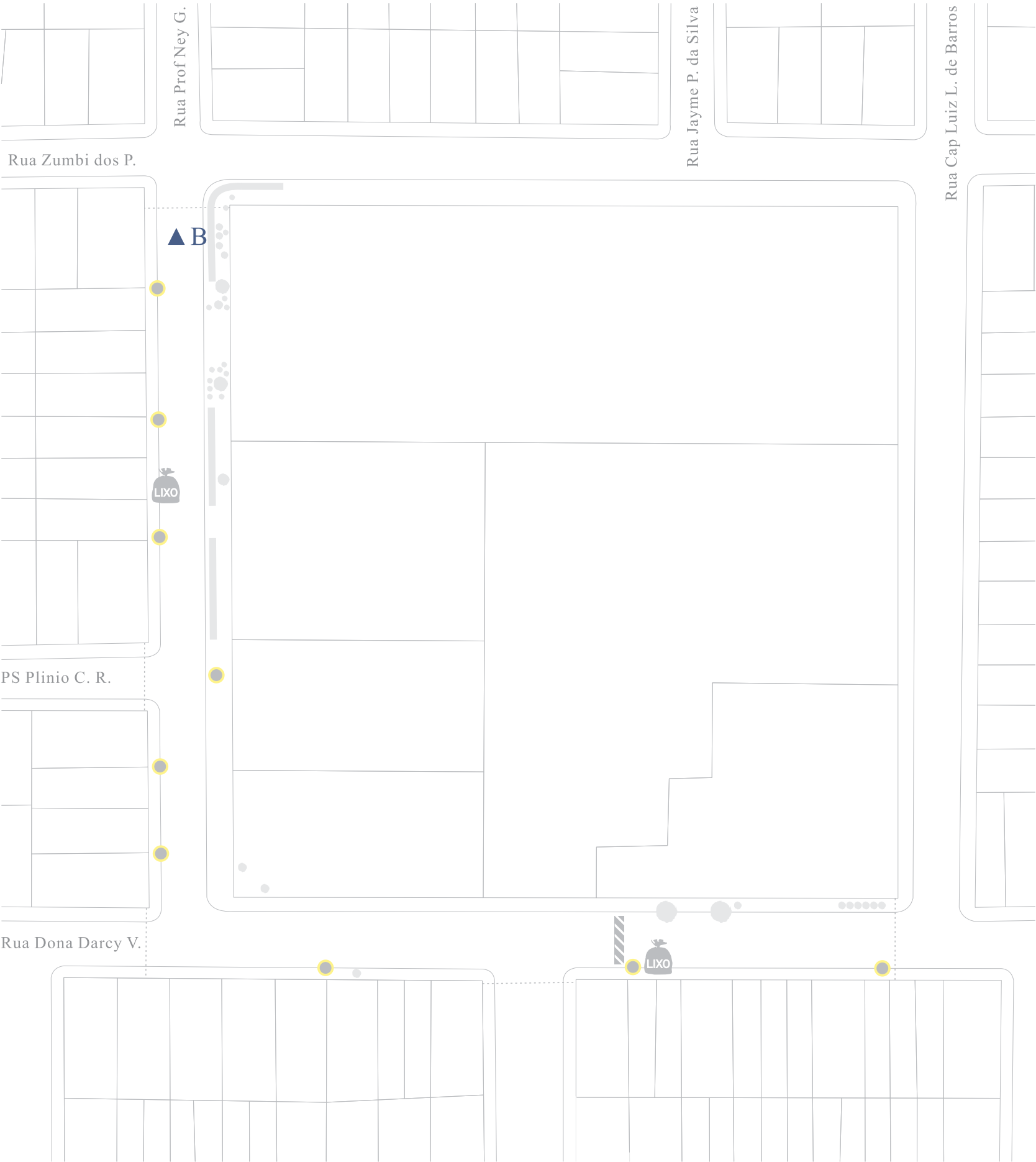
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-2/9-t
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:10
Horário final: 14:19

Clima

Temperatura: 29°C
Característica: predominantemente ensolarado

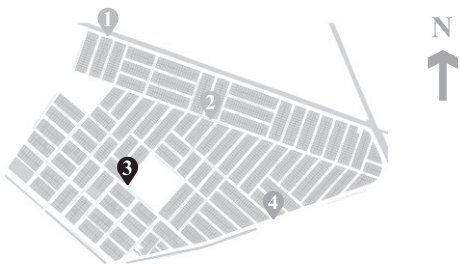
Observações

Sem vento.

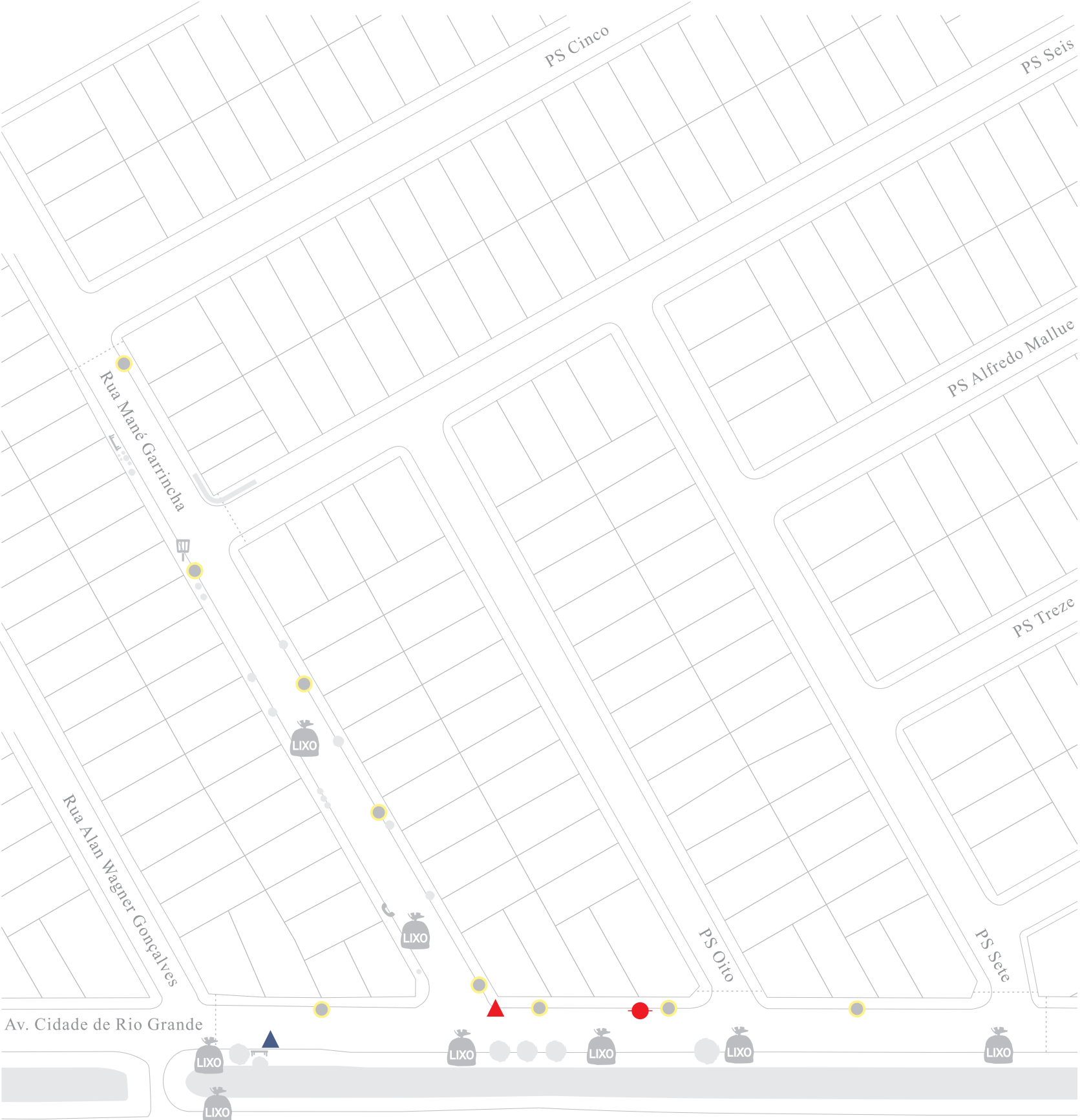
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-2/9-t
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:20
Horário final: 14:24

Clima

Temperatura: 29°C
Característica: predominantemente ensolarado

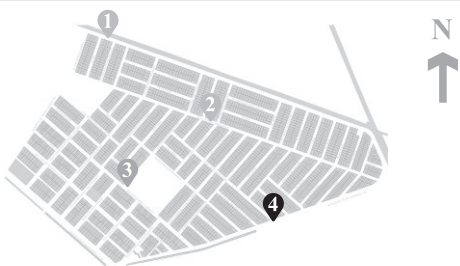
Observações

Sem vento.

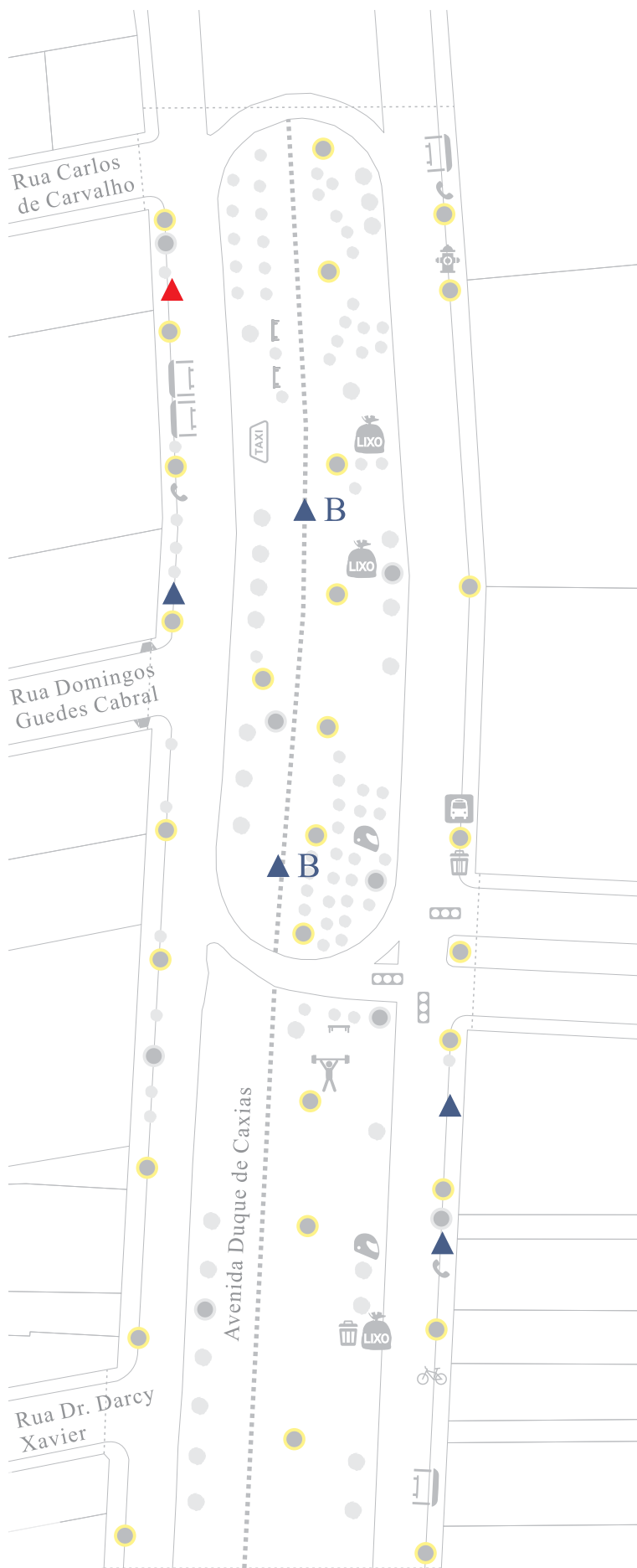
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:09

Horário final: 16:17

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: predominantemente ensolarado

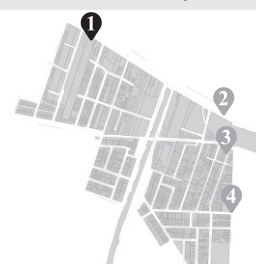
Observações

Sem vento.

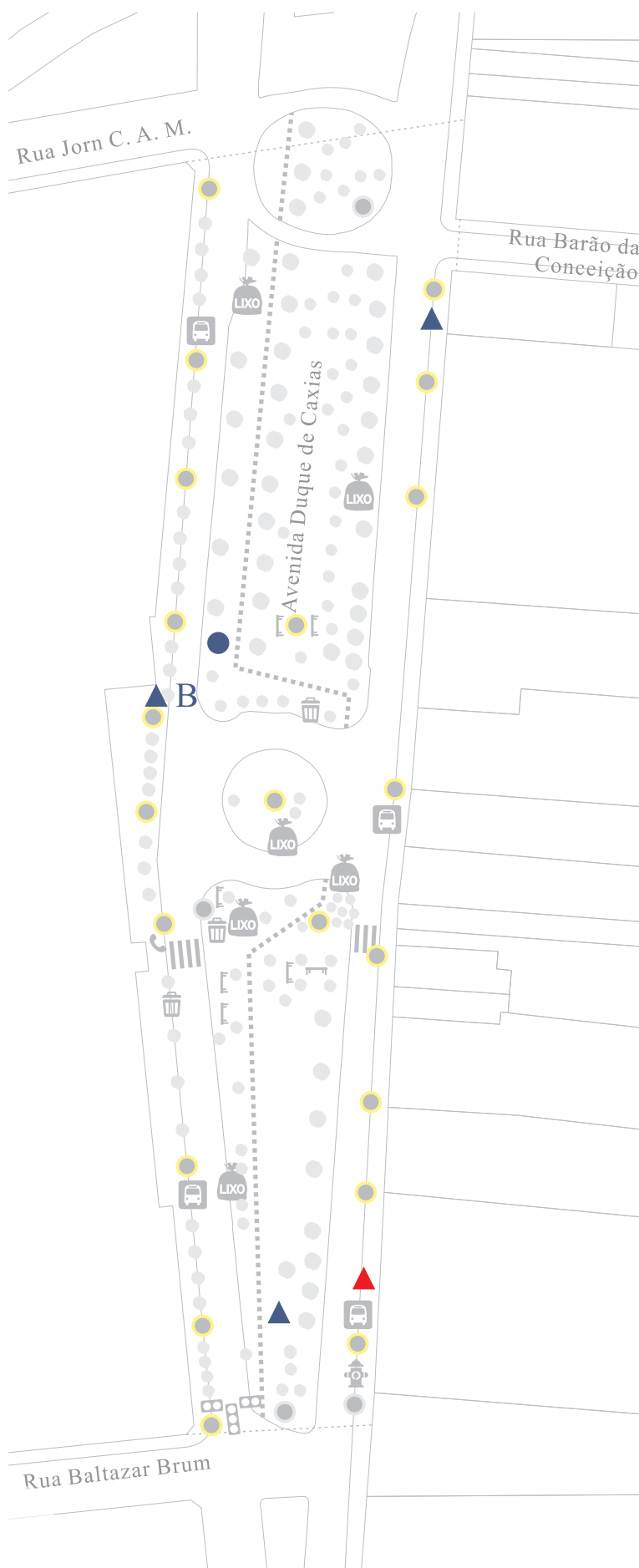
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:55

Horário final: 16:04

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: predominantemente ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-2/9-t

Data: 02/09/2017

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:23

Horário final: 16:25

Clima

Temperatura: 26°C

Característica: predominantemente ensolarado

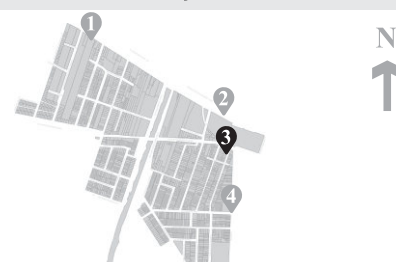
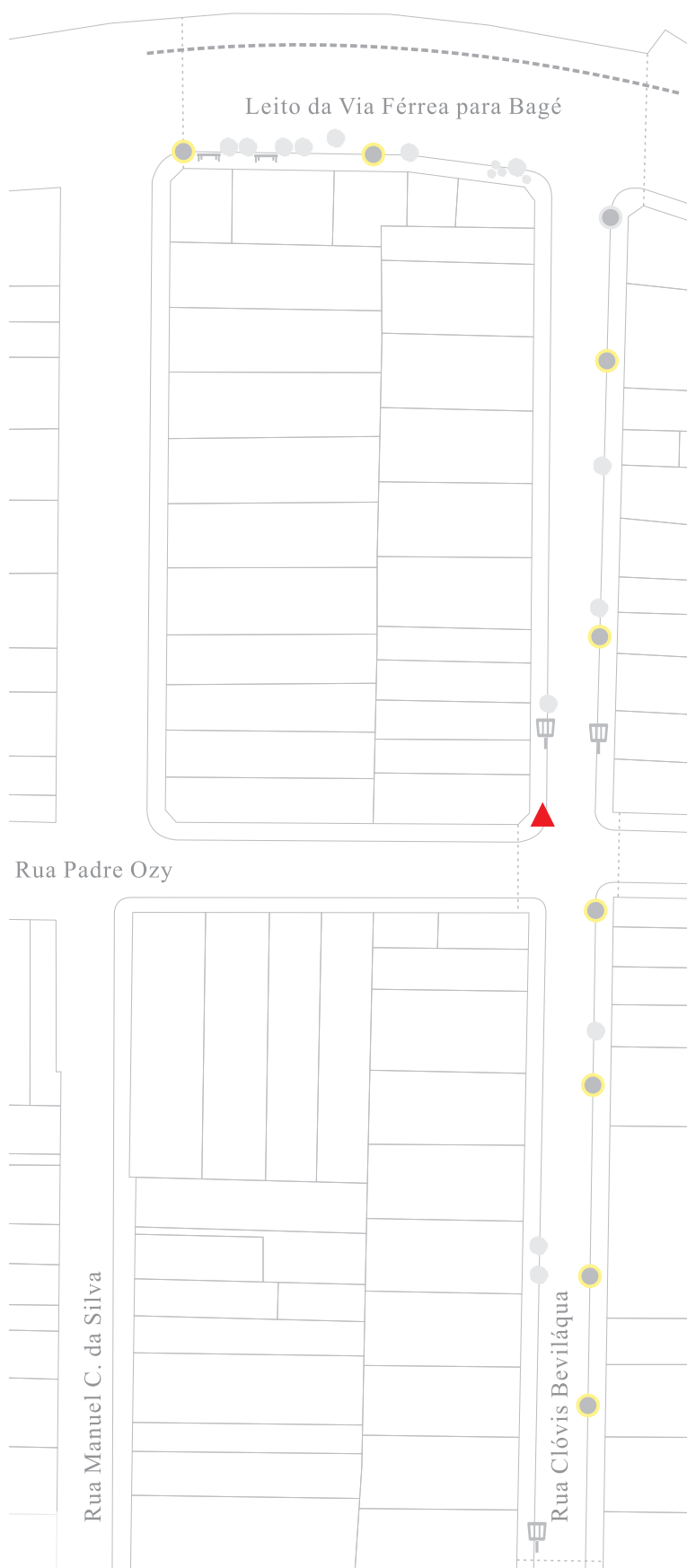
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-2/9-t
Data: 02/09/2017
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 16:26
Horário final: 16:32

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: predominantemente ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 10:00

Horário final: 10:05

Clima

Temperatura: 24°C

Característica: Ensolarado

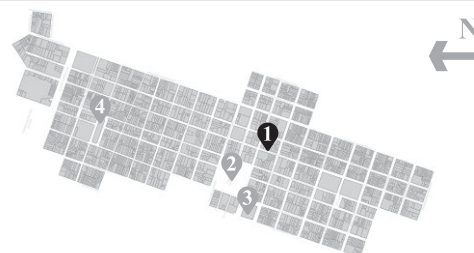
Observações

Sem vento.

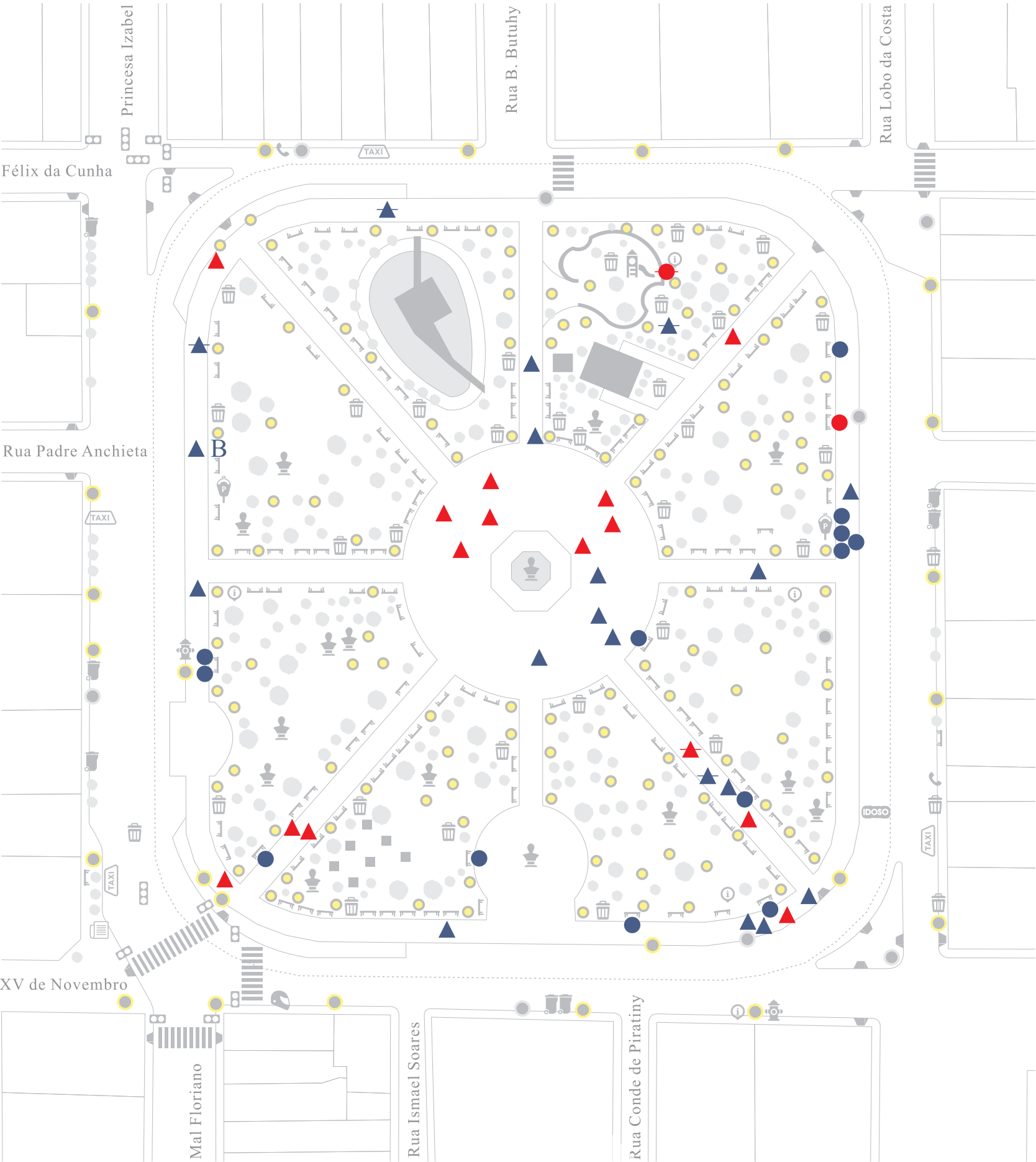
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 10:07

Horário final: 10:29

Clima

Temperatura: 24°C

Característica: Ensolarado

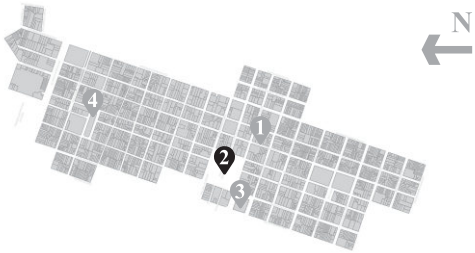
Observações

Sem vento.

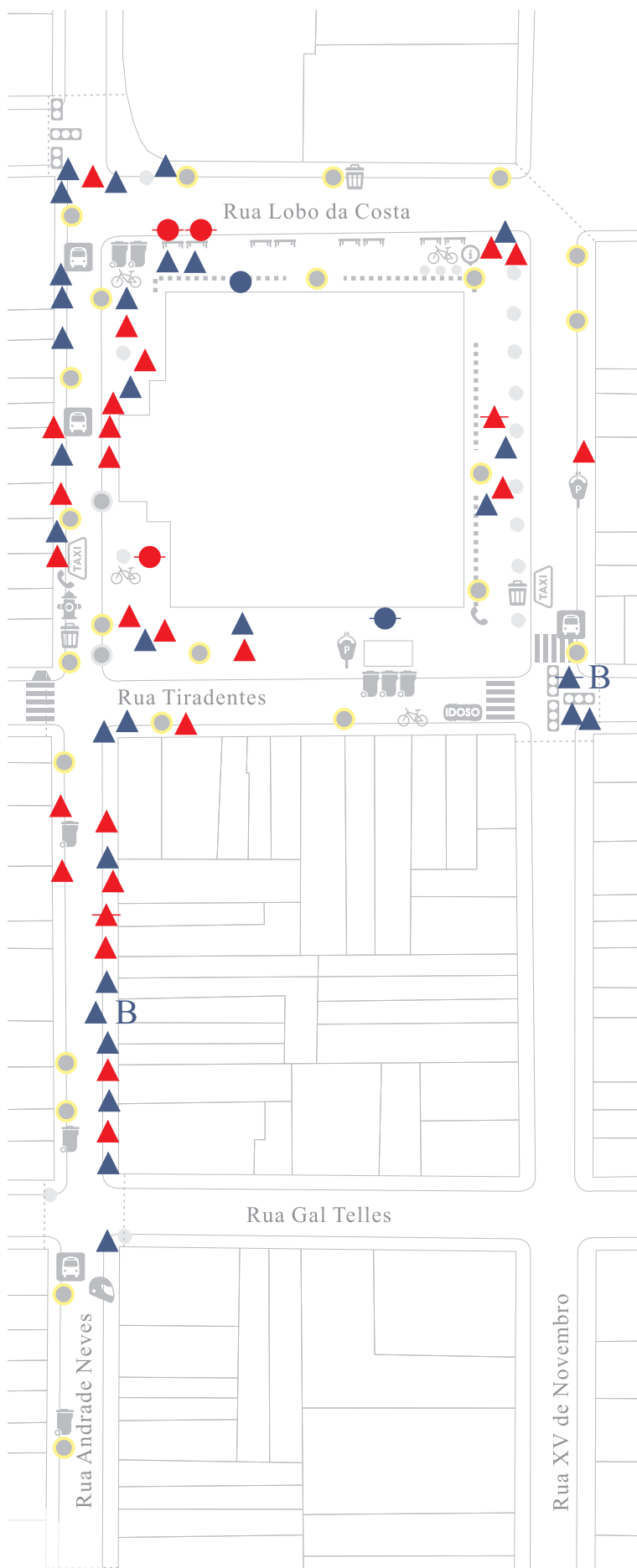
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 10:33

Horário final: 10:49

Clima

Temperatura: 24°C

Característica: Ensolarado

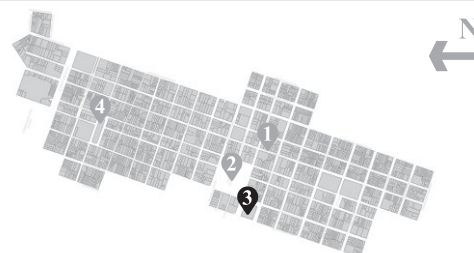
Observações

Sem vento.

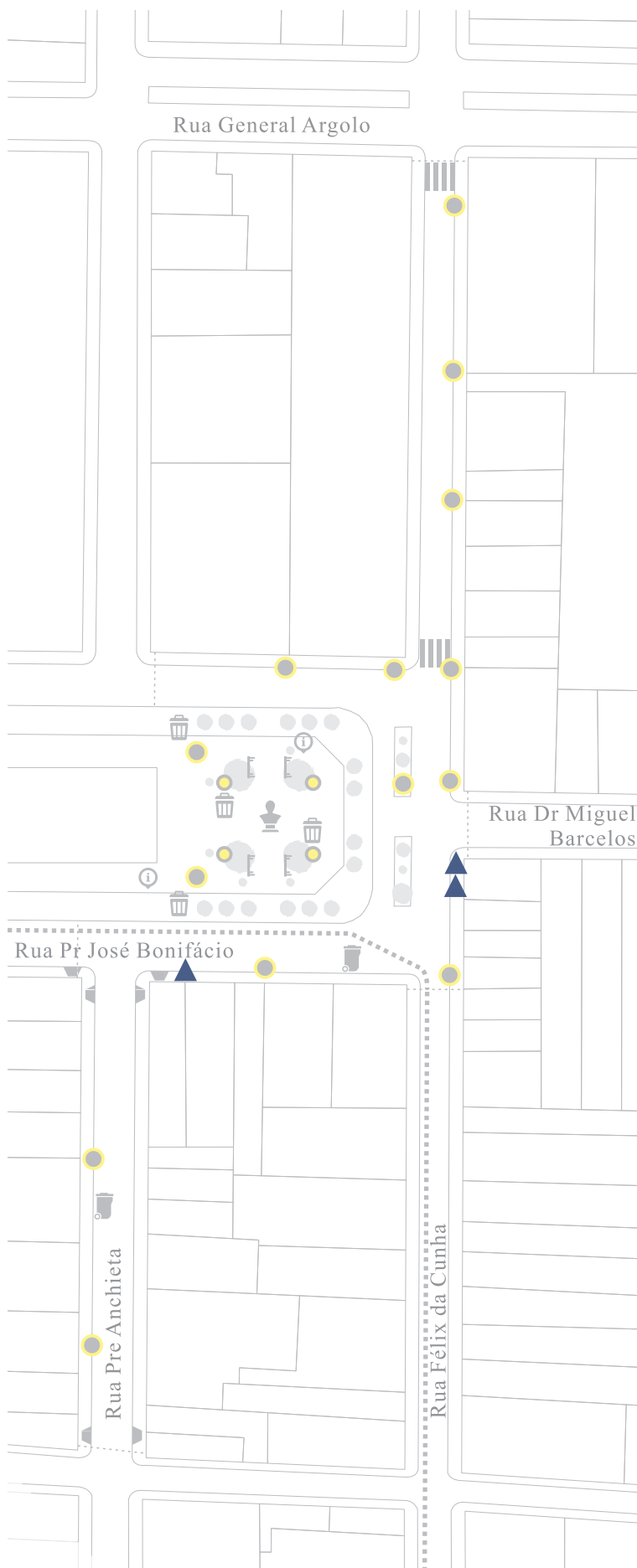
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 11:03

Horário final: 11:08

Clima

Temperatura: 26°C

Característica: Ensolarado

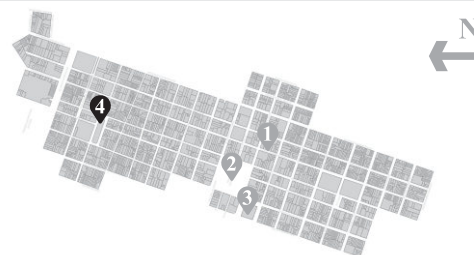
Observações

Sem vento.

Legenda

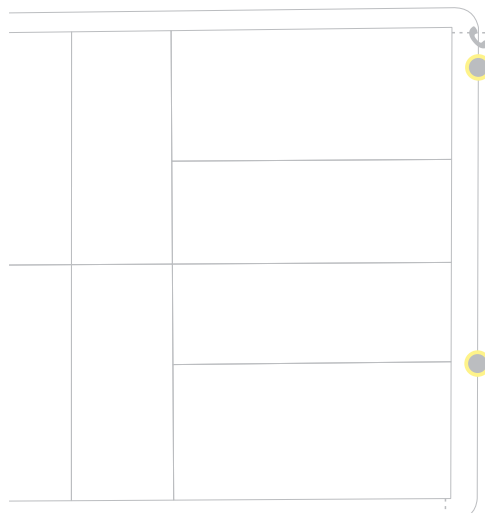
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

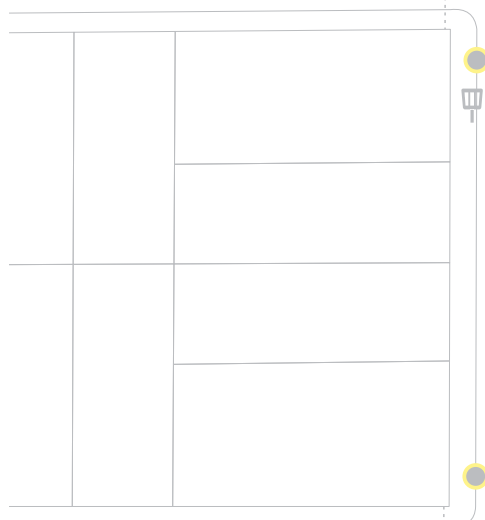


Mapa Comportamental

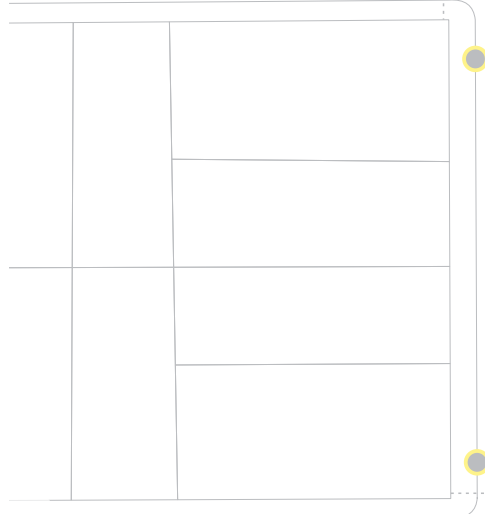
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada



Avenida Bento Gonçalves

Dados gerais

Mapa Comport.: N01-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:00

Horário final: 9:10

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: Ensolarado

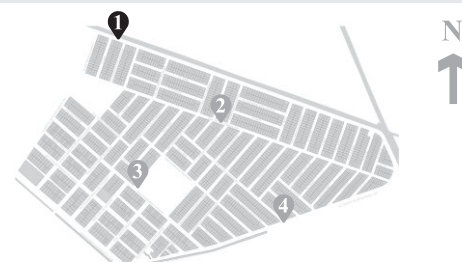
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:13

Horário final: 9:19

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: Ensolarado.

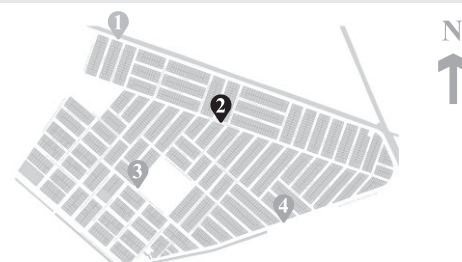
Observações

Sem vento.

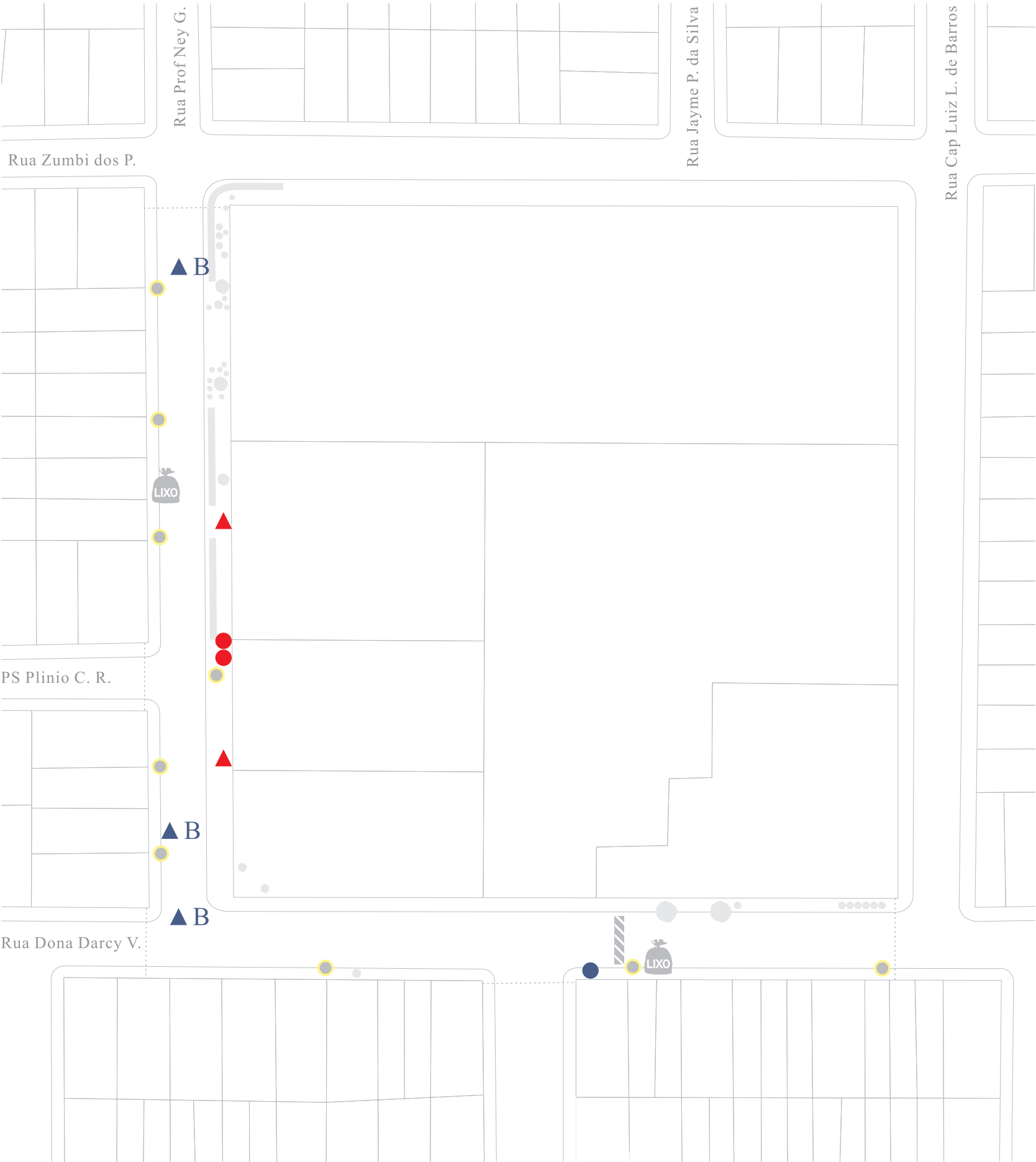
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-23/2-m
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 9:23
Horário final: 9:34

Clima

Temperatura: 22°C
Característica: Ensolarado

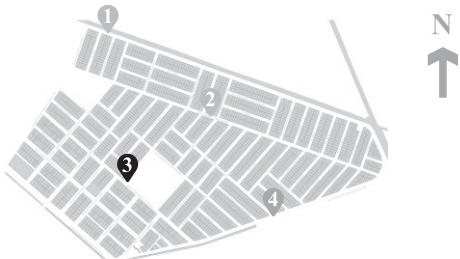
Observações

Sem vento.

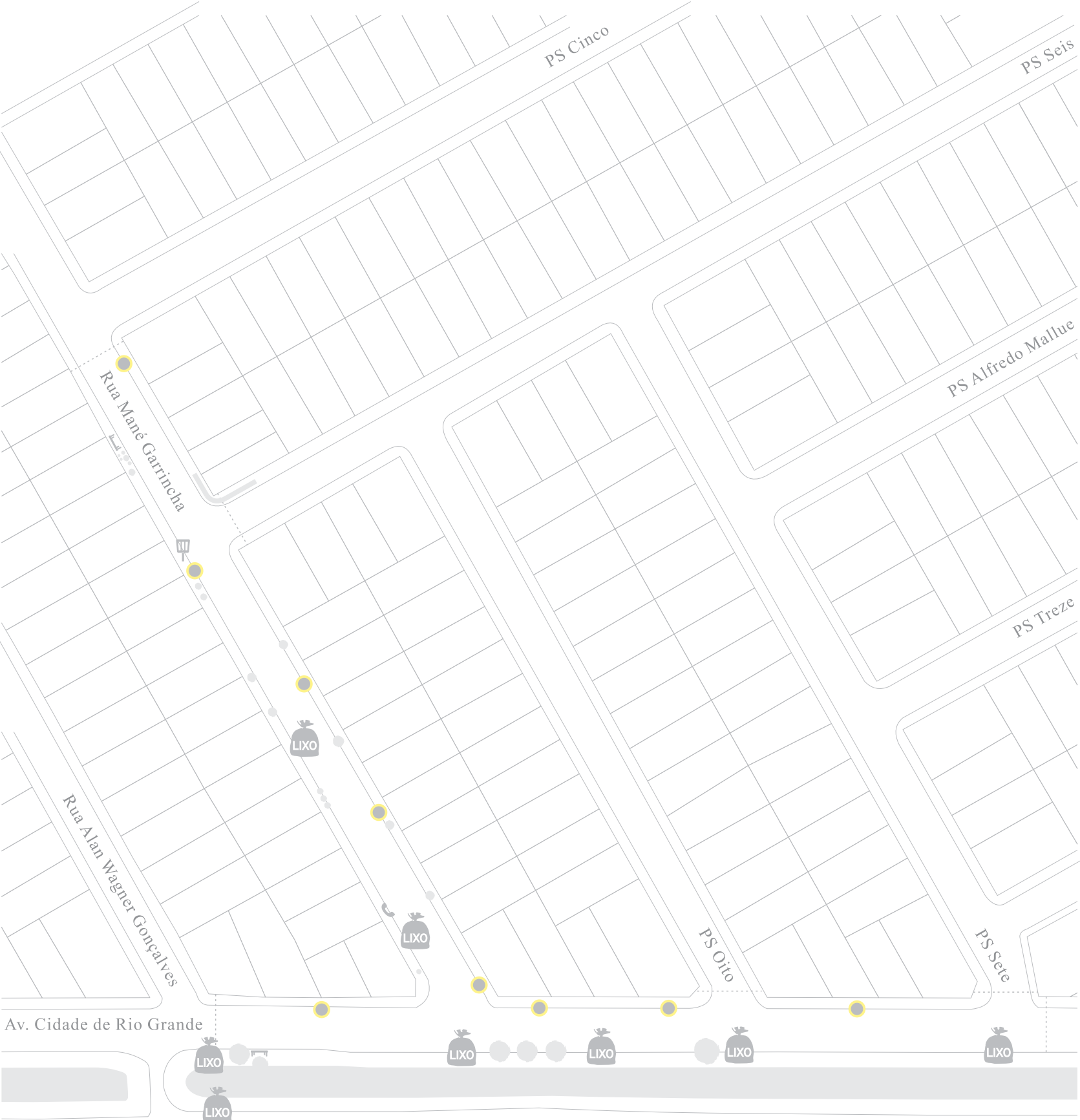
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:38

Horário final: 9:43

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: Ensolarado

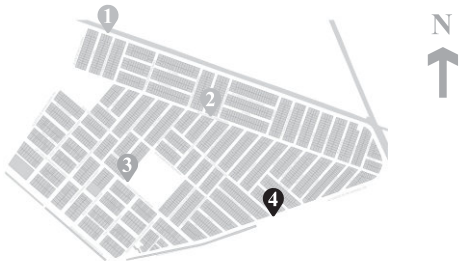
Observações

Sem vento.

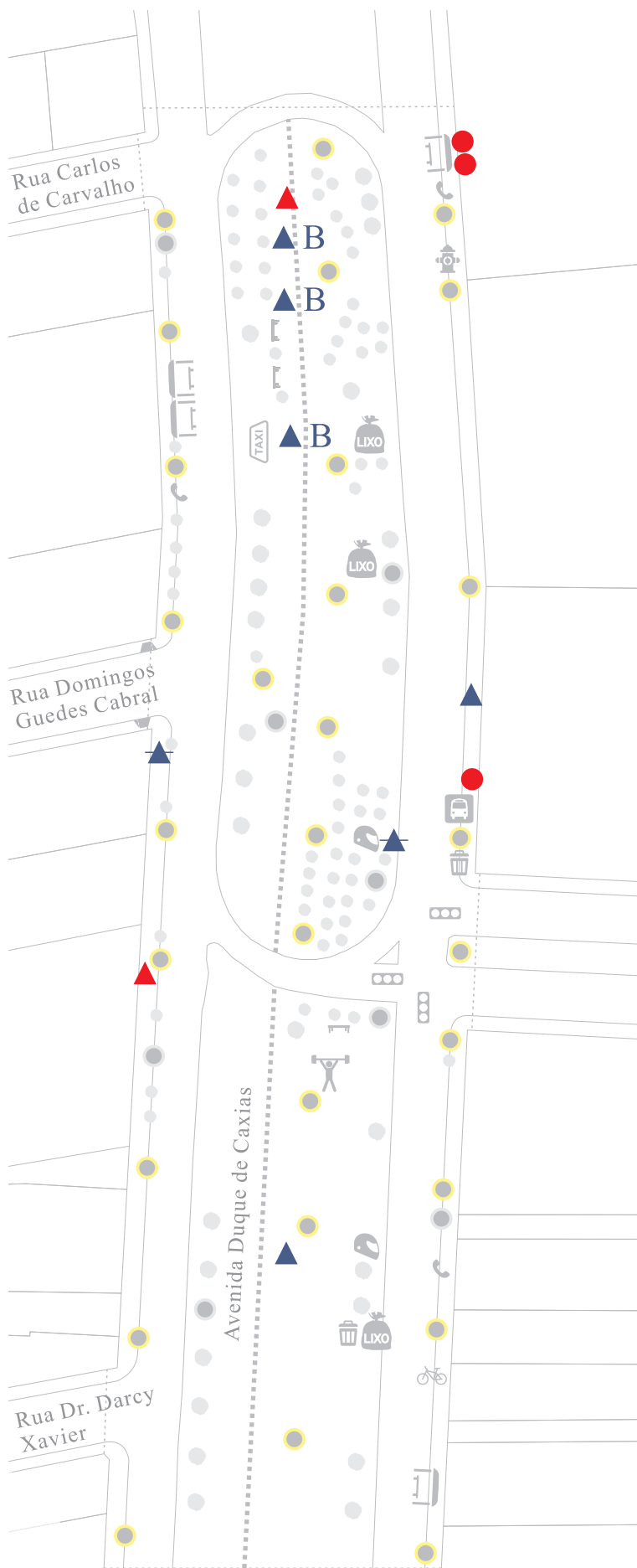
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-23/2-m
 Data: 23/02/2018
 (D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
 Horário inicial: 11:33
 Horário final: 11:44

Clima

Temperatura: 26°C
 Característica: Ensolarado

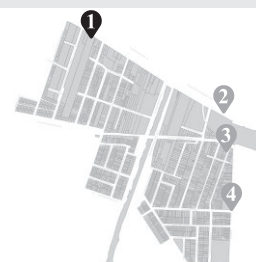
Observações

Sem vento.

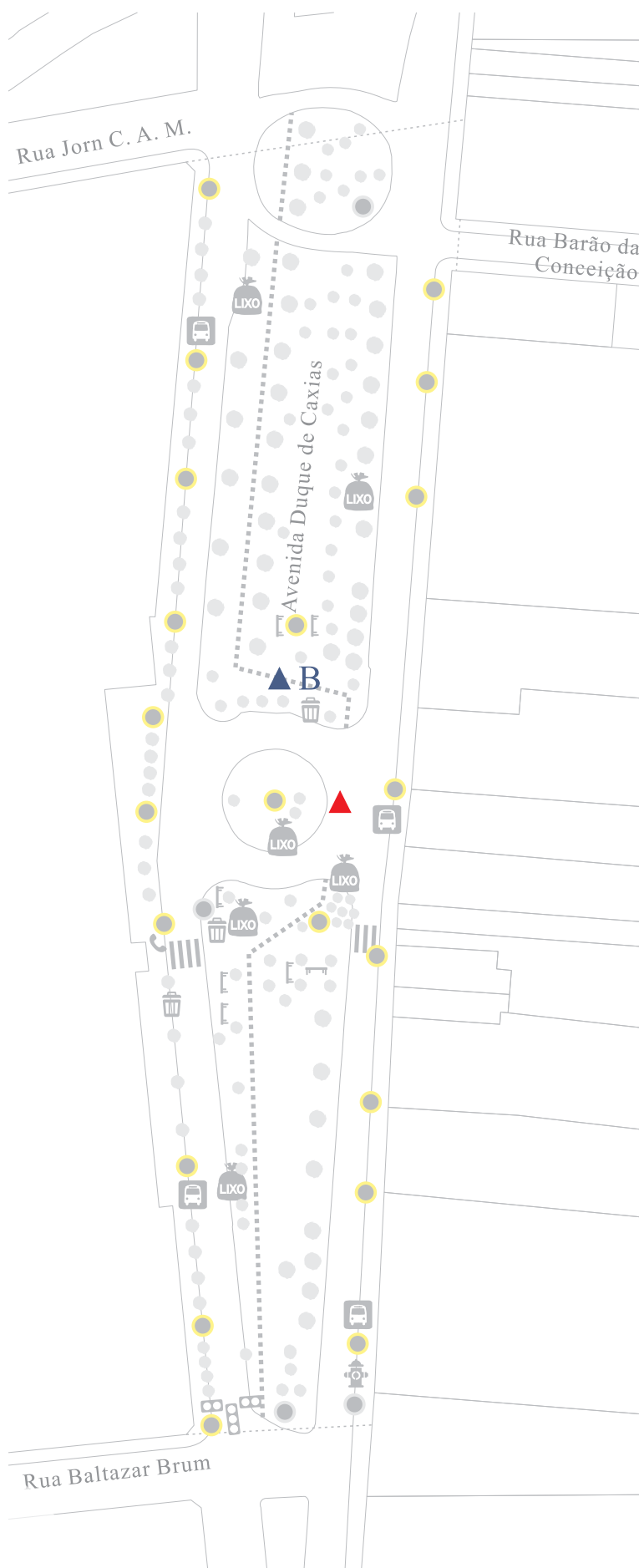
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 11:51

Horário final: 11:59

Clima

Temperatura: 26°C

Característica: Ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-23/2-m

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 12:01

Horário final: 12:03

Clima

Temperatura: 26°C

Característica: Ensolarado

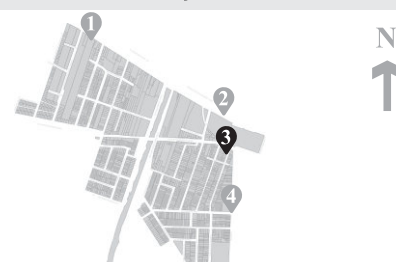
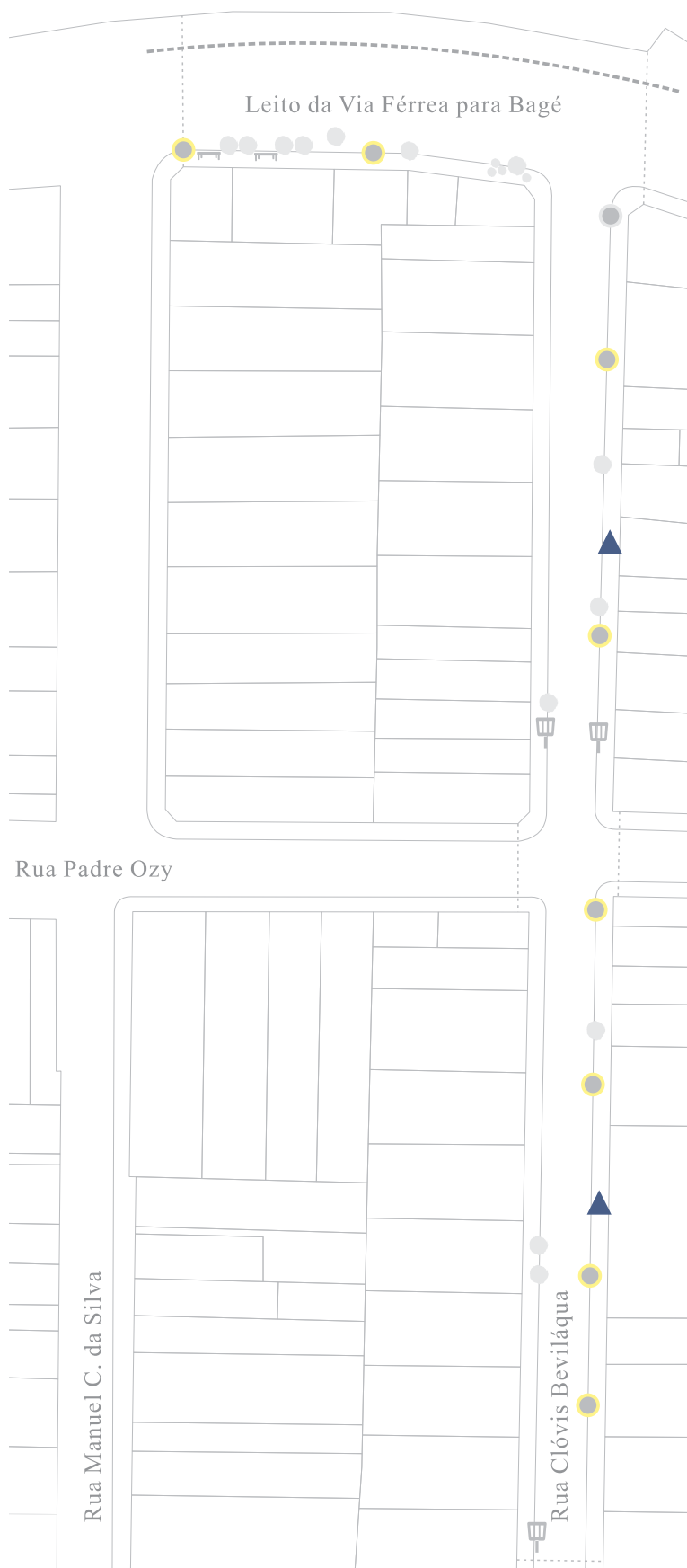
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-23/2-m
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 12:05
Horário final: 12:12

Clima

Temperatura: 27°C
Característica: Ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta		
cadeirante		

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:57

Horário final: 15:01

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado.

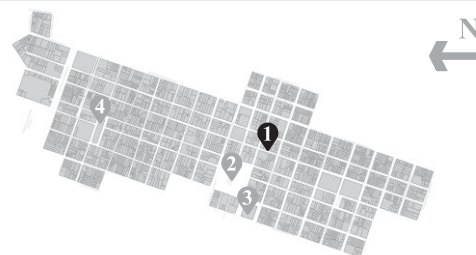
Observações

Sem vento.

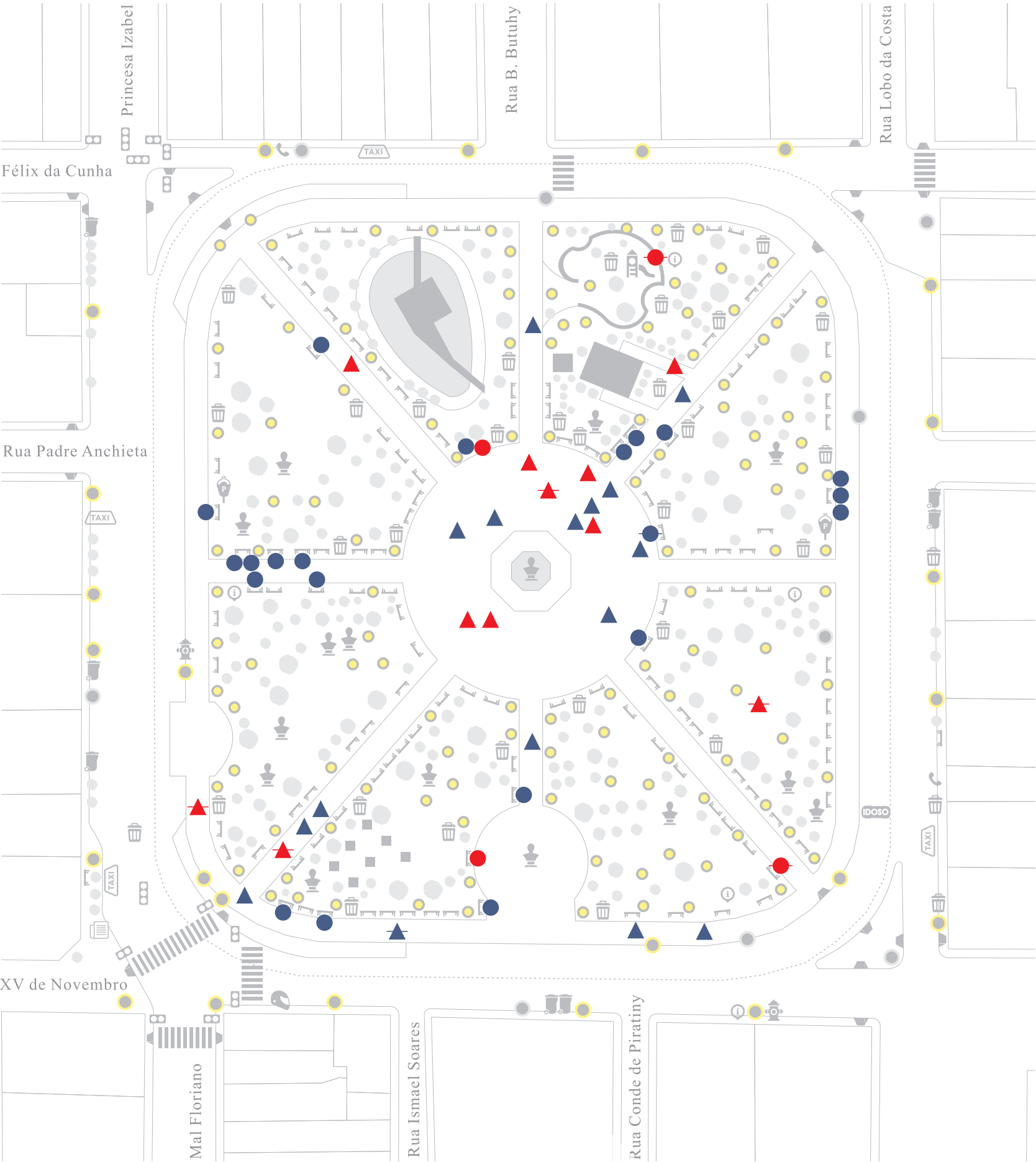
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:01

Horário final: 15:24

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado

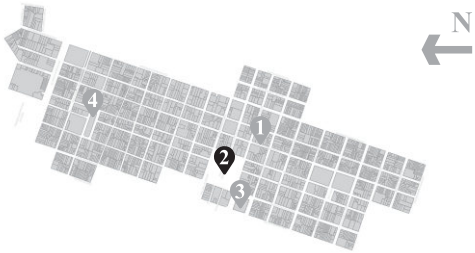
Observações

Sem vento.

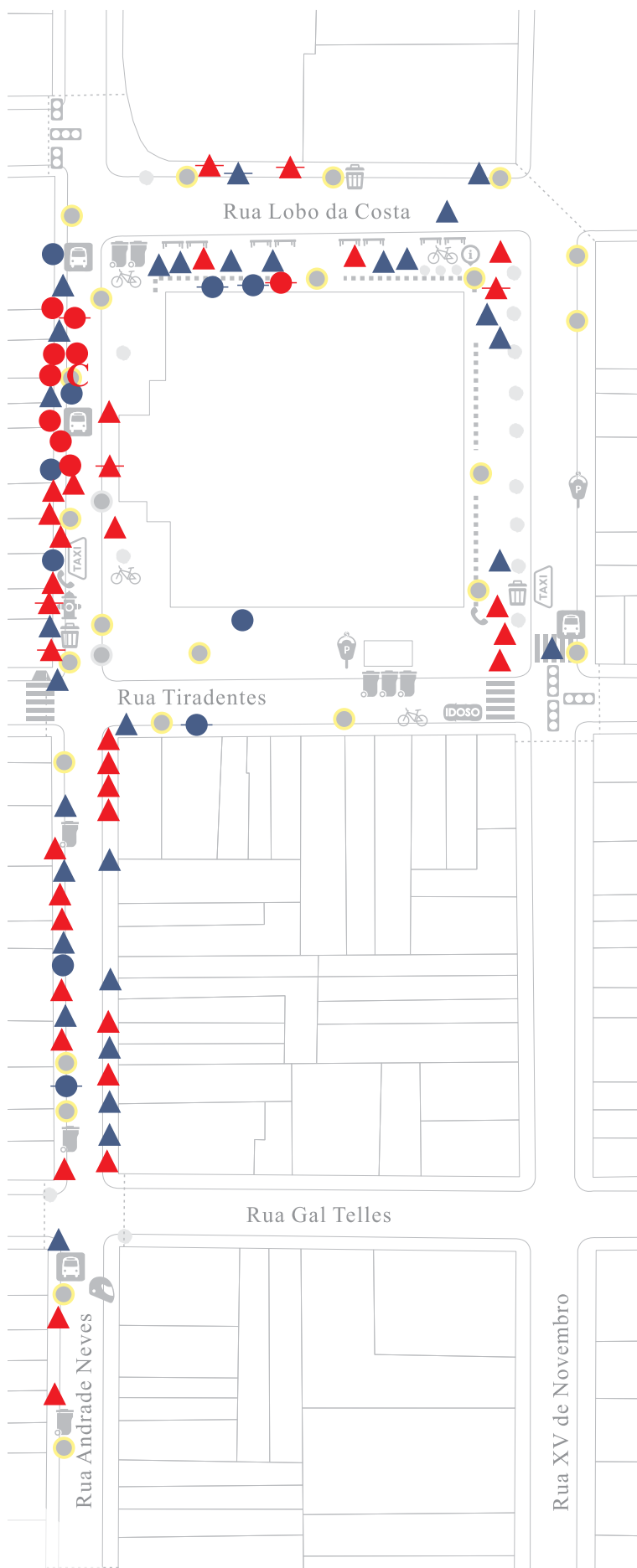
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:28

Horário final: 15:49

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado.

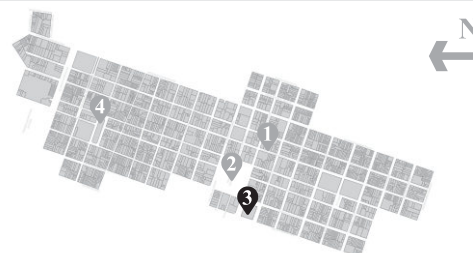
Observações

Sem vento.

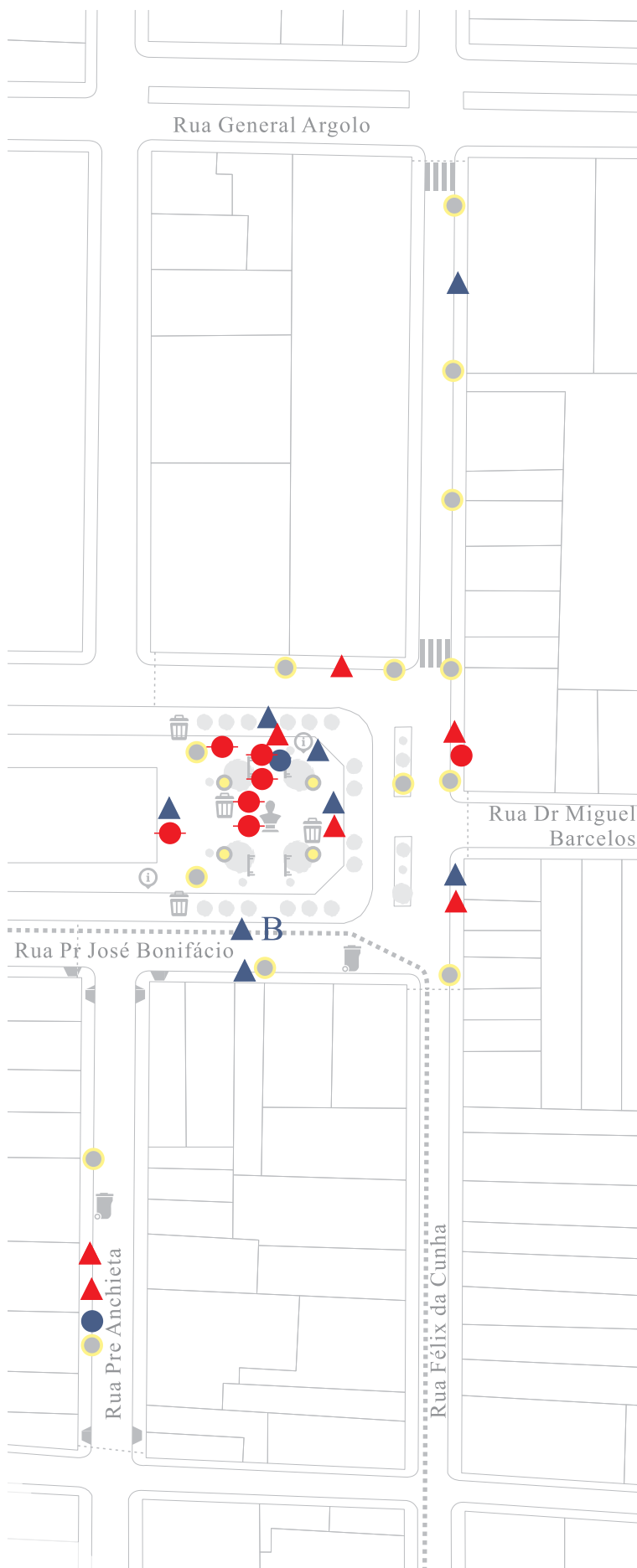
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:23

Horário final: 16:32

Clima

Temperatura: 26°C

Característica: Nublado

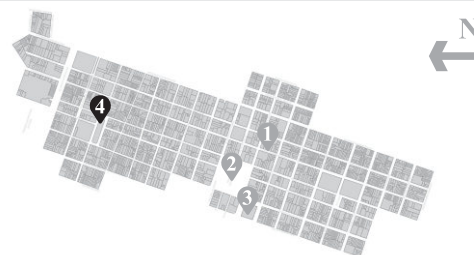
Observações

Sem vento.

Legenda

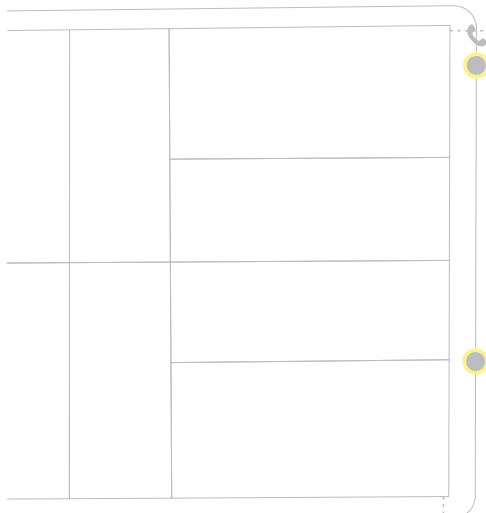
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

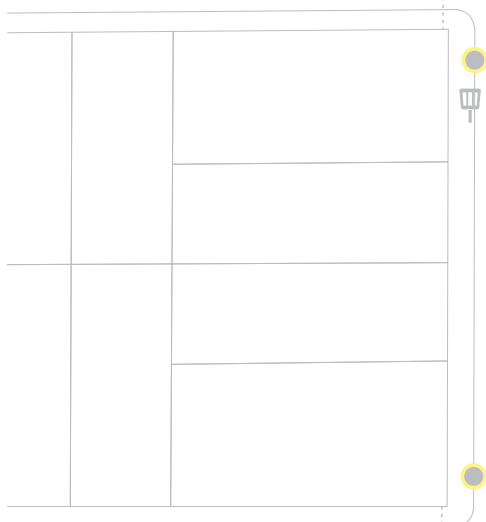


Mapa Comportamental

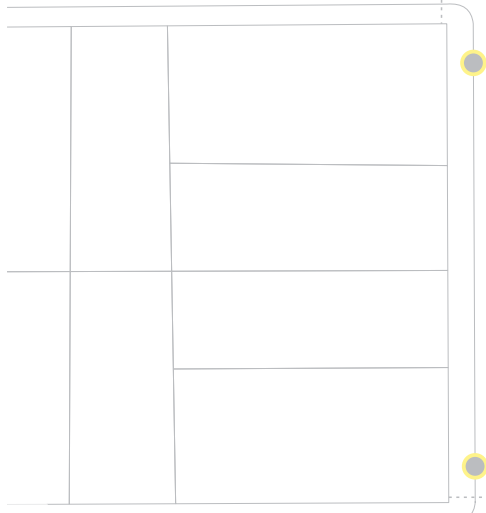
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada

Avenida Bento Gonçalves



Dados gerais

Mapa Comport.: N01-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:00

Horário final: 14:05

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado.

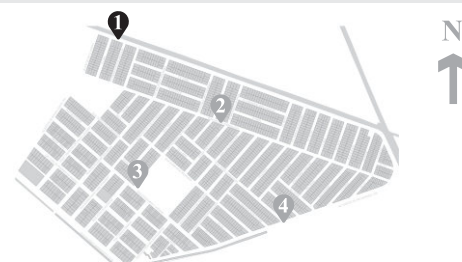
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:10

Horário final: 14:17

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado.

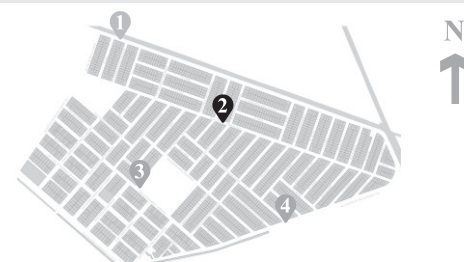
Observações

Sem vento.

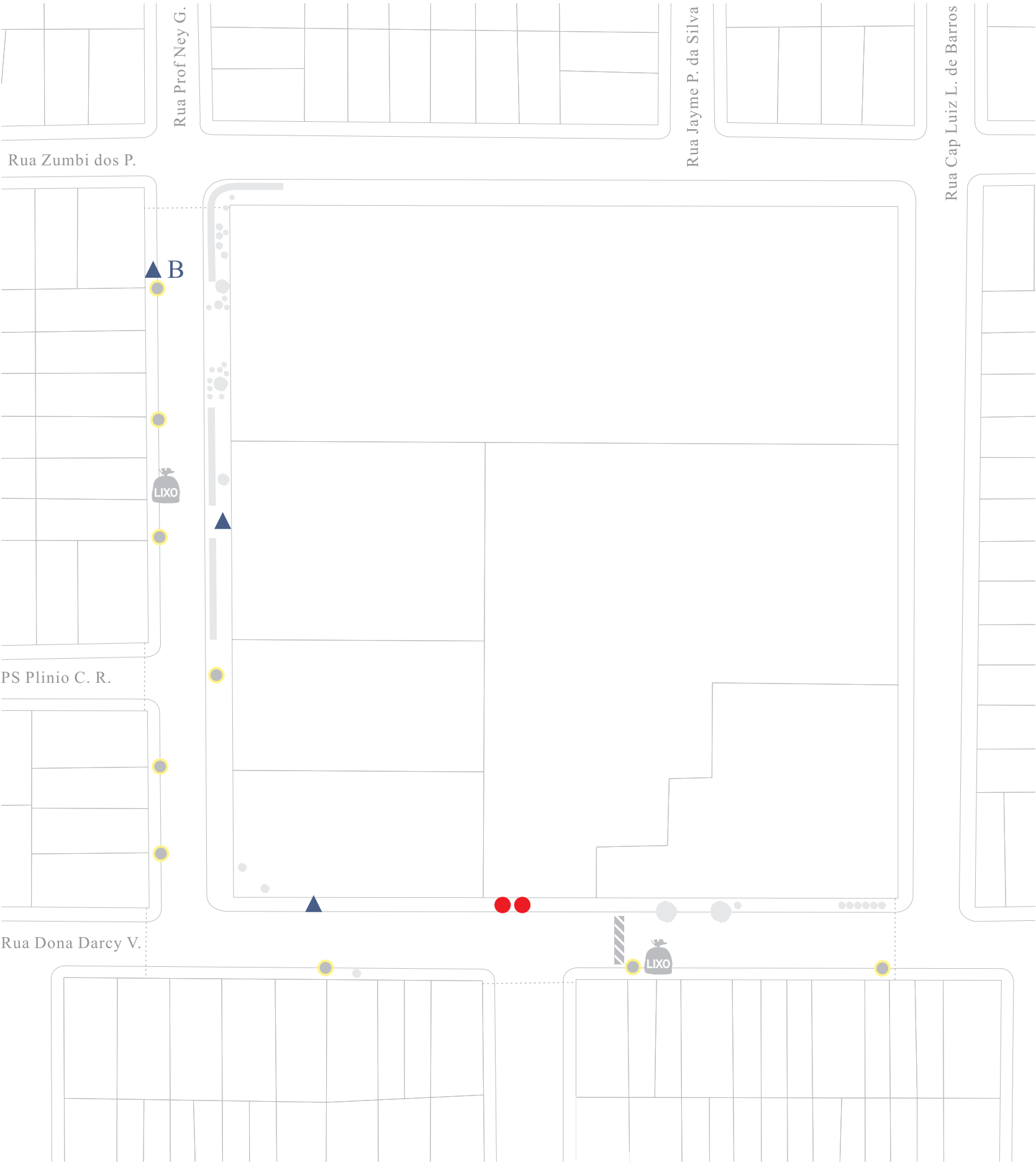
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-23/2-t
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:19
Horário final: 14:34

Clima

Temperatura: 27°C
Característica: Parcialmente nublado.

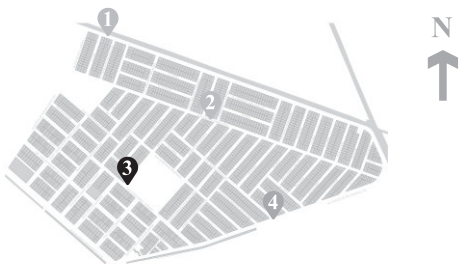
Observações

Sem vento.

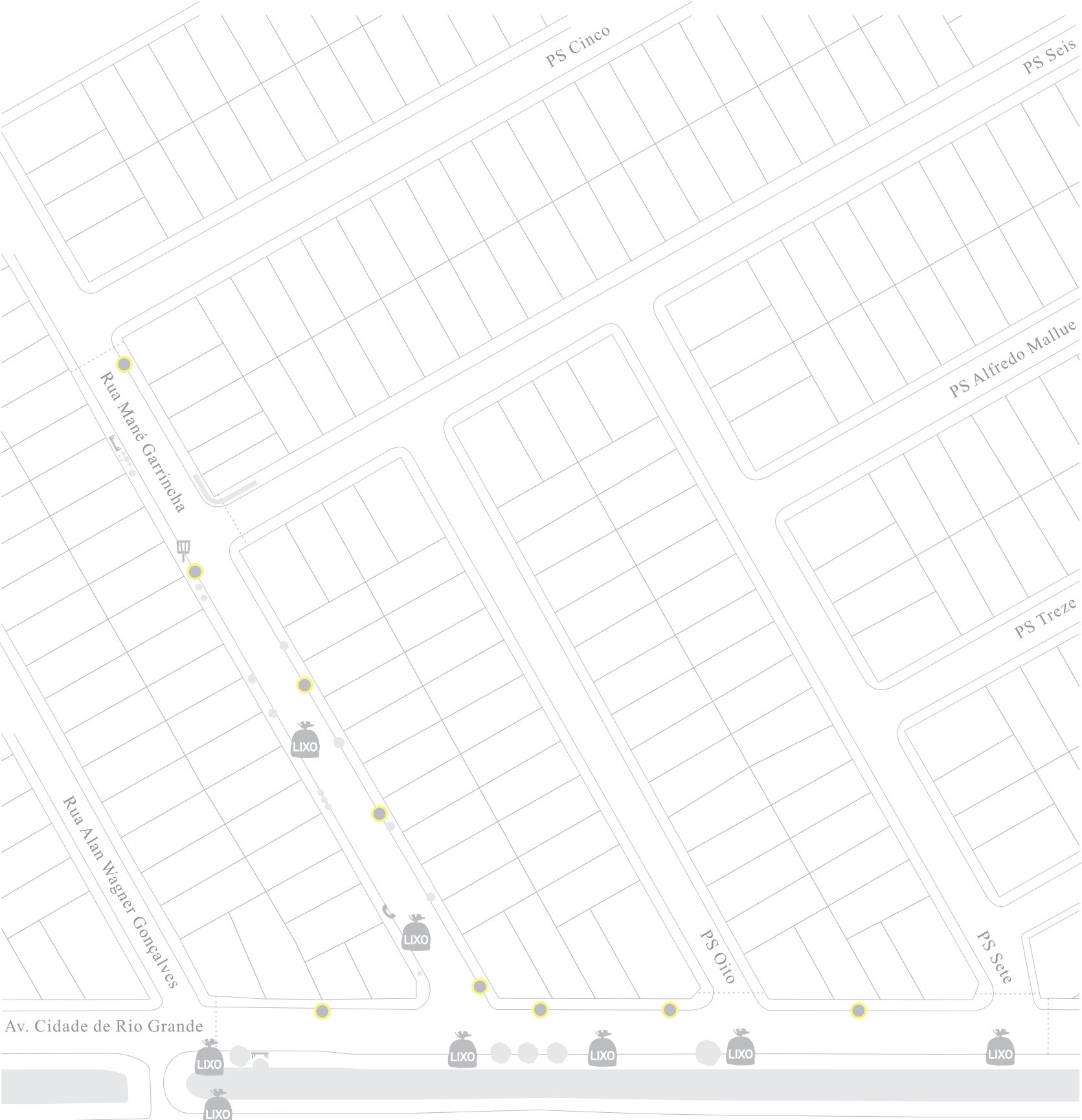
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-23/2-t
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:39
Horário final: 14:43

Clima

Temperatura: 27°C
Característica: Parcialmente nublado.

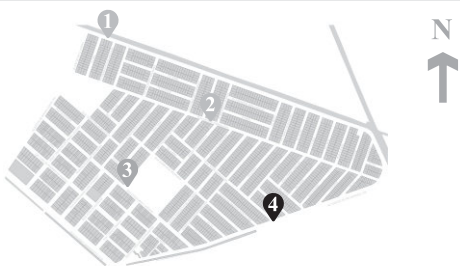
Observações

Sem vento.

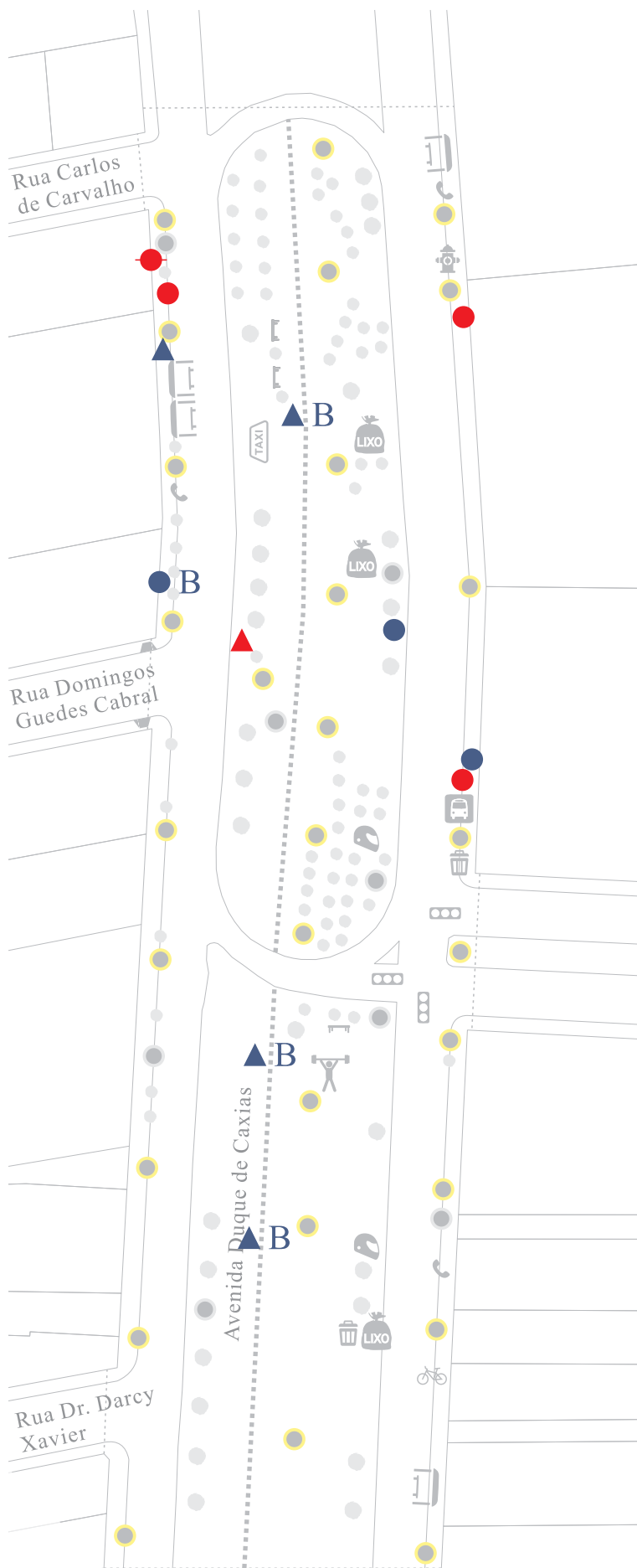
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-23/2-t
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 16:52
Horário final: 17:04

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Nublado

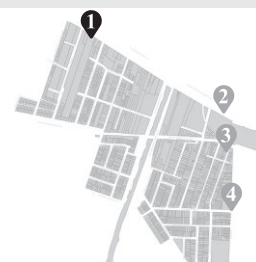
Observações

Sem vento.

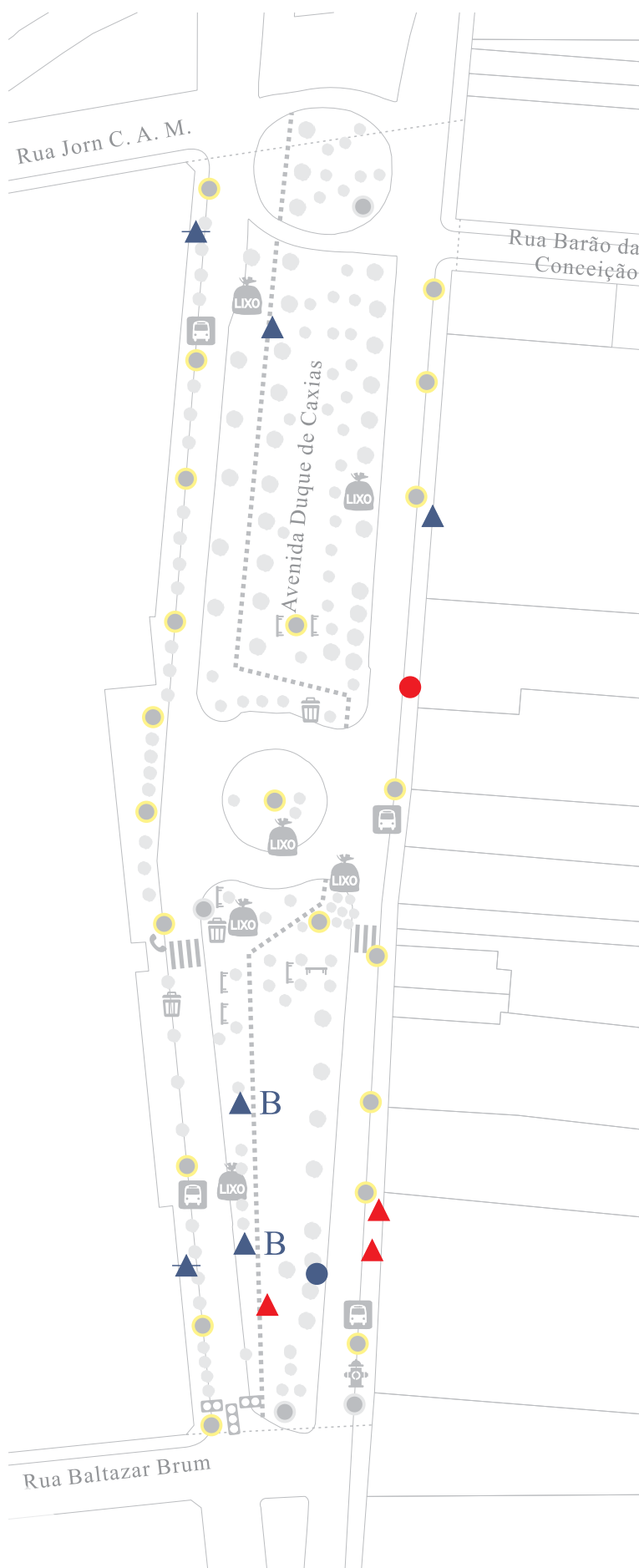
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-23/2-t
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 17:11
Horário final: 17:23

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Nublado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-23/2-t

Data: 23/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 17:28

Horário final: 17:28

Clima

Temperatura: 26°C

Característica: Nublado

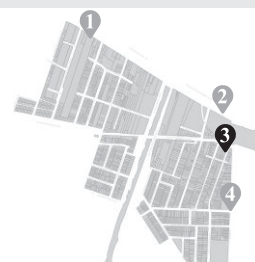
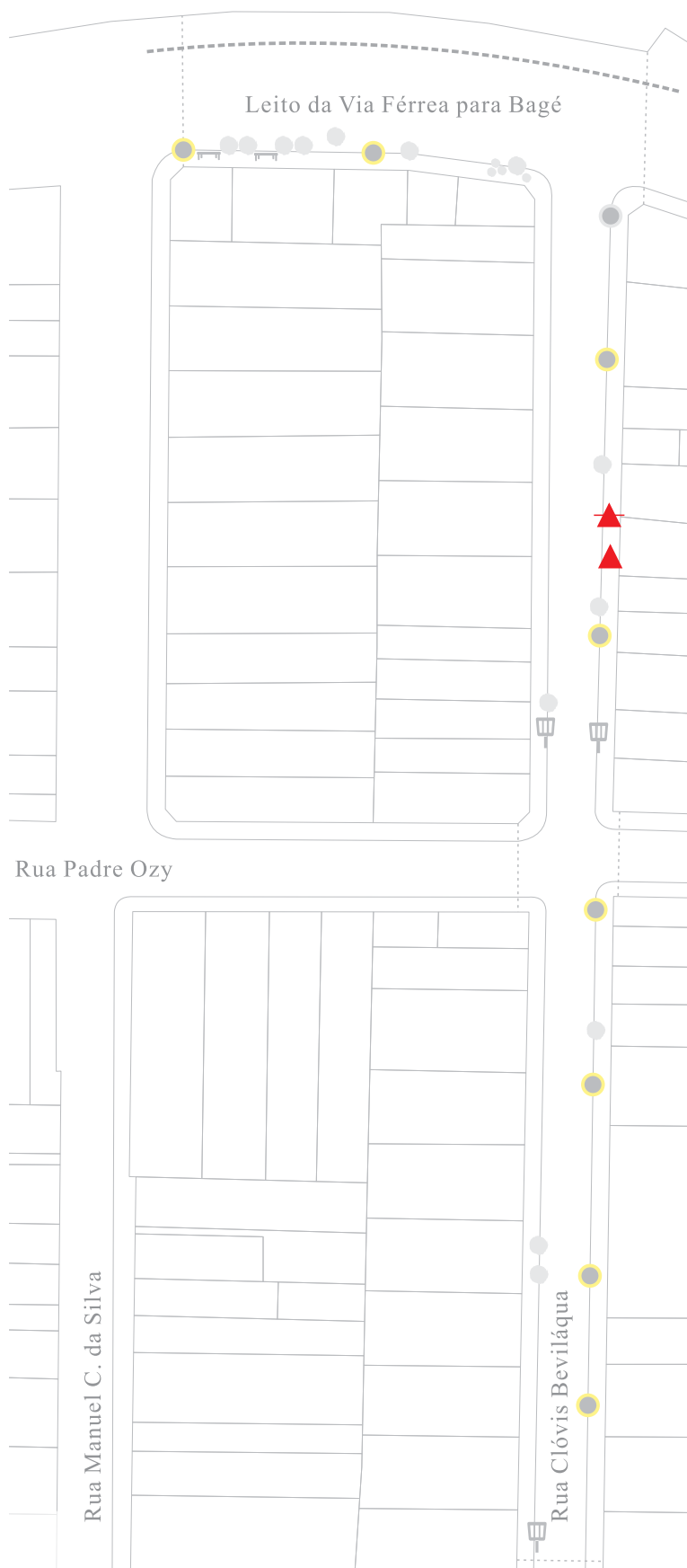
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-23/2-t
Data: 23/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 17:30
Horário final: 17:39

Clima

Temperatura: 26°
Característica: Nublado

Observações

Sem vento.

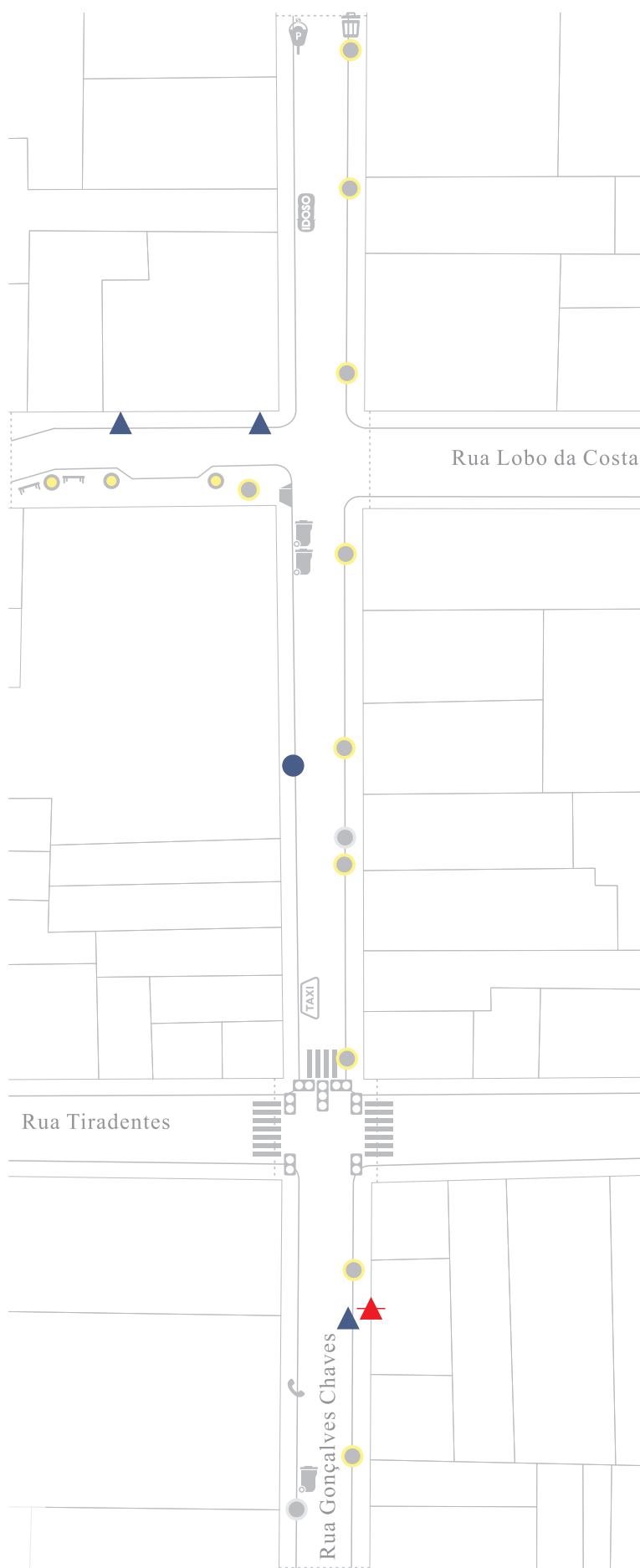
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-3/3-m
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 9:53
Horário final: 9:57

Clima

Temperatura: 24°C
Característica: Neblina

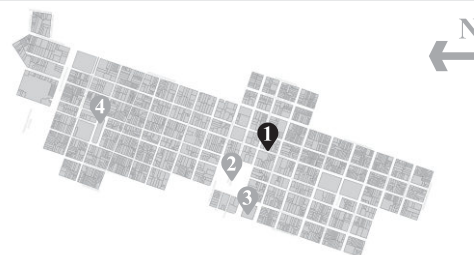
Observações

Sem vento.

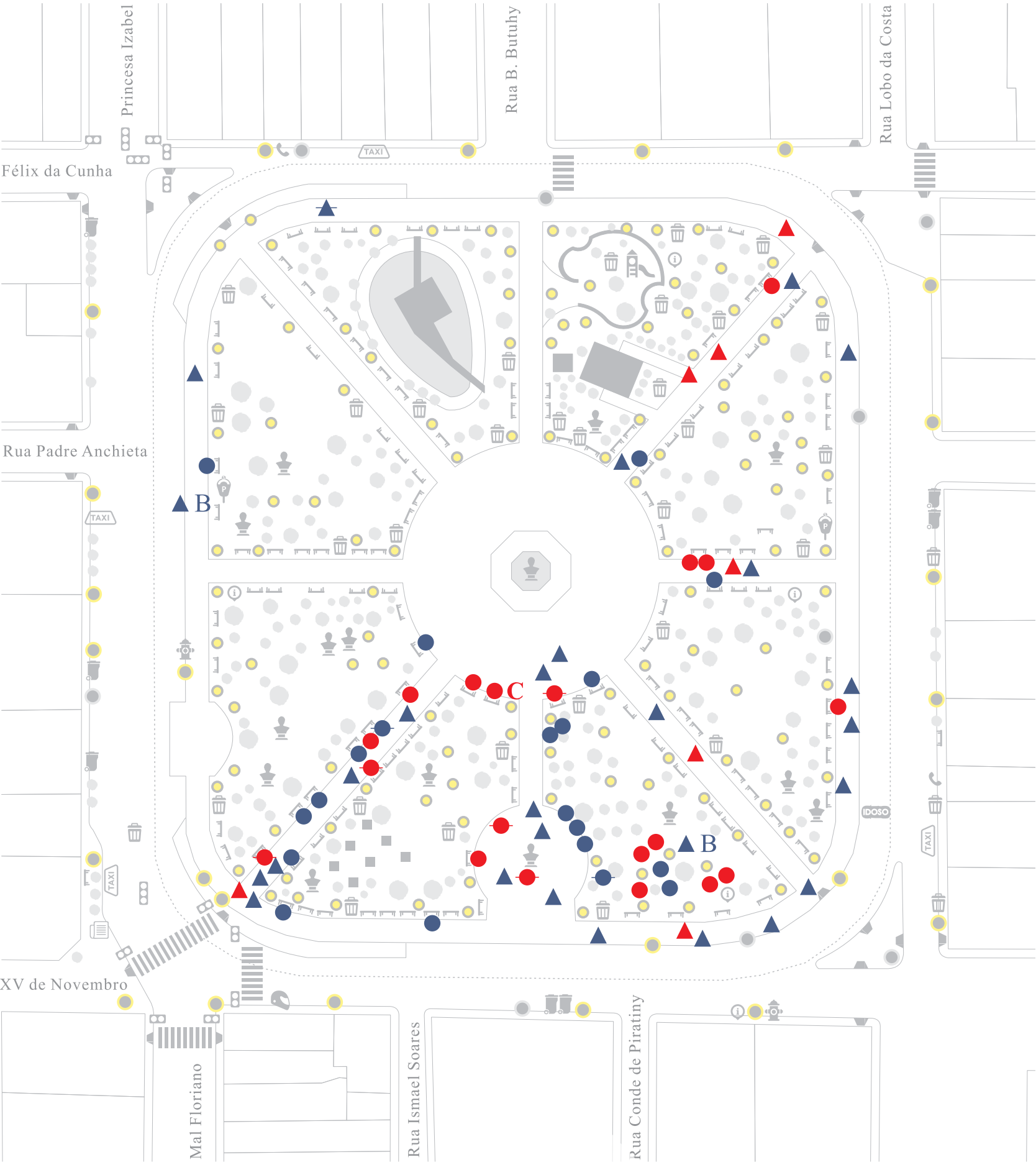
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-3/3-m

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:59

Horário final: 10:26

Clima

Temperatura: 24°C

Característica: Neblina

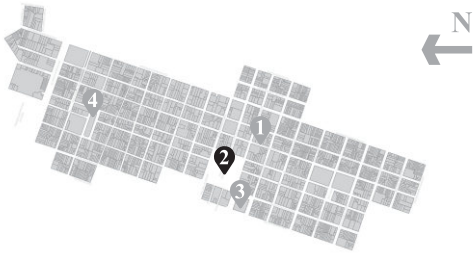
Observações

Sem vento.

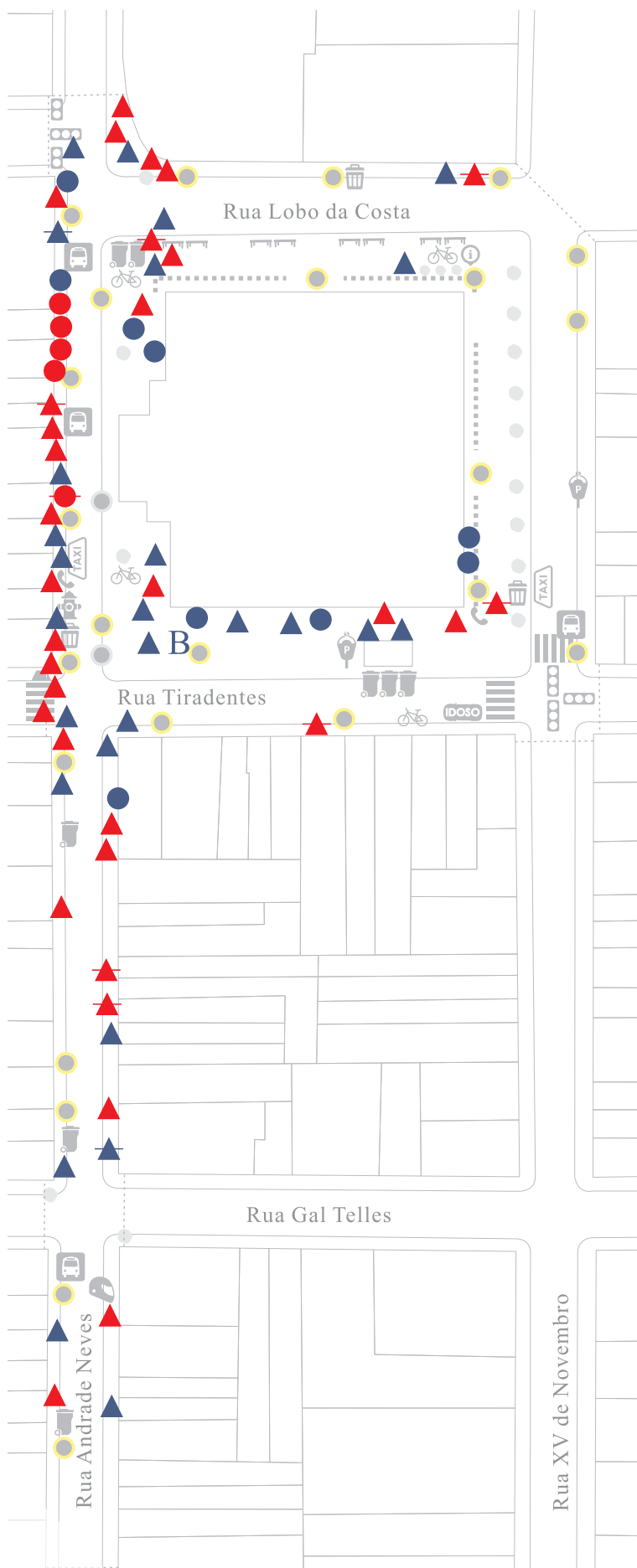
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-3/3-m
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 10:27
Horário final: 10:43

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Parcialmente nublado.

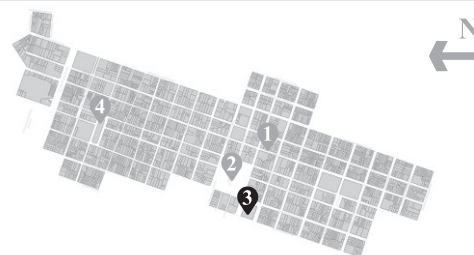
Observações

Sem vento.

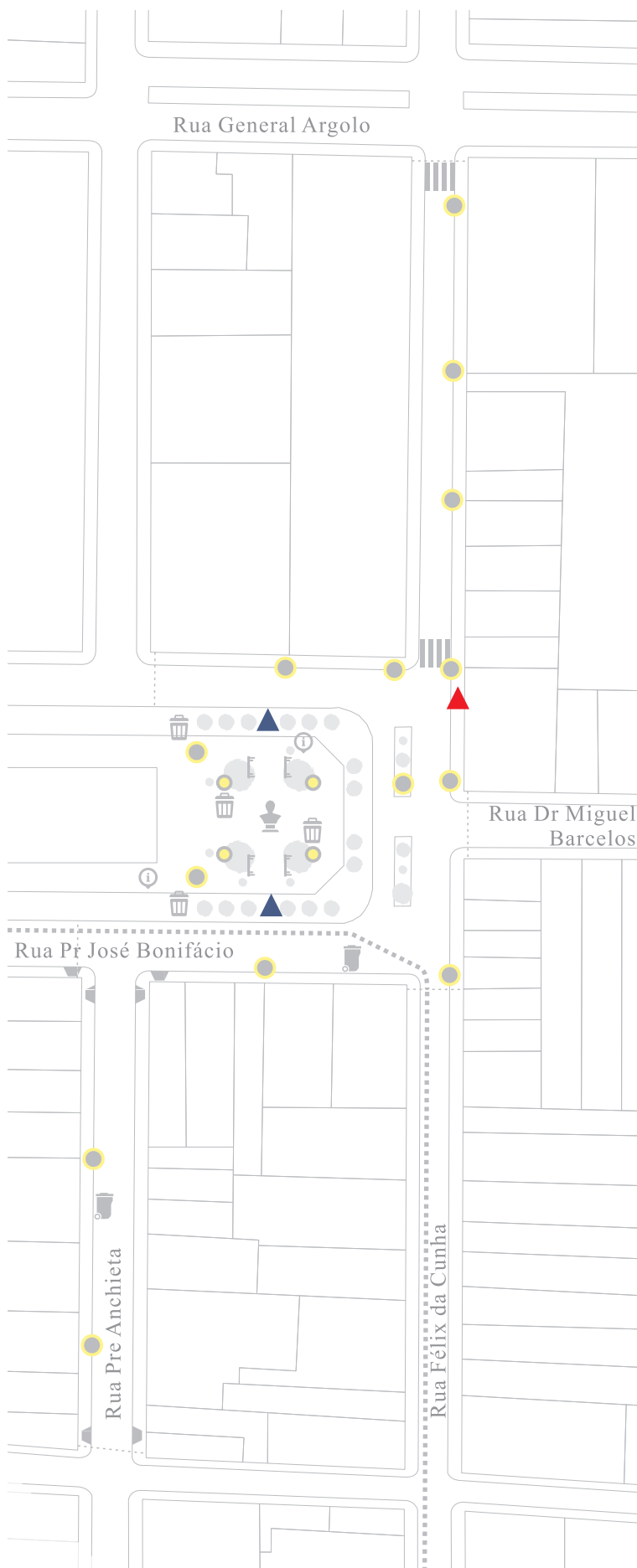
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-3/3-m
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 10:52
Horário final: 11:00

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Parcialmente nublado.

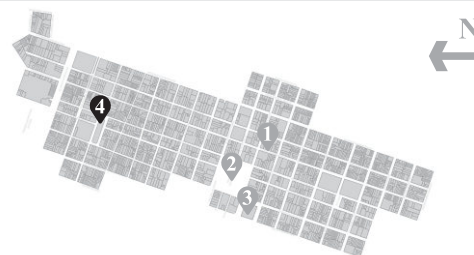
Observações

Sem vento.

Legenda

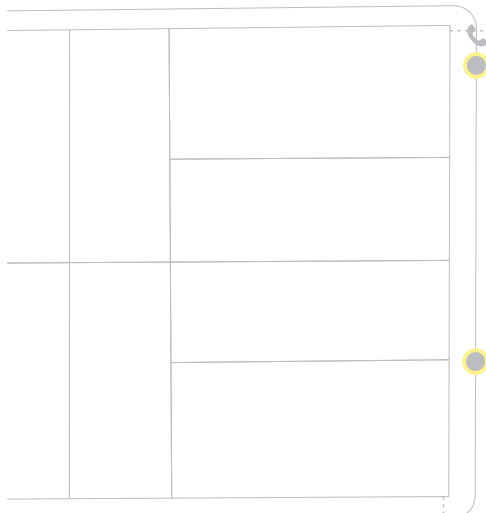
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

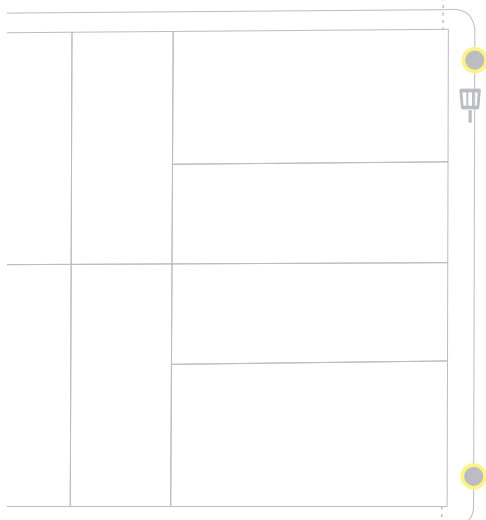


Mapa Comportamental

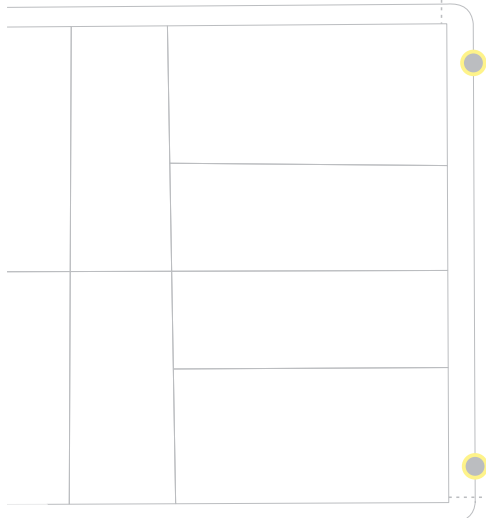
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada

Avenida Bento Gonçalves



Dados gerais

Mapa Comport.: N01-24/2-m

Data: 24/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:00

Horário final: 9:06

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: Nublado

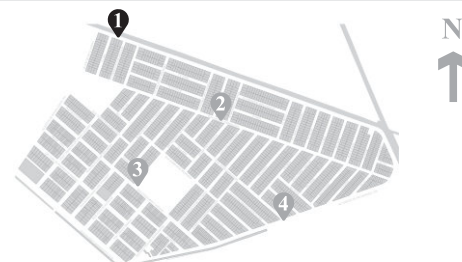
Observações

Sem vento.

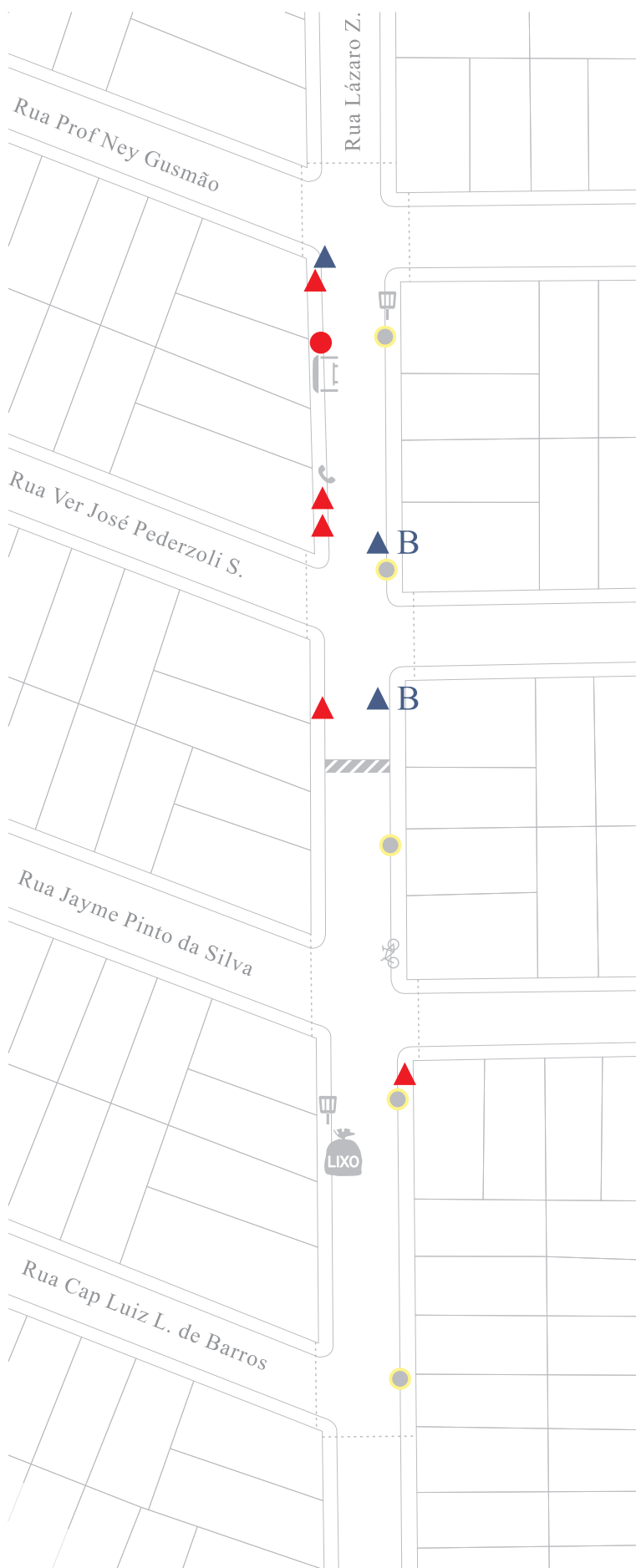
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-24/2-m

Data: 24/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:11

Horário final: 9:22

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: Nublado

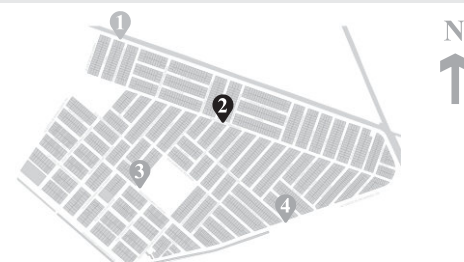
Observações

Sem vento.

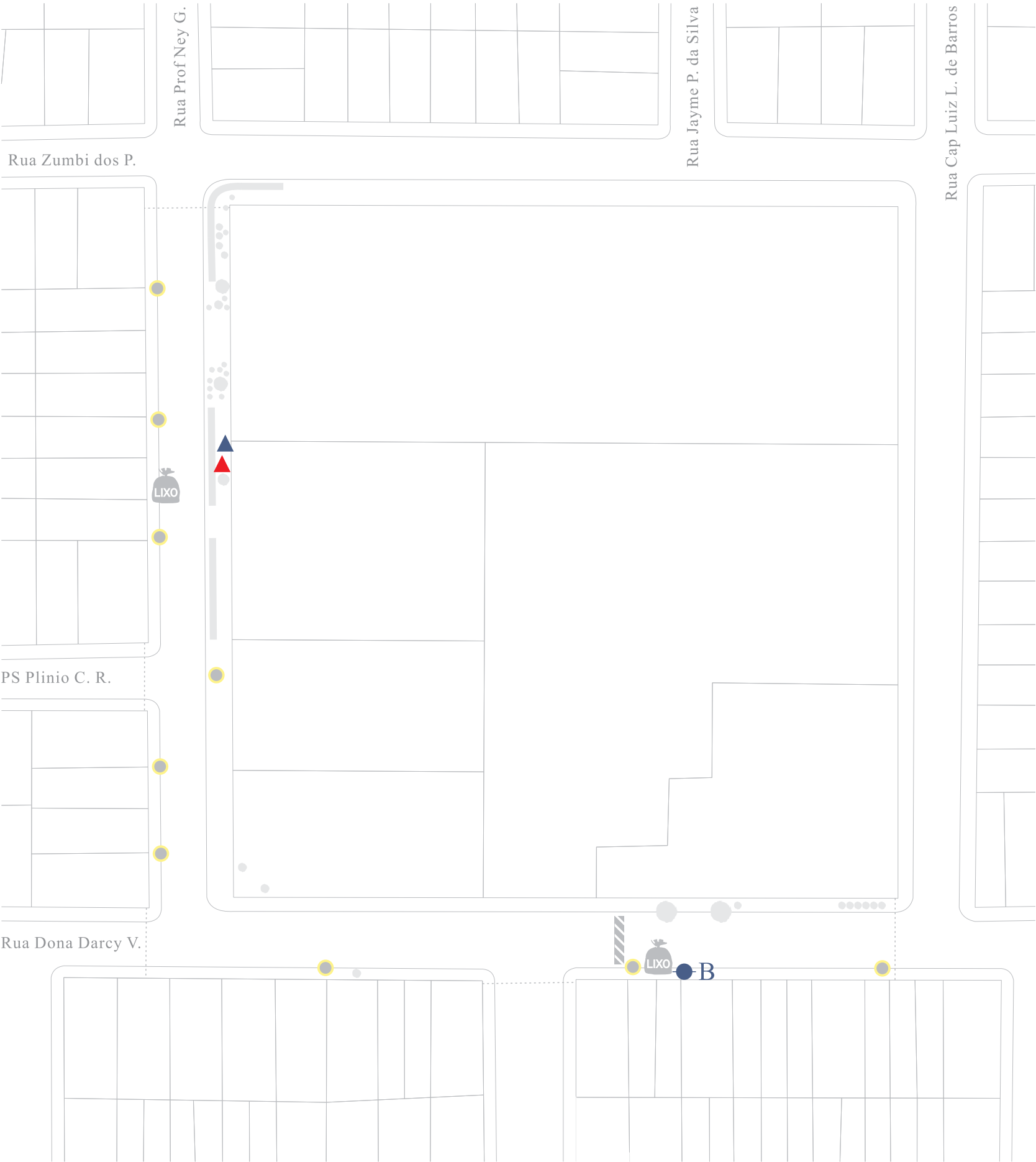
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-24/2-m
Data: 24/02/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 9:28
Horário final: 9:36

Clima

Temperatura: 22°C
Característica: Nublado

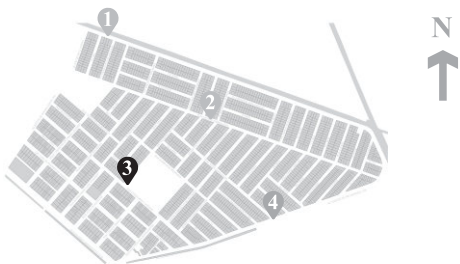
Observações

Sem vento.

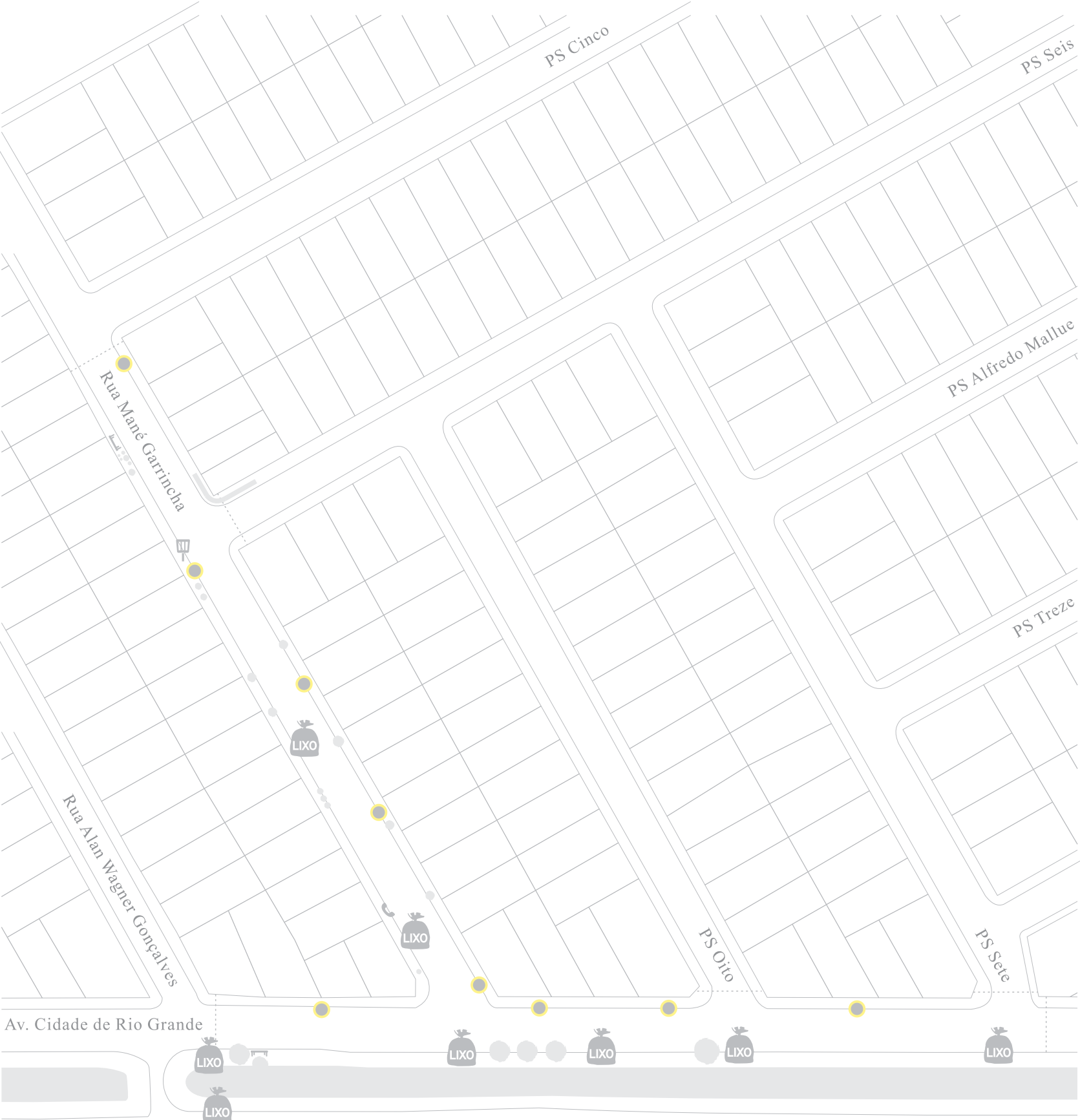
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-24/2-m

Data: 24/02/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 9:41

Horário final: 9:44

Clima

Temperatura: 22°C

Característica: Nublado

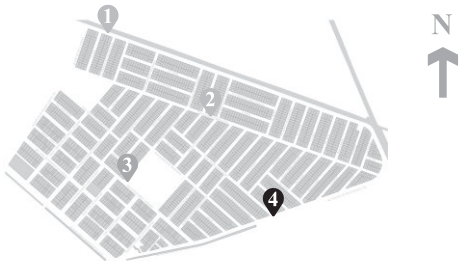
Observações

Sem vento.

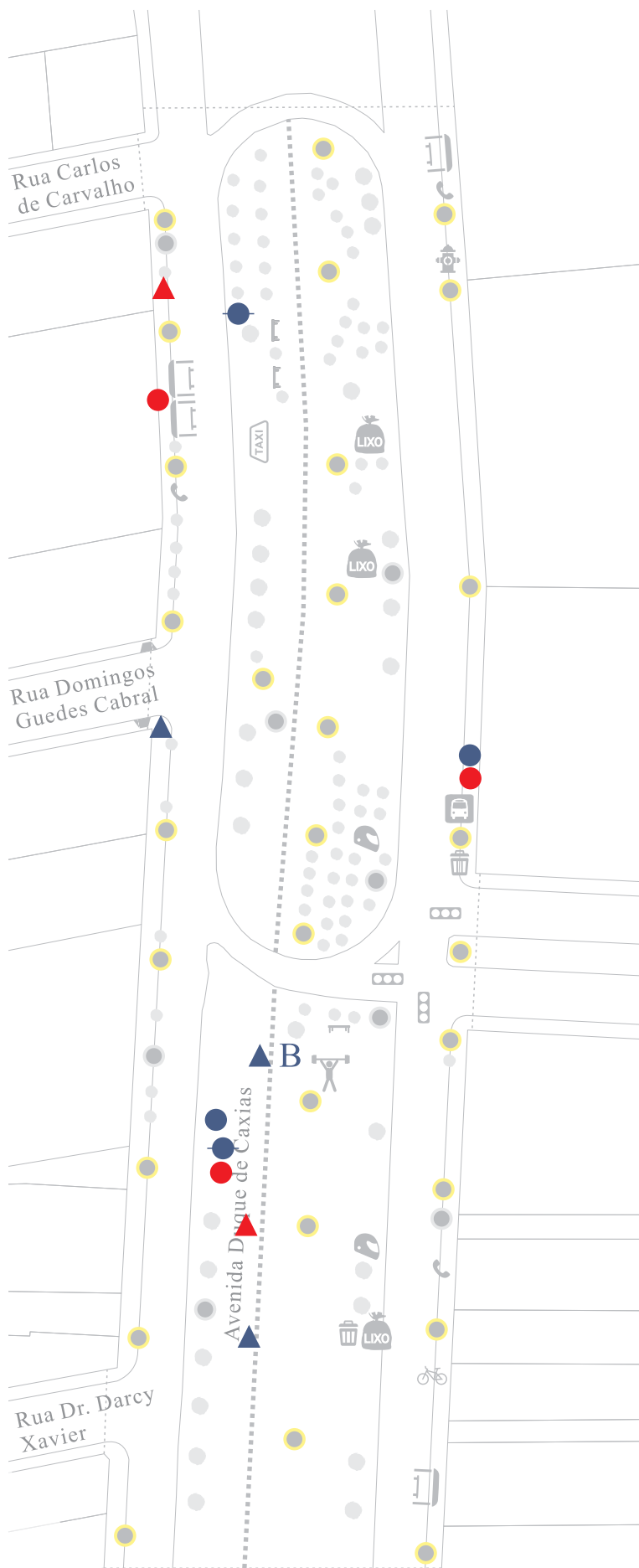
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-3/3-m
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:15
Horário final: 11:27

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Parcialmente nublado

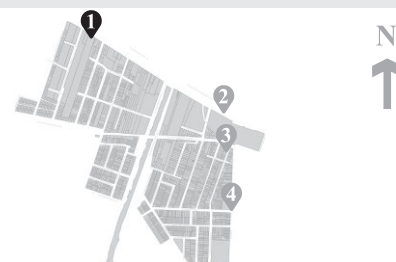
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-3/3-m

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (**S**)

Horário inicial: 11:33

Horário final: 11:44

Clima

Temperatura: 26°C

Característica:	Parcialmente nublado.
-----------------	-----------------------

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento H M

H M

em movimento  

em movimento
acompanhado

10

em atividade estacionária ● ●

em atividade estacionária
acompanhado



de bicicleta **B** **B**

B **B**

cadeirante C C

C C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-3/3-m
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:44
Horário final: 11:46

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Parcialmente nublado.

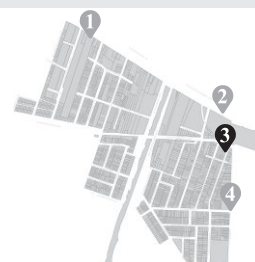
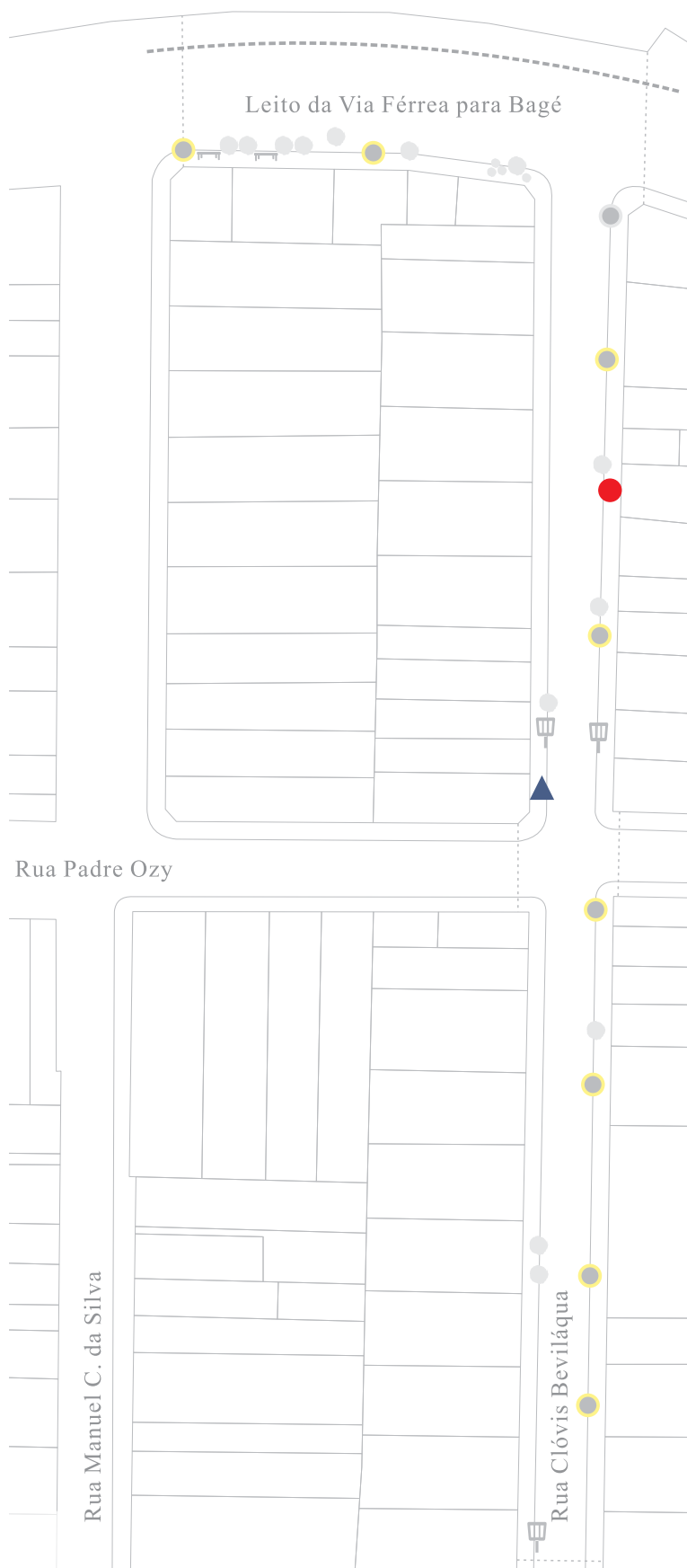
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-3/3-m
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 11:47
Horário final: 11:52

Clima

Temperatura: 26°C
Característica: Parcialmente nublado.

Observações

Sem vento.

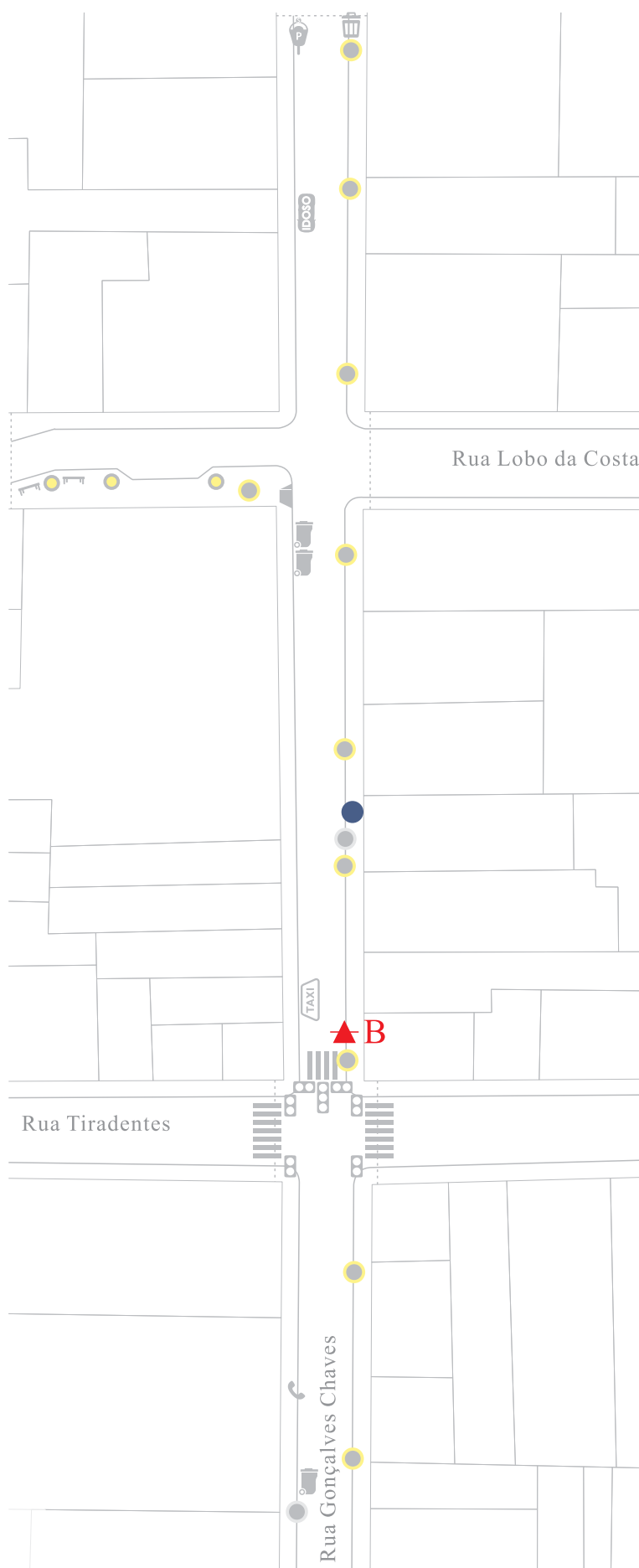
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C01-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:06

Horário final: 15:10

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: Ensolarado

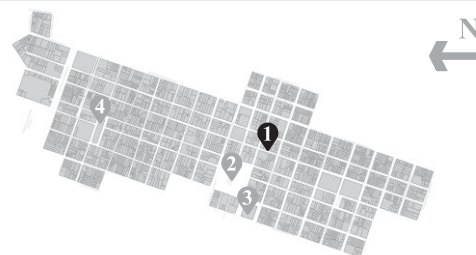
Observações

Sem vento.

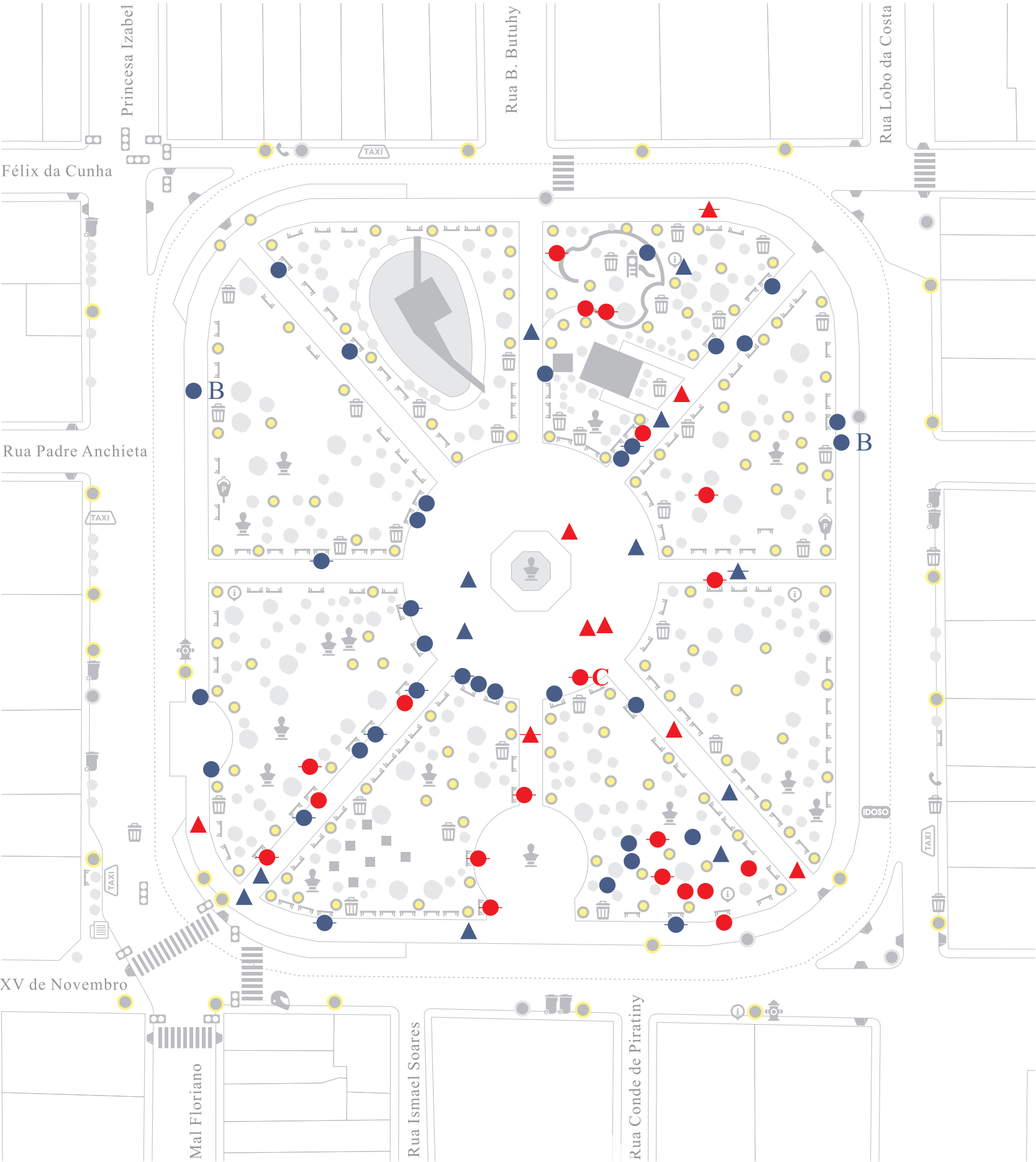
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C02-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:12

Horário final: 15:38

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: Ensolarado

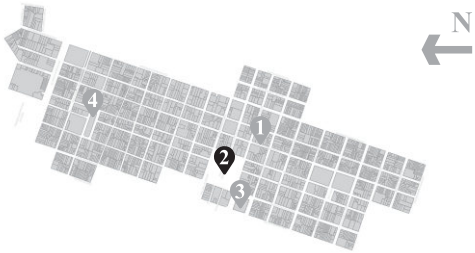
Observações

Sem vento.

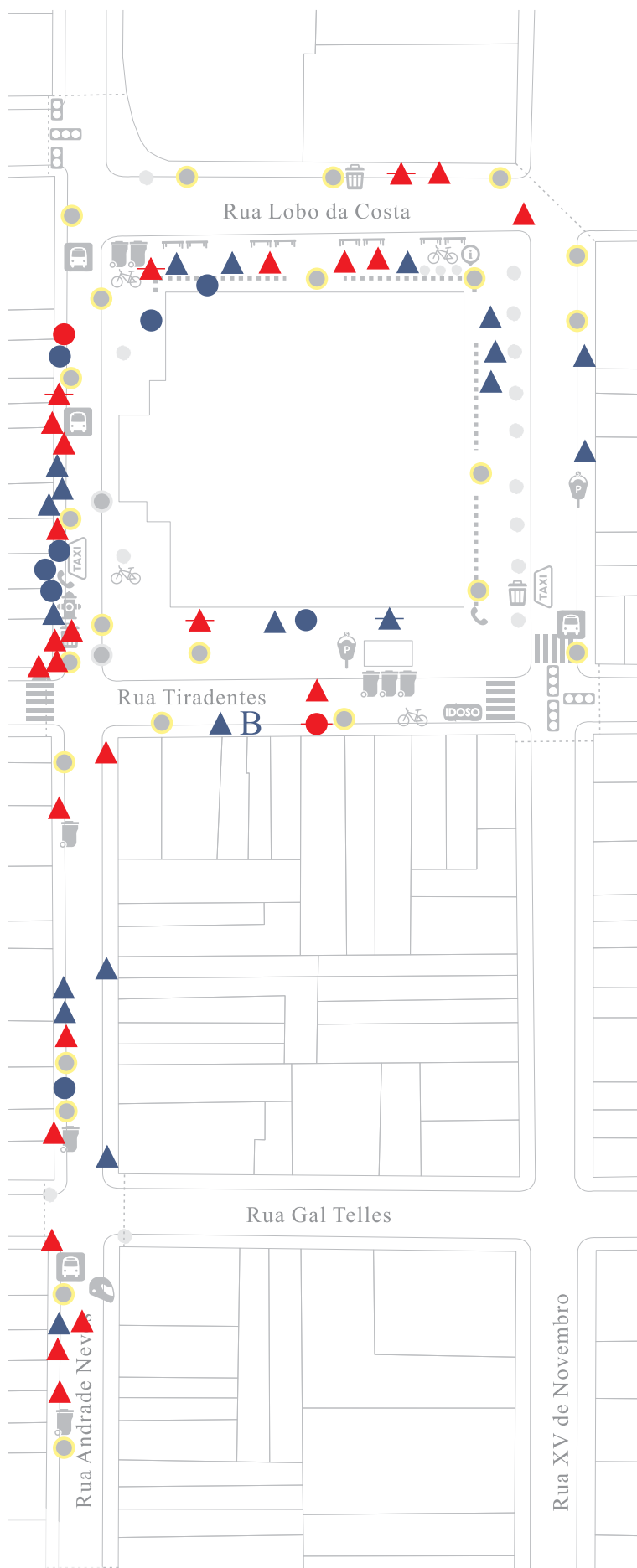
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C03-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 15:42

Horário final: 16:06

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: Ensolarado

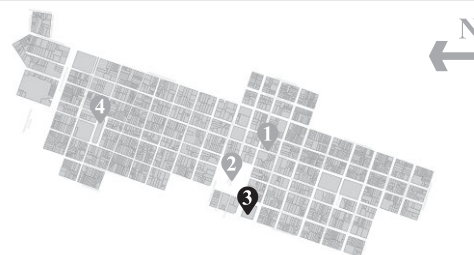
Observações

Sem vento.

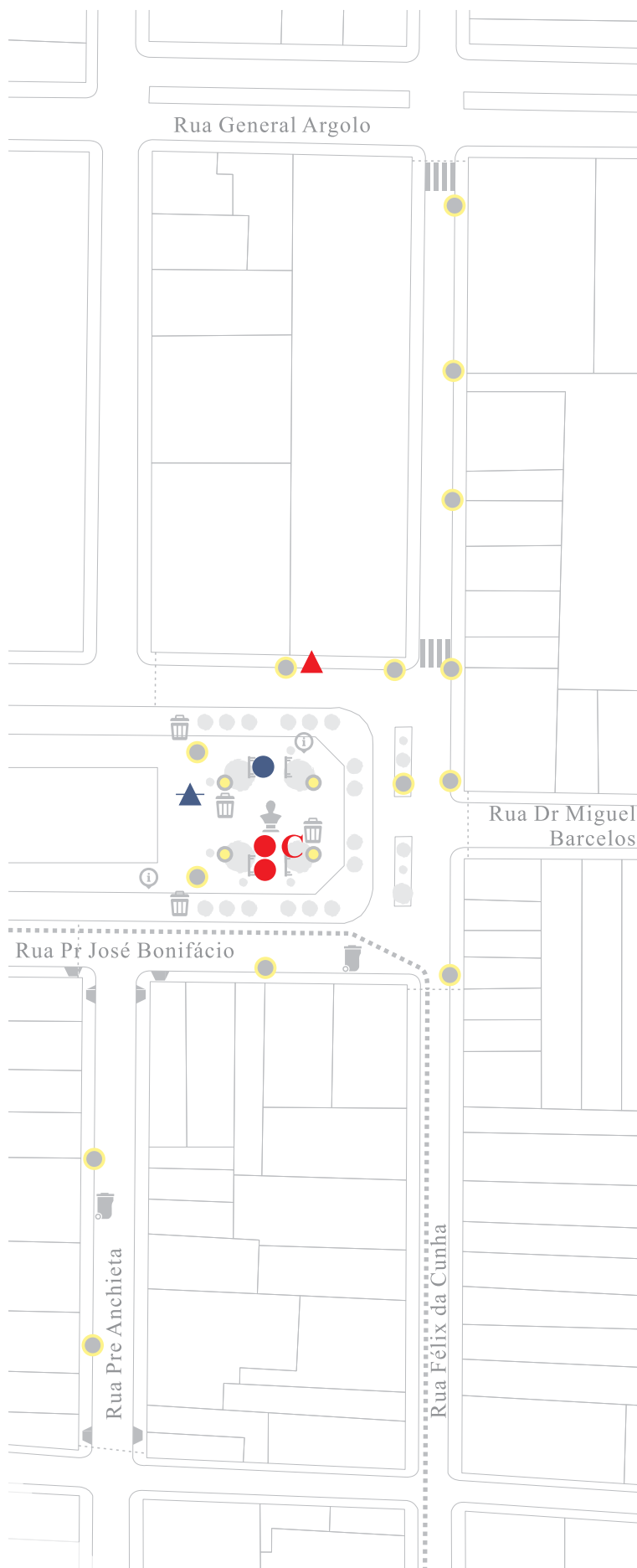
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: C04-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:16

Horário final: 16:25

Clima

Temperatura: 28°C

Característica: Ensolarado

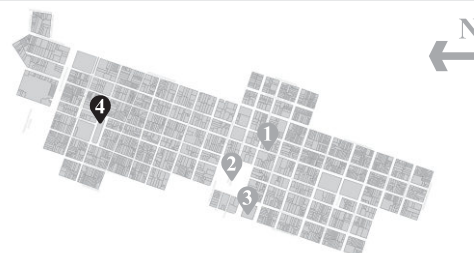
Observações

Sem vento.

Legenda

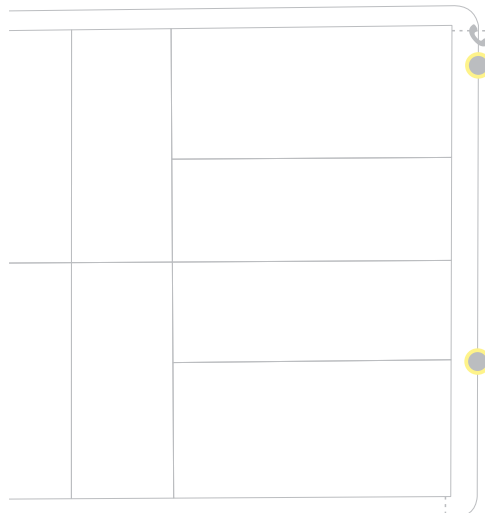
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

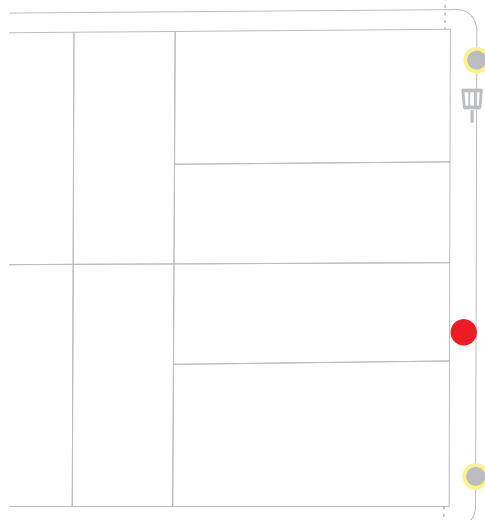


Mapa Comportamental

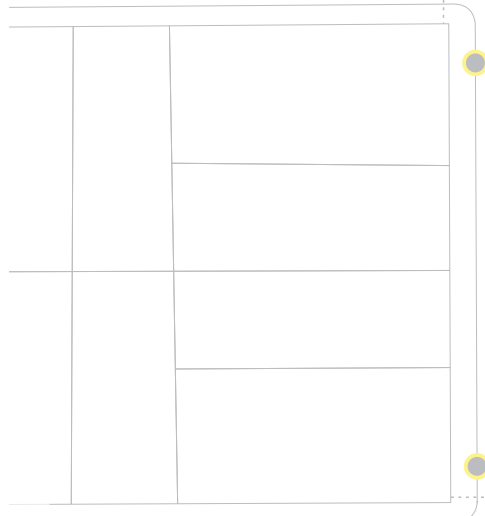
Avenida Artur de Souza Costa



Travessa Um



Travessa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada



Avenida Bento Gonçalves

Dados gerais

Mapa Comport.: N01-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:12

Horário final: 14:19

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: Ensolarado

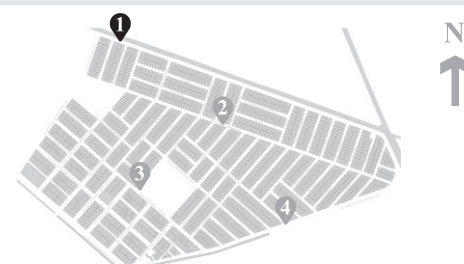
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N02-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:23

Horário final: 14:29

Clima

Temperatura: 29°C

Característica: Ensolarado

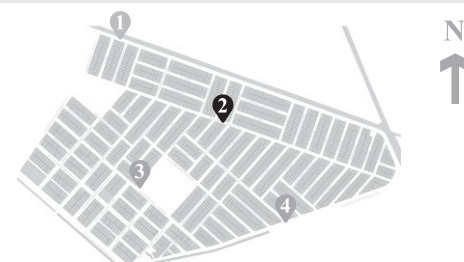
Observações

Sem vento.

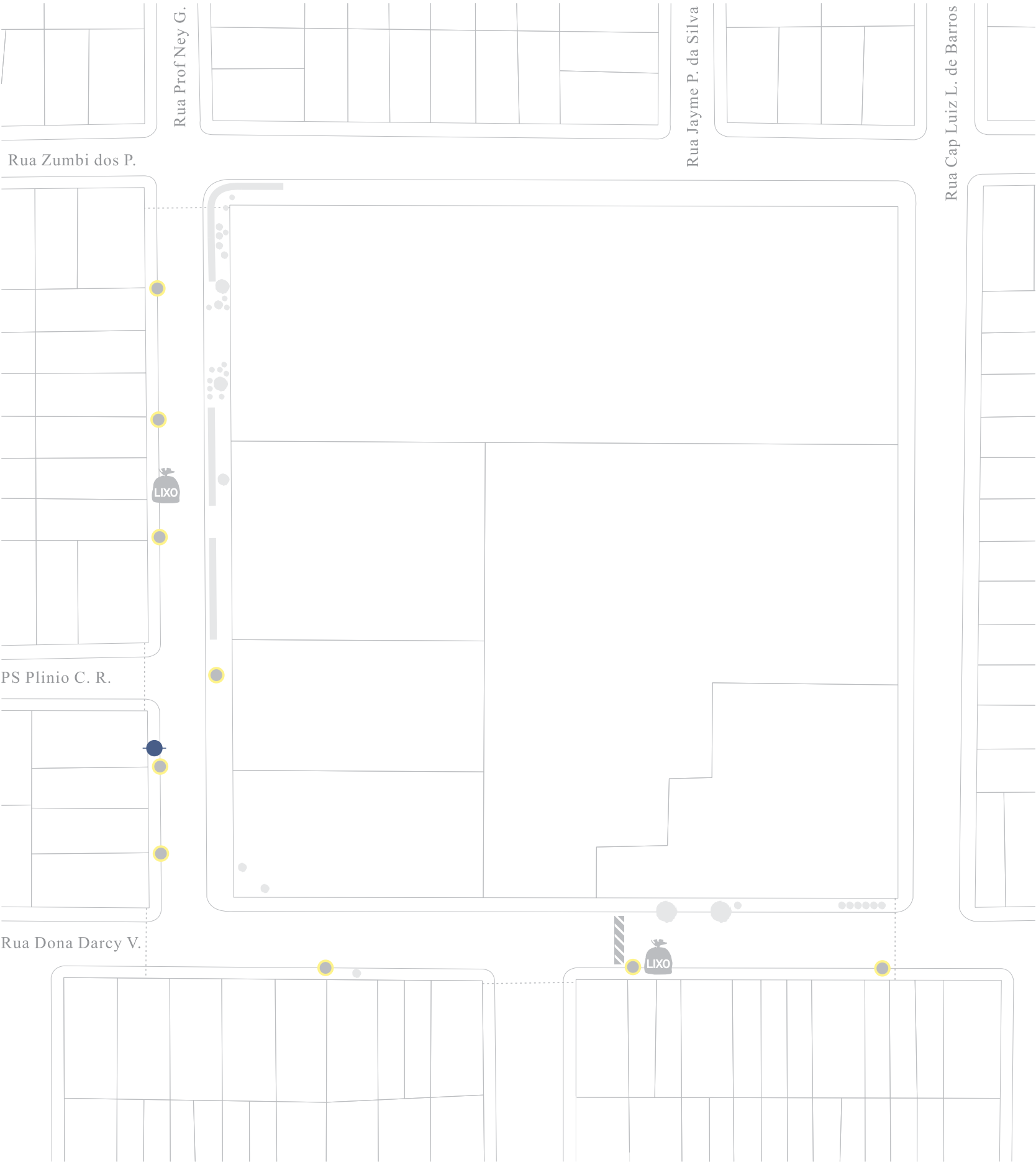
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N03-3/3-t
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 14:32
Horário final: 14:32

Clima

Temperatura: 29°C
Característica: Ensolarado

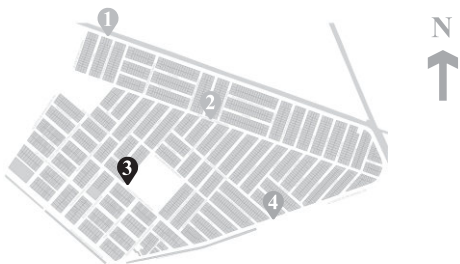
Observações

Sem vento.

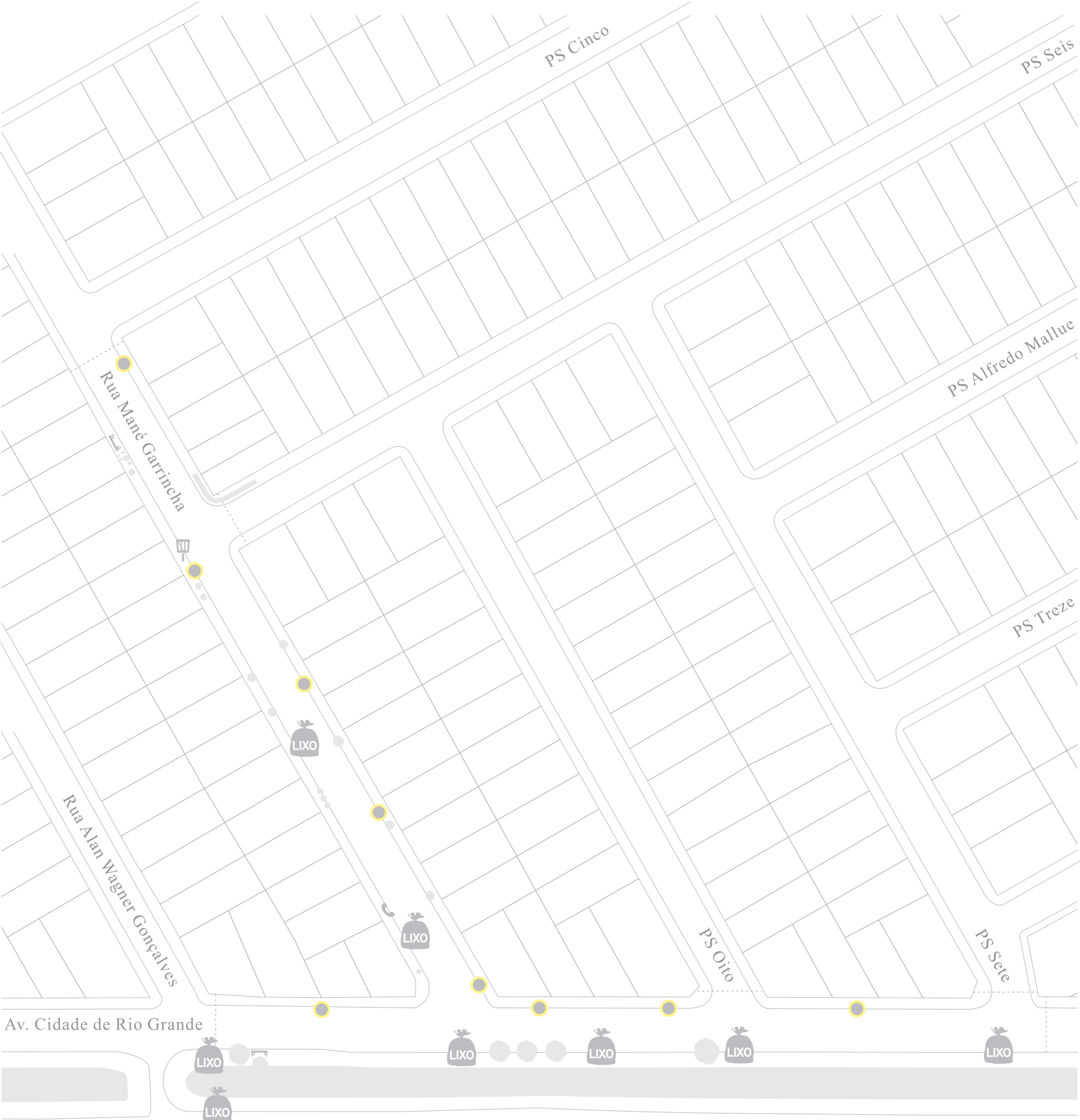
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: N04-3/3-t
Data: 03/03/2018
(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)
Horário inicial: 14:47
Horário final: 14:52

Clima

Temperatura: 29°C
Característica: Ensolarado

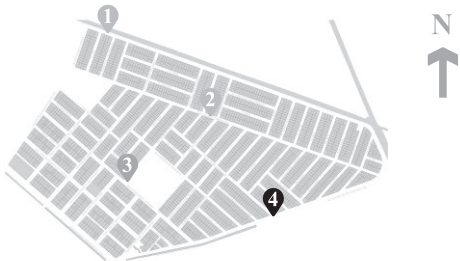
Observações

Sem vento.

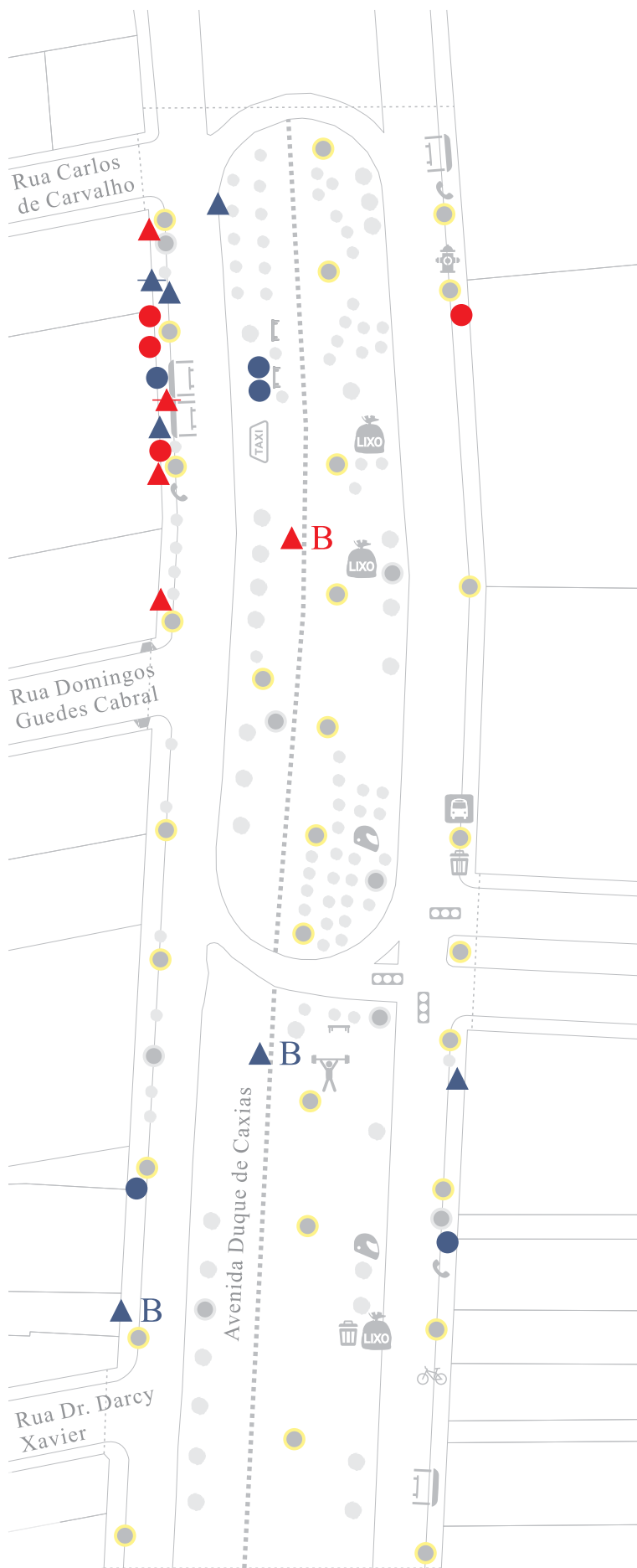
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F01-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:37

Horário final: 16:51

Clima

Temperatura: 28°C

Característica: Ensolarado

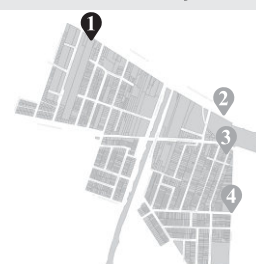
Observações

Sem vento.

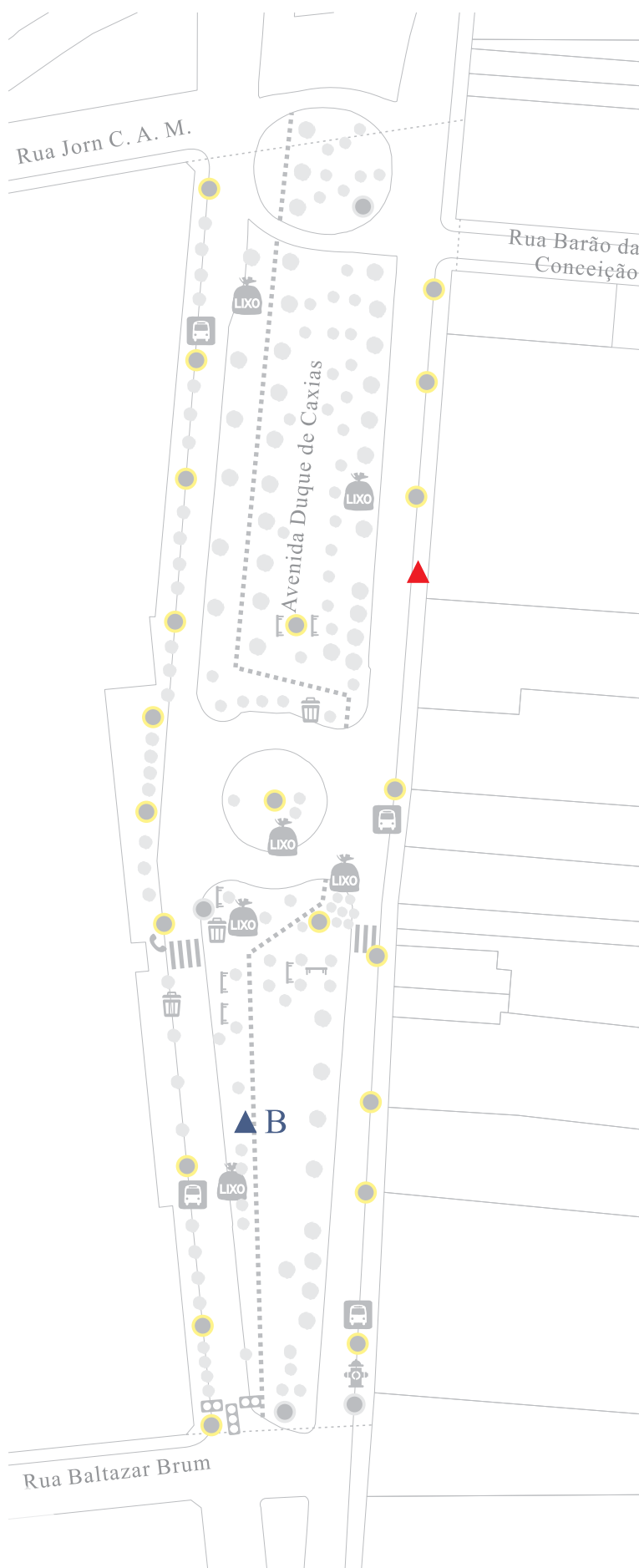
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 16:58

Horário final: 17:08

Clima

Temperatura: 28°C

Característica: Ensolarado

Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 17:12

Horário final: 17:15

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado

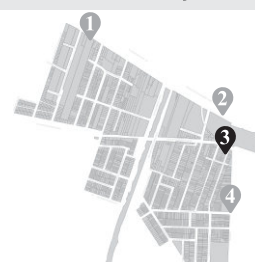
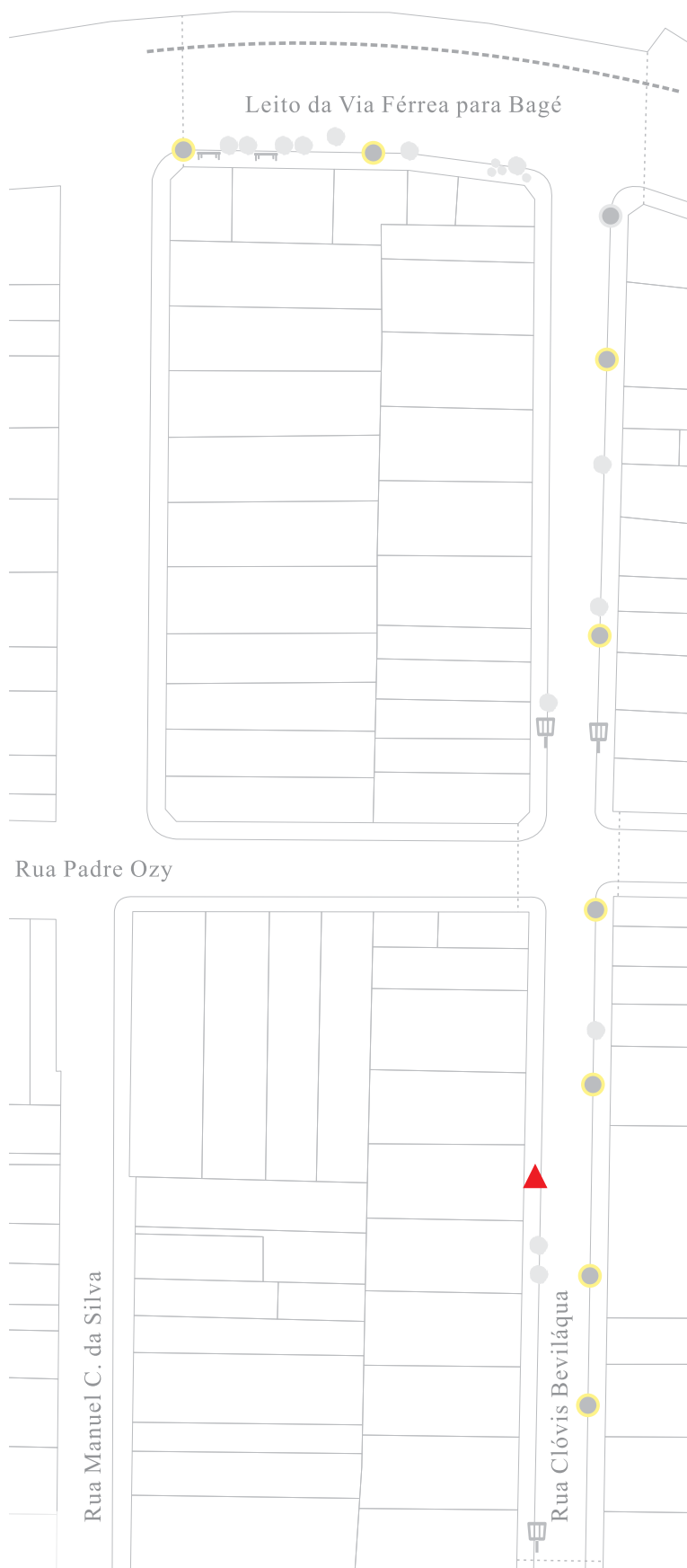
Observações

Sem vento.

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F04-3/3-t

Data: 03/03/2018

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

Horário inicial: 17:16

Horário final: 17:23

Clima

Temperatura: 27°C

Característica: Parcialmente nublado

Observações

Sem vento.

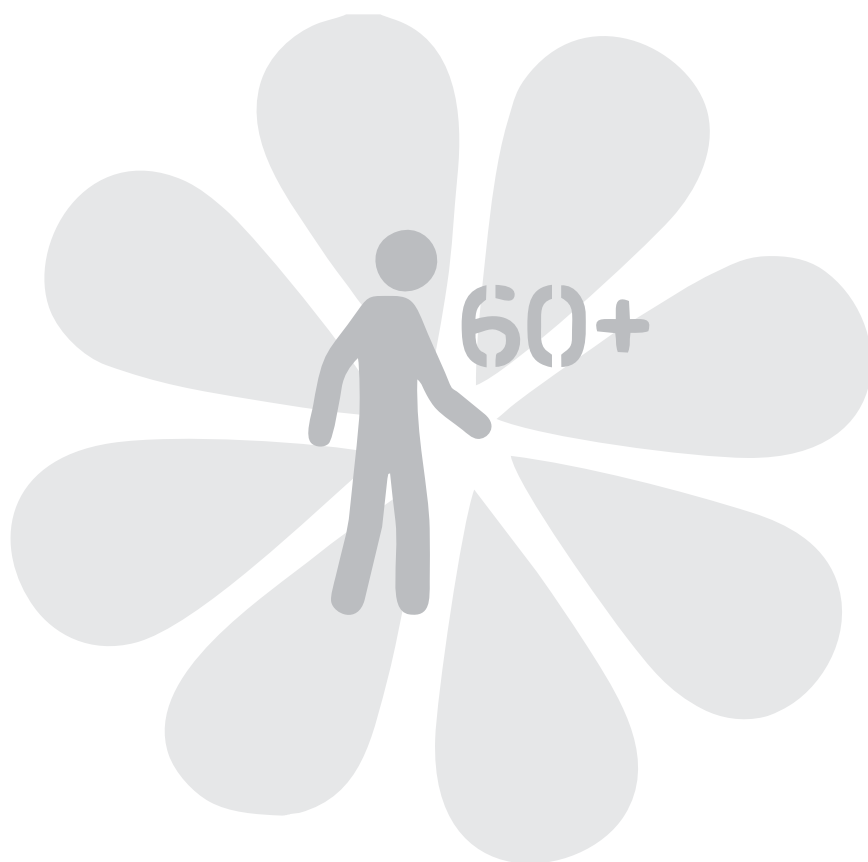
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

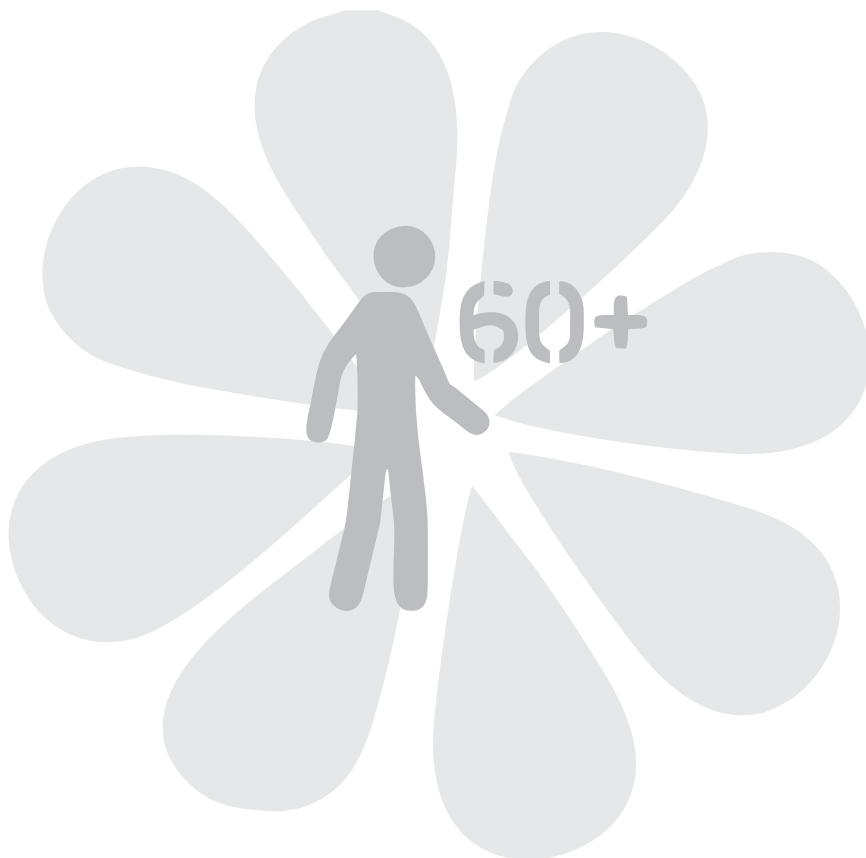


SELEÇÃO DAS RUAS



SELEÇÃO DAS RUAS												
Tabela Geral												
1º Recorte												
Seleção das Ruas		Mapas Mentais								Total	Via no corte	
		1	2	3	4	5	6	7	8		sim	não
1	Avenida Bento Gonçalves				1	1				2	1	
2	Avenida Dom Joaquim					1			1	2		1
3	Avenida Domingos de Almeida							1		1		1
4	Rua Alberto Rosa		1							1	1	
5	Rua Álvaro Chaves		1							1	1	
6	Rua Padre Anchieta		1				1		1	3	1	
7	Rua Andrade Neves	1	1		1	1				4	1	
8	Rua Barão de Butuí		1							1	1	
9	Rua Barroso	1	1							2	1	
10	Rua Benjamin Constant		1							1	1	
11	Rua Cidade de Porto Alegre		1							1		1
12	Rua Dom Pedro II	1	1							2	1	
13	Rua Dona Mariana		1							1		1
14	Rua Doutor João Pessoa		1							1		1
15	Rua Félix da Cunha	1	1							2	1	
16	Rua General Osório	1	1							2		1
17	Rua General Telles	1	1							2	1	
18	Rua Gomes Carneiro	1	1							2	1	
19	Rua Gonçalves Chaves	1	1					1		3	1	
20	Rua João Manoel		1							1		1
21	Rua Lobo da Costa					1				1	1	
22	Rua Marechal Floriano						1			1	1	
23	Rua Princesa Isabel		1							1	1	
24	Rua Santa Cruz	1	1							2	1	
25	Rua Alm. Tamandaré	1	1							2	1	
26	Rua Tiradentes	1	1							2	1	
27	Rua Três de Maio	1	1							2	1	
28	Rua Uruguai	1	1							2	1	
29	Rua XV de Novembro	1	1							2	1	
2º Recorte												
Seleção das Ruas		Mapas Mentais								Total	Via no corte	
		1	2	3	4	5	6	7	8		sim	não
1	Avenida Bento Gonçalves	1	1			1	1			4		1
2	Avenida Brasil			1				1		2	1	
3	Avenida Domingos de Almeida	1				1				2		1
4	Avenida Duque de Caxias	1	1			1				3	1	
5	BR 116							1		1		1
6	Leito da Via Férrea					1		1		2	1	
7	Passeio Maranhão		1							1	1	
8	Rua Andrade Neves		1	1			1	1		4		1
9	Rua Bento Martins						1			1		1
10	Rua Cel. Manoel Lucas de O.		1							1	1	
11	Rua Clóvis Beviláqua			1	1			1	1	4	1	
12	Rua Cônego Siqueira Canabarro		1							1	1	
13	Rua Dom Pedro II							1		1		1
14	Rua Domingos Guedes Cabral		1							1	1	
15	Rua Félix da Cunha			1						1		1
16	Rua Garibaldi						1			1		1
17	Rua General Osório			1						1		1
18	Rua Gomes Carneiro	1								1		1
19	Rua Lobo da Costa				1					1		1
20	Rua Marechal Floriano						1			1		1
21	Rua Padre Anchieta	1		1						2		1
22	Rua Princesa Isabel						1			1		1
23	Rua Ruy Barbosa	1								1	1	
24	Rua Sete de Abril			1	1					2	1	
25	Rua Tiradentes			1						1		1
26	Rua XV de Novembro			1			1	1	1	4		1
2º Recorte												
Seleção das Ruas		Mapas Mentais								Total	Via no corte	
		1	2	3	4	5	6	7	8		sim	não
1	Avenida Bento Gonçalves	1	1		1	1	1			5	1	
2	Avenida Brasil	1								1		1
3	Avenida Cidade de RG	1								1	1	
4	Avenida Dom Joaquim						1			1		1
5	Avenida Domingos de Almeida		1							1		1
6	Avenida Duque de Caxias							1		1		1
7	Avenida Fernando Osório			1		1				2		1
8	Avenida Ferreira Viana			1						1		1
9	Avenida Juscelino K. de O.	1	1				1			3		1
10	BR 116	1				1				2		1
11	Rua Padre Anchieta							1		1		1
12	Rua Andrade Neves	1				1				2		1
13	Rua Baldomero Trapaga					1				1	1	
14	Rua Barão de Butuí					1				1		1
15	Rua Dom Pedro II	1						1		2		1
16	Rua Dona Darcy Vargas					1	1			2	1	
17	Rua Doutor Salvador Balreira					1				1	1	
18	Rua Garibaldi							1		1		1
19	Rua General Neto					1				1		1
20	Rua Gonçalves Chaves							1		1		1
21	Rua Lázaro Zamenhoff		1		1				1	3	1	
22	Rua Mané Garrincha	1		1						2	1	
23	Rua Marechal Deodoro	1								1		1
24	Rua Marechal Floriano	1				1				2		1
25	Rua Osório	1						1		2		1
26	Rua Quatro (Prof. Ney G.)		1			1			1	3	1	
27	Rua Quinze		1							1	1	
28	Rua Senador Mendonça							1		1		1
29	Rua Sete de Setembro					1	1			2		1
30	Rua Alm. Tamandaré			1						1		1
31	Rua Tiradentes		1							1		1
32	Rua Voluntários da Pátria					1				1		1
33	Rua XV de Novembro			1						1		1

SÍNTESE DO LEVANTAMENTO FÍSICO



Legenda

Uso do Solo Predominante

locais de consumo e bens de serviços	
residencial	
locais de lazer e prática de at. física	

Conceito Qualitativo

presença de 0 a 3 indicadores centrados no ambiente	
presença de 4 a 5 indicadores centrados no ambiente	
presença de 6 a 8 indicadores centrados no ambiente	

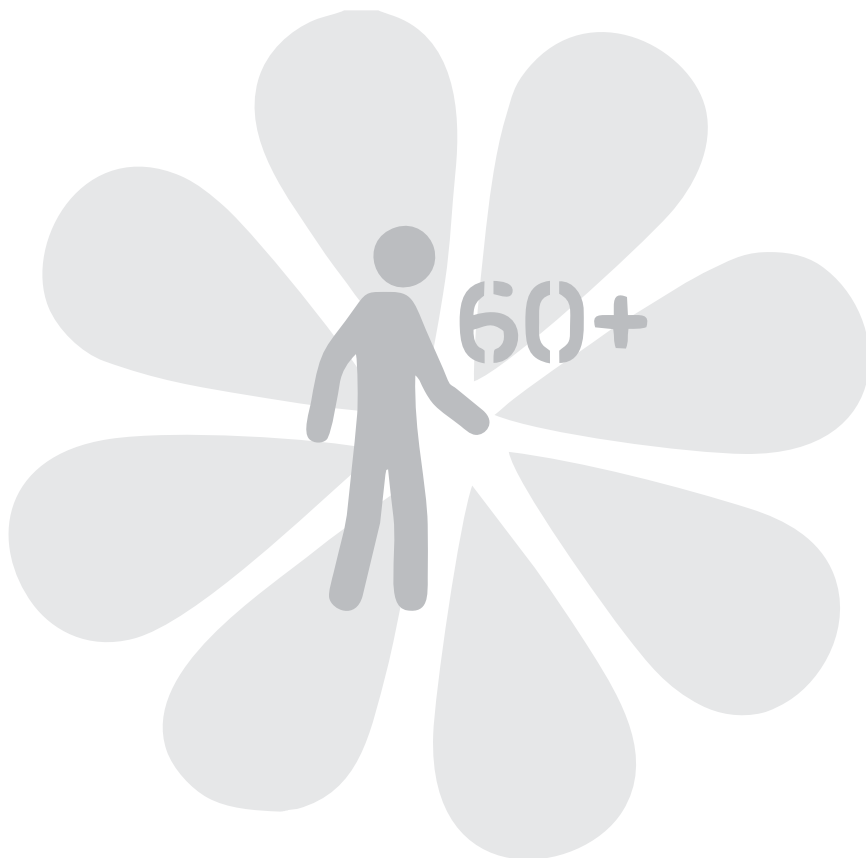
Elementos Urbanos

<div>equipamentos e infra-estruturas de apoio</div>		academia ao ar livre		hidrante		passarela para pedestres	
		banca de jornal		informações turísticas		poste de energia elétrica	
		banco		luminária		poste de luz	
		bicicletário		mesa de jogos		telefone público (orelão)	
		brinquedos		monumento			
<div>equipamentos de trânsito</div>		ciclovia		parquímetro			
		faixa de segurança		semáforo para condutores			
		leito da via férrea		semáforo para pedestres			
		lombada					
<div>equipamentos para acessibilidade</div>		rampa de acessibilidade		<div>locais distribuidores de fluxo social</div>		parada de ônibus	
		vaga de veículo para idosos				ponto de moto táxi	
						ponto de ônibus	
<div>elementos naturais</div>						ponto de táxi	
		água		<div>limpeza urbana</div>		acúmulo de lixo	
		árvore				container público (lixo)	
		vala de drenagem				lixeira particular	
						lixeira pública	

Perfil Urbano

recorte locais	uso do solo predominante	data de realização do levantamento	indicadores centrados no ambiente							conceito quantitativo	conceito qualitativo
			locais de lazer e de consumo/serviço	equipamentos e infra-estruturas de apoio	equipamentos para acessibilidade	equipamentos de trânsito	locais distribuidores de fluxo social	limpeza urbana	elementos naturais		
1º recorte	C01	13/03								5	
	C02	22/03								7	
	C03	22/03								7	
	C04	13/03								6	
2º recorte	F01	22/03								5	
	F02	22/03								6	
	F03	22/03								3	
	F04	22/03								6	
3º recorte	N01	13/03								2	
	N04	13/03								2	
	N03	13/03								3	
	N04	13/03								2	

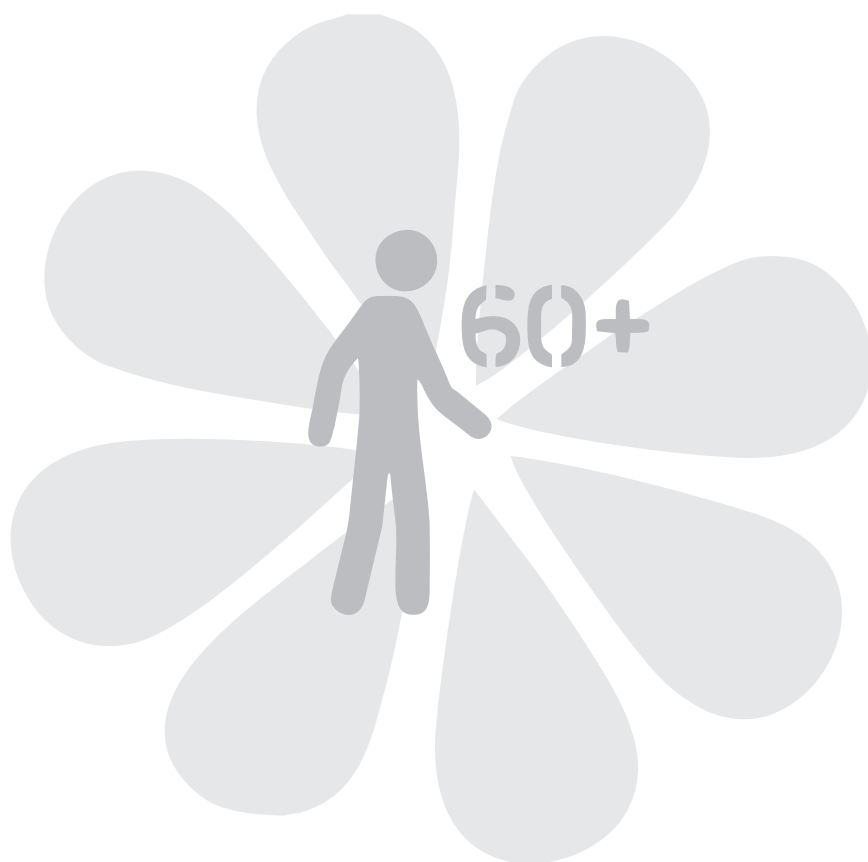
PERFIL DA AMOSTRA MAPAS MENTAIS



MAPAS MENTAIS - PERFIL DA AMOSTRA: DADOS GERAIS E DOS VOLUNTÁRIOS																							
Tabela Geral																							
Mapa Mental		Duração	Idade (anos)		Gênero		Tempo de moradia em Pelotas (anos)				Tempo de moradia no bairro (anos)				Escolaridade								
		(minutos)	60 aos 79	80 ou +	fem.	mas.	0 a 20	21 a 40	41 a 60	61 a x	0 a 20	21 a 40	41 a 60	61 a x	analfabetos	primário	ginásio	superior					
1º recorte, no Centro (08 respondentes)																							
01-cen	30/03/2017	62		1	1					1			1						1				
02-cen	31/03/2017	152		1	1					1			1					1					
03-cen	31/03/2017	32		1	1			1				1		1									
04-cen	06/04/2017	49	1			1			1			1										1	
05-cen	06/04/2017	80	1		1				1			1									1		
06-cen	06/04/2017	26		1	1			1			1							1					
07-cen	18/04/2017	34		1	1					1				1				1					
08-cen	04/05/2017	42	1			1				1				1					1				
PARCIAL		59,63	3	5	6	2	1	1	2	4	1	3	1	3	1	0	0	3	0	2	0	1	1
PORCENTAGEM			38%	62%	75%	25%	13%	13%	24%	50%	13%	37%	13%	37%	13%	0%	0%	37%	0%	25%	0%	13%	13%
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)																							
01-fra	29/06/2017	53	1		1					1	1							1					
02-fra	13/07/2017	45		1		1		1			1							1					
03-fra	13/07/2017	69	1		1				1			1									1		
04-fra	13/07/2017	69	1			1		1				1				1							
05-fra	18/07/2017	32	1			1				1	1								1				
06-fra	18/07/2017	42	1		1					1	1								1				
07-fra	18/07/2017	47	1			1			1		1										1		
08-fra	18/07/2017	35		1	1					1			1					1					
PARCIAL		49	6	2	4	4	1	2	1	4	5	2	1	0	0	1	0	3	2	0	1	1	0
PORCENTAGEM			75%	25%	50%	50%	13%	24%	13%	50%	62%	25%	13%	0%	0%	13%	0%	37%	25%	0%	13%	13%	0%
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)																							
01-nav	29/03/2017	43	1			1		1			1										1		
02-nav	29/03/2017	42	1		1					1		1					1						
03-nav	29/03/2017	32	1			1			1			1					1						
04-nav	30/03/2017	41	1		1					1		1							1				
05-nav	05/04/2017	42		1		1			1			1				1							
06-nav	05/04/2017	120	1		1					1		1						1					
07-nav	18/04/2017	43		1	1				1			1						1					
08-nav	19/04/2017	34	1		1			1				1						1					
PARCIAL		49,63	6	2	5	3	1	2	2	3	1	7	0	0	0	1	2	3	1	0	0	1	0
PORCENTAGEM			75%	25%	62%	38%	13%	25%	25%	37%	13%	87%	0%	0%	0%	13%	25%	36%	13%	0%	0%	13%	0%
Pelotas (24 respondentes)																							
TOTAL		52,75	15	9	15	9	3	5	5	11	7	12	2	3	1	2	2	9	3	2	1	3	1
PORCENTAGEM			62%	38%	62%	38%	13%	21%	21%	45%	29%	50%	8%	13%	4%	8%	8%	38%	13%	8%	4%	13%	4%

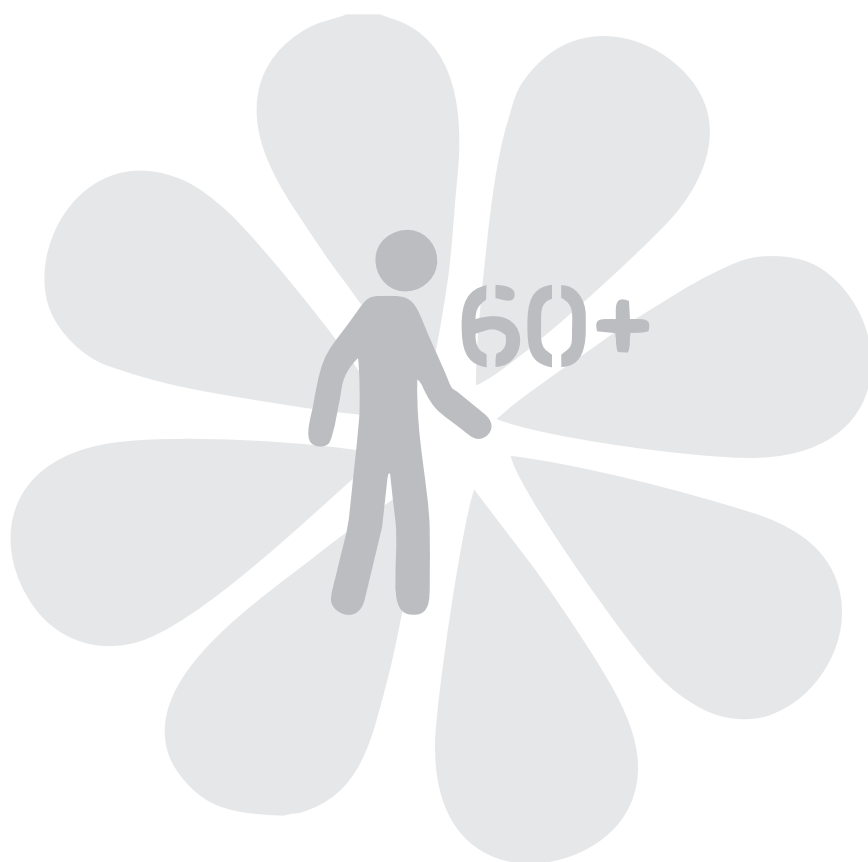
MAPAS MENTAIS - PERFIL DA AMOSTRA: DADOS GERAIS E DOS VOLUNTÁRIOS																							
Tabela Síntese																							
Mapa Mental		Duração	Idade (anos)		Gênero		Tempo de moradia em Pelotas (anos)				Tempo de moradia no bairro (anos)				Escolaridade								
		(minutos)	60 aos 79	80 ou +	fem.	mas.	0 a 20	21 a 40	41 a 60	61 a x	0 a 20	21 a 40	41 a 60	61 a x	analfabetos	primário	ginásio	superior					
1º recorte, no Centro (08 respondentes)																							
TOTAL		59,63	3	5	6	2	1	1	2	4	1	3	1	3	1	0	0	3	0	2	0	1	1
PORCENTAGEM			38%	62%	75%	25%	13%	13%	24%	50%	13%	37%	13%	37%	13%		37%	25%		25%			
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)/8																							
TOTAL		49	6	2	4	4	1	2	1	4	5	2	1	0	0	1	0	3	2	0	1	1	0
PORCENTAGEM			75%	25%	50%	50%	13%	24%	13%	50%	62%	25%	13%	0%	13%		37%	25%		25%			
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)																							
TOTAL		49,63	6	2	5	3	1	2	2	3	1	7	0	0	0	1	2	3	1	0	0	1	0
PORCENTAGEM			75%	25%	62%	38%	13%	25%	25%	37%	13%	87%	0%	0%	13%	61%		13%		13%			
Pelotas (24 respondentes)																							
TOTAL		52,75	15	9	15	9	3	5	5	11	7	12	2	3	1	2	2	9	3	2	1	3	1
PORCENTAGEM			62%	38%	62%	38%	13%	21%	21%	45%	29%	50%	8%	13%	13%	46%		21%		21%			

DESLOCAMENTOS MAPAS MENTAIS



MAPAS MENTAIS - DESLOCAMENTOS										
Quadro Geral										
Mapa Mental	Onde vai com	No bairro		Meio de transporte			Duração (minutos)	Segura		
	maior frequência	sim	não	a pé	carro	ônibus		sim	não	s/n
1º recorte, no Centro (08 respondentes)										
01-cen	supermercado	1		1			7,5	1		
02-cen	centro	1		1			15	1		
03-cen	supermercado	1		1			30	1		
04-cen	igreja	1		1			7	1		
05-cen	shopping		1		1		17,5	1		
06-cen	clube	1		1			20	1		
07-cen	clube		1		1		30	1		
08-cen	cafeteria	1		1			25	1		
PARCIAL		6	2	6	2	0	19	8	0	0
PORCENTAGEM		75%	25%	75%	25%	0%		100%	0%	0%
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)										
01-fra	igreja		1			1	45		1	
02-fra	supermercado	1		1			20	1		
03-fra	igreja	1		1			10	1		
04-fra	mercado público		1			1	15	1		
05-fra	supermercado		1	1			10	1		
06-fra	casa da filha		1		1		10	1		
07-fra	igreja	1		1			10	1		
08-fra	banco		1			1	120		1	
PARCIAL		3	5	4	1	3	30	6	2	0
PORCENTAGEM		38%	62%	50%	13%	37%		75%	25%	0%
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)										
01-nav	calçadaão		1			1	17,5	1		
02-nav	pronto socorro		1		1		30		1	
03-nav	clube		1			1	60	1		
04-nav	igreja	1		1			20	1		
05-nav	comércio do filho	1		1			15	1		
06-nav	banco		1			1	17,5	1		
07-nav	igreja	1		1			20	1		
08-nav	igreja	1		1			10	1		
PARCIAL		4	4	4	1	3	23,75	7	1	0
PORCENTAGEM		50%	50%	50%	13%	37%		87%	13%	0%
Pelotas (24 respondentes)										
TOTAL		13	11	14	4	6	24,25	21	3	0
PORCENTAGEM		54%	46%	58%	17%	25%		88%	13%	0%

ORDEM DE INSERÇÃO E LOCAIS DE DESTAQUE MAPAS MENTAIS

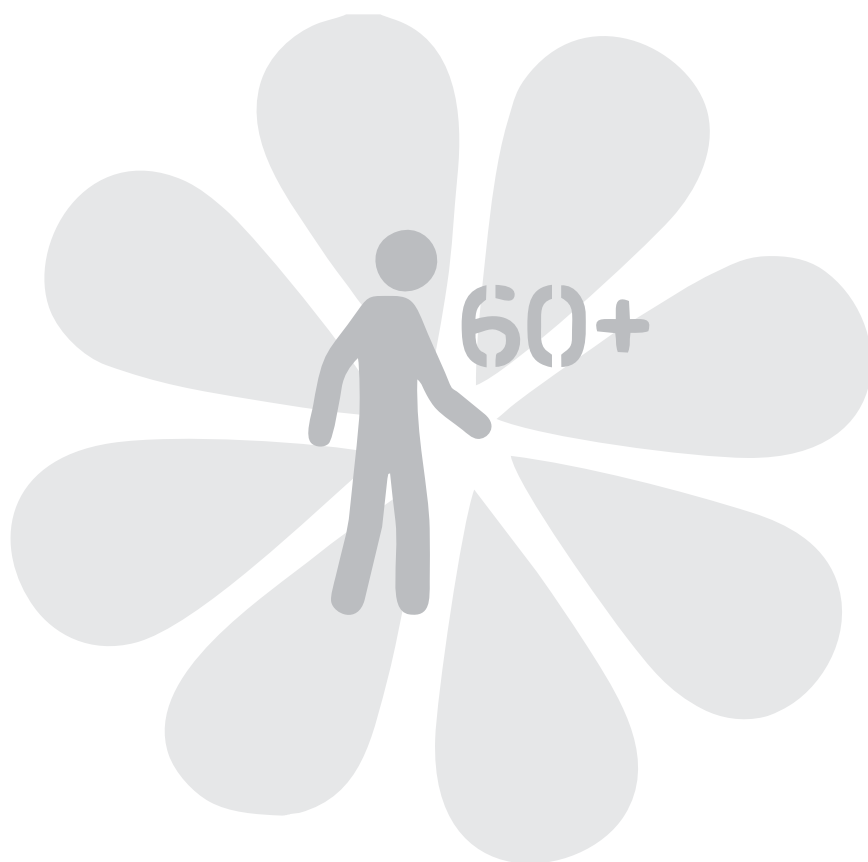


MAPAS MENTAIS - ORDEM DE INSERÇÃO E LOCAIS DE DESTAQUE											
Quadro Geral											
Mapa Mental	Ordem de Inserção					Locais de destaque			Locais de destaque (sentimentos que despertam)		
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª
1º recorte, no Centro (08 respondentes)											
01-cen	Praça Cel. P. Osório	Teatro Guarany	Grande Hotel	Prefeitura	Biblioteca Pública	Clube Caixeiral	Prefeitura/Biblioteca	Colégio São José	saudade	admiração	saudade
02-cen	Rua Benjamin Constant	Rua Álvaro Chaves	Porto	Cais do Porto	Rua Tamandaré	Catedral de S.F. de Paula	Grande Hotel	Prefeitura/Biblioteca	contemplação	abandono	saudade
03-cen	Casa onde mora	Colégio São José	Praça Cel. P. Osório	Praia do Totó	Praia do Laranjal	Praia do Laranjal	Praia Barro Duro	Praça Cel. P. Osório	alegria	alegria	tristeza
04-cen	Canal São Gonçalo	UFPeI - Capão do Leão	Ponte São Gonçalo	Via Férrea	Praia do Laranjal	Praça Cel. P. Osório	Rua Andrade Neves	Avenida Bento Gonçalves	contemplação	amizade	utilidade
05-cen	Praça Cel. P. Osório	Praia do Laranjal	Saída Porto Alegre	Avenida Bento Gonçalves	UFPeI - Capão do Leão	Praça Cel. P. Osório	Rua Andrade Neves	Avenida Bento Gonçalves	saudade	alegria	liberdade
06-cen	Praça Cel. P. Osório	Casa onde mora	Biblioteca Pública	Rua Marechal Floriano	Mercado Público	Praça Cel. P. Osório	Catedral de S.F. de Paula	Mercado Público	saudade	esperança	prosperidade
07-cen	Avenida Dom. de Almeida	Pizza Hut/Panvel	Casa onde mora	Areal	Esporte Clube Pelotas	Praia do Laranjal	Parque da Baronesa	não respondeu	saudade	saudade	não respondeu
08-cen	Casa onde mora	Casa onde mora o filho	Casa onde mora o filho	Parque da Baronesa	Praia do Laranjal	Mercado Público	Praça Cel. P. Osório	Praia do Laranjal	saudade	saudade	saudade
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)											
01-fra	Avenida Duque de Caxias	Rua Rui Barbosa	Guarita da rua	Avenida Bento Gonçalves	Casa onde mora	Catedral de S.F. de Paula	Praia do Lar. e Barro Duro	Praça Cel. P. Osório	paz	saudade	saudade
02-fra	Rua Dom. Guedes Cabral	Avenida Duque de Caxias	Fábrica da Coca-Cola	Rua Carlos de Carvalho	Passeio Maranhão	Praia do Laranjal	Estação Rodoviária	Avenida Bento Gonçalves	saudade	contemplação	bem-estar
03-fra	Casa onde mora	Rua Anchieta	Rua VX de Novembro	Correio	Rua Andrade Neves	Catedral de S.F. de Paula	IFSul	Teatro 7 de Abril	contemplação	saudade	saudade
04-fra	Casa onde mora	IFSul	Teatro 7 de Abril	Avenida Brasil	Mercado Joice	Mercado Público	Teatro Guarany	Santa Casa	saudade	contemplação	contemplação
05-fra	Casa onde mora	Canal São Gonçalo	Via Férrea	Avenida Duque de Caxias	Escola Técnica P.	Praça Cel. P. Osório	Parque da Baronesa	Praia do Laranjal	saudade	saudade	prosperidade
06-fra	Praça Cel. P. Osório	Chafariz da Praça CPO	Cais do Porto	Cervejaria Sul Brasil	Praça Doming. Rodrigues	Praça Cel. P. Osório	Praia do Laranjal	Parque da Baronesa	saudade	paz	tristeza
07-fra	Igreja N. Sra. Aparecida	Rua Clóvis Bevilaqua	Avenida Brasil	Passarela sobre Via Fér.	Supermercado Guanabara	Catedral de S.F. de Paula	Rua Andrade Neves	Estádio Boca do Lobo	paz	bem-estar	apreensão
08-fra	Rua VX de Novembro	Café Aquário	Banco Bradesco	Praça Cel. P. Osório	Grande Hotel	Estádio Boca do Lobo	Estação Férrea	Estádio Getúlio Vargas	saudade	saudade	alegria
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)											
01-nav	BR 116	Castelo Simões Lopes	Avenida Brasil	Escola Técnica P.	Rua Tiradentes	Supermercado BIG	Praça Cel. P. Osório	Mercado Público	não respondeu	diversão	não respondeu
02-nav	Rua 15	Casa onde mora	Continuação da Av. BG	Supermercado BIG	Rua Lázaro Z.	Parque da Baronesa	Praça Cel. P. Osório	Praia do Laranjal	saudade	saudade	paz
03-nav	Centro	Porto	Navegantes	Areal	Três Vendas	Centro	não respondeu	não respondeu	paz	não respondeu	não respondeu
04-nav	Casa onde mora	Rua Lázaro Z.	Campo de Futebol	Supermercado BIG	Avenida Bento Gonçalves	Mercado Público	Catedral de S.F. de Paula	Prefeitura	não respondeu	paz	não respondeu
05-nav	Avenida Ferreira Viana	Fábrica de Adubo	Engenho Pedro Osório	Rua Lázaro Z.	Anglo	Avenida Fern. Osório	Fragata	não respondeu	prosperidade	abandono	não respondeu
06-nav	Casa onde mora	Rua Ney Gusmão	Posto/UBAI	Rua Darcy Vargas	Rua Salvador Balreira	Praça Cel. P. Osório	Avenida Dom Joaquim	Praia do Laranjal	saudade	alegria	alegria
07-nav	Comun. SC de Jesus	Rua Lázaro Z.	Rua Mário Requião	Casa onde mora	Posto/UBAI	Cemitério	Praia do Laranjal	Catedral de S.F. de Paula	saudade	remorso	emoção
08-nav	Rua Lázaro Z.	Casa onde mora	Casa da vizinha	Supermercado BIG	Posto/UBAI	Catedral de S.F. de Paula	Paróquia N. Sra. Fátima	Comunidade SF Assis	paz	paz	paz

MAPAS MENTAIS - ORDEM DE INSERÇÃO		
Quadro Síntese 01		
Primeiras inserções nos Mapas Mentais		
ordem	inserção	repetições
1º recorte, no Centro (08 respondentes)		
1	Casa onde mora	4
2	Praça Cel. P. Osório	4
3	Praia do Laranjal	4
4	Biblioteca	2
5	Casa onde mora o filho	2
6	UFPeI - Capão do Leão	2
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)		
1	Casa onde mora	4
2	Avenida Duque de Caxias	3
3	Avenida Brasil	2
4	Praça Cel. P. Osório	2
5	Rua VX de Novembro	2
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)		
1	Casa onde mora	5
2	Rua Lázaro Z.	5
3	Supermercado BIG	4
4	Posto/UBAI	2
5	(sem mais repetições)	
Pelotas (24 respondentes)		
1	Casa onde mora	13
2	Praça Cel. P. Osório	6
3	Rua Lázaro Z.	5
4	Praia do Laranjal	4
5	Supermercado BIG	4

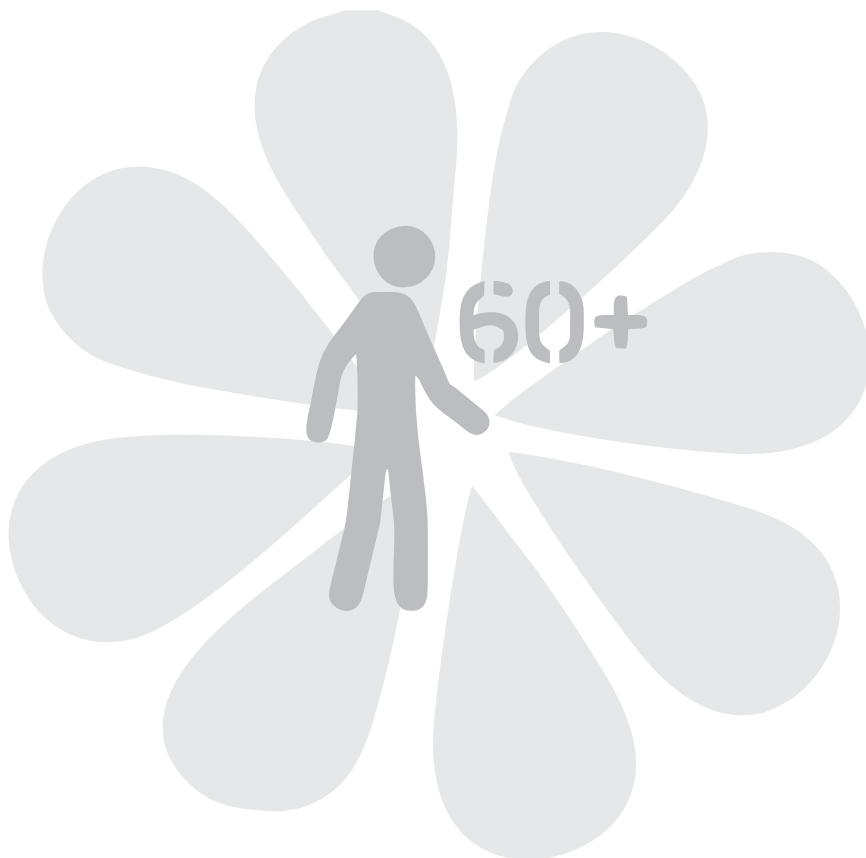
MAPAS MENTAIS - LOCAIS DE DESTAQUE					
Quadro Síntese 02					
Locais de destaque					
ordem	local	repetições	ordem	sentimento	repetições
1º recorte, no Centro (08 respondentes)					
1	Praça Cel. P. Osório	5	1	saudade	10
2	Praia do Laranjal	3	2	alegria	3
3	Prefeitura/Biblioteca	2	3	contemplação	2
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)					
1	Praça Cel. P. Osório	3	1	saudade	11
2	Praia do Laranjal	3	2	contemplação	4
3	Catedral de S.F. de Paula	3	3	paz	3
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)					
1	Praça Cel. P. Osório	3	1	paz	6
2	Praia do Laranjal	3	2	saudade	4
3	Catedral de S.F. de Paula	3	3	alegria	2
Pelotas (24 respondentes)					
1	Praça Cel. P. Osório	11	1	saudade	25
2	Praia do Laranjal	9	2	paz	9
3	Catedral de S.F. de Paula	8	3	contemplação	6
			3	alegria	6

A IMAGEM DA CIDADE MAPAS MENTAIS



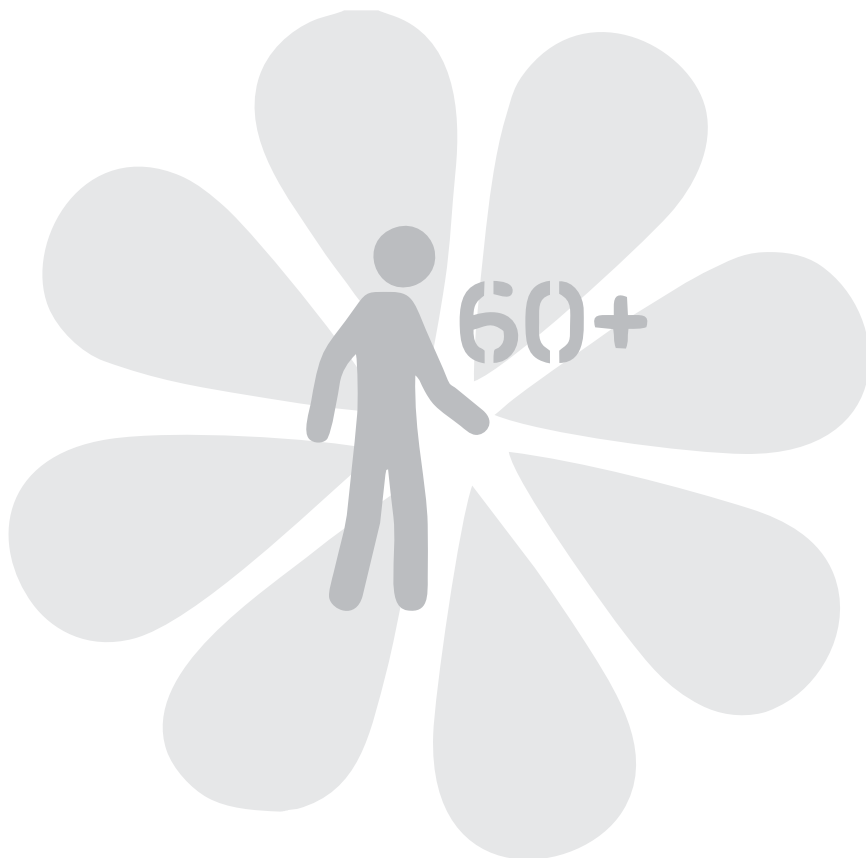
MAPAS MENTAIS - A IMAGEM DA CIDADE					
Quadro Geral					
Mapa Mental	Descrições				
	positivas			negativas	
1º recorte, no Centro (08 respondentes)					
01-cen	2	Terra bem boa. Uma cidade muito boa de viver.	2	Está ficando difícil (insegurança). Sentava à noite com os vizinhos para conversar, hoje não se pode mais	
02-cen	2	Está se erguendo como um fênix. Uma cidade boa.	0		
03-cen	0		2	A cidade é mais ou menos. Está muito terrível a segurança.	
04-cen	4	Uma cidade muito alegre, muito culta, excelente para viver. Com clima bem definido. Ótimo lugar para passeios. Bonita, histórica, exemplo para o Brasil.	0		
05-cen	0		3	Uma cidade bem compacta. Aqui tudo é muito junto, um colado no outro. Isso parecia um cemitério.	
06-cen	2	Parece a Europa. Eu acho que Pelotas tem muita cultura.	0		
07-cen	2	Cidade boa. Uma cidade que tem tudo.	0		
08-cen	0		3	Foi uma cidade muito progressista de empregos e tudo foi embora. Ficou o comércio e o governo. A dificuldade de emprego é grande.	
PARCIAL	12		10		
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)					
01-fra	3	Eu adoro a minha cidade. É acolhedora. Aqui ainda se consegue sair à noite.	0		
02-fra	2	É uma cidade próspera. Para morar é relativamente boa.	2	Regular! Vou ser bem franco: não gosto de Pelotas.	
03-fra	3	Uma cidade grande. Eu acho uma cidade muito boa. Uma cidade ótima.	1	Para a saúde do idoso é muito úmida.	
04-fra	3	Uma cidade grande. Uma boa cidade com bons colégios. Tem o IFSul que é uma referência.	0		
05-fra	2	Uma cidade muito cultural. Uma cidade muito bonita para morar.	3	O vandalismo está chegando em qualquer lugar, não é só aqui. Não podemos mais sair à noite. Com pouco emprego.	
06-fra	5	A cidade que eu nasci, que eu tenho muito amor. É a minha cidade. Uma cidade acolhedora, com muitas coisas interessantes. Com nossos prédios que chamam muito a atenção. É muito bonita.	0		
07-fra	5	Uma cidade que me satisfaz como morador. Não tenho queixas. Gosto de morar aqui em Pelotas. É uma cidade de porte médio, tem casarões. É hospitaleira.	2	Uma cidade úmida. Já foi tranquila.	
08-fra	2	Eu acho uma cidade importante. Casei aqui, tive meus filhos aqui.	2	Acho que é uma cidade comum. Não tem muito emprego.	
PARCIAL	25		10		
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)					
01-nav	1	Cidade bonita.	3	Não sou daqui. Imagem muito negativa. Não me agrada.	
02-nav	2	Daqui eu não saio. Para mim é a melhor.	1	Não tem muita coisa.	
03-nav	1	Pelotas é bom.	1	Pelotas não é tão ruim mas falta muita coisa. Falta segurança.	
04-nav	2	Praia, shopping, praça, etc. Tem a FENADOCE uma vez por ano.	4	Cidade muito simples. Muito parada. Simples, pobre, não tem muita coisa. Não tem o que fazer.	
05-nav	2	A palavra Pelotas, Pelotas foi feito por causa dos negros. Tem a charqueada e passavam o arroio com um barco de couro.	5	Eu moro em Pelotas mas acho ela péssima para morar. Muito ruim. Não tem projeto nem investimento. Nós tínhamos Porto, Anglo, etc. Tínhamos um monate de coisas. E o que nós temos hoje? Ninguém investe.	
06-nav	3	Eu amo a minha cidade. É uma cidade simples, baixa e plana. É uma cidade boa, agradável, tranquila de morar.	1	Não tem muito o que visualizar.	
07-nav	3	Já me lembro de uma bola. É bem plana e bem bonita. Tem a Baronesa, a Catedral.	2	Mas é toda igual. Não tem muito, não.	
08-nav	3	Tem bastante coisa boa. Mas tem a faculdade. É uma cidade grande.	3	E já perdeu bastante coisa boa. Já perdeu as fábricas. Com bastante dificuldade de trabalho.	
PARCIAL	17		20		
Pelotas (24 respondentes)					
TOTAL	54		40		

PERCEPÇÃO DAS VARIÁVEIS CENTRADAS NO USUÁRIO MAPAS MENTAIS



MAPAS MENTAIS - PERCEPÇÃO DAS VARIÁVEIS CENTRADAS NO USUÁRIO																																				
Tabela Geral																																				
Mapa Mental	Você acha Pelotas uma cidade:																		Você acha o bairro _____:																	
	Segura			Acessível			Confortável			Atrativa			Bonita			Legível			Seguro			Acessível			Confortável			Atrativo			Bonito			Legível		
	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n			
1º recorte, no Centro (08 respondentes)																																				
01-cen		1		1			1			1			1			1			1			1			1			1			1					
02-cen		1			1				1		1		1			1			1			1			1			1		1						
03-cen		1		1				1			1		1			1			1			1			1			1			1					
04-cen		1		1			1			1			1			1			1			1			1			1			1					
05-cen			1			1	1			1			1			1			1			1			1			1			1					
06-cen		1		1			1			1			1			1			1			1			1			1			1					
07-cen		1				1	1			1			1			1			1			1			1			1			1					
08-cen		1		1			1			1			1			1			1			1			1			1			1					
PARCIAL	0	7	1	5	1	2	6	1	1	6	2	0	6	0	2	6	0	2	3	5	0	8	0	0	5	2	1	6	2	0	4	3	1	6	0	2
PORCENTAGEM	0%	87%	13%	62%	13%	25%	74%	13%	13%	75%	25%	0%	75%	0%	25%	75%	0%	25%	38%	62%	0%	100%	0%	0%	62%	25%	13%	75%	25%	0%	50%	37%	13%	75%	0%	25%
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)																																				
01-fra		1		1					1	1			1					1			1			1			1			1						
02-fra		1		1			1				1		1			1			1			1			1			1		1						
03-fra		1			1			1			1		1			1			1			1			1			1			1					
04-fra		1			1			1			1		1			1			1			1			1			1			1					
05-fra			1	1			1					1	1			1			1			1			1			1			1					
06-fra		1		1			1			1			1			1			1			1			1			1			1					
07-fra		1		1					1			1	1			1			1			1			1			1			1					
08-fra		1		1			1			1			1			1			1			1			1			1			1					
PARCIAL	0	7	1	6	2	0	4	2	2	5	1	2	8	0	0	4	4	0	3	4	1	7	1	0	7	0	1	4	4	0	7	0	1	3	2	3
PORCENTAGEM	0%	87%	13%	75%	25%	0%	50%	25%	25%	62%	13%	25%	100%	0%	0%	50%	50%	0%	37%	50%	13%	87%	13%	0%	87%	0%	13%	50%	50%	0%	87%	0%	13%	38%	24%	38%
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)																																				
01-nav	1				1		1				1		1			1			1			1			1			1			1					
02-nav	1				1		1				1			1			1			1			1			1			1			1				
03-nav	1				1		1				1			1			1			1			1			1			1			1				
04-nav			1	1			1				1					1	1					1	1			1			1			1				
05-nav		1		1				1			1			1			1					1			1			1			1					
06-nav		1			1			1				1	1				1					1			1			1		1			1			
07-nav		1		1			1				1			1			1					1			1			1			1					
08-nav		1		1			1				1			1			1					1			1			1			1					
PARCIAL	3	4	1	4	4	0	6	2	0	2	5	1	5	2	1	7	1	0	2	6	0	2	5	1	3	4	1	2	6	0	1	6	1	4	4	0
PORCENTAGEM	37%	50%	13%	50%	50%	0%	75%	25%	0%	25%	62%	13%	62%	25%	13%	88%	13%	0%	25%	75%	0%	25%	62%	13%	37%	50%	13%	25%	75%	0%	13%	74%	13%	50%	50%	0%
Pelotas (24 respondentes)																																				
TOTAL	3	18	3	15	7	2	16	5	3	13	8	3	19	2	3	17	5	2	8	15	1	17	6	1	15	6	3	12	12	0	12	9	3	13	6	5
PORCENTAGEM	13%	74%	13%	63%	29%	8%	67%	21%	13%	54%	33%	13%	79%	8%	13%	71%	21%	8%	33%	62%	4%	71%	25%	4%	62%	25%	13%	50%	50%	0%	50%	37%	13%	54%	25%	21%
MAPAS MENTAIS - PERCEPÇÃO DAS VARIÁVEIS CENTRADAS NO USUÁRIO																																				
Tabela Síntese																																				
Mapa Mental	Você acha Pelotas uma cidade:																		Você acha o bairro _____:																	
	Segura			Acessível			Confortável			Atrativa			Bonita			Legível			Seguro			Acessível			Confortável			Atrativo			Bonito			Legível		
	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n	sim	não	s/n			
1º recorte, no Centro (08 respondentes)																																				
PARCIAL	0	7	1	5	1	2	6	1	1	6	2	0	6	0	2	6	0	2	3	5	0	8	0	0	5	2	1	6	2	0	4	3	1	6	0	2
PORCENTAGEM	0%	87%	13%	62%	13%	25%	74%	13%	13%	75%	25%	0%	75%	0%	25%	75%	0%	25%	38%	62%	0%	100%	0%	0%	62%	25%	13%	75%	25%	0%	50%	37%	13%	75%	0%	25%
2º recorte, no Fragata (08 respondentes)																																				
PARCIAL	0	7	1	6	2	0	4	2	2	5	1	2	8	0	0	4	4	0	3	4	1	7	1	0	7	0	1	4	4	0	7	0	1	3	2	3
PORCENTAGEM	0%	87%	13%	75%	25%	0%	50%	25%	25%	62%	13%	25%	100%	0%	0%	50%	50%	0%	37%	50%	13%	87%	13%	0%	87%	0%	13%	50%	50%	0%	87%	0%	13%	38%	24%	38%
3º recorte, no São Gonçalo (08 respondentes)																																				
PARCIAL	3	4	1	4	4	0	6	2	0	2	5	1	5	2	1	7	1	0	2	6	0	2	5	1	3	4	1	2	6	0	1	6	1	4	4	0
PORCENTAGEM	37%	50%	13%	50%	50%	0%	75%	25%	0%	25%	62%	13%	62%	25%	13%	88%	13%	0%	25%	75%	0%	25%	62%	13%	37%	50%	13%	25%	75%	0%	13%	74%	13%	50%	50%	0%
Pelotas (24 respondentes)																																				
TOTAL	3	18	3	15	7	2	16	5	3	13	8	3	19	2	3	17	5	2	8	15	1	17	6	1	15	6	3	12	12	0	12	9	3	13	6	5
PORCENTAGEM	13%	74%	13%	63%	29%	8%	67%	21%	13%	54%	33%	13%	79%	8%	13%	71%	21%	8%	33%	62%	4%	71%	25%	4%	62%	25%	13%	50%	50%	0%	50%	37%	13%	54%	25%	21%

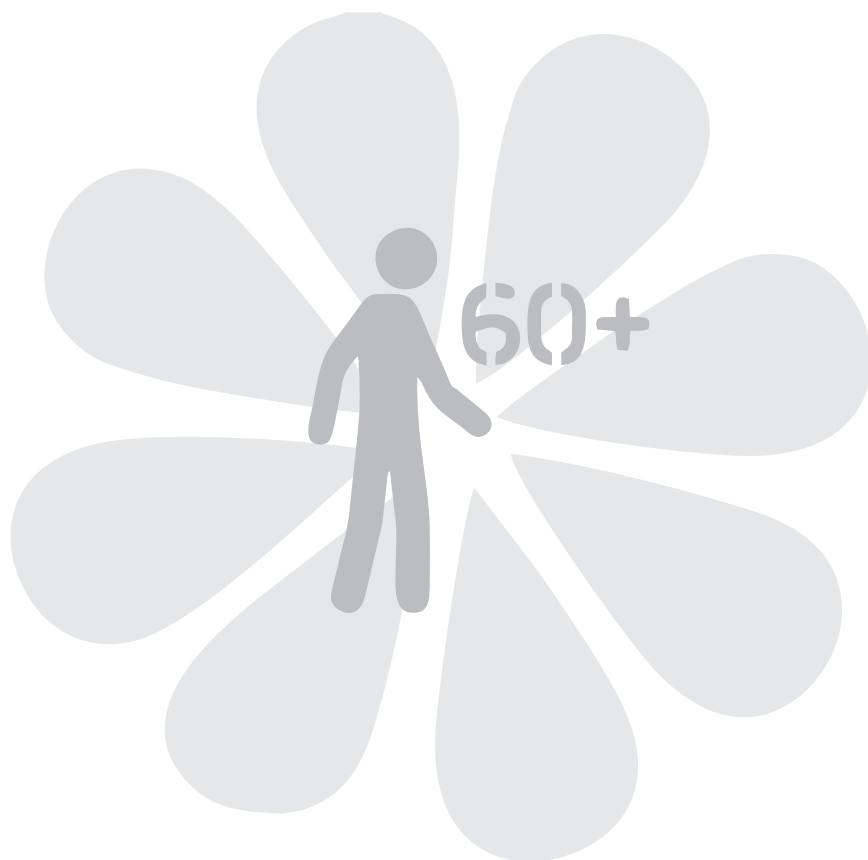
ESTRUTURA DOS MAPAS MENTAIS E ELEMENTOS INSERIDOS



MAPAS MENTAIS - ESTRUTURA DOS MAPAS MENTAIS E ELEMENTOS INSERIDOS																	
Tabela Geral																	
Mapa Mental	Estrutura Mapa Mental			Nós			Marcos			Caminhos			Limites			Bairros	Parcial
	fraca	moderada	forte	forte	médio	fraco	forte	médio	fraco	forte	médio	fraco	forte	médio	fraco		
1º recorte, Centro (08 respondentes)																	
01-cen			1	1	2	3	0	14	8	0	13	0	0	0	0	0	41
02-cen		1		1	2	0	0	7	2	0	23	0	0	0	0	0	35
03-cen	1			1	0	0	1	2	1	0	0	0	0	0	0	0	5
04-cen		1		1	5	0	2	5	0	3	3	0	1	0	0	0	20
05-cen		1		1	2	2	1	5	1	4	2	1	0	0	1	0	20
06-cen	1			1	2	1	2	2	0	2	0	1	0	0	0	0	11
07-cen	1			1	2	1	0	5	2	1	1	0	0	0	0	0	13
08-cen		1		1	3	0	3	2	0	1	2	0	0	0	0	0	12
PARCIAL	3	4	1	8	18	7	9	42	14	11	44	2	1	0	1	0	157
TOTAL	37%	50%	13%	33			65			57			2				
2º recorte, Fragata (08 respondentes)																	
01-fra			1	1	4	0	0	19	2	3	3	2	0	0	0	0	34
02-fra		1		1	2	1	0	8	0	2	1	5	0	0	0	0	20
03-fra		1		1	2	3	3	1	1	4	5	4	0	0	0	0	24
04-fra	1			1	2	0	3	1	0	3	1	0	0	0	0	0	11
05-fra	1			1	2	0	0	10	0	2	1	0	1	0	0	0	17
06-fra		1		0	1	1	4	8	7	0	7	2	0	0	0	0	30
07-fra		1		1	3	3	3	7	1	4	4	2	0	0	0	0	28
08-fra	1			0	1	0	1	3	3	0	1	1	0	0	0	0	10
PARCIAL	3	4	1	6	17	8	14	57	14	18	23	16	1	0	0	0	174
TOTAL	37%	50%	13%	31			85			57			1				
3º recorte, São Gonçalo (08 respondentes)																	
01-nav		1		1	3	3	2	7	1	5	10	2	0	0	0	1	35
02-nav		1		1	4	4	0	2	1	1	3	3	0	0	0	0	19
03-nav		1		1	2	1	1	2	0	2	2	1	1	0	0	6	19
04-nav	1			1	2	2	0	2	4	1	2	1	0	0	0	0	15
05-nav			1	0	2	0	1	12	0	3	1	1	0	0	0	2	22
06-nav			1	1	7	7	3	4	2	2	11	6	0	0	0	0	43
07-nav	1			1	2	2	0	2	2	1	7	2	0	0	0	0	19
08-nav	1			1	4	2	1	5	1	1	3	0	0	0	0	0	18
PARCIAL	3	3	2	7	26	21	8	36	11	16	39	16	1	0	0	9	190
TOTAL	37%	38%	25%	54			55			71			1				
Pelotas (24 respondentes)																	
PARCIAL	9	11	4	21	61	36	31	135	39	45	106	34	3	0	1	9	521
TOTAL	37%	46%	17%	118			205			185			4				

MAPAS MENTAIS - ESTRUTURA DOS MAPAS MENTAIS E ELEMENTOS INSERIDOS																	
Tabela Síntese																	
Mapa Mental	Estrutura Mapa Mental			Nós			Marcos			Caminhos			Limites			Bairros	Parcial
	fraca	moderada	forte	forte	médio	fraco	forte	médio	fraco	forte	médio	fraco	forte	médio	fraco		
1º recorte, Centro (08 respondentes)																	
PARCIAL	3	4	1	8	18	7	9	42	14	11	44	2	1	0	1	0	157
TOTAL	37%	50%	13%	33			65			57			2				
2º recorte, Fragata (08 respondentes)																	
PARCIAL	3	4	1	6	17	8	14	57	14	18	23	16	1	0	0	0	174
TOTAL	37%	50%	13%	31			85			57			1				
3º recorte, São Gonçalo (08 respondentes)																	
PARCIAL	3	3	2	7	26	21	8	36	11	16	39	16	1	0	0	9	190
TOTAL	37%	38%	25%	54			55			71			1				
Pelotas (24 respondentes)																	
PARCIAL	9	11	4	21	61	36	31	135	39	45	106	34	3	0	1	9	521
TOTAL	37%	46%	17%	118			205			185			4				

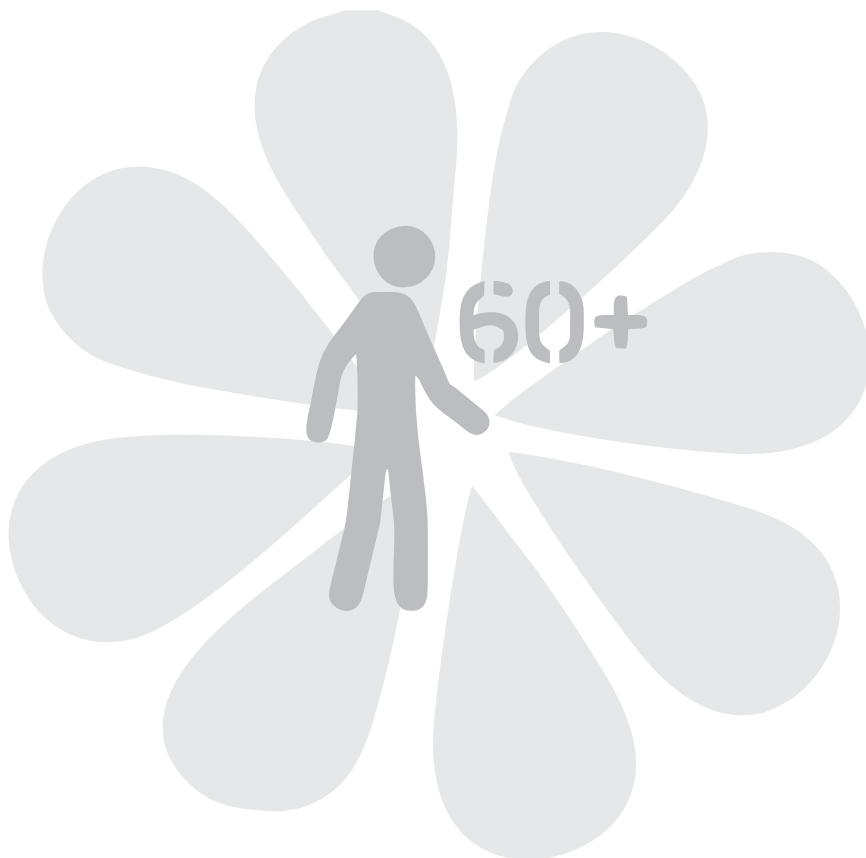
IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DO PASSADO MAPAS MENTAIS



MAPAS MENTAIS - IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DO PASSADO						
Quadro Geral						
Mapa Mental	Inserções			Elementos		
	sim	não	unid.			
1º recorte, Centro (08 respondentes)						
01-cen	1		7	Escola Técnica Pelotense, Teatro Sete de Abril, Colégio Santa Margarida, Colégio Pelotense, Fábrica de Tecidos, Anglo e Cervejaria Brahma		
02-cen		1	0			
03-cen		1	0			
04-cen	1		1	Fáb. de Enlatados Cica Sul.		
05-cen	1		1	Teatro Sete de Abril.		
06-cen		1	0			
07-cen		1	0			
08-cen	1		1	Banco do Brasil.		
PARCIAL	4	4	10			
PORCENTAGEM	50%	50%				
2º recorte, Fragata (08 respondentes)						
01-fra	1		2	Teatro Sete de Abril e Escola Técnica Pelotense.		
02-fra	1		1	Escola Técnica Pelotense.		
03-fra	1		1	Salis Goulart.		
04-fra		1	0			
05-fra	1		1	Escola Técnica Pelotense.		
06-fra	1		6	Praça Júlio de Castilhos, Confeitaria Nogueira, Livraria Globo, Bule Monstro, Loja Klark e Cervejaria Sul Brasil.		
07-fra	1		2	Estação Ferroviária e Castelo Simões Lopes.		
08-fra		1	0			
PARCIAL	6	2	13			
PORCENTAGEM	75%	25%				
3º recorte, São Gonçalo (08 respondentes)						
01-nav	1		2	Castelo Simões Lopes e Escola Técnica Pelotense.		
02-nav		1	0			
03-nav		1	0			
04-nav		1	0			
05-nav	1		10	Fáb. de Enlatados Cica Sul, Frigorífico Extremo Sul, Cotada, Anglo, Casper, Irgorel, Porto, Engenho Pedro Osório, Fábrica de Adubo e Prado		
06-nav		1	0			
07-nav		1	0			
08-nav		1	0			
PARCIAL	2	6	12			
PORCENTAGEM	25%	75%				
Pelotas (24 respondentes)						
TOTAL	12	12	35			
PORCENTAGEM	50%	50%				

MAPAS MENTAIS - IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DO PASSADO									
Quadro Síntese									
Mapa Mental	Inserções			Elementos (24 respondentes)					
	sim	não	unid.	ordem	inserção	repetições	ordem	inserção	repetições
1º recorte (08 respondentes)				1	Escola Técnica Pelotense	4	14	Cotada	1
PARCIAL	4	4	10	2	Teatro Sete de Abril	3	15	Engenho Pedro Osório	1
PORCENTAGEM	50%	50%		3	Anglo	2	16	Estação Ferroviária	1
2º recorte (08 respondentes)				4	Castelo Simões Lopes	2	17	Fábrica de Adubo	1
PARCIAL	6	2	13	5	Fáb. de Enlatados Cica Sul	2	18	Fábrica de Tecidos	1
PORCENTAGEM	75%	25%		6	Banco do Brasil	1	19	Frigorífico Extremo Sul	1
3º recorte (08 respondentes)				7	Bule Monstro	1	20	Irgorel	1
PARCIAL	2	6	12	8	Casper	1	21	Livraria Globo	1
PORCENTAGEM	25%	75%		9	Cervejaria Brahma	1	22	Loja Klark	1
Pelotas (24 respondentes)				10	Cervejaria Sul Brasil	1	23	Porto	1
TOTAL	12	12	35	11	Colégio Pelotense	1	24	Praça Júlio de Castilhos	1
PORCENTAGEM	50%	50%		12	Colégio Santa Margarida	1	25	Prado	1
				13	Confeitaria Nogueira	1	26	Salis Goulart	1

TABELAS MAPAS COMPORTAMENTAIS



MAPAS COMPORTAMENTAIS																									
Tabela Geral																									
23/02/2018 - sexta-feira																									
Mapa Comportamental		Manhã												Tarde											
		C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04
	individual	5	22	16	5	11	8	2	7	10	6	11	5	4	23	21	9	12	12	1	9	5	7	15	4
Duração	média no recorte	12				7				8				14,25				8,5				7,75			
(minutos)	média no turno	9,00												10,17											
	média no dia	9,58																							
E	E	em movimento	1	14	28	3	2		2	1				1	15	28	7	1	2		3		1	2	
		em movimento B		1	1		3	1				3					1	3	2					1	
		em movimento C																							
		em movimento acompanhado		4			2								1	1			2						
		em movimento acompanhado B			1																				
	E	em movimento acompanhado C																							
		atividade estacionária		12	1						1		1	20	6	2	2	1		5					
		atividade estacionária B																1							
		atividade estacionária C																							
		atividade estacionária acompanhado			1										4										
	M	atividade estacionária acompanhado B																							
		atividade estacionária acompanhado C																							
		Total de homens de bicicleta por mapa	0	1	2	0	3	1	0	0	0	3	0	0	0	0	1	4	2	0	0	0	0	1	0
		Total de homens cadeirantes por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total de homens por mapa	1	31	32	3	7	1	2	1	0	4	0	2	36	39	10	7	7	0	8	0	1	3	0
E	E	em movimento		15	24		2	1		2		2		1	7	28	8	1	3	1					
		em movimento B																							
		em movimento C																							
		em movimento acompanhado		1	2							2			4	6				1					
		em movimento acompanhado B																							
	E	em movimento acompanhado C																							
		atividade estacionária		1			3								2	6	1	3	1		1			2	
		atividade estacionária B																							
		atividade estacionária C														1									
		atividade estacionária acompanhado		1	3										2	2	6	1							
	M	atividade estacionária acompanhado B																							
		atividade estacionária acompanhado C																							
		Total de mulheres de bicicleta por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total de mulheres cadeirantes por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total de mulheres por mapa	0	18	29	0	5	1	0	2	0	2	4	0	1	15	43	15	5	4	2	1	0	0	2
Total de pessoas de bicicleta por mapa		0	1	2	0	3	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0	1	4	2	0	0	0	0	1	0
Total de pessoas cadeirantes por mapa		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total de pessoas por mapa		1	49	61	3	12	2	2	3	0	2	8	0	3	51	82	25	12	11	2	9	0	1	5	0
Total de pessoas por recorte		114				19				10				161				34				6			
Total de pessoas por turno		143												201											
Total		344																							

MAPAS COMPORTAMENTAIS																											
Tabela Geral																											
24/02/2018 e 03/03/2018 - sábado																											
Mapa Comportamental		Manhã												Tarde													
		C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04		
		individual	4	27	16	8	12	11	2	5	6	11	8	3	4	26	24	9	14	10	3	7	7	6	1	5	
Duração		média no recorte	13,75				7,5				7				15,75				8,5				4,75				
(minutos)		média no turno	9,42												9,67												
		média no dia	9,54																								
E	E	em movimento	3	24	24	1	2	1	1			1	1			11	18		4			2					
		em movimento B		2	1		1					2					1			2	1						
		em movimento C																									
		em movimento acompanhado		1	2											1	1	1	1								
		em movimento acompanhado B																									
	E	em movimento acompanhado C																									
		atividade estacionária	1	18	9		2		1						1	23	8	1	5			1					
		atividade estacionária B														2											
		atividade estacionária C																									
		atividade estacionária acompanhado		2			2									9						3			1		
	M	atividade estacionária acompanhado B											1														
		atividade estacionária acompanhado C																									
		Total de homens de bicicleta por mapa	0	2	1	0	1	0	0	0	0	2	1	0	0	2	1	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0
		Total de homens cadeirantes por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total de homens por mapa	4	47	36	1	7	1	1	1	0	3	2	0	1	46	28	2	12	1	0	6	0	0	1	0	0
E	E	em movimento		7	25	1	2	2		1		5	1			7	21	1	3	1	1	3					
		em movimento B																	1								
		em movimento C																									
		em movimento acompanhado	1		7			1							2	4		1									
		em movimento acompanhado B												1													
	E	em movimento acompanhado C																									
		atividade estacionária		13	4		3		1	1		1			8	1	1	4			1	1					
		atividade estacionária B																									
		atividade estacionária C		1														1									
		atividade estacionária acompanhado		5	1										11	1											
	M	atividade estacionária acompanhado B																									
		atividade estacionária acompanhado C														1											
		Total de mulheres de bicicleta por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total de mulheres cadeirantes por mapa	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total de mulheres por mapa	1	26	37	1	5	3	1	2	0	6	1	0	1	29	27	3	9	1	1	4	1	0	0	0	0
Total de pessoas de bicicleta por mapa		0	2	1	0	1	0	0	0	0	2	1	0	1	2	1	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	
Total de pessoas cadeirantes por mapa		0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Total de pessoas por mapa		5	73	73	2	12	4	2	3	0	9	3	0	2	75	55	5	21	2	1	10	1	0	1	0	0	
Total de pessoas por recorte		153				21				12				137				34				2					
Total de pessoas por turno		186												173													
Total		359																									

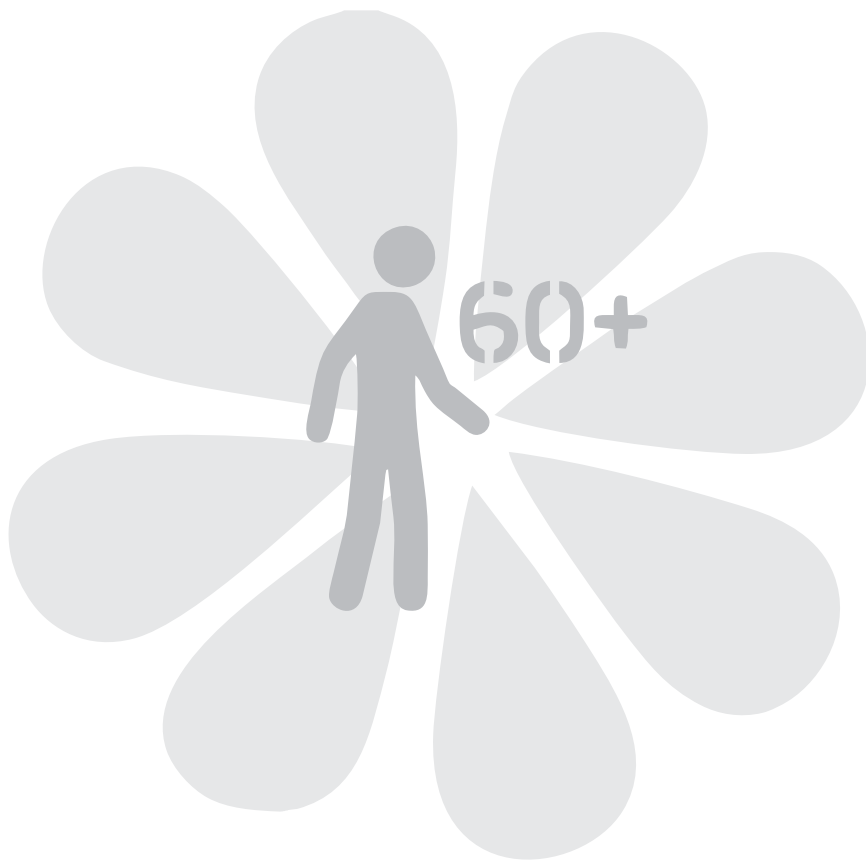
MAPAS COMPORTAMENTAIS																										
Tabela Geral																										
Mapa Comportamental			Manhã												Tarde											
			C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04
01/09/2017 - sexta-feira																										
		individual	4	18	12	3	7	11	4	7	3	7	13	6	8	24	17	12	15	13	3	7	4	7	10	4
Duração		média no recorte	9,25				7,25				7,25				15,25				9,5				6,25			
(minutos)		média no turno	7,92												10,33											
		média no dia	9,13																							
02/09/2017 - sábado																										
		individual	6	25	18	6	10	10	12	11	4	5	14	4	8	22	16	7	8	9	2	6	2	4	9	4
Duração		média no recorte	13,75				10,75				6,75				13,25				6,25				4,75			
(minutos)		média no turno	10,42												8,08											
		média no dia	9,25																							
23/02/2018 - sexta-feira																										
		individual	5	22	16	5	11	8	2	7	10	6	11	5	4	23	21	9	12	12	1	9	5	7	15	4
Duração		média no recorte	12				7				8				14,25				8,5				7,75			
(minutos)		média no turno	9,00												10,17											
		média no dia	9,58																							
24/02/2018 e 03/03/2018 - sábado																										
		individual	4	27	16	8	12	11	2	5	6	11	8	3	4	26	24	9	14	10	3	7	7	6	1	5
Duração		média no recorte	13,75				7,5				7				15,75				8,5				4,75			
(minutos)		média no turno	9,42												9,67											
		média no dia	9,54																							
Total																										
			1º recorte										2º recorte							3º recorte						
Duração		média no recorte	13,41										8,16							6,56						
(minutos)		média total	9,38																							
		total	900,00																							

MAPAS COMPORTAMENTAIS																										
Tabela Síntese 01																										
Mapa Comportamental		Manhã												Tarde												Total
		C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	
h	Total de homens de bicicleta por mapa	0	4	3	0	11	4	0	0	1	3	11	0	0	3	1	1	12	4	0	0	0	0	2	0	60
	Total de homens cadeirantes por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	Total de homens por mapa	14	168	171	12	27	11	5	17	5	10	21	0	4	166	174	26	48	17	0	35	0	4	7	1	943
m	Total de mulheres de bicicleta por mapa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
	Total de mulheres cadeirantes por mapa	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
	Total de mulheres por mapa	4	73	167	9	21	9	1	11	1	16	7	0	5	72	157	31	25	13	4	17	1	6	2	2	654
Total de pessoas de bicicleta por mapa		0	4	3	0	11	4	0	0	1	3	11	0	1	3	1	1	13	4	0	0	0	0	2	0	62
Total de pessoas cadeirantes por mapa		0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Total de pessoas por mapa		18	241	338	21	48	20	6	28	6	26	28	0	9	238	331	57	73	30	4	52	1	10	9	3	1597
Total de pessoas por recorte		618				102				60				635				159				23				
Total de pessoas por turno		780												817												
Total		1597																								

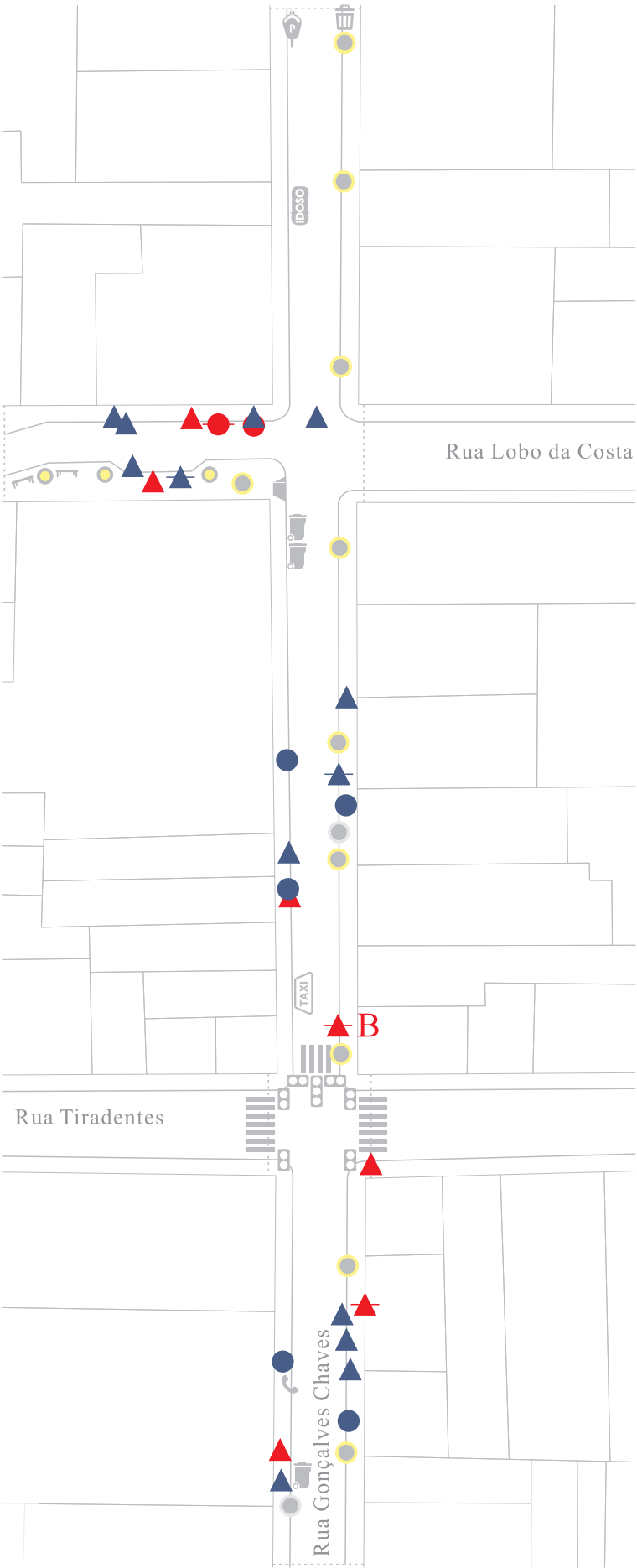
MAPAS COMPORTAMENTAIS																											
Tabela Síntese 02																											
Mapa Comportamental			Manhã												Tarde												Total
			C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	
HOMENS	E	em movimento	10	100	113	9	20	10	5	8	4	8	17	0	1	58	116	19	33	11	0	18	0	4	5	1	570
		em movimento acompanhado	2	9	6	1	3	0	0	0	1	0	0	0	0	2	10	2	1	4	0	0	0	0	1	0	42
	M	atividade estacionária	2	43	41	2	2	1	0	6	0	1	1	0	3	90	40	5	14	2	0	14	0	0	0	0	267
		atividade estacionária acompanhado	0	16	11	0	2	0	0	3	0	1	3	0	0	16	8	0	0	0	0	3	0	0	1	0	64
	Total de homens em movimento		12	109	119	10	23	10	5	8	5	8	17	0	1	60	126	21	34	15	0	18	0	4	6	1	612
	Total de homens em atividade estacionária		2	59	52	2	4	1	0	9	0	2	4	0	3	106	48	5	14	2	0	17	0	0	1	0	331
	Total de homens desacompanhados		12	143	154	11	22	11	5	14	4	9	18	0	4	148	156	24	47	13	0	32	0	4	5	1	837
	Total de homens acompanhados		2	25	17	1	5	0	0	3	1	1	3	0	0	18	18	2	1	4	0	3	0	0	2	0	106
MULHERES	E	em movimento	3	46	109	7	12	7	0	7	1	10	4	0	2	26	100	19	10	11	3	5	0	3	0	1	386
		em movimento acompanhado	1	3	20	0	0	1	0	0	0	0	3	0	1	10	24	1	1	1	1	4	0	2	0	0	73
	M	atividade estacionária	0	17	18	1	7	0	1	3	0	5	0	0	1	16	25	4	12	1	0	6	1	1	2	0	121
		atividade estacionária acompanhado	0	7	20	1	2	1	0	1	0	1	0	0	1	20	8	7	2	0	0	2	0	0	0	1	74
	Total de mulheres em movimento		4	49	129	7	12	8	0	7	1	10	7	0	3	36	124	20	11	12	4	9	0	5	0	1	459
	Total de mulheres em atividade estacionária		0	24	38	2	9	1	1	4	0	6	0	0	2	36	33	11	14	1	0	8	1	1	2	1	195
	Total de mulheres desacompanhadas		3	63	127	8	19	7	1	10	1	15	4	0	3	42	125	23	22	12	3	11	1	4	2	1	507
	Total de mulheres acompanhadas		1	10	40	1	2	2	0	1	0	1	3	0	2	30	32	8	3	1	1	6	0	2	0	1	147
Total de pessoas em movimento			16	158	248	17	35	18	5	15	6	18	24	0	4	96	250	41	45	27	4	27	0	9	6	2	1071
Total de pessoas em atividade estacionária			2	83	90	4	13	2	1	13	0	8	4	0	5	142	81	16	28	3	0	25	1	1	3	1	526
Total de pessoas desacompanhadas			15	206	281	19	41	18	6	24	5	24	22	0	7	190	281	47	69	25	3	43	1	8	7	2	1344
Total de pessoas acompanhadas			3	35	57	2	7	2	0	4	1	2	6	0	2	48	50	10	4	5	1	9	0	2	2	1	253
Total			1597																								

MAPAS COMPORTAMENTAIS																										
Tabela Geral																										
Mapa Comportamental			Manhã												Tarde											
			C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04	C-01	C-02	C-03	C-04	F-01	F-02	F-03	F-04	N-01	N-02	N-03	N-04
		01/09/2017 - sexta-feira	19	19	20	20	21	21	21	22	19	19	19	19	23	23	22	22	22	22	22	22	22	23	23	23
		02/09/2017 - sábado	20	21	22	23	25	25	25	25	19	19	20	20	29	28	28	29	27	27	26	26	29	29	29	29
Temperatura		Temperatura média nos dias de inverno	23,08																							
(°C)		23/02/2018 - sexta-feira	24	24	24	26	26	26	26	27	22	22	22	22	27	27	27	26	26	26	26	26	27	27	27	27
		24/02/2018 e 03/03/2018 - sábado	24	24	26	26	26	26	26	26	22	22	22	22	29	29	29	28	28	28	27	27	29	29	29	29
		Temperatura média nos dias de verão	25,90																							

SOBREPOSIÇÃO MAPAS COMPORTAMENTAIS



Mapa Comportamental



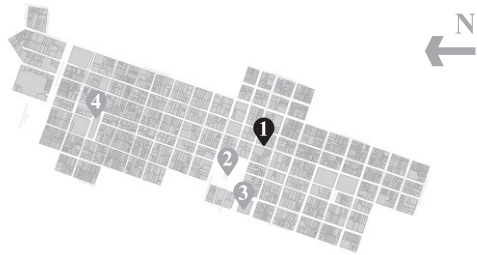
Dados gerais

Mapa Comport.: C01

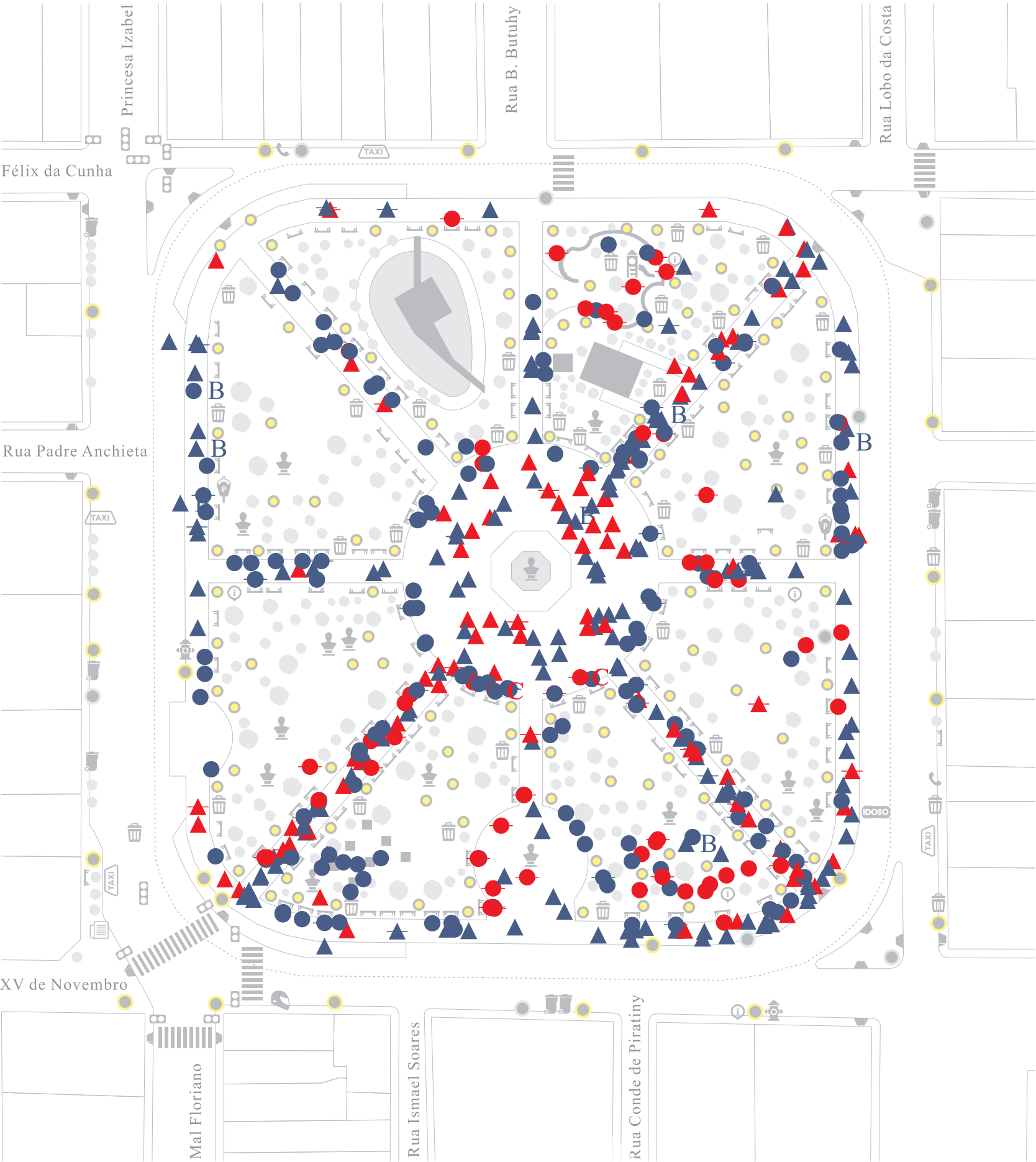
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



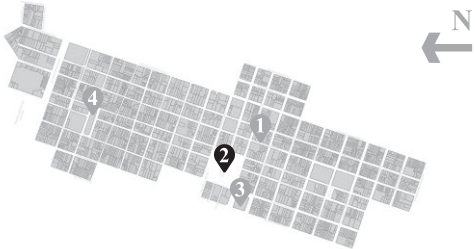
Dados gerais

Mapa Comport.: C02

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

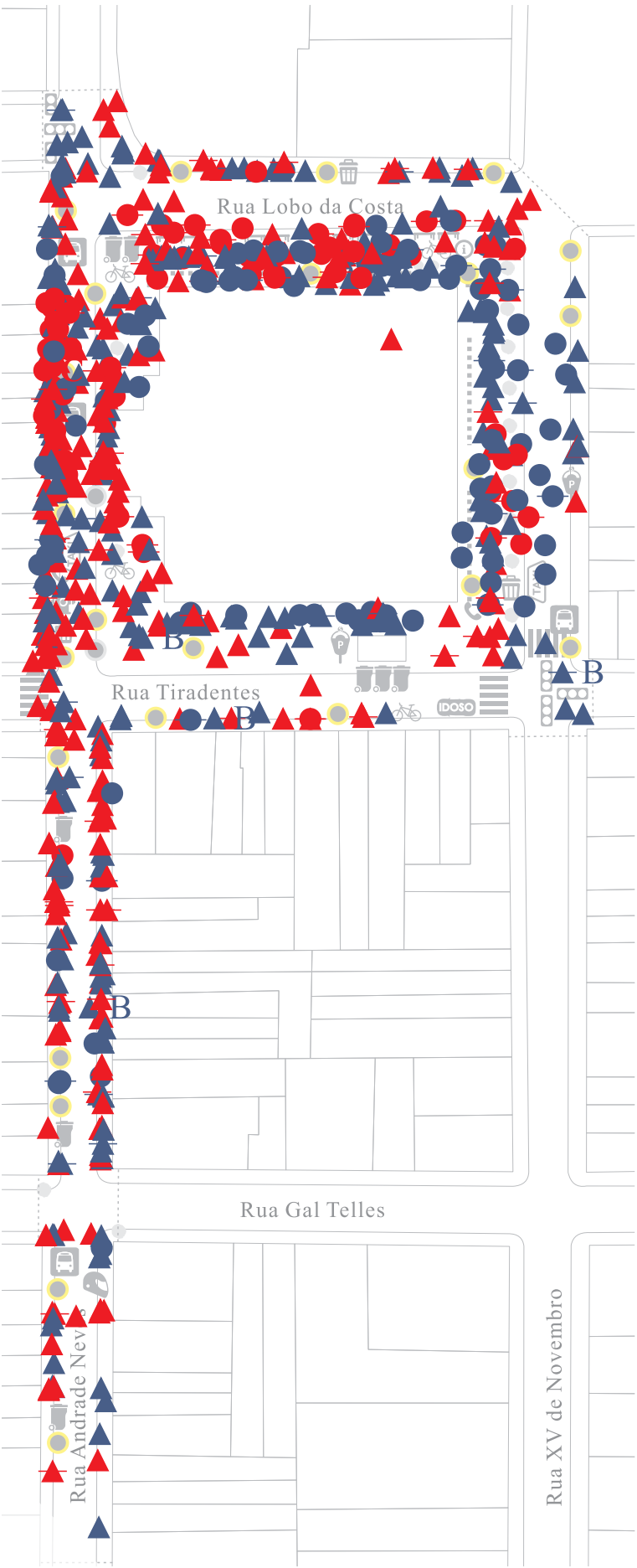
Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

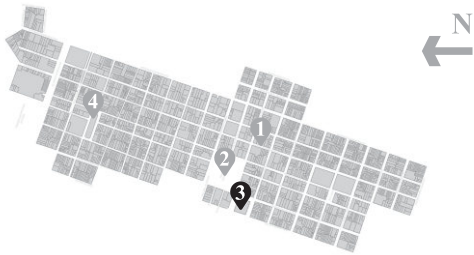
Mapa Comport.: C03



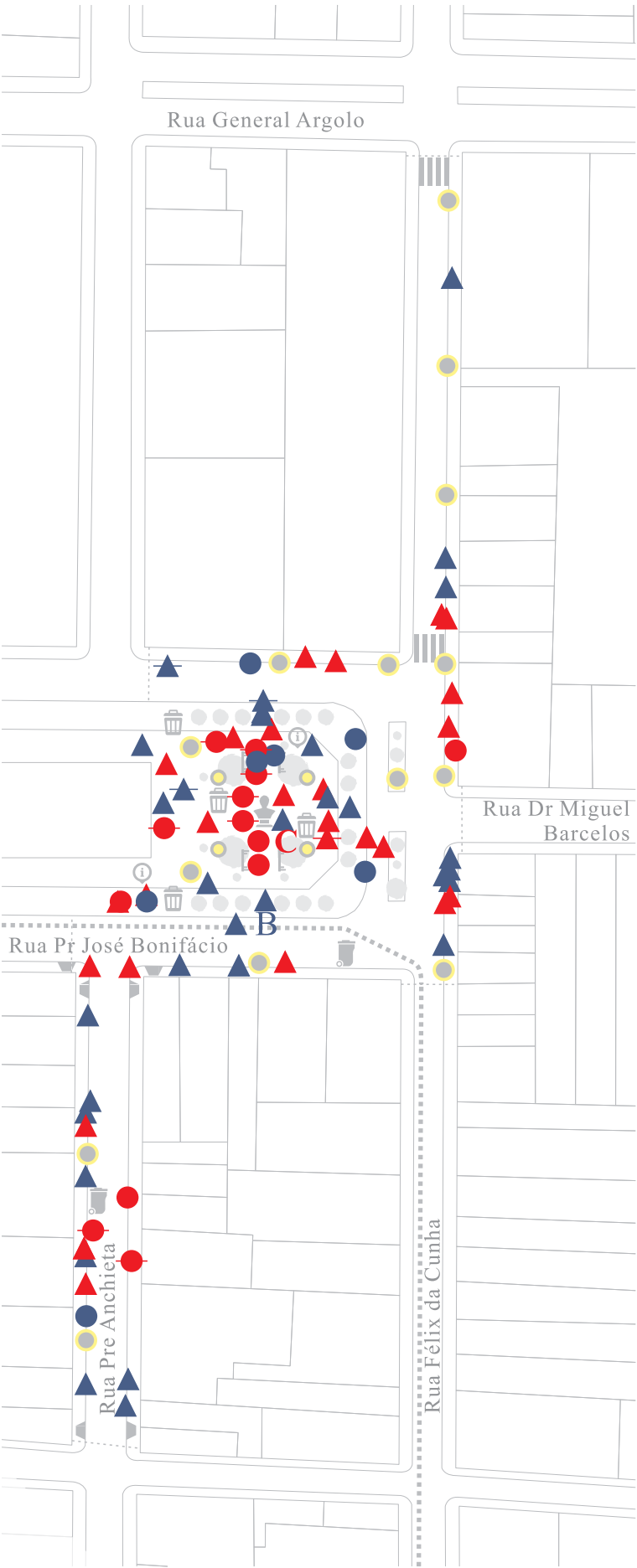
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



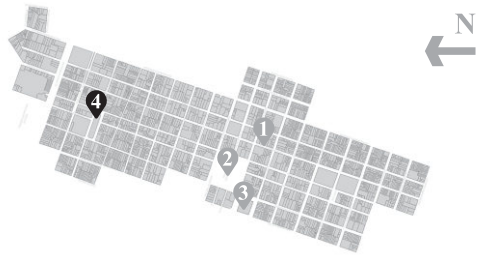
Dados gerais

Mapa Comport.: C04

Legenda

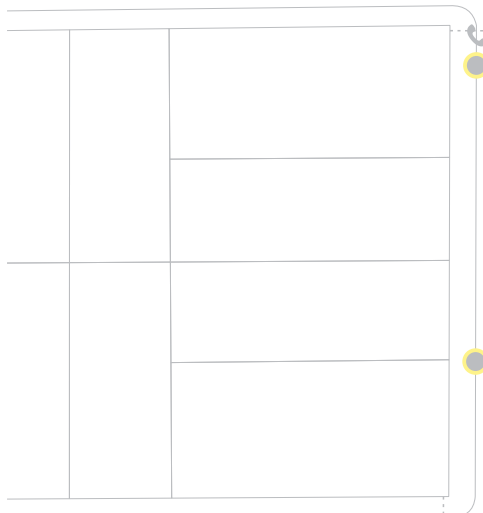
Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

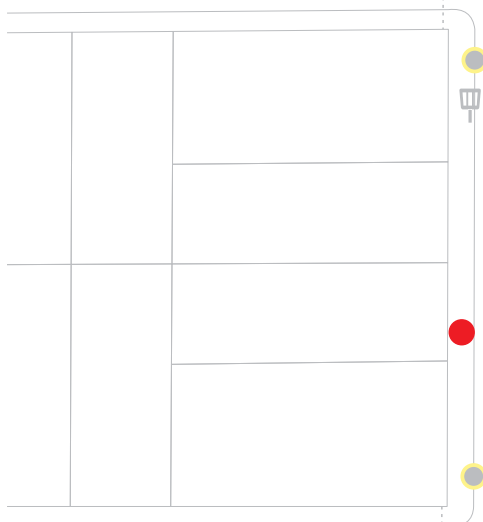


Mapa Comportamental

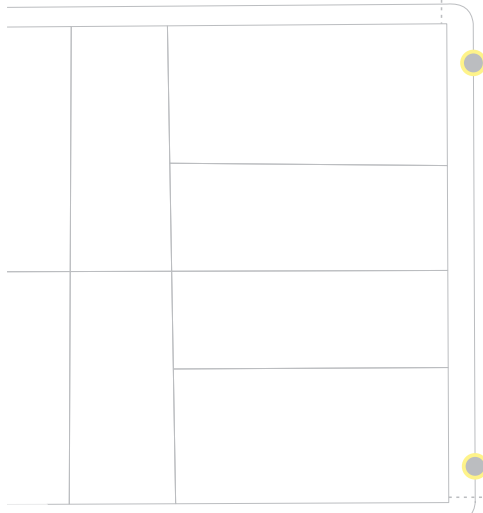
Avenida Artur de Souza Costa



Traversa Um



Traversa Francisco de Paula Moraes



Rua Prof. Oswaldo de Pinho Louzada



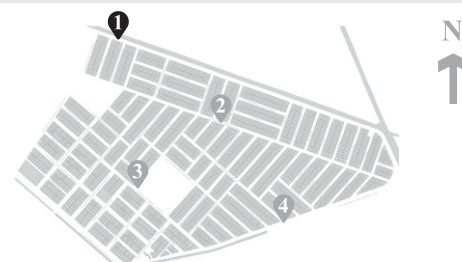
Dados gerais

Mapa Comport.: N01

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

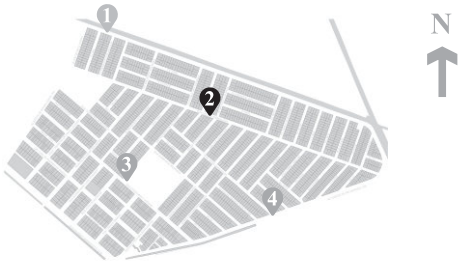
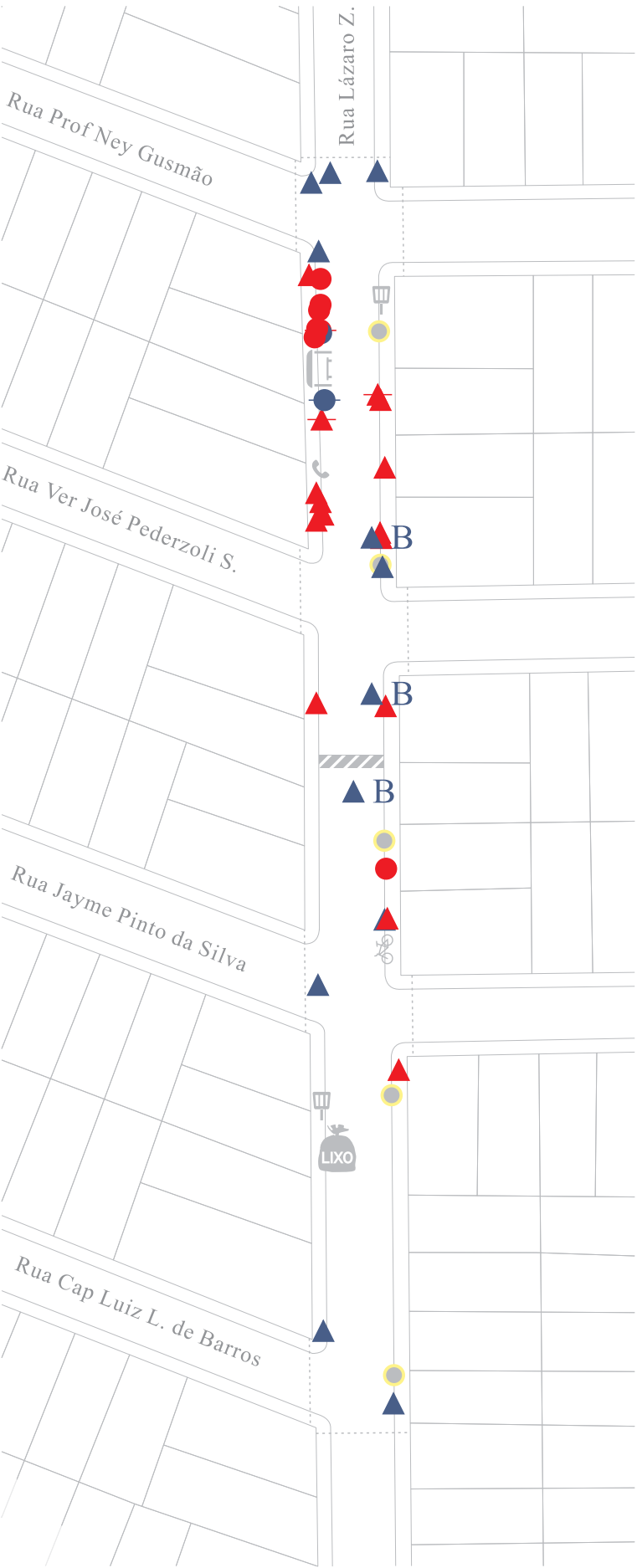
Dados gerais

Mapa Comport.: N02

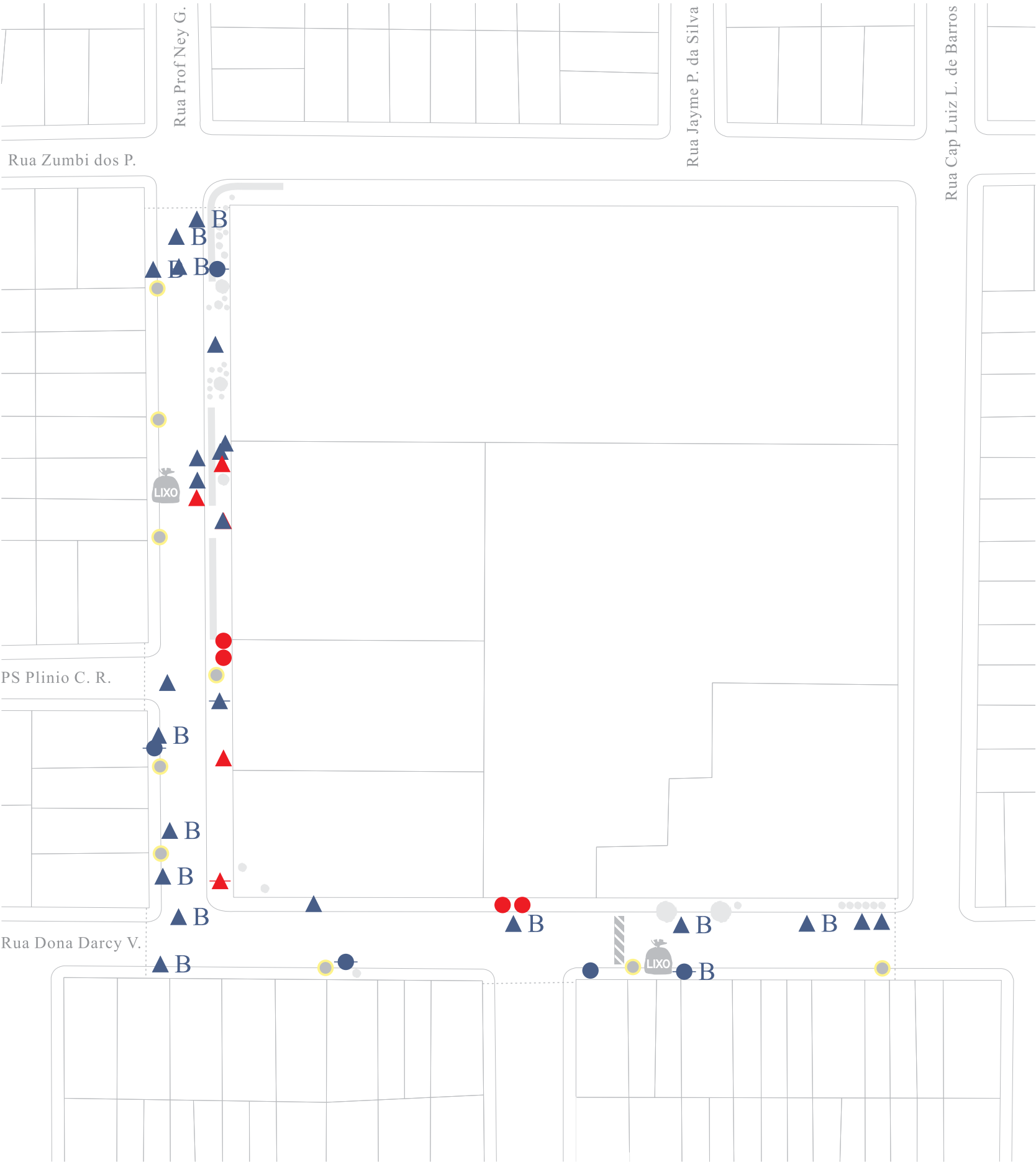
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



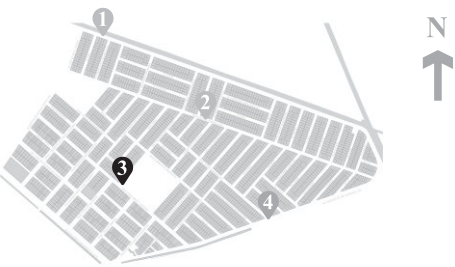
Dados gerais

Mapa Comport.: N03

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: N04

Legenda

Comportamento

H

M

em movimento

em movimento
acompanhado



em atividade estacionária

em atividade estacionária
acompanhado

de bicicleta

B

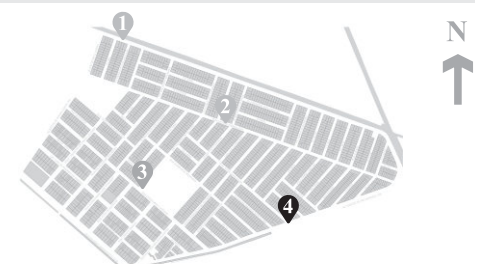
B

cadeirante

C

C

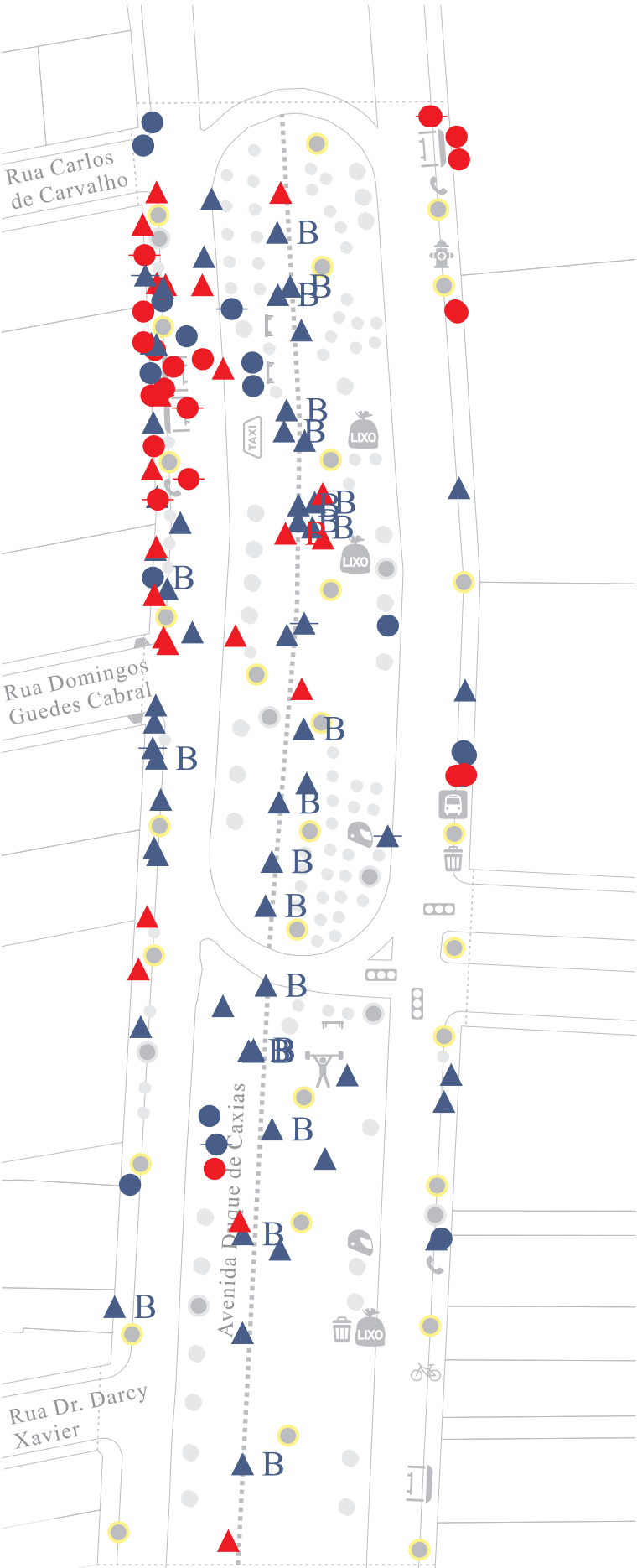
Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F01



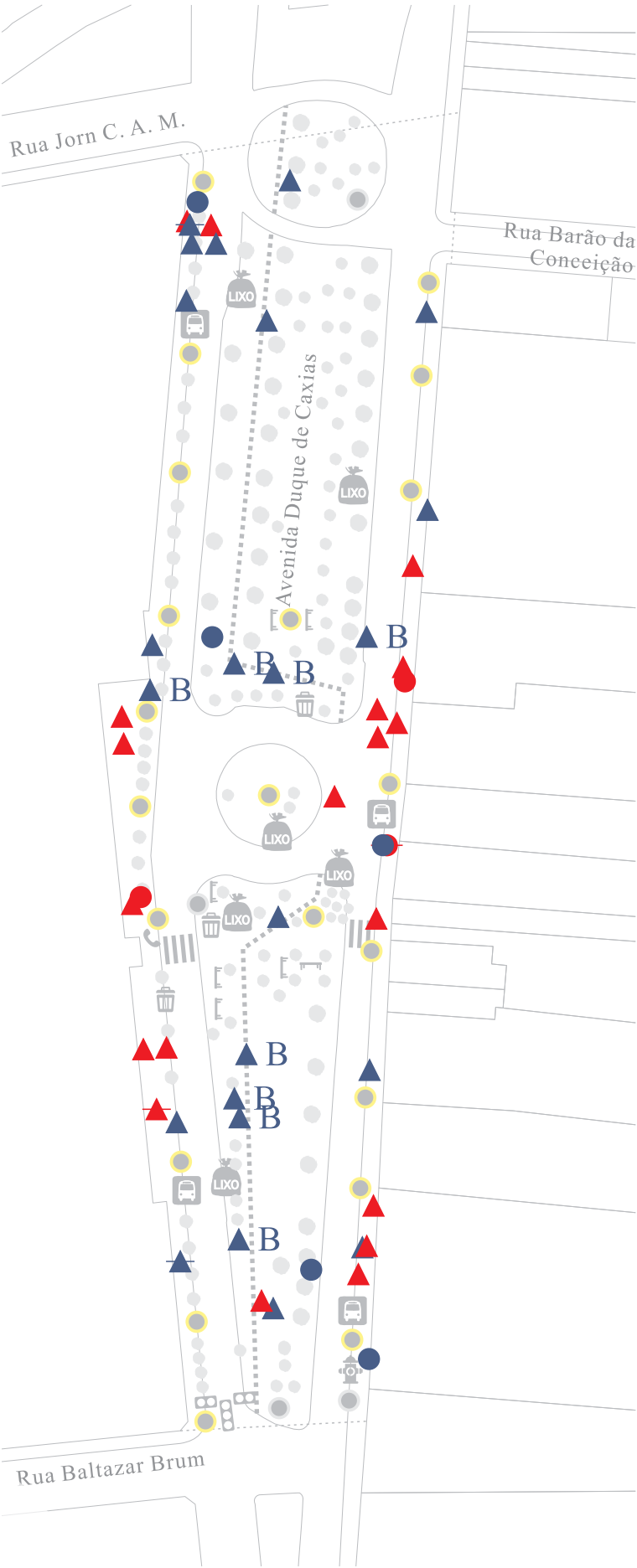
Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental



Dados gerais

Mapa Comport.: F02

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento	▲	▲
em movimento acompanhado	▲	▲
em atividade estacionária	●	●
em atividade estacionária acompanhado	●	●
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização



Mapa Comportamental

Dados gerais

Mapa Comport.: F03



Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização





Dados gerais

Mapa Comport.: F04

Legenda

Comportamento	H	M
em movimento		
em movimento acompanhado		
em atividade estacionária		
em atividade estacionária acompanhado		
de bicicleta	B	B
cadeirante	C	C

Localização

